

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**



Dissertação de Mestrado

**O SENTIDO DE LUGAR EM AMBIENTE AMAZÔNICO:**

A inter-relação entre a comunidade e o patrimônio moderno de Vila Serra do Navio/  
Amapá

Bárbara Ribeiro Couto

Pelotas, 2022

**BÁRBARA RIBEIRO COUTO**

**O SENTIDO DE LUGAR EM AMBIENTE AMAZÔNICO:**

A inter-relação entre a comunidade e o patrimônio moderno de Vila Serra do Navio/  
Amapá

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Araújo Portella

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

C871s Couto, Bárbara Ribeiro

O sentido de lugar em ambiente amazônico : a inter-relação entre a comunidade e o patrimônio moderno de vila serra do navio/ Amapá / Bárbara Ribeiro Couto ; Adriana Araújo Portella, orientador. — Pelotas, 2022.

326 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Sentido de lugar. 2. Participação comunitária. 3. Patrimônio moderno. 4. Amazônia. 5. Serra do navio. I. Portella, Adriana Araújo, orient. II. Título.

CDD : 724.9

## **BÁRBARA RIBEIRO COUTO**

### **O sentido de lugar em ambiente amazônico:**

A inter-relação entre a comunidade e o patrimônio moderno de Vila Serra do Navio/  
Amapá

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na área de concentração Arquitetura, Patrimônio e Sistemas Urbanos, na linha de pesquisa Percepção e Avaliação do Ambiente Urbano pelo Usuário.

Data da Defesa: 10 de outubro de 2022

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Adriana Araújo Portella (Orientadora)

Doutora em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University

---

Profa. Dra. Lígia Maria Chiarelli

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

Profa. Dra. Ana Lúcia Costa de Oliveira

Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Sylvio Arnoldo Dick Jantsen

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (externo)

## AGRADECIMENTOS

Compartilhar os momentos das nossas vidas é aprender constantemente, é ter incentivo e amparo nos momentos de necessidade, é sentir pertencer a uma família, a um grupo de colegas e amigos, a uma comunidade. Estar junto dessas pessoas, desde as que fazem parte do nosso cotidiano às que passam rapidamente pelas nossas vidas, é o que nos permite crescer como seres humanos, é o que dá sentido à vida. Portanto, ao fim desse ciclo de estudos e dedicação nada mais justo e importante do que expressar a gratidão por essas presenças que foram fundamentais nesse processo.

Dessa forma, gostaria primeiramente de agradecer aos meus pais Elzevir e Maria de Lourdes por toda a dedicação, abnegação e amor empregados na minha educação e formação, assim como o meu mais antigo companheiro na vida meu irmão Guilherme e a minha cunhada Yasmin que estão sempre próximos incentivando a minha caminhada.

Meus mais profundos agradecimentos também aos meus sogros Paulo Roberto e Carmen Regina que além de todo o apoio e incentivo, pois me acolheram como uma filha, emprestaram suas histórias de vida para inspirar esse trabalho.

Por fim e não menos importante, do núcleo mais próximo, expresso do fundo do coração a minha gratidão ao meu esposo Otávio Luís que foi a peça fundamental para que essa realidade fosse possível. Muito obrigada meu amor, por me inspirar, por me dar força, por ler os meus textos, por ir a campo comigo, enfim por me ajudar de todas as formas possíveis e sempre estar ao meu lado acreditando no meu potencial.

Também gostaria de agradecer aos professores e colegas do PROGRAU que estiveram conosco nesse momento atípico de pandemia, em especial a minha orientadora Adriana Portella e meus colegas José Henrique e Giovanni, que estiveram sempre presentes durante todo o percurso mesmo que de forma online. Foi uma grande satisfação compartilhar esses momentos de aprendizado e amizade com vocês.

À comunidade de Serra do Navio que me recebeu com muita receptividade, a todos os entrevistados que cederam seu tempo e compartilharam comigo as suas histórias e percepções com muito entusiasmo e boa vontade. Vocês foram os protagonistas desse trabalho.

Gratidão a todos os familiares e amigos, que são muitos e não é possível citá-los, que torceram e torcem por mim, que acompanharam igualmente esse processo. Vocês também fazem parte dessa história. Muito obrigada a todos!

**“Conhecimento próprio não é garantia de felicidade, mas isso está ao lado da felicidade e pode fornecer a coragem para lutar por ela”  
Simone de Beauvoir**

## RESUMO

COUTO, B.R. **O sentido de lugar em ambiente amazônico:** a inter-relação entre comunidade e o patrimônio moderno de Vila Serra do Navio/Amapá. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

O envolvimento da comunidade nos processos de preservação do patrimônio cultural é uma premissa considerada fundamental há bastante tempo e está presente nas políticas e legislações de preservação internacionais e nacionais. Contudo, apesar de ser incorporada na maior parte dos discursos, não tem se refletido na prática da forma desejada, o que constitui uma das lacunas da referida área. Por esse motivo, optou-se por explorar a temática da percepção da comunidade sobre o patrimônio arquitetônico e urbanístico moderno no ambiente amazônico. Diante desse contexto marcado pela falta de identificação e de reconhecimento da comunidade com o patrimônio moderno — reflexo da dificuldade em se implementar medidas que propiciem um envolvimento efetivo da comunidade e que de fato absorva suas perspectivas nos processos de preservação — observou-se a incipiência de mecanismos que considerem as atribuições da comunidade local sobre o patrimônio moderno que estão inseridos (no ambiente amazônico) e que busque garantir o envolvimento efetivo desses indivíduos nos processos relacionados a sua preservação. Para tanto, com o intuito de privilegiar a ótica da comunidade e partindo do princípio de que a mesma nem sempre reconhece os valores que fundamentam a preservação a partir da visão técnica, situação que tende a ser mais difícil quando esse patrimônio possui uma linguagem moderna, optou-se por abordar o problema a partir da área do conhecimento da psicologia ambiental, mais precisamente a partir do entendimento do sentido de lugar, que consiste em um processo psicossocial pautado nos vínculos do indivíduo com o local em que está inserido. Sendo assim, o presente trabalho buscou responder a seguinte pergunta de pesquisa: a partir da análise da inter-relação entre comunidade e patrimônio moderno em ambiente amazônico e da identificação do sentido de lugar, como é possível propiciar o envolvimento da comunidade local nas ações de preservação? Para responder a referida pergunta e atingir o objetivo geral de propor caminhos que propiciem o envolvimento comunitário nos processos de preservação do patrimônio moderno no ambiente amazônico, levando em conta a identificação do seu sentido de lugar e das inter-relações de seu contexto, adotou-se uma abordagem multimetodológica ou triangulação, que se deu a partir de um estudo de caso. Onde o campo definido pela peculiaridade da história local de implantação, está materializado no Conjunto Urbano Vila Serra do Navio/AP, patrimônio moderno nacional projetado por Oswaldo Bratke e construído pela empresa ICOMI, com o intuito de abrigar empregados de uma empresa mineradora. Para a coleta de dados utilizou-se da pesquisa bibliográfica e documental, levantamento físico e entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores, representantes da administração pública e agentes técnicos. A partir desse estudo foi possível observar o sentido de lugar atual do referido patrimônio e detalhes que contextualizam as percepções acerca do ambiente em que estão inseridas, permitindo ao fim a indicação de caminhos por meio de propostas baseadas nos achados da pesquisa. A busca pelo entendimento do sentido de lugar se demonstrou um caminho bastante promissor pois vai além da identificação de demandas, uma vez que explicita a relação pessoa-ambiente.

Palavras-chave: Sentido de lugar. Participação comunitária. Patrimônio moderno. Amazônia. Serra do Navio/AP.

## ABSTRACT

COUTO, B.R. **The sense of place in Amazonian environment:** the interrelationship between community and modern heritage in Vila Serra do Navio/Amapá. Master in Architecture and Urbanism – Graduate Program in Architecture and Urbanism, Faculty of Architecture and Urbanism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

Community involvement in the processes of preserving heritage is a premise considered fundamental for a long time and is present in international and national preservation policies and legislation. However, despite being incorporated in most of the speeches, it has not been implemented satisfactorily, which constitutes one of the mentioned gaps in the area. For this reason, we chose to explore the community's perception of modern heritage in the Amazon environment. Faced with this context marked by the lack of identification and recognition of the community with the modern heritage — a reflection of the difficulty in implementing measures that provide an effective involvement of community and that in fact, absorbed their perspectives in the processes of preservation — it was observed the incipience of mechanisms that consider as attributions of the local community on the modern heritage that are inserted (in the Amazonian environment) and that guarantee the effective involvement of these individuals from communities in our processes related to their preservation. Therefore, with the aim of privileging the perspective of the community and assuming that, it does not always recognize the values that the modern language, we chose to approach the problem from the area of knowledge of environmental psychology. More precisely, from the understanding of sense of place, which consists of a psychosocial process based on the bonds of individuals and the place where they are inserted. Therefore, the present work sought to answer the following research question: from the analysis of the interrelationship between community and modern heritage in the Amazon environment and the identification of the sense of place, how to provide or involve the local community in the actions of preservation? In order to answer this question and achieve the general objective of proposing ways that promote community involvement in the processes of preserving the modern heritage in the Amazon environment, taking into account the identification of their sense of place and interrelationship of the context, it was adopted whether a multi-methodological or triangulation approach, which was based on a case study. Where the field, defined by the peculiarity of its history and deployment environment, materialized by the Conjunto Urbano Vila Serra do Navio/AP is a national modern heritage designed by Oswaldo Bratke and built by the company ICOMI, with the aim of housing employees of a mining company. For data collection was used, bibliographic and documental research, physical survey, observation and semi-structured interviews were used with residents, representatives of the public administration and technical agents. From this study, it was possible to observe the current sense of place of the referred heritage and details that contextualize the perceptions about the environment in which they are inserted, allowing, in the end, the indication of paths through proposals based on the research findings. The search for an understanding of the sense of place proved to be a very promising path, as it goes beyond the identification of demands, since it explains the person-environment relationship.

Keywords: Sense of place. Community Participation. Modern Heritage. Amazon. Serra do Navio/AP.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1. Gráfico das Obras Modernistas tombadas pelo IPHAN (1947- Atual): Divisão Regional.....	40
Figura 2.2. Gráfico das Obras Modernistas tombadas pelo IPHAN (1947- Atual): Divisão Estadual .....	40
Figura 2.3. Delimitação da Amazônia Legal.....	51
Figura 3.1. Município de Serra do Navio – Estado do Amapá.....	69
Figura 3.2. Vista Aérea da sede do município Serra do Navio/AP.....	70
Figura 3.3. Município de Serra o Navio e reservas.....	70
Figura 4.1. Início da construção de Vila Serra do Navio.....	82
Figura 4.2. Vista aérea de VSN.....	84
Figura 4.3. Áreas residenciais e clubes MEC e CCH.....	85
Figura 4.4. Vias principais, área central e equipamentos públicos.....	85
Figura 4.5. Planta Baixa e Fotografia da fachada da Residência Tipo BC.....	86
Figura 4.6. Planta Baixa e Fotografia da fachada da Residência Tipo CC.....	86
Figura 4.7. Corte esquemático: materiais, iluminação e ventilação.....	87
Figura 4.8. Faixas expostas na Assembleia Pública de 18 de outubro de 2007.....	97
Figura 4.9. Mapa com a antiga e a nova poligonal de tombamento.....	107
Figura 5.1. Edificações no núcleo urbano tombado (VSN) .....	118
Figura 5.2. Imagens das novas construções em diferentes pontos da cidade.....	119
Figura 5.3. Imagem da área de expansão .....	120
Figura 5.4. Imagem panorâmica do antigo alojamento dos solteiros (Vila Operária) .....	120
Figura 5.5. Imagens da eminência e do desabamento do MEC em 2016 .....	121
Figura 5.6. Situação das ruas e calçadas de VSN .....	123
Figura 5.7. Situação do mobiliário e comunicação visual .....	123
Figura 5.8. Panorâmicas das Antigas Vilas Operária, Intermediária e STAFF .....	124
Figura 5.9. Residências localizadas no antigo STAFF.....	124
Figura 5.10. Residências localizadas nas antigas Vila Operária e Intermediária.....	125
Figura 5.11. Panorâmicas da Área Central .....	125
Figura 5.12. Novas construções na área central.....	126
Figura 5.13. Prédios públicos no perímetro tombado de VSN.....	127

Figura 5.14. Igreja de Santa Bárbara (Serra do Navio) .....	127
Figura 5.15. Escola Escola Estadual Dr Hermelino Herbster Gusmao. ....	128
Figura 5.16. Processos de Deterioração na estrutura da escola .....	128
Figura 5.17. Hospital Serra do Navio .....	129
Figura 5.18. Imagens do acervo do período ICOMI do hospital .....	129
Figura 5.19. Imagens do antigo MEC (2012) e da situação atual da área (2021) .....	130
Figura 5.20. Imagens do antigo CCH – área do clube .....	131
Figura 5.21. Imagens do antigo CCH – alojamentos ocupados .....	131
Figura 5.22. Imagens do antigo CCH – área do clube .....	132
Figura 5.23. Estação Ferroviária e vagão do trem .....	133
Figura 5.24. Pontos Turísticos de Serra do Navio .....	133

## LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1. Patrimônios modernos tombados pelo IPHAN (1947-1967) .....	37
Tabela 2.2. Bens culturais modernos tombados pelo IPHAN (1986-presente) .....	38-39
Tabela 2.3. Níveis de análise socioespaciais .....	57
Tabela 3.1. Especificação das técnicas com base nos objetivos específicos .....	72
Tabela 3.2. Fontes Primárias e Secundárias.....	73
Tabela 3.3. Subgrupos de entrevistados (entrevistados em 2021 e 2022) .....	77
Tabela 4.1. Relação Comunidade e IPHAN .....	110
Tabela 5.1. Aspectos Qualificadores do lugar no período ICOMI .....	139
Tabela 5.2. Valores percebidos pela comunidade de SN .....	151-152
Tabela 5.3. Valores percebidos por agentes técnicos .....	153
Tabela 5.4. Infraestrutura e serviços precários em SN .....	160-161

## LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1. Escala para mensuração do sentido de lugar.....	65
Quadro 2.2. Escala para a mensuração do sentido de lugar negativo .....	66

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM	Representantes da Administração Pública de Serra do Navio.
Caemi	Companhia Auxiliar de Empresas de Mineração
CF/88	Constituição Federal de 1988
CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
Condephaat	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico
Conpresp	Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo
DET	Divisão de Estudos e Tombamento
DPHAN	Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
EX ICOMI	Ex-moradores do período ICOMI
IBPC	Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural
ICOMI	Indústria e Comércio de Minério Ltda.
ICOMOS	International Council on Monuments and Sites
Inspet	Instituto de Ensino e Pesquisa
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MES	Ministério da Educação e da Saúde
MO ICOMI	Moradores do período ICOMI (entrevistados)
MO POS	Moradores do período pós ICOMI (entrevistados)
OMS	Organização Mundial da Saúde
PPCM	Política do Patrimônio Cultural Material
SAMA	Seminário da Arquitetura Moderna da Amazônia (SAMA)
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TEC	Agentes Técnicos (entrevistados)
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
1.1. PROBLEMATIZAÇÃO.....	17
1.2. OBJETIVOS.....	20
1.3. METODOLOGIA.....	20
1.4. ESTADO DA ARTE .....	21
1.5. MOTIVAÇÃO.....	21
1.6. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	22
<b>2. A INTER-RELAÇÃO ENTRE: PATRIMÔNIO MODERNO E COMUNIDADE NO AMBIENTE AMAZÔNICO</b> .....	<b>24</b>
2.1. O PATRIMÔNIO CULTURAL E A COMUNIDADE: CONCEITOS E POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO.....	24
2.1.1. O Contexto da preservação do patrimônio cultural no Brasil.....	29
2.2. O PATRIMÔNIO MODERNO NO BRASIL: SEUS ATORES E VALORES.....	32
2.2.1. A consolidação das políticas de preservação e o movimento moderno no Brasil	32
2.2.2. A preservação do patrimônio moderno no Brasil .....	35
2.2.3. A comunidade e o patrimônio moderno .....	42
2.3. A ARQUITETURA E URBANISMO MODERNO NO AMBIENTE AMAZÔNICO .....	48
2.3.1. O processo de ocupação e urbanização da Amazônia e a arquitetura e urbanismo moderno na região .....	50
2.4. PSICOLOGIA AMBIENTAL E O PATRIMÔNIO MODERNO NO AMBIENTE AMAZÔNICO.	55
2.4.1. Em busca do sentido de lugar do patrimônio moderno no ambiente amazônico	58
2.4.2. Apego, Identidade e dependência do lugar: laços afetivos, cognitivos e comportamentais .....	60
2.4.3. Inter-relação entre os construtos .....	63
2.4.4. Mensuração do sentido de lugar:.....	65
2.5. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO .....	67
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>69</b>
3.1. ESTUDO DE CASO .....	69
3.1.1. Conjunto Urbano Vila Serra do Navio (VSN): características gerais .....	69
3.2. MÉTODOS E ANÁLISE DA PESQUISA .....	71
3.2.1. O contexto da Pandemia de COVID-19 .....	72
3.2.2. Pesquisa de fontes primárias e secundárias.....	73

3.2.3. Levantamento físico e observação diretas.....	74
3.2.4. Entrevistas.....	75
3.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	79
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS: CONTEXTO HISTÓRICO E TOMBAMENTO.....</b>	<b>80</b>
4.1. O CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E SOCIAL DE VSN .....	80
4.1.1. A era ICOMI: origem, projeto e consolidação da cidade companhia .....	80
4.1.2. O projeto de Bratke .....	82
4.1.3. A vida em Vila Serra do Navio no período ICOMI .....	88
4.1.4. Saída da empresa e o novo modo de vida em VSN .....	92
4.2. AS AÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DE VSN E AS RELAÇÕES ENTRE OS AGENTES ENVOLVIDOS: PERÍODO PÓS ICOMI .....	95
4.2.1. O Tombamento de Vila Serra do Navio (1998-2012) .....	96
4.2.2. Regularização Fundiária (2013-Atual) .....	102
4.2.3. Rerratificação do Tombamento da Vila Serra do Navio (2018); .....	105
4.2.4. Relações entre os agentes envolvidos: conflitos e dificuldades .....	109
<b>5. ANÁLISE DOS DADOS: O PATRIMÔNIO DE VSN E O SENTIDO DE LUGAR 117</b>	
5.1. A SITUAÇÃO DE PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DE VSN .....	117
5.1.1. Preservação e Conservação do Patrimônio de VSN.....	117
5.1.2. Caracterização da VSN: levantamento fotográfico.....	122
5.2. O SENTIDO DE LUGAR EM VILA SERRA DO NAVIO;.....	134
5.2.1. O passado ambiental e seus sentidos .....	134
5.2.2. As percepções da comunidade sobre VSN na atualidade .....	141
5.2.3. Apego ao lugar .....	142
5.2.4. Identidade de Lugar.....	147
5.2.5. Qualidades do Lugar (dependência do lugar) .....	154
5.3. CAMINHOS E PERSPECTIVAS .....	166
5.3.1. A inter-relação entre comunidade e patrimônio moderno em ambiente amazônico de Vila Serra do Navio.....	166
5.3.2. Caminhos para o engajamento da comunidade na preservação de VSN	169
<b>6. CONCLUSÃO .....</b>	<b>179</b>
6.1. RESULTADOS DA PESQUISA .....	180
6.2. PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
6.3. DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	185
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>187</b>

<b>ANEXO A</b> .....	<b>194</b>
<b>ANEXO B</b> .....	<b>201</b>
<b>ANEXO C</b> .....	<b>205</b>
<b>ANEXO D</b> .....	<b>313</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A preservação do patrimônio cultural é uma ação que permite a reafirmação e a construção identitária de uma comunidade, uma vez que constitui a perpetuação da sua memória, cultura e história ao longo das gerações. Em razão da importância dessa base coletiva para a sociedade, nos últimos tempos, foi possível observar uma rápida evolução na área da preservação do patrimônio. Atualmente, tal área abarca uma grande quantidade de objetos, novos conceitos e atores que devem estar envolvidos em todos os processos (CHOAY, 2017). O patrimônio arquitetônico e urbanístico está entre esses objetos e por fazer parte do cenário onde se desenvolvem as atividades humanas, talvez seja o objeto mais presente no dia a dia das pessoas, impactando-as ou sendo impactado. Surge, então, a necessidade já reconhecida pelas políticas de preservação de envolver essa parcela da sociedade nos assuntos referentes à preservação, ou seja, introduzir esses atores como protagonistas na referida causa juntamente com as esferas técnicas e governamentais (CASTRIOTA, 2009; FONSECA, 2017; IPHAN, 2018).

No entanto, observa-se que essa premissa não tem sido facilmente alcançada na prática e constitui uma das grandes lacunas da área do patrimônio, não apenas em âmbito nacional, mas também internacional (FONSECA, 2005). Por isso, baseando-se na relevância do assunto e partindo do princípio de que o primeiro passo para envolver a comunidade na causa da preservação é compreender como ela percebe esses espaços, assumindo a diversidade de objetos que se inserem na categoria patrimônio arquitetônico e urbanístico — assim como os variados contextos que possam estar inseridos — a referida pesquisa traz como tema a percepção da comunidade sobre o patrimônio arquitetônico e urbanístico<sup>1</sup> moderno no ambiente amazônico<sup>2</sup>.

### 1.1. PROBLEMATIZAÇÃO

O reconhecimento da relevância do envolvimento da comunidade nos processos de preservação é fato consolidado e está expresso nas políticas atuais de preservação do patrimônio cultural. Contudo, a efetivação dessa premissa ainda é uma das grandes lacunas da referida área e por esse motivo será explorada no item 2.1 do presente trabalho. Nesse item, contextualiza-se brevemente as principais premissas que embasam a preservação do patrimônio cultural no cenário internacional e como isso tem se refletido no âmbito nacional.

---

<sup>1</sup> Com o intuito de tornar menos extenso o objeto de estudo da presente pesquisa, a partir desse momento o patrimônio arquitetônico e urbanístico moderno será mencionado, neste trabalho, como patrimônio moderno.

<sup>2</sup> Cabe aqui explicar que não se trata de uma generalização ao ambiente amazônico, uma vez que o mesmo incorpora diferentes estados, países, culturas etc., mas da sua singularidade diante dos contextos urbanos brasileiros. A ideia é diferenciar o contexto em que se insere o patrimônio moderno, levando em consideração as peculiaridades de um ambiente amazônico.

No desenvolvimento do referido item, colocando de forma sintetizada, percebe-se que, em linhas gerais, a comunidade possui dificuldade em reconhecer e se identificar com os bens que são considerados patrimônio nacional. Segundo Fonseca (2017), essa relação é marcada por um distanciamento, ocorrido em grande parte pela falta de acesso aos bens ou pela falta de vínculos que promovam essa identificação. Fator que possivelmente é uma consequência da lacuna que se buscou trabalhar.

Observa-se também, no que se refere especificamente ao patrimônio arquitetônico e urbanístico e às ações de preservação destinadas a ele, que há uma grande dificuldade em superar o modelo preservacionista implementado no início do século XX, quando o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)<sup>3</sup> foi instaurado, em 1937, e surgiram as primeiras legislações que asseguram legalmente a preservação do patrimônio nacional. Tal modelo tem no instrumento do tombamento a principal prática para garantir a preservação dos bens materiais imóveis e compreende as equipes técnicas praticamente como as únicas protagonistas nas decisões, ações e gerências direcionadas aos referidos bens (CASTRIOTA, 2007). Esse problema é reconhecido há bastante tempo e tem inspirado a busca por novos caminhos que visam implementar de fato as premissas adotadas no âmbito nacional desde a implementação da Constituição Federal de 1988 (CF/88), reafirmadas recentemente na Política do Patrimônio Cultural Material (PPCM), publicada em 2018.

Quanto ao patrimônio moderno, tendo em vista o cenário marcado pela baixa ressonância da causa da preservação do patrimônio cultural perante a comunidade e da dificuldade em se implementar medidas que propiciem o envolvimento desses atores nos processos de preservação, observa-se, no item 2.2, que a questão do reconhecimento e identificação da comunidade parece ser dificultada quando se trata do referido bem. Isso porque a sensibilidade de reconhecimento sobre o patrimônio edificado, quando ocorre, se dá geralmente diante de obras que a comunidade identifica como “históricas” ou então, que possuam uma linguagem plástica mais distante da contemporaneidade (NASCIMENTO, 2017; RAMOS, 2018). No entanto, também é possível observar, que a dificuldade não exime o fato de que a comunidade possui suas próprias atribuições e que, em alguns momentos, os reconhece como dignos de serem preservados. Contudo, as suas percepções nem sempre

---

<sup>3</sup> Devido aos diversos nomes que o Órgão teve ao longo dos anos — SPHAN (1937-1946); DPHAN, Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1946-1970); Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1970-1979); Secretaria do Patrimônio Histórico e artístico Nacional (1979-1981); Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1981-1989); IBPC, Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, (1989-1994); IPHAN (1994-presente) — será adotado no presente trabalho o nome IPHAN, independentemente do período histórico que estiver sendo tratado.

correspondem aos valores oficiais do bem, ou seja, as atribuições que justificam a ação da preservação.

Esse contexto é evidenciado por situações como a dificuldade de efetivar o envolvimento da comunidade nos processos de preservação do patrimônio moderno que se dá, entre outros motivos, pelo não reconhecimento e falta de identificação dessa parcela da sociedade com o mesmo. Ou, ainda, pela distinta perspectiva sobre o bem tombado, reflexo direto das dificuldades de implementação dos conceitos incorporados pelos Órgãos, organizações e legislações de preservação do patrimônio cultural na prática, em específico os bens imóveis cuja presente pesquisa tem como foco.

A conjuntura detalhada até o fim deste item demonstra a falta de instrumentos que propiciem o envolvimento efetivo da comunidade com a causa da preservação do patrimônio cultural — do qual o moderno faz parte — e que considere o ponto de vista desses sobre os valores que esses bens possam ter. Destacando, assim, o problema da incipiência de mecanismos que contemplem as atribuições da comunidade local sobre o patrimônio moderno que estão inseridos e que busque garantir o envolvimento efetivo desses indivíduos nos processos relacionados a sua preservação, no caso da presente pesquisa, o ambiente amazônico.

Dessa forma, como a pesquisa busca compreender a percepção dos indivíduos que o vivencia, optou-se — para não correr o risco de tentar fazer caber essa percepção dentro do arcabouço técnico apenas — por analisar essas apreensões através de uma outra área, a psicologia ambiental. Essa escolha é fundamentada pela função da mesma, uma vez que seu foco de interesse consiste na observância dos processos psicossociais presentes na inter-relação entre indivíduo e o ambiente em que se insere (MOSER, 2018; GÜNTER, 2005; HIGUCHI, KUHNEN, PATO, 2019), os quais se dão a partir das capacidades perceptivas e cognitivas dos indivíduos (CANTER, 1977; DEL RIO, 1990). Acredita-se que essa é uma abordagem bastante promissora e que vai ao encontro da área do patrimônio, pois baseia-se na experiência desses indivíduos no lugar incorporando não apenas os aspectos físicos do mesmo, como também sociais, culturais e históricos (KUHNEN, 2017).

Dessa forma, considerando o referido problema e a sua abordagem a partir da área da psicologia ambiental, registra-se a seguinte pergunta de pesquisa: a partir da análise da inter-relação entre comunidade e patrimônio moderno em ambiente amazônico e da identificação do sentido de lugar, como é possível propiciar o envolvimento da comunidade local nas ações de preservação?

## 1.2. OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa consiste em propor caminhos que propiciem o envolvimento comunitário nos processos de preservação do patrimônio moderno no ambiente amazônico, a partir da identificação do seu sentido de lugar e das inter-relações de seu contexto, que será atingido a partir dos seguintes objetivos específicos:

- a) Caracterizar as informações sobre o contexto histórico, cultural e social em que o patrimônio selecionado se insere.
- b) Caracterizar as informações referentes a situação de preservação e conservação do patrimônio moderno em ambiente amazônico selecionado para o estudo de caso (contexto físico).
- c) Identificar as principais contradições e dificuldades que implicam sobre a relação dos agentes envolvidos no processo de preservação do patrimônio moderno estudado.
- d) Identificar e interpretar os construtos que definem o sentido de lugar (positivos ou negativos) do patrimônio moderno em ambiente amazônico estudado.

## 1.3. METODOLOGIA

Quanto à metodologia empregada na presente pesquisa, aponta-se que a mesma se dá a partir de uma abordagem de caráter qualitativo e fenomenológico através de um estudo de caso, uma vez que busca por elementos pautados no conhecimento de fenômenos da vida real (YIN, 2001). Além disso, por ser uma abordagem que se pauta na psicologia ambiental — área que possui caráter interdisciplinar e que requer uma perspectiva holística da inter-relação entre indivíduo e ambiente — recomenda-se uma abordagem multimetodológica, ou seja, que se pautem em diferentes métodos afim de dirimir possíveis fragilidades que possam ter (GÜNTER, 2005; MOSER, 2018).

O critério para a escolha do campo a ser estudado, que está materializado no conjunto urbano Vila Serra do Navio<sup>4</sup> (VSN), deu-se a partir da peculiaridade da história de implantação do referido patrimônio arquitetônico e urbanístico moderno (bem tombado pelo IPHAN), assim como pela sua localização no ambiente amazônico. Em síntese, o conjunto está localizado no estado do Amapá e foi projetado pelo arquiteto e urbanista Oswaldo Arthur Bratke sob os preceitos modernistas. A construção foi um pedido de uma empresa mineradora que

---

<sup>4</sup> A poligonal tombada do conjunto urbano Vila Serra do Navio (como é referenciado pelo IPHAN), coincide com o perímetro urbano do município de Serra do Navio. Dessa forma, para padronizar a forma de referenciá-lo, o mesmo será identificado apenas por Vila Serra do Navio (VSN).

necessitava de infraestrutura para abrigar seus funcionários, ou seja, constitui um exemplar de *Company Town* (RIBEIRO, 1992; DRUMMOND e PEREIRA, 2007).

Para obtenção dos dados necessários para que se atinja o objetivo geral da pesquisa atendendo a premissa multimetodológica, optou-se pelos seguintes métodos:

- a) Pesquisa documental de fontes primárias e secundárias;
- b) Levantamento físico;
- c) Observação direta;
- d) Entrevistas semiestruturadas;

#### 1.4. ESTADO DA ARTE

O Conjunto Urbano de VSN já vem sendo abordado por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento — como: história, meio ambiente, desenvolvimento regional, turismo e outras — inclusive pela arquitetura e urbanismo e preservação do patrimônio cultural. No caso das duas últimas referidas áreas, considerando os trabalhos que mais se aproximam da presente pesquisa, observou-se a temática da conservação da arquitetura moderna (COSTA, 2019); o valor patrimonial e processo de patrimonialização (JULIANELLI, 2019), destacando o não tombamento das áreas industriais e também, o problema da incipiência da participação popular através da ótica do uso de tecnologia social (MAGALHÃES, 2019).

Já o presente trabalho centraliza o foco na comunidade e não na procura por uma solução dentro apenas dos valores patrimoniais. Também não pretende propor uma ferramenta participativa, tão pouco recomendações de conservação dos edifícios de VSN. A pretensão do trabalho é encontrar caminhos direcionados pela percepção da própria comunidade sobre o ambiente em que vivem para que, a partir destas, seja possível apontar novos horizontes para fomentar o envolvimento dessas pessoas na causa da preservação.

A escolha por trabalhar o tema em uma área distinta (psicologia ambiental), mas afim, é justamente a de proporcionar uma visão mais holística do contexto. Além disso, o uso constante dos termos vínculo, afetividade, pertencimento e identidade na bibliografia da área que trata do patrimônio cultural incentiva o estudo desses conceitos — igualmente tratados nos estudos dedicados a relação pessoa-ambiente.

#### 1.5. MOTIVAÇÃO

A escolha da temática da percepção da comunidade sobre o patrimônio moderno em ambiente amazônico se deu por dois motivos específicos e particulares da experiência de vida da autora. O primeiro, relacionado à escolha do objeto de pesquisa — patrimônio moderno em ambiente amazônico — se deu em função do local de residência, trabalho e aspirações

futuras da pesquisadora, que busca centrar seus estudos na região e aliá-lo ao seu interesse na área da preservação do patrimônio cultural. Além de uma relação particular com Serra do Navio, uma vez que alguns de seus familiares trabalharam na região no período ICOMI.

O segundo motivo, que consiste em evidenciar o ponto de vista da comunidade em relação ao ambiente que vive, foi fomentado por experiência profissional, mais precisamente, a experiência que a autora teve ao trabalhar na equipe formada para a elaboração do primeiro Plano Diretor Participativo do município de Oiapoque no estado do Amapá. Durante essa breve experiência — com duração de sete meses, visto que os trabalhos foram paralisados devido à falta de recursos (2017-2018) —, foi possível observar o quão dificultoso é garantir o envolvimento efetivo desses indivíduos no planejamento local.

Contudo, mesmo diante das dificuldades, as pesquisas de campo e contato com a comunidade evidenciaram uma riqueza de questões que poderiam contribuir muito caso tivessem a repercussão desejada, despertando o interesse por pesquisar formas de discutir e aprimorar processos voltados à perspectiva da comunidade sobre o ambiente construído.

## 1.6. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Capítulo 1 – Introdução da pesquisa, onde são apresentados o tema, breve delineamento do problema, pergunta, objetivo geral e específicos assinalando os principais conceitos que serão desenvolvidos no referencial teórico. Assim como a abordagem metodológica adotada, na sequência em que serão apresentados no corpo do trabalho. Além disso, apresenta ainda o estudo da arte e a motivação para a realização da presente pesquisa.

Capítulo 2 – Desenvolve o referencial teórico da presente pesquisa trazendo os principais elementos que a compõe. Pode ser dividido em duas partes: a primeira trata das questões da preservação do patrimônio moderno no ambiente amazônico, buscando sempre a compreensão dos valores que são atribuídos a esses bens e os atores envolvidos no processo. Num segundo momento, direciona a pesquisa para a área da psicologia ambiental trazendo os principais elementos que caracterizam os estudos da referida área e os conceitos que se adequam à proposta de trabalho.

Capítulo 3 – Apresenta as escolhas metodológicas e o percurso que foi percorrido para que se atingir o objetivo geral da pesquisa. No capítulo, são descritos os critérios para cada escolha do objeto de estudo, os métodos que serão utilizados e os critérios para a análise dos dados.

Capítulo 4 – Apresenta a análise dos dados e os resultados da pesquisa de acordo com cada objetivo específico traçado, iniciando pela contextualização do campo estudado

(histórico, social, cultural); situação física do patrimônio de VSN; relações entre os agentes envolvidos na causa da preservação do patrimônio moderno estudado; identificação e interpretação do sentido de lugar. Por fim, apresenta os caminhos potenciais para fomentar o engajamento da comunidade na preservação do patrimônio moderno no ambiente amazônico.

Capítulo 5 – Traz as conclusões da dissertação realizando um apanhado geral da proposta e de seus objetivos e dos resultados. Além disso, indica as limitações da pesquisa e abre caminhos para novas reflexões.

## **2. A INTER-RELAÇÃO ENTRE: PATRIMÔNIO MODERNO E COMUNIDADE NO AMBIENTE AMAZÔNICO.**

O presente capítulo consiste no referencial teórico que fundamenta o problema, os objetivos e as variáveis que serão analisadas. O mesmo engloba duas áreas distintas: a preservação do patrimônio cultural — em que se insere o patrimônio moderno em ambiente amazônico — e a psicologia ambiental, caminho teórico e metodológico que auxiliará a explorar a percepção da comunidade sobre o patrimônio moderno no ambiente amazônico, tema abordado na pesquisa.

O capítulo está estruturado em quatro partes. Inicia-se com a exploração da temática da preservação do patrimônio cultural de forma ampla, buscando compreender como transcorre o envolvimento da comunidade nos processos de proteção do patrimônio e destacando a importância dessa premissa a partir de um breve recorrido sobre as ampliações dos conceitos, políticas e legislações de preservação em âmbito internacional e nacional. Em seguida, trata-se das questões do patrimônio moderno no Brasil, investigando a relação entre patrimônio moderno e atores envolvidos no processo de preservação, buscando sempre a compreensão sobre os valores que são atribuídos ao bem, como e por quem são reconhecidos.

No terceiro momento, afunila-se a temática do patrimônio moderno para o ambiente amazônico, buscando a compreensão sobre como ocorreu a implantação da arquitetura e urbanismo moderno na Amazônia brasileira. Por fim, após o desenvolvimento do contexto estudado (patrimônio moderno na Amazônia), adentra-se aos conceitos propriamente ditos da psicologia ambiental, demonstrando de que forma será percorrido o caminho para a obtenção do objetivo geral da pesquisa. Dentre os conceitos que constituem esse caminho, destacam-se o sentido, apego e identidade e qualidade do lugar.

### **2.1. O PATRIMÔNIO CULTURAL E A COMUNIDADE: CONCEITOS E POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO**

O conceito do que se denomina hoje como patrimônio cultural, assim como tudo o que orbita a respectiva área, como Órgãos de proteção, legislações, instrumentos de acautelamento e outros, são frutos da era do pensamento moderno (CASTRIOTA, 2009; FONSECA, 2017), período marcado por uma grande dinamicidade, em que “a lógica da cultura passa a ser a da própria mudança, da substituição incessante de valores e modelos” (CASTRIOTA, 2009, p.39). Ou seja, é o momento em que consolidam novos paradigmas que têm sido responsáveis por impulsionar constantes ampliações no campo da preservação do patrimônio cultural, sobretudo nos séculos XX e XXI.

Esses frutos colhidos hoje, em termos de preservação do patrimônio cultural, são derivados da Europa ocidental com ênfase para o caso da França e dos enciclopedistas que se mobilizaram diante dos vandalismos ocorridos logo após a Revolução Francesa em 1789, no século XVIII. Esse fato consta como um marco para a posterior criação de instituições de proteção do patrimônio — públicas e privadas — legislações, inventários, trabalhos de conservação e preservação não apenas na França, mas na Inglaterra, Alemanha e outros países da Europa, que vão influenciar posteriormente outros países como o Brasil no século XX.

Na medida em que essas políticas e conceitos se expandem em âmbito internacional, novos horizontes vão se abrindo, iniciando uma construção que vai além do movimento preservacionista iniciado na Europa. Isso se dá, de forma cada vez mais rápida e ampla, sobretudo a partir do momento em que se iniciam os diálogos com as culturas não ocidentais, descentralizando a majoritária perspectiva europeia (FONSECA, 2005).

A respeito dessa construção coletiva e internacional, destaca-se a Carta de Atenas (1931) que, apesar de seu conceito restrito de monumento histórico, constitui o primeiro documento significativo a tratar da proteção de monumentos que correm o risco de destruição. A ampliação mais significativa a respeito dos bens culturais fica a cargo da Carta de Veneza que “define o termo monumento e diz que ele se estende não somente às grandes criações, mas, igualmente, às obras modestas que adquirem, com o tempo, um significado cultural” (COSTA, 2012, p.16). Como pode ser observado no seu Art 1º, em que define:

A noção de monumento histórico compreende a criação isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo uma significação cultural (ICOMOS, 1964, p. 2-3).

Em sequência, mais precisamente no ano de 1972, consolida-se a noção de Patrimônio Mundial, a partir da Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial Cultural da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A noção consolidada, além de inaugurar a proteção de um conjunto de valor internacional, é considerado marco para mais uma ampliação criada na sequência, a de patrimônio imaterial.

Contudo, esse cenário só vai se consolidar internacionalmente em 1989, por meio da resposta para reivindicação dos países do terceiro mundo que pediam por “estudos para a apropriação, em nível mundial, de um instrumento de proteção às manifestações populares de valor cultural” (COSTA, 2012, p.19). A resposta é estabelecida a partir da Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular que, segundo Castriota (2009), somente vai ser foco de interesse de um maior número de Estados mais tarde.

Outro marco com grande significado dessa construção consiste no que se estabelece na Declaração de Amsterdã, em 1975, elaborada após o Congresso do Patrimônio Arquitetônico Europeu. Dentre as questões mais importantes, destaca-se dois pontos principais. O primeiro é o “conceito de ‘conservação integrada’, onde se explicita a necessidade de que a conservação deve ser considerada não como uma questão marginal, mas como um dos objetivos centrais do planejamento urbano e regional” (CASTRIOTA, 2009, p.161).

Já o segundo, elemento fundamental da temática abordada na presente pesquisa, se refere à introdução da comunidade enquanto agente responsável pela preservação dos monumentos históricos, quando diz que “(...) o apoio da opinião pública é essencial. A população deve, baseada em informações objetivas e completas, participar realmente, desde a elaboração de inventários até as tomadas de decisões” (ICOMOS, 1975, p.4). Reforçando ainda a importância do reconhecimento por parte desses agentes para que a preservação se dê efetivamente, pode-se observar que

O patrimônio arquitetônico não sobreviverá a não ser que seja apreciado pelo público e especialmente pelas gerações futuras. Os programas de educação devem, portanto, se preocupar mais intensamente com essa matéria (ICOMOS, 1975, p.2).

Esses são apenas alguns dos principais acontecimentos que contribuíram para a composição dos conceitos e das políticas de preservação do patrimônio cultural na atualidade. Portanto, quanto ao entendimento sobre o que constitui um patrimônio cultural, assim como o seu alcance, percebe-se que, se anteriormente limitava-se a remanescentes da antiguidade, edifícios religiosos e castelos da idade média — utilizando como exemplo a França e sua primeira Comissão dos Monumentos Históricos em 1837 (FONSECA, 2005) — hoje, o referido conceito abarca uma imensidão de objetos materiais e imateriais, como se pode observar na definição de patrimônio histórico proposto por Choay (2017, p. 11):

Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos. Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, patrimônio histórico tornou-se uma das palavras chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e uma mentalidade.

Em seu conceito, a autora destaca em primeiro lugar o objetivo da preservação, que está consubstanciado no usufruto da comunidade. Deixando bastante clara a ideia de que o patrimônio preservado deve ser apropriado pela comunidade, além de refletir seu passado, ou seja, expressar a sua identidade. Para Castriota (2009), esse novo entendimento sobre

patrimônio só foi possível por conta da abertura conquistada nas últimas décadas, algumas delas citadas anteriormente, corroborando com a conceituação de CHOAY (2017) quando diz que atualmente o patrimônio é “entendido como o conjunto de ‘bens culturais’, referente às diversas identidades coletivas” (CASTRIOTA, 2009, p.2).

No Brasil, os reflexos dessas mudanças podem ser observados na renomeação e ampliação do conceito do que hoje é denominado como Patrimônio Cultural Brasileiro. Pois, em 1937, quando o primeiro Órgão destinado a preservação de bens culturais foi criado, o IPHAN, o objeto a ser preservado era denominado como Patrimônio Histórico e Artístico nacional e definido no Decreto Lei nº 25/1937, Art 1º, da seguinte forma:

Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Em 1988, essa definição é alterada e ampliada pela CF/88, texto que estava em consonância com as discussões e deliberações dos encontros internacionais e com documentos gerados nestas reuniões — como as Cartas Patrimoniais — e que pode ser observado a seguir no texto da constituição vigente, a partir da incorporação dos bens imateriais e reconhecimento das demais identidades culturais:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (EC no 42/2003).

I – As formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 2016, p.126).

Além dessas ampliações, destaca-se o reconhecimento da importância da participação da comunidade nos processos de preservação no parágrafo § 1º do Art. 216:

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (BRASIL, 2016, p.126).

A partir desses trechos, é possível observar os pontos destacados anteriormente nos encontros internacionais, como o reconhecimento de obras “menores” com significado cultural, presente na Carta de Veneza (1964), a necessidade do reconhecimento dos bens imateriais, UNESCO (1989), e o fundamental reconhecimento e apropriação da comunidade sobre a importância da preservação dos bens culturais do passado, presente na Declaração

de Amsterdã (1975). Demonstra-se, assim, que as políticas e conceitos referentes à preservação do patrimônio nacional têm seguido os preceitos internacionais ao menos na teoria. Somado ao que foi estabelecido na CF/88, destaca-se também o recente documento destinado especialmente ao patrimônio material concretizado na PPCM e publicado em 2018 com o intuito de normatizar e organizar as ações do Órgão (IPHAN, 2018).

Sobre o texto, que normatiza e organiza as ações do IPHAN sobre os bens materiais, cujas últimas deliberações tinham sido realizadas no Decreto Lei nº 25/1937, ressaltam-se os pressupostos que nortearam a sua construção. Ou seja, como o próprio texto diz, as “verdades adotadas” (IPHAN, 2018, p.11) para toda e qualquer ação na seara da preservação dos bens materiais são:

- (I). As ações e atividades relacionadas com a preservação do Patrimônio Cultural Material devem compreender e considerar o presente;
- (II). As ações e atividades devem considerar a indissociabilidade entre as dimensões materiais e imateriais do Patrimônio Cultural;
- (III). As ações e atividades devem partir da leitura do território e da compreensão das dinâmicas políticas, econômicas, sociais e culturais ali existentes;
- (IV). As ações e atividades devem buscar promover a articulação institucional com diferentes níveis de governo e sociedade civil;
- (V). As ações e atividades devem buscar estimular o fortalecimento de grupos sociais para preservação do seu próprio patrimônio cultural material;
- (VI). As ações e atividades devem buscar articular com os entes federados e demais Órgãos e entidades componentes do Estado Brasileiro, na construção de instrumentos de compartilhamento e de delimitação de atribuições relativas à preservação dos bens protegidos (IPHAN, 2018, p.11).

Essas premissas expressam o que se tem considerado na atualidade a respeito de toda e qualquer ação referente a preservação do patrimônio material cultural. Porém, isso não quer dizer que as mesmas estejam sendo colocadas em prática de forma plena e eficiente. A própria implementação da PPCM é um movimento em busca de melhorias nas práticas do Órgão e suas normatizações, fruto da necessidade de um “significativo processo de revisão crítica e de aprimoramento de suas práticas” (IPHAN, 2018, p.4), como consta em seu próprio texto.

Portanto, as premissas consideradas na atualidade não são nada mais do que aquilo que necessita ser observado nas práticas de preservação do patrimônio cultural, ou seja, aquilo que ainda precisa ser lembrado e relembrado, até que sejam incorporadas totalmente.

### 2.1.1. O Contexto da preservação do patrimônio cultural no Brasil

Para que se possa prosseguir, é fundamental uma compreensão geral a respeito das políticas de preservação e suas práticas no Brasil — em função da pesquisa concentrar-se na esfera nacional, nas políticas e ações do IPHAN — afim de delinear algumas das principais questões que envolvem esse cenário. Assim sendo, é necessário abordar de forma mais dedicada a perspectiva traçada por Maria Cecília Londres Fonseca — pesquisadora com vasta experiência nas questões do patrimônio cultural brasileiro — materializada em sua obra “O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil”, publicado pela primeira vez em 1997.

Na obra, a autora remonta o processo de construção do patrimônio no país a partir de uma narrativa histórica, considerando não apenas a perspectiva institucional, mas da sociedade como um todo, como ela mesmo diz, considerando “também a participação — direta ou indireta — da sociedade nessa construção, ou seja, a apropriação que é feita dessa prática política pelos diferentes grupos sociais” (FONSECA, 2017, p.24). Para realizar essa tarefa, considera questões como a diversidade cultural; a participação social e apropriação da comunidade sobre o universo simbólico do patrimônio, com o intuito de elaborar uma perspectiva democrática sobre as principais questões da preservação do patrimônio, objetivando “vislumbrar possibilidades de participação ainda não exploradas” (FONSECA, 2017, p. 26).

Segundo Fonseca (2017), quanto às políticas culturais no país, observa-se o constante desinteresse da maior parte dos governos — citando a incipiência da temática nas agendas dos políticos — assim como de parte da própria sociedade, que raramente se mobiliza em favor de pautas culturais. Quanto à questão específica do patrimônio, diz que “os cerca de mil bens tombados (...), funcionam mais como símbolos abstratos e distantes da nação do que como marcos efetivos de uma identidade nacional com que a maioria da população se identifique” (FONSECA, 2017, p.22).

Para a autora, isso não ocorre pela falta de aplicação dos instrumentos de preservação como o tombamento, nem pela falta de valor dos bens que são protegidos, mas pela distância existente entre comunidade e patrimônio cultural, uma vez que de acordo com a autora, esses bens estão:

‘Protegidos’, a maior parte do tempo, do acesso do público — que em geral, vê a preservação como uma atividade ‘cultura’, própria dos países civilizados — esses bens parecem guardar a sete chaves, para a maioria da população, as informações, os sentidos e os valores que teriam justificado sua inclusão no patrimônio histórico e artístico nacional. A distância entre tradições culturais, as diferentes identidades coletivas, entre a pluralidade cultural da nação e a memória nacional construída pelo Estado fica, desse modo, mais

aguda, assim como os limites dessa política estatal como política pública. (FONSECA, 2017, p.23).

De forma mais sintética, Fonseca (2017) explicita nesse panorama geral um dos principais problemas da preservação do patrimônio cultural no Brasil: o grande distanciamento que há entre comunidade e o patrimônio cultural nacional, ocorrido, na maior parte das vezes, pela não compreensão ou identificação desses indivíduos com os objetos protegidos legalmente. Esse distanciamento, por sua vez, vai de encontro com a premissa de que o bem protegido deve servir ao usufruto da sociedade e ser reconhecido pela mesma, como pôde ser observado anteriormente nas diretrizes que visam a preservação do patrimônio cultural. Assim como se afasta das premissas designadas na PPCM (2018), com destaque para a que diz que “as ações e atividades devem buscar estimular o fortalecimento de grupos sociais para preservação do seu próprio patrimônio cultural material” (IPHAN, 2018, p.11).

De acordo com Fonseca, essa lacuna ainda existe porque as propostas implementadas nas décadas de 1970 e 1980, com a finalidade “de ampliar a noção de patrimônio e de estimular a participação social” (FONSECA, 2017, p.21), não tiveram respostas significativas na prática e permanecem assim até os dias atuais. Além disso, também diz que a temática da relação entre o patrimônio nacional e as identidades culturais não costumam despertar muito o interesse dos cientistas que estudam o patrimônio, a não ser dos antropólogos. Em outro texto, Fonseca (2005) destaca que esse problema não é apenas nacional e reforça o discurso da relevância em se abordar a referida temática:

A adesão da sociedade — vale dizer, dos diferentes grupos sociais que compõem as nações modernas — à prática da preservação de bens culturais tem sido considerada o grande desafio a ser enfrentado no século XXI. Pois se, por um lado, a justificativa dessas políticas é o interesse público, a ideia de uma “identidade nacional” como referência que orientaria a ação de Órgãos governamentais, construída por intelectuais e/ou agentes do poder público, já não é reconhecida como capaz de legitimar intervenções que, em muitos casos, afetam profundamente a vida dos cidadãos” (FONSECA, 2005, p.160).

A situação descrita pela autora é bastante recorrente no caso brasileiro, uma vez que as ações dos Órgãos e agências estatais de proteção ainda possuem uma grande dificuldade de se desvincular do modelo preservacionista — predominante até os dias atuais — cuja ação de preservar resume-se praticamente ao tombamento e está majoritariamente sob a responsabilidade de técnicos e peritos (CASTRIOTA, 2007), isto é, a comunidade não participa do processo, corroborando a afirmação de Fonseca (2005) sobre a adesão da sociedade à causa da preservação do patrimônio.

Em trabalho recente desenvolvido por Nascimento e Scifoni (2015) — sobre o tombamento nacional de Iguapé/SP —, considerado um bom exemplo das novas formas de atuação do IPHAN e onde foi desenvolvido um trabalho de educação patrimonial desde a fase

de estudos para a construção do dossiê de tombamento, as autoras reforçam, em suas considerações finais que, apesar das mudanças significativas que vêm acontecendo — e o respectivo trabalho é uma delas — ainda há a necessidade de busca por políticas patrimoniais mais democráticas. Não apenas pela efetividade da proteção em si, mas para que não se corra o risco de promover o esmaecimento da memória local.

Dessa forma, como se pôde observar, é notório o reconhecimento de que a falta de adesão da comunidade na causa da preservação do patrimônio cultural se dá, entre outros motivos, pela não identificação ou reconhecimento da comunidade com o bem tombado ou pela não consideração dos valores atribuídos pela mesma. Além disso, as ações e esforços que vêm sendo realizados para dirimir essa lacuna — que pode ser observado nos discursos e nas iniciativas de ampliação do conceito de patrimônio cultural, assim como do reconhecimento da fundamental participação da sociedade em todos os processos que envolvem o patrimônio —, corroboram a necessidade de discutir essa questão.

No entanto, a grande dificuldade em promover mudanças nesse sentido é um indicativo de que ainda há um grande caminho pela frente. Ou seja, são necessárias muitas discussões e reflexões abordando novos pontos de vista, especialmente os que explorem formas de inclusão da comunidade nos processos de preservação.

Pois, como mencionado anteriormente, o patrimônio é um bem destinado ao usufruto da sociedade (CHOAY, 2017), representante das várias identidades coletivas (CASTRIOTA, 2009), cujas ações devem sempre considerar e compreender as ações presentes (IPHAN 2018). Isto é, as ações de preservação devem estar de acordo com as demandas sociais para que possíveis intervenções não exerçam o sentido oposto a que se propõem e acabem por prejudicar a vida dos cidadãos para, assim, serem bem recebidas e incorporadas pela sociedade como um todo (FONSECA, 2005).

A partir dessas bases, a pesquisa segue por um caminho de busca por novas formas de promover a aproximação entre comunidade e patrimônio a partir de um viés focado em seus próprios pontos de vista. Todavia, diante da grande abrangência de objetos abarcados pelo conceito de patrimônio cultural, “ampliado a dimensões planetárias” CHOAY (2017, p.11) e suas especificidades, é necessário que se delimite um recorte. Primeiramente, dentro da gama dos bens culturais e, após, no período e contextualização. Dessa forma, a presente pesquisa se concentrará na percepção da comunidade sobre o patrimônio arquitetônico e urbanístico (objeto) moderno (período), no ambiente Amazônico (localização). As especificidades de cada um dos recortes serão abordadas na sequência.

## 2.2. O PATRIMÔNIO MODERNO NO BRASIL: SEUS ATORES E VALORES

Este item abordará as questões que envolvem o patrimônio moderno a partir de uma perspectiva centrada nos valores atribuídos a ele e pelos atores envolvidos no processo de preservação. Pois, apesar da pesquisa buscar explorar a perspectiva da comunidade, não se pode esquecer que o processo de preservação se dá através da articulação entre três esferas: técnico (institucional), governamental e sociedade civil (IPHAN, 2018). Então, conscientes da necessidade de compreender esses pontos, no primeiro momento, será traçado um breve histórico da consolidação das políticas de preservação do patrimônio no Brasil, que teve grande influência dos atores responsáveis pelo patrimônio estudado, tanto na construção do que se tem hoje em termos de patrimônio cultural nacional, quanto na atribuição de valores e práticas do Órgão responsável IPHAN.

Em um segundo momento — seguindo a mesma lógica de priorizar os valores e a atuação dos agentes envolvidos — será observado um panorama específico sobre o patrimônio moderno no Brasil até os dias atuais. Enfim, no terceiro momento, será realizado um levantamento da questão do envolvimento da comunidade nos processos de tombamento desses bens e em como a sociedade civil costuma enxergar o patrimônio moderno.

### 2.2.1. A consolidação das políticas de preservação e o movimento moderno no Brasil

A implementação da vanguarda modernista, assim como os desdobramentos das políticas de preservação no Brasil, foram movimentos concomitantes, iniciados na década de 1920, e originários da Europa. Ambos os movimentos foram absorvidos e implementados no país com algumas distinções do que fora reproduzido no cenário internacional. Uma das variáveis responsáveis por essas diferenças reside no fato de que os seus protagonistas foram liderados pelo mesmo elenco de intelectuais progressistas, portanto, pautados por suas perspectivas (CASTRIOTA, 2009; FONSECA, 2017).

A respeito destas perspectivas, desataca-se a busca por uma identidade nacional que fora não apenas um dos objetivos principais desses intelectuais, como também do grupo político que assumiu o poder a partir da “chamada ‘Revolução de 30’ (...) que tenta estabelecer uma política cultural a partir do Estado” (CASTRIOTA, 2009, p.73). Esse alinhamento foi responsável direto por abrir caminhos para esse grupo de intelectuais.

Um dos frutos dessa convergência ideológica é a criação do Órgão federal de proteção ao patrimônio, IPHAN, o qual teve suas atividades iniciadas de forma experimental no ano de 1936 sob a direção de Rodrigo M. F. de Andrade, tornando-se oficial em 1937 a partir da Lei nº 378. A instrumentalização para que o Órgão viesse atuar partiu da promulgação do Decreto

25º/1937, a partir do texto — elaborado por Rodrigo M. F. de Andrade — que se voltava sobretudo à questão da propriedade, protegendo judicialmente bens móveis e imóveis através do tombamento (FONSECA, 2017), que consiste em:

(...) um instrumento jurídico criado por lei federal — Decreto-lei nº 25 de 1937 (DL 25/37) — que tem por objetivo impor a preservação de bens materiais públicos ou privados, aos quais se atribui valor cultural para a comunidade na qual estão inseridos (RABELLO, p. 2-3, 2015).

Sobre a ação do tombamento, interrompendo brevemente a narrativa cronológica acerca da implementação do IPHAN, ressalta-se a sua importância para o cenário de preservação do patrimônio cultural, pois constitui o instrumento de proteção mais antigo e consolidado nacionalmente (RABELLO, 2015). Portanto, para realizar a contextualização da inserção das políticas de preservação, seus atores e valores, o desenvolvimento da presente narrativa ocorrerá em torno dessa ação, ou seja, a partir da observância dessa prática será desenvolvido o referencial sobre os valores atribuídos aos bens culturais modernistas, assim como o envolvimento e as percepções dos sujeitos que os atribuem.

Retomando o curso, sob a direção de Rodrigo M. F. Andrade no recém-criado Órgão, destaca-se a significativa presença de profissionais da arquitetura do período (CHUVA, 2017) — grupo de intelectuais formuladores do discurso e prática do IPHAN. Dentre eles, o arquiteto e urbanista Lúcio Costa, que atuou como liderança tanto na implementação da nova arquitetura quanto na preservação do patrimônio nacional (CASTRIOTA, 2009), uma vez que foi “a principal autoridade técnica, chefe da Divisão de Estudos e Tombamento (DET) entre 1937 e 1972” (FONSECA, 2017, p. 101). Esse diferencial marca a relação entre modernismo e tradição no Brasil e é influenciado pela postura de Costa, que decide pelo não rompimento com o passado, como se pode observar nas colocações de Castriota (2009):

Essa postura, que combina a busca do novo e a revalorização da tradição, pode ser bem exemplificada pela trajetória de Lucio Costa, o criador de Brasília, que, nos anos 1930, vai ser o líder intelectual da renovação arquitetônica brasileira. Segundo seu depoimento, nos primeiros contatos com o movimento moderno em arquitetura, chocava-lhe “o seu caráter absolutista, intransigente e o aparente desprezo pelo passado”, que, também a partir de uma viagem a Minas e de contatos com a “genuína arquitetura brasileira”, aprendera a respeitar. Sua busca, a partir de então, vai ser sempre a de integrar modernidade e tradição, a partir de uma reflexão sobre a especificidade de seu campo profissional, a arquitetura, e de sua relação com a realidade brasileira (CASTRIOTA, 2009, p.139).

Dessa forma, pode-se dizer que o posicionamento de Lúcio Costa influenciou muitos de seus colegas, tanto na implementação da nova arquitetura quanto na preservação dos bens do passado. Também foi base para a construção de critérios sobre o que era considerado digno de ser preservado. Isto é, a tradição valorizada era aquela que refletisse uma identidade nacional. Como coloca Fonseca (2005, p. 202), “aqui, os arquitetos

modernistas, doublés de funcionários públicos, procuraram estabelecer um sentido de continuidade e construir uma tradição brasileira com base em determinados preceitos estéticos, os da “boa arquitetura”. Para eles, a “boa arquitetura” do passado estava materializada no estilo colonial e barroco, um considerado a pré-história da arquitetura brasileira, outro, a única arquitetura genuinamente brasileira, além da modernista (estilo atual do período) e que também foi considerada digna de ser preservada (CASTRIOTA, 2009).

O posicionamento desses atores teve grande influência nas ações dentro do Órgão nacional e o próprio entendimento da comunidade atual sobre o que pode ser considerado patrimônio. Segundo Nascimento (2016), vestígios desse passado ainda residem nos principais problemas que envolvem sua preservação, sobretudo do reconhecimento de bens culturais modernos. Segundo a autora, “o patrimônio está ainda hoje marcado por concepções de identidade nacional ancoradas no período colonial, cuja essência máxima estaria representada em cidades como Ouro Preto, Paraty e Olinda” (NASCIMENTO, 2016, p. 21-22).

Outro ponto pertinente desse contexto e que contribuiu diretamente para a preservação do patrimônio moderno foi a sobreposição do valor artístico sobre os demais valores considerados, como o histórico. Fonseca (2017) corrobora essa afirmação ao trazer a informação de que ao final dos anos 50 havia poucas inscrições no Livro do Tombo Histórico. Ou seja, segundo ela, o valor artístico foi de longe o mais considerado nesse período. De acordo com a autora, “a constituição do patrimônio no Brasil foi realizada a partir de uma perspectiva predominantemente estética” (FONSECA, 2017, p.120).

Esse viés de pensamento, aliado à grande flexibilidade “permitida” pelo Decreto Lei nº25/1937, assim como a autonomia dos funcionários públicos da época, acabou por propiciar o tombamento “precoce” dos bens culturais modernistas (FONSECA, 2017). Logo,

(...) O decreto-lei nº 25/1937 foi mais abrangente ao tratar daquilo que constituía o patrimônio histórico e artístico nacional, utilizando expressões tais como ‘fatos memoráveis’, excepcional valor, feição notável, nas quais quaisquer tipos de ‘bem móvel o imóvel’, ‘monumentos, sítios ou paisagens’ poderiam ser incluídos, deixando que a própria prática do Órgão viesse a definir o seu conteúdo (CHUVA, 2017, p.168).

Essa abertura possibilitou o tombamento de bens sem considerar a sua anciandade (CHUVA, 2017), visto que o poder de decisão sobre o que tomar e por que tomar era definido em grande parte pela equipe técnica responsável e pela aplicação de seus critérios valorativos. Tais critérios consideravam que o valor artístico do bem, assim como o seu caráter de excepcionalidade, eram justificativas suficientes para a aplicação do instrumento de proteção (FONSECA, 2017).

Segundo Rubino (1996), é importante ressaltar que essa liberdade dentro do Órgão permitiu uma série de ações importantes para a preservação do patrimônio nacional. Prova disso são os 689 bens tombados em um espaço de 30 anos, período da gestão de Rodrigo M. F. Andrade. É por causa desse trabalho “que estes quase setecentos bens tombados no ‘período heroico’ ainda sobrevivem, e devido as suas publicações (...), conhecemos melhor nosso passado do que há cinquenta anos atrás” (RUBINO, 1996, p.105). No entanto, ainda segundo a autora, essas ações não eximem os dilemas referentes à preservação do patrimônio cultural. Entre eles a falta de identificação da sociedade em geral com o patrimônio cultural nacional, como já foi abordado anteriormente (FONSECA, 2017).

Conforme observado até o presente momento, esse dilema tem raízes profundas no passado da instituição e do movimento que propiciou tudo o que se tem hoje em matéria de preservação do patrimônio cultural nacional. Fonseca (2017) demonstra e corrobora essa questão através da mudança de leitura a respeito da autonomia do Órgão ao longo de tantos anos:

A autonomia de que gozava o IPHAN dentro do MES e do governo, e que, durante muito tempo foi considerada sinal de poder de seu diretor e do respeito que inspirava, a partir da década de 70 passou a ser interpretada não só como afastamento do governo getulista, mas também, como distância dos interesses da sociedade, sobretudo das classes populares (FONSECA, 2017, p. 102).

Essa colocação da autora juntamente com o breve recorrido a respeito da implantação do IPHAN e das políticas de preservação no Brasil, reforçam o distanciamento já identificado no item anterior, assim como a falta de ressonância da referida temática para a esfera governamental e a sociedade como um todo. Além de evidenciar o protagonismo dos técnicos nas seleções, ações e gerências do patrimônio cultural no Brasil e, portanto, na construção dos valores oficiais atribuídos aos bens, na qual já se percebe desde um primeiro momento a predominância do valor artístico e caráter de excepcionalidade, o valor histórico vai se consolidar mais à frente.

### **2.2.2. A preservação do patrimônio moderno no Brasil**

Como visto no item anterior, alguns dos principais atores do movimento moderno no Brasil também estavam envolvidos com a consolidação do IPHAN e das políticas de preservação no país, entre eles o arquiteto e urbanista Lúcio Costa. Também se observou que esse grupo gozou de grande autonomia em suas atividades, o que permitiu uma forte impressão de suas perspectivas na construção do patrimônio nacional pois, como coloca Rubino (1996, p.105), nos primeiros 30 anos de ação do IPHAN, o Órgão:

(...) realizou um movimento duplo: de um lado nos permitiu a recomposição de quatro séculos de Brasil; de outro nos ofereceu um autorretrato de uma

geração que marcou a vida cultural brasileira deste século e com quem dialogamos ainda hoje, explícita ou implicitamente.

De acordo com a autora, as ações desses profissionais foram tão marcantes que é possível observar, nas mesmas, as perspectivas e ideologias deste grupo. Dentre essas ações, são enfatizadas: a busca por uma identidade nacional; liberdade propiciada pelo Decreto Lei nº25/1397 aos técnicos do Órgão; a prevalência do valor artístico e do caráter de excepcionalidade e a desconsideração do valor de ancianidade como critério para o tombamento de um bem (CASTRIOTA, 2009; CHUVA, 2017; FONSECA, 2017).

Dito isso, para tratar do presente item, que tem por objetivo contextualizar o cenário de patrimonialização dos bens arquitetônicos e urbanísticos modernos no Brasil, evidenciando os valores atribuídos a eles, assim como o nível de envolvimento dos diferentes atores no referido processo, adotou-se a divisão proposta por Nascimento (2016, p.82). Na proposta, “os tombamentos do IPHAN de bens culturais de expressão moderna dividem-se em dois conjuntos agrupados cronologicamente: o primeiro deles vai de 1947 até 1967, (...), e o segundo, de 1983 ao presente”.

Sobre o primeiro momento (1947-1967), que coincide com a já citada fase heroica, cuja direção do Órgão estava a cargo de Rodrigo M. F. de Andrade, cumpre destacar a realização do primeiro tombamento de um bem cultural modernista. Essa ação se deu, mais precisamente, no ano de 1947 — dez anos após a criação dos IPHAN e quatro anos após da inauguração do bem tombado — onde a igreja São Francisco de Assis da Pampulha passou a ser protegida legalmente e a constituir parte do patrimônio nacional brasileiro (FONSECA, 2017).

Para alguns autores, essa ação de tombamento precoce de bens modernistas é considerada um ato de autoconsagração. Isto é, “(...) esses mesmos arquitetos modernistas que participavam da seleção da arquitetura colonial brasileira como merecedora do título de patrimônio nacional investiam na nomeação de sua própria arquitetura” (CHUVA, 2015, p.93). “Tombaram, é indiscutível, obras significativas das décadas de 1930 e 1940. Contudo, mais do que isso, fizeram do tombamento uma instância de autoconsagração” (RUBINO, 1996, p.105). Além disso, como acrescenta Nascimento (2016), esses profissionais agiram em prol da memória de seus feitos, através da aplicação dos meios legais para proteger o seu legado das possíveis ameaças:

Nos primeiros tombamentos do IPHAN de bens imóveis do movimento moderno a relação com a história da arquitetura foi pragmática. Preponderaram as inscrições de edificações de autoria de personagens indispensáveis à trama narrativa que estavam ameaçadas de inconclusão ou mutilação, garantindo-se sua permanência como provas materiais do moderno nacional. A justificativa para o reconhecimento precoce adivinha do

fato de tais obras já serem monumentos que os destinariam a ser inscritos. (NASCIMENTO, 2016, p.p. 83-84).

Em suma, os tombamentos realizados de bens culturais modernos no Brasil, nessa primeira fase, iniciaram rapidamente graças a posição privilegiada da equipe responsável pelo IPHAN, sob o argumento de que esses bens, considerados excepcionais, estavam sofrendo algum tipo de ameaça. Essa justificativa permeou quase todos os processos em defesa de bens recém concebidos, alguns inclusive inacabados. É o caso da Catedral Metropolitana de Brasília, que “(..) é tombada preventivamente em 1967 diante da ‘conjugação de propósitos’ digna do ‘espírito de Brasília’” (NASCIMENTO, 2016, p.99). Esse tombamento, que fora consolidado em uma segunda tentativa, teve como principal justificativa ser parte integrante e fundamental da paisagem urbana da capital brasileira (NASCIMENTO, 2016).

Neste primeiro momento (1947-1967), as justificativas para as ações protetivas do patrimônio moderno foram embasadas quase que exclusivamente pelo seu valor artístico e caráter de excepcionalidade (FONSECA, 2017; NASCIMENTO, 2016). Essas obras, que totalizaram seis exemplares da arquitetura e do urbanismo moderno, foram tombadas em âmbito federal sem considerar a variável tempo. Isso quer dizer que a data do tombamento foi muito próxima da inauguração das obras. Em alguns casos até mesmo antes da sua finalização, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 2.1 – Patrimônios modernos tombados pelo IPHAN (1947-1967).

Bem Cultural	Pedido (Data)	Situação da obra	Tombamento (Data)
Igreja de São Francisco de Assis e suas obras de arte (Belo Horizonte-MG).	1947	Inaugurada em 1944 Sem uso	1947
Edifício na Rua da Imprensa, 16 (edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde), com toda a área de terreno situada entre as ruas da Imprensa e de Santa Luzia, a Avenida Graça Aranha e a Rua Araújo Porto Alegre, necessária a preservação de sua perspectiva monumental (Rio de Janeiro-RJ)	1946	Inaugurado em 1945	1948
Antiga Estação de Hidroaviões (Rio de Janeiro-RJ)	1956	Inaugurada em 1938, desativada	1957
Edifício conhecido como RP-1 ou “Catetinho” (Brasília-DF)	1959	Inaugurado em 1956	1959
Área do Parque do Flamengo (Rio de Janeiro-RJ)	1964	Inacabada	1965
Catedral Metropolitana (Brasília-DF)	1962	Inacabada	1967

Fonte: Tabela adaptada de NASCIMENTO (2016).

A respeito dos contextos em que se deram esses tombamentos, destaca-se a tentativa de proteger bens que eram considerados excepcionais. Mas, apesar de serem recentes, já se encontravam sob algum tipo de ameaça, como a não ocupação da Igreja São Francisco de

Assis, a desativação da Estação de Hidroaviões e as dificuldades de finalização das obras do Parque do Flamengo e da Catedral Metropolitana de Brasília. Sobre o tombamento do Ministério da Educação e da Saúde (MES), que não sofria uma ameaça de caráter físico, mas ideológico, foi realizado como marco da consolidação da arquitetura moderna brasileira. Por esse motivo, foi inscrito tanto no livro do Tombo de Belas Artes quanto no livro do Tombo Histórico. Deste primeiro grupo de bens modernos patrimonializados, o Catetinho é o único que foge à regra. Pois, apesar de ser obra de Oscar Niemeyer, foi tombado antes por seu valor histórico, ou seja, por ter sido a primeira residência de Juscelino Kubitschek, (NASCIMENTO, 2016).

Nesse primeiro momento, percebe-se que quase todos os bens modernistas protegidos pelo IPHAN tinham em comum o reconhecimento por sua excepcionalidade e encontravam-se de alguma forma ameaçados. Além disso, as medidas protetivas partiram quase que exclusivamente da iniciativa desses arquitetos, que pretendiam não apenas “salvar” os exemplares excepcionais e que corriam risco, mas também buscavam consagrar suas obras na história da arquitetura brasileira, antes mesmo que esses valores pudessem ser reconhecidos pela sociedade como um todo.

Com o fim desse primeiro momento (1947-1967), o patrimônio modernista passa por um hiato de 16 anos sem a abertura de processos de tombamento. A retomada de interesse por esses bens é marcada pela abertura do processo de tombamento do Conjunto Arquitetônico do Pedregulho/Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Rio de Janeiro-RJ), no ano de 1982 (atualmente em estudo). Nesse segundo momento, considerado um período de maior abertura se comparado ao período anterior, observa-se ainda a prevalência das equipes técnicas mobilizadas em prol da proteção do patrimônio moderno, como o caso do pedido de tombamento do “parque Hotel São Clemente e o parque Guinle, de 1984, pedidos pela Diretoria Regional no Rio de Janeiro” (NASCIMENTO, 2016, p.162).

Na tabela a seguir podem ser observados os bens modernistas tombados após o hiato mencionado, ou seja, efetivados a partir de 1983 até os dias atuais.

Tabela 2.2 – Bens culturais modernos tombados pelo IPHAN (1986-presente)

Bem cultural	Cidade/estado	Entrada do processo	Tombamento
Remanescentes do Conjunto Hospitalar Juscelino Kubitschek de Oliveira.	Brasília/ DF	1983	2015
Associação Brasileira de Imprensa	Rio de Janeiro/RJ	1983	1984
Hotel do Parque São Clemente	Nova Friburgo/RJ	1984	1985
Conjunto Residencial Parque Guinle	Rio de Janeiro/RJ	1984	1985
Casa modernista de Warchavchik na Vila Mariana	São Paulo/SP	1984	1985

Continuação da Tabela 2.2 – Bens culturais modernos tombados pelo IPHAN (1986-presente)

Bem cultural	Cidade/estado	Entrada do processo	Tombamento
Casa modernista da Rua Bahia	São Paulo/SP	1984	1985
Casa modernista na Rua Itápolis	São Paulo/SP	1984	1985
Pavilhão Luís Nunes (Recife)	Recife/PE	1986	1997
Brasília – DF: Conjunto Urbanístico	Brasília/ DF	1990	1990
Pampulha: Conjunto Arquitetônico e Paisagístico	Belo Horizonte/MG	1994	1997
Cataguases: Conjunto histórico, arquitetônico e paisagístico	Cataguases/MG	1994	1995
Conjunto de edificações projetadas pelo arquiteto Oscar Niemeyer para o Parque do Ibirapuera	São Paulo/SP	1998	2012
Acervo arquitetônico e urbanístico art déco de Goiânia	Goiânia/GO	2002	2003
Elevador Lacerda	Salvador/BA	2002	2011
Teatro Castro Alves	Salvador/BA	2003	2015
Casa de Vidro, sede do Instituto Lina Bo Bardi	São Paulo/SP	2003	2007
Conjunto da Obra de Oscar Niemeyer (23 Brasília e 1 no Rio de Janeiro) <sup>5</sup>	Brasília/DF Rio de Janeiro	2007	2007
Vila Serra do Navio	Serra do Navio/AP	2008	2012
Edifício “a noite”	Rio de Janeiro	2012	2013
Conjunto Arquitetônico SESC Pompeia	São Paulo/SP		2015
Edifício Sede do IAB - Departamento de São Paulo	São Paulo/SP		2017

Fonte: Tabela adaptada de Nascimento (2016, p.164) e dados extraídos da Lista de bens tombados e processos de tombamento 25/11/2019, disponível na página do IPHAN

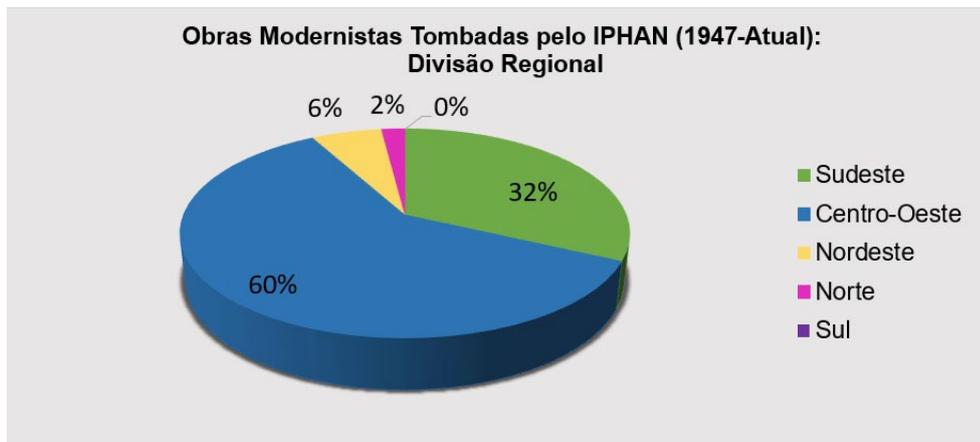
Como é possível observar, até o presente momento, foram tombadas pelo IPHAN o total de 51 obras modernas (arquitetônicas e urbanísticas), das quais, 29 obras levam o nome de Oscar Niemeyer, seis do arquiteto e urbanista Lúcio Costa e cinco projetos de Lina Bo Bardi, incluindo obras inseridas em conjuntos urbanos (IPHAN, 2018). Comprovando, assim, o fato de que a maior parte do acervo moderno nacional são de obras de nomes renomados da arquitetura moderna brasileira e se encaixam no critério de obras de caráter excepcional,

<sup>5</sup> Conjunto da obra de Oscar Niemeyer: Brasília: Conjunto do Palácio da Alvorada (incluindo capela), Capela Nossa Senhora de Fátima, Praça dos Três Poderes, Congresso Nacional, Museu da Cidade, Palácio do Planalto, Supremo Tribunal Federal, Casa de Chá, Pombal, Espaço Lúcio Costa, Ministérios e anexos, Palácio da Justiça, Palácio Itamaraty e anexos, Panteão da Liberdade e da Democracia, Teatro Nacional, Quartel General do Exército, Palácio do Jaburu, Memorial JK, Memorial dos Povos Indígenas, Conjunto Cultural Funarte, Espaço Oscar Niemeyer, Conjunto Cultural da República, Edifício Touring Clube do Brasil. Rio de Janeiro: Casa das Canoas.

muitas provenientes da chamada escola carioca (ANDRADE JÚNIOR, ANDRADE, FREIRE, 2009).

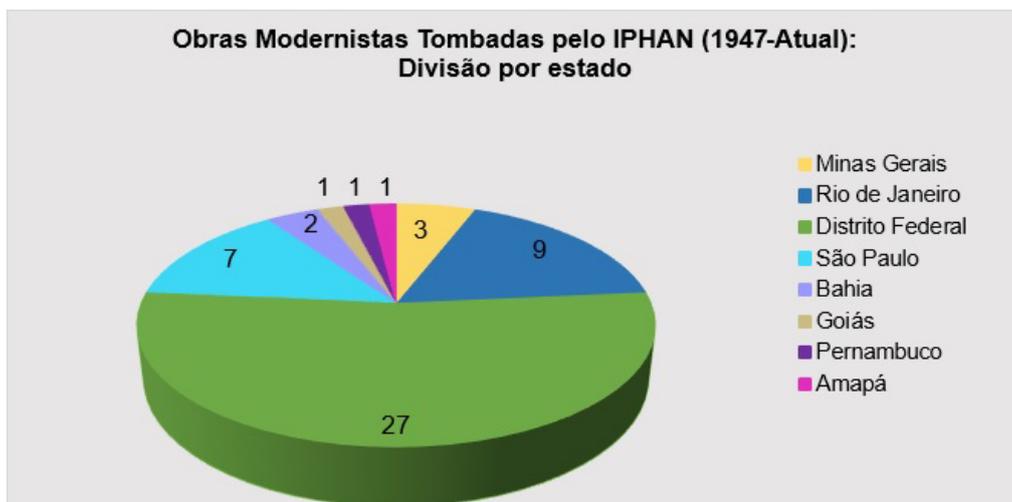
Outro dado observado foi a grande incidência de obras tombadas nas regiões Centro-Oeste (30) e Sudeste (16) — concentrando 92% das obras modernistas arquitetônicas e urbanísticas — seguidas pelo Nordeste (3), Norte (1) e nenhuma na Região Sul, como se pode observar nas figuras abaixo demonstrando a divisão regional e por estado (IPHAN, 2019):

Figura 2.1.:Gráfico das Obras Modernistas tombadas pelo IPHAN (1947- Atual): Divisão Regional



Fonte: Elaborado pela autora (2021). Dados extraídos de NASCIMENTO (2016) e Lista de bens tombados e processos de tombamento (IPHAN, 2019).

Figura 2.2.:Gráfico das Obras Modernistas tombadas pelo IPHAN (1947- Atual): Divisão Estadual



Fonte: Elaborado pela autora (2021). Dados extraídos de NASCIMENTO (2016) e Lista de bens tombados e processos de tombamento 25/11/2019, disponível na página do IPHAN.

Esses dados demonstram que o patrimônio moderno, considerado hoje como um representante da nação brasileira, concentra-se quase que exclusivamente nas regiões Sudeste e Distrito Federal, mesmo havendo representantes do modernismo em todas as regiões do país. Além disso, é constituído em sua grande parte por obras emblemáticas da

arquitetura e do urbanismo moderno que, quando não se sobressaem pela sua monumentalidade, constituem acervo dos arquitetos modernistas mais renomados do país.

A partir da caracterização desse acervo é possível observar a predominância de critérios que partem de uma perspectiva técnica, ou seja, percebe-se uma discreta mudança no padrão de ações do Órgão elencados anteriormente. Esses indicadores corroboram a dificuldade de colocar em prática as mudanças que estão presentes no seu discurso. Um dos principais entraves que impedem ou dificultam o avanço consiste na desvinculação do modelo preservacionista implantado no período de criação das políticas de preservação, modelo que:

No que se refere especificamente ao patrimônio arquitetônico, este é percebido como uma espécie de "coleção de objetos", identificados e catalogados por peritos, como representantes significativos da arquitetura do passado e, como tal, dignos de preservação, passando os critérios adotados aqui pelo caráter de excepcionalidade da edificação, à qual se atribuía valor histórico e/ou estético (CASTRIOTA, 2007, p.12).

Segundo o autor, o mesmo é dominante nas ações de preservação do patrimônio até os dias atuais, apesar da assimilação dos novos conceitos e discursos. Uma das características desse modelo é a centralização no papel das equipes técnicas (CASTRIOTA, 2007).

Quando se observa os tombamentos realizados do patrimônio moderno percebe-se, com raríssimas exceções, que costumam ocorrer a partir de iniciativas técnicas, isto é, por meio de instituições de preservação, universidades e pesquisadores interessados na preservação desses bens. A prática a partir da mobilização ou participação das comunidades locais são raras exceções (SILVA, 2012), o que certifica a afirmação de Fonseca (2017), sobre a baixa ressonância do assunto da preservação do patrimônio em esferas que não sejam as técnicas.

Em síntese, destaca-se o contexto privilegiado que a arquitetura e o urbanismo moderno — considerados portadores de um caráter excepcional — tiveram na área da preservação. Movimento que iniciou como uma ação de proteção para obras que estavam ameaçadas (1947-1967) (NASCIMENTO, 2016), mas que também possuiu um forte caráter de autoconsagração, não apenas das obras em si, mas de seus principais idealizadores (RUBINO, 1996), padrão que foi mantido no segundo momento (1983 – dias atuais) apesar de uma tímida abertura nas ações e políticas de preservação.

Observou-se também que uma das diferenças entre um período e outro está na ampliação do grupo de interessados em preservar os bens do período moderno. Enquanto, no primeiro momento, o grupo era composto pelo próprio elenco de arquitetos modernistas, no segundo passa a ser formado — além de técnicos do IPHAN — por pesquisadores,

universidades, instituições e a própria comunidade em geral, esse último de uma forma muito tímida. Fato que está relacionado com outra diferença, a da questão dos valores atribuídos, que continuou tendo no valor artístico e caráter de excepcionalidade seu maior esteio.

Entender esses elementos que compõem o campo da preservação do patrimônio no Brasil, ainda muito pautado em um modelo preservacionista, em que a lógica se resume muito à aplicação do instrumento de acautelamento (CASTRIOTA, 2009), é essencial para o entendimento da relação comunidade e patrimônio cultural nacional, considerada ainda bastante distante (FONCESA, 2017), sobretudo a relação com o patrimônio moderno, foco da presente pesquisa, que será abordado no item a seguir.

### **2.2.3. A comunidade e o patrimônio moderno**

Conforme visto anteriormente, o patrimônio moderno no Brasil nasceu a partir de um contexto favorável e da sobreposição do valor artístico e caráter de excepcionalidade, apesar do progressivo reconhecimento de seu valor histórico. Além disso, percebeu-se também, que o grupo que manifesta maior interesse pela preservação desse patrimônio — medido pelas iniciativas de abertura de processos de tombamento — está restrita a pesquisadores, instituições e indivíduos especialmente interessados na área de preservação do patrimônio.

A participação da comunidade nessas ações ainda é muito tímida, o que pode ser reflexo de vários fatores. Portanto, neste item, será observada a relação comunidade e patrimônio moderno, a partir de alguns dos poucos casos de pedido de tombamento encabeçados pela comunidade ou com larga participação desses agentes.

De forma cronológica, destaca-se o caso da casa modernista de Vila Mariana/SP, projetada por Gregori Warchavchik, que teve o pedido de tombamento aberto por Antônio Augusto Arantes, diretor do Condephaat, em 1983. O pedido partiu de uma mobilização dos moradores do bairro, que buscavam com a aplicação da medida de acautelamento a preservação da casa e do bosque no seu entorno, pois estavam ameaçadas de demolição para a construção de empreendimento residencial *Palais Versalle* (SCIFONI, 2007; NASCIMENTO, 2017). Essa mobilização contou ainda com a participação de políticos, universidades e demais interessados no assunto. Foram realizadas passeatas, abaixo-assinado, além de pareceres técnicos, resultando no tombamento pelo Condephannt, em 1984, e pelo IPHAN, em 1985 (NASCIMENTO, 2016).

A proposta, como coloca Scifoni (2007), foi bem aceita, pois tratava-se de um bem cultural modernista, uma referência da arquitetura brasileira. No entanto, o que motivou a mobilização da comunidade não foi a arquitetura em si, mas a manutenção da qualidade

ambiental e das memórias afetivas que a casa proporcionava aos moradores da região, como pode ser observado:

A proposta de proteção da casa, dos jardins e do bosque fazia parte da solicitação dos moradores do bairro para garantir determinada qualidade de vida ameaçada pela especulação imobiliária. O empreendimento Palais Versalles com suas quatro torres de edifícios residenciais comprometia a dimensão da vida cotidiana dos moradores e das suas memórias afetivas, elementos significantes nos novos processos de preservação. Os moradores e a opinião pública protestaram veemente contra a perda do espaço verde da casa (este sim novidade nas políticas de preservação) e da transformação radical por que passava o bairro da Vila Mariana com a chegada do metrô (NASCIMENTO, 2016, p.114).

Como coloca a autora, o processo de tombamento para os moradores locais tinha o intuito de proteger ou tentar barrar as rápidas mudanças que o bairro passou a sofrer após a chegada do metrô e conseqüente valorização da área. Ou ainda, em suas palavras, “de lutar contra o fato de que o bairro estava sendo engolido pelo crescimento da cidade, destruindo seus referenciais, sua identidade, sua sociabilidade, sua singularidade” (SCIFONI, 2007, p.112). Esse movimento da sociedade civil, ação da imprensa e diálogo entre todos esses agentes “(...) davam o tom de patrimônio cultural nas políticas urbanas. Novos objetos e atores sociais postavam-se diante dos anos de acúmulo de saberes e de atos de preservação o Órgão federal” (NASCIMENTO, 2016, p.112-114), como foi observado nos itens anteriores. Quanto as atribuições evidenciadas pela perspectiva técnica, observa-se que:

No processo do IPHAN da Casa Modernista, a argumentação arquitetônica é levada ao ponto de o ato não se restringir apenas à “pioneira” Casa da Vila Mariana (conforme “opinião do arquiteto Lucio Costa”), mas incluir outras duas residências do arquiteto, as casas da rua Bahia e da rua Itápolis, que representavam o conjunto da obra de Warchavchik, ou arriscando dizer, a “evolução” da obra. O parecer do coordenador do IPHAN em São Paulo, Antônio Luís Dias de Andrade, em resposta ao pedido da comunidade de proteção da casa à rua Santa Cruz, desviava e focava a valorização na arquitetura, articulando interpretações de professores da FAU-USP sobre a casa pioneira (NASCIMENTO, 2016, p,159).

Como foi possível observar, um dos casos de pedido de tombamento protagonizado pela comunidade não parte de um reconhecimento historiográfico ou artístico da arquitetura moderna. O que a comunidade tenta preservar é a qualidade ambiental que a obra proporciona ao espaço, assim como os significados promovidos pela memória afetiva de seus moradores. Percepção que difere dos técnicos do IPHAN e demais pesquisadores da área, que destacam o valor historiográfico não apenas deste bem em específico, mas do conjunto de obras de Gregori Warchavchik para a arquitetura modernista brasileira. Diante desse fato, percebe-se as diferentes perspectivas e valores atribuídos ao bem pela ótica dos diferentes atores envolvidos no processo, que não se excluem mais complementam-se. Demonstração prática que reforça o discurso adotado pelos Órgãos de preservação do patrimônio sobre a necessária participação de todos os atores envolvidos no processo.

Outro caso a se destacar foi o tombamento do Centro Histórico do Município de Cataguase/MG, onde “observa-se a ativa participação da sociedade civil, através do cidadão comum ou de instituições locais, em um esforço conjunto para evitar a descaracterização de exemplares modernistas espalhados no centro histórico da cidade” (SILVA, 2012, p.103). A peculiaridade deste caso e que muito possivelmente contribuiu para o envolvimento da comunidade nas ações de preservação reside no forte contexto histórico e memorial que envolve esse cenário, palco de manifestações modernistas expressas na literatura, na arte e na arquitetura (SANTOS, LAGE, 2005; ALONSO, 2010).

Segundo Alonso (2010), o processo de tombamento<sup>6</sup> em âmbito federal, iniciado em 1994 e aprovado em 1995, teve um processo diferente do que costumava acontecer, pois partiu de uma iniciativa do município, no ano de 1987, que buscava auxílio do IPHAN para preservar o patrimônio da cidade. Essa abertura permitiu uma nova abordagem, que pretendia, antes de pensar em tomar, promover um trabalho de valorização do patrimônio a partir de parcerias entre técnicos, poder público e comunidade. Esses trabalhos serviriam para conscientizar a população e promover a preservação.

A partir dessa iniciativa surgiu o projeto “Memória e Patrimônio Cultural de Cataguases”<sup>7</sup>, trabalho de história oral, com registros importantes de acontecimentos e personalidades da cidade, que se desdobrou posteriormente no projeto “Cataguases: um olhar sobre a modernidade” (1994), de iniciativa do Instituto de Arquitetos do Brasil com apoio de outros Órgãos e da comunidade. Alonso (2010) afirma que esse projeto teve grande papel para o embasamento do dossiê de tombamento realizado no mesmo ano. No entanto, os desdobramentos dessas ações não ocorreram totalmente de acordo com o esperado:

Assim pode-se ver que se o IPHAN avançou por um lado ao adotar o conceito ampliado de patrimônio no dossiê, porém, não avançou na implementação e regulamentação da preservação, ou seja, nas ações. O processo parece que se encerrou no ato de tombamento, apesar dos pareceres de Andrade e Campofiorito apontarem para perspectivas de continuidade (ALONSO, 2010, p.109).

Isso ocorreu, em síntese, pela falta de consonância entre os agentes envolvidos no processo, em especial a administração pública e o IPHAN. Pouco antes do tombamento do conjunto histórico e da delimitação de sua poligonal, a câmara de vereadores aprova “Um novo ‘Código de Zoneamento, Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo Urbano (leis nº 2427 e 2428)” (SANTOS, LAGE, 2005, n.p), que não considerou os estudos e as discussões do

---

<sup>6</sup> Processo de Tombamento (1342-T-94): Cataguases –MG: conjunto histórico, arquitetônico e paisagístico.

<sup>7</sup> O projeto resultou em 3 volumes do livro Memória e Patrimônio Cultural de Cataguases, publicados respectivamente em (1988, 1990, 1996). (ALONSO, 2010).

dossiê de tombamento propondo recomendações completamente opostas à preservação da poligonal que seria tombada.

Além disso, o conselho municipal que haveria de ser estruturado pela administração pública levou três anos para se concretizar de forma consultiva e sem a presença das instituições que poderia dar aporte técnico. Somando-se à contradição e ambiguidade observada nas ações do poder público, o município — motivado por uma legislação estadual de incentivo financeiro — ainda busca a patrimonialização da mesma poligonal na esfera municipal. (ibidem, 2005).

No caso de Cataguases/MG, percebe-se que, antes do reconhecimento de outros valores do conjunto moderno, há um processo de identificação cultural que está diretamente relacionado à história e à memória do lugar. Nesse caso, observou-se dinâmicas que incorporam as premissas de participação social, assim como a própria conscientização da comunidade através de palestras e oficinas, conforme Alonso (2010). Segundo Santos e Lage (2005), o processo foi muito eficiente quanto às questões conceituais e metodológicas, pecando na ação e gestão do bem tombado.

Em ambos os casos, identifica-se que, quando ocorre a participação comunitária — pois são poucos os casos significativos — as atribuições de valor estão relacionadas geralmente com: a qualidade ambiental; o fator histórico e a memória e conexão afetiva. Ou seja, diferem-se das justificativas oficiais mesmo que possam estar relacionadas.

Isso fica bastante evidente em casos em que se espera o reconhecimento e identificação da comunidade sobre o patrimônio moderno pautando-se apenas nos valores diretamente relacionados ao objeto material ou então a uma história que não é apropriada pela comunidade. Ramos (2018) em seu artigo “Desafios para a preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico modernos em São Paulo: o Docomomo no início do século 21”, levanta essa questão e a expõe através de uma situação prática. O autor inicia a sua reflexão a partir de que:

(...) a sociedade consegue se sensibilizar mais com o histórico do que com o moderno. Parte dessa situação é resultado de uma percepção temporal e outra plástica. A temporal é resultado da percepção evidente de que se trata de uma construção antiga (ainda que não seja) e a plástica parte da aceitação de uma componente estética que identifica o classicismo (e até o ecletismo) como uma expressão artística. Isto não ocorre com o movimento moderno, que, apesar de historicamente ser resultado de uma postura estética, não é assim reconhecido pela cultura popular, que o identifica com um acúmulo de caixas e sua temporalidade se afasta do antigo para resumir-se no velho (RAMOS, 2018, n.p).

Para demonstrar essa dificuldade de reconhecimento do moderno, o autor faz uma reflexão em cima de uma fala do presidente da Conpresp (Secretaria Municipal de Cultura

Prefeitura da cidade de São Paulo), que ocorreu em uma mesa redonda organizada pelo Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa), onde o presidente se refere aos prédios do Largo do Paissandu<sup>8</sup> — edifícios modernistas — como “lixo de se jogar fora”(RAMOS, 2018, n.p).

Segundo Ramos (2018), o presidente da Conpresp apenas reconhece o valor da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e descarta todo o entorno com edifícios modernos na sua volta. Para ele, esse posicionamento reflete claramente a sensibilização com uma estética compreendida como histórica, assim como com o estado de conservação em que se encontram, uma vez que a igreja está conservada enquanto alguns prédios, como ele mesmo diz, estão em um “estado lamentável” (ibidem, 2018, n.p). Para o autor, o moderno não é percebido como passado pela sociedade em geral, configurando uma dualidade, “(...) por um lado o legado conceitual do movimento moderno e por outro uma sociedade que não tem uma sensibilidade orientada à compreensão dos benefícios do legado construído desse movimento e sua específica temporalidade” (ibidem, 2018, n.p).

Nascimento (2016, p.440) confirma essa dificuldade quando diz que “o dilema das proteções à arquitetura moderna adveio das dificuldades de considerá-la passado”, dilema que de certa forma está relacionado a outra constatação da autora, a de que “o patrimônio está ainda hoje marcado por suas concepções de identidade nacional ancoradas no período colonial (...)” (NASCIMENTO, 2016, p. 21-22).

Um fator que pode estar relacionado com essa dificuldade por parte da comunidade de reconhecer a arquitetura moderna como patrimônio é a incompatibilidade de percepções acerca do bem protegido, reforçadas por ações impositivas disfarçadas de educação patrimonial. Situações que foram muito comuns e que atualmente têm sido vencida pelas novas formas de atuação do Órgão, pautada na:

(...) lógica tradicional dos Órgãos de patrimônio, que comumente separam e hierarquizam as atividades da preservação iniciando com a pesquisa, identificação e proteção legal, para depois, em uma etapa sobressalente ou complementar, desenvolver atividades educativas, as quais, via de regra, apresentam conteúdos predominantemente de divulgação (NASCIMENTO, SCIFONI, 2015, p. 34-35).

---

<sup>8</sup>O edifício Wilton Paes de Almeida, obra ímpar de Roger Zmekhol, de 1961-1968; o Domingos Fernandes Alonso, onde está a Galeria Olido, construído pela Sociedade Construtora Duarte, em 1957; o conjunto José Paulino Nogueira, onde se encontrava o cine Paissandu, do Escritório de Ramos de Azevedo e Severo Villares, de 1958; o Centro Comercial Grandes Galerias, conhecido como “Galeria do Rock”, de Alfredo Mathias, de 1962-1963; e, ainda, o Cine Arte-Palácio, de Rino Levi (o cinema, não o edifício), de 1936” (RAMOS, 2018, n.p). Em complemento é necessário recordar do desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida em 1/05/2018, por conta de um incêndio não controlado. (Notícia, disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/01/incendio-e-desabamento-do-predio-no-largo-do-paissandu-completa-um-ano-veja-o-que-se-sabe-sobre-o-caso.ghtml>. Acesso em: Mar 2021).

É válida a menção a esse formato de abordagem, pois, apesar dessa lógica ter sido invertida atualmente, trazendo a educação patrimonial para os momentos iniciais dos estudos afim de incorporar a identidade local no processo, a mesma não está completamente consolidada e necessita ser fomentada (NASCIMENTO, SCIFONI, 2015). Além disso, à exceção de processos bem recentes, essa prática faz parte do histórico de grande parte dos processos de patrimonialização de bens modernos.

Portanto, o que se pode compreender a partir do exposto é que, se já há um distanciamento entre comunidade e patrimônio cultural pela não identificação ou reconhecimento da comunidade com o bem tombado, como dito por Fonseca (2017), esse hiato é agravado quando se trata do patrimônio moderno, uma vez que a sociedade em geral — quando reconhece um bem como digno de ser preservado — se sensibiliza com maior facilidade com aquilo que identifica como “histórico”. Isso ocorre, especialmente, nos casos em que se espera da sociedade uma valorização artística-histórica ou conceitual do patrimônio moderno (NASCIMENTO, 2016; RAMOS, 2018). Quer dizer, quando se espera que a sociedade reconheça valores nesses patrimônios que não correspondem com suas vivências e percepções.

No entanto, o fato de não haver a identificação da comunidade com os valores dados pela esfera técnica, não significa que os primeiros não atribuam valores e sentidos ao patrimônio moderno e que não os reconheçam como dignos de serem preservados. Nos exemplos abordados anteriormente, é possível perceber isso em ambos os casos, visto que a comunidade saiu em defesa desses patrimônios especialmente pela manutenção de uma memória afetiva, identidade cultural e qualidade ambiental e não pelo reconhecimento como obras de valor artístico e histórico.

Dessa forma, identifica-se o seguinte contexto: o distanciamento da comunidade com o patrimônio moderno, causado pela não identificação e/ou entendimento desses indivíduos, está inserido aos valores atribuídos pelas esferas técnicas, responsáveis pelos discursos oficiais que justificam os tombamentos. Também está aliado à dificuldade que os Órgãos e organizações que visam a preservação do patrimônio possuem em implementar os novos conceitos e abrangências da área, já presentes em seus próprios discursos (FONSECA, 2005; CASTRIOTA, 2007; RAMOS, 2018). Caracterizando, assim, a falta ou incipiência de instrumentos ou mecanismos que propiciem esse envolvimento, começando pela inserção e compreensão da percepção da própria comunidade sobre o patrimônio que estão inseridas.

Tais fatores evidenciam a incipiência de mecanismos que considerem as atribuições da comunidade local sobre o patrimônio moderno que estão inseridos e que também busque garantir o envolvimento efetivo desses indivíduos nos processos relacionados a sua

preservação. Essa constatação, associada ao que foi exposto até o presente momento, instigou a seguinte pergunta de pesquisa: a partir da análise da inter-relação entre comunidade e patrimônio moderno em ambiente amazônico e da identificação do sentido de lugar, como é possível propiciar o envolvimento da comunidade local nas ações de preservação?

Conforme já fundamentado, a exploração por novos caminhos que propiciem efetivamente o envolvimento da comunidade nos processos de preservação não é apenas pertinente, mas uma busca necessária. Pois, constatou-se que, apesar da ampliação dos conceitos e abrangências na área do patrimônio, observa-se que quanto à aplicação da premissa que prevê a fundamental importância do envolvimento comunitário nos processos de preservação, a mesma não se dá efetivamente ou, então, se dá de forma bastante incipiente na prática. Além disso, observou-se também que um dos principais motivos que dificultam esse envolvimento reside na dificuldade que a sociedade possui em compreender ou se identificar com os valores oficiais — presentes nas justificativas e atas de tombamento — e que percorrem os discursos educativos proferidos pelas equipes técnicas dos Órgãos de proteção.

É evidente que esse discurso é importante e que deve ser proferido. Mas, para que a comunidade possa de fato absorvê-lo, é necessária uma compatibilização que inclua as suas próprias perspectivas nesse cenário, se possível, antes mesmo de ocorrer o tombamento. Dessa forma, pautado nessas reflexões, definiu-se o objetivo geral da pesquisa que consiste em: propor caminhos que propiciem o envolvimento comunitário nos processos de preservação do patrimônio moderno no ambiente amazônico, a partir da identificação do seu sentido de lugar e das inter-relações de seu contexto.

Isto posto, esse objetivo direciona a pesquisa para a área da psicologia ambiental que, em linhas gerais, “empenha-se em investigar e compreender os processos psicossociais decorrentes das inter-relações entre pessoa e os seus entornos sociais e físicos” (HIGUCHI, KUHNEN, PATO, 2019, p.9). Este conteúdo será desenvolvido no item 2.4, a seguir serão abordadas algumas especificidades do ambiente amazônico.

### 2.3. A ARQUITETURA E URBANISMO MODERNO NO AMBIENTE AMAZÔNICO

No decorrer do trabalho foi possível observar que apesar das obras arquitetônicas e urbanísticas modernas terem tido como um de seus principais intentos representar uma arquitetura e urbanismo nacional. Isto é, uma identidade nacional, sendo fervorosamente construído por seus idealizadores, tanto na construção de sua materialidade quanto de sua memória. Essas ações, assim como as dos Órgãos e organizações que visam a preservação

desse patrimônio, não foram suficientes para suplantar na população em geral uma identificação ou reconhecimento dessas obras como dignas de serem preservadas ou como causas que as façam se envolver nas ações referentes a sua preservação.

Diante desse cenário, com o intuito de explorar formas de minimizar a lacuna existente pela incipiência de mecanismos que considerem as atribuições da comunidade local sobre o patrimônio moderno que estão inseridos, optou-se por direcionar os estudos ao ambiente amazônico. Pois, como será visto no presente item, este configura-se por uma complexidade que o faz único diante dos demais contextos nacionais, seja pela forma como se deu a sua implantação ou pela própria representação que essas obras possam ter diante da comunidade amazônica e também nacional, uma vez que 92% do que é considerado patrimônio moderno em âmbito federal está circunscrito dentro de apenas três estados brasileiros, como foi possível observar nas figuras 2.1 e 2.2 (IPHAN, 2019).

Como visto anteriormente, há apenas um (1) representante da arquitetura e urbanismo modernista tombado nessa região. Entretanto, isso não quer dizer que não existam mais manifestações do modernismo no referido contexto. Pelo contrário, outras obras da vanguarda compõem o cenário amazônico e representam importante marco para a história nacional e da região. Por esse motivo, o reconhecimento da necessidade de explorar a temática da arquitetura e urbanismo modernista na Amazônia tem ganhado força nos últimos anos, um indício dessa afirmação é o Seminário da Arquitetura Moderna da Amazônia (SAMA), que ocorria anualmente até a impossibilidade de encontros e deslocamentos impostos pela pandemia do Covid-19. Desde 2016<sup>9</sup>, o evento já teve quatro edições e conta com pesquisadores das Universidades Federais que compõem a Amazônia Legal<sup>10</sup>. No texto de divulgação da terceira edição, é possível observar a necessidade de fomentar a pesquisa sobre a referida temática na região e também de buscar formas de envolver a sociedade nos processos de preservação desses lugares.

---

<sup>9</sup>Esse seminário é uma iniciativa do coletivo independente Núcleo AMA-NAMA e conta com a participação de pesquisadores das Universidades Federais da Amazônia Legal. Notícia CAU-RR. (Disponível em: <http://www.caurr.gov.br/iv-seminario-de-arquitetura-moderna-na-amazonia/>. Acesso em: Abr. 2021).

<sup>10</sup>“A Amazônia Legal foi instituída pela Lei 1.806, de 06/01/1953, com o objetivo de definir a delimitação geopolítica com fins de aplicação de políticas de soberania territorial e econômica para a promoção de seu desenvolvimento. Os limites da Amazônia Legal foram se estendendo em função da área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). Hoje, ela ocupa 5.015.067,749 km<sup>2</sup>, correspondente a cerca de 58,9% do território brasileiro (8.510.295,914 km<sup>2</sup>) em conformidade com a recente divulgação da malha municipal. Nove estados compõem a Amazônia Legal – Acre (22 municípios), Amapá (16), Amazonas (62), Mato Grosso (141), Pará (144), Rondônia (52), Roraima (15), Tocantins (139) e parte do Maranhão (181, dos quais 21 foram parcialmente integrados) – com um total de 772 municípios.” (IBGE, 2019). Disponível em: <https://www.ecoamazonia.org.br/2020/06/ibge-atualiza-mapa-amazonia-legal/>. Acesso em: Abr. 2021).

É preciso, mais do que nunca nos dias que correm, que nos empenhemos em discutir os temas que deem conta das questões prementes da arquitetura moderna que aqui se desenvolveu, se construiu, se destruiu ou está em vias de desaparecimento. Necessário se faz também um esforço conjunto para envolver a sociedade no caminho do reconhecimento, valorização e preservação dos espaços modernos, e no entendimento dos processos que, na Amazônia brasileira, contribuíram para sua produção (VIDAL, 2018).

Sendo assim, a presente pesquisa se propõe a explorar a temática da percepção da comunidade sobre o patrimônio moderno no ambiente amazônico, com o intuito de contribuir também com a produção de conhecimento sobre a respectiva área. Para isso, será realizado uma breve contextualização da construção do espaço da Amazônia e o papel da arquitetura e urbanismo moderno nesse processo, assim como as principais tipologias abarcadas pela temática. Cabe mencionar que, apesar de constituir um ambiente com dinâmicas distintas das demais regiões e centros urbanos brasileiros, possui contextos diversos e específico de cada localidade, estado ou país que abarca. Portanto as caracterizações do ambiente serão retomadas na contextualização do caso que será estudado. Essa medida é adotada para que não haja margem a generalizações a respeito do ambiente amazônico.

### **2.3.1. O processo de ocupação e urbanização da Amazônia e a arquitetura e urbanismo moderno na região**

Tendo em vista que o bioma Amazônia<sup>11</sup> não está circunscrito apenas em um país, nem a uma região do Brasil, é necessário que identifique o exato ambiente amazônico tratado, que está delimitado pelos estados que fazem parte da Amazônia Legal, mesma limitação utilizada pelo Núcleo AMA-NAMA, citado anteriormente. Sendo assim, o ambiente amazônico tratado consiste na porção brasileira que é composta pelos seguintes estados: Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins, Mato Grosso, Maranhão (IBGE, 2021),

Esse vasto território que ocupa uma grande proporção do território nacional é composto por uma grande diversidade física e biológica, onde então circunscritas florestas, cerrados atípicos, campos, campinas, áreas de várzea e igapós, grandes e profundos rios e igarapés. Além disso, também abriga uma pluralidade cultural e social cuja origem também é diversa e muitas vezes desconhecida. O que se sabe, de forma muito simplificada, é que os primeiros habitantes desse espaço viviam em harmonia com o mesmo, dinâmica que perdurou até a chegada do 'progresso', quando é introduzido uma cultura distinta do residente original (OLIVEIRA, 1988, p.3).

---

<sup>11</sup> O "BIOMA AMAZÔNIA estende-se do oceano Atlântico às encostas orientais da Cordilheira dos Andes, até aproximadamente 600 m de altitude, contendo parte de nove países da América do Sul, sendo 69% dessa área pertencente ao Brasil" (Ferreira, Venticinquê, Almeida *Apud* Ab'Saber, 2005).

Em seguida é possível observar a área que incorpora a atual Amazônia Legal:

Figura 2.3 – Delimitação da Amazônia Legal



Fonte: IBGE (2021)<sup>12</sup>.

Esse vasto território que ocupa uma grande proporção do território nacional é composto por uma grande diversidade física e biológica, onde então circunscritas florestas, cerrados atípicos, campos, campinas, áreas de várzea e igapós, grandes e profundos rios e igarapés. Além disso, também abriga uma pluralidade cultural e social cuja origem também é diversa e muitas vezes desconhecida. O que se sabe, de forma muito simplificada, é que os primeiros habitantes desse espaço viviam em harmonia com o mesmo, dinâmica que perdurou até a chegada do ‘progresso’, quando é introduzido uma cultura distinta do residente original (OLIVEIRA, 1988, p.3).

Esse processo que se intensifica a partir das primeiras ações que buscam definir essas fronteiras territoriais iniciou-se entre os anos de 1850 e 1899, devido à preocupação do império com as navegações no Rio Amazonas — referenciado pela autora como grande Rio — no período do ciclo da borracha, finalizado apenas em 1930. Ainda segundo a autora, essa conformação se deu por meio da ocupação e urbanização da região caracterizada por três elementos principais que ainda podem ser observados na atualidade (BECKER, 2007). São eles:

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.ecoamazonia.org.br/2020/06/ibge-atualiza-mapa-amazonia-legal/>

UMA OCUPAÇÃO TARDIA DEPENDENTE DO MERCADO EXTERNO: (...). No caso da Amazônia, sua ocupação se fez em surtos devassadores ligados a valorização momentânea de produtos do mercado internacional, seguindo-se longos períodos de estagnação;

A IMPORTÂNCIA DA GEOPOLÍTICA: (...) O controle do território foi mantido por um processo de intervenção em locais estratégicos — fortes na embocadura do grande rio e de seus principais afluentes — pela posse gradual da terra (*uti possidetis*) e pela criação de unidades administrativas diretamente vinculadas ao governo central.

A EXPERIÊNCIA E O CONFRONTO DE MODELOS DE OCUPAÇÃO TERRITORIAL: trata-se de duas concepções distintas. Uma, baseada numa visão externa ao território, que afirma a soberania privilegiando as relações com a metrópole; (...). A outra, baseada numa visão interna do território, fruto do contato com os habitantes locais, e privilegiando o crescimento endógeno e autonomia local, como ocorreu no projeto missionário (...) (BECKER, 2007, p. 24).

Somando-se a esses elementos, Trindade Júnior (2015) coloca que a conformação e urbanização da Amazônia — que se deu de maneira difusa — fragmentou e introduziu diferentes processos na região, que ainda hoje são sentidos, uma vez que reforçam modelos econômicos e socioculturais que vão de encontro, muitas vezes, com as demandas sociais da região. Esses processos que são sentidos como adversos ainda hoje podem implicar diretamente sobre a percepção que a comunidade possa ter sobre o patrimônio moderno na região. Nesse sentido, a difusão da arquitetura e urbanismo moderno está diretamente relacionada com a ocupação denominada como exógena, ou seja, a que se deu a partir de uma visão externa ao território, como visto na citação anterior (BECKER, 2007).

Quanto à conformação do planejamento regional da Amazônia, segundo Becker (2004), ocorreu entre os anos de 1930 e 1985, a partir do planejamento governamental iniciado por Getúlio Vargas com a implantação do Estado Novo, caracterizando-se a princípio, muito mais como um movimento discursivo do que prático. Ainda segundo a autora, é somente no governo de Juscelino Kubitschek que as ações direcionadas para a região vão se materializar de forma mais contundente, o que vai promover a acentuação da migração para a região e crescimento da população, que aumenta “de 1 para 5 milhões entre 1950 e 1960” (BECKER, 2007, p. 25).

Esse período, correspondente à introdução, consolidação e declínio da vanguarda moderna no Brasil e no ambiente amazônico, teve como marco principal a Semana de Arte Moderna em 1922 realizada na cidade de São Paulo. Na arquitetura, essa introdução foi marcada pela publicação do Manifesto da Arquitetura Funcional de Gregori Warchavchik, em 1925 e pela construção, também realizada por ele, da primeira casa modernista no ano de 1927, já referenciada anteriormente. O movimento ganha força a partir do golpe de 30 e instauração do Estado Novo, uma vez que “a classe política que agora sobe ao poder sai do

mesmo ambiente em que se apoiam os artistas de vanguarda, os quais, de agora em diante, não são mais confinados à oposição, mas passam a fazer parte da elite dirigente” (BENEVOLO, 2001, p. 712). Alinhamento que se dá, como já foi visto anteriormente, pelo intento de construir uma identidade nacional (CASTRIOTA, 2009; FONSECA, 2017).

O ápice dessa conjunção, assim como das ações direcionadas à conformação e planejamento regional da Amazônia, como mencionado por Becker (2007), acontece também durante o governo de Juscelino Kubitschek — incentivador da arquitetura moderna — com a construção da nova capital Brasileira inaugurada em 1960, sob preceitos arquitetônicos e urbanísticos modernos (BENEVOLO, 2001, p. 716). Nesse mesmo período, “paralelo à construção de Brasília, outro projeto de menor escala, mas também de grande envergadura na Amazônia era inaugurado, a Vila de Serra do Navio, iniciava-se um marco histórico para o então Território Federal do Amapá, posteriormente estado do Amapá” (TOSTES, 2013, p. 41).

Os núcleos urbanos Serra do Navio e Vila Amazonas, no então Território Federal do Amapá, são derivados diretos do processo de ocupação e urbanização exógena dependente do mercado externo, dinâmica apontada por Becker (2007), uma vez que ambos foram construídos para atender às demandas de uma empresa mineradora chamada Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI). A indústria se instalou na região para explorar as jazidas de manganês localizadas onde foi instalado o primeiro núcleo citado (DRUMMOND e PEREIRA, 2007). Os conjuntos são representantes da expansão territorial que ocorreu na Amazônia, sobretudo a partir de 1960, assim como da difusão da arquitetura moderna no Brasil. Pois, foram projetados sob os preceitos modernos pelo arquiteto Oswaldo Arthur (RIBEIRO, 1992). Atualmente o núcleo de Vila de Serra do Navio é um dos quatro conjuntos urbanos modernos tombados em âmbito nacional e o único localizado no ambiente amazônico (IPHAN, 2018).

Apesar deste ter sido o único bem tombado nacionalmente, houveram outras incidências da arquitetura moderna na região que, de certa forma, também estavam relacionadas à expansão urbana ou à modernização. Ainda referente ao estado do Amapá e sua produção moderna, destaca-se os investimentos realizados entre os anos de 1943 e 1955 — período denominado como Janarista — na cidade de Macapá. Essas intervenções se deram a partir do ano de 1943, pois é nesse momento que o estado deixa de pertencer ao estado do Pará e se torna oficialmente o Território Nacional do Amapá (TOSTES, WEISER, 2018).

No governo janarista foram construídas obras necessárias para atender às demandas da nova capital. Em um curto período foi definido um novo traçado urbano para a cidade, inspirados nas características da cidade moderna: ruas e avenidas largas, espaços públicos ampliados para atender atividades de trabalho e de lazer. O que mais marcou a paisagem urbana, durante esse período, foi a diversidade das fachadas das edificações que se mesclaram

com o traçado da cidade concebida por Janari (TOSTES, WEISER, 2018, p. 37).

Soma-se a esse período obras que ultrapassam a década de 1960. No entanto, para que se possa ter uma breve visão a respeito da arquitetura e urbanismo moderno do ambiente amazônico, limitar-se-á a feitos realizados até esse momento.

Sobre a arquitetura moderna realizada no estado do Pará, mais precisamente na cidade de Belém, é importante salientar que a mesma — diferentemente do que ocorreu no Amapá, que começa o seu desenvolvimento urbano com mais intensidade a partir de 1943 — já vinha recebendo intervenções modernizadoras antes mesmo da instauração do Estado Novo (1930). Como demonstra Dias e Chaves (2015, p. 3), “Antônio Lemos, intendente no período de 1887 a 1911, tomado pelos ideais haussmanianos, tentou converter Belém em uma Paris Tropical, a partir de remodelações urbanas e arquitetônicas”, promovendo uma ruptura com a cidade colonial. Além desta intervenção, é possível observar de forma pontual — uma vez que a região não foi impactada pela industrialização modernizadora que ocorreu no Sul/Sudeste — mudanças na imagem da cidade que se deram a partir da introdução de algumas obras modernas, localizadas em especial na Avenida 15 de Agosto, em um bairro nobre da cidade (DIAS e CHAVES, 2015).

Entre elas destacam-se a “sede dos Correios e Telégrafos em 1938, projeto atribuído ao arquiteto Silveira Landim seguido do edifício do antigo IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários), projeto de Edemar Penna de Carvalho de 1949” (VIDAL, 2019, p. 140). Segundo Segawa (2002, p. 69), a primeira obra citada fez parte do “(...) mais ambicioso projeto nacional de normalização arquitetônica oficial”, infraestrutura implementada nas sedes das capitais e principais cidades brasileiras. Esses dois exemplares também fazem parte do acervo moderno de São Luís, que da mesma forma que em Belém, passa por um período de intervenções urbanas modernizadoras pautadas na ideia de higienismo, embelezamento da cidade e alargamento das vias (NASCIMENTO, PFLUEGER, 2019). Tanto em Belém quanto em São Luís, a arquitetura moderna foi expressa também na tipologia residencial ligada a classe social mais alta (VIDAL, 2019), em São Luís com projetos de arquitetos de outros estados, como Rio de Janeiro e São Paulo (NASCIMENTO, PFLUEGER, 2019).

Em Manaus, de acordo com Cereto (2005), o processo de urbanização e modernização inicia-se ainda no século XIX e, assim como em Belém, está relacionado ao auge da economia da borracha (VIDAL, 2019). Esse processo de transformação se dá na região a partir da implantação de uma arquitetura importada da Europa que está diretamente relacionada com a grande imigração, sobretudo inglesa, durante o período citado. Por esse motivo as grandes obras consideradas são datadas do século XIX, como o Teatro Amazonas, o prédio da Alfândega e o Mercado Municipal. Quanto às obras modernistas do período

delimitado, é possível identificar apenas alguns casos pontuais, “como a Casa Sabbah de Afonso Eduardo Reidy, da década de 1950, consulado Suíço dos Irmãos Roberto e o Hotel Amazonas, projeto de Paulo Antunes Ribeiro em 1947” (CERETO, 2005, p. 1). Escassez que é explicada pelo hiato econômico derivado do fim do ciclo da borracha (ibidem, 2005).

O que se percebe sobre essa primeira etapa (1930-1960) de difusão da arquitetura moderna na Amazônia é que a mesma estava diretamente relacionada com a ação do Estado em todas as áreas mencionadas. A partir de obras urbanas, prédios institucionais ou então buscando acompanhar o processo de modernização que se dava em âmbito nacional, mesmo que esse último ponto tenha ocorrido de forma discreta, devido ao período de estagnação econômica. Quando não estavam vinculadas diretamente com o Estado, derivavam da necessidade do mercado externo como demonstrou Becker (2007), seja para a exploração do Látex ou do manganês, ou de outros produtos não mencionados.

Além disso, percebe-se que as intervenções modernistas no ambiente amazônico foram realizadas para atender uma demanda externa ou para introduzir a “modernização”. Portanto, foram processos exógenos que podem ter sido implementados sem necessariamente observarem as demandas sociais da região, como havia observado Trindade Júnior (2015). Fatores que poderão estar presentes nas percepções dos atuais habitantes do patrimônio que será estudado.

#### 2.4. PSICOLOGIA AMBIENTAL E O PATRIMÔNIO MODERNO NO AMBIENTE AMAZÔNICO

Finalizada a exploração sobre as questões relacionadas ao patrimônio moderno no ambiente amazônico, no presente item será introduzido os conceitos da psicologia ambiental, caminho teórico e metodológico escolhido para tratar do problema abordado na presente pesquisa, onde se desenvolvem os conceitos de sentido de lugar, apego e identidade de lugar.

Segundo Moser (2018), a psicologia ambiental consiste em uma disciplina jovem, que se consolidou na década de 1970 a partir das primeiras publicações de manuais considerados consagrados da referida área. Quanto ao seu desenvolvimento, apesar de não estar restrito as áreas da arquitetura e do urbanismo, sofreu forte influência das mesmas, visto que os profissionais destas áreas se utilizaram da disciplina para tratar de questões que envolviam o ambiente construído e os indivíduos que o ocupam. Além desse campo, que se interessa pelo ambiente construído — composta por estudos de ergonomia, arquitetura, planejamento urbano e da paisagem —, soma-se à psicologia e às disciplinas que tratam dos ambientes naturais (GÜNTER, 2005). Sendo que todas, independentemente do tipo de ambiente ao qual se referem, têm como foco a relação pessoa-ambiente (MOSER, 2018; GÜNTER, 2005). Portanto, define-se a psicologia ambiental como a disciplina que:

Estuda a pessoa no seu contexto físico e social, no intuito de desembaraçar a lógica das inter-relações entre a pessoa e o seu ambiente, pondo em evidência as percepções, atitudes, avaliações e representações ambientais, de uma parte, e, da outra, os comportamentos e condutas ambientais que as acompanham (MOSER apud MOSER, 2018, p.21).

Essa inter-relação que o autor se refere e que se pretende desembaraçar, é expressa dessa maneira justamente por não se tratar de uma perspectiva unilateral, mas de uma relação de reciprocidade entre “fenômenos psicológicos (comportamentos e estados subjetivos) e variáveis ambientais físicas”, de diversas escalas (GÜNTHER, 2005). Portanto, a referida área “interessa-se tanto pelos efeitos das condições ambientais sobre comportamento e conduta da pessoa, como pela maneira pela qual esta percebe ou age sobre o ambiente” (MOSER, 2018, p. 22), afim de desvendar os processos que estão por trás da relação pessoa-ambiente.

Além disso, essa abordagem propicia não apenas a ação de desvendar os processos que envolvem a relação indivíduo-ambiente, mas abre caminhos para promoção ou direcionamento de novas condutas e comportamentos. Pois como coloca Del Rio (1991, p. XXV):

Toda percepção leva à formação de um quadro referencial, carregado de significados oriundos de experiências acumuladas, cuja interpretação levará à atribuição de valores e tomadas de decisões, seguidas por condutas que podem chegar a ser ações ou comportamentos.

Manzo e Perkins (2006), ressaltam a grande interdisciplinaridade da temática e destacam que a união e aplicação do conhecimento da área da psicologia ambiental na área do planejamento urbano, pode contribuir tanto com o aumento da coesão social quanto com a participação destes nos processos que envolvem o seu entorno. Como pode ser observado, ambos os autores destacam a potencialidade dos achados derivados da inter-relação pessoa ambiente para a promoção de condutas e comportamentos com relação ao ambiente construído. Portanto, tendo em vista que a preservação do patrimônio moderno está diretamente relacionada ao planejamento urbano, a leitura dos construtos derivados dessa relação também pode servir para um maior envolvimento da comunidade na causa da preservação.

Referente à relação que será analisada, serão observados as percepções, atitudes, avaliações e representações (MOSER, 2018) que o referido patrimônio possui perante os indivíduos que vivenciam esses espaços, buscando desembaraçar os processos que envolvem a inter-relação, com atenção para a questão das atribuições da comunidade local para com o patrimônio que estão inseridos, sempre considerando os contextos social e físico da arquitetura e urbanismo modernos na Amazônia, uma vez que:

A psicologia ambiental considera que a pessoa, em sua relação com os diferentes espaços, está condicionada pelo contexto cultural e social, no qual evolui, pela sua história e suas aspirações, em presença desse espaço. Em outros termos, a relação da pessoa com o ambiente não pode ser compreendida se não se levarem em conta, ao mesmo tempo, os contextos culturais e sociais em que essa relação se realiza. É a história, tanto a coletiva como a individual, que condiciona as percepções e comportamentos, assim como as necessidades e aspirações particulares. Tal interação também será dependente da projeção da pessoa no futuro, sempre relacionada com o ambiente com o qual ela esteja interagindo (MOSER, 2018, p. 27).

Essa compreensão é fundamental na medida em que se busca por caminhos que levem a uma compreensão mais profunda da relação estudada, ou seja, para compreendê-la é necessário que se observe além das questões físicas do patrimônio estudado, os aspectos culturais e sociais que envolvem esse contexto, os quais estão presentes na história desses indivíduos — individual e coletivamente — e em como esses vislumbram o seu futuro. Assim sendo, a observação da história do contexto estudado, assim como as questões socioculturais que envolvem a comunidade local, consiste em um dos pilares para a análise das percepções dos indivíduos sobre o patrimônio que estão inseridos.

Outro aspecto importante a se considerar é a escala que compreende essa inter-relação, que pode abarcar desde a percepção individual com grande nível de privacidade à níveis compartilhados. Como pode ser observado a seguir, na proposta de Moser (2018):

Tabela 2.3. Níveis de análise socioespaciais

	<b>Escala</b>	<b>Ambiente Físico</b>	<b>Ambiente Social</b>
<b>Nível 1</b>	Microambiente	Espaço privativo: alojamento, espaço de trabalho.	Nível Individual e familiar
<b>Nível 2</b>	Mesoambiente	Os espaços compartilhados: espaços semipúblicos, habitat coletivo, lugar de trabalho, parques, espaços verdes.	Nível interindividual e das coletividades de proximidade.
<b>Nível 3</b>	Macroambiente	Ambientes públicos coletivos, cidades, aglomerações, aldeias, paisagem, o campo.	Pessoa/coletividade: comunidade, habitantes; agregados de pessoas.
<b>Nível 4</b>	Ambiente global	Ambiente na sua totalidade: ambiente construído e natural; recursos naturais.	Nível societal: sociedade, população.

Fonte: Moser (2018, p. 22). Adaptado pela Autora.

Na tabela acima é possível observar que a relação pessoa-ambiente se dá a todo momento e se sobrepõe entre si, abrangendo desde as interações individuais até as coletivas. Conforme Lynch (2011), a obtenção de uma leitura da imagem pública é possível a partir da sobreposição das imagens individuais, a depender dos grupos e ambientes a que se refere, podendo ser mais ou menos impositiva ou abrangente. Colocação que, relacionada aos outros conceitos abordados anteriormente, validam a intensão de utilizar a psicologia ambiental como ferramenta para a leitura da inter-relação comunidade-patrimônio moderno.

Essa estrutura apresentada embasará a presente pesquisa utilizando-se dos conceitos e metodologias da psicologia ambiental abordados na sequência.

#### **2.4.1. Em busca do sentido de lugar do patrimônio moderno no ambiente amazônico**

Para compreender como a comunidade percebe e age sobre o patrimônio que está inserida, é pertinente que se observe que o objeto da relação se trata de um ambiente que já possui uma carga simbólica, ao menos pela perspectiva dos Órgãos de proteção, já que se trata de um bem tombado nacionalmente. Como visto anteriormente, no caso dos bens modernos, as principais justificativas para a proteção se pautam no valor artístico, histórico e caráter de excepcionalidade. Dessa forma, se considerarmos a definição que distingue lugar de espaço, pode-se dizer que ao menos perante a perspectiva legal, estamos tratando de um lugar, uma vez que o mesmo consiste no espaço a que se atribuiu valor (TUAN, 2015). Contudo, para que se possa corroborar essa afirmação — de que a comunidade atribui valor ao patrimônio moderno —, é necessário o esclarecimento sobre a percepção das pessoas que vivenciam esses ambientes, pois:

As relações entre as pessoas e os espaços, além da evidente correspondência física que forçosamente entre eles se estabelece, têm um forte componente psicológico. As pessoas se sentem melhor em certos espaços. Ou, em outras palavras, certos espaços se distinguem dentro do Espaço maior onde se situam as pessoas e, ao se distinguirem, se tornam percebidos de maneira diferente. Em geral, são espaços percebidos como detentores de qualidades. Diz-se, então, que esses espaços são percebidos como lugares por seus usuários. Suas qualificações habilitam-nos a serem percebidos como um lugar, delimitando dentro do espaço maior que constitui o todo da cidade. Isto é: permitem distinguir um lugar de um espaço (CASTELLO, 2007, p. 12, grifo do autor).

Como pode ser observado, ambos os autores definem o lugar como o espaço que detém valor, ou seja, que é percebido pelos indivíduos como detentores de qualidade de acordo não apenas com o seu aspecto físico, mas também psicológico. Dessa forma, para que seja possível atingir o objetivo geral da pesquisa, antes será necessário identificar os processos pelos quais essa relação é construída e como ela pode ser traduzida. Levando essa questão para o campo conceitual da psicologia ambiental e considerando o tipo de relação que se deseja interpretar, o conceito que mais se adequa ao caso é o sentido de lugar ou *sense of place*.

A respeito do referido conceito, segundo Del Rio (1990), ele se desenvolveu a partir de um campo de análise denominado “geografia da percepção”, cujo foco de interesse consistia no conceito e sentido de lugar, assim como as relações perceptivas e afetivas que os indivíduos desenvolvem com o ambiente que estão inseridos. Hay (1998) refere-se a esse grupo como geógrafos humanistas e salienta que para eles o “sentido de lugar consiste na

conexão existente entre pessoa e lugar, construído ao longo do tempo de vivência em um local e também através do envolvimento na comunidade”<sup>13</sup> (ibidem, 1998, p. 160). Para Ryden (1993), essa conexão deriva de uma construção gradual e inconsciente do processo de habitar, familiarizar-se com as características físicas e acumular história dentro dos limites de um ambiente. Já para Jorgensen e Steadman<sup>14</sup> (2001, p. 233) — que se referem ao termo *sense of place* como SOP — “SOP é o significado atrelado a um contexto espacial por uma pessoa ou um grupo (...). Portanto SOP não está imbuído no ambiente físico, mas reside nas interpretações humanas do ambiente”.

Com bases nos conceitos expostos, compreende-se, portanto, que o sentido de lugar reside na conexão entre pessoa e ambiente, construída de forma gradual a partir das experiências vivenciadas por indivíduos ou grupos em determinados espaços. Esse sentido consiste, mais precisamente, nos significados que esses sujeitos atribuem ao ambiente a partir de suas interpretações. Portanto, irão influenciar nessa relação os aspectos físicos e sociais do ambiente (MOSER, 2018), que são internalizados a partir de uma perspectiva interpretativa e emocional do indivíduo (HUMMON, 1992).

Como ilustra Jorgesen; Stadman (2001), existem outros conceitos como topofilia, apego e identidade do lugar, senso de comunidade e outros, que tratam também da conexão entre pessoa e ambiente. Contudo, não há um consenso universal sobre suas relações e o local que ocupam nessa construção, situação que pode derivar, em parte, das inúmeras formas de abordagem sobre o conceito de sentido de lugar. Entretanto, para os autores, o sentido de lugar consiste em um conceito mais geral que abarca uma variedade de outras dimensões, entre elas o apego (*place attachment*), a identidade do lugar (*place identity*) e a dependência do lugar (*place dependence*).

Para eles essas dimensões se relacionam entre si, portanto, avaliá-las de forma unidimensional seria arriscado, recomendando que sejam observadas na forma multidimensional. Dessa forma, como a intensão da presente pesquisa é observar a relação comunidade e patrimônio moderno de forma holística, a estrutura utilizada para a análise dos dados será a proposta de Jorgesen e Stadman (2001, 2006), observando as três referidas dimensões que serão abordadas a seguir.

---

<sup>13</sup> Traduzido pela autora.

<sup>14</sup> Traduzido pela autora.

#### 2.4.2. Apego, Identidade e dependência do lugar: laços afetivos, cognitivos e comportamentais

Partindo do ponto de vista de Jorgesen e Stadman de que “o senso de lugar pode ser visto como uma atitude geral em relação a um cenário espacial, e uma complexa estrutura psicossocial que organiza crenças, emoções e compromissos comportamentais” (JORGESEN; STADMAN *Apud* JORGESEN; STADMAN, 2005, p. 317<sup>15</sup>), os autores destacam, dentre o universo de variáveis que tratam o lugar e sua relação com o indivíduo, os conceitos de apego, identidade e dependência do lugar. Apesar de se sobreporem consideravelmente em diversos aspectos, constituem conceitos distintos. Um dos pontos de distinção está presente em seus embasamentos, em que o primeiro se pauta predominantemente em conexões emocionais, o segundo, em processos cognitivos e o terceiro representa uma esfera comportamental.

O apego ao lugar ou *Place Attachment*, em linhas gerais, consiste no laço cognitivo-emocional que une um indivíduo a um lugar, que pode variar quanto ao seu escopo, tangibilidade e grau de experiência, “conhecidos e experimentados versus desconhecidos ou não experimentados” (LOW; ALTMAN, 1992, p. 21, traduzido pela autora) e estar conectado a indivíduos, “díades, famílias, membros de uma comunidade, e até culturas inteiras que consensualmente ou coletivamente dividem apegos a lugares” (ibidem, 1992, p. 22). Entre os principais aspectos que constituem essa conexão, os autores ressaltam o afeto, a emoção e os sentimentos, que em linhas gerais costumam ser positivos, podendo despertar a sensação de felicidade, satisfação, segurança, estima, pertencimento e bem-estar.

Contudo, ressaltam que muitos autores identificam também a presença de sentimentos negativos relacionados aos ambientes (ibidem, 1992). Para Lewicka (2008) o apego ao lugar consiste no vínculo que é criado entre indivíduo e lugar, derivado de questões afetivas, cognitivas e comportamentais. Ou seja, incorpora todas essas dimensões. Scannell e Gifford (2009, p. 5) possuem a mesma leitura ao definir apego ao lugar como:

Laço entre um indivíduo ou grupo a um lugar que pode variar em termos de níveis espaciais, grau de especificidade, e características sociais e físicas do lugar, que podem ser manifestados através de processos psicológicos afetivos, cognitivos e comportamentais<sup>16</sup>.

Ainda de acordo com os autores, Scannell e Gifford, em seu artigo *The experienced psychological benefits of place attachment* (2017) investigam os benefícios psicológicos vivenciados por membros de uma comunidade que são provenientes do sentimento de apego ao lugar e destacam treze categorias. São elas “memórias, pertencimento, relaxamento,

---

<sup>15</sup> Traduzido pela autora.

<sup>16</sup> Traduzido pela autora.

emoções positivas, suporte à atividade, conforto-segurança, crescimento pessoal, liberdade, entretenimento, conexão com a natureza, praticidade, privacidade e estética” (ibidem, 2017, p. 256, traduzido pela autora).

O estudo, que se deu através da análise das descrições dos lugares que constituem o foco de apego dos participantes da pesquisa revelou que, dentre os relatos, a categoria que mais esteve presente foi a memória, mencionada por 69% dos participantes, seguida pelo sentimento de pertencimento (54%) e emoções positivas, presente no discurso de um terço dos participantes. Referente ao último, observou-se que cerca de 5% das pessoas relacionam sentimentos negativos ao seu lugar de apego. A observância desses benefícios é importante para a presente pesquisa, uma vez que os benefícios identificados consistiam nos motivos de apego.

Quanto à identidade do lugar ou *place identity*, é definida por Proshanky, Fabian e Kaninoff (1983, p. 59, traduzido pela autora) como:

Uma subestrutura da auto identidade da pessoa – amplamente concebidas – que consiste nas cognições sobre o mundo físico em que vive o indivíduo. Essas cognições representam memórias, ideias, sentimentos, atitudes, valores, preferências, significados e concepções de comportamento e experiência que se relacionam com a variedade e a complexidade das configurações físicas que definem a existência cotidiana de cada ser humano. No cerne de tais cognições relacionadas ao ambiente físico está o ‘passado ambiental’ da pessoa; um passado que consiste em lugares, espaços e suas propriedades que têm servido instrumentalmente na satisfação das necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais.

De maneira simplificada, a identidade do lugar consiste em uma construção pautada nesses processos cognitivos como “memórias, concepções, interpretações, ideias e sentimentos relacionados sobre configurações físicas específicas” (PROSHANKY *et al.* 1983, p. 59), cujos resultados caracterizam “atitudes, valores, pensamento, crenças, significados e tendências de comportamento” (ibidem, 1983, p. 62). Construção que se dá “a partir dos espaços de pertencimento e vivência, envolvendo tempo de exposição ao lugar e possibilidade de transformá-lo em busca de satisfação” (MOURÃO, CAVALCANTE, 2017, p. 219).

A respeito da relação entre identidade e lugar, identifica-se geralmente dois tipos de interconexão, o primeiro consiste nos casos em que o lugar tem um caráter que o distingue (um tipo de personalidade). No segundo caso, a identificação se dá a partir do sentimento de pertencimento e apego. De acordo com os autores, o segundo pode derivar do primeiro ou então podem existir independentemente (KONG, YEOH, 1995). Quanto a essa última questão, Scannell e Gifford (2010) destacam o **pertencimento** como um benefício que se dá

a partir da conexão de apego ao lugar, configurando possivelmente uma das sobreposições de que Jorgesen e Stadman se referiam.

Ainda referente à identidade de lugar é oportuno que se introduza outro processo psicossocial que está diretamente relacionado com a mesma, a **apropriação**, que consiste em uma forma de exprimir a sua identidade ou domínio a partir de intervenções no ambiente. Como coloca Cavalcante e Elias (2017, p.i., grifo do autor), “o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa, criando *um lugar seu*”. Ainda de acordo com as autoras, nesse processo pode-se perceber o autorreconhecimento do indivíduo no ambiente de que se apropria.

Essas ações podem se dar de duas formas — e estão relacionadas com o grau de vínculo da pessoa com o ambiente —, por ação/transformação (identificada no início da inter-relação pessoa: ambiente) e por identificação (onde estão envolvidos significados, cognição e afeto). O primeiro se dá geralmente por uma necessidade de adequação e bem-estar no espaço até que lhe seja atribuído significados. Logo após há a identificação do sujeito com o lugar, que por sua vez se aproxima do apego e da identidade de lugar (CAVALCANTE e ELIAS, 2017).

Quanto ao terceiro construto que colabora com o sentido de lugar, **dependência do lugar ou place dependence**, pode ser definido como o vínculo que está relacionado com o papel (função) do lugar na vida dos indivíduos, ou seja, com o quanto o lugar em questão, provê recurso, facilidades e dá suporte para os objetivos de quem o vivencia. Sendo que o grau dessa dependência, que demonstrará a lealdade ou o vínculo com o lugar, varia de acordo com dois fatores, a qualidade do lugar e as expectativas para o futuro em comparação com outros locais alternativos (Stokols, Shumaker — C Wan, 2022). Como coloca Scannell e Gifford, 2010), a possibilidade de vínculo com o lugar, nesse caso, se dá pela capacidade do ambiente físico e natural de proporcionar conforto dando suporte para o desenvolvimento do indivíduo.

Desta forma, para que seja possível observar esse construto é preciso também que se defina a conceituação de qualidade do lugar. Del Rio (2001) a se referir ao ambiente construído diz que esse fator constitui o principal atributo de um lugar. Em linhas gerais, consiste no motivo pelo qual as pessoas e visitantes gostam ou são atraídas até ele. Ainda segundo o autor, é definido pelas preferências e expectativas e valores do mesmo.

Observando essa definição em relação ao conceito de dependência do lugar, nota-se que a percepção dessa qualidade vai além do motivo essencial que Del Rio sugere. Ou seja, é preciso averiguar quais os elementos qualificam esses espaços e se isso ocorre de fato. Lembrando que apesar do sentido de lugar ser na maioria das vezes relacionado com

sentimentos positivos, nem sempre isso acontece. Neste sentido, é preciso que se observe os elementos do ambiente estudado verificando se de fato atendem à necessidade e dão suporte ao desenvolvimento das pessoas. Os autores Alrobaee, Al-Kinani (2019, p. 2) citam em seu trabalho alguns dos elementos que podem influenciar essa percepção:

(...) existência de espaços abertos e verdes, diversidade de uso do solo, diversidade de tipos de habitação, habitação/densidade populacional, acessibilidade, grau de comunicação da rede de transporte, modos múltiplos de transporte e continuidade de lugar ao longo do tempo.

#### 2.4.3. Inter-relação entre os construtos

Como já foi possível observar nas definições realizadas existem muitas similaridades entre os construtos, fato que dá margem a muitos arranjos. Dessa forma, para que seja possível ampliar o campo de visão para a análise, serão observadas algumas questões a esse respeito.

Quanto à relação **apego e identidade**, Lewicka (2008), ressalta que não existe um consenso sobre a mesma, pois a esse respeito, assumem-se diversas perspectivas, que vão desde a sua indistinção e equivalência fenomenológica entre os dois conceitos ao entendimento de que a identidade do lugar consiste em um derivado do apego ao lugar. Ressalta-se que, no último caso, assume-se que é mais fácil sentir-se apegado a um lugar do que sentir-se como parte do mesmo.

A respeito dessa sobreposição, observa-se que a mesma se dá de diversas formas, apesar da predominância que cada construto possui — apego (emocional), identidade do lugar (cognição) — como apontou Jorgesen e Stadman (2006). O apego ao lugar, por exemplo, apesar de se pautar em uma perspectiva emocional, é construído também por meio de processos cognitivos, como “a memória, crenças, significado e conhecimento que o indivíduo associa aos seus ambientes centrais e os tornam pessoalmente importantes” (SCANNELL; GIFFORD, 2010, p. 9, traduzido pela autora). Isto é, sua construção se dá pelos mesmos meios que a identidade do lugar.

Já quanto à relação dos três, aponta-se a forte relação que há entre a dependência e a identidade de lugar, C. Wan et al (2022) assume em seu trabalho que a dependência e a identidade do lugar são subconstrutos do apego, sendo que a primeira possui a capacidade de fomentar a outra. Em seus resultados, esse ponto não é apenas confirmado — relação que já havia sido identificada por outros autores — mas interpretado da seguinte forma, “a dependência do lugar é o bloco de construção da identidade do lugar (*ibidem*, 2022, p. 8). Contudo é importante salientar a esse respeito que para que isso seja possível, o deve necessariamente atender à necessidade dos indivíduos, propiciando o apoio ao desenvolvimento (ANTON, LAWRENCE, 2014).

Assim sendo, é possível dizer — direta ou indiretamente — que a partir do fomento da criação de vínculo entre pessoa e o ambiente é possível promover comportamentos cognitivos e outros processos psicossociais como identidade com o lugar, identificação comunitária e senso de comunidade (CARRUS, SCOPELLITI, FORNARA, BONES e BONAIUTO, 2014, p.155). Segundo os autores, tanto o apego quanto a identidade do lugar — e outros construtos citados — têm sido observados também em relação aos processos comportamentais. Ou seja, tem-se relacionado o tipo de comportamento que as pessoas possuem diante dos lugares aos quais se sentem apegados ou identificados, salientando que a criação ou o fomento do vínculo cognitivo-emocional entre pessoa-ambiente, por qualquer um desses construtos, pode propiciar comportamentos pró-ambientais ou cívicos nos indivíduos (ibidem *et al* 2014).

Em outro artigo, Manzo e Perkins (2006) destacam que a relevância do conceito de apego ao lugar, assim como outros construtos que tratam dos significados do lugar — como a identidade do lugar e senso de comunidade — não consistem apenas nos sentimentos e experiências individuais. Demonstrando que a compreensão dos vínculos e significados atribuídos aos lugares, a partir do entendimento das preferências particulares, percepções e conexões emocionais, podem contribuir para uma coesão social, desenvolvimento e planejamento da comunidade, assim como a participação comunitária. Como pode ser observado nas considerações do autor:

Este artigo demonstra que o apego ao lugar, identidade do lugar, senso de comunidade e capital social são todas partes críticas das transações pessoa-ambiente que fomentam o desenvolvimento da comunidade em todos os seus aspectos físicos, sociais, políticos e econômicos. Em particular, laços afetivos com lugares podem ajudar a inspirar essas ações porque as pessoas são motivadas a buscar, permanecer, proteger, e melhorar os lugares que são significativos para eles. Consequentemente, apego ao lugar, identidade do lugar e senso de comunidade podem fornecer uma maior compreensão de como os espaços da vizinhança podem motivar os residentes comuns a agir coletivamente para preservar, proteger ou melhorar sua comunidade e participar dos processos de planejamento local (MANZO; PERKINS, 2006, p. 347-17).

De acordo com a reflexão exposta, se evidencia a consistência do caminho que a presente pesquisa se propõe a traçar, pois como pode ser observado até o presente momento, a área da psicologia ambiental se mostra uma abordagem epistemológica potente para o problema que será enfrentado, uma vez que, a partir do destrinchar da inter-relação indivíduo-ambiente (MOSER, 2018) é possível identificar o sentido de lugar que a comunidade local atribui sobre o patrimônio moderno no ambiente amazônico. Sentido que é fundamentado a partir de processos emocionais (apego), cognitivos (identidade) e comportamentais (dependência) (JORGESSEN, STEADMAN, 2001, 2006) e que vinculam um indivíduo a um

---

<sup>17</sup> Traduzido pela autora.

lugar específico. Vínculos que, por sua vez, podem proporcionar inúmeros benefícios aos sujeitos da equação (LEWINKA, 2005; SCANNELL, GIFFORD, 2010) ao mesmo tempo que são capazes de promover comportamentos pró-ambientais e cívicos (CARRUS *et al* 2014). Tais ações podem impactar o desenvolvimento e propiciar o envolvimento da comunidade no planejamento local (MANZO; PERKINS, 2006).

#### 2.4.4. Mensuração do sentido de lugar:

Como foi possível observar, o sentido de lugar é construído por uma série de processos psicossociais que são desenvolvidos em cima da inter-relação pessoa-ambiente e, a depender das variáveis apresentadas, podendo se dar em maior ou menor grau e estar baseado em sentimentos positivos ou negativos. Dessa forma, Shamai (1991) propõe uma escala para que seja possível identificar os diferentes níveis da presença do sentido de lugar para indivíduos que compartilham experiências em um mesmo ambiente. Essa escala pode apenas demonstrar o grau em que o processo se dá e não os significados atribuídos ao lugar, a mesma avalia a intensidade de sentimentos e comportamentos dos indivíduos no ambiente. A partir dessa avaliação é possível averiguar em que fase a pessoa ou comunidade se encontra. A primeira fase consiste na identificação do sentido de pertencer; a segunda de estar apegado e a terceira a de estar comprometido com o lugar. No quadro abaixo (4.1) é possível observar as sub escalas propostas por Shamai (1991) e que serão utilizadas na presente pesquisa.

Quadro 2.1. – Escala para mensuração do sentido de lugar.

Nível do sentido de lugar	Definição
<b>Não possui sentido de lugar</b>	Ausência do sentido de lugar
<b>Conhecimento do lugar</b>	Os indivíduos reconhecem os símbolos do lugar, mas não possuem vínculo com o mesmo, ou seja, não se sentem como parte dele.
<b>Pertencer ao lugar</b>	Os indivíduos sentem que pertencem ao lugar, há um sentimento de união e destino comum. As pessoas demonstram conhecimento sobre o que ocorre no local e respeitam os símbolos.
<b>Apego ao lugar</b>	Identifica-se um vínculo afetivo e/ou de identificação. Aqui o lugar é cenário da vida pessoal e experiência comunitária. A identificação dos habitantes está em consonância com o significado do lugar, para elas o lugar possui uma "personalidade".
<b>Identificação com os objetivos do lugar</b>	As pessoas reconhecem os objetivos do lugar e se comportam de acordo com ele. Aqui há uma fusão entre interesses e necessidades. As pessoas demonstram devotamento, fidelidade e lealdade com o lugar. O apego é bastante intenso.
<b>Envolvimento com o lugar</b>	As pessoas atuam ativamente na comunidade por conta do comprometimento com o lugar. Há um envolvimento que implica em investimentos de recursos como: tempo, dinheiro, talento etc.
<b>Sacrifício pelo lugar</b>	Consiste no maior grau de comprometimento com o lugar e podem ser identificadas ações de sacrifício pelo mesmo. Aqui há uma disposição para abrir mão de interesses pessoais ou comunitários em prol do lugar.

Fonte: Elaborado pela autora com base na proposta de Shamai (1991).

A respeito da escala, Shaman evidencia que, por vezes, os níveis podem se sobrepor e não se demonstrarem de forma tão clara. Além disso, dada as diferenças entre os indivíduos e o contexto de suas relações com o ambiente, estima-se que esses fatores sejam bem investigados (SHAMAI, 1991).

Por fim, além dos diferentes graus de sentido de lugar que podem haver na relação entre um indivíduo e/ou uma comunidade com o ambiente em que se encontram, há que se considerar, que esse sentido nem sempre pode estar vinculado a sentimentos positivos. Esses, por serem mais facilmente identificados, puderam ser observados nas explicações dos conceitos que compõem o sentido de lugar. Contudo, há ainda a necessidade de se observar a ocorrência dos **sentimentos negativos** na construção do sentido de lugar. Shamai (2018), ao identificar essa lacuna e reconhecer essa possibilidade — que pode se dar a partir de contradições no ambiente ou ainda pela falta de suporte às necessidades dos indivíduos no lugar (Kudryavtsev et al. *Apud* Shamai, 2018) — propõe uma escala própria para identificar sentimentos negativos com relação ao lugar. No quadro abaixo (4.2) podem ser observados os níveis identificados por ele seguido de suas definições:

Quadro 4.2.: Escala para a mensuração do sentido de lugar negativo

Nível do sentido de lugar negativo	Definição
<b>(-1) Desapego e aversão ao lugar</b>	As pessoas não se sentem em “casa”, ou pertencentes a um lugar. Esse sentimento geralmente deriva-se da comparação com um lugar de referência, em que os indivíduos estavam apegados (quanto maior o apego à referência, maior a aversão). Ocorre em muitos casos em que as pessoas foram forçadas a se mudar.
<b>(-2) Hostilidade e alienação com o lugar</b>	Quando os sentimentos negativos são relativamente altos, nesse caso as pessoas manifestam hostilidade e alienação em relação ao lugar. Ocorre em geral com pessoas que foram desenraizadas forçosamente de seus lugares de apego, podendo ser intensificado pela não possibilidade de resgatar suas identidades. O sentimento de impotência é bastante comum nesse caso. A consequência desse tipo de relação muitas vezes é a negação em aderir a símbolos do lugar.
<b>(-3) Ódio ao lugar</b>	Quando são observados sentimentos negativos extremos em relação ao lugar. Situação que pode ser desencadeada quando os indivíduos têm experiências muito negativas no local. Podem ser lugares estigmatizados ou onde houveram tragédias que causam ódio ou revolta com o lugar. Ainda podem ser percebidos dessa forma pelas ideologias de quem as carrega.
<b>(-4) Resistência com o lugar</b>	Quando inspira atitudes extremas de violência. Pode ocorrer quando as pessoas sentem que o lugar está ameaçado ou então uma religião, cultura, ideologia.

Fonte: Elaborado pela autora com base na proposta de Shamai (2018).

A respeito da escala proposta é oportuno contextualizar que a mesma foi desenvolvida a partir de um estudo de caso onde a situação observada consistia no “deslocamento forçado

de uma população israelense em Gaza e na Cisjordânia”<sup>18</sup> (SHAMAI, 2018, p. 1357). Essas pessoas, segundo o autor, sofriam de luto pela perda de seus lares, sua comunidade, valores e sentido de lugar. O autor coloca que, devido à situação extrema, o contexto era propício para avaliar um sentido de lugar negativo. Dentre os principais motivos para essa percepção o autor frisou os sentimentos de nostalgia e compromisso com o seu lugar de origem, associados ao sentimento de traição por parte do governo (ibidem, 2018).

Evidencia-se, assim, percursos a serem tomados para que se atinja o objetivo geral da pesquisa que consiste em: propor caminhos que propiciem o envolvimento comunitário nos processos de preservação do patrimônio moderno no ambiente amazônico, por meio da identificação das atribuições da própria comunidade em relação ao bem protegido. Para a obtenção do referido objetivo, levando em consideração todo o conteúdo exposto até o presente momento, propõem-se a seguinte trajetória.

## 2.5. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Este item é uma síntese do que foi exposto no capítulo 2 o qual está dividido em duas grandes áreas: a preservação do patrimônio cultural (onde se encaixam o patrimônio moderno no ambiente amazônico) e a psicologia ambiental (mais precisamente do conceito de sentido de lugar, seus construtos e as formas de mensuração). A partir de ambas as partes que compõem o referencial teórico, foi construída a metodologia da presente pesquisa, que será abordada no próximo capítulo.

Na primeira parte, que é composta por três itens, discute-se primeiramente a temática da preservação do patrimônio de forma geral identificando suas principais lacunas, especialmente ao que se refere ao envolvimento da comunidade nos processos de preservação do patrimônio, evidenciando o notório distanciamento da sociedade com a causa da preservação do patrimônio, iniciando a discussão que culmina no problema de pesquisa.

Em seguida desenvolve-se o tema do patrimônio moderno no Brasil, com foco para as questões dos valores atribuídos ao referido patrimônio, assim como os principais atores envolvidos nos processos de preservação destes bens. Neste item, buscou-se compreender quais são os principais valores atribuídos ao patrimônio moderno e quem os reconhece, evidenciando o lugar que a comunidade ocupa nesse cenário e como, de forma geral, ela percebe o patrimônio moderno. Aqui observou-se que grande parte dos indivíduos não compartilham do mesmo entendimento sobre os valores oficiais atribuídos ao patrimônio, ou seja, aqueles que justificam a proteção dos mesmos. No entanto, também foi possível

---

<sup>18</sup> Traduzido pela autora.

perceber outras atribuições que permeiam os valores oficiais e que são aceitos com maior facilidade pela comunidade em geral.

Na sequência, com o intuito de trazer questões mais específicas sobre o patrimônio moderno em ambiente amazônico a fim de embasar a construção da metodologia que será empregada na presente pesquisa de forma mais precisa, observou-se a relação da ocupação e urbanização na Amazônia e o papel da arquitetura moderna nesse processo, pois entende-se que o referido contexto pode ser fundamental para a compreensão da percepção da comunidade sobre o patrimônio em que está inserida.

Finalizado o primeiro momento, que tratou das questões do patrimônio moderno a partir do qual construiu-se o problema, pergunta e objetivo geral da pesquisa, adentra-se ao referencial teórico que traz a perspectiva da psicologia ambiental. Nesse item, procurou-se desenvolver a base conceitual que guiou a construção da metodologia para a coleta e análise dos dados. Para tanto, foram definidos os conceitos de sentido de lugar e dos processos psicossociais que o definem, adotando o modelo de Jorgesen; Stadman (2001, 2005), que assume que o mesmo se dá a partir de três construtos principais: o apego, a identidade e a dependência de lugar. Além disso, para embasar a análise e a forma de mensuração do sentido de lugar (positivo e negativo), adotou-se as escalas propostas por Shamai (1991, 2018). A forma como esse conteúdo será utilizado na pesquisa será detalhada no próximo capítulo.

### 3. METODOLOGIA

No presente capítulo, serão apresentadas as escolhas metodológicas da presente pesquisa, um breve panorama sobre o campo em que a mesma se insere, os métodos utilizados para a coleta de dados e como os mesmos foram analisados.

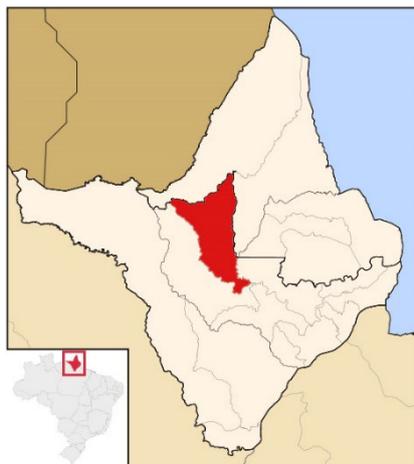
#### 3.1. ESTUDO DE CASO

Por tratar-se de uma pesquisa que requer um aprofundamento sobre a inter-relação entre comunidade local e patrimônio moderno no ambiente amazônico, buscando a compressão dos fenômenos que envolvem a dinâmica do indivíduo no ambiente em que habita, ou seja, situação não controlada e parte da vida real. Optou como abordagem metodológica pelo estudo de caso, uma vez que é indicada para pesquisas com esse perfil e que estão vinculadas a questões que exploram “como” ou “por que”, não exige controle sobre eventos comportamentais e foca-se em acontecimentos contemporâneos (YIN, 2001).

##### 3.1.1. Conjunto Urbano Vila Serra do Navio (VSN): características gerais

Quanto a escolha do campo para o referido estudo, a mesma partiu da peculiaridade da história do patrimônio moderno escolhido, assim como pela sua localização no ambiente amazônico. Materializado no conjunto urbano Vila Serra do Navio (VSN) no estado do Amapá, o empreendimento foi construído do zero entre os anos de 1956 a 1960 para servir a uma empresa mineradora em meio a selva amazônica, estabelecido e conservado durante todo o período que serviu como cidade companhia (RIBEIRO, 1992), atualmente é um dos quatro conjuntos urbanos modernistas tombados a nível nacional desde de 2012 (IPHAN, 2018).

Figura 3.1. Município de Serra do Navio – Estado do Amapá



Fonte : Wikipedia<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra\\_do\\_Navio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Serra_do_Navio)

Figura 3.2 – Vista Aérea da sede do município Serra do Navio/AP



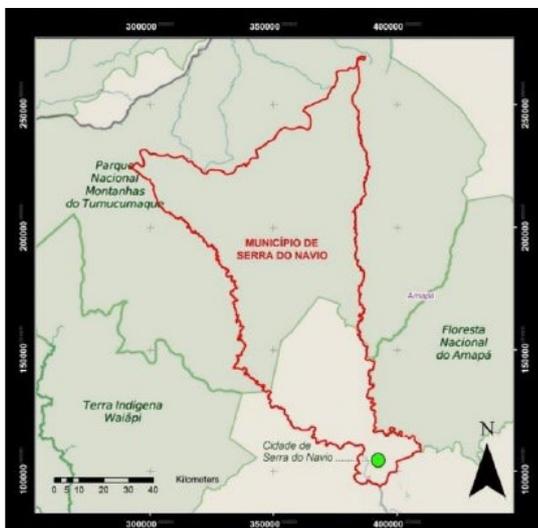
Fonte: Google Maps (2022).

O município, que está imerso no bioma da Amazônia oriental brasileira, possui uma área territorial de 7.713,046 km<sup>2</sup> e faz divisa com os municípios de Oiapoque, Calçoene, Ferreira Gomes, Pedra Branca do Amapari e Pracuúba. Além disso:

(...) faz limite com a Floresta Nacional do Amapá (FLONA), a Terra Indígena Waipi e o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque. Da área total do município 75% está inserida nesse último, uma Unidade de Conservação (UC) com 3.865.188,53 hectares gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e cuja sede administrativa localiza-se na Vila Serra do Navio. Nos limítrofes da vila operária, localiza-se o Parque Natural Municipal do Cancão que contempla 5% da área territorial do município (JULIANELLI, 2019, p. 190).

Abaixo (figura 3.3) é possível observar a localização do município e as divisas com as reservas mencionadas.

Figura 3.3 – Município de Serra o Navio e reservas



Fonte: Apatado de LEP-UFF *Apud* Julianelli (2019).

Quanto à população que vive atualmente na região, de acordo com o último censo (IBGE, 2010), era de 4.380 habitantes, estimada atualmente em 5577 (2021). Quanto à origem do município, o mesmo foi criado no ano de 1992 com o nome de Água Branca do Amapari, no entanto teve o seu nome trocado no ano subsequente para Serra do Navio (IBGE, 2017). A sua sede atual consiste no conjunto urbano VSN (Figura 3.2), núcleo urbano concebido por Oswaldo A Bratke e construído pela empresa mineradora Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI), que administrou a cidade companhia por 42 anos (RIBEIRO, 1992; DRUMMOND e PEREIRA, 2007).

Quanto a caracterização do conjunto urbano estudado e sua história de implantação as mesmas serão abordadas em detalhe no próximo capítulo.

### 3.2. MÉTODOS E ANÁLISE DA PESQUISA

Para que fosse possível atingir os objetivos da pesquisa — que se encontram circunscritos na área da psicologia ambiental — optou-se por uma abordagem multimetodológica ou triangulação, que consiste na realização de paralelos entre os resultados provenientes de diferentes técnicas, a fim de dirimir possíveis fragilidades que são inerentes a elas (MOSER, 2018; GÜNTER, ELALI, PINHEIRO, 2017). Essa abordagem é indicada por autores que focam seus estudos na área da psicologia ambiental (MOSER, 2018; GÜNTER 2005; HIGUCHI et al, 2019), especialmente pela possibilidade de ampliar o campo de visão e abranger todos os meandros necessários para analisar os fenômenos complexos que envolvem o estudo (GÜNTER, 2005; MOSER, 2018).

Sendo assim, considerando que os fenômenos que se buscou compreender partem de uma perspectiva de reciprocidade entre processos psicológicos dos indivíduos e as características físicas do ambiente (GÜNTHER, 2005), o seu diagnóstico deve “necessariamente, ocupar-se, por um lado, com a pessoa e com a maneira pela qual ela apreende o meio em questão e, por outro, interessar-se pelas características objetivas desse ambiente” (MOSER, 2018, p. 70). Dessa forma o trabalho foi dividido em duas etapas, a primeira voltada para o ambiente estudado, observando o seu contexto de inserção, seu histórico e desenvolvimento ao longo dos anos e a situação de integridade física, uma vez que se trata de um bem que deve ou deveria ser preservado. A segunda, focada na comunidade que está envolvida com o mesmo, buscando compreender as percepções, avaliações, atitudes e comportamentos desses indivíduos com relação ao patrimônio moderno que estão inseridos.

Para tanto, as técnicas de coleta de dados foram escolhidas com base nos objetivos específicos e nos dados que seriam necessários para atingir o objetivo geral da pesquisa. Na tabela abaixo é possível observar como foi estruturada a estratégia para a coleta de dados.

Tabela 3.1 – Especificação das técnicas com base nos objetivos específicos

Etapa	Objetivo Específico	Técnicas empregadas
Ambiente	<u>Caracterizar</u> as informações sobre o contexto histórico, cultural e social em que o patrimônio selecionado se insere.	Pesquisa de fontes primária e secundárias sobre VSN.
	<u>Caracterizar</u> as informações referentes a situação de preservação e conservação do patrimônio moderno em ambiente amazônico selecionado para o estudo de caso (contexto físico).	Pesquisa de fontes primária e secundárias sobre VSN, Levantamento físico.e observação direta.
Indivíduo	<u>Identificar</u> as principais contradições e dificuldades que implicam sobre a relação dos agentes envolvidos no processo de preservação do patrimônio moderno estudado.	Pesquisa de fontes primária e secundárias sobre VSN e Entrevistas semiestruturadas
	<u>Identificar e interpretar</u> os construtos que definem o sentido de lugar (positivos ou negativos) do patrimônio moderno em ambiente amazônico estudado.	Entrevistas semiestruturadas.

Fonte: Elaborado pela autora (2021), de acordo com proposta de MOSER (2018) sobre a interação pessoa-ambiente e tipo de dados.

### 3.2.1. O contexto da Pandemia de COVID-19

Antes de seguir para o próximo item, onde serão explicitados cada um dos métodos, é preciso fazer uma breve contextualização a respeito do momento em que decorreu a presente pesquisa e como a impactou diretamente. Durante o tempo de abrangência da mesma, que teve seu início em agosto de 2019 (etapa exploratória), o mundo foi impactado por uma pandemia que impôs uma drástica quebra das dinâmicas sociais e comportamentais na sociedade, derivada de sua gravidade. Desde 10 de março de 2020 “a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que vivemos uma pandemia do novo coronavírus, chamado de Sars-Cov-2”<sup>20</sup> denominado também de COVID-19. Dessa forma, foram paralisados os encontros presenciais nas escolas e universidades, houveram restrições de acesso a comércio, espaços públicos, transportes coletivos e outros, impedindo atividades de cunho presencial por aproximadamente um ano e meio.

A exposição desse contexto global é fundamental, pois ele impactou na presente pesquisa, iniciando pelo cancelamento de encontros presenciais na universidade, pela impossibilidade de realizar a visita exploratória no local, pela impossibilidade de acessar a biblioteca da universidade até a volta das atividades presenciais ocorrida em 27 de outubro

<sup>20</sup> Notícia disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/oms-decreta-pandemia-do-novo-coronavirus-saiba-o-que-isso-significa/>. Acesso: Mai. 2021.

de 2021 (UFPEL, 2021)<sup>21</sup> e por delimitar a presente pesquisa apenas às técnicas que fossem capazes de ser concluídas remotamente ou com contato individualizado.

### 3.2.2. Pesquisa de fontes primárias e secundárias

Essa foi a primeira etapa da coleta de dados iniciou ainda na fase de projeto da referida pesquisa, a sua urgência se deu devido a necessidade de embasar as demais etapas da pesquisa. Para tanto, utilizou-se de fontes primárias e secundárias sobre VSN que fossem capazes de contextualizar o cenário onde a pesquisa se passa, observando os aspectos históricos, as dinâmicas e experiências vivenciadas no ambiente, assim como as ações e relações dos agentes envolvidos no processo de preservação do patrimônio moderno de VSN (ex-moradores, moradores, agentes técnicos e representantes da administração pública). Na tabela a seguir é possível observar quais foram as fontes utilizadas:

Tabela 3.2 – Fontes primárias e secundárias

<b>Tipo</b>	<b>Documento ou bibliografia</b>	<b>Fonte</b>
<b>Primária</b>	Documentos, Atas, Fotografias e Mapas presentes no Processo de Tombamento de VSN	Dossiê de tombamento 1567-T-08 IPHAN 2012
<b>Primária</b>	Documentos e Mapas presentes no Processo de Regularização Fundiária	IPHAN, 2018
<b>Primária</b>	Documentos, Ata e Fotografias presente no Processo de Rerratificação do tombamento	IPHAN, 2018
<b>Primária</b>	Lei 426/2018 que estabelece as normativas referentes à regularização fundiária, regulamentada pelo Decreto 134/2018 (PMSN)	Prefeitura Municipal de Serra do Navio (PMSN) 2018
<b>Primária</b>	Lei Nº 439/2019, criando o Fundo Municipal de Preservação Patrimonial do município	Prefeitura Municipal de Serra do Navio (PMSN) 2018
<b>Secundária</b>	Livro O Amapá nos Tempos do Manganês: Um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico 1943-2000	DRUMMOND e PEREIRA, 2007
<b>Secundária</b>	Vila Serra do Navio: comunidade urbana na Selva Amazônica	RIBEIRO, 1992

Fonte: Elaborada pela Autora (2021).

O acesso as referidas fontes com exceção as fontes secundárias — onde um dos livros foi dado por uma entrevistada para a autora e o outro adquirido — se deu por meio da internet sendo que os documentos do IPHAN foram encontrados no próprio sistema do IPHAN através

<sup>21</sup><https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/tag/atividadespresenciais/#:~:text=Ap%C3%B3s%2019%20meses%20%20UFPEl%20retoma,%C3%A0%20pandemia%20da%20Covid%2D19.>

de pesquisa dos processos <sup>22</sup> e as Legislações e Decretos de VSN no site da prefeitura municipal<sup>23</sup>.

A referida pesquisa deu a base para as demais técnicas aplicadas e fez parte de todas as etapas da análise. No primeiro momento, observou-se os contextos históricos, culturais e sociais organizados de forma cronológica desde sua concepção (abarcando os principais pontos do projeto), até a saída da empresa da região e o início de outra fase, quando a antiga cidade companhia se torna município. Na sequência, com o intuito de compreender as dinâmicas relacionadas e a atuação dos agentes na preservação do patrimônio, foram contextualizados: o tombamento (2012), a regularização fundiária (2018) e o processo de rerratificação do tombamento (2018). Também foram abarcadas algumas leituras acerca da situação de conservação e preservação do patrimônio estudado e os conflitos que permearam essas ações.

### **3.2.3. Levantamento físico e observação diretas**

Essa etapa teve por objetivo demonstrar a situação de conservação e preservação do patrimônio estudado e se desdobrou em duas etapas. A primeira, realizada remotamente, aconteceu durante o primeiro semestre de 2021 através da ferramenta *google street view*, devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19. Nesse momento caracterizado como uma etapa exploratória do lugar, uma vez que o lugar não era familiar a pesquisadora, foram realizados “passeios remotos” e coleta de imagens para que fosse possível identificar suas principais características e algumas intervenções que já haviam sido realizadas no período dos registros, que ainda são de 2012. Esse momento substituiu as visitas de reconhecimento do lugar e teria sido utilizado como uma alternativa caso não fosse possível realizar a *visita in loco*.

O segundo momento consistiu na visita *in loco* realizada no intervalo dos dias 20 a 24 de novembro do ano de 2021. Para chegar até o município de Serra do Navio a pesquisadora deslocou-se de avião com saída de Porto Alegre a Macapá (capital amapaense) e de ônibus de Santana/AP a Serra do Navio pela estrada que dá acesso à cidade. O percurso realizado tem 206 Km onde grande parte da estrada não possui pavimentação, fator que contribui para as 5 horas de viagem.

---

<sup>22</sup> Processo de Regularização Fundiária – SEI (01450.003756/2014-89) e Processo de Rerratificação do Tombamento (01450.001633/2018-37). Os volumes do Processo de Tombamento encontram-se em ambos os processos.

<sup>23</sup> <http://ap.portaldatransparencia.com.br/prefeitura/serradonavio/>

Essa etapa ocorreu concomitantemente com a realização das entrevistas semiestruturadas que será detalhada na sequência. Referente ao levantamento físico, foram realizadas caminhadas pelo conjunto (sede do município) para o reconhecimento do lugar e registros fotográficos que demonstrassem a situação em que as edificações, a paisagem, as ruas, a pavimentação, os equipamentos urbanos se encontram atualmente. Vale salientar que não foi objetivo dessa pesquisa realizar nenhum tipo de mapeamento ou inventário do lugar, mas realizar registros do ambiente fotográfico e observar as dinâmicas locais.

Além disso, foram realizadas visitas a alguns lugares da cidade e de pontos turísticos nas imediações<sup>24</sup>, como: uma casa desocupada da área BC<sup>25</sup>, a atual Escola Estadual Dr Hermelino Herbster Gusmão, ao antigo clube CCH e duas visitas guiadas, uma no Hospital Serra do Navio e na antiga Área Industrial da empresa ICOMI.

A análise desse levantamento se deu a partir dos registros fotográficos, das impressões realizadas pela autora que eram relatadas ao fim de cada dia, da pesquisa bibliográfica e documental de fontes primárias e secundárias e também das entrevistas realizadas com os moradores e ex moradores de VSN.

#### 3.2.4. Entrevistas

A entrevista, como colocam Günter, Elali, Pinheiro (2004), é considerada dentro da psicologia social e ambiental um método centrado no indivíduo. Além disso, permite um corte mais profundo para análise, uma vez que é possível compreender o ponto de vista dos entrevistados possibilitando a apreensão do caráter mais abstrato de suas perspectivas, ou seja, “(...) uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2008, p. 65). Dessa forma, para abarcar a etapa da pesquisa centrada no indivíduo e que buscou conhecer as percepções e as relações dos indivíduos com o patrimônio moderno estudado, optou-se pela entrevista semiestruturada. Pois o método além de estar de acordo com os objetivos também poderia ser adaptado caso a visita *in loco* não fosse possível, adaptando a entrevista presencial para a remota.

Quanto à **escolha dos entrevistados**, levou-se em conta que, mesmo que o foco seja a percepção dos habitantes atuais de VSN, seria relevante conhecer o ponto de vista de outros indivíduos envolvidos com o lugar. São eles:

---

<sup>24</sup> Colônia de Água Branca, Lagoa Azul, Comunidade do Caçacho com visita a uma cachoeira e um balneário e a Pedra Petra (Rio Amapari).

<sup>25</sup> Setor que corresponde a Vila Operária – local destinado aos moradores/trabalhadores com cargo de operário no período em que VSN era administrada pela empresa.

Os ex-moradores de VSN (EX ICOMI): foram entrevistados com o intuito de compreender melhor o cenário passado do conjunto (quando era habitado apenas por funcionários da empresa) revelando os principais aspectos da memória do lugar e também de conhecer qual a sua relação com o atual patrimônio, pois muitos são visitantes ocasionais.

Os moradores atuais de VSN: para que fosse possível compreender suas percepções, avaliações, atitudes e comportamentos com relação ao patrimônio estudado e, também, seu grau de engajamento nas ações, assim como a sua relação com os demais agentes. Esse grupo, tendo em vista que o histórico da cidade é marcado por dois períodos, precisou ser dividido em dois:

- a) Os moradores do período ICOMI (MO ICOMI): composto por habitantes atuais que vivenciaram os dois períodos (a partir de 1960).
- b) Os moradores do período Pós ICOMI (MO POS): composto por habitantes que tenham ido morar na região após a criação do município (a partir de 1992).

Os representantes da administração pública (ADM): composto por qualquer pessoa que ocupe ou tenha ocupado cargo público no município de Serra do Navio desde sua criação (1992).

Os representantes dos agentes técnicos (TEC): composto por pessoas que ocupem ou tenham ocupado cargos técnicos no município de Serra do Navio desde de seu tombamento (2012).

Como pode ser observado, há uma parcela de entrevistados capacitados para falar do período ICOMI e outra para falar do período Pós ICOMI. De acordo com essa divisão foi necessário criar critérios para que fosse possível abarcar todas as perspectivas possíveis. Na tabela abaixo é possível verificar como foi a seleção dos entrevistados seguido do número total de cada grupo que precisava ser subdividido.

Os representantes da administração pública não necessitavam de nenhum critério<sup>26</sup>, entretanto, é oportuno mencionar que foram dois e que são filhos de ex-funcionários<sup>27</sup>. No total foram entrevistadas 13 pessoas. Decidiu-se por encerrar as entrevistas com esse número, pois as percepções entre os entrevistados não possuíam muitas variações e as informações já se demonstravam consistentes.

---

<sup>26</sup> A falta de critérios se deu para que os cargos que os mesmos ocupam não fossem revelados, uma vez que se optou pelo sigilo dos entrevistados.

<sup>27</sup> Como não houveram critérios para essa seleção, essa informação foi obtida no momento da entrevista. Para equilibrar os grupos foram convidados mais dois representantes do outro período, mas que se recusaram a participar da pesquisa.

A seguir é possível observar a tabela com as subdivisões:

Tabela 3.3 – Subgrupos de entrevistados (2021 e 2022)

Período ICOMI			Período Pós ICOMI		
Grupo	Critérios	Nº	Grupo	Critérios	Número
EX ICOMI	Funcionário(a) com cargo de chefia	1	PÓS ICOMI	Morador(a) com mais de 8 anos em Serra do Navio	1
	Funcionário (a) operário (a)	1		Morador(a) com menos de 8 anos em Serra do Navio	1
	Familiar de funcionário	1			
MO ICOMI	Funcionário(a) com cargo de chefia	1	TEC ICOMI	Representante do IPHAN	1
	Funcionário (a) operário (a)	1			
	Familiar de funcionário	1		Representante do trabalho de regularização fundiária	1
	Não foi funcionário(a) direto(a)	1			

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quanto **às perguntas** que fizeram parte da estrutura da entrevista, que podem ser observadas no Anexo B, partiram de três objetivos derivados dos objetivos específicos, que foi identificar:

- a) As Relações entre os agentes envolvidos no processo de preservação do patrimônio moderno de VSN.
- b) Participação, entendimento e opinião dos Agentes sobre a preservação do patrimônio de VSN.
- c) As percepções, avaliações, atitudes e comportamentos dos indivíduos envolvidos com o patrimônio moderno de VSN.

Para que fosse possível identificar essas questões sem causar interferência em suas respostas e para que as mesmas expressassem o que percebem e o que sentem os entrevistados, em relação ao ambiente e contexto que estão inseridos, foi solicitado que falassem sobre determinados assuntos — obedecendo a estrutura — deixando-os discorrer sobre o assunto, ponderando para que não fugissem muito do tema. Ou seja, intervindo apenas quando fosse necessário. Na maioria dos casos essas intervenções ocorreram apenas quando havia a necessidade de mudar de tópico. Algumas vezes, como o que ocorreu no grupo dos técnicos, essas intervenções não foram necessárias pois abarcavam por completo todos os itens. O grupo que foi necessário um maior número de intervenções foi o de moradores do período Pós ICOMI.

Quanto **à realização das entrevistas**, as mesmas ocorreram em sua grande parte de modo presencial — respeitando os protocolos necessários devido à pandemia<sup>28</sup> — durante a visita *in loco*<sup>29</sup> ao estado do Amapá nas cidades de Macapá, Santana e Serra do Navio. As únicas entrevistas que se deram através de reunião *online* foram com os integrantes do grupo dos agentes técnicos. Estas foram realizadas virtualmente através do *google meet*, uma em fevereiro de 2022 e outra em março de 2022, uma vez que nesse período a pesquisadora não se encontrava mais no estado do Amapá. É oportuno salientar que ambas se deram apenas nesse período devido à dificuldade em contatar e receber resposta dos mesmos.

Todas as entrevistas foram gravadas — as presenciais apenas por áudio e as online por vídeo — e transcritas na íntegra (ver anexo C), apenas retendo informações que pudessem vir a identificar essas pessoas. Em média as entrevistas duraram entre 45min a uma hora, apenas um dos entrevistados do grupo POS ICOMI levou 26 min.

As **análises das entrevistas** foram realizadas a partir da leitura das transcrições e tabulações de acordo com as principais categorias de análise, definidas com base nos objetivos a serem alcançados citados anteriormente.

- a) Quanto a relação dos agentes envolvidos; foram observadas os sentimentos, aprovações e/ou reprovações entre as seguintes partes: Comunidade-IPHAN; Administração Pública-IPHAN; Comunidade-Administração Pública; Antigos e novos moradores de VSN e Comunidade (aqui inclui também a Administração Pública) com as empresas mineradoras que trabalham na região.
- b) Quanto a participação e entendimento nos processos de preservação; aqui foram observados qual o nível de engajamento e entendimento da comunidade nos processos de preservação do patrimônio. Para obter essas informações analisou-se as atitudes e opiniões dos entrevistados acerca do processo de tombamento, da regularização fundiária e da sua preservação.
- c) Quanto as percepções, avaliações, atitudes e comportamentos em relação ao patrimônio; buscou-se a compreensão do sentido de lugar atual de VSN. Aqui avaliou-se os diferentes graus desse sentido, os significados que o ambiente tem para a comunidade, a sua satisfação com a situação do patrimônio. Para tanto, avaliou-se os três construtos que segundo Jorgensen e Steadman (2001) definem o sentido de lugar (apego, identidade e dependência do lugar).

---

<sup>28</sup> Realizadas com uso de máscara em lugar aberto (varandas) com exceção dos representantes da administração pública que receberam a pesquisadora nas dependências da prefeitura municipal.

<sup>29</sup> A visita ao Amapá se deu no mês de novembro e as entrevistas ocorreram nos seguintes dias: Macapá (16); Serra do Navio (20,21,22 e 23) e Santana (27 e 29).

Após essa etapa os achados foram cruzados com os dados obtidos através da pesquisa bibliográfica e documental de fontes primárias e secundárias de VSN e do levantamento físico e observação direta. O grau do sentido de lugar dos diferentes grupos de moradores foi mensurado de acordo com a tabela proposta por Shamai (1991).

### 3.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Em síntese, nesse capítulo detalhou-se todos os processos que envolveram as estratégias metodológicas da presente pesquisa. Desde a sua abordagem qualitativa e multimetodológica, a escolha do campo (VSN), dos métodos e técnicas para a coleta de dados (pesquisa bibliográfica e documental, levantamento físico, observação direta e entrevistas semiestruturadas), dos grupos de entrevistados (EX MO, MO ICOMI, MO POS, ADM e TEC), da forma como ocorreu a coleta de dados e, por fim, da análise dos dados (com base nos objetivos específicos). Aqui pode ser observado como se deu a presente pesquisa e cada uma de suas etapas.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS: CONTEXTO HISTÓRICO E TOMBAMENTO

Neste capítulo são apresentadas as análises dos dados coletados majoritariamente: a) na pesquisa bibliográfica e documental de fontes primárias e secundárias sobre VSN e também a partir das b) entrevistas semiestruturadas. Levantando primeiramente os dados a respeito do contexto histórico, cultural e social da VSN, etapa que caracteriza e revela as especificidades do lugar embasando a pesquisa (primeiro objetivo específico da pesquisa). No segundo momento, mantendo a ordem cronológica dos fatos, são abordadas as ações realizadas em prol da proteção do patrimônio deixado pela empresa após a sua saída. Neste item são observados os papéis de cada agente no cenário patrimonializado, assim como as relações e dinâmicas entre eles, dados que revelam as principais contradições e dificuldades do referido cenários (segundo objetivo específico).

### 4.1. O CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E SOCIAL DE VSN

Neste item — que tem o intuito de sedimentar o conhecimento acerca do contexto histórico, cultural e social de Vila Serra do Navio — são abordados, a origem, o projeto e as principais dinâmicas vivenciadas no período ICOMI (1960-1992), além de trazer elementos que caracterizem o ambiente estudado. Essa etapa, que serve de base para os próximos itens, foi desenvolvida a partir da pesquisa bibliográfica e documental sobre VSN na sua grande maioria, apenas em alguns trechos que relatam situações mais recentes, utilizou-se as entrevistas semiestruturadas.

#### 4.1.1. A era ICOMI: origem, projeto e consolidação da cidade companhia

A origem do conjunto urbano Vila Serra do Navio (VSN), assim como do complexo do qual faz parte, se deu para viabilizar a extração de minério de manganês encontrado na região do vale do Amapari, localizado no atual estado do Amapá (RIBEIRO, 1992). Portanto, pode se dizer que a presença do minério, identificado pela primeira vez em 1934 por Josalfredo Borges, foi o fator motivacional para a movimentação que culminou em um grande investimento em infraestrutura em ambiente amazônico do qual o patrimônio estudado faz parte. Além disso, resultou no “mais duradouro e mais importante empreendimento produtivo da curta história do estado do Amapá (...)” (DRUMMOND e PEREIRA, 2007, p. 121).

A empresa responsável pela idealização e construção de toda essa infraestrutura, assim como pelo conjunto urbano VSN, foi uma empresa brasileira chamada Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI) que, após assinar o contrato de concessão mineral (1947) pelo período de cinquenta anos, associou-se com a norte-americana *Bethlehem Steel* (1949) (DRUMMOND e PEREIRA, 2007; RIBEIRO, 1992). Portanto juntas foram responsáveis pela construção de um complexo que abarcava;

(...) (1) o perímetro de mineração, que incluiu estradas de acesso às áreas de mineração, prédios e equipamentos industriais, administrativos e residenciais, (2) a ferrovia, incluindo estações e instalações conexas, unindo a mina ao porto, e (3) o porto de embarque de minério, incluindo prédios e equipamentos industriais e prédios administrativos e residenciais (DRUMMOND e PEREIRA, 2007, p. 148).

Além disso, a empresa também foi responsável pela estruturação e construção de outros serviços, uns eram essenciais para que o trabalho se desenvolvesse na região, outros não. Contudo, foram realizados da mesma forma devido à vontade e filosofia empresarial do presidente da ICOMI, Augusto Trajano de Azevedo Antunes, que buscava para os seus trabalhadores as melhores condições de vida possíveis, uma vez que entendia, que apenas assim conseguiria mantê-los estáveis e satisfeitos em uma região bastante inóspita. Dentre esses serviços destaca-se, além do que já fora citado anteriormente; rodovias (construção e manutenção); produção, transmissão e distribuição de energia elétrica (até 1982 quando passa a utilizar energia da hidrelétrica Coaracy Nunes); comunicações (rádio e telefonia); suprimento de alimentos; educação primária; habitação; hospitais; tratamento de água; sistema de coleta e tratamento de esgoto; coleta e destinação final de lixo; além de ações na prevenção de doenças e vetores de doenças transmissíveis (DRUMMOND e PEREIRA 2007, p. 162).

O conhecimento da envergadura do empreendimento é fundamental para que se compreenda a dimensão do movimento executado na região e também para ilustrar a infraestrutura que foi necessária para dar acesso e permitir que um considerável número de pessoas pudesse viver no lugar.

A necessidade dessa grande mobilização estava relacionada diretamente com as condições naturais do lugar e seu isolamento geográfico, pois o mesmo se encontrava na densa floresta amazônica configurado pela esparsa presença de ribeirinhos, garimpeiros e indígenas. Distanciando-se aproximadamente 200 km de Macapá, considerado um núcleo urbano com população mais concentrada (RIBEIRO, 1992; DRUMMOND e PEREIRA 2007).

Marcam ainda esse contexto de ambiência da região de clima quente e úmido, a exuberante e quase impenetrável floresta amazônica, dona de uma inimaginável biodiversidade onde, “por baixo do emaranhado das copas mesmo durante o dia, prevalecem a meia luz, a penumbra, quase a escuridão” (RIBEIRO, 1992, p. 24). Com a presença de uma hidrografia bastante expressiva, constituída por rios e seus afluentes, assim como por lagos e igapós que são formados no período de chuva abundante, pois o seu relevo propicia o acúmulo de água. Ainda com relação a fauna que habita o local que viria a ser o entorno do núcleo urbano, constituía-se em grande parte, por répteis, anfíbios, mamíferos de médio e pequeno porte, pássaros das mais diversas espécies e insetos, entre eles os mosquitos

vetores da malária e da leishmaniose (ibidem, 1992). Abaixo (figura 4.1) é possível observar imagem do período que ilustra esse rico e complexo cenário de implantação.

Figura 4.1 – Início da construção de Vila Serra do Navio



Fonte: Imagem do Filme Dr. Antunes, documentário.

Na imagem, realizada no início da construção do empreendimento observa-se a clareira que foi aberta no meio da densa floresta descrita e ilustra os desafios que implicaram o empreendimento, dentre eles o isolamento geográfico. A esse respeito é oportuno mencionar que antes da construção da estrada de ferro o local só era acessado através do rio e que por muito tempo o trem foi o único meio de conexão com outra cidade, pois a rodovia BR 210 só foi construída mais tarde. Atualmente, a estrada que conecta a capital Macapá com o município de Serra do Navio (206Km) possui 95Km de chão batido, trecho que liga a cidade a Porto Grande. Suas condições são precárias com muitos buracos e atoleiros formados no período de chuva.

#### 4.1.2. O projeto de Bratke

Então, ciente desse cenário de acesso bastante difícil e ausência completa de infraestrutura, atenta à necessidade de planejamento e construção de dois núcleos urbanos que pudessem acolher os trabalhadores e suas famílias (Vila Serra do Navio<sup>30</sup> próximo ao

---

<sup>30</sup> Nome dado pela proximidade da serra com uma ilhota no rio Amapari que se assemelha a um navio (RIBEIRO, 1992).

perímetro de mineração e a Vila Amazonas<sup>31</sup> próximo ao porto<sup>32</sup>), a empresa decide por contratar o arquiteto e urbanista Oswaldo Arthur Bratke e o engenheiro Luiz de Mello Mattos (DRUMMOND e PEREIRA, 2007).

A respeito do projeto que desenvolve, o arquiteto — que assinou o contrato para a realização do plano de ambos os núcleos no ano de 1955 e os realizou desde a escala urbana ao mobiliário das residências — relata em trecho de sua palestra transcrita por Ribeiro (1992) que, para realizá-lo, considerou aspectos como o clima e as características do local, o perfil dos habitantes que iriam lá residir, assim como os seus hábitos — pois muitos funcionários migrariam para a região — e os materiais disponíveis na região. Além disso, buscou referenciais em casos de assentamento similares a fim de compreender as principais demandas e modo de organização destas, pois como ele mesmo coloca, “não era, porém, simplesmente um contrato de vilas e casas, e sim, implicitamente, a responsabilidade pelo funcionamento daquilo que se propunha” (*ibidem*, 1992, p. 36).

Quanto à estrutura das vilas e demanda da contratada, essas deveriam ter a capacidade para abrigar 1500 empregados e suas famílias, assim como trabalhadores solteiros e visitantes, contabilizando aproximadamente de 330 casas em cada um dos núcleos e estruturas de uso coletivo como hospital, escola primária, igreja, clube, prédios destinados à administração e comércio (DRUMMOND e PEREIRA, 2007).

Tendo em vista que não havia nenhum tipo de organização urbana na região o arquiteto pode escolher, dentre as possibilidades, a localização que considerou ser a mais propícia para a implantação do plano em VSN. Optou por uma área marcada por duas elevações separadas por um pequeno vale que, segundo ele, seria uma região segura de alagamentos, com uma boa ventilação e vista da paisagem natural, além de estar próxima a estação ferroviária (RIBEIRO, 1992).

Para a construção do plano, tendo em vista o ambiente de mata fechada em que seria construído — descrito anteriormente — ainda segundo o arquiteto (RIBEIRO, 1992), foi necessário a derrubada total das árvores respeitando uma distância considerada segura para que não houvessem acidentes. Em contrapartida, foram plantadas vegetações de menor porte privilegiando as espécies com floração colorida e também árvores frutíferas nos espaços livres do conjunto (*ibidem*, 1992). Na sequência é possível observar (figura 4.2) uma imagem aérea do período ICOMI que demonstra a implantação do projeto cercado pela floresta amazônica.

---

<sup>31</sup> Nome dado por estar localizado às margens do rio Amazonas (RIBEIRO, 1992).

<sup>32</sup> Atualmente a Vila Amazonas é um bairro da cidade de Santana/AP e fica aproximadamente a 40 Km da capital do estado Macapá.

Figura 4.2. – Vista aérea de VSN

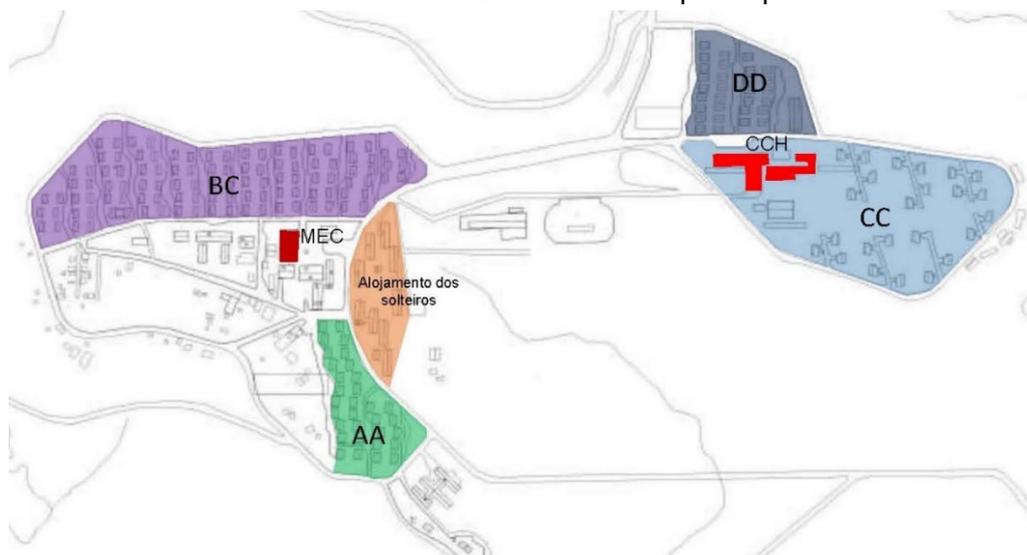


Fonte: Ribeiro (1992).

Para a ordenação física do conjunto urbano, o arquiteto se valeu da topografia do terreno e optou por adotar uma prática comum de vilas operárias, a segregação do ambiente de moradia e lazer dos funcionários que ocupavam o cargo de chefia (Ruas DD e CC), dos operários (BC), figura 4.3, (DRUMMOND e PEREIRA, 2007). Havia, também, na região destinada aos operários, a separação dos trabalhadores de nível técnico dos demais (AA). Essas diferenças iam além da questão geográfica, pois haviam também diferenças nas tipologias de residências sob o argumento de que o conforto e luxo proporcionado nas casas destinadas aos funcionários de maior nível técnico seriam um incentivo para que aceitassem o trabalho, dada a circunstância de isolamento do local (RIBEIRO, 1992, p. 40).

Essas duas áreas, a área central, incorpora a vila operária, vila intermediária, centro administrativo e o STAFF — área destinada aos funcionários que ocupavam cargos de chefia ou possuíam curso superior, como médicos e engenheiros —, possuíam respectivamente seus locais destinados ao lazer, que também eram segregados, o MEC (Manganês Esporte Clube) e o CCH (Clube e Casa de Hóspedes). Esta organização pode ser observada na figura (4.3) a seguir.

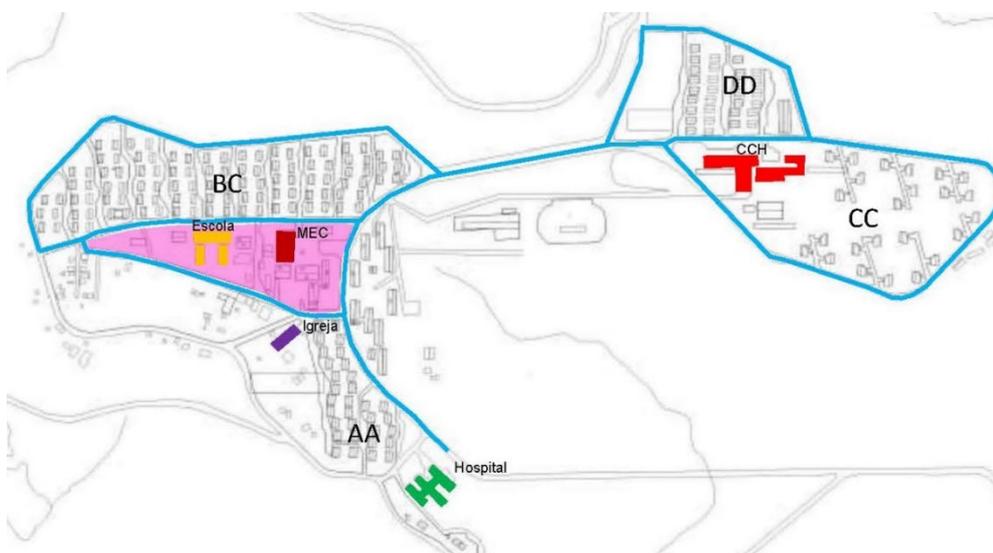
Figura 4.3 – Áreas residenciais e clubes MEC e CCH. Adaptado pela Autora



Fonte: Mapa do Projeto de Regularização Fundiária – Diretrizes Urbanísticas (SEI 01450.001633/2018-37 / p. 514). Adaptado pela autora.

Essas distribuições foram limitadas por superquadras compreendidas por vias de acesso coletoras que envolviam outras quadras menores, cujo acesso se dava a partir de vielas destinadas a um tráfego menor. Vias que convergiriam para o centro onde estariam localizados alguns prédios de uso comum, como praça, comércio, clube, igreja, escola, serviços administrativos, polícia, cartório, agência bancária e correios. Dos prédios de uso público apenas o hospital possuía um certo isolamento (RIBEIRO, 1992). Compunham ainda o plano de Bratke, “(...) centro comunitário, restaurantes, lanchonetes e salas de jogo, além de clubes com piscinas, sauna, quadras esportivas” (DRUMMOND e PEREIRA, 2007 p. 165). Esses equipamentos podem ser observados na figura a seguir.

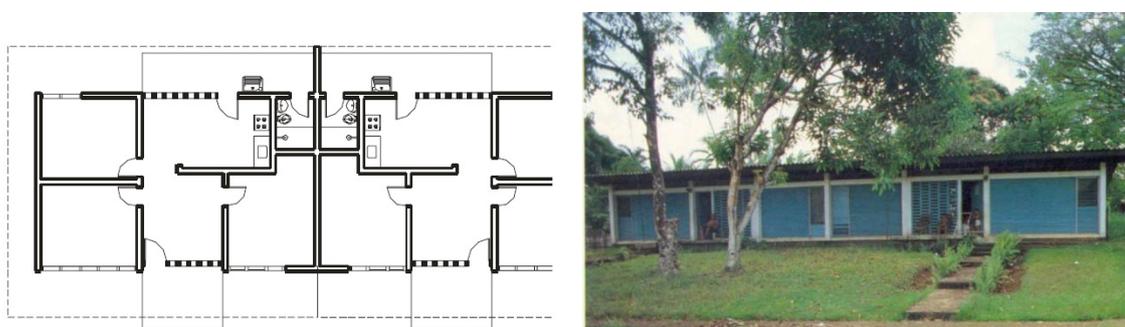
Figura 4.4. – Vias principais, área central e equipamentos públicos Adaptado pela Autora.



Fonte: Mapa do Projeto de Regularização Fundiária – Diretrizes Urbanísticas (SEI 01450.001633/2018-37 / p. 514). Adaptado pela Autora.

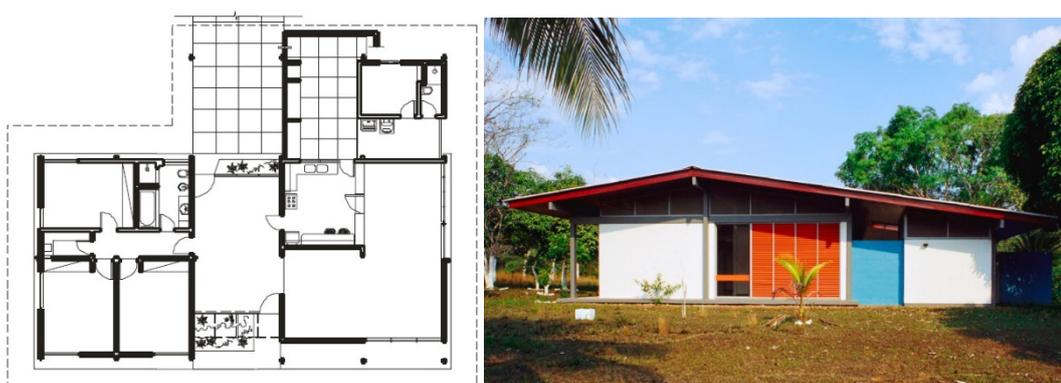
Quanto à arquitetura das casas projetadas por Bratke, como já foi dito anteriormente, as tipologias<sup>33</sup> diferiam especialmente entre as casas da Vila Operária e do STAFF. No entanto, foram construídas obedecendo padrões derivados do uso dos mesmos materiais e elementos arquitetônicos, como as venezianas e cobogós. Como coloca o arquiteto “as casas em geral deveriam divergir entre si pelo tamanho, maior número de peças e acabamentos. Ventilação, higiene e as melhores condições de habitabilidade delas deveria ser um termo comum” (RIBEIRO, 1992, p. 46). Nas figuras a seguir pode-se observar esses aspectos tanto nas plantas quanto nas fotografias.

Figura 4.5. – Planta Baixa e Fotografia da fachada da Residência Tipo BC



Fonte: IPHAN, Dossiê de Tombamento (2012, p. 65)

Figura 4.6 – Planta Baixa e Fotografia da fachada da Residência Tipo CC



Fonte: IPHAN, Dossiê de Tombamento (2012, p. 65) e site Archdaily<sup>34</sup>

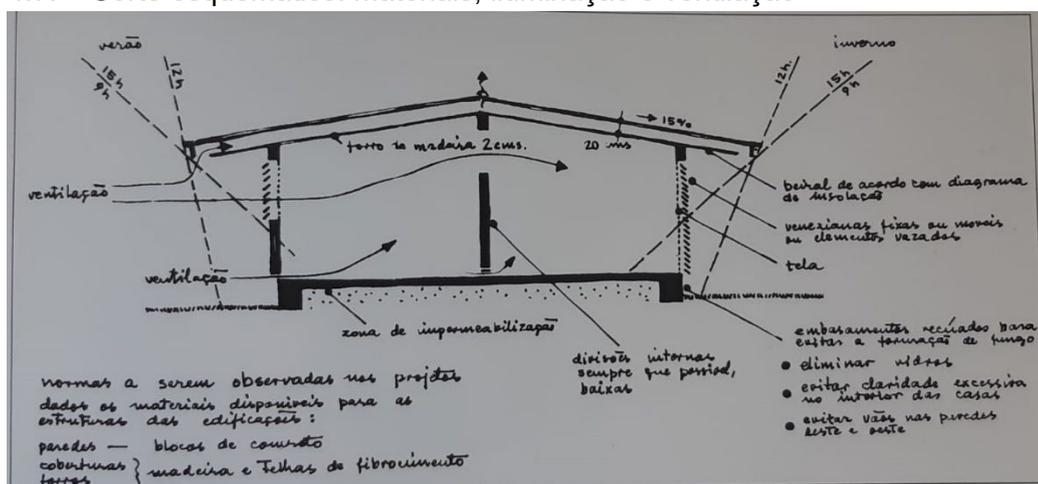
A respeito da disposição das residências no terreno, as mesmas foram alocadas evitando o uso de limites formais entre elas, portanto marcam o cenário da VSN com espaços

<sup>33</sup> Existem, no total 4, tipologias. No entanto, em alguns casos, havia variações na planta baixa. Onde os tipos (BB, AA) localizavam na área central e os tipos (CC e DD) na área do STAFF (IPHAN, 2008a).

<sup>34</sup> Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/772335/classicos-da-arquitetura-vila-serra-do-navio-oswaldo-bratke/55d90454e58ece5ffc000157-classicos-da-arquitetura-vila-serra-do-navio-oswaldo-bratke-foto?next\\_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/772335/classicos-da-arquitetura-vila-serra-do-navio-oswaldo-bratke/55d90454e58ece5ffc000157-classicos-da-arquitetura-vila-serra-do-navio-oswaldo-bratke-foto?next_project=no)

abertos e gramados com árvores para sombreamento. Além disso, as residências foram dispostas preferencialmente com suas fachadas principais Norte/Sul, pois assim, aproveitariam a melhor orientação solar com a incidência da ventilação predominante (RIBEIRO, 1992). A ventilação natural foi ponto-chave no projeto de Bratke, que utilizou elementos vazados aliados às telas para a contenção de animais, permitindo o conforto dos habitantes tendo em vista as altas temperaturas da região. Na sequência é possível observar um de seus desenhos (figura 4.7) que demonstra a preocupação com a ventilação, iluminação e materiais utilizados.

Figura 4.7. – Corte esquemático: materiais, iluminação e ventilação



Fonte: Ribeiro, 1992.

Ainda a respeito das residências, segundo alguns autores o arquiteto buscou inspiração em casas ribeirinhas com o intuito de amenizar impactos para funcionários que não estavam adaptados à estrutura proposta e que eram estranhas para eles, culturalmente falando (DRUMMOND e PEREIRA, 2007 p. 163).

Sem se afastar de sua experiência moderna, encontra meios de adaptação da edificação à floresta, trazendo seu conhecimento técnico e repertório arquitetônico para a criação de modelos únicos e admiráveis de espaços de vivência e habitação. As construções em geral são extremamente díspares de qualquer exemplar que se tenha visto na região até então, contudo apresentam um toque de familiaridade (...), seja pelo uso da madeira (material abundante e de características notáveis para construção no meio) como a adoção de elevações, beirais, grandes pátios os quais, apesar de fruto de estudos científicos sobre sua eficácia no projeto em questão, se assemelham em uso e eficiência com elementos já adotados nas arquiteturas vernaculares amazônicas, e perduram até os dias de hoje (TOSTES, TAVARES, 2018, p. 9).

A leitura que Tostes e Tavares (2018) realizam sobre a arquitetura de Bratke quando diz que a mesma apesar de ser bem diferente do que já havia sido visto na região, remete à arquitetura vernacular amazônica, demonstra não apenas o cuidado e as intensões do projeto do arquiteto, mas a dinâmica de urbanização exógena que ocorreu no período. É possível

observar claramente a implantação de uma infraestrutura completamente distinta do que já havia sido visto no então Território Federal Amapaense, hoje estado do Amapá. Motivada única e exclusivamente pelo interesse do mercado externo.

Esses pontos abordados, que compõem o projeto que sustenta a justificativa de patrimonialização, atestam a complexidade da obra pensada, da escala urbana ao mobiliário, assim como o contexto e circunstância de implantação. Pois, elevam o trabalho do arquiteto a um patamar que sobressai as funções de habitar, circular, trabalhar e ter acesso ao lazer, como o preconizado nas CIAM's (elementos presentes no projeto). Nesse caso, havia também a responsabilidade de fazer com que uma comunidade nova se instalasse e permanecesse em um local (evitando uma rotatividade de funcionários), com características bastante inóspitas.

#### **4.1.3. A vida em Vila Serra do Navio no período ICOMI**

Quanto às dinâmicas dentro do conjunto urbano estudado, a sua infraestrutura e serviços públicos, apresentados anteriormente, estavam restritas apenas à comunidade de funcionários da empresa. O acesso da Vila era permitido apenas para essas pessoas, seus familiares e alguns visitantes autorizados. Sendo assim, por conta desse caráter controlado que perdurou de 1960-1992, o núcleo não experimentou um aumento populacional significativo. Contudo, é importante salientar que próximo ao núcleo VSN foram formados alguns aglomerados como a Colônia de Água Branca (10 km de VSN) e a comunidade do Cachaço (margens do rio Amapari). Além dessas, após a abertura da BR-210<sup>35</sup>, instalaram-se outros pequenos grupos derivados de assentamento agrário ao longo da estrada como: Nova Colina, Manuel Jacinto, Nova Vida, Mumguba e Silvestre (DRUMMOND e PEREIRA, 2007). Essas pessoas, por mais que não fizessem parte do grupo de trabalhadores da empresa, também são parte do contexto como um todo.

Dentre os fatores que marcaram as vivências dessas pessoas no contexto de VSN administrada pela empresa, é importante ratificar, voltando ao projeto de Bratke, que o mesmo foi elaborado visando a qualidade de vida e a plena satisfação dessas pessoas, preceito que se coadunava com a filosofia empresarial do Dr. Augusto Trajano Antunes de Azevedo. Portanto, o arquiteto não se ateve apenas às questões arquitetônicas e urbanísticas do empreendimento e realizou uma série de recomendações sobre o funcionamento da Vila, as quais se somavam ao objeto vivenciado.

---

<sup>35</sup> Rodovia Perimetral Norte que dá acesso a capital Macapá para o município de Serra do Navio.

Sendo assim, dentre as medidas recomendadas e executadas é possível verificar a preocupação em evitar o ócio que considerava nocivo, visando o contexto de reclusão em que viveriam. Para tanto, projetou inúmeros equipamentos destinados ao lazer como o clube, quadras esportivas, campo de futebol, piscina, sauna, cinema e boliche, recomendando que a empresa propiciasse eventos esportivos e sociais (RIBEIRO, 1992) — dentre estes destacam-se os bailes, festas, sessões de filme nos cinemas que ocorriam com uma certa regularidade (JULIANELLI, 2019) — e ainda, concursos da mais bela casa e de jardinagem, afim de estimular os habitantes/funcionários a cuidar do patrimônio (RIBEIRO, 1992). Esse último item tinha não apenas o objetivo de combate ao ócio, mas também é lido por alguns autores como uma ação disciplinadora que será mencionado mais à frente (JULIANELLI, 2019; MAGALHÃES, 2019).

Quanto aos equipamentos de lazer, seus usos e regras, foram concebidos dois clubes que incorporavam diversas atividades ao longo do dia e era o principal ponto de encontro da comunidade. Contudo há que se recordar que, assim como as áreas residenciais separavam os funcionários que ocupavam cargos de chefia e/ou possuíam curso superior dos demais, não era diferente com o ponto de encontro desses indivíduos. Dessa forma o CCH, localizado no STAFF, estava destinado aos moradores da região e o MEC, localizado próximo ao centro administrativo e à Vila Operária, aos trabalhadores do setor operário e intermediário (RIBEIRO, 1992).

Como visto no item anterior, a separação e hierarquização dos funcionários de acordo com sua graduação foi uma decisão de projeto baseada em outros exemplares de cidade companhia visitadas pelo arquiteto. No entanto, essas não foram as únicas ações de segregação, pois separadas das vilas residenciais destinadas aos funcionários e suas famílias estavam os alojamentos dos solteiros (JULIANELLI, 2019), que como colocou o próprio arquiteto:

Dedicou-se especial atenção ao planejamento para os solteiros, particularmente em seu tempo livre. Todas as construções para solteiros têm terraços cobertos para a circulação, além de salas de estar. Clubes foram organizados a fim de que os solteiros dispusessem de locais para se divertirem por sua conta, sem invadir ou serem inibidos pelas atividades gerais' (RIBEIRO, 1992, p. 63).

Outro item previamente pensado para a organização da sociedade de Serra do Navio foi o incentivo à educação e formação da comunidade. A esse respeito, sob o argumento de evitar uma “geração marginal ou parasitária nas vilas, com o correr dos anos deve ser introduzido o ensino artesanal profissional, preparando a mocidade para uma vida útil” (RIBEIRO, 1992, p. 69). Esse incentivo, de acordo com Julianelli (2019), era tanto uma forma

de incentivar a economia do lugar como uma ampliação das medidas contra o ócio citadas anteriormente.

No que se refere os equipamentos destinados aos serviços públicos e seus serviços como escola<sup>36</sup> e hospital, é válido salientar que, para a realização do plano destes, o arquiteto buscou orientação especializada, como a professora Carolina Rodrigues (na área da educação) e dos Doutores Paulo Cesar de Azevedo Antunes e Hermelino Gusmão (na área da saúde) (RIBEIRO, 1992). Como pontua Drummond e Pereira (2007), essas estruturas e serviços oferecidos pela empresa eram rigorosamente destinadas aos seus funcionários com exceção dos atendimentos no hospital. Este, que era particular, atendia também os moradores sediados nos arredores da Vila de forma gratuita. A empresa decidiu por oferecer atendimento a essas pessoas, no entanto elas não eram abarcadas pelo programa preventivo de saúde<sup>37</sup>, cujo o funcionamento era controlado a partir da ação das:

(...) ‘visitadoras’ ligadas ao Hospital de Serra do Navio – e, portanto, ao Departamento de Saúde Pública – que imprimiam vistoria às famílias a fim de prover imunizações, controlar índices de mortalidade e manter a salubridade das moradias. Todos os moradores tinham prontuário médico e eram obrigados a comparecer ao hospital pelo menos uma vez ao ano conforme chamado por escrito. O setor de saneamento, que fazia as imunizações a cada seis meses, ao detectar as irregularidades comunicava ao hospital que enviava o setor de enfermagem específico para orientar o morador (JULIANELLI, 2019, p. 97-98).

Aliada a essas medidas, focadas no propósito de promover a saúde local, haviam também ações oriundas de uma frente higienista ou higienizadora, como coloca Julianelli (2019) somada a ações de controle e disciplinarização da população por parte da empresa. Para ilustrar tal afirmação a autora (ibidem, 2019) levanta as ações das “visitadoras sociais”. Para a autora, essa era uma forma da empresa manter o controle sobre o interior das residências, além de garantir a manutenção desses bens. Outro ponto que destaca são os concursos da casa mais bonita promovidos pela ICOMI, citados anteriormente. Magalhães (2019), faz a leitura dessas ações — ao relatar a entrevista de uma antiga moradora — como um exemplo da relação de “direitos e deveres” entre empresa e trabalhadores, que visava não apenas a manutenção do patrimônio ocupado, mas também a promoção da “educação” dessas pessoas, buscando um ideal civilizatório.

Outro ponto determinante da dinâmica da VSN eram as ações de manutenção do patrimônio como um todo. Isto porque a empresa realizava não apenas a gerência e

---

<sup>36</sup> (...) a escola da vila não matriculava filhos de não empregados” (DRUMMOND e PEREIRA, 2007, p. 393).

<sup>37</sup> Responsabilidade do “centro de programas preventivos e educativos (vacinação, inspeção da qualidade da comida, da água, higiene doméstica, controle de vetores e doenças contagiosas” (DRUMMOND e PEREIRA, 2007, p. 165-166).

manutenção dos equipamentos públicos, das áreas urbanas, dos serviços de abastecimento de água e luz e de outros, como também manutenções e reparos nas residências dos funcionários (COSTA, 2019; JULIANELLI, 2019). Essas atribuições eram função da Seção de Conservação de Vilas, como pode ser observado a seguir:

A excelência na manutenção das residências, vias públicas e áreas verdes de Vila Serra do Navio, muito se deve à atuação da “Seção de Conservação de Vilas” a qual também se responsabilizava pela captação, tratamento e distribuição de água potável; controle e conservação das piscinas; reparo na pavimentação, sinalização e varrição das vias públicas; conservação de jardins e bosques; coleta e incineração de lixo e rede e tratamento de esgotos (JULIANELLI, 2019, p. 103).

Outro ponto importante e bastante estudado por Bratke foram os edifícios destinados ao abastecimento dos gêneros alimentícios, como almoxarifado, depósitos e frigoríficos (RIBEIRO, 1992). Essa foi uma questão muito importante no projeto e planejamento, pois a distância de grandes centros — pensados para prover alimentos para a população estimada — era um grande empecilho para o ótimo funcionamento do núcleo.

Após tentativas de suprir essas demandas de forma local, a empresa resolveu comprar boa parte dos mantimentos direto do Rio de Janeiro. Com o passar do tempo, a empresa organizou algumas fazendas, como é o caso da Campo Verde e Fazendinha — ambas localizadas na capital — que supriu a demanda por um período determinado de tempo. A partir da década de 1970, a empresa procurava comprar produtos dos assentamentos ao longo da BR-210 (DRUMMOND e PEREIRA, 2007).

Como ainda coloca Drummond e Pereira (2007) é importante que se observe, que no ambiente amazônico no período em que a empresa foi implantada e geriu as Vilas, não haviam a maior parte desses equipamentos e tão pouco a infraestrutura implantada pela empresa na região. Na verdade, esses são ainda bastante raros ou precários. Portanto, é possível imaginar que todo esse conforto e qualidade de vida vivenciados pelos funcionários da empresa, eram almejados pelos habitantes que viviam nas imediações das Vilas e em situações totalmente opostas. De acordo com Costa (2019):

No decorrer do tempo em que a ICOMI atuou no Amapá, a Vila Serra do Navio era um lugar almejado por muitos amapaenses. Morar em uma das casas da Vila significava ter qualidade de vida, acesso à moradia de qualidade, infraestrutura, saneamento básico, ensino e todos os serviços necessários (COSTA, 2019, p. 147).

Em suma, essas contextualizações realizadas até aqui — a partir da bibliografia e documentos sobre Serra do Navio — são fundamentais para que se avance na busca pela compreensão das inter-relações entre comunidade e agentes envolvidos na preservação do patrimônio, assim como da comunidade e ambiente construído.

#### 4.1.4. Saída da empresa e o novo modo de vida em VSN

O acontecimento que marcou esse período de transição consiste na criação do município que, em um primeiro momento, chamou-se Água Branca do Amapari (1992) e que foi instalado definitivamente no ano de 1993 com prefeito e câmara de vereadores eleitos por voto direto. O município, que passou a se chamar Serra do Navio, foi sediado na então Vila Serra do Navio, na ocasião administrada ainda pela ICOMI. A partir desse momento, inicia-se um período de administração compartilhada (JULIANELLI, 2019) e para dar suporte à prefeitura, a empresa reativou o Instituto Regional de Desenvolvimento do Amapá (IRDA). A sua intenção era realizar a transferência da responsabilidade para o poder público, dar suporte aos seus funcionários, pois a empresa opera até final 1997 e também, contribuir para a mudança da vocação do lugar (DRUMMOND e PEREIRA, 2007).

Em 1993, iniciam-se as mudanças decorrentes dessa transição, a primeira delas foi a abertura da Vila para além dos funcionários da empresa. É pertinente lembrar que desde o início das atividades da ICOMI o acesso a Vila era restrito aos funcionários e possuía rigoroso controle de entrada, como coloca Drummond e Pereira (2007, p. 392), “até para fazer uma simples refeição no único restaurante da cidade era preciso permissão da gerência da vila”. Sendo assim, a partir desse marco o município passa a ter além dos residentes empregados, residentes cidadãos e livre acesso a moradores dos arredores da Vila, agora munícipes de Serra do Navio (ibidem, 2007).

Neste ponto é oportuno lembrar que a empresa ICOMI assinou o contrato de concessão mineral em 1947 e, em 1953, a concessão do embarcadouro e da estrada de ferro. Foi também neste mesmo ano (1953) que iniciou a contagem do contrato para a exploração de minério na região pelo período de cinquenta anos (RIBEIRO, 1992). Portanto, a empresa poderia explorar a jazida até o ano de 2003. Não obstante, não foi o que aconteceu na prática, pois em 1997 a empresa fez

(...) uma solicitação oficial, dirigida ao Ministério das Minas e Energia e ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), de autorização para encerrar as atividades mineradoras. A ICOMI alegava que a mina teria atingido o fim de sua capacidade produtiva. As razões técnicas apontadas para o encerramento das atividades estavam no fato de que o minério de manganês de alto teor havia sido totalmente extraído, tornando-se antieconômico a prolongamento das atividades de extração (...). (DRUMMOND e PEREIRA, 2007, p. 401).

Como coloca Julianelli (2019), o contrato tinha um tempo de expiração e a saída da empresa da região sempre foi anunciada. No entanto, a ICOMI antecipou a sua saída sob a justificativa de que o mineral de alto teor, que mantinha o investimento viável, havia se esgotado. Portanto, o período de transição referido previamente dura cinco anos. Segundo Drummond e Pereira (2007), a empresa já havia sinalizado que o seu fechamento estava se

aproximando e, após o desmembramento de Serra do Navio de Macapá e a emancipação de Santana (onde se localizava a Vila Amazonas), a empresa iniciou algumas transferências de seu patrimônio para o poder público local e estadual. Na cidade de Santana, esse processo foi bastante efetivo<sup>38</sup>, em Serra do Navio o mesmo deveria acontecer<sup>39</sup>.

Ainda nesse período, mais precisamente em 1993, a empresa custeou a elaboração de um Plano Diretor<sup>40</sup> para Serra do Navio, que não chegou a ser implementado. Para tanto, a ICOMI contratou o urbanista Adiron Ribeiro que, após visitas de campo e consultas a comunidade realizou os diagnósticos da área propondo soluções para o desenvolvimento do novo município de Serra do Navio. O interesse da empresa era que a administração tivesse ferramentas para administrar o município após a sua saída, pois até então a empresa ainda possuía uma participação dominante na gestão compartilhada (JULIANELLI, 2019).

Dessa forma o tempo de transição foi passando e nenhuma ação concreta para amenizar os impactos de sua saída conseguiu ser realizada com sucesso. Como aponta Drummond e Pereira (2007, p. 397), “isso ocorreu na medida exata da dependência quase umbilical dos administradores públicos locais em relação ao estilo e à iniciativa gerencial da ICOMI (...)”. Portanto, foi neste período de iminência da saída da empresa da região que se iniciou o declínio da Vila Serra do Navio que, na visão de muitos, é considerado o início do pesadelo (ibidem, 2007). Nesse ponto específico cabem algumas considerações dos entrevistados a respeito do impacto desse acontecimento em suas vidas.

Então, eu digo que, que foi um choque pra gente! (E2\_EX MO, 2021).

(...) a gente entrava em desespero, “Meus Deus o que fazer?” Por que agora tem que pagar passagem, tem que ter hospedagem. Aí nós tínhamos que nos virar, correr atrás do, do (...) governo. (E4\_MO ICOMI, 2021).

---

<sup>38</sup> “Foram incorporados como bens da União várias casas e instalações da Vila Amazonas, que passaram a abrigar Órgãos federais, estaduais e municipais, tais como a Marinha de Guerra, o Tribunal de Justiça do Estado e a Defensoria Pública do Estado. Os serviços de água e esgoto foram transferidos para o governo municipal. O hospital foi, mais tarde, repassado para o sistema SUS. A escola tinha sido terceirizada anos antes disso (...) (DRUMMOND e PEREIRA, 2007, p. 393).

<sup>39</sup> “(...), as instalações e construções foram sendo gradualmente transferidas para o governo estadual e para o próprio governo municipal (...). No caso do hospital, a sua transferência para o governo estadual aconteceu em meados de 1996, por meio da incorporação ao SUS. Várias instalações foram vendidas ou arrendadas (...). A escola foi transferida para a prefeitura, juntamente com instalações e serviços de captação e tratamento de água e de esgoto. A coleta de lixo e o aterro sanitário, além de outros equipamentos diversos de manutenção, também foram repassados para o governo municipal” (DRUMMOND e PEREIRA, 2007, p. 394).

<sup>40</sup> As propostas tinham uma validade prevista de 10 anos (1994-2003), com revisões estabelecidas em 1996 (dois anos após implantado), 1999 (cinco anos depois) e 2003 (período final). O estudo registrou, ainda, a consolidação de dois outros núcleos populacionais espontâneos: Cachaço e Colônia da Água Branca (JULIANELLI, 2019, p. 104).

Como bem coloca Drummond e Pereira (2007), a saída considerada antecipada da empresa foi um processo bastante complexo e contou com a reação de entidades do poder público, esses faziam uma série de exigências para acordar o fechamento da mina, dentre elas, a manutenção do patrimônio construído na década de 1950. No entanto, apesar das inúmeras questões que envolvem essa pauta, a empresa saiu da região sem abrir precedente para as demandas feitas pelo governo sob o argumento de que esses patrimônios estavam em boas condições. Em entrevista com ex-funcionário que participou do processo de negociação com o governo, o mesmo fez reivindicações que iam além do que tinha sido acordado previamente:

Saiu de maneira um pouco difícil porque depois de quarenta anos e beneficiar a região do jeito que a gente beneficiou. O pessoal que ia ficar anteviu a dificuldade que a ausência da companhia ia gerar. (...). Nós somos uma empresa de mineração que cumrimos religiosamente o que a gente escreveu no contrato de concessão poh". Não sei se eu me fiz entender (E3\_EX MO, 2021).

Nesse momento, Serra do Navio perde a sua principal fonte de renda e emprego, a administração pública perde o tutor que a ajudava na administração do patrimônio herdado e a comunidade começa a vivenciar um declínio vertiginoso da sua qualidade de vida. Com a falta de emprego e oportunidade, uma vez que não foram realizadas medidas satisfatórias que pudessem mitigar esses danos, muitas famílias foram embora da região. Um dos motivos citados na literatura para esse ocorrido foi a falta de preparo para esse momento e a falta de investimento dos *royalties* que a empresa pagava ao governo na região. Segundo os autores, o governo os direcionou a outros lugares do estado, ou seja, nada foi investido em Serra do Navio ao longo dos 40 anos que se passaram (DRUMMOND e PEREIRA, 2007; JULIANELLI, 2019, p.112).

Logo após a saída da empresa, estabelece-se o período onde a VSN foi chamada de "cidade fantasma". Muitos funcionários deixaram o lugar, pois o mesmo não apresentava perspectiva de futuro, devido à fragilidade econômica que se instaurou. Como pôde ser observado, nenhuma ação efetiva para a mudança da vocação do lugar foi posta em prática. Para agravar essa situação, houve ainda uma longa disputa pela posse do patrimônio deixado pela empresa, que será melhor detalhada no item a seguir (DRUMMOND e PEREIRA, 2007; JULIANELLI, 2019, p. 112). Na sequência é possível observar menção de uma entrevistada sobre esse momento. Segunda ela, havia pessoas que moravam nos arredores da Vila que gostaria de ter ido morar em VSN, mas não havia forma de sustento na região:

Ficou uma cidade fantasma mesmo, em uma casa assim como essa que tá aí, abandonada. (...). Tinha gente da colônia que gostaria de morar numa casa dessa, mas então, iam viver de que? Iam embora (E6\_MO ICOMI, 2021, grifo nosso).

Dessa forma, diante do cenário de esvaziamento populacional — pela falta de emprego e oportunidades na região e pelas casas vazias, por causa das indefinições de posse dos bens deixados — inicia-se a instauração de outras empresas mineradoras no município vizinho, Pedra Branca do Amapari. Mudança que causa um grande impacto em VSN e conseqüentemente ao atual patrimônio, uma vez que a cidade passa do status de “desabitada” ao de inchaço populacional, em função da chegada dos empregados das novas empresas alocadas na região, que vão ocupar a única infraestrutura urbana que havia no momento.

No período, ocorre uma série de invasões a espaços residenciais, assim como intervenções para a adequação dos espaços sem nenhum planejamento (JULIANELLI, 2019; COSTA, 2019). Essas ações desencadearam em uma sucessão de descaracterizações em Vila Serra do Navio. No mesmo período, o processo de degradação se inicia também nos espaços e edifícios públicos que passam a não receber a devida manutenção da administração pública (COSTA, 2019), fator que será explorado mais à frente (4.3).

Por fim, esses processos descritos acabaram instigando o processo de tombamento do patrimônio de Vila Serra do Navio, que será desenvolvido a seguir.

#### 4.2. AS AÇÕES PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DE VSN E AS RELAÇÕES ENTRE OS AGENTES ENVOLVIDOS: PERÍODO PÓS ICOMI

Este item busca contextualizar o cenário de atuações em prol da preservação e conservação do patrimônio de VSN levando em consideração as ações dos agentes envolvidos no processo, direta ou indiretamente, objetivando identificar as principais contradições e dificuldades que permeiam a relação entre os mesmos, o grau de envolvimento da comunidade nas ações de preservação do patrimônio em que estão inseridos e evidenciando o seu posicionamento diante do tema.

Para atingir o referido objetivo, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e documental, que relatam as três principais ações para a preservação do patrimônio de Serra do Navio. São elas o tombamento, a regularização fundiária e rerratificação do tombamento — e as entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores, representantes da administração e agentes técnicos que trabalham na região.

#### 4.2.1. O Tombamento de Vila Serra do Navio (1998-2012)

A primeira ação em busca do tombamento de Vila Serra do Navio, que viria a se concretizar em 2010<sup>41</sup>, a partir da aprovação unânime na 63ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, aconteceu em 1998. Esse primeiro movimento foi uma ação externa realizada por acadêmicos do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Pará, apoiados pela arquiteta da superintendência do IPHAN/PA — que, na época, incorporava os assuntos do Amapá — Maria Dorotéia de Lima. O pedido abarcava o complexo ICOMI como um todo, desde a Vila Serra do Navio e sua infraestrutura urbana até as instalações portuárias, industriais e ferroviárias. A justificativa primeira para o pedido consistia na relevância do empreendimento para a arquitetura nacional e internacional, objetivando a promoção dos potenciais turísticos, naturais e agroindustriais do referido núcleo (IPHAN, Vol I, 2012).

Como é possível observar, tratou-se de um longo processo que perdurou — se contarmos até a sua inserção nos livros do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Histórico e das Belas Artes, em 2012 —, aproximadamente 13 anos. Período em que ocorreram os estudos técnicos a fim de levantar os valores históricos, arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos do então candidato a tombamento. Foi durante esse período de estudos iniciais que o Órgão comunicou primeiramente a prefeitura municipal de Serra do Navio (1999) sobre o andamento do processo, entrando em contato, na ocasião, com o prefeito, com a câmara de vereadores e outros agentes, inclusive representantes do grupo Caemi<sup>42</sup>, do qual a antiga ICOMI fazia parte. Nesse período, além das viagens *in loco* realizadas para a coleta de dados, foram levantados dados sobre as condições legais de Serra do Navio, onde constatou-se pendências judiciais referentes ao repasse do patrimônio ao Governo Estadual, situação responsável por paralisar temporariamente os trabalhos (IPHAN, Vol I, 2012).

Diante desse cenário o Órgão, buscando a retomada dos trabalhos, envia um ofício comunicando o Governo Estadual do Amapá (2003) sobre o processo iniciado, pedindo-lhes esclarecimentos sobre a situação legal das instalações dos bens materiais em questão. Ao fim, convida a entidade para a realização de um seminário com a presença de todos os agentes interessados no assunto. Contudo, apenas em 2007, o Deputado Estadual Manuel Bandeira contata o IPHAN para pedir esclarecimento sobre o andamento do processo de

---

<sup>41</sup> A 63ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural ocorreu em 15/04/2010, na cidade do Rio de Janeiro, presidida por Luiz Fernando Almeida (IPHAN, 2012, Vol. IV).

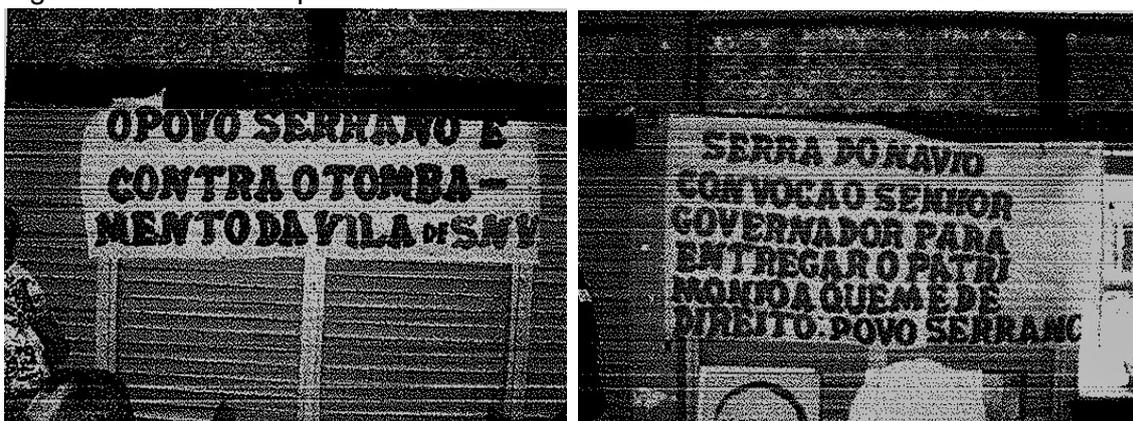
<sup>42</sup> Companhia Auxiliar de Empresas de Mineração (Caemi), holding da qual a ICOMI fazia parte desde 1950 (IPHAN, 2008a).

tombamento e anuncia o interesse em realizar conjuntamente com a esfera nacional a patrimonialização dos bens na esfera estadual. Logo após o contato, é formada uma comissão especial por parte do governo para tratar dessa questão.

Na sequência, em 18 de outubro de 2007, foi realizada a primeira audiência pública em Serra do Navio. Essa mobilização partiu da administração pública de Serra do Navio, que solicitou a presença de representantes do IPHAN e da SeCult (Secretária de Cultura do Estado). O tombamento de Serra do Navio era uma das pautas da Assembleia, que buscava tratar também dos inúmeros problemas que o município estava passando. Entre eles, a degradação das infraestruturas urbanas e problemas de serviço público como; água, esgoto, saúde e outros (IPHAN, Vol I, 2012).

Em relatório do Órgão a respeito dessa Assembleia fica bastante claro que a comunidade não estava de acordo com o tombamento de Serra do Navio. Segundo o que consta no documento, isso se dava pela falta total de esclarecimento da comunidade a respeito do mesmo. A comunidade argumentava o seu posicionamento contrário dizendo que não se poderia tomar um patrimônio com problemas de infraestrutura graves como os que estavam ocorrendo e também demonstravam o medo de que, por meio da aplicação do instrumento de acautelamento, elas perdessem a posse dos imóveis que ocupavam. Esse último ponto foi motivado pela insegurança decorrente das pendências acerca do repasse do patrimônio deixado pela ICOMI que ainda não havia sido resolvida (IPHAN, Vol I, 2012). Abaixo é possível observar o registro fotográfico do posicionamento da comunidade que confeccionou faixas para a ocasião:

Figura 4.8 – Faixas expostas na Assembleia Pública de 18 de outubro de 2007.



Fonte: IPHAN, Processo de Tombamento (Vol I, 2012, p. 94).

Além desse registro é possível observar ainda hoje, 15 anos depois, narrativas que expressam um posicionamento semelhante ao que foi observado no referido relatório. Abaixo é possível observá-las:

Eu acho que foi um erro né! Por que olha, a nossa frente aqui tá toda escorada. O MEC caiu por causa disso. Nós pedimos pra tentar reformar aí e o pessoal disseram que não (E5\_MO ICOMI, 2021).

Já pensou tu morar vinte e cinco anos debaixo de uma casa e de repente tu chega e a casa não é mais tua. Tu vai saí, vão tombar a casa, porque era assim que falavam, vão tomar a casa. Aí era interesse nosso participar das reuniões (E4\_MO ICOMI, 2021).

Na Serra do Navio eles resolveram preservar depois que tudo bagunçou. Se ocê for lá hoje, pegar as imagens de Serra do Navio antes e hoje, se vai ver que não tem nada. Então vai preservar o que? (E1\_EX ICOMI, 2021).

Dando continuidade — não satisfeitos com o resultado da assembleia pública anterior — em 13 de novembro de 2007 é realizada outra reunião no município, organizada pelo IPHAN em parceria com a SeCult, que também contou com entidades da esfera pública, privada e sociedade civil. Na ocasião, houveram explicações para a comunidade sobre os levantamentos realizados e a proposta de tombamento, esclarecimentos sobre o que significaria o tombamento do lugar com espaço para discussão. No relatório de registro desta, são relatadas novamente manifestações contrárias ao tombamento — por parte da população — e mesmo diante desse cenário, fica estabelecido ao final do encontro, que em janeiro de 2008 o Órgão entregaria as propostas para a prefeitura municipal para que a mesma levasse ao conhecimento da comunidade. No final do ano de 2008, é finalmente aberto o Processo de Tombamento de número 1567-T-08, intitulado Vila Serra do Navio, Município de Serra do Navio, Estado do Amapá (IPHAN, Vol I, 2012).

É importante ressaltar que o motivo presente no dossiê para a demora de tal processo era a indefinição da posse do patrimônio deixado pela extinta empresa ICOMI. Obstáculo que é resolvido em 2008 — a partir de decisão judicial no Acórdão da 5ª Turma do Escritório do Tribunal Regional Federal da 1ª Região — pois o patrimônio da empresa passa a União, permitindo a continuidade do processo. Em 2009, a União concede a guarda provisória dos bens ao Governo do Estado do Amapá e ao município de Serra do Navio (IPHAN, Vol I, 2012).

O processo resumidamente descrito culminou, conforme menção anterior, na aprovação unânime na 63ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural em 15 de abril de 2010. A reunião, que ocorreu no Rio de Janeiro, contou com a presença da então prefeita de Serra do Navio, Francimar Pereira da Silva Santos. O processo foi exposto pelo Conselheiro Luiz Phelipe Andrès, que descreveu resumidamente todo o seu andamento desde o pedido de tombamento da VSN, realizado em 1998. Além da descrição do percurso burocrático, ele relata que durante o período houveram inúmeros processos de degradação no referido patrimônio que estimularam tentativas de embargo e notificações. Contudo, como ele mesmo diz, vinham sendo “solenemente ignoradas” (IPHAN, Vol IV, 2012, p. 10). No entanto, observa que apesar da situação o bem ainda estava caracterizado (ibidem, 2012).

Após o relato do processo, o Conselheiro Luiz Phelipe Andrès dá o seu parecer a respeito do bem tombado ressaltando o valor histórico, arquitetônico, urbanístico e paisagístico do bem que agora abarca apenas o núcleo urbano de Vila Serra do Navio com o cinturão verde (formado pela mata fechada) que o delimita. O relator enumera a qualidade do projeto de Bratke, assim como a qualidade de vida proporcionada pela rica infraestrutura que foi providenciada. Como pode ser melhor observado em sua própria defesa:

Então o que me parece agora é que o grande feito de Bratke, no risco de seu traço límpido e reto, foi haver produzido, nessa espécie de laboratório amazônico, uma célula de civilização, uma urbe em que o cidadão de fato podia usufruir de segurança para as suas famílias, onde os princípios básicos, os direitos fundamentais que a nação brasileira promete, pela via da Constituição, garantir a seus filhos, trabalho, educação, moradia e saúde, foram alcançados e garantidos por quase 50 anos na vila idealizada pelo arquiteto e sua equipe e construída pela ICOMI em ‘casas simples belas pelo luxo do espaço, do aproveitamento do ar, das águas e das sombras’ (...). Esta é, ao meu ver, uma outra grande motivação que também nos recomenda pela aprovação deste tombamento” (IPHAN, 2012, p.15-16).

Em seguida das explicações do relator, foram realizadas algumas considerações e questionamentos que foram respondidas satisfatoriamente. Contudo é pertinente — considerando a natureza do referido trabalho que busca o sentido de lugar de VSN — destacar o questionamento do Conselheiro Ulpiano Bezerra de Menezes:

Quero esclarecer duas dúvidas. A primeira diz respeito à população atual. Entendi que se trata de novos contingentes, vamos dizer de resquícios de antigos habitantes, que têm uma visão nostálgica de um passado que desapareceu. Esses novos contingentes criados, pelo que entendi, são muito mais numerosos do que na fase de implantação (...). Que vínculo eles têm com esse espaço construído? Que veículo pode sedimentar, vamos dizer assim, responsabilidades? No fundo qual o sentimento que eles têm com relação não só ao que encontram, mas à possibilidade de reverter uma situação anterior? (IPHAN, Processo de Tombamento, Vol IV, 2012, p. 20).

Na ocasião, o relator responde que os vínculos existem pois muitas dessas pessoas sempre estiveram imersas no contexto regional ou possuem algum parentesco ou familiaridade com a história do lugar. Ainda ressalta que habita o imaginário coletivo de que os bons tempos possam voltar trazendo destaque para “segurança, saúde, educação (...)” (IPHAN, Vol IV, 2012, p. 21). Logo após a votação é realizada, com todos se posicionando de forma favorável ao tombamento (ibidem, 2012).

A homologação do tombamento vai ocorrer somente em março de 2011 e a inscrição nos três Livros do Tombo — Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, das Belas Artes e Histórico — e tombamento definitivo em janeiro de 2012 (IPHAN, 2012).

Quanto à participação da comunidade no Processo de Tombamento descrito, narram os entrevistados que ela não se deu a contento, apesar das assembleias realizadas e da tarefa da prefeitura de dar publicidade a proposta realizada pelo Órgão. Segundo um dos

representantes atuais da administração pública, não houve uma participação popular efetiva, pois, a comunidade foi informada apenas quando o tombamento estava se concretizando. “O IPHAN chegou com a prefeita atual na época, reuniu com o secretariado, entendeu? A gente viu uma foto, eu ainda tenho inclusive essa foto deles assinando o tombamento (...), foi no Rio de Janeiro até (E11\_ADM, 2021).

Atualmente, os próprios agentes técnicos concordam com a afirmativa acima e consideram essa lacuna como um dos motivos para as dificuldades que enfrentam hoje, abaixo é possível observar trechos de suas entrevistas acerca desse tema:

O tombamento ele foi, a gente diria que ele foi um pouco equivocado, eu não diria equivocado, eu diria que foi um pouco atabalhoado né! Se atropelou alguns processos que hoje se adotam no Iphan né! Então, é consulta popular, educação patrimonial, é... você vai se aproximando da comunidade, vai explicando como é o processo, o que, que consiste o tombamento. (E13\_TEC, 2022).

E o tombamento, ele ocorreu de uma forma assim, com quase nenhuma participação da sociedade, então foi algo que não foi assimilado né! (E12\_TEC, 2022).

Além da lacuna citada, os agentes identificam nas ações do IPHAN em VSN (no período pós-tombamento) outro agravante para o distanciamento entre comunidade e instituição. Pois, após o tombamento definitivo, o IPHAN iniciou o seu trabalho realizando algumas oficinas de sensibilização da comunidade — que não obtiveram sucesso — e ao mesmo tempo, a fiscalização na área, emitindo Notificações para a Apresentação de Documento (NAD), Autos de Infração e Termos de Embargo (IPHAN, Nota Técnica, 2018), desencadeando tensões e conflitos entre as partes citadas. Em trecho da entrevista realizada com um dos técnicos, o mesmo relata que o Órgão reconhece a atuação equivocada:

Quando o Iphan começou a atuar reconhecidamente, (...) os nossos técnicos, a nossa gerência atuou de uma maneira é... Vamos dizer assim, equivocada também porquê? Ao invés da gente retomar o processo de educação patrimonial, de explicar o patrimônio, a atuação ela seguiu no caminho da fiscalização. Então vamos fiscalizar, atuar para educar e aí começaram os conflitos (E13\_TEC, 2022).

Nas narrativas dos entrevistados também é perceptível o distanciamento decorrente das tensões desse período. De acordo com suas perspectivas, o IPHAN agiu de forma autoritária e esse é um dos motivos para a difícil relação que existe entre as partes, perdurando até os dias atuais. Abaixo é possível observar alguns desses relatos:

Então foi assim, o resto do patrimônio foi largado, por quê? Porque no momento o IPHAN entrou e o IPHAN entrou igual uma ditadura em Serra do Navio, entendeu? (E11\_ADM/ST, 2021).

Ninguém apoia o IPHAN porque eles vieram assim. Acho que (...), não sei se eles veio, se a administração deles veio muito pesada né! Deviam ter vindo

com mais calma, com mais inteligência, vamos dizer assim, aí talvez eles conseguissem (E7\_MO ICOMI, 2021).

Aí eles chegaram nas casa notificando, muita gente tem multa, (...). Aí eles faziam a notificação colocando a multa e isso foi revoltando o pessoal, porque você já vem acostumada numa casa já (E4\_MO ICOMI, 2021).

Outra situação que merece ser mencionada trazida por Julianelli (2019), é que as diretrizes estabelecidas com o tombamento da Vila nunca foram postas em prática e a esfera administrativa nunca se mobilizou para prover os instrumentos urbanísticos, como o Plano Diretor por exemplo, para viabilizar formas de realizar a fiscalização e planejamento do núcleo tombado. A somas das ações, assim como a sua falta, acabou por intensificar os processos de degradação, deterioração e descaracterização do patrimônio em questão que serão evidenciadas na sequência.

Então o Iphan dentro do processo de regularização criou um plano, Plano Diretor para Vila, então isso já existe um plano de desenvolvimento econômico e municipal, um diagnóstico de infraestrutura urbana com um planejamento a médio e longo prazo, com expansão da Vila, com uma expansão das unidades residenciais (E13\_TEC, 2022).

No decorrer das informações presentes nos documentos e dos relatos dos entrevistados foi possível observar que o caso de VSN abarca muitos dos problemas identificados no capítulo 2 acerca da preservação do patrimônio moderno. A começar pelo pedido de tombamento que se deu por técnicos do IPHAN e universitários da UFPA, ou seja, foi uma ação encabeçada por agentes técnicos externos ao estado do Amapá. O município e o estado foram informados do andamento do processo e até onde se pode verificar, não apoiaram as ações de forma muito motivada. Pois, quando há a primeira assembleia com a comunidade em 2007, os agentes são pegos de surpresa com o convite e o assunto é tratado junto com problemas relacionados com a infraestrutura e serviços no município.

Ainda nesse episódio, observa-se que a comunidade não é a favor do tombamento e que está insatisfeita com o declínio da qualidade de vida no lugar. Eles não compreendem como seria possível tomar um lugar com tantos problemas. Além disso, é possível observar a insegurança desses indivíduos com a indefinição sobre a posse do patrimônio. É possível perceber que a comunidade não compreende quais seriam os valores do referido patrimônio. Não fica claro, no entanto, se a falta de reconhecimento está relacionada com a contemporaneidade da obra.

Outro ponto bem explícito é a incipiência das ações direcionadas à comunidade. É possível identificar o processo mencionado anteriormente (capítulo 2) da priorização em se garantir o tombamento, para então, após a medida se consolidar, focar na educação patrimonial. Assim como as ações que privilegiavam as fiscalizações e aplicação de multas, embargos etc. Essa questão chama atenção pois nos estudos já havia sido identificado a

grande mudança do contingente populacional na região. Já havia um alerta para a dificuldade em se estabelecer o engajamento na comunidade na causa do patrimônio. Há também que se pontuar que, ao longo dos 10 anos de processo até a aprovação pelo Conselho Consultivo, já havia no cenário brasileiro iniciativas que buscam quebrar com essa dinâmica citada, o caso de Cataguases em Minas Gerais foi um deles, tombado em 2004 (IPHAN, Processo de Tombamento, 2004).

Em suma, o tombamento de VSN foi realizado por uma ação técnica e externa que evidenciou o valor da excepcionalidade do patrimônio moderno, assim como a circunstância (ambiente amazônico) que foi inserido. A administração pública participou timidamente e não é possível observar ao certo se a mesma estava de acordo com a ação. Já a população, pouco participou e quando o fez, se posicionou contrariamente. Aqui, é preciso destacar que os depoimentos que demonstram sua falta de apoio ao tombamento são do grupo de moradores do período ICOMI (MO ICOMI). Esse é um ponto de contradição que merece ser compreendido. Além disso, as ações do IPHAN no período, pautadas nas antigas práticas, aumentaram o distanciamento que já havia sido identificado desde a primeira Assembleia, realizada em 2007.

#### **4.2.2. Regularização Fundiária (2013-Atual)**

Relembrando brevemente, a demora para a efetivação do processo de tombamento no IPHAN, que iniciou em 1998 e foi aprovado em 2008, se deu pela indefinição sobre a posse do patrimônio deixado pela ICOMI, definida somente após a decisão judicial favorável à União no Acórdão da 5ª Turma do Escritório do Tribunal Regional Federal da 1ª Região. Na sequência dessa decisão, a União passa para o município de Serra do Navio e para o Governo do Estado do Amapá a guarda provisória dos bens. Sendo assim, após o trâmite que resulta no tombamento definitivo do conjunto urbano VSN, os bens passam a ser tutelados pelo município e estado. No entanto, a população que habita a cidade, alguns desde o período da ICOMI, ainda viviam em uma situação de indefinição e insegurança com relação a posse das residências.

Cenário que, aliado às dificuldades do IPHAN de zelar pela preservação do patrimônio de Serra do Navio citadas anteriormente, era agravada pela irregularidade em que se encontravam os habitantes do referido núcleo, uma vez que o Órgão fiscalizava um patrimônio cujos habitantes não eram os proprietários dos imóveis onde residiam. Diante desse impasse, o IPHAN, a Secretaria do Patrimônio da União (SPU) e o Ministério das Cidades iniciaram articulações para que essa lacuna fosse resolvida. A primeira medida seria a doação definitiva das terras da União para o município. A segunda, a regularização fundiária que teria por objetivo regulamentar a situação desses indivíduos lhes garantindo “o efetivo direito à moradia

para, então, garantir o direito à memória e o direito à cidade nesse território dotado com seus respectivos marcos legais” (IPHAN, Nota Técnica, 2018, p. 13).

Segundo Julianelli (2019), apesar dessa iniciativa não configurar o hall de responsabilidades do Órgão, o mesmo resolveu tomar a frente dessa ação também vislumbrando uma aproximação com a comunidade de Serra do Navio. Para tanto:

Em 2014, o IPHAN firmou Termo de Execução Descentralizada (TED n. 03/2014 MinC) com a UFPA, por meio da Comissão de Regularização Fundiária CRF-UFPA, para financiar o “Projeto de regularização fundiária e cidadania: valorização histórica, urbanística e ambiental em Serra do Navio, Amapá” (JULIANELLI, 2019, p. 236).

Vale salientar que a peculiaridade dessa ação não se deu somente pela iniciativa do Órgão, mas também pela natureza e situação de excepcionalidade no âmbito das regularizações fundiárias no Brasil, uma vez que foi pioneira no contexto de um bem protegido na esfera federal (IPHAN, Nota Técnica, 2018, p. 13). Outra característica específica está no papel que essa regularização cumpriria:

O Projeto de Regularização Fundiária, passa a ter como foco principal a busca de soluções e de mecanismos que permitam fazer a gestão da preservação do patrimônio em um cenário distinto da sua formação. O objetivo da Regularização seria, naquelas circunstâncias, não apenas assegurar a efetivação do direito constitucionalmente estabelecido de permanência e moradia no lugar, mas encontrar uma lógica de relação entre sociedade e instituições públicas clarificando papéis, atribuições e responsabilidades e, nesse sentido, promover a cidadania (IPHAN, Nota Técnica, 2018, p. 14).

Então, após a concretização da transferência das terras da União para o município de Serra do Navio, proveniente do Acordo de Cooperação Técnica entre IPHAN, SPU e prefeitura municipal em 2016 iniciou-se os trabalhos da Universidade na região. Em um primeiro momento — segundo agentes técnicos entrevistados — o trabalho realizado com a participação da comunidade se deu sem a presença da instituição do IPHAN. Essa medida foi uma decisão estratégica que visava uma melhor receptividade e confiabilidade no processo. Uma das entrevistadas conta que, “(...) a gente não via e o próprio IPHAN não via, como estratégico, nós falamos muito no IPHAN. Porque falou no Iphan, a coisa se complicava né! Eles estavam assim muito armados muito, muito armados mesmo!” (E12\_TEC, 2022).

Portanto, segundo consta nos documentos, o Órgão foi começar a participar de forma presencial nas ações do projeto de regularização fundiária apenas no momento em que são apresentadas para a comunidade os resultados — como o projeto de parcelamento do solo — da ação da “Universidade” no projeto de regularização fundiária (IPHAN, 2018a). Durante esse período, foram realizadas muitas reuniões com a comunidade, lideradas pela UFPA, que buscavam a participação, a informação e mobilização social em VSN. Segundo os agentes,

os esforços empreendidos foram bastante satisfatórios, ao fim do trabalho a comunidade estava mais próxima e mais engajada no processo.

(...) a gente fez uma mobilização social muito legal liderada pela Universidade Federal do Pará que foi nossa, que nós contratamos né! (E13\_TEC, 2022).

Ao mesmo tempo a gente fez várias ações de mobilização social de educação patrimonial com lideranças, com professores explicando o que é patrimônio, qual é o verdadeiro papel do Iphan dentro dessa situação (E13\_TEC, 2022).

A participação, eu penso que nesse processo, foi (...) o grande ganho que ocorreu lá e infelizmente quebrou e quando a gente para com isso, para reconstruir não é brincadeira (E12\_TEC, 2022).

Nós chegamos a eleger inclusive os membros do Conselho gestor do fundo — e na hora da eleição, muito diferente do que foi anteriormente que era assim, vai vai, não não! Muitos candidatos querendo já participar, inclusive esse que tinham feito parte do grupo Municipal (E12\_TEC, 2022).

Na sequência do processo, mais precisamente em seis de março de 2018, as terras são finalmente registradas no Cartório de Registro de Imóveis da Vila de Serra do Navio e, em 14 de agosto do mesmo ano, é aprovada a Lei 426/2018 que estabelece as normativas referentes à regularização fundiária, regulamentada pelo Decreto 134/2018 (PMSN). A mesma compreende apenas o distrito sede do município, que coincide com o núcleo urbano tombado, e determina que a regularização da moradia será firmada através do Contrato de Direito Real de Uso (CDRU) — modalidade onerosa e gratuita. Para tanto, devem seguir as especificações descritas na Lei.

A vigência do contrato terá tempo indeterminado e está condicionada ao cumprimento das exigências legais determinadas (PMSN, Lei 426, 2018). Em 2019, a Câmara Legislativa do Município aprovou a Lei Nº 439/2019, criando o Fundo Municipal de Preservação Patrimonial do município, deliberando que o mesmo possuirá orçamento próprio e deverá destinar seus recursos apenas para ações e projetos referentes à preservação do patrimônio histórico, urbanístico e paisagístico do município (PMSN, Lei 439, 2019). Contudo não foi encontrado até o presente momento Decreto que regulamente a Legislação aprovada.

A respeito da situação atual do processo de regularização das moradias, o mesmo se encontra parado, segundo informação dos entrevistados do grupo (TEC e ADM) as pessoas que possuíam o direito ao CDRU gratuito já puderam se regularizar, já quem se encaixa na modalidade onerosa aguarda o andamento do processo.

Tanto que nos titulamos todos aqueles que se enquadravam na condição de gratuidade, todos os que eram possíveis e ficou tudo organizado no sentido dos do tratamento das regularizações Onerosas (E12\_TEC, 2022).

Aí já terminou né! A primeira fase. Agora é que vem a segunda, mas a segunda até no momento nos nossos conhecimentos né (...)? Tá tudo parado ainda né, entendeu? (E11\_ADM, 2021).

E a gente fica na espera, até agora nada! (...). Pois é, eu não sei, não sei nem se parou porque um dia desses veio aí o IPHAN aí eu ví batendo foto e tudo e tal. Mas só bateram foto, não comunica, não diz que vai ter reunião, nada (E9\_MO POS, 2021).

Aqui eles não deram ainda, pra alguns eles já deram, pra outros eles ainda tá em negociação ainda (E5\_MO ICOMI, 2021).

Como pode ser observado, a comunidade relata que alguns já receberam, outros ainda não. Em suas narrativas percebe-se que o motivo para essa situação não está claro. Uns acreditam que IPHAN é ainda o responsável por dar andamento ao processo, ou seja, não demonstram saber que o contrato já foi encerrado com a Universidade e que agora essas ações cabem somente à prefeitura. Como visto anteriormente, nem os representantes da administração pública sabem dizer ao certo se está parada ou por que está parada a regularização das moradias. Já os que se encaixam na modalidade onerosa, não acreditam que vão precisar realizar os pagamentos, mesmo que isso já tenha sido estabelecido na legislação. “Diz que depois vão negociar, eles querem vender essas casas pra nós! Tô achando difícil porque, na realidade nós conservamos essas casas. Se não fosse nós, essas casas tavam tudo acabada aí!” (E7\_MO ICOMI, 2021).

Nota-se nesse ponto que apesar da legislação ter sido aprovada e o processo ter sido realizado com a participação comunitária — conforme relatado anteriormente pelos grupos (TEC) — a questão da regularização pela modalidade onerosa não foi bem aceita pela comunidade, fator que pode estar obstaculizando o andamento das regularizações.

Em síntese, no decorrer desse processo percebe-se um empenho por parte do IPHAN em resgatar a relação distante que havia sido estabelecida com a comunidade. Ainda, com a intenção de efetivar as suas ações, a instituição buscou através da regularização fundiária diminuir a insegurança da comunidade com relação às propriedades que ocupavam e instrumentalizar a administração pública com ferramentas para realizar as fiscalizações e planejamento urbano da cidade. Tais objetivos foram parcialmente alcançados em todas as instâncias, pois, apesar do material gerado e das conquistas realizadas, o trabalho encontra-se estagnado. A administração pública, por motivo desconhecido, não tem dado sequência ao trabalho, nem assumiu o seu papel no processo. Quanto à comunidade, que participou ativamente dessa ação, agora encontra-se esperando. Para eles, cujo interesse maior era a posse das edificações que ocupam, o processo está inconcluso. Além disso, não parecem concordar com os termos da modalidade onerosa.

#### **4.2.3. Rerratificação do Tombamento da Vila Serra do Navio (2018);**

O processo de rerratificação — que foi aprovado de forma unânime em novembro de 2018 na 91ª Reunião do Conselho Consultivo do IPHAN — derivou da necessidade de uma

reavaliação percebida a partir dos estudos realizados para a regularização fundiária no município. Para fundamentar a ação, foi realizada a Nota Técnica (2018) construída concomitantemente com as atividades de regularização fundiária, a qual realizou reavaliação da situação atual do município e das próprias ações do Órgão nos oito anos desde a patrimonialização do conjunto urbano VSN. As informações a seguir foram retiradas da mesma nota, que se encontra no processo administrativo (IPHAN, SEI 01450.001633/2018-37).

Sobre os valores atribuídos à Serra do Navio, o documento destaca que no período de seu tombamento preponderava o contexto em que a arquitetura e urbanismo moderno — de excelente qualidade — foi ineditamente inserido, ou seja, no ambiente amazônico. Quanto à motivação para a patrimonialização, ressalta as ameaças que o conjunto urbano vinha sofrendo após a retirada da empresa da região e a preocupação de agentes técnicos sobre os impactos dessas ações. Quanto à valorização da comunidade, concluiu-se que o tombamento foi realizado sem considerar a percepção e uso dos habitantes atuais, visto que não eram mais os mesmos de quando foram realizados os estudos para o tombamento. Isto é, os novos habitantes não possuem o mesmo vínculo que os antigos habitantes, atualmente a minoria (IPHAN, Nota Técnica, 2018a).

Aqui cabe a referência de que nos estudos realizados pela UFPA para a regularização fundiária — mais precisamente no levantamento socioeconômico dos moradores do perímetro urbano de VSN realizado em 2015 — foram contabilizadas:

Uma população de 1.875 moradores, o que corresponde a 30% da população total do município, sendo 958 homens (51%) e 917 mulheres (49%). Existem 734 moradias, sendo 594 localizadas nas vilas Staff, Intermediária e Primária, que foram tombadas como patrimônio histórico na Amazônia Legal (UFPA, Projeto de regularização Fundiária, 2017, p. 14).

Dessas 594 residências que eram passíveis de regularização — pois as demais que se encontram nas áreas de ocupação informal não possuem os requisitos básicos para a habitação e tampouco infraestrutura urbana — vivem em VSN há mais de 8 anos apenas 37,79% da população. (UFPA, 2017).

O documento evidencia a relevância desse ponto mencionado acima e salienta a necessidade de encontrar mecanismos que possam realizar a compreensão dessas novas percepções (IPHAN, 2018a). Esse último ponto certamente é uma evidência das mudanças de atuação dentro da instituição, ou pelo menos a tentativa de incorporar de fato os discursos da plena participação da comunidade nos processos de preservação do patrimônio. Fator que corrobora a pertinência do referido trabalho, pois o mesmo se propõe a realizar uma leitura

mais profunda sobre as percepções, atitudes e relações dentro do contexto patrimonializado priorizando a perspectiva da população.

Conforme mencionado anteriormente, na Nota Técnica (2018a) são reafirmados os problemas derivados da atuação do IPHAN no momento do tombamento, assim como a drástica mudança de vocação do conjunto após a retirada da empresa da região. Defendendo o processo de rerratificação por dois motivos principais. O primeiro devido à necessidade de uma:

(...) adequação da poligonal de tombamento em função da delimitação das terras da União doadas ao município; por determinação do Ministério das Cidades a delimitação da área a ser doada para efeitos de regularização fundiária deverá estar vinculada à estrita área necessária, ou à existência de perímetro urbano legalmente estabelecido (IPHAN, Nota Técnica, 2018a, p. 75).

Portanto, por meio da Nota a poligonal de tombamento é modificada, como mostra a figura a seguir:

Figura 4.9: Mapa com a antiga e a nova poligonal de tombamento.



Fonte: IPHAN. Nota Técnica (2018a, p. 75).

Na figura, a poligonal em cor amarela representa a antiga marcação, a branca, que abrange um território maior, a atual. Essa mudança se deu em função da primeira ter sido realizada de uma forma abstrata seguindo o entrono da cidade, acarretando em uma demarcação que passava por vezes em áreas de difícil acesso ou de alagados. Já a demarcação atual foi realizada de modo que acompanhasse estrada, linha férrea, caminhos e incorporasse a área alagada, sempre considerado os valores culturais e paisagísticos do local (IPHAN, 2018a).

Quanto à segunda justificativa que motivou o processo, a mesma consiste na necessidade de rerratificar a narrativa acerca do bem tombado, nesse caso vale observar a justificativa literal na Nota:

**Cabe, em primeiro lugar, rerratificar que o objeto de proteção** pelo instituto do tombamento não é o “projeto modernista” da autoria do arquiteto modernista Oswaldo Bratke, mas a Vila de Serra do Navio. Cabe esta retificação considerando que a base de autenticidade do “projeto” perdeu seu território de legitimidade, de concretude, de efetivação. O “desenho” para a vila operária pressupunha certa orgânica de usos, de utilizadores e de gestão do seu funcionamento. A Vila, à data do tombamento, em 2010, já demonstrava os sinais da perda dos pressupostos originais e o desajustamento entre a preservação do desenho e as necessidades e desafios impostas pelo novo ordenamento social, político e econômico (IPHAN, Nota Técnica, 2018a, p. 76, grifo do autor).

Aliada a essa nova leitura, outras considerações foram feitas com relação aos valores atribuídos ao patrimônio em questão. O primeiro ponto citado refere-se ao valor de obra de arte atribuído ao bem, a esse respeito observa-se que o valor que justifica a inscrição no Livro de Belas Artes está mais relacionado à solução dada pelo arquiteto do que a sua excepcionalidade, ou seja, a qualidade do projeto que promoveu aos moradores locais autonomia e conforto. A segunda questão mencionada diz respeito ao sentido do valor paisagístico, pois esse valor, em um primeiro momento, teve a sua proteção justificada por ser um elemento que compõe o cenário paisagístico do lugar. Hoje percebeu-se que ele deve ser protegido por seu valor essencial, isto é, pelo seu valor natural e pré-existente ao núcleo urbano. O terceiro e último diz respeito da delimitação e diretrizes de preservação do bem protegido, pois uma vez que muitos bens perderam suas funções originais e no ato do tombamento o cenário não era mais o original, essas diretrizes devem ser pensadas e propostas pelo o que poderiam ser. Esse último ponto traz a necessidade de uma participação mais efetiva, pois visa as necessidades atuais da comunidade (IPHAN, 2018a).

Além destes apontamentos foram realizadas outras avaliações do patrimônio, umas já mencionadas no corpo do texto, como é o caso do item que trata da regularização fundiária, e outras que relatam a situação demográfica, ocupação atual e situação do patrimônio estudado que estão ou estarão presentes em outros pontos desta dissertação.

Esse documento, como foi mencionado anteriormente, é a demonstração prática da disposição do IPHAN de incorporar — também na atuação — os novos paradigmas, como foi o caso da mudança acerca da leitura do valor paisagístico de Serra do Navio. Assim como do antigo preceito de promover a participação nas decisões, gestão e gerencia do patrimônio cultural. Percebe-se que o Órgão busca ir além das práticas engessadas de “sensibilizações” ou “esclarecimentos”, até mesmo da educação, com o sentido de ensinar os valores que o patrimônio possui sob o olhar técnico. O desafio agora é garantir de fato que a comunidade

tenha acesso e, mais importante, queira se unir à causa da preservação do patrimônio. Caminhar em busca desse objetivo é a intenção do trabalho. Para isso serão observadas, na sequência, uma leitura sobre a situação atual do patrimônio de acordo com os documentos produzidos pelo IPHAN, por bibliografia atualizada, levantamento fotográfico realizado no local e pelos relatos da comunidade sobre as suas vivências em SN.

#### **4.2.4. Relações entre os agentes envolvidos: conflitos e dificuldades**

Neste subitem foram realizadas reflexões acerca da relação entre os agentes envolvidos no processo de preservar o patrimônio de VSN. A sua importância é fundamental pela necessidade de compreender o nível de distanciamento — que já vem sendo percebido — entre comunidade, IPHAN e administração pública. Processo fundamental, uma vez que não há como propor caminhos para um melhor engajamento da comunidade na preservação do patrimônio sem compreender também os possíveis conflitos existente entre as partes. Para tanto, observou-se as relações entre: Comunidade, Agentes Técnicos, Administração Pública e empresas que atuam na região e que estão presentes nas narrativas dos entrevistados.

Como já foi possível observar na contextualização realizada nos itens e subitens anteriores, a relação da **comunidade** com o **IPHAN** é marcada por conflitos e tensões derivadas de uma série de ações equivocadas. Entre elas a baixa participação da comunidade no processo que levou ao tombamento e a priorização da fiscalização como medida de proteção do patrimônio. Atitudes que foram reconhecidas pelo Órgão e que motivaram outras ações e novas formas de agir, como foi o caso do processo de regularização fundiária. Aqui, com a presença de outra entidade técnica, a UFPA, buscou-se uma aproximação a fim de fomentar o envolvimento comunitário, ao mesmo tempo em que eram resolvidas as pendências da propriedade da terra, da regulamentação das moradias e do provimento de peças legais para dar suporte à preservação do patrimônio de VSN. Dada a breve recapitulação restam os seguintes questionamentos, que serão resgatados ao fim deste item: Houve de fato uma aproximação entre as partes? Como pode ser caracterizada essa relação atualmente? Como são percebidos os outros agentes desse contexto?

Considerando o que já foi exposto, por parte do grupo (TEC) que identificou um bom engajamento no processo de regularização fundiária e possível aproximação do IPHAN com a comunidade, as citadas mobilizações sociais, palestras de educação patrimonial e inúmeras reuniões com a comunidade no período e, também, a interrupção dos trabalhos do IPHAN na região durante da pandemia de Covid-19, foi possível observar na narrativa da comunidade que, mesmo diante dos esforços empreendidos, ainda há uma forte objeção por parte da comunidade quanto ao IPHAN. Em seus relatos fica muito evidente os sentimentos de

**animosidade, desconfiança e descredibilidade**, portanto, há permanência do distanciamento entre as partes, que podem ser observadas na tabela a seguir:

Tabela 4.1 – Relação Comunidade e IPHAN

Sentimento	Citação
<b>Animosidade</b>	<p>Olha o IPHAN é a coisa que as pessoas dizem, “Óh eu odeio é o IPHAN”, principalmente essas pessoas que tem quatro, cinco casas aí, tem comércio aqui, invadiram aqui (...). Eu não sei se houve erro da parte deles né! Não sei (E7_MO ICOMI, 2021, grifo nosso).</p> <p>É então, eu acho que a questão do IPHAN eles bloqueiam (...). É em relação a isso é que eles bloqueiam muitas coisas aqui né! (E8_MO POS, 2021, grifo nosso).</p> <p>Aqui não evoluiu por causa do Iphan, porque o Iphan vem bota a regra dele e vai embora e o povo fica (E6_MO ICOMI, 2021, grifo nosso).</p> <p>Gente se vocês andaram nessa Serra todinha e perguntarem o que vocês acham do Iphan, vocês gostam do Iphan? Só um trabalho de logística só do sim ou não. Vocês vão ouvir tanto não, talvez não seja nem pelo trabalho, mas pela forma como eles chegaram abordando entendeu? (E4_MO ICOMI, 2021).</p> <p>Muitos criticam o Iphan né, que não fazem nada. Eles só vão lá e não fazem nada mesmo, sabe! (...) então eu não sou a favor do Iphan interceder assim, sabe? (E2_EX ICOMI, 2021).</p>
<b>Desconfiança</b>	<p>Aí eu comecei a perceber que havia um pouco essa personalização sabe? Então ainda não estava institucionalizada a confiança, ainda estava pessoalizado (E12_TEC, 2022).</p> <p>Eu não me oponho que você entra bata foto, eu só quero que você me diga pra que isso? Por que você tá batendo uma foto de uma casa que tá cheia das minhas coisas né? E eu nem te conheço. Aí ela mostrava lá o cracházinho né. Dizendo, ‘Não, isso é só pra constar que a gente tá trabalhando e não sei o que’. Aí passa um ano e já vem outra equipe, (...) não tem uma sequência lógica pra que a comunidade entenda o que é o Iphan (E4_MO ICOMI, 2021).</p> <p>(...) só que em alguns pontos o Iphan falhava assim, em certas promessas, sabe! Agora, eu acreditei nisso do concurso, só que infelizmente, por conta da pandemia não foi a frente. Mas acredito, que da forma como foi trabalhado, embora timidamente, mas ia surtir efeito, ia. Sabe! (E2_EX ICOMI, 2021).</p>
<b>Descredibilidade</b>	<p>(...) a gente pensou muito no IPHAN, mas nós internamente nunca consideramos que fosse uma solução boa pra Serra do Navio, porque o Iphan não faz nada. As coisas vão caindo aí, pelos menos naquela época, (...). A teia de aranha a gente tinha certeza que ia tomar conta de Serra do Navio pô! Então, a impressão que a gente tinha do Iphan era essa. Parece que não ficou muito diferente disso. Parece, porque eu não sei, (...). Não tenho ido mais (E3_EX ICOMI, 2021).</p> <p>Por isso que eu falei aquela vez, ‘o que vocês acham do Iphan?’ É um atraso de vida por onde ele passa. Ouro preto é bonitinho pra eles, mas quem mora lá, não desenvolve nada. Tá caindo aos pedaços aquele troço lá. O pessoal que vive por aí, pode entrevistar eles pra ver o que eles dizem. Um atraso de vida mesmo! (E6_MO ICOMI, 2021).</p> <p>Que vinha o pessoal, que vinha fazer o levantamento pra fazer a reforma. Vieram né! Vieram dois técnicos, um engenheiro, vieram aí fizeram o levantamento, mediram aí tudinho, sumiram e não fizeram mais nada (E5_MO ICOMI, 2021).</p> <p>Quando eu tava lá eu fazia parte das reunião e eu não vi assim nada que desse um subsídio pra gente compreender. Aí o que eu leio pela internet é uma estrutura, é tudo bonito, mas na vida real é tudo se acabando (E4_MO ICOMI, 2021).</p>

Fonte: Elaborado pela Autora a partir das entrevistas realizadas em 2021 e 2022.

Como é possível observar, paira sobre essa relação os sentimentos citados, derivados das multas e embargos do passado — conforme consta na Nota Técnica (2018) — no entanto, esse não parece ser o único motivo. Nota-se nas narrativas que a comunidade percebe o Órgão como um antagonista que barra as tentativas de intervenção no patrimônio, portanto impede o “melhoramento” da infraestrutura e o desenvolvimento da cidade. A seguir é possível observar dois depoimentos que demonstram essa falta de compreensão das ações de preservação:

Porque aí tem que ter o desenvolvimento né! Se for pra ter o patrimônio, fundar o patrimônio histórico e aí você não pode mexer quase você, eu acho que (...). Pra mim, não era pra, não era pra existir o patrimônio no caso, porque você não pode fazer nada né! Construir e a gente fica nesse impasse aí, né! (E9\_MO POS, 2021).

(...) e isso pra ficar tombado, pra morar só os aposentados por exemplo, que não vai precisar trabalhar porque vai ficar só os aposentado. Aquela coisa de fantasia, (...) é bonito, é bom, seria bom o tombamento, mas tá! Quem vai (...), cadê a segurança? Onde é uma agenciuzinha de banco pros aposentado lá? Ou então, pra passar cartão, vai fazer as compra aonde? Onde vai ter uma cidadezinha que o comercio vai funcionar? Pedra Branca? Porque aqui ia ficar tombado e não tinha esse negócio de ter um monte de baiuca por aí (E6\_MO ICOMI, 2021).

Nesses trechos identifica-se a ideia de que o tombamento é o engessamento do passado e que o desenvolvimento da cidade, assim como novos usos dos espaços são impossíveis diante de uma legislação que “não permite a mudança”. Essa falta da compreensão sobre o que é, para que serve e quais os benefícios da preservação do patrimônio ainda não foi superada, mesmo depois do trabalho realizado na regularização fundiária, conforme foi descrito. Além disso, o entendimento sobre as reais atribuições do Órgão ainda está confuso, a comunidade ainda não conseguiu compreender de forma clara qual é o papel do IPHAN no processo. Essas narrativas se estendem também ao grupo de representantes da administração pública:

A gente é a favor do patrimônio, que se preserve o patrimônio, (...), mas que o IPHAN fizesse um investimento, que ele fosse mais rápido nas decisões de autorização pra gente não perder as nossas verbas (E11\_ADM, 2021).

Por um lado, eu concordo, por outro não, da situação do IPHAN de vim por exemplo assim, o IPHAN ele embarga muita coisa mas em compensação ele não investe, entendeu? (E10\_ADM, 2012).

Nesse trecho inclui-se um outro agente à equação, a **administração pública**, que parece não compreender também qual a competência de cada um na ação de primar pela preservação do patrimônio de VSN. Essa confusão reflete a falta de proatividade da mesma nas ações que lhe competem, pois como foi visto anteriormente, o processo da regularização da moradia andou até o ponto em que o IPHAN e a UFPA passam para a prefeitura municipal a liderança da ação. Segundo os agentes técnicos entrevistados, essa situação deriva

especialmente de dois pontos principais: **a falta de equipe técnica especializada** para dar suporte à administração pública e da **relação de ambiguidade** que há entre ambos.

Nesse ponto, é oportuno a relação com o caso de Cataguases em MG, que diferentemente de VSN teve no início do processo a colaboração da comunidade e uma forte identificação da mesma com o patrimônio. Contudo, os processos paralisaram e se tornaram ambíguos quando a administração pública precisou realizar o seu papel de criar instrumentos para garantir a preservação do patrimônio e realizar as fiscalizações. Esse ponto em comum talvez seja reflexo de conflitos de interesse entre as partes.

Referente à lacuna que diz respeito à falta de condições — por parte da administração — de realizar as funções técnicas que lhe competem, assim como a inexistência de um setor especializado dentro da prefeitura para tratar do assunto, percebe-se que tanto o Órgão quanto a Universidade, enquanto atuaram na região, assumiram papéis que não lhes competia como uma tentativa de capacitação.

(...), o Iphan passou a adotar o modelo de gestão de auxílio ao poder público municipal, para que ele pudesse gerir com várias ferramentas legais o seu próprio município né! Já que ele não conseguia, ele tava patinando nas próprias pernas né! Não tinha, não tinha as legislações (...) para geração de recursos, não conseguia fazer fiscalização, não sabia exatamente qual que era o papel dele dentro dessa gestão né. (E13\_TEC, 2022).

É o próprio gabinete que trata, a gente trata diretamente com eles né, com o IPHAN, com o turismo (E10\_ADM, 2021).

Quanto à ambiguidade identificada na relação por parte dos agentes técnicos observa-se que nem sempre a administração age em favor da preservação do patrimônio, mesmo que se declare a favor do mesmo. Abaixo é possível observar algumas dessas contradições:

Em momentos o município, (...) se coloca ao lado do Iphan com unhas e dentes, (...) nos momentos que a gente entrega algumas peças para eles, no momento que a gente entrega a viabilidade de titulação das casas, (...). Em outros momentos já nem tanto né! (...) a gente explica que qualquer alteração é possível desde que passe pelo crivo do Iphan e às vezes a gente chega lá e a alteração já é feita a reverter e a gente acaba tendo que atuar o poder público (E13\_TEC, 2022).

Por que eu não posso fazer um melhoramento no meu telhado se eu tenho que apresentar um projetozinho pro IPHAN e tenho que ter um parecer, uma autorização do IPHAN, entendeu? (E11\_ADM, 2021).

Ao que tudo indica, a administração não possui também uma compreensão clara acerca do trâmite necessário para que sejam realizadas intervenções no patrimônio, fator que corrobora a deficiência técnica por parte da mesma e fortalece a sensação de ambiguidade na relação.

Já quanto à relação comunidade e administração pública percebe-se a existência do sentimento de insatisfação, os moradores relatam a falta de ação e de interesse político em promover de fato ações que possibilitam melhorias na cidade:

Os Órgãos do governo, o prefeito, quase nenhum, faz pela melhoria do município (...). Porque o Órgão aí não, não faz nada, eu digo logo assim né, só na época de política (E9\_MO POS, 2021).

(...) aqui ainda não passou um prefeito que viesse com carinho com o município. Eles trabalham pela prefeitura e não pelos habitantes pra fazer funcionar bacana. Ainda não vi isso aqui (E6\_MO ICOMI, 2021).

Eu acho que a administração pública nossa deixa muito a desejar né, pras pessoas! (E5\_MO ICOMI, 2021).

No entanto, apesar da comunidade se mostrar insatisfeita com a administração pública também é possível perceber que o descontentamento e de certa a forma a “**culpa**” para a cidade estar do jeito que está recai, na maior parte das vezes, sobre o Tombamento de VSN e sobre o IPHAN.

Essa noção, observada nas narrativas dos entrevistados — de todos os grupos — pode ser corroborada no texto do abaixo-assinado *online*, aberto em 01 de fevereiro de 2022 pela Aliança Pró-evangélicos do Brasil e do Exterior (APEBE). O documento pedia a **retirada do Tombamento de VSN** — apoiado pelo do Deputado Federal/AP Jorielson Nascimento e do Vereador/SNV Emerson Abacaxi — e contou com um total de 240 assinaturas (Change.org, 2022). No texto a seguir é possível observar as principais narrativas utilizadas para justificar tal pedido:

**É notório o descaso para com essa Cidade! (...). O Município não se desenvolveu economicamente na área turística e muito menos teve sua estrutura física preservada. O que vemos é uma cidade se deteriorando com a ação do tempo. Os moradores buscam maneiras de desburocratizar e eliminar as restrições para reforma de residências, derrubadas de estruturas deterioradas e outras questões de infraestrutura, como é o caso da água ferruginosa que chega pelas encanações de ferro velhas e desgastadas pelo tempo. Mas, por conta da rigidez das regras impostas pelo Tombamento e ameaças de altas multas, muitas casas e várias estruturas prediais da Vila estão caindo aos pedaços. A nova geração da comunidade está encontrando dificuldade em continuar morando no local, pois não há perspectiva de trabalho e desenvolvimento em Serra, uma vez que há uma estagnação em investimentos no local. Muitos moradores desabafam dizendo: Queremos um município livre, onde tenhamos o direito de ampliar, reformar e melhorar nossas casas, ver empresas da área comercial e outras se instalarem aqui sem risco de embargos ou multas, ver nossa Cidade bela realmente, como era antes no tempo da ICOMI, bem como recebermos o título de propriedade definitivo de nossas casas, pois vivemos em uma constante apreensão e receio de termos as mesmas tomadas de nós, pois concessões e títulos com vigência de dez anos não nos dão segurança, além de que vemos, a cada dia, o declínio de uma Cidade, que literalmente foi TOMBADA PRA MORRER!! Esperamos que o anseio desse povo , que habita no coração da Amazônia, ecoe por LIBERDADE em Brasília e**

que essa petição seja atendida por nossas autoridades (...) (Change.org, Abaixo assinado para o Destombamento da VSN<sup>43</sup>, 2022, grifo do autor).

Percebe-se, nesse caso, a circulação de um texto que reforça a desinformação acerca da preservação do patrimônio e do tombamento, atribuindo à mesma a responsabilidade por todos os problemas que afligem a cidade. Um exemplo é a situação da água, que é um problema sério na região, mas que nada tem a ver com a ação do Tombamento e sim com a falta de manutenção da infraestrutura deixada. É oportuno abrir um parêntese para demonstrar a desinformação, pois a recomendação realizada no projeto de regularização fundiária — promovida pelo IPHAN e realizada observando todas as implicações de uma área tombada — é a seguinte: “Para que não seja interrompido o abastecimento de água nas residências, a tubulação deverá sofrer manutenção” (UFPA, Projeto de Regularização Fundiária parte-2, 2017, p. 34). Esse tipo de situação, tendo em vista a participação de um deputado e vereador, corroboram para a sensação de ambiguidade sentida pelos agentes técnicos.

Pelo que se pode perceber, a narrativa que culpabiliza o tombamento e o próprio Órgão pela situação de precarização que vem ocorrendo no patrimônio de VSN é constante tanto no grupo da comunidade, quanto dos representantes da administração pública. Nos relatos dos entrevistados foi possível observar a objeção praticamente unânime ao tombamento e ao Órgão. Entretanto, a grande maioria se declara a favor da preservação do patrimônio. Abaixo é possível observar alguns dos trechos que demonstram essa contradição:

Eu na verdade, eu prefiro que ela seja preservada né, até por, da forma como ela foi projetada (...). Por um lado, eu concordo, por outro não, da situação do IPHAN (...) (E10\_ADM, 2021).

Aí foi tombada aqui né, pelo IPHAN e aí ficou de uma forma (...), eles informaram que as pessoas não podem mexer na na visibilidade do projeto né! Das casas né! Da cidade aqui né! (...). Ainda, assim eu acho bacana né! Eu acho que só deveria assim, é as pessoas manterem né! Ter aquele cuidado especial pra que isso não desapareça né! (E8\_MO POS, 2021).

Com o conservar eu concordo. Conservar o patrimônio, que chegassem e dissessem, você pode fazer a sua reforma na sua casa desde de que você mantenha o patrimônio e a estrutura da casa né? (E5\_MO ICOMI, 2021).

Por fim, é pertinente mencionar que assim como o IPHAN exerce um papel de antagonista no cenário de VSN, as empresas mineradoras instaladas na região são vistas com aprovação, esperança e também dependência. Isso ocorre pelas dificuldades econômicas e de geração de emprego na região, assim como a fragilidade (financeira) da

---

<sup>43</sup> Disponível em: [https://www.change.org/p/excelent%C3%ADssimo-senhor-presidente-da-rep%C3%BAblica-federativa-do-brasil-jair-messias-bolsonaro-precisamos-destombar-serra-do-navio-no-amap%C3%A1?recruiter=1186222203&recruited\\_by\\_id=57805cd0-85bf-11eb-95a0-5d936c2787f8&utm\\_source=share\\_petition&utm\\_campaign=share\\_petition&utm\\_medium=whatsapp&utm\\_content=washarecopy\\_32241685\\_pt-BR%3A3](https://www.change.org/p/excelent%C3%ADssimo-senhor-presidente-da-rep%C3%BAblica-federativa-do-brasil-jair-messias-bolsonaro-precisamos-destombar-serra-do-navio-no-amap%C3%A1?recruiter=1186222203&recruited_by_id=57805cd0-85bf-11eb-95a0-5d936c2787f8&utm_source=share_petition&utm_campaign=share_petition&utm_medium=whatsapp&utm_content=washarecopy_32241685_pt-BR%3A3)

administração pública. Atualmente a estadia dessas empresas, mesmo que estejam no município vizinho, são consideradas a tábua de salvação dos moradores e da prefeitura de Serra do Navio:

Se não fosse a Mina Tucano que explora minério de ouro hoje, se não fosse ela, é não sei também o que seria de Serra do Navio, porque ela contribuiu muito né! Com as compensações sociais, com as compensações ambientais, e tem ajudado bastante o município não é (E10\_ADM, 2021).

A gente agradece muito! Assim, todos os dias a Deus por ainda tá a empresa a Mina Tucano que tem nos ajudado nessa parte, inclusive agora até doou rolamento pra nós que tinha quebrado (E11\_ADM, 2021).

Então se essas duas empresas saírem do município vai acontecer a mesma coisa. Entende? Vai acontecer a mesma coisa, porque a gestão pública não tem como absorver toda essa população de emprego né! (E8\_MO POS, 2021).

Mas hoje se essa mineradora resolver sair vai diminuir muito o movimento (...) (E6\_MO ICOMI, 2021).

Essa situação é o reflexo da fragilidade econômica local, que não se recuperou desde a saída da ICOMI, assim como a falta de perspectiva para o desenvolvimento a partir de outros meios que não a mineração. Razão que evidencia a instabilidade e insegurança em que vivem esses indivíduos e que denuncia a urgência desse problema local, uma vez que os recursos minerais são finitos e a população tem consciência disso por conta do passado do lugar. Esse ponto faz refletir sobre a ambiguidade da relação entre administração pública e IPHAN, pois ele indica que a origem da mesma vai além do conflito de interesses. O que se percebe claramente é que a administração pública de fato não compreende os benefícios que a preservação do patrimônio e a consolidação dos instrumentos para a regulamentação e fiscalização podem proporcionar.

Em síntese, retomando as seguintes indagações consideradas fundamentais para o andamento do trabalho percebeu-se que a relação entre o IPHAN e a comunidade, apesar dos esforços empreendidos até o momento, permanece distante. A população de Serra do Navio ainda manifesta os sentimentos de animosidade, desconfiança e descredibilidade em relação referido Órgão. Dentre os principais motivos observados para distanciamento identificou-se:

Reflexos das ações de fiscalização do IPHAN.

- a) A ineficiência das ações de esclarecimento e de aproximação da comunidade.
- b) A presença de narrativas recorrentes de desinformação a respeito da preservação do patrimônio e também sobre as reais atribuições do IPHAN e finalmente.
- c) A ausência de atuação do Órgão na região no período de pandemia.

Algumas dessas questões perpassam a esfera da relação entre comunidade e IPHAN e abarcam a administração pública que, apesar de constantemente afirmar parcerias com o Órgão, também demonstra em seu discurso e algumas atitudes a falta de compreensão acerca da temática da preservação e das atribuições de cada agente inserido no processo. Um dos principais motivos identificados consiste na insuficiência técnica da administração pública para tratar dos assuntos relacionados ao patrimônio e ao planejamento urbano como um todo. Fator que interfere na compreensão dos papéis de cada um, uma vez que o Órgão precisa realizar ações que vão além da sua seara e que dá ao mesmo uma responsabilidade que não o compete. Esse último item pode estar relacionado com a sua culpabilização, perante os olhos da comunidade e representantes da administração, pelos problemas econômicos, de desenvolvimento e até pela deterioração do patrimônio, fator que dificulta a ação do Órgão na região.

Por fim, nota-se também a presença de um quarto agente que são as empresas que atuam na cidade, as quais são vistas tanto pela comunidade, quanto pela administração pública como tábuas de salvação para o município. Fato que ocorre pela falta de perspectiva referente ao desenvolvimento econômico da cidade e que deixa tanto a administração pública quanto a comunidade em uma situação de fragilidade e inseguranç

## 5. ANÁLISE DOS DADOS: O PATRIMÔNIO DE VSN E O SENTIDO DE LUGAR

Neste capítulo são evidenciados os resultados obtidos a partir do levantamento físico realizado em Serra do Navio, com o intuito de revelar a situação de preservação e caracterização de VSN (terceiro objetivo específico). Assim como, os resultados que buscam identificar o sentido de lugar da comunidade em relação ao patrimônio de VSN (quarto objetivo específico), para ao final de tudo, propor caminhos que propiciem o envolvimento comunitário nos processos de preservação do patrimônio moderno no ambiente amazônico, a partir da identificação do seu sentido de lugar e das inter-relações de seu contexto.

### 5.1. A SITUAÇÃO DE PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DE VSN

Este item tem por objetivo apresentar os dados de caracterização da situação atual do patrimônio moderno VSN, que foram levantados a partir de documentos gerados nos processos de regularização fundiária e rerratificação do patrimônio; de bibliografia sobre o referido patrimônio e de registro fotográfico realizado *in loco* pela autora da dissertação. A sua relevância para o corpo do trabalho consiste em subsidiar a leitura acerca dos usos e do grau de usufruto da comunidade sob o patrimônio em que estão inseridos e também embasar a identificação e interpretação do sentido de lugar de VSN, contribuindo para um panorama mais claro acerca da atuação dos agentes envolvidos no processo de preservar o patrimônio de VSN.

Como já foi mencionado no capítulo da metodologia, o trabalho não busca realizar uma análise técnica da situação do patrimônio, mas caracterizá-lo observando todos os aspectos que o compõe. Dessa forma, buscou-se na bibliografia os achados a respeito do atual estado de preservação e conservação do patrimônio (perspectiva técnica), que serão abordados em um primeiro momento. Na sequência, com base no levantamento fotográfico e observação realizado pela autora *in loco*, serão abordadas as principais características do ambiente estudado levando em consideração, as narrativas dos entrevistados sobre o ambiente no passado e por vezes — quanto for oportuno realizar a comparação — alguns registros fotográficos mais antigos.

#### 5.1.1. Preservação e Conservação do Patrimônio de VSN

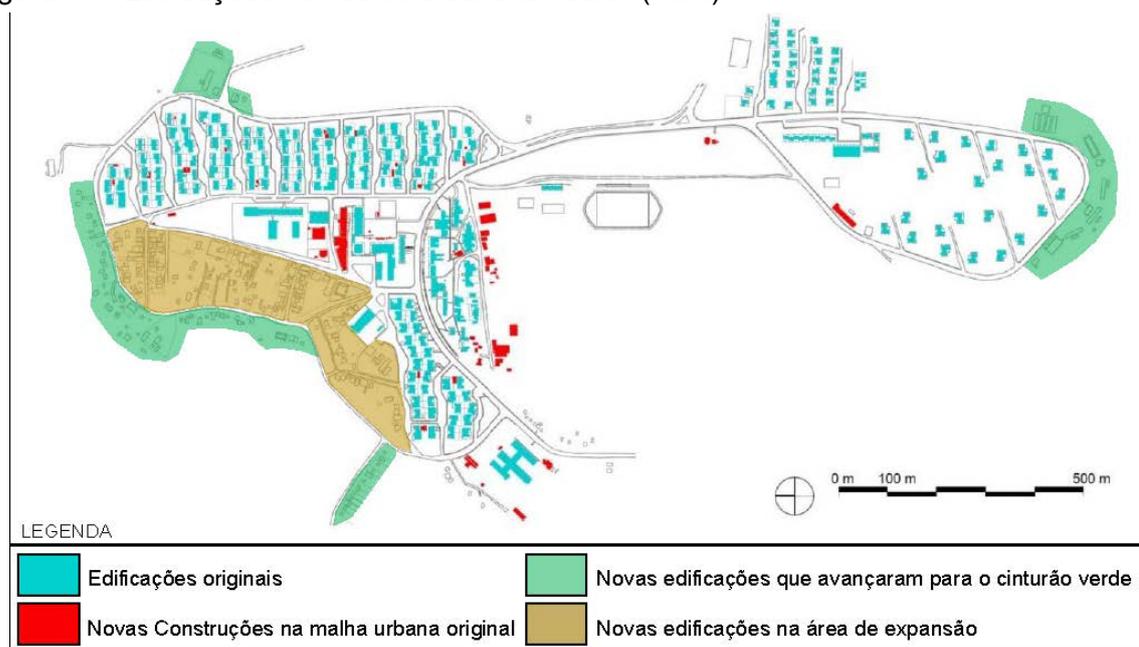
Conforme abordado anteriormente, VSN se manteve preservada e conservada conforme o projeto original até a saída da empresa na região (47 anos aproximadamente), em razão de seu caráter privado. No entanto, após esse período — agora uma cidade aberta e administrada pelo poder público — as mudanças no cenário começam a ocorrer. Retomando brevemente o que já foi observado, primeiro instaura-se um cenário de abandono, onde

chegou-se a classificar a cidade como “cidade fantasma”. Situação que foi motivada pela falta de atividade econômica na região e falta de planejamento para que isso não ocorresse.

No segundo momento — iniciado em seguida — por conta da instalação de nova empresa na região para a exploração de minério, ocorre um inchaço populacional da única área urbanizada da região no momento. Nesse período, retomando o que foi visto, as residências antes abandonadas começam a ser ocupadas e modificadas para servir a novos usos, entre eles servir de alojamento ao novo contingente de trabalhadores que se instalava na região. Contudo, por conta da grande demanda por moradia, inicia-se também a construção de novas casas, algumas próximas (entre) às pré-existentes, outras nas áreas do entorno da Vila. Nesse ponto vale lembrar que apesar de haver área destinada para expansão e um novo Plano Diretor, realizado no período de transição administrativa, não foram levados em consideração e as ocupações ocorreram de forma espontânea. Iniciando assim, o processo de descaracterização da Vila.

No decorrer dos anos, mesmo com o tombamento do núcleo urbano formalizado em 2012, esse processo não foi contido. Segundo Costa (2019, p. 166) até o ano de 2015 a ocupação informal atingiu 19% da Vila. Ainda segundo a autora, a expansão desordenada concentrou-se na área prevista para a expansão de forma espontânea. Quanto às ocupações realizadas na área pré-existente, observa-se uma maior incidência na área central, nos antigos alojamentos operários e nas antigas Vilas operária e Intermediária (ibidem, 2019). Na figura abaixo é possível observar esses apontamentos.

Figura 5.1: Edificações no núcleo urbano tombado (VSN).



Fonte: COSTA, 2019, p. 166. Adaptado pela Autora.

No mapa é possível observar construções que avançaram sobre o cinturão verde, que faz parte da poligonal tombada e também, embora menos frequente, no entorno do antigo STAFF. A seguir é possível observar imagens das novas construções em alguns pontos da cidade.

Figura 5.2. – Imagens das novas construções em diferentes pontos da cidade.



Fonte: Fotos da autora (2021) e Google Street View (2012).

Como pode ser observado — no caso das novas construções nas áreas de expansão e avanço sobre o cinturão verde — as ruas, quando existem, não acompanham o traçado original, não possuem pavimentação e tão pouco passeio. Além disso, são desprovidas dos serviços de infraestrutura (água, esgoto, iluminação pública) (IPHAN, Nota Técnica, 2018). Quanto à arquitetura dessas edificações, nota-se que essas não possuem aproximação formal com as edificações pré-existentes, as mesmas seguem o padrão de construção local com o uso predominante da alvenaria e da madeira. Na figura 4.12, exibida a seguir, é possível visualizar os materiais utilizados, a ausência de calçada e pavimentação, de iluminação pública e a irregularidade da disposição das construções mencionadas previamente.

Figura 5.3. – Imagem da área de expansão.



Fonte: Google *street view* (2012).

Autores têm caracterizado tanto essas, quanto as intervenções dentro da malha urbana ou nas edificações pré-existentes como parte de um processo de favelização ou precarização (COSTA, 2019; JULIANELLI, 2019; MAGALHÃES, 2019). Um exemplo dessas intervenções, apontado por Costa (2019), se deu no antigo alojamento da Vila Operária para solteiros (Figura 4.13). Segundo a autora, o conjunto encontra-se descaracterizado quase que integralmente, onde apenas os dois blocos destinados a abrigar algumas instituições públicas encontra-se parcialmente descaracterizado. Nesse espaço o uso é predominantemente residencial e conta com a presença de alguns restaurantes e prédios públicos, como já foi mencionado (ibidem, 2019).

Figura 5.4. – Imagem panorâmica do antigo alojamento dos solteiros (Vila Operária)



Fonte: Acervo da autora (2021).

Além das descaracterizações na escala urbana, observa-se também a questão da deterioração da infraestrutura da cidade e dos equipamentos públicos que estão sob a tutela do município. A respeito desses, Costa (2019) identifica que os mesmos não sofreram tantas descaracterizações e sim deteriorações pela falta de manutenção — uns em estado mais grave do que outros — classificando-os em um estado médio de conservação. Julianelli (2019), diz que esses processos, na sua grande maioria, se deram pela falta de manutenção por parte dos gestores e cita o caso do Manganês Esporte Club (MEC), que desabou em 2016

após a completa ausência de ações para realizar a manutenção necessária para conservar o lugar de forma segura para a população. Abaixo é possível observar o registro do referido desabamento.

Figura 5.5. – Imagens da eminência e do desabamento do MEC em 2016.



Manganês Esporte Clube (MEC) - 2016

Fonte G1 (2016).<sup>44</sup>

Sobre a situação atual deste e de outros prédios de uso coletivo, serão retomadas no próximo item.

Por fim, quanto à situação das residências de VSN, nota-se que o processo mais visível é o da descaracterização arquitetônica. Como já foi mencionado, esses processos vêm ocorrendo desde a saída da empresa. Não obstante, o tombamento do conjunto e das tentativas do IPHAN em frear essas ações, elas continuaram acontecendo. A seguir é possível observar a avaliação de Costa (2019) a respeito desses processos:

Quanto às habitações o maior problema reside na preservação arquitetônica, principalmente nas tipologias menores onde foram acrescentados volumes nas laterais e nos fundos. Atualmente, estas alterações são tão frequentes que é possível considerá-las praticamente irreversíveis. São alterações que já estavam se consolidando no momento do tombamento e que ainda ocorrem. Apesar das relações de cheios e vazios ter se perdido dentre estas habitações que compõem as Vilas BC e AA, ainda se vê preservadas boa parte das fachadas originais (COSTA, 2019, p. 224).

Julianelli (2019) também identifica em sua pesquisa os mesmos processos de descaracterização mencionadas por Costa. Segundo a autora, além dos anexos levantados nos afastamentos entre as residências, esses se deram com técnicas construtivas e materiais distintos do original. De acordo com Julianelli, essas alterações ocorrem em sua grande parte pela necessidade dos moradores ou “proprietários” de abrigar seus familiares ou alugarem quartos para os empregados das empresas mineradoras das imediações.

Magalhães (2019, p. 85) traz o dado de que atualmente “80% das edificações da Vila Serra do Navio apresentam algum tipo de alteração física e as áreas de expansão e próximas

<sup>44</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2016/03/prefeitura-alerta-sobre-imovel-que-ameaca-cair-em-serra-do-navio-no-ap.html>; <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2016/03/predio-historico-desaba-apos-fortes-chuvas-em-serra-do-navio-no-amapa.html>

à malha consolidada foram sendo ocupadas de forma espontânea e precária, sem estudo ou autorização prévia”. Ainda sobre as alterações nas habitações, as autoras destacam: (i) instalação de ar-condicionado e conseqüente fechamento dos elementos vazados (cobogós e venezianas); (ii) construção de garagem; (iii) ampliação (quarto, banheiro); (iv) adaptações para uso comercial; (v) instalação de caixas d’água e cercas (COSTA, 2019; JULIANELLI, 2019; MAGALHÃES, 2019).

De maneira geral, apesar do que foi exposto resumidamente sobre a análise técnica da preservação e conservação do patrimônio, para Costa (2019) a cidade encontra-se em um bom estado de conservação, especialmente as residências, devido às manutenções realizadas pela comunidade, e parcialmente descaracterizada. Já para Julianelli (2019), até o presente momento, o patrimônio não foi protegido de forma efetiva. Contudo, apesar das perdas materiais que ocorreram e continuam acontecendo, “ainda é possível identificar elementos íntegros — em termos de concepção formal e manutenção das características nas fachadas — porém, quase isolados do seu conjunto” (ibidem, 2019, p. 240).

### **5.1.2. Caracterização da VSN: levantamento fotográfico**

É oportuno lembrar que esse trabalho observa o lugar como um todo pois não há como buscar compreender o sentido de um lugar de forma isolada, uma vez que o patrimônio compreende o perímetro urbano de VSN. Isso inclui o estado em que se encontram as ruas, calçadas, os gramados, o mobiliário urbano, enfim, todos os elementos que caracterizam o local e que vão influenciar a percepção dos moradores. Dessa forma, para que fosse possível realizar essa caracterização, foram agrupadas as principais imagens dos componentes físicos e visíveis do ambiente de VSN, somadas às descrições com base na visita realizada *in loco*. A percepção da comunidade sobre esses elementos se dará no próximo item.

Mantendo a sequência da escala urbana, edificações públicas e residencial, observou-se primeiramente as ruas, as calçadas, a pavimentação e o mobiliário urbano presente na cidade. A esse respeito, salienta-se que tanto o estado da pavimentação quanto das calçadas, quando ainda podem ser identificadas, é bastante precário. Nota-se a presença de pavimentação apenas em alguns trechos da área central, nas outras áreas o que se observa são vestígios de um asfalto coberto por terra e a presença de muitos buracos. Em relação ao mobiliário urbano, percebe-se a presença de lixeiras, postes, bancos (na área central), parada de ônibus (novas e do período ICOMI) e dos antigos hidrantes da Vila. Referente ao estado de conservação dos mesmos, os novos se encontram bem conservados de modo geral. Já os do período ICOMI, percebe-se a manutenção dos mesmos somente em casos pontuais, ou seja, quando a ação de conservar parte da própria comunidade. Na sequência é possível

observar o estado de conservação das ruas e do mobiliário de forma pontual e inseridos no contexto nas diferentes áreas da cidade.

Figura 5.6 – Situação das ruas e calçadas de VSN.



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Figura 5.7 – Situação do mobiliário e comunicação visual



Fonte: Acervo da Autora (2021).

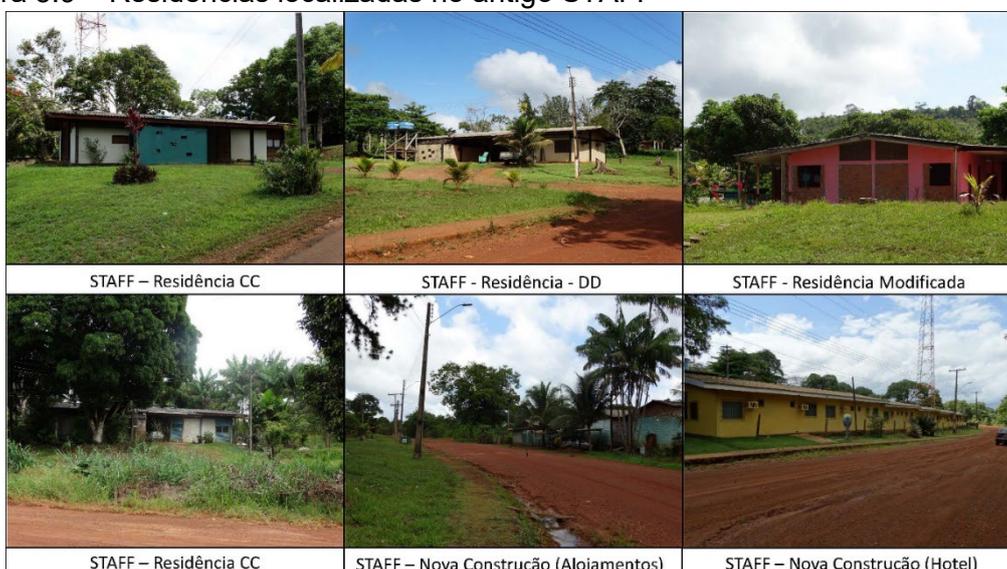
Figura 5.8 – Panorâmicas das Antigas Vilas Operária, Intermediária e STAFF



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Nas figuras 4.16 e 4.17, observa-se, além das condições das ruas, calçadas e mobiliário, as descaracterizações no tecido urbano e nas residências, assim como casos onde se manteve a preservação (de modo pontual), corroborando com o que foi colocado no subitem anterior. É perceptível nas imagens a presença de ar-condicionado, cercas, novas construções, mudança nas aberturas, avarandados etc, conforme foi observado nas referências bibliográficas. A diferença entre as áreas é a menor incidência de novas construções na área do STAFF. Entretanto essa área, por ter uma densidade menor, portanto maior área de gramado, apresenta em alguns pontos, um aspecto de abandono caracterizado pela falta de manutenção das áreas ajardinadas, como pode ser observado em mais detalhe nas figuras 4.17 e 4.18.

Figura 5.9 – Residências localizadas no antigo STAFF



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Figura 5.10 – Residências localizadas nas antigas Vila Operária e Intermediária.



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Já na área central nota-se, além do que já foi abordado, a presença de um estacionamento — com ônibus escolar e caminhões — quase no centro da praça, causando um impacto visual na paisagem, uma vez que cria uma barreira visual em um local que era conhecido por amplo campo de visão. Além disso, observa-se na área comercial intervenções nos prédios pré-existentes, uso de placas sem respeitar nenhum critério (inclusive na frente do prédio da prefeitura) e ainda, a presença de instalações de comércio informal. Observa-se também, corroborando o que foi indicado na bibliografia mencionada, a presença de novas construções na malha urbana da cidade. Chama atenção as intervenções realizadas nos prédios públicos como o TRE, ministério público e brigada militar, que não seguiram os padrões determinados nas regulações criadas pelo IPHAN, portanto certamente não passaram por sua aprovação, reforçando a ideia de ambiguidade identificada nas narrativas. Abaixo é possível observar as panorâmicas (paisagem como um todo) e os prédios pontualmente:

Figura 5.11 – Panorâmicas da Área Central.



Vista Panorâmica da Área Central – Pracinha



Vista Panorâmica Área Central - Praça



Vista Panorâmica Área central - Comércio

Fonte: Acervo da Autora (2021).

Figura 5.12 – Novas construções na área central.



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Dentro da área central, logo após o novo prédio da Assembleia de Deus está o prédio do Posto Avançado de Serra do Navio da Comarca de Pedra Branca do Amapari. Na diagonal a igreja, encontra-se a sede do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) do município, edificações públicas construídas no período Pós ICOMI que não levaram em consideração o processo de tombamento que estava sendo realizado. Além dessas, é possível observar outros tipos de intervenções em prédios do período ICOMI, como pode ser observado na figura 4.22.

Figura 5.13 – Prédios públicos no perímetro tombado de VSN.



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Ainda na área central, encontra-se a igreja de VSN, preservada e conservada no âmbito individual (figura 4.23). Outro prédio público preservado, mas não tão bem conservado como a igreja, é a escola, edificação que apresenta alguns processos de deterioração como pode ser observado nas figuras (4.24 e 4.25).

Figura 5.14 – Igreja de Santa Bárbara (Serra do Navio).



Vista Panorâmica da Igreja de Serra do Navio

Fonte: Acervo da Autora (2021).

Figura 5.15 – Escola Escola Estadual Dr Hermelino Herbster Gusmao.



Fonte: Acervo da Autora (2021).

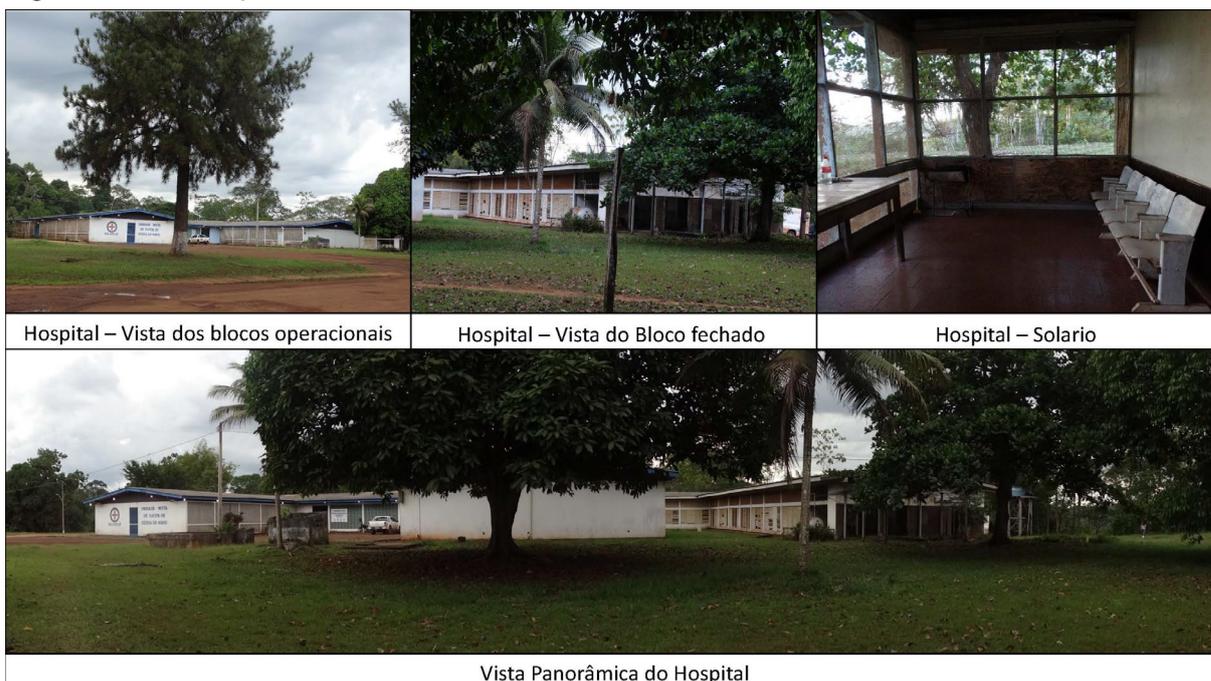
Figura 5.16 – Processos de Deterioração na estrutura da escola.



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Já o hospital, que se localiza na entrada da cidade e distante do centro administrativo, está preservado da mesma forma como a escola, mas com problemas muito mais sérios derivados da falta de manutenção. Nesse último caso, há uma parte do prédio que se encontra inoperante, bastante degradada e com aspecto de abandono (figura 4.26).

Figura 5.17 – Hospital Serra do Navio



Fonte: Acervo da Autora (2021).

É oportuno mencionar que a área do hospital que está inoperante conta com muitos materiais hospitalares, mobiliários e equipamentos da época, como pias, placas, macas, equipamentos cirúrgicos, antigos autoclaves e instrumentos. Na ocasião, uma das enfermeiras realizou uma visita guiada mostrando todo o acervo do hospital. Abaixo é possível observar alguns exemplares (figura 4.27).

Figura 5.18 – Imagens do acervo do período ICOMI do hospital



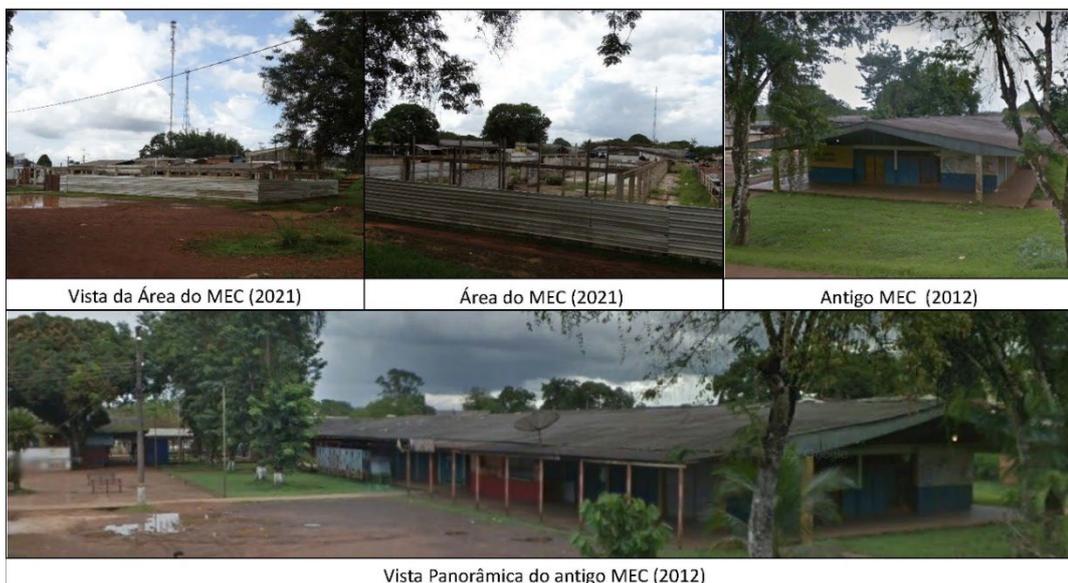
Fonte: Acervo da Autora (2021).

Dentro ainda da lista de prédios de uso coletivo observa-se os dois antigos clubes da VSN. O primeiro (MEC), localizado na área central, que desabou em 2016 pela falta de manutenção, atualmente na área que ocupava há um tapume e o esqueleto de sua estrutura. Pois a obra para reconstruir o prédio, que deveria estar em andamento, nunca iniciou de fato. Sabe-se, por meio de entrevista com agentes técnicos, que o IPHAN entregou para a prefeitura em reunião pública o projeto completo para que a mesma realizasse a licitação da obra. Abaixo é possível observar trechos dessas entrevistas e na sequência como está a área atualmente (figura 4.28). Além disso, para se ter uma ideia mais completa da estrutura que se espera que seja reconstruída, utilizou-se o registro do prédio no ano de 2012, antes de desabar.

‘(...) O IPHAN vai entregar publicamente para o prefeito o projeto, aí vai ficar claro que tá na mão da Prefeitura’. E eu não sei te dizer o porquê que isto não avançou, eles têm o projeto Sim com todas as especificações (E12\_TEC, 2022).

O Iphan fez o projeto entregou todas as peças pra prefeitura, e a prefeitura depois de alguns anos conseguiu licitar a obra do MEC só que dois meses depois da obra o paralisou. Então isso foge um pouquinho da nossa alçada né! É uma obra, com projeto já aprovado porque ele partiu do Iphan (...). (E13\_TEC, 2022).

Figura 5.19 – Imagens do antigo MEC (2012) e da situação atual da área (2021)



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Quanto ao outro clube (CCH), localizado no STAFF, o mesmo também se encontra em péssimo estado de conservação, especialmente nas antigas áreas destinadas ao lazer, como salão principal, bar, sauna, piscina e churrasqueira. Contudo, os antigos alojamentos adjacentes ao clube estão ocupados por uma comunidade de baixa renda. Abaixo é possível observar (figura 4.29 e 4.30) parte do prédio abandonada e também a ocupação dos alojamentos respectivamente.

Figura 5.20 – Imagens do antigo CCH – área do clube.



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Figura 5.21 – Imagens do antigo CCH – alojamentos ocupados



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Por fim, não fazem parte do perímetro tombado, mas são lugares importantes para o contexto de Serra do Navio e, portanto, serão mencionados; a) a antiga área industrial (figura 4.31), b) a estação ferroviária (figura 4.32) e c) alguns os pontos turísticos (figura 4.33). A primeira — cujo acesso é restrito, uma vez que algumas empresas e a prefeitura utilizam o local — possui ainda prédios e maquinários do período ICOMI, a maior parte inoperante e se deteriorando com o tempo. Contudo, chama atenção, assim como no caso do hospital, a

presença de maquinário e mobiliário do período. Quanto à estação ferroviária, a mesma se encontra abandonada, fato observado nas imagens enviadas pelo Secretário do Turismo. Pois, na ocasião da visita in loco, devido à vegetação que cresceu em seu entorno não foi possível acessá-la para registro fotográfico. Ainda referente ao trem, é relevante que se mencione que na cidade de Santana/AP, estão revitalizando alguns vagões, fator que tem gerado expectativa na comunidade (mencionadas nas entrevistas), que anseia pela recuperação da linha. A esse respeito, é oportuno frisar que a estrada de ferro (inoperante desde 2013)<sup>45</sup> (UFPA, Projeto de Regularização Fundiária, 2017), não tem boa parte dos trilhos, inclusive houve uma ocupação em cima de um dos trechos.

E aí eles tão tentando né, com essa nova empresa que tá pra retomada do minério de ferro, eles tão tentando é retomar com a estrada de ferro não é? Com a rodovia só que o recurso ele tá em torno de duzentos e vinte milhões (...) (E10\_ADM, 2021).

É eles tão reformando os vagão porque vai voltar a estrada de ferro aí, vai voltar (E7\_MO ICOMI, 2021).

Agora a briga vai ser porque a linha férrea o pessoal fizeram casa até em cima dos trilho e agora pra eles conseguirem tirar esse povo vai ser difícil. Um trecho aqui do Porto Grande o pessoal levaram todos os trilhos. Eu até a semana passada eu vim de Macapá e eu parei lá em cima do trilho e fiquei olhando, tomado pelo mato (E5\_MO ICOMI, 2021).

Figura 5.22 – Imagens do antigo CCH – área do clube.



Fonte: Acervo da Autora (2021).

<sup>45</sup> “Em 2016, o Tribunal de Justiça do Amapá (TJAP) decretou a caducidade da concessão da Estrada de Ferro do Amapá à mineradora Zamin Ferrous, porém as viagens ainda não retornaram” (UFPA, Projeto de Regularização Fundiária, 2017, p. 10).

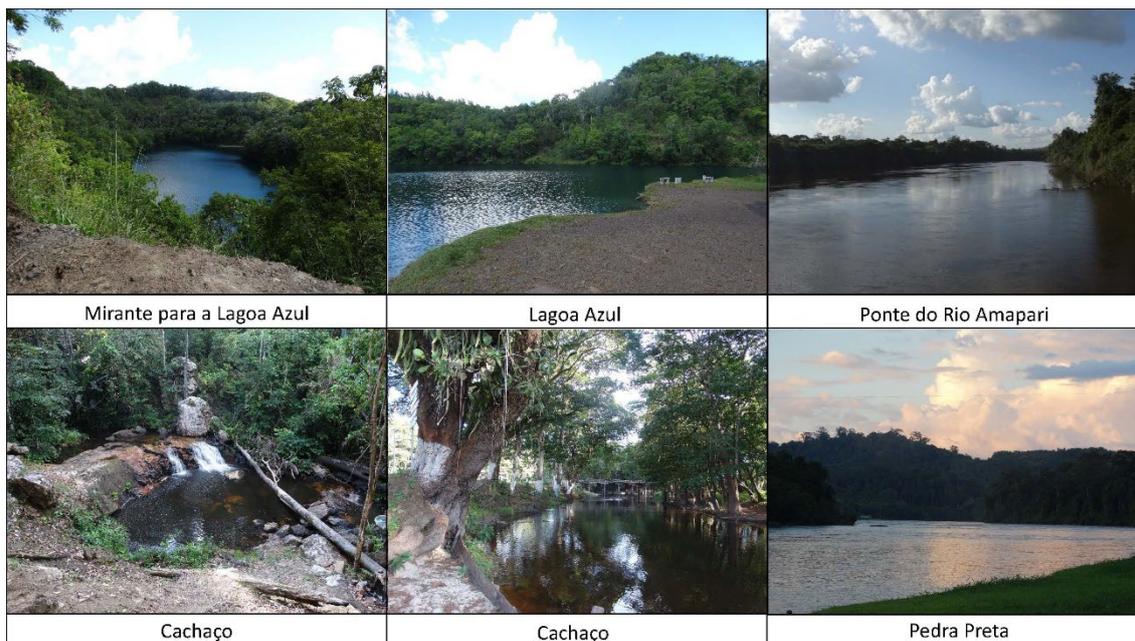
Figura 5.23 – Estação Ferroviária e vagão do trem



Fonte: Acervo do Secretário de Turismo de VSN e Autores desconhecidos.

Quanto aos pontos turísticos locais, os mesmos são quase que integralmente rios, lagoas, cachoeiras, mirante. Isto é, estão relacionados com a natureza exuberante do entorno da VSN. Alguns desses pontos são de acesso público, pois estão sob a guarda da prefeitura municipal e outros de acesso privado. Apenas um deles, que não foi visitado, mas bastante mencionado pelos moradores, consiste em uma mina desativada (Mina F-12). Abaixo é possível observar alguns desses locais.

Figura 5.24 – Pontos Turísticos de Serra do Navio



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Em síntese, foi possível observar visualmente e descritivamente qual a situação atual de VSN quanto ao seu estado de preservação e conservação, referentes ao seu traçado original, a manutenção dos cheios e vazios e dos prédios públicos e residenciais. Além disso, foi possível caracterizar a condição em que se encontram, abarcando também a infraestrutura da cidade, novos usos, situações de abandono de alguns lugares dentro da poligonal tombada e no seu entorno, uma vez que fazem parte do contexto do lugar. Na sequência será possível observar as percepções dos indivíduos que vivenciam esses espaços a partir dos processos psicossociais, afim de compreender finalmente qual é o sentido de lugar atual e como esse conhecimento pode auxiliar para o engajamento da comunidade no processo de preservação.

## 5.2. O SENTIDO DE LUGAR EM VILA SERRA DO NAVIO;

O presente item tem por finalidade expor e analisar os achados referentes à percepção da comunidade sobre o patrimônio moderno de Serra do Navio — levando em consideração o contexto em que se insere (ambiente amazônico). Para tanto, foram analisadas as entrevistas — realizadas conforme descrito na metodologia — de acordo com o referencial teórico da Psicologia Ambiental. Essas, por sua vez, serão transversalizadas pelas reflexões derivadas dos itens anteriores que trazem os aspectos históricos, sociais, culturais e físicos do contexto estudado.

Em um primeiro momento, tendo em vista a importância em se referenciar o passado memorialístico, ou passado ambiental do local, foram analisadas as percepções de ex-moradores e moradores atuais que vivenciaram o período ICOMI. Assim como as relações entre esses indivíduos com a empresa que administrou a vila por mais de 40 anos. Essa referência serve para obter uma compreensão ampla acerca das mudanças e das representações desse passado nos dias atuais.

No segundo momento, buscou-se identificar e interpretar os valores atribuídos ao patrimônio estudado, a partir das percepções e atitudes dos indivíduos para com ele. Essas atribuições, que nada têm a ver com as justificativas oficiais para a patrimonialização do bem, provêm da inter-relação entre indivíduo e ambiente construído. Portanto, são identificados o grau de apego, identidade de lugar e a percepção da comunidade acerca das “qualidades” do lugar, em outras palavras, buscou-se compreender qual o sentido de lugar atual de Serra do Navio.

### 5.2.1. O passado ambiental e seus sentidos

Antes de partir em busca do sentido de lugar atual é conveniente compreender um pouco sobre o passado ambiental vivenciado em Serra do Navio, pois é um dado que auxilia na compreensão da relação dos grupos (EX ICOMI e MO ICOMI) com o patrimônio deixado e

na significação do mesmo no imaginário das pessoas que não tiveram esse contato (POS ICOMI). Para tanto foram analisadas, nesse item as narrativas acerca das vivências ou do conhecimento dessas pessoas sobre o período ICOMI, destacando as principais percepções desses indivíduos sobre a Vila Serra do Navio. Isto é, o que ficou registrado na memória e imaginário dessas pessoas.

Ao relatarem brevemente as suas experiências de vida no período ICOMI (grupos EX MO e MO ICOMI) ou o que sabem sobre o mesmo (POS ICOMI), uma das primeiras questões abordadas refere-se à forma de gestão da empresa durante a sua administração<sup>46</sup>. Os entrevistados falam com entusiasmo sobre as regalias e o cuidado da ICOMI com a sua satisfação. Como já foi mencionado anteriormente, a empresa além de administrar as Vilas (Amazonas e Serra do Navio), cuidava da manutenção das casas, do jardim, administrava o check-up de saúde dos funcionários e seus familiares, estava atenta a aplicação de vacinas, provia energia, saneamento básico, alimento a valor de custo, educação, atendimento médico — inclusive com procedimentos complexos — lazer, atividades de controle ao ócio e uma série de itens que foram explorados anteriormente.

Esses itens elencados servem sempre como base para muitos elogios à empresa e também como justificativa para a satisfação de morar em Vila Serra do Navio, mesmo em contexto geográfico tão isolado. Abaixo é possível observar algumas dessas considerações:

Nós tínhamos toda uma regalia assim dada pela ICOMI né. A ICOMI foi uma mãe pra Serra do Navio né! (...). Maravilhoso assim, muito bom mesmo! (E10\_ADM, 2021).

Era um emprego que a gente tinha que cativar porque, poxa! Você chegar e ter uma casa de alvenaria, luz eu nunca soube o que foi pagar luz, água eu nunca soube o que foi pagar! Médico vinte quatro horas, então você tinha que zelar por esse emprego né (E7\_MO ICOMI, 2021).

Eu sempre digo pro pessoal, eu tenho as minhas duas filhas e não fui eu que criei, quem criou foi a ICOMI. Porque não deixavam faltar nada! Né? (E5\_MO ICOMI, 2021).

(...) você não se preocupava com a tua moradia, a companhia tomava conta do lugar que tu moravas, ela pintava a tua casa, ela desentupia o teu sanitário, a tua pia. Não eras tu que fazia isso, era o funcionário da companhia. A companhia cortava a tua grama, fazia o teu jardim (E3\_EX ICOMI).

Para os moradores e ex-moradores de SN, essa forma de atuar da empresa é louvável e foi um dos grandes motivos para os sentimentos de satisfação e felicidade relatados sobre o período. Não há, da parte desse grupo, nenhum tipo de crítica ou demonstração de insatisfação com a vida que levaram lá. Quando indagados sobre esse ponto, se vivenciavam

---

<sup>46</sup> Período de 48 anos aproximadamente, uma vez que a empresa continuou a prestar serviços durante a gestão compartilhada com o a prefeitura, conforme foi visto anteriormente.

alguma experiência negativa nesse período, relatam apenas os problemas pessoais ou derivados da competição interna entre funcionários.

Por outro lado, quanto à perspectiva externa — dos que não vivenciaram as experiências — as ações da empresa consistiam em uma espécie de **paternalismo**, onde a autonomia e a liberdade dessas pessoas eram cerceadas. Como pode ser observado a seguir:

Então era aquela relação assim bem paternalista mesmo de tomar todas as providências, de resolvendo tudo, de consertar a torneira de cuidar, da lâmpada. E que ao mesmo tempo, era aquela coisa do cerceamento também né! (E12\_TEC, 2022).

Outros dois pontos bastante comentados e que estão relacionados com o cerceamento relatado acima foram as **regras de conduta** e o **controle da empresa** sobre a vida que era levada na Vila. Ao narrarem sobre a experiência de vida no lugar, os entrevistados sempre relembram do toque de recolher das dez horas da noite. Eles contam que as dez horas da noite era proibido estar na rua, então os seguranças que fazia a ronda alertavam as pessoas que ainda não tinham se recolhido. Esse, é um dos pontos que demonstra de forma mais clara as contradições entre experiência e percepção da comunidade pois, apesar de relatarem por meio da história uma regra que lhes privava a liberdade — uma vez que VSN não era um alojamento simplesmente, as famílias viveram por anos e constituíram família nesse local — suas avaliações sobre a aplicação da mesma é positiva. Abaixo é possível observar:

Dez hora da noite já passava o pessoal apitando e recolhendo quem é de menor na rua, era uma coisa bem assim legal sabe, coisa de primeiro mundo mesmo era muito bacana (E10\_ADM, 2021).

E a ICOMI foi assim, as regras dela eram ruim pra quem gosta de bagunça, mas era muito boa pra quem gosta da ordem. Não era pressão, mas quem obedece tava numa boa mesmo. Nunca foi proibido de conversar no pátio, não podia tá circulando. Mas tem um aniversário, pode rolar o aniversário a hora que quiser (E6\_MO ICOMI, 2021).

(...), as domésticas nossas eram controladas, visitas que vinham em Serra do Navio tinham que ser avisadas, controladas, examinadas no hospital. Então, não tinha o que reclamar, eu falo pra você, sinceramente (E1\_EX ICOMI, 2021).

Esse controle percebido por esses indivíduos é considerado positivo e necessário, pelo que se concebe, esse regime gerava a sensação de segurança nas pessoas. Condição considerada como positiva também por um dos integrantes do grupo MO POS que diz “era dez hora, a segurança era muito boa aqui. Dez hora da noite já era pra tá ninguém na praça, cada um pras suas casas” (E9\_MO POS, 2021). Segundo entrevistado que ocupou cargo de chefia na empresa, essas medidas eram tomadas como uma forma de prevenir situações indesejadas. “Então, a ICOMI focalizava tudo na prevenção e no não acontecer o

desagradável, ela tomava todas as providências para que as coisas não acontecessem de ruim” (E3\_EX ICOMI, 2021).

Outra medida de projeto e gerência da empresa, mencionada anteriormente, foi a divisão hierárquica do espaço e a segregação dos funcionários de acordo com os seus cargos. A respeito desse item há divergência entre os pontos de vista dos moradores da Vila Operária ou Intermediária, dos moradores do STAFF. Os primeiros relatam a existência da segregação, pois não podiam circular nem acessar o STAFF e seu clube, o CCH (o clube destinado aos funcionários com cargo de chefia e curso superior). Já o outro grupo relata que, apesar da formalização da segregação, ela não se consubstanciava na prática, uma vez que todos tinham acesso aos mesmos espaços. Na sequência é possível comparar essas duas perspectivas:

Não podia frequentar de noite aqui, nem no baile. Eles podiam ir lá (MEC), mas a gente não podia ir aqui (CCH) né! (...). Eu costumo dizer que um dos fatores que a ICOMI fez foi isso, da gente saber se comportar né! Porque todo mundo termina o serviço e quer beber né! E então, aí criaram o clube lá embaixo e o CCH aqui. Aí a chefia ficava aqui, pra não haver aquele atrito né! Por que realmente se misturasse, ah! Havia atrito né (E7\_MO ICOMI, 2021).

Embora por definição administrativa a empresa tivesse seccionado, vamos dizer assim, o pessoal de nível superior, do pessoal de nível intermediário e aquilo que a gente chamava de o trabalhador comum (...), embora tivesse formalizado nos estatutos, no papel, era informalizado por que a gente se encontrava. Todos nós nos encontrávamos no trabalho, nas escola, no hospital e na convivência social, na integração (E3\_EX ICOMI, 2021).

Esse ponto, apesar de ser considerado por alguns como fundamental para haver uma boa relação entre funcionário e patrão, é talvez um dos únicos itens que, por vezes, é mencionado como algo negativo por parte dos moradores das Vilas Operária e Intermediária. No entanto, no que se refere à convivência no período ICOMI, as narrativas são unânimes quanto à boa relação entre os habitantes da Vila. Grande parte dessas pessoas se autodeclararam parte de uma grande família e rememoram com alegria sua vida social e a construção de vínculo entre as famílias. Como pode ser observado a seguir:

(...), o espírito de família de união igual na ICOMI em SN eu não tinha visto ainda (E1\_EX ICOMI, 2021).

Poxa! Aí a gente sente que é uma família, sabe? Que todo mundo ali é amigo, lembra do tempo da escola né! ” (E2\_EX ICOMI, 2021)

E essa capacidade da empresa de transformar esse negócio numa família grande (E3\_EX ICOMI, 2021).

Então aqui eu agitava o povo, (...), eu tocava nas serestas eu animava o arraial aí da escola, não sei mais o que, eu tava em todas! (...) Era uma alegria (E6\_MO ICOMI, 2021).

Diante das narrativas expostas, nota-se que havia um forte **senso de comunidade** e **vínculo afetivo** entre as pessoas que habitavam o local, os quais foram percebidos a partir do resgate das memórias dos entrevistados, que atribuem a essa relação praticamente parental, como um dos principais motivos para a satisfação de vivenciar o espaço no período ICOMI. Dentre eles estavam os eventos sociais proporcionados pela empresa no período, como:

O baile do Havaí era feito ao redor da piscina, eu me lembro. Aí nós tínhamos o baile das flores que era em julho e o baile da mina que era no final do ano (E10\_ADM, 2021).

Os bailes aqui eram muito bons né! O carnaval, a gente brincava as quatro noites e não se via uma confusão, era um negócio fora de sério né! (E6\_MO ICOMI, 2021).

Mas nós gostávamos muito assim, quando chega a época dos jogos escolares que geralmente era em setembro (E4\_MO ICOMI, 2021).

Esses eventos, certamente propiciavam essa conexão, assim como a constância da convivência dessas pessoas no contexto de **isolamento** em que viviam que, apesar de ser impactante quando descrito, não foi muito mencionado pelos entrevistados. Pelo que se pode perceber até o presente momento — a partir da concepção do projeto, das estratégias de gerência da empresa e das experiências narradas — é que esse cenário específico e difícil foi amenizado por todos os esforços empreendidos. Apenas dois entrevistados citam a situação de isolamento, como pode ser observado e ambas estão relacionadas com a questão da **comunicação**, que no período era mais limitada pela tecnologia da época:

A única comunicação que gerava com Serra do Navio era o trem. Quando o trem saía, nós estávamos entre aspas, praticamente isolados do mundo. Embora não, a gente tinha uns rádio amadores que a gente conseguia falar, essa coisa toda. (E3\_EX ICOMI, 2021).

(...) pra mandar notícia pra minha família eu tinha que bota carta no correio e pra telefona eu tinha que vim de trem até Santana, pra ligar de Santana mesmo Macapá, que era como que a gente conseguia fala com telefone, por telefone (E1\_EX ICOMI).

Outro fator fundamental na caracterização do lugar no período ICOMI e que também colaborou na mitigação dos impactos derivados da localização do empreendimento foi a **qualidade da estrutura física do lugar** e dos serviços prestados à comunidade. Para que se possa ter uma compreensão do todo, serão elencados na tabela a seguir, os principais aspectos identificados nas narrativas dos entrevistados:

Tabela 4.2. – Aspectos Qualificadores do lugar no período ICOMI

Lugar ou Serviço	Citação
<b>Moradia</b>	A minha mãe conta né, que quando a pessoa adquiria a casa pra morar, já estava mobiliada de um tudo, né. Hoje a gente ainda tem móveis daquela época (E2_EX ICOMI, 2021).
<b>Água e Saneamento básico</b>	A gente já tinha uma água com o tratamento top, que no Amapá, que era território não tinha e um tratamento de esgoto que até hoje persiste. Uma das coisa que deveria ser divulgada pro mundo, porque uma estação de tratamento de esgoto construída na década de cinquenta e até hoje tá operacionalizando, tá operacional e que não joga nada de detritos pro rio Amapari eu acho que é uma glória (E1_EX ICOMI, 2021).
<b>Hospital</b>	O hospital era uma beleza vinte e quatro horas aí, (...), eu trabalhava tranquilo, porque sabia que olha! Qualquer coisa é correr pro hospital aí, eu é em último caso é que me chamavam, (...). Tinha especialistas aqui pra opera garganta, ouvido, uma série de coisas então eu só tenho a elogiar né! Foi demais mesmo (E7_MO ICOMI, 2021).
<b>Escola</b>	A escola era rica em material, rica em livros assim, em material didático. Tudo o que você precisasse você teria, sabe ali em suas mãos (...). Então o estudo era de qualidade, professores vinham de fora e pouco pro final eles aproveitavam os, os, as pessoas daqui também. A minha mãe né, é amapaense (E2_EX ICOMI, 2021).
<b>Ruas</b>	Pra tu teres uma ideia, no começo da Vila, todo o fim de mês as ruas eram lavadas, lavadas. O corpo de bombeiro (Chuuu) lavava tudo e ficava parece isso aqui (E3_EX ICOMI, 2021).
<b>Lazer</b>	O clube que era o nosso lugar de lazer né, a noite depois do expediente, final de semana com piscina (E1_EX ICOMI, 2021).

Fonte: Elaborado pela autora a partir de trechos das entrevistas realizadas em 2021.

Diante do exposto, observa-se que as narrativas corroboram o que já havia sido exposto na análise bibliográfica e documental a respeito do projeto de Bratke e das estratégias elaboradas para viabilizar a extração do minério na região e a estabilidade das famílias que viriam a ocupar o espaço. Os entrevistados que vivenciaram o período ICOMI descrevem as suas experiências demonstrando grande satisfação, mesmo quando relatam situações de privação de suas liberdades. Portanto, não há dúvidas que o ambiente construído de VSN atendeu plenamente a função para qual foi projetado. Pois juntamente com as ações administrativas e serviços prestados, proporcionou a sensação de segurança, tranquilidade e bem-estar nos habitantes da Vila, mitigando os impactos derivados do isolamento geográfico, do controle e privação de liberdade, da segregação e da pouca diversidade social. Fator que se relaciona com o construto da dependência do lugar.

O sentido de lugar no período ICOMI, pelo que se pode observar a partir do resgate das memórias desses indivíduos e observando sob a ótica do conceito da dependência do lugar, teve como base um ambiente físico muito qualificado e que atendia quase que plenamente às necessidades de seus habitantes, dando-lhes todo o suporte (físico) para que pudessem se desenvolver e alcançar os seus objetivos. Seus funcionários e seus familiares tinham acesso à escola, hospital, clube — com quadras poliesportivas, piscina, sauna, boliche, restaurante e cinema — praça, comércio, igreja e transporte. A espaços públicos

muito qualificados, com grandes gramados, árvores frutíferas e ornamentais, calçadas, ruas pavimentadas, hidrantes, meio fio pintado. Acesso a moradia e mobiliário derivados de um ótimo projeto, agradável esteticamente e confortável termicamente e também pelo acesso aos serviços básicos de abastecimento de energia, água potável, tratamento de esgoto e coleta do lixo, providos a partir de estruturas construídas pela empresa.

Tais elementos não qualificaram o espaço apenas por existir, mas também pela forma como foram pensados. Pois a inexistência de referências à inospitalidade inerente a um ambiente de selva amazônica nos discursos dos entrevistados demonstra que o projeto — sob preceitos modernos — foi capaz de mitigar esses efeitos e promover a sensação de segurança, conforto e bem-estar. Observa-se nesse ponto que o controle não se deu apenas por meio das regulamentações e fiscalizações da empresa, mas pelo próprio ambiente construído que “dominou” a natureza selvagem do entorno para permitir essas sensações.

Outros fatores presentes no ambiente (social) e que foram base da construção da identidade de lugar dessas pessoas foram as medidas da empresa chamadas por alguns autores de civilizatórias. Como visto na análise documental e bibliográfica, a ICOMI empenhou algumas ações para incentivar comportamentos desejados por ela na VSN, como os concursos de casa e jardim, clube do livro, aulas de artesanato etc. Essas ações, aliadas às regras propriamente ditas e às oportunidades de estudo e formação promovidos pela empresa, conforme relatados pelos entrevistados, acabaram incutindo nessa população alguns valores e comportamentos que balizaram a identidade desses indivíduos. Além disso, as memórias, ideias e sentimentos destes foram consolidando uma identificação entre si (grupo) e com o lugar, cenário dessa construção.

Além do aspecto identitário percebe-se que foi sendo criado, com o passar do tempo, um vínculo afetivo desses indivíduos com a VSN. Pois o apego ao lugar, que consiste nesse vínculo, é resultado tanto dos sentimentos positivos e de satisfação gerados pela qualidade do lugar, quanto pelos processos identitários citados anteriormente. Portanto, esse apego percebido nas narrativas, é resultado de vivências que expressaram alegria, segurança, bem-estar, pertencimento, cuidado, satisfação, devoção, fidelidade e lealdade.

As pouquíssimas críticas observadas foram direcionadas a empresa e não ao lugar, a primeira delas refere-se aos impactos ambientais provenientes da exploração do minério. Apenas duas pessoas se manifestaram a respeito, uma do grupo MO POS e outra do MO ICOMI, abaixo é possível observar essas considerações:

O cemitério né minério que eles deixaram lá, entendeu? Isso querendo ou não a gente não sabe se esse minério ele não traz algum prejuízo pra população né! Tipo assim, de arsênio né nas águas do rio, porque como a

chuva vem com certeza e essas águas descem pro rio né! Então banha todo aquele minério e aí? Entendeu? (E8\_MO POS, 2021).

A ICOMI deixou muitos lugares bonitos, também deixou explorada né! Também muitas coisas né, porque a gente não pode cobrir o sol com a peneira. (...). Esse minério. (E4\_MO ICOMI, 2021).

Logo, diante do que foi exposto, nota-se com relação aos entrevistados que viveram em VSN, a grande predominância de memórias que expressam sentimentos positivos com relação ao lugar, a empresa e a comunidade. São observadas manifestações de aprovação, afeto, identificação e comportamentos que vão ao encontro dos objetivos do lugar. Além disso, em alguns casos, foi possível perceber também o envolvimento dessas pessoas com o lugar (âmbito físico e social). Portanto, ao analisar essas informações de acordo com a escala de Shamai (1991) — considerando que por vezes elas podem estar sobrepostas — pode-se dizer que no período ICOMI havia **um forte sentido de lugar, baseado em sentimentos positivos**. Onde, a relação desses indivíduos com o ambiente em que viviam foram expressas pela **identificação com os objetivos do ambiente**, assim como pelo **envolvimento com o lugar**. Isto é, estão presentes o forte vínculo afetivo, identitário, o devotamento, a fidelidade e a lealdade, assim como o comprometimento.

Já quanto aos motivos que foram responsáveis por esse forte vínculo, destacam-se: a qualidade do ambiente físico, a satisfação dos habitantes em vivenciar o ambiente em si, o forte vínculo comunitário, a identificação com a filosofia da empresa e a dependência da mesma. Além desses, são incorporados também os aspectos que denotam a contradição por serem vistos pela comunidade de forma positiva, como: o controle, a ordem, a segregação e a disciplina.

Em síntese, pouco pode ser observado nas entrevistas com os moradores do período Pós-Comi a esse respeito, o que foi possível identificar está presente na bibliografia e nos discursos das equipes técnicas, que são:

Avaliações positivas sobre os aspectos da qualidade de vida proporcionada, segundo a pesquisa documental e bibliográfica, a existência do desejo de ter vivenciado essa experiência e de que isso possa ser resgatado.

Avaliações negativas, percebidas especialmente na bibliografia e narrativa de agentes técnicos, a respeito do regime do paternalismo, do controle e disciplinamento, da segregação e dos impactos ambientais deixados pela exploração da mina.

### 5.2.2. As percepções da comunidade sobre VSN na atualidade

Nesse item serão avaliados os níveis de apego, identificação e dependência (qualidade do lugar) — nessa sequência — da comunidade em relação ao patrimônio de VSN,

para que posteriormente seja possível compreender o seu sentido de lugar atual e refletir sobre os impactos causados pelas mudanças no contexto estudado, as potencialidades e as fragilidades.

### 5.2.3. Apego ao lugar

Retomando brevemente o que foi exposto no capítulo da metodologia, para avaliar o grau de apego da comunidade ao patrimônio de VSN observou-se o construto a partir de duas dimensões (o apego local social e físico) que podem se manifestar por meio da emoção (sentimentos), cognição e comportamento. Portanto o item acompanhará a estrutura mencionada levantando os elementos que foram identificados a partir das narrativas dos entrevistados.

O primeiro item analisado e talvez o mais evidente na aferição do apego é a expressão de **afeto** desses indivíduos pelo ambiente em questão. Como o caso estudado incorpora o patrimônio de Serra do Navio tanto na escala urbana quanto residencial, ambas foram analisadas primeiramente observando as narrativas que expressam o sentimento verbalmente e demonstrações a partir do relato de suas atitudes.

Em relação à escala urbana, observou-se manifestações de afeto nos quatro grupos de entrevistados (representantes da administração, moradores pós-ICOMI, moradores do período ICOMI e ex-moradores). No entanto, percebe-se uma diferença no grau de apego e na motivação para o sentimento exposto entre os grupos. Esse grau foi avaliado pelo contexto da narrativa e justificativas dadas. Do grupo MO ICOMI, os que demonstraram esse sentimento, justificaram a sua estadia e a vontade de permanecer pelo simples ato de gostar de VSN, de não querer desapegar ou então pelo fato de possuir um vínculo de “parentesco” com o o lugar. Já o único integrante do grupo EX ICOMI que expressou o apego (afeto) de maneira literal, relatou que ainda volta ao lugar e que tem sentimentos positivos quando está lá, ou seja, nesse caso observa-se no decorrer de sua narrativa que a motivação está no que foi vivido (memória). Quanto ao grupo POS ICOMI, ambos entrevistados declararam gostar de Serra do Navio, o morador que vive há mais tempo relatou que não quer ir embora, ou seja, já parece ter um vínculo mais forte. O motivo dado é a tranquilidade da cidade. Abaixo é possível observar alguns trechos das falas:

É a gente como é filho de Serra do Navio (E11\_ADM, 2021).

Mas foi muito bom a minha estadia (...). Meus filhos adoram aqui não querem nem que eu fale em vender isso aqui (E7\_MO ICOMI, 2021).

(...) e quando eu voltava. Quando eu subia a ladeira do Pedra Preta (...) — meu coração até hoje abre, relaxa. Porque já chegava e falei, cheguei no lugar que é de gente feliz (E1\_EX ICOMI, 2021).

(...) e então mesmo assim, a gente não quer sair daqui, fica tranquilo a gente gosta daqui, é tranquilo! (E9\_MO POS, 2021).

Então assim, eu gostei daqui né! E aí eu tô ficando por aqui, entendeu? (E8\_MO POS, 2021).

Referente às manifestações de afeto com a casa, essas ocorrem da mesma forma que anteriormente, nos quatro grupos de entrevistados. Contudo, houve uma maior frequência para o grupo MO ICOMI. Nesse grupo, com relação à cidade apenas um havia se manifestado — os outros dois relatos que aparecem são dos representantes da administração que expressaram suas percepções pessoais durante a entrevista — já na escala residencial, os relatos aumentaram e demonstram a presença de um vínculo mais intenso, como pode ser observado a seguir:

A coisa que eu sempre que eu vou sentir mais falta é essa casa aqui. (...), Não quero mudar daqui nem a pau! (E7\_MO ICOMI, 2021).

Aí o Rosa disse; ‘podemos dizer direitos adquiridos, você sempre colaborou com a comunidade, nunca deu problema, você pode ficar na casa o tempo que quiser (...)’ [o entrevistado se emociona] (E6\_MO ICOMI).

No dia que eu resolvi vender a casa parece assim que eu vendi um pedaço da minha alma (E4\_MO ICOMI).

Esse mesmo apego foi demonstrado por ex-morador que tem ainda sob o seu cuidado a residência que viveu no período ICOMI, “(...) eu quero que a casa até o dia que eu morre, que ela continue em pé” (E1\_EX ICOMI). Já a moradora do Grupo POS ICOMI que se manifestou a respeito da casa que ocupa atualmente, demonstrou satisfação pela qualidade da residência:

É eu gosto. É porque são casa assim, são casas que como dizem, os antigos né, pra filhos e netos né! (...) as casas muito bem construídas né! Tanto que a gente percebe e eu percebo que as casas são geminadas né, mas você não ouve nada. Nenhum barulho do vizinho, entendeu? (E8\_MO POS, 2021).

Em suma, pode-se dizer que o sentimento de afeto propriamente dito é percebido nos indivíduos que residem há mais tempo em Serra do Navio. Ele aparece, mesmo que por motivações diferentes, no grupo POS ICOMI, mais precisamente no indivíduo que mora em VSN por mais de 8 anos. Já quanto à moradora estabelecida há menos de 8 anos, o sentimento manifestado está mais para a satisfação do que afeto. Isto é, não se percebe a presença de um vínculo emocional, apenas o reconhecimento da qualidade da residência. O sentimento de afeto também foi percebido no ex-morador que ainda possui uma residência (onde é locatário) no município. Outro fator relevante presente nas narrativas é que tanto o vínculo, quanto a satisfação são percebidas de forma mais intensa na escala residencial.

Outra emoção manifestada pelos entrevistados em relação ao ambiente foi a **tristeza**. Todavia, esta foi exclusivamente expressada pelos grupos que tiveram algum tipo de relação

com o período ICOMI (ADM, MO ICOMI e EX ICOMI). Dentre os grupos que relatam esse sentimento, todos os indivíduos de cada grupo citaram em algum momento a referida palavra. Abaixo é possível observar algumas citações:

Meus Deus do céu era uma tristeza muito grande, muito grande mesmo (E10\_ADM, 2021).

E dizer que foi muito triste acabar tudo de bom, acabar tudo, isso foi terrível né! Pra todos nós né! Tem os agricultor que reclamam do trem, nós aqui reclamo das qualidades que tinha a Vila né! (E7\_MO ICOMI, 2021).

Tudo isso era muito doído na gente que morou lá, que criou seus filhos lá que lembra da vila inteira florida e com grama cortada, meio fio pintado de branco, entendeu? Sem nada, tudo limpo, tudo funcionando isso era realmente muito doloroso (E3\_EX ICOMI, 2021).

As motivações para esse sentimento estão relacionadas com o tempo da ICOMI que acabou com as invasões do patrimônio e a sua degradação e, acima de tudo, com a perda da qualidade de vida desses habitantes. Como pode ser observado, alguns moradores atuais de Serra do Navio relataram esse sentimento no passado ao lembrarem o momento em que a cidade passou pelas transformações mais intensa. Esses estão no grupo de habitantes atuais, mas há também quem ainda expresse tal sentimento e atribua o mesmo como um adjetivo para a cidade: “Então hoje eu falo que é **uma cidade triste**, é uma **cidade caótica**, que o poder público conseguiu destruir” (E1\_EX ICOMI, 2021).

Antes de seguir é oportuno observar que os mesmos entrevistados que demonstraram vínculo afetivo por Serra do Navio, também se sentem tristes. Essa última citação, por exemplo, foi realizada pelo mesmo entrevistado que diz sentir seu coração se abrir quando chega em SN. Percebe-se aqui sentimentos opostos direcionados ao mesmo objeto no mesmo período, ao passo que existe o afeto e o vínculo pela lembrança do que foi vivido — essa sensação ainda está presente no seu imaginário, pois os tempos se confundem na sua fala — há a frustração motivada pelas mudanças ocorridas no ambiente em questão. Observa-se também a não ocorrência desse sentimento no grupo POS ICOMI, demonstrando o menor ou inexistente grau de vínculo (emocional) destes com o patrimônio.

Outro sentimento que aparece no grupo MO ICOMI é o da **estabilidade**, este não é mencionado com tanta frequência como os outros, mas ele também é uma justificativa para a permanência na cidade, mesmo que contra a sua própria vontade de continuar no lugar. Os entrevistados que disseram estar em Serra do Navio pela estabilidade que possuem lá residem na cidade há mais de 40 anos. A seguir podem ser observadas trechos dessas narrativas:

E eu fui ficando, os filhos foram crescendo e foram saindo e aí eu vejo, vou pra Santana fazer o quê? Começar do zero o quê? Aqui já tá! Quando o time tá ganhando ninguém mexe né! (E6\_MO ICOMI, 2021).

Hoje a minha esposa querendo embora, querendo embora! Mas ninguém, como que nós vamos se o que nós temos, nós implantamos aqui tudinho né? (E5\_MO ICOMI, 2021).

Aqui observa-se o vínculo formado pelo que foi construído ao longo dos anos, pela estrutura familiar, pelo investimento realizado no local. A sensação de estabilidade aqui se dá pelo tempo vivido e energia empenhada, uma vez que o patrimônio imóvel ainda não foi regularizado, como visto anteriormente.

O próximo sentimento identificado que denota apego é a **nostalgia** e a **saudade**. Esses também só foram observados nos grupos (ADM, MO ICOMI e EX ICOMI), contudo diferentemente do que vinha sendo observado até agora, que o objeto era o ambiente, aqui falamos de um apego social que se reporta a um tempo que já não existe mais. Como pode ser observado em alguns trechos das entrevistas a seguir:

E quando a ICOMI foi embora daqui nós sentimos um impacto muito grande, inclusive, principalmente nós que vimos o antes e o agora né! Então nós sentimos, realmente nós sentimos (E10\_ADM, 2021).

E tudo era bom! Tudo era bom e hoje a gente sente falta, mas é assim mesmo né! (E7\_MO ICOMI, 2021).

Pois é, era uma alegria! (E6\_MO ICOMI, 2021, grifo nosso).

(...) as vezes a gente chega na minha idade e fica pensando à noite, não tem sono, a cabeça começa a pensar. Aí eu fico pensando na Serra do Navio, tô te afirmando que seguramente, foram, estavam entre os melhores momentos da minha vida (pequena pausa) (E3\_MO ICOMI, 2021).

O que se pode perceber é que nas pessoas que vivenciaram o período ICOMI esse sentimento é bastante vivo, são muitos relatos e memórias que reportam esses indivíduos aos momentos bons do período ICOMI. Muitas vezes, os entrevistados atribuem as qualidades do ambiente à empresa ou se referem a ela como a alma de Serra do Navio que após sair perdeu a vida, “Serra do Navio a cidade fantasma. Olha aquilo, aquilo **doía muito** na gente, porque se parou completamente, **morreu, acabou assim!** ” (E10\_ADM, 2021, grifo nosso). As motivações para esse sentimento geralmente dizem respeito ao tempo vivenciado (âmbito social e qualidade de vida) que era proporcionado por um conjunto de fatores. Foram muitas vezes referenciadas a disciplina, a organização, a segurança e os eventos sociais que ocorriam no período.

A necessidade de manter esse vínculo e resgatar essa memória deu origem a vários grupos de Whatsapp e ao “Encontros dos Serranos”:

Os filhos de funcionário que promovem uma festa que é uma maravilha! O encontro dos Serranos, que todo ano eles fazem lá em dezembro, tem dois anos que eles não fazem devido à doença a epidemia né! (...). É uma coisa espantosa, vem gente de fora só pra essa festa! Muito boa, muito bonita, se vocês tiverem a oportunidade vão! Porque é como se voltasse o tempo.

Aquela organização, aquela, ninguém briga, não há nada! Há respeito, há tudo. Eu fui a várias festas dele lá e gostei muito (E7\_MO ICOMI, 2021).

Nesses encontros, segundo relatos dos entrevistados — que eram realizados em Santana (Vila Amazonas) e Serra do Navio — eram organizadas festas, passeios em cachoeiras, lagoas e na beira do rio Amapari (Pedra Petra), onde costumavam ser as festas da Mina realizada pela empresa uma vez ao ano. Também eram organizadas algumas homenagens a algumas personalidades queridas pela comunidade como relata a entrevistada:

E aí, sabe o que aconteceu, em um desses encontros, acho que foi o sétimo ou o oitavo, ou o sexto. Fizeram a barraca como se fosse a loja dele (referindo-se ao seu cinturinha), colocaram tecido, colocaram elástico, colocaram bombons, o chiclete, tudo o que remetesse né! Àquela época dele. Olha ele chorou, ele nunca pensou que ele fosse receber uma homenagem como aquela né. Então, eu achei interessante. O encontro dos Serranos é muito bom (E2\_EX ICOMI, 2021).

Essa mobilização dos moradores que vivenciaram o período ICOMI é uma prova clara da existência de vínculo por meio do apego. Esses indivíduos estão ligados não apenas pelo seu passado em comum, mas pelo sentimento de nostalgia e da necessidade do resgate dessa memória.

Esse ponto da entrevista sobre o encontro dos serranos, muitas vezes, levava a outro objeto de apego bastante comentado pela comunidade, **o MEC (Manganês Esporte Club)**. As inúmeras referências a esse prédio se davam prioritariamente através do resgate da memória dos grupos (MO ICOMI e EX ICOMI) que rememoravam os momentos no ponto de encontro social do núcleo urbano e as festividades que lá aconteciam. Porém, essas lembranças trazem na atualidade um sentimento de perda e pesar, pois o edifício teve que ser colocado abaixo devido às irreversíveis degradações decorrentes da falta de manutenção e reparo, como foi observado anteriormente (item 4.3). Atualmente o que ficou foi o sentimento de **perda** desse lugar e a **falta de esperança** de que o mesmo venha a ser reconstruído. Abaixo é possível observar alguns trechos desses relatos:

Eu garanto que vai ser tanto dinheiro pra construir o que já foi detonado o MEC, a piscina, o hotel. É isso! Eu acho que não vai, não vai pra frente. Pode escrever! (E9\_MO POS, 2021).

E se tinha uma festa no MEC..., aí o MEC não dá nem pra ver tá todo desmontado já viram? O lugar do MEC? (...) Mas o MEC foi caindo, caindo e depois a prefeitura arranhou não sei mais o que, eu sei que desmontaram o resto (...) (E6\_MO ICOMI, 2021).

E hoje nós não temos mais o Manganês Esporte Clube que era Sede tá aí oh! No chão. As obras é hoje, amanhã, é hoje, amanhã e nunca sai (E5\_MO ICOMI, 2021).

A situação do MEC foi mencionada por todos os entrevistados com exceção da moradora mais recente. Um dos entrevistados do grupo (MO POS) que vive há mais de oito anos em Serra do Navio menciona o caso e a sua descredibilidade na reconstrução do antigo clube. Razão que indica a relevância do local para a comunidade como um todo, mesmo que a relação de apego (vínculo afetivo) não se aplique a esse caso.

#### 5.2.4. Identidade de Lugar

A observação dos processos de identidade de lugar tem como objetivo complementar os processos identificados derivados do vínculo de apego pela emoção ou afeto, assim como abarcar outras formas de percepção acerca do ambiente que também conferem sentido ao lugar ou vínculo. Como visto anteriormente de forma mais aprofundada, a identidade de lugar por vezes parte de processos de apego e afeto, assim como de processos cognitivos como a memória, ideias, sentimentos, valores, preferências etc. Sendo assim, com estrutura similar a anterior, serão observados nesse item os processos que mais se destacaram nas entrevistas e remetem a uma identificação do indivíduo com o lugar.

Para dar sequência à leitura e compreensão da construção do sentido de lugar serão analisadas primeiramente os processos derivados dos sentimentos. O primeiro deles está ligado ao senso de comunidade identificado no item anterior e é um desdobramento do vínculo afetivo que foi estabelecido no passado e que hoje é percebido na sensação de **pertencimento**, que se demonstrou bastante forte no grupo (MO\_ICOMI). Esse sentimento é manifestado a partir de relatos que expressam uma relação de parentalidade com SN:

E a gente como é filho de Serra do Navio (...). (...) eu falo assim de família porque eu considero como família nós que somos, a gente veio da era ICOMI. Eu considero tudo como família (E11\_ADM, 2021).

(...) as pessoas acreditam no meu trabalho sabem que eu sou filha de ICOMI (E4\_MO ICOMI, 2021).

Eu me considero um pouco Serrana, porque a minha vida toda foi lá (E2\_EX ICOMI).

Todo mundo que iniciava um projeto passava aqui na companhia pra olhar as nossas casas, olhar o nosso cinema, olhar o nosso campo de futebol, olhar como era o hospital, olhar como era o nosso desenho e eles aproveitavam sempre muito (E3\_EX ICOMI, 2021, grifo nosso).

Observa-se que esse sentimento — que deriva do passado ambiental das pessoas que vivenciaram o período ICOMI e que estabeleceram um forte vínculo — ainda está presente no cenário de Serra do Navio, mesmo que a proporção de pessoas que fazem parte deste grupo hoje seja minoritária. É perceptível também, em alguns discursos, que desse sentimento deriva a construção de um outro grupo que não tem “licença” para se apropriar da

história de Serra do Navio, fato que configura um cenário marcado por uma segregação simbólica, que pode ser observado a seguir:

Se for ver hoje, os serranos que são serranos mesmo (...) (E10\_ADM, 2021).

Aí foi chegando os aventureiros, mexe, constrói, não dá certo vai embora e deixa a bronca. (...) (E6\_MO ICOMI, 2021).

Mas depois pra nós, como funcionário da ICOMI, nós seguíamos as normas da companhia, mas agora que entrou esse pessoal de fora eles não respeitam de jeito nenhum (E5\_MO ICOMI, 2021).

Ao que indica, a forte identidade com a memória de Serra do Navio do grupo (MO ICOMI), parece reforçar o sentimento de não pertencimento do grupo POS ICOMI. Fator que pode estar contribuindo para um movimento de rejeição da história de VSN, em específico do período ICOMI. Esse possível sentimento de rejeição não foi identificado em nenhuma das narrativas do grupo (POS ICOMI). No entanto, é preciso observar que algumas pessoas desse grupo que se recusaram a dar entrevista, fator que pode ter mascarado esse sentimento contrário referente ao passado de VSN. Essa possível objeção foi identificada nas falas do grupo (MO ICOMI), que relatam serem muitas vezes inibidos da sua liberdade de cultivar a memória do período ICOMI.

Os funcionários da ICOMI começam a falar, o próprio prefeito agora ele não aceita nada que se fale né! A favor do que era da ICOMI né! (...) o prefeito costuma dizer nas reuniões que acabou a ICOMI, "acabou poh! Não fala mais em ICOMI, agora é o município de Serra do Navio" (E7\_MO ICOMI).

Eu cheguei cheia de fervor, 'vamos fazer uma campanha ambiental, fazer aquelas placas', 'Ah! Tu é filha de ICOMI? Não tá na nossa realidade mais isso entendeu?' (E4\_MO ICOMI).

Como é possível observar, o vínculo e a identificação desses indivíduos ocorreu não apenas com o lugar, mas com a empresa que construiu e gerenciou SN por mais de 40 anos. Mais do que uma identidade de lugar, esse pequeno grupo possui identificação com a forma com que a empresa atuou nesse espaço, eles resgatam na memória os valores da disciplina, da organização, do incentivo a educação, processos que foram pensados desde o projeto, como foi observado anteriormente. As vivências daquele período influenciaram e ainda influenciam esses indivíduos em suas vidas pessoais, tanto que buscam manter o que pode ser preservado do período vivido ou dizem sentir falta de certas condutas.

(...) na ICOMI eles incentivaram tanto pra grafia, leitura e hoje eu sou professora e me orgulho de ter vindo dessa origem né! (E4\_MO ICOMI, 2021).

Eu sinto falta é o respeito e a disciplina (E7\_MO ICOMI, 2021).

(...), mas a gente preserva né essa cultura ainda de tomar o café com leite e o respeito né! Nós tínhamos esse carinho assim de não perder o vínculo (E4\_MO ICOMI, 2021).

Outro sentimento que contribui para a construção ou reforço de um vínculo entre o ambiente construído é o sentimento de **apropriação** e, como visto anteriormente (Cap. 2), não é um sentimento que deriva da identidade, mas que leva até ela. Por esse motivo procurou-se observar se haviam manifestações de apropriação por ação/transformação e por identificação tanto no âmbito residencial, quanto na escala urbana.

Com relação a primeira forma, tendo em vista que ela se reflete nas ações e transformações no ambiente e, considerando o ambiente estudado que requer a conservação e preservação, percebeu-se tanto nas narrativas quanto na vista *in loco* (levantamento fotográfico) que as ações de descaracterização ocorrem em maior grau nas residências dos grupos (MO POS) do que dos MO ICOMI. Isso não quer dizer que não tenha havido intervenções nas residências dos antigos moradores. Houve, até porque como foi visto anteriormente, há uma dificuldade por parte da comunidade de compreender o que significa preservar o patrimônio material. No entanto, ainda assim, percebe-se um esforço dos mesmos para manter esses espaços. Abaixo é possível observar o relato de suas atitudes com relação ao patrimônio em que habitam:

A gente vai arrumando como pode, eu consegui uns taco aí, porque jogavam água (...) e apodreceu aí! Os taco saiu e aí eu consegui. Foram reformar o clube e eu consegui uns taco e botei aí e tá, ta resolvendo, resolvi (E7\_MO ICOMI, 2021).

Inclusive a minha ganhou num desses anos aí a casa que foi considerada patrimônio histórico. Aparece a foto dela lá, da minha, porque como eu nasci e me criei eu não queria mudar e ela não é mudada na estrutura. Nem a moça que tá lá que também é de origem da ICOMI, ela também não mudou ainda (E4\_MO ICOMI, 2021).

A gente mantém algumas coisinhas, pra preservar, ter como memória afetiva, sabe? (E2\_EX ICOMI, 2021).

Isso se dá pelo processo natural que o próprio conceito explica, o primeiro grupo, que não possui uma identificação com o significado do patrimônio, busca por meio das suas intervenções se apropriar do espaço, seja pelas necessidades que derivam das novas demandas atuais ou pela simples vontade de imprimir a sua identidade ou gosto no local onde residem. Esses processos também ocorrem na escala urbana e podem ser observados nas novas construções derivadas das ocupações, tanto na área residencial quanto no comercial. Como já foi mencionado anteriormente, essas ocupações derivaram do aumento populacional na região e da falta de controle e balizamento das mesmas.

Dessa forma, considerando que a maior parte da população reside em Serra do Navio há menos de oito anos, observa-se que a maior parte das apropriações ocorrem pela ação/transformação do espaço sem considerar a normativa que baliza as intervenções no conjunto urbano tombado, fator que é indicativo da baixa identificação dos moradores com o

a patrimônio moderno (arquitetônico e urbanístico) e/ou entendimento de seu valor. Ações que foram apontadas por alguns entrevistados:

Eu nunca mexi na estrutura da casa (...), mas ali muitos já mexeram, olha lá! Muitas já tão mexidas, muitas (E9\_MO POS, 2021).

(...) porque tem gente que tem hoje cinco, quatro casas alugada. É aí a empresa vem com os funcionário e bota aí, faz kitnet, modificaram totalmente a Vila (E7\_MO ICOMI, 2021).

Olha, quando essa arquitetura aqui, a tendência é ela ir se desfazendo com o tempo, porque muita gente vai mexendo, mexendo. Porque vai chegando os novatos que nem sabe que um dia existiu uma ICOMI aqui (E6\_MO ICOMI, 2021).

Ainda sobre os sentimentos relacionados à identidade do lugar, foi observado que a autoestima da comunidade atual está abalada, ou seja, verificou-se que esses indivíduos estão insatisfeitos com o que vivem na atualidade. Em seus relatos é possível verificar como eles percebem o panorama geral da cidade (patrimônio).

É, é dificuldade, é só pra quem mora que sabe a dificuldade aqui a gente sente (E9\_MO POS, 2021).

(...) muitos aventureiro vão sair daqui e eu vou ficar, porque eu já vi coisa pior do que isso (E6\_MO ICOMI, 2021).

Então aqui é uma cidade de origem de uma empresa boa, (...), mas hoje não tá assim tão bom mais, entendeu? (E4\_MO ICOMI, 2021).

De acordo com as citações observa-se que os três grupos percebem Serra do Navio por uma perspectiva **negativa**, ou seja, não se sentem satisfeitos com a situação atual do município. Essa constatação também foi percebida por técnico que realizou o diagnóstico do projeto de regularização fundiária, como pode ser observado no trecho da entrevista a seguir, “(...) a autoestima das pessoas lá também muito baixa, não sei se você sentiu isso? E a construção que a gente tentava fazer era nesse sentido, primeiro vamos levantar essa autoestima! ” (E12\_TEC, 2022). Esse item reflete como esses indivíduos percebem-se enquanto comunidade (todas as esferas).

Outro sentimento observado que reforça a baixa autoestima é a **sensação de abandono** em que se encontra a comunidade, que é percebido e relatado por todos os grupos entrevistados, inclusive os representantes da administração pública, que se reportam a outras esferas governamentais. “Porque Serra do Navio foi um município que contribuiu pro Estado, contribuiu pro Brasil né! E hoje praticamente ela é esquecida pelos poderes né!” (E10\_ADM). Enquanto a comunidade em geral se queixa com maior frequência da administração municipal:

Na época acho que foi o governo do Jaburú que ele fazia a roçagem daqui pra fora, pra trás era da responsabilidade dos moradores. Depois daí ó, nunca

mais! Se quiser a gente tem que fazer, mandar fazer. Então ficou no abandono, a gente diz! (E9\_MO POS, 2021).

Resultado! Passaram ao município, hoje em dia tá aí abandonado bem dizer né. Não tem recurso, não sei se é falta de recurso do governo, é muita coisa né! (E7\_MO ICOMI, 2021).

(...) cada um por si aqui (E6\_MO ICOMI, 2021).

Só que infelizmente as autoridades não se atentaram pra isso, brigaram, brigaram, mais pra poder ver quem ia ser dono e hoje tá tudo abandonado (E1\_EX ICOMI, 2021).

Contudo além dos relatos a respeito das dificuldades, insatisfações e situação de abandono sentidas pela comunidade, procurou-se também observar o que a comunidade identificava como um valor, algo especial presente no ambiente em que vivem. A esse respeito, as respostas extrapolaram a questão do patrimônio de VSN, pois foram observadas as seguintes ocorrências: a valorização do patrimônio da cidade, a valorização da empresa ICOMI, do estilo de vida e filosofia da empresa, dos antigos moradores e suas histórias — há relatos de preocupação com a avançada idade dessas memórias vivas e a não valorização dos mesmos — do potencial turístico, da natureza, do clima, do potencial minerário, da arquitetura e paisagem e cultura. Na tabela abaixo é possível observar trechos das entrevistas que remetem aos pontos mencionados.

Tabela 5.2 – Valores percebidos pela comunidade de SN

Valor	Citações
<b>Cidade</b>	A gente vê que a gente tem ainda esses vestígios né, dessa beleza que era Serra do Navio né! Que é a Vila né! (E8_MO POS). SN foi referência pra vários municípios, (...) Monte Dourado, (...) Trombetas também foi espelhada em SN e se não, se não me falha a memória eu acho que Carajás também (...) (E5_MO ICOMI, 2021).
<b>ICOMI</b>	Hoje em dia a gente refletiu a nossa vida pra isso, pra viver não seguindo essa tendência, mas valorizando o que foi bom. Entendeu? Pra nós o que foi bom a gente implanta (E4_MO ICOMI, 2021). Porque a ICOMI tem muitas lembranças, (...) sabe é uma coisa incrível! (E7_MO ICOMI, 2021).
<b>Moradores</b>	O meu pai é o (nome do pai), ele tá vivo. É o cara que conhece as história de Serra do Navio como a palma da mão, sabe por que? Porque ele trabalhou aqui na administração de Vila com o James, o finado Florisberto, Asa aberta, entendeu? (...) (cita várias personalidade que vivem em SN e Santana e que são testemunhas da história), então é isso que nós termos de Serra (E11_ADM, 2021). E eu pude assim, contemplar com o meu pai, o seu Farias que morreu aqui com quase cem anos, o seu James, essa pessoas são as relíquias, essas são os patrimônio históricos verdadeiros e que não são valorizados né (E4_MO ICOMI, 2021).
<b>Turismo</b>	O turismo de SN lá atrás era bem menorzinho, ele tá dando mil por cento, (...) (E11_ADM, 2021). Olha o que tá explorando muito aqui é o turismo. A gente vende aqui o negócio do almoço, sábado e domingo, é refeição (...) (E9_MO POS, 2021).

Fonte: Elaborado pela Autora a partir de trechos das entrevistas realizadas em 2021.

Continuação da Tabela 4.3 – Valores percebidos pela comunidade de SN

Valor	Citações
<b>Natureza</b>	<p>A natureza. É a natureza! Porque aqui é isso o que a gente tem de especial aqui mesmo (E8_MO POS, 2021).</p> <p>Como é que a gente vai ter uma riqueza dessa natural, porque aqui nós temos lindas cachoeiras. (...) (E4_MO ICOMI, 2021).</p> <p>Rica, a cidade é rica de lugares, de belezas naturais, né? (E2_EX ICOMI, 2021).</p> <p>Ver todas as, é grandezas que tem em Serra do Navio né! E nas cachoeira e nas lagoa que se formaram depois que parou, igual tem a Lagoa Azul né, que é um ponto turístico (E1_EX ICOMI, 2021).</p>
<b>Clima</b>	<p>A gente sente ainda aquela neblina de manhã e a gente percebe que a gente respira um ar natural. Entendeu? (E8_MO POS, 2021).</p> <p>Uma das coisas especiais que tinha era o clima. O clima, era parece, amanhecia todo o dia e aquele “fog” parece na Inglaterra. Aquele fog era uma coisa maravilhosa, quando você ia pro trabalho, se ia da Vila pra, você botava o braço pra fora e ficava tudo molhado da umidade (E3_EX ICOMI, 2021).</p> <p>Por que Serra do Navio até hoje, eu voltei pra casa da minha mãe assim, semana retrasada, eu senti aquela coisa da cidade né, do mato né, da energia lá, do clima (E2_EX ICOMI, 2021).</p>
<b>Minério</b>	<p>(...) a gente tem uma esperança no futuro do retorno mineral, porque há muito minério em Serra, há mesmo (E11_ADM, 2021).</p> <p>Quase todo mês, bem dizer, quase toda a semana aparece mais turista aqui, pra visitar a F12 (E9_MO POS, 2021).</p> <p>É o minério. Porque aqui tem muito minério ainda né! Tem muito minério que pode ser explorado (E5_MO ICOMI, 2021).</p>

Fonte: Elaborado pela Autora a partir de trechos das entrevistas realizadas em 2021.

Como pode ser observado, é uma lista grande, fator que demonstra o potencial e a diversidade de valores que permeiam essa comunidade que, apesar de não se mostrar satisfeita com a situação atual do local onde vivem, percebem os seus principais atributos. É possível inferir, com base na tabela acima, que com exceção dos valores relacionados com a empresa ICOMI e sua história (antigos moradores), todos os grupos identificaram como atributos de Serra do Navio a cidade, o potencial turístico, a natureza, o clima e o potencial mineral.

Quanto a cidade, foram observados os vestígios de sua beleza e o fato de ter sido referência a outras vilas e municípios. Referente a ICOMI e seus antigos moradores — identificado apenas pelo grupo (MO ICOMI) — são mencionadas as memórias e o que se apreendeu da vivência do período. Referente ao turismo e ao minério, a comunidade os percebe como potenciais para o desenvolvimento de SN, no caso do último, o potencial econômico (renda e emprego) e turístico. Quanto a natureza e o clima, exaltam a qualidade do ar, a abundância de locais com potencial turístico (cascatas, lagos, rios), a beleza natural, o contato com a natureza e atmosfera que essa proximidade proporciona.

Contudo, há também outros atributos que não foram mencionados pelos moradores e ex-moradores e sim pelos agentes técnicos entrevistados, que são a arquitetura (relacionada

com o valor artístico do bem) e valor cultural derivado da proximidade com a aldeia Wajãpi. Apesar de não ter sido o foco da entrevista com esses agentes, eles manifestaram as suas percepções e considerou-se oportuna a menção para demonstrar a distância que há entre as perspectivas, que podem ser observadas na tabela 4.4 a seguir.

Tabela 5.3 – Valores percebidos por agentes técnicos

Valor	Citação
<b>Arquitetura e Paisagem</b>	Então assim, as coisas que a gente acha lindo lá. Eu acho a igreja de lá lindíssima! Eles não conseguem mais ver isso, a sua localização né, com aquele cenário ainda de floresta que coisa mais bonita! (E12_TEC, 2022).
<b>Turismo Cultural e ecológico</b>	SN para a gente é a uma joia, não só na questão do patrimônio, mas nas questões de desenvolvimento regional. (...) turismo, turismo cultural, turismo ecológico enfim, dentre outros pontos que podem ser levantados na serra. O município de SN por exemplo, é a entrada de, da aldeia indígena Wajãpi, que é registrada pela Unesco a pintura Kusiwa. Então a gente tem vários elementos culturais que são ímpares dentro do Município Serra não é só a Vila. (E13_TEC, 2022).

Fonte: Elaborado pela Autora a partir de trechos das entrevistas realizadas em 2021.

Em suma, dentre os principais aspectos observados nesse item é que assim como no caso anterior, onde procurou-se por manifestações de vínculo pelo apego, aqui a identificação com o lugar se dá apenas nos grupos EX MO e MO ICOMI. Processos derivados e fomentados pela memória, história do lugar e da filosofia da empresa. Quanto ao grupo POS ICOMI, notam-se tentativas ou ações de apropriação do lugar, mas que por não reconhecerem os valores históricos e memorialísticos do lugar, as mesmas se dão para suprir suas necessidades ou para imprimir uma identidade que faça sentido para essas pessoas. Esse ponto é bastante relevante, tendo em vista os conflitos identificados anteriormente e a resistência em se engajarem na causa da preservação do patrimônio.

Outro ponto relevante a ser destacado é o não reconhecimento do valor artístico da obra, pois não há nenhuma menção entre os grupos que manifeste tal compreensão. O vínculo com o lugar, ou com as residências quando existe alguma ação em prol da preservação dessas edificações está mais relacionado com o apego afetivo ou com a memória do lugar. Motivo que talvez ajude a explicar a dificuldade de compreensão do que significa preservar esses lugares, pois pelo que foi possível observar nos depoimentos desses indivíduos o seu entendimento de preservação não corresponde com o que é desejável, ou melhor, com o que consta nas regulamentações. No caso do grupo POS ICOMI, as residências são reconhecidas por sua qualidade e solidez e quando há ação dos mesmos em prol da preservação essas estão relacionadas apenas com as regras que devem ser seguidas.

Ainda, aliado a essa dificuldade de reconhecimento do bem modernista como patrimônio, há o não reconhecimento —por parte de alguns habitantes— da obra como um representante da arquitetura nacional e sim estrangeira. Pois observou-se em algumas

narrativas o entendimento de que o projeto se trata de uma obra “americana”, como pode ser observado na sequência:

É eu gosto. É porque são casa assim, são casas que como dizem os antigos né, pra filhos e netos né! Como eles construíram, porque como a ICOMI é um projeto americano que eles trouxeram pra cá e aí eles construíram as casas muito bem construídas né! (E8\_MO POS).

A ICOMI ela mantinha Serra do Navio, a cidade de Serra do Navio era toda projetada, foi através dos americanos na época que foi projetada essas casas que são todas padronizadas né! (E10\_ADM).

Essa percepção pode ter sido originada pela participação da empresa americana *Bethlehem Steel*, ou por outros motivos que não puderam ser identificados. Contudo também pode ser um indicativo da distância plástica entre o projeto modernista e o vernacular do ambiente amazônico. Mesmo que o projeto tenha sido referenciado na mesma, como visto anteriormente e tenham sido utilizados alguns materiais locais como a madeira, a comunidade percebe até atualmente como uma arquitetura exógena.

Por fim, é perceptível também que, embora o vínculo com o patrimônio propriamente dito esteja restrito a um pequeno grupo de pessoas, existem no local outros valores que são identificados por todos os grupos e que estão diretamente relacionados com os aspectos naturais do lugar (o clima, a natureza, o potencial turístico e minerário). A importância de observar esses diferentes pontos de vista é demonstrar a diversidade de caminhos que podem levar a uma maior identificação da comunidade atual de Serra do Navio.

### 5.2.5. Qualidades do Lugar<sup>47</sup> (dependência do lugar)

O último ponto analisado em busca do sentido de lugar de Serra do Navio, retomando brevemente, se refere às qualidades do lugar que consiste no meio de compreender se há o processo psicossocial dependência do lugar. Essa verificação da existência de vínculo que está diretamente relacionada à efetividade do ambiente físico atender aos objetivos pessoais ou comunitários das pessoas que o vivenciam (SCANNELL, GIFFORD, 2010) e é o último construto avaliado antes de buscar compreender o sentido de lugar atual de VSN. Esse indicador tem como objetivo demonstrar se a estadia dessas pessoas no lugar está de alguma forma relacionada a sua qualidade (suporte para os objetivos pessoais) e se esse local provoca sentimentos positivos e de satisfação nas mesmas. Da mesma forma que os outros

---

<sup>47</sup> Como a mensuração da dependência do lugar se dá em grande parte pelas qualidades do lugar e a sua capacidade de promover o suporte ao desenvolvimento do indivíduo (SCANNELL, GIFFORD, 2010). Será adotar-se-á a qualidade do lugar pois ela exprime a ideia de forma mais clara do que a tradução literal de *place dependence*.

itens, observou-se as principais percepções desses indivíduos acerca do lugar em que vivem ou viveram, sejam elas positivas ou negativas, relatadas literalmente ou por meio de atitudes.

O primeiro ponto a ser destacado diz respeito à percepção dos habitantes sobre uma qualidade que ultrapassa os limites do construído que é a **natureza do entorno e o clima**. Esse, que já foi considerado um valor no item anterior, é percebido também como um atributo qualificador do ambiente e responsável pelas sensações de bem-estar e conforto. Abaixo a entrevistada do grupo POS ICOMI relaciona o conforto com as sensações que a natureza e o clima provocam.

É e as pessoas lá fora elas têm uma visão assim de que a gente mora assim no meio nada né! E aí a gente tenta passar isso né, que é um lugar é que, confortável né, confortável entre aspas, mas é bem confortável né! Pra gente viver, a gente sente ainda aquela neblina de manhã e a gente percebe que a gente respira um ar natural (E8\_MO POS, 2021).

Esse atributo natural se conecta com o segundo aspecto percebido pela comunidade como uma característica do local com conotação positiva. Segundo entrevistado, a natureza contribui para a sensação de **tranquilidade** que vivenciam em VSN. Na sequência é possível observar esses relatos em trechos das entrevistas:

E a Serra do Navio sempre foi uma cidade pacata, tranquila, né! Não muito agitada, aqui todo mundo se conhece, por ser pequena (E10\_ADM, 2021).

É um lugar tranquilo, tranquilo de se morar. Poucas, poucas ocorrências de facção, agora é que tá chegando né! (E9\_MO POS, 2021).

Aqui ela diz que não tem perturbação de nada. Aqui é o passarinho que perturba a gente (E7\_MO ICOMI, 2021).

Mas tirando disso, a tranquilidade né! Aqui mesmo com esse pessoalzinho<sup>48</sup> ainda por aí, a gente ainda consegue uma tranquilidade boa aqui (E5\_MO ICOMI, 2021).

Essa característica, de acordo com os entrevistados, está relacionada com o tamanho da cidade, com a proximidade com a natureza e com o fato de todo mundo se conhecer. Os entrevistados do grupo POS MO percebem essa característica como algo bastante positivo e que os motiva a permanecer no local, um deles justifica a sua estadia a esse atributo. Já os entrevistados do grupo MO ICOMI ainda consideram a cidade um lugar tranquilo de se viver, no entanto comparam o período atual ao passado, quando a Vila era fechada e administrada pela empresa.

Talvez essa comparação esteja relacionada ao terceiro aspecto mencionado que diz respeito à **sensação de segurança** no local. É sabido que a sensação de segurança está

---

<sup>48</sup> Refere-se aos novos moradores.

relacionada com uma série de fatores, um deles é o passado e as experiências dos indivíduos. Contudo, nesse trabalho, o objetivo não é compreender os motivos psicológicos que levam a essa sensação, mas saber se sentem seguros ou não e se é algo importante para eles, algo que contribui para o sentido de lugar. Sendo assim, observou-se perspectivas distintas entre os grupos que residem em VSN ou a visitam frequentemente. O grupo MO POS considera a cidade segura de se viver, o morador mais antigo relata que regrediu um pouco, mas ainda considera a cidade segura. Já a moradora mais recente relata sentir confiança em vivenciar os espaços da cidade e destaca a segurança como um dos principais atributos qualificadores do lugar, como pode ser observado a seguir:

Poucas, poucas ocorrências de facção, agora é que tá chegando né! (...), não é falar mal da nossa polícia, mas regrediu um pouco né! A segurança daqui (E9\_MO POS, 2021).

É uma cidade assim que o índice de violência é mínimo (...). É uma cidade que dá pra gente morar mesmo assim, porque é praticamente não tem violência né! A gente sai a noite, tem essa, essa (...) confiança né! (E8\_MO POS, 2021).

Já os moradores do período ICOMI e ex-moradores que visitam o local com frequência possuem uma percepção distinta, possivelmente essa sensação é fruto das experiências vividas no período em que a Vila era administrada pela empresa, que era fechada e possuía seguranças. Esses indivíduos relatam a sensação de insegurança e sua insatisfação com a situação atual:

Hoje em dia já se vê roubo na Vila. (...) Pararam de dar festa porque não conseguiram mais porque era só briga, briga, é tem tráfico de drogas já no meio (E7\_MO ICOMI, 2021).

A segurança tá horrível! (...) não tem segurança, não tem nada. Se dão tiro, se furam por aí e você vai ver é só criança praticamente né! (E5\_MO ICOMI, 2021).

Então hoje, Serra do Navio não tem mais segurança, virou uma cidade, eles vivem em uma cidade temerosa, assim (E2\_EX ICOMI, 2021).

Como pode ser observado nos relatos, os entrevistados que vivenciaram o espaço controlado do período ICOMI sentem-se inseguros em Serra do Navio e esse é um aspecto desqualificador do lugar para eles. Ao passo que para o grupo MO POS, a segurança da cidade é um fator positivo e motivo de permanência.

A esse respeito, é oportuno observar não apenas os relatos da comunidade, mas as suas atitudes por meio das intervenções realizadas na cidade. Como visto anteriormente, uma das principais descaracterizações do patrimônio consistem na construção de muros e cercados. Esse é um indicativo tanto da necessidade de se apropriar do espaço, como de

protegê-lo. No relato do grupo de agentes técnicos que desenvolvem ou desenvolveram trabalhos na região, é possível observar a contradição acerca desse item:

(...) eles falavam né! Que eles tinham que ter segurança né! Que naquela época a empresa que fazia a segurança e tal, e na opinião de alguns, a forma de construção das casas ela gerava insegurança e tal. Mas eu até fiz um levantamento dos registros policiais quando ainda havia a delegacia lá, não tinha nenhum registro de roubo né! (E12\_TEC, 2022).

Sobre o que é possível avaliar dessa situação, é que há uma sensação de insegurança por parte da comunidade, mesmo que ela não seja justificada por indicativos de violência e roubos como foi observado pela entrevistada. Essa insegurança pode estar relacionada tanto à perda do lugar controlado por parte dos antigos moradores, como pela sensação provocada pelo desenho aberto da cidade, ou seja, pela falta de cercas e muros. A última pode ocorrer pela consolidação da ideia, no imaginário das pessoas, que estarão mais protegidas com a presença dessas barreiras, visto que esse cenário é cada vez mais corriqueiro nos centros urbanos.

Outro item que parte da comparação entre os períodos da história de VSN é a questão da **estética**, para tanto procurou-se averiguar como as pessoas percebem esse fator e qual o nível de satisfação. A esse respeito percebe-se, na narrativa dos entrevistados, o emprego recorrente da palavra **acabada** e dos seus derivados para definir o que pensam da situação atual da cidade. Essa leitura foi verificada por todos os grupos entrevistados, como pode ser visto a seguir:

E depois que passou a ser município foi se acabando, cada dia se acaba mais (E9\_MO POS, 2021).

E tá se acabando aí tudinho né, as ruas tão ficando tudo, asfalto já não existe mais, uma coisa horrível! (E7\_MO ICOMI, 2021).

Não dá cidade não. Não tem nem como fala né, porque a cidade tá acabada (E5\_MO ICOMI, 2021).

É tá tudo se acabando! (E4\_MO ICOMI, 2021).

Observa-se nos relatos dos entrevistados, que a comunidade não está satisfeita com a situação atual do município, para eles a cidade está se acabando pouco a pouco. Percepções que indicam o processo comparativo realizado por esses indivíduos entre a cidade atual e o passado do lugar, seja pelo conhecimento de causa (MO ICOMI, EX ICOMI), seja pelas marcas da deterioração e vestígios do que foi um dia. Foram utilizadas para descrever a situação atual da cidade as palavras; desgastada, sucateada, horrível, pavorosa, desordenada e calamidade. Algumas podem ser observadas nos trechos a seguir:

Na época de noventa e quatro eu acreditava que deveria ser uma cidade bem mais bonita né! (...) E aí a gente percebe que algumas coisas já foram

desgastadas também pela, pelo tempo né! Que a ICOMI deixou (E8\_MO POS, 2021).

Sucateado! Por falta de administração pública (E6\_MO ICOMI, 2021).

Mas quando resolveram faze já tava tudo detonado, já tava tudo casa com puxada pra um lado, puxada pra um outro, fazendo cerca de arame farpado, uma coisa pavorosa, coisa pavorosa; (...) Então ficou sem controle, desordenado (E1\_EX ICOMI, 2021).

Referente a essa percepção generalizada, a mesma remete a dois pontos que já foram tratados anteriormente no trabalho. Um ponto é o item que trata da situação atual do patrimônio moderno de VSN, visto no item (4.3). Lá foram observadas uma série de intervenções que descaracterizaram o lugar, identificadas tanto na escala urbana quanto arquitetônica. Além disso, notou-se também — e esse parece ser o maior problema para esses indivíduos — os processos de deterioração do patrimônio. Além disso, esse aspecto percebido derivado da degradação dos prédios e da infraestrutura urbana e que é classificado como “acabado” está diretamente relacionado com o sentimento de abandono e a baixa autoestima da comunidade. Pois como já foi observado, a mesma se sente esquecida e deixada a própria sorte, situação que é um reflexo — entre outras questões como os serviços públicos precarizados — da falta de manutenção do ambiente que a cerca.

Como foi dito anteriormente, a qualidade do lugar está relacionada com o cumprimento ou não das demandas esperadas do ambiente físico, ou seja, se o mesmo atende satisfatoriamente às necessidades das pessoas. Partindo desse princípio, observou-se as percepções da comunidade tanto no nível residencial, quanto na escala urbana.

No entanto, antes de entrar nessa seara, é oportuno relembrar a dificuldade de adequação do bem patrimonializado à nova estrutura que se instalou e que já vem sendo mencionada desde a análise bibliográfica e documental (observadas nas descaracterizações e deteriorações do patrimônio de VSN). A esse respeito, observou-se que a maior parte das intervenções foram tentativas de adequação do ambiente construído às novas formas de uso. O levantamento fotográfico realizado pela pesquisadora veio somar e corroborar essas afirmações e agora, registra-se também, algumas das narrativas presentes nas entrevistas relacionadas a essas dificuldades de adequação.

O primeiro ponto relatado foi a questão da **garagem**. Segundo os técnicos, foi uma das principais demandas da comunidade, pois no período da realização do projeto o automóvel não era popularizado como na atualidade. Outros itens que foram considerados na elaboração de regulamentações para as intervenções no patrimônio foi o uso do **ar-condicionado** e **do vidro** (para realizar o fechamento das aberturas que eram de tela). Como visto anteriormente, esses estudos e regulamentações foram realizados pelo IPHAN e criam

a possibilidade. Contudo, na maioria das vezes essas alternativas não são observadas pelos moradores.

Então a gente vem trabalhando por exemplo (...), nas opções de ampliação das unidades residenciais. (...). Hoje em dia é uma necessidade você ter carro, logo você precisa de uma garagem para abrigar seu carro. Então como é que você vai fazer uma garagem em uma unidade tombada pelo Iphan? Então, existe projetos que dão quatro, cinco alternativas para que você faça essa garagem. Ar-condicionado, (...) A é eu quero colocar vidro na minha casa pode? Pode (...). Então tudo isso já tá regulado, já tem uma regulação sobre ampliação, já tem uma regulação sobre reforma, já tem uma regulação sobre padrões de alteração das unidades em vista o modelo embrionário (E13\_TEC, 2022).

Quando vem o pessoal de Santana aqui tem um quarto lá que tem uma centralzinha, só o único. Eles é que usam um dia, dois. Mas eu mesmo sinto até frio nesse quatinho porque aqui o clima é bom (E6\_MO ICOMI, 2021).

Essas considerações foram mencionadas mais pelos técnicos do que pela comunidade, isto é, não há um interesse visível destes em resolver esse problema. Pois como foi observado no capítulo anterior, as intervenções no patrimônio têm ocorrido dentro ou fora da regulamentação, com ou sem a aprovação, ou seja, se existem ou existiam essas demandas elas foram “resolvidas” mesmo que fujam dos padrões determinados.

Outro fator mencionado que está relacionado com as residências, mas que se reflete na escala da cidade é a pouca diversidade de usos do solo. Há a necessidade de adequar as residências para o uso comercial e de serviços. Conforme visto, a Vila tombada é formada em grande parte por prédios destinados a moradia. Faltam espaços para a instalação de comércio, restaurante, hospedagem, serviços públicos etc. Esses fatores da dificuldade de adequação do espaço físico às necessidades da população são percebidos tanto nas constantes descaracterizações que vêm ocorrendo no patrimônio, quanto nas narrativas da comunidade, dos agentes técnicos e representantes da administração pública.

(...) esse prédio aqui vai entrar em reforma, aí a gente quer dar mais uma esticadinha. Aí não vamos poder fazer, vamos ter que ir no IPHAN, pedi autorização pra fazer a pintura, a reforma e tal entendeu? (E10\_ADM, 2021).

Porque aqui não dá né, o espaço é pouco pra fazer um restaurante aqui, a gente não tem espaço né! Espaço pra aumentar (E9\_MO POS, 2021).

Não tem mais garagem, o camarada faz na garagem um kitnet. Olha alí! Um kitnet, um kitnet aqui, kitnet pra ali. Toda essa rua tem pra bem umas dez (E6\_MO ICOMI, 2021).

Aí o senhor do mercado disse que ele vai mexer porque ele trabalha com coisa de madeira, ele tem madeira, mas também não deram autorização pra ele o patrimônio, tá uma briga ai pra ele também (E5\_MO ICOMI, 2021).

Diferentemente do caso das residências, quanto à adequação das novas formas de morar, que quase não foi mencionada, a necessidade de diversificação dos usos na escala

da cidade aparece com mais frequência. A grande questão dessa situação é adequar e dar novos usos ao patrimônio de Serra no Navio sem descaracterizá-lo. Pois na maioria das vezes ou as obras são realizadas sem considerar a regulamentação, ou não são realizadas e a comunidade não consegue usufruir do ambiente construído de forma satisfatória, como é o caso a seguir:

Por que olha, a nossa frente aqui tá toda escorada. O MEC caiu por causa disso. Nós pedimos pra tentar reformar aí e o pessoal, disseram que não. Que vinha o pessoal, que vinha fazer o levantamento pra fazer a reforma. Vieram né, vieram dois técnicos, um engenheiro, vieram aí fizeram o levantamento, mediram aí tudinho, sumiram e não fizeram mais nada (E5\_MO ICOMI, 2021).

Nesse caso, pode-se dizer que é frequentemente um ponto de conflito, pois, ou a comunidade não usufrui plenamente do ambiente construído — logo ele não supre satisfatoriamente as suas necessidades — ou o patrimônio acaba sendo descaracterizado porque são realizadas intervenções sem considerar as normas.

Com relação a escola da cidade, observou-se nas narrativas dos entrevistados uma vasta lista que registra a precariedade da infraestrutura da cidade e dos serviços essenciais, como abastecimento de água, de comida, energia, acesso a saúde e saneamento básico. Para facilitar a compreensão dessa lista de itens que desqualificam o espaço e provem a insatisfação dos habitantes de SN, esses tópicos serão dispostos na tabela a seguir:

Tabela 5.4 – Infraestrutura e serviços precários em SN

Lugar ou serviço	Citações
<b>Ruas e Pavimentação</b>	<p>A pavimentação, precisa muito a pavimentação da cidade né! (E10_ADM, 2021).</p> <p>O município tá aí querendo é, asfaltar a cidade né! E acredito eu que vai dá tudo certo. A gente espera por melhoras né! É isso que a gente, né? (E8_MO POS, 2021).</p> <p>Todos os conterrâneos nossos chegam aqui e querem ir embora. Porque não consegue ver a cidade do jeito que tá né! Sem asfalto, nem nada (E5_MO ICOMI, 2021).</p> <p>O asfalto acabou, o pouco que tinha foi tirado e não asfaltaram (E6_MO ICOMI).</p> <p>O prefeito deveria se voltar mais né pra questão do asfalto ali. Cê viu como tá? (E2_EX ICOMI, 2021).</p>
<b>Abastecimento de Água e Saneamento básico</b>	<p>A água nós estamos com um problema seríssimo de água no município, (...), essa encanação ela é muito antiga (E10_ADM, 2021).</p> <p>Nós ficamos quatorze dias sem água (...). Há rompimento quase toda a semana da tubulação principal porque é muito antiga essa tubulação (E11_ADM, 2021).</p> <p>Olhe! O saneamento aqui tá precário, tá precário, tanto que o tem de esgoto, água aqui ainda é do tempo da ICOMI (...). Então aí é mais necessário aí pra mim é essa parte do saneamento e a água (E9_MO POS, 2021).</p> <p>A gente já tem problema de fossa, a gente já tem problema de água, água é enferrujada. (...). Olha! Nós tivemos sete dias, sete dias sem água, arrebentou um tubo aí na carga e pra eles emendar esse tubo foi um sacrifício (...) (E7_MO ICOMI, 2021).</p>

## Continuação da Tabela 4.5 – Infraestrutura e serviços precários em SN

Lugar ou serviço	Citações
<b>Abastecimento de Energia</b>	<p>A gente não tem uma energia estável aqui entendeu? Nós temos uma dificuldade muito grande com energia aqui, é a gente tem muito, muito prejuízo. Muitos dizem, “olha perdi o freezer” porque a energia faz isso cai, entendeu? (E11_ADM, 2021).</p> <p>A energia nem se fala porque se ela vai embora eu tenho o meu gerador, a gente tem que comprar as coisas pra poder suprir porque eu nem posso ficar sem energia por causa do sorvete, porque se não perde. Já pensou? (E9_MO POS, 2021).</p> <p>(...) a energia que as vezes, uma vez passou acho que mais de duas semanas sem energia. Então, um caos (E2_EX ICOMI, 2021).</p>
<b>Acesso à cidade</b>	<p>Mas quando você vai a Serra do Navio enfrenta o trecho é complicado, não é fácil! (E13_TEC, 2022).</p> <p>Então a gente tem essa dificuldade com relação a chegar na capital, pra se deslocar até lá. (...), mas quando o inverno aperta mesmo, porque pra cá chove bastante né! (...), a gente chega a passar seis horas de viagem nessa estrada (E8_MO POS, 2021).</p> <p>Pois é a estrada já era pra ser asfaltada (...). Mas quem vem pra cá? Com essa estrada aí sem manutenção né! Agora chove, fica liso, arriscado, tem ladeira. (E4_MO ICOMI, 2021).</p> <p>Eu acho que pra ter o acesso a cidade é essa estrada aí né. A começar pela estrada é isso aí há anos. Muita gente deixa de ir pra Serra por conta da estrada (E2_EX ICOMI, 2021).</p>
<b>Lazer e entretenimento</b>	<p>Aí quando a gente leva o nosso parquinho lá é que dá umas criançazinha lá pra brincar. Você não tem opção aqui, você não tem opção pra lazer (E9_MO POS, 2021).</p> <p>Não se tem tem lazer, não se tem um canto pra ir, nada! (E7_MO ICOMI, 2021).</p>
<b>Saúde e alimentação</b>	<p>Tipo assim, tem muitas coisas que se você necessitar não tem aqui disponível né! Tipo se tiver um problema de saúde mais sério, entendeu? Geralmente não é resolvido aqui e a gente tem que se deslocar então, a gente tem essa dificuldade, (...). É a alimentação também, (...) (E8_MO POS, 2021).</p> <p>Pra depender de exame tem que ir pra Macapá fazer, porque aqui não tem (E5_MO ICOMI, 2021).</p>

Fonte: Elaborada pela Autora com trechos das entrevistas realizadas em 2021 e 2022.

Como pode ser observado, o relato da comunidade sobre a situação atual de VSN corrobora com o que foi demonstrado nos documentos analisados e nos registros fotográficos. No entanto, é possível verificar os itens mais relevantes de acordo com a comunidade. Para isso, considerou-se o número de vezes e a ordem em que foram mencionados, dentre os mais frequentes agrupados como estando na mesma intensidade: a pavimentação das ruas, o abastecimento da água e o acesso da cidade.

Os moradores manifestaram uma grande insatisfação com a situação em que se encontram **as ruas** de VSN — sem asfalto, com muitos buracos e terra — e com o **acesso à cidade**, que hoje se dá pela rodovia (BR-210). A estrada, devido à falta de manutenção e pavimentação, é um trecho perigoso e de difícil acesso, especialmente nos períodos de chuva muito intensa na região. Fator que interfere em outras questões importantes para a comunidade que serão abarcadas na sequência.

Outro ponto mencionado foi o problema de abastecimento de **água** que tem ocorrido de forma muito precária. Segundo os relatos dos entrevistados, a infraestrutura ainda é a

mesma que fora construída na década de cinquenta e por conta da falta de manutenção e substituição de peças, a falta de água é periódica e por vezes muito prolongada. Esse fato tem levado a comunidade a buscar alternativas como a compra de várias caixas d'água, fator que compromete a volumetria das residências. De acordo com o entrevistado, “aqui o cara que não tiver três caixa d'água aqui, o cara fica sem água (E6\_MO ICOMI). Essa situação configura um cenário preocupante, que é a incapacidade de suprir as necessidades básicas da população, fator que vai ao encontro da percepção de abandono e baixa estima da população identificado no item anterior. Segundo entrevistado, para que não fiquem desabastecidos são obrigados a assumir essa responsabilidade de se autosuprir, caso contrário, ficam à mercê da ajuda alheia:

Porque eu já comprei um motor bomba. Eu tenho o meu carrinho, eu tenho a minha carrocinha, eu pego engato ali no carro e vou aqui na lagoa (brubrubru), trago na caixa d'água boto em cima da minha (brubrubru), ajudo aqui, dô pro amigo ali! Pergunto se não querem, entendeu? É assim que funciona né (E9\_MO POS, 2021).

Eu tive que pegar água lá no posto de gasolina, que tem um poço artesiano lá, e o rapaz me cedeu água lá, pra lavar as coisas aqui, porque as minhas caixa secaram todas (E5\_MO ICOMI, 2021).

Além dessa questão, como visto na tabela 4.5, há a dificuldade com a **rede de esgoto** e a **rede elétrica** que não é estável e causa prejuízos para a comunidade. Além disso, de acordo com os relatos é comum ficarem sem luz por longos períodos de tempo.

Já quanto à dificuldade de **acesso à saúde**, mencionado por alguns moradores, ela se dá, pois, a cidade atualmente conta apenas com os serviços básicos de saúde, ou seja, exames e procedimentos mais complexos precisam ser encaminhados para a capital (200 km) por uma estrada de difícil acesso. Para o grupo de MO ICOMI, essa questão representa uma grande perda, uma vez que o hospital de VSN foi uma referência no estado do Amapá e hoje se encontra em parte abandonado e se deteriorando. Aliado a essa questão retoma-se o acesso pela estrada, uma vez que é o único meio dessas pessoas obterem os serviços que não são oferecidos no município, fato que corrobora a sua relevância para o contexto de VSN.

A dificuldade de acessar alguns gêneros alimentícios e os preços elevados dos mesmos na cidade também são reflexos do difícil acesso à cidade, como pode ser observado nos trechos a seguir:

É (...) a alimentação também, a gente sente um pouco dessa dificuldade pelo fato de, da gente ter que se deslocar até Macapá também, pra comprar alguma coisa (E8\_MO POS, 2021).

Aí nós tínhamos muitas coisas assim e quando veio a questão do município a transição acabou a ICOMI, o mercado já tínhamos que ir praticamente pra Macapá ou pra Santana pra comprar entendeu? (E4\_MO ICOMI, 2021).

Por fim, foram apontadas as questões do lazer e do entretenimento, segundo dois entrevistados, como visto no quadro, são escassas as opções. Um deles relata a situação da praçinha da cidade, que com frequência está com os brinquedos quebrados:

Você não tem opção aqui, você não tem opção pra lazer, se vai lá naquela praça lá e tem um balanço, até os balancinho lá quem conserta sou eu. Eu compro o prefeito tá vendo que tá quebrado e não ajeita não, aí eu vou lá e compro em Macapá e venho e eu mesmo coloco. Então fica difícil né! (E9\_MO POS, 2021).

O que se constata, mais uma vez, é que os habitantes precisam constantemente encontrar meios para suprir as próprias necessidades que não estão sendo atendidas nem pela estrutura física da cidade, nem pelos serviços essenciais. Aqui, como em muitas cidades brasileiras, o problema sobressai ao desenho da cidade e denuncia a omissão e o abandono desses cidadãos, conforme observados por eles mesmo.

Em síntese a tudo o que foi exposto no item, observou-se que:

- a) Apego ao lugar: O vínculo que se dá pelo apego ao lugar foi identificado nos grupos EX ICOMI e MO ICOMI, que consistem na minoria da população que habita VSN atualmente. Esse laço que é bastante estabelecido e motivado pelas memórias que essas pessoas possuem do lugar, que como foi observado no subitem (4.4.1), tem como base o sentido de lugar que se estabeleceu durante o período ICOMI, pautado em uma relação progressiva de identificação e envolvimento com o lugar. Atualmente esses indivíduos demonstram sentimentos de afeto, nostalgia e sentido de comunidade, contudo também expressam sentir tristeza, dor, sentimentos de abandono e perda. Percebe-se um forte apego que sustenta inclusive a permanência desses indivíduos no lugar, mesmo que os sentimentos hoje em dia sejam contraditórios. Em suma, o que identificam como positivo ficou no passado, atualmente predomina o apego com uma conotação mais negativa do que positiva. O grupo POS ICOMI não manifestou sentimentos ou emoções que indicassem algum tipo de vínculo afetivo.
  
- b) Identidade de lugar: Quanto à identidade com o lugar, a mesma também só foi observada nos grupos do período ICOMI. O processo, assim como no construto anterior, é bastante forte nesses grupos. As pessoas que manifestaram essa identificação demonstraram que as motivações para tal estão também relacionadas com o passado. Contudo, nesse caso, estão mais relacionadas com as dinâmicas que lhes eram habituais no contexto ICOMI. Aqui entram as crenças na filosofia da empresa, no gosto pela ordem, pela disciplina, pela organização, pelos costumes que eram implantados na comunidade. O sentido de identidade desses indivíduos, assim como o apego pelo afeto é tão consolidado que, mesmo 25 anos após a paralização

das atividades em VSN, esses indivíduos se reuniam anualmente para cultuar essas memórias. Muitos que nem moram mais no estado se deslocam até o Amapá para participar desse evento. Outro traço bastante evidente é o sentimento de pertencimento que nasce dessa identificação, as pessoas desse grupo tratam-se como família e se dizem filhos de VSN.

- c) Qualidade do lugar (dependência do lugar): Em linhas gerais, verificou-se praticamente uma unanimidade nas percepções do lugar. Referente a este construto, que pode ser considerado a base de construção para os demais, são mais evidentes as percepções do grupo POS MO. Pois os aspectos que denotavam um certo grau de vínculo, mas que não estavam relacionados com o afeto nem a identidade se dão pelas qualidades do lugar. Com relação a esse tipo de vínculo os moradores entrevistados disseram gostar do lugar ou manifestaram a vontade de permanecer nele pela tranquilidade e segurança derivados da conexão com a natureza e também pelo porte da cidade. Com exceção a esse ponto, as percepções dos grupos foram as mesmas. Acerca delas observou-se que há mais percepções negativas a respeito da estrutura física e serviços prestados<sup>49</sup> em VSN do que positivas. As últimas, apresentadas no primeiro momento estão relacionadas com o ambiente natural do entorno — que já foi mencionado com um valor do lugar — e a segurança, que por mais que não seja unanime é considerada positiva pois a ela estão relacionados a tranquilidade e o porte da cidade. Já quanto aos outros aspectos, estética, acesso, lazer, infraestrutura da cidade a opinião é unânime quanto à insatisfação dos moradores. Situação que revela uma baixa dependência do lugar, ou seja, o mesmo não tem proporcionado o suporte necessário ao desenvolvimento dos indivíduos que habitam VSN, logo não promove perspectivas para o futuro e a vontade de permanecer no lugar.

Dessa forma, correlacionando os achados e os diferentes graus de apego, identidade e dependência com o lugar entre os grupos conclui-se que:

- a) EX MO: Com relação a esses indivíduos, percebe-se que ainda existe um forte sentido de lugar baseado na identificação e envolvimento com VSN, mesmo que não habitem mais o espaço. Aqui o sentido se dá não pelo que representa atualmente, mas pelo

---

<sup>49</sup> Nesse ponto, é oportuno mencionar que na conceituação desse construto são abordados em geral os aspectos físicos do lugar apenas, como acesso, presença de espaços públicos etc. Não há menção aos serviços prestados, situação que talvez não seja considerada nos países desenvolvidos onde ocorrem a maior parte das pesquisas referentes a esse assunto. Contudo, tendo em vista que se busca compreender se o lugar dá suporte para o desenvolvimento individual e coletivo dos indivíduos e diante de um contexto onde faltam a essas pessoas os elementos básicos a esse suporte, não há como ignorar os problemas referentes aos serviços prestados e as precarizações de suas estruturas.

que foi construído no passado. Atualmente esse significado é alimentado mais pela relação social entre os indivíduos do que pelo lugar em si. Pois, devido às condições de degradação e descaracterização evidenciadas, esse sentido torna-se ambíguo, uma vez que possui conotações positivas quando se remete ao passado, mas negativas quando se refere ao presente.

- b) MO ICOMI: Quanto aos moradores do período ICOMI percebe-se que em alguns casos, o sentido de lugar evoluiu ao máximo grau da escala, o grau do sacrifício, onde o indivíduo permanece no ambiente e abre mão dos seus interesses pessoais. Essa leitura se baseia no relato uníssono dos grupos referente às qualidades do lugar, em que se conclui que o ambiente não tem suprido as necessidades básicas dos habitantes. Além disso, o lugar tem despertado sentimentos de dor, tristeza e perda nessas pessoas, mesmo assim elas não pensam em ir embora. É bem provável que o motivo dessa permanência não seja o mesmo para todos, havendo outros motivos de ordem racional para que os mesmos fiquem no local. Contudo vale salientar que o município já passou por situações mais críticas e mesmo assim essas pessoas não deixaram VSN. Os que chegam a se enquadrar nesse último grau permanecem no mesmo ponto que o grupo EX MO definido anteriormente.
- c) POS ICOMI: Já o grupo de moradores que chegaram após a saída da empresa, possuem distintos graus de sentido de lugar, pois percebeu-se uma leve diferença entre o morador com mais de 8 anos e da moradora com menos tempo em VSN. O primeiro demonstrou sentir-se parte do lugar, mesmo não demonstrando vínculo com a memória do ambiente. Em seu discurso foi possível perceber que há um sentimento de união e destino comum com a comunidade e com o patrimônio, uma vez que contribui com ações em prol da mitigação dos impactos causados pela falta de manutenção na infraestrutura da cidade. Ele não demonstra identidade ou apego com a memória do período ICOMI, mas respeita os símbolos e as regras de preservação do patrimônio da forma como compreende (não mexeu na estrutura da casa). Já a outra entrevistada, que vive em VSN por menos de oito anos — grupo majoritário em VSN atualmente — demonstra apenas o conhecimento do lugar (dos símbolos do mesmo) e mesmo esse não é muito consolidado, ou seja, possui um sentido de lugar quase nulo e não apresenta vínculos.

Antes de prosseguir é importante frisar que conforme o esperado a escala de sentido de lugar negativa não pôde ser aplicada, mesmo que o sentido de lugar atual se dê mais por sentimentos negativos do que positivos. Nos casos analisados ninguém demonstrou sentimentos extremos como os propostos por Shamai (2018).

Em suma, foi possível observar que VSN é marcada por dois extremos quanto ao grau de sentido de lugar. Há os extremamente apegados que se encontram no patamar do compromisso com o ambiente, mesmo que esse não tenha mais dado o suporte necessário para o seu desenvolvimento. Há também a maior parte da população — se considerarmos o tempo de moradia dessas pessoas — que não possuem nenhum vínculo com o lugar.

### 5.3. CAMINHOS E PERSPECTIVAS

Identificados o contexto histórico e passado ambiental vivenciado em VSN, a situação atual do patrimônio, as principais contradições e dificuldades que compreendem a relação entre os agentes envolvidos e os principais aspectos percebidos pela comunidade que caracterizam o sentido de lugar atual de VSN. Neste item, serão propostos caminhos que possam vir a propiciar o envolvimento comunitário nos processos de preservação do patrimônio moderno no ambiente amazônico, através da identificação das atribuições da própria comunidade em relação ao bem protegido.

Vale mencionar novamente que a intenção do trabalho é abrir o olhar para novas perspectivas e por esse motivo tratou-se do tema da preservação do patrimônio moderno em ambiente amazônico de uma forma abrangente, priorizando a percepção da comunidade. Portanto as propostas aqui sugeridas se referem não apenas a ações destinadas à preservação e conservação dos objetos tombados, mas do ambiente e das relações entre os agentes.

#### 5.3.1. A inter-relação entre comunidade e patrimônio moderno em ambiente amazônico de Vila Serra do Navio

Como pôde ser observado no decorrer do capítulo, a relação entre comunidade e o patrimônio moderno de VSN (ambiente) foi marcada por mudanças e conflitos, iniciadas antes mesmo do tombamento. A começar pela falta ou a insuficiência das ações para preparar a comunidade para a nova fase que viria — repleta de mudanças drásticas no modo de vida das pessoas — em especial, o auxílio na criação de novas alternativas para o desenvolvimento econômico da região. Razão que colocou os habitantes de VSN em uma posição de fragilidade e insegurança que, por sua vez, motivou a mudança do contingente populacional. Isto é, as pessoas que possuíam um vínculo com o lugar foram embora após a saída da empresa e novos moradores ocuparam o espaço.

A partir do estabelecimento de uma nova comunidade — formada por antigos funcionários da empresa, moradores das proximidades de VSN, cidades do Amapá e outros locais — constituiu-se uma nova relação com o lugar, firmada especialmente pela busca de oportunidade de trabalho nas novas empresas mineradoras que se instalaram na região. Fator

que ajuda a explicar a intervenção externa para o pedido de tombamento de VSN e a baixíssima aderência desses indivíduos à causa da preservação após a abertura do processo. Pois, como se sabe, o patrimônio moderno por sua proximidade formal e temporal, muitas vezes não tem seus valores facilmente percebidos pela comunidade.

A forma pela qual o processo de tombamento se deu, quase sem participação popular — afinal, a comunidade não poderia possuir vínculo com o lugar, tampouco com a história e memória de VSN, uma vez que era recém-chegada — aliado aos conflitos (disputa pela posse do patrimônio deixado) e as dificuldades de gestão e manutenção da infraestrutura da cidade foram decisivas para a construção dessa nova relação marcada pela insegurança e insatisfação. Aí nesse momento, já se estabelecia o distanciamento entre as partes e a conduta do não engajamento e aceitação por parte da comunidade das ações de preservação. Pois a mesma — que não foi levada em consideração durante o processo, não foi esclarecida de forma eficaz e não foi envolvida por ações que deveriam ser promovidas pelos agentes técnicos e pela administração pública — não conseguiu aceitar as regras que lhes foram impostas logo em seguida, tampouco esteve aberta aos trabalhos de informação e sensibilização realizados pelo Órgão juntamente com a fiscalização imediata.

Essas ações elevaram o status da relação de distante para o campo da animosidade, como pôde ser observado na análise das relações entre os agentes envolvidos na preservação do patrimônio. Situação que favoreceu e favorece até hoje a disseminação da desinformação acerca da preservação do patrimônio e das reais atribuições do IPHAN, que conseqüentemente, tem dificultado o esclarecimento da população e qualquer chance de promover um engajamento destes na causa da preservação, como foi o caso da frustrada tentativa de aproximação no processo de regularização fundiária.

Pelo que se pode constatar, a narrativa que culpabiliza o IPHAN e o tombamento pela situação de precariedade em que se encontra a cidade (Item 4.3), assim como pelo atrasamento do seu desenvolvimento, está ainda cristalizada nos discursos da comunidade, inclusive dos ex-funcionários da ICOMI e dos representantes da administração pública. Fator que talvez, atualmente, seja um dos principais obstáculos para efetivar na prática o engajamento da comunidade na preservação de VSN.

Outro agente cujas ações estão diretamente relacionadas com a inter-relação da comunidade e do patrimônio de VSN é a da administração pública que, embora não tenha sido tão responsabilizada aos olhos da comunidade pelas dificuldades identificadas no cenário patrimonial de VSN, não tem cumprido o seu papel como deveria. Como pôde ser observado, uma das grandes dificuldades da administração pública é a questão da receita para a manutenção do patrimônio. Contudo, apesar do discurso recair sempre nesse ponto, observa-

se também um outro grande problema, a falta de equipe técnica especializada e normativas para tratar das questões relacionadas ao patrimônio e ao planejamento urbano da cidade.

Como pode ser observado, as atuações dentro da esfera técnica têm sido encabeçadas pelo IPHAN mesmo quando não competem ao Órgão. Nas entrevistas realizadas percebe-se que a própria administração possui dificuldade em compreender o seu papel. Essa deficiência e falta de atitude por parte da mesma, acaba contribuindo para o cenário de deterioração do patrimônio e da infraestrutura da cidade, em razão da falta de ações e ferramentas necessárias para a captação de recursos e recuperação dos bens. Um dos grandes exemplos é a situação da reconstrução do MEC que, apesar de ter o projeto pronto e aprovado, uma vez que foi o IPHAN que realizou, nunca foi levado adiante.

Até aqui é possível perceber que a comunidade — considerando a sua maior parcela — não conseguiu ser envolvida na causa da preservação e que o seu entendimento sobre o assunto não é claro como deveria. Mas, afinal, qual é o sentido de lugar atual de VSN e como ele pode vir a propiciar o envolvimento dos habitantes locais na preservação do patrimônio moderno no contexto amazônico?

A esse respeito observou-se que o sentido de lugar atual de Vila Serra do Navio — considerando que a proporção de habitantes que vivem menos de oito anos no município é maior do que a dos antigos moradores — está sendo construída quase que integralmente pela **percepção dos habitantes quanto a qualidades do lugar**. Isso quer dizer que a vontade de permanecer no local ou criar algum tipo de vínculo com o mesmo está diretamente relacionada com o que o mesmo pode proporcionar para os seus habitantes em termos de suporte à vida e ao desenvolvimento.

No entanto, percebeu-se também que atualmente — e isso é uma percepção unânime entre os grupos — há muito mais **insatisfações com relação ao ambiente** construído e com os serviços básicos do que fatores qualificadores que pudessem motivar a criação de um vínculo ou a vontade de permanecer no lugar. Isto é, o ambiente construído não é um fator que motiva a estadia dessas pessoas na cidade. Apesar de reconhecerem alguns pontos positivos, como a **tranquilidade**, **contato com a natureza** e **segurança** (MO POS), o motivo de sua permanência no local, em grande parte, está relacionado com a **atividade das empresas mineradoras presentes na região**. Portanto, a chance dessas pessoas se sentirem motivadas a se engajar na preservação do mesmo é bastante pequena no momento.

Quanto à identificação com o lugar, assim como o apego, constatou-se que eles **existem de uma forma bastante intensa, mas em uma parcela pequena da comunidade que vive (MO ICOMI) ou que visita o lugar por se sentir apegado (EX ICOMI)**. Tanto a identificação destes grupos como o apego se dão pela necessidade de resgate da memória

do período ICOMI, em que o patrimônio foi pano de fundo para as suas vivências. Esses vínculos que estão embasados pelos sentimentos de afeto, nostalgia, pertencimento e estabilidade (construídos no passado), atualmente desencadeiam também sentimentos negativos como a tristeza e a perda. Quanto à sensação de abandono e a baixa autoestima, as mesmas foram identificadas em todos os grupos entrevistados, possivelmente por estarem também relacionadas com o construto da qualidade do lugar.

Outro fator relevante, percebido na observação da identificação com o lugar, é o possível movimento de **objeção à história e à memória da ICOMI** por parte de alguns moradores do período POS ICOMI. A relevância desse indicativo está também no percentual de moradores que não possuem vínculos de identificação e afeto com o lugar e na importância do mesmo para a preservação do patrimônio.

Por fim, referente às atitudes da comunidade no ambiente construído, percebeu-se que apesar: (i) das objeções ao IPHAN e o tombamento, (ii) do fraco apego e vínculo na maior parcela da comunidade, (iii) da insatisfação quanto a qualidade do lugar e predominância de uma percepção negativa acerca do mesmo, em todos os grupos foram identificadas iniciativas em prol do patrimônio e da qualidade do ambiente físico (mesmo que não sejam as esperadas), seja pela vontade de preservar a identidade da ICOMI (para os casos do grupo MO ICOMI), para garantir o suporte e a qualidade de vida mínimos necessários (presente no grupo POS ICOMI) ou ambos. Esse indicativo demonstra que há uma disposição da comunidade para o engajamento na preservação do patrimônio de VSN.

Baseados nessa leitura, basta agora responder a seguinte pergunta: a partir da análise da inter-relação entre comunidade e patrimônio moderno em ambiente amazônico e da identificação do sentido de lugar atribuído pela comunidade ao mesmo, como é possível propiciar o envolvimento da comunidade local nas ações de preservação?

### **5.3.2. Caminhos para o engajamento da comunidade na preservação de VSN**

Considerando tudo o que foi exposto até o presente momento serão indicados alguns caminhos — baseados nos achados — que possam propiciar o envolvimento da comunidade nos processos de preservação do patrimônio moderno de VSN. Esses, por sua vez, serão propostos de uma forma abrangente — tendo em vista que o patrimônio é observado aqui não apenas como um bem material, mas como parte de um ambiente com sentidos e significados que transcendem a questão patrimonial. Portanto, não estão relacionados apenas com a preservação e conservação do que foi inventariado. Além disso, como esses processos devem ser construídos de uma forma conjunta e participativa, serão aqui demonstradas as possibilidades consideradas mais potentes para que se atinja o referido objetivo.

Dessa forma, para construir esses caminhos serão considerados:

- a) A relação de dependência econômica da comunidade em relação às empresas mineradoras que hoje atuam no local.
- b) A ineficácia das ações realizadas até o presente momento para garantir a preservação do patrimônio e o engajamento da comunidade no processo.
- c) A relação de animosidade entre comunidade e IPHAN.
- d) A relação de ambiguidade entre administração pública e IPHAN.
- e) A relação de distanciamento entre os grupos de ex-funcionários e novos moradores.
- f) O contexto de desinformação a respeito da temática da preservação do patrimônio e dos papéis de cada agente no processo.
- g) A mudança do sentido de lugar de VSN e o seu caráter negativo.
- h) O sentido de lugar do passado e seu caráter positivo.
- i) A qualidade do lugar como principal meio para fomentar o engajamento da comunidade.
- j) As principais demandas da comunidade no cenário local.
- k) As principais potencialidades percebidas pela comunidade, representantes da administração pública e agentes técnicos.
- l) A necessidade de resgate da memória e da história de VSN e da ICOMI.
- m) O forte grau de apego e de identificação entre o grupo dos ex-funcionários.
- n) A disponibilidade e proatividade de alguns moradores.
- o) A possibilidade de fomentar um novo senso de comunidade.

Tendo em vista a grande importância do trabalho conjunto entre os agentes envolvidos nas ações, na gerência e nas decisões referentes ao patrimônio em questão, o primeiro caminho a ser indicado diz respeito **à relação entre comunidade, representantes da administração pública, técnicos do IPHAN** e também às **empresas mineradoras** que trabalham na região. Pois como foi observado nos resultados, mesmo após as recentes ações do Órgão para dirimir os conflitos e as dificuldades identificadas por eles, a relação ainda se demonstra distante, predominando a animosidade, a desconfiança, a descrebibilidade, a ambiguidade e a dependência.

Dentre os principais motivos que dificultam a aproximação entre as partes observou-se, a cristalização de crenças pautadas na desinformação acerca da temática da preservação do patrimônio e também sobre o papel de cada um no processo, em especial, a ideia de que a preservação do patrimônio impede a manutenção dos prédios e da infraestrutura da cidade e ainda o seu desenvolvimento. Pelo que se sabe, já houveram inúmeras ações informativas por parte do Órgão e até o presente momento sem muito sucesso, um indicativo na

necessidade de mudar a forma de atuação. No processo de regularização fundiária, momento em que os técnicos estiveram mais presentes, foi quando a tentativa de aproximação chegou mais próximo do objetivo, mas pela descontinuidade do processo e de certa forma a “ausência” do Órgão na região, o movimento se enfraqueceu e as crenças com base em desinformação voltaram a ganhar força.

Portanto, para esse caso, é imprescindível que se montem **estratégias para manter o Órgão mais presente na região**, atuando em várias frentes que visem a promoção do patrimônio de VSN e o desenvolvimento da região. Ao longo desse item, algumas sugestões nesse sentido serão dadas. Além disso, é necessário que haja **um movimento de desconstrução da imagem negativa que ainda carrega**. Nas entrevistas com a comunidade, mais de uma vez, observou-se a narrativa de que se o Órgão quer preservar deve também investir. Isto é, a comunidade não consegue perceber os investimentos que existiram por meio de todas as ações já citadas. Ainda, eles não estão esclarecidos sobre os papéis de cada agente no processo, um exemplo disso é a obra do MEC que, por mais que seja agora da responsabilidade da administração pública (e que o projeto tenha sido entregue publicamente), a informação não se consolidou dentro da comunidade.

Assim sendo, a primeira sugestão é realizar **um trabalho estratégico e organizado de publicidade das ações, das atribuições e dos meios de contato com a comunidade, aliado a um trabalho presencial mais assíduo na região focado no contato com as pessoas e não apenas na fiscalização do patrimônio**. Acredita-se que tornando as informações mais acessíveis e constantes será mais difícil a insurgência das narrativas equivocadas que vêm sendo difundidas paulatinamente em VSN e que, aliada à presença de agentes que realizem um trabalho de assistência, ouvidoria etc., as mesmas começarão a ser desmistificadas na prática. Esse último trabalho poderia inclusive ser realizado por lideranças da comunidade, iniciando o envolvimento desses no processo.

Uma segunda ação imprescindível e, embora óbvia, até hoje não se concretizou, é a **formação de corpo técnico atuando presencialmente dentro da prefeitura municipal**, realizando as fiscalizações que as competem e dando o suporte para as mesmas nos assuntos referentes ao patrimônio e ao planejamento urbano da cidade. A essa indicação, que é mais um lembrete dos deveres da mesma, é preciso também que **sejam criadas as ferramentas que ainda faltam para instrumentalizar** o trabalho desses agentes. Pois, somente assim será possível realizar mudanças benéficas para a cidade, como por exemplo, a captação de recursos para VSN. Esse segundo item é de responsabilidade da administração pública, que deve buscar sua capacitação para atuar efetivamente em prol da comunidade.

Outra possibilidade e outro agente que pode e deve ser envolvido no processo são as empresas mineradoras que atuam na região. Como se sabe, existem precedentes para a mesma atuar em prol do local em que está instalada, fato que já ocorre de acordo com relato dos representantes da administração pública que foram entrevistados. A esse respeito, sugere-se **a criação de mecanismos que possam organizar as principais demandas locais e destinar possíveis recursos advindos dessas empresas para a manutenção e conservação do patrimônio da cidade de forma transparente, isto é, que a comunidade possa visualizar esses investimentos**. Nesse caso, refere-se à infraestrutura da cidade como um todo.

Realizadas ações fundamentais e mais urgentes para que o engajamento da comunidade no processo de preservação do patrimônio possa ser uma realidade, abre-se um outro caminho, esse **fundamentado pelo estudo do atual sentido de lugar** atribuído a VSN. Como foi possível observar, a maior parte da população que vive em VSN é residente recente e não possui uma relação de apego e identidade com o lugar, tampouco com a sua memória e história — que é o caso dos moradores e ex-moradores do período ICOMI. Ou seja, o vínculo ainda é praticamente inexistente e quando existe está abalado por sentimentos negativos. Portanto, partindo desse princípio e de que tentar inculcar forçosamente um valor que não faz parte de suas vivências, isto é, ensinando os valores do patrimônio não é um caminho viável, **a proposta é investir primeiro no construto da dependência do lugar**.

Como foi visto no decorrer do trabalho, o construto dependência do lugar (qualidade do lugar) é o primeiro e mais rápido meio para se estabelecer algum grau de lealdade ou comprometimento com o lugar, fator que pode motivar as pessoas a querer permanecer no ambiente (Stokols, Shumaker *Apud* C Wan, 2022). Mas, para que isso ocorra, o mesmo deve promover o suporte à vida e atender às necessidades dos indivíduos que habitam o lugar. Promover o sentimento de segurança, satisfação e bem-estar de quem vive em um local que proporciona qualidade de vida para os seus habitantes é também de certa forma, nesse caso específico, um resgate ao passado, ou melhor, ao sentido de lugar da VSN do período ICOMI. Pois as pessoas que vivem hoje na região, ainda que não tenham o vínculo com o passado, conhecem os símbolos desse período e provavelmente gostariam de vivenciar essa experiência.

Esse caminho sem dúvida pode conduzir ao aumento da autoestima e do apreço pelo patrimônio moderno de VSN iniciando a formação de vínculos que com o passar do tempo irão gerar novas formas de identificação com o lugar, o apego e vontade de permanecer no local, assim como respeito e reconhecimento pelo passado.

Desse modo, para que se possa promover o engajamento dessa parcela da comunidade que possui menos motivação para contribuir com a causa da preservação do patrimônio, devem ser **realizadas ações focadas na requalificação desses espaços**. Além disso, apesar de não estar relacionado diretamente com a questão do patrimônio material de VSN, deve-se buscar **o melhoramento dos serviços públicos básicos** para dar o suporte à vida dessas pessoas. Pois não é possível buscar a preservação de um conjunto urbano em um local que não oferece as condições básicas de sobrevivência para a comunidade como um todo.

A requalificação dos espaços físicos da cidade, assim como o melhoramento dos serviços públicos prestados, não é apenas uma estratégia para garantir a participação comunitária e instaurar um vínculo entre comunidade e ambiente construído, mas também, uma forma de resgatar a memória e a história de VSN, posto que um dos principais valores identificados pelas pessoas que lá viveram foi a qualidade de vida proporcionada. É oportuno frisar que não se trata de resgatar o modo de vida tal e qual, ou buscar atingir o mesmo nível que, como foi observado, não existia igual nas cidades brasileiras. Mas devolver a essas pessoas um ambiente qualificado e a oportunidade de um novo sentido de lugar pautado em elementos positivos.

Vale dizer também que essas ações não são responsabilidade apenas de um agente, mas de todos os envolvidos e interessados na preservação do patrimônio e no bem-estar da população. Portanto, a responsabilidade por realizar a ação e buscar recursos para solucionar essas pendências dependem do nível de complexidade do problema. Aqui é oportuno lembrar da existência de ações ou interesse de alguns moradores em atuar proativamente nessas intervenções, portanto, para os casos que sejam possíveis, recomenda-se ações que envolvam a comunidade nos processos.

Dessa forma, para melhor exemplificar e com base naquilo que a comunidade identifica como mais importante, serão apresentadas na sequência algumas ideias. Essas são apenas uma forma de começar a pensar de modo mais amplo os espaços da cidade e os elementos qualificadores. Serão abordados os elementos identificados como principais demandas e também como as principais potencialidades do lugar de acordo com o grau de importância (da maior para a menor):

#### **a) Estrada de acesso a capital Macapá**

Como pode ser observado no capítulo 2, a liberdade e a segurança da locomoção, assim como a possibilidade de acessar os diversos serviços é um fator fundamental para a satisfação dessas pessoas em um lugar (Alrobaee, Al-Kinani, 2019). Deste modo, não por acaso essa foi uma das principais demandas da comunidade e está diretamente relacionada

com o contexto amazônico de urbanização difusa. Para esse caso específico, de relativo isolamento, ter garantido o acesso por meio de uma estrada qualificada representa acesso à saúde (procedimentos complexos); acesso a produtos e alimentos mais diversificados; forma de escoar os produtos produzidos na região; acesso à educação (Universidade) e outros. Além disso, é também elemento-chave para a promoção do turismo na região.

#### **b) Acesso a água e ao saneamento básico**

Esse item é percebido pela comunidade como um dos mais urgentes e está na mesma proporção do anterior. Esse caso é também um dos principais problemas do contexto amazônico, apesar de estar presente em outras diversas partes do Brasil. A falta de acesso aos itens básicos para a sobrevivência desses indivíduos representa nesse cenário em específico a perda da qualidade de vida que um dia existiu. Pois como foi observado anteriormente, as estruturas montadas para suprir essas necessidades no passado são motivo de reconhecimento até os dias de hoje. Dessa forma, apesar de ser uma demanda bastante específica, ela merece ser mencionada e identificada como uma prioridade na região.

#### **c) Pavimentação das vias, requalificação dos passeios**

Mencionados também na mesma intensidade que os itens anteriores, a comunidade sente a necessidade de ter garantido o seu direito de se locomover de forma segura. Pois como pode ser observado no levantamento físico, a situação das ruas e passeios encontra-se bastante precária. O que se observa atualmente na cidade são vestígios da infraestrutura do passado, fator que certamente fortalece a percepção dos moradores de estarem em uma cidade acabada, sucateada e caótica. A importância dessa demanda — que também é de responsabilidade da administração pública — consiste não apenas na garantia do acesso a população, mas no grande impacto visual que a sua deterioração traz para o conjunto urbano. Esse fator também é gerador de sentimentos negativos na comunidade, uma vez que VSN era conhecida pela seu ordenamento e limpeza.

#### **d) Reconstrução do MEC**

Como poder ser observado, o MEC é atualmente um símbolo da decadência e do descaso com o patrimônio de VSN e com a sua comunidade. A perda de sua estrutura original é um marco dessa nova fase e o vazio do espaço que ocupava uma lembrança constante de tudo o que se foi e do que poderia ser, caso seja reconstruído. Pelo que se percebeu nas entrevistas, esse prédio era uma espécie de coração para a comunidade e tem feito falta não apenas para os antigos moradores, como também para os atuais que sofrem com a ausência de espaços destinados ao lazer. Portanto, pode vir a ocupar essa função novamente, ser um

lugar de resgate da memória, ao mesmo tempo em que fomenta a construção de novos vínculos de afeto e identidade na nova comunidade de Serra do Navio. Mesmo que se saiba que existe o plano para a sua reconstrução (com projetos prontos, tapume e placa de obra), merece constar na lista como uma prioridade, pois até o presente momento é apenas um lembrete do abandono.

#### **e) Projeto de readequação e recuperação do CCH**

Como foi observado, quase tão importante quanto foi o prédio do MEC, foi o CCH que abrigava a função de clube e alojamento. Atualmente pelo que se pode perceber na pesquisa bibliográfica e documental, o mesmo encontra em parte abandonado e deteriorado e em parte ocupado por habitantes de baixa renda. Referente a esse prédio, identificado pelos habitantes como um dos lugares de maior significado para a comunidade e para o resgate da memória do lugar, é justo que faça parte da lista de prioridades. A respeito do mesmo, projeta-se a possibilidade de manter a apropriação que já foi realizada, recuperando e readequando o espaço para a habitação social (alojamentos). Quanto à parte que se encontra abandonada, sugere-se que sejam realizadas consultas à população, para então realizar projeto de recuperação e restauro. Contudo, observa-se, em vista da estrutura existente, o potencial para servir como centro comunitário.

#### **f) Recuperação de espaços públicos, mobiliário e gramado**

Na mesma linha dos impactos visuais gerados no conjunto urbano pela falta de manutenção da sua infraestrutura estão os espaços públicos e as extensas áreas gramadas. Fatores que estavam mais presentes nos discursos dos antigos moradores, mas foram identificados no levantamento físico como elementos que podem reforçar a percepção negativa acerca do espaço construído. A esse respeito, é possível enumerar algumas ações simples que poderiam diminuir o impacto visual como (i) a manutenção nas áreas gramadas da cidade (nesse caso a comunidade estaria envolvida); (ii) a retirada das máquinas, ônibus e caminhões da praça central encontrando para elas um local mais adequado; (iii) a requalificação do espaço da praça central e da pracinha infantil (nesse caso poderiam ser realizadas ações conjuntas com a população desde a etapa do projeto até a execução); (iv) a pintura das placas da cidade e restauro dos hidrantes (aqui também poderia haver a participação da comunidade, pois além de engajá-la no processo seria uma oportunidade de resgate da memória do lugar); (v) padronizar o mobiliário urbano de modo que não traga impacto ao patrimônio; (vi) recuperar espaços públicos para o lazer etc.

Além desses, existem ainda muitas possibilidades, nesse caso, diferentemente dos primeiros itens, a oportunidade de envolver a comunidade é muito grande. Seja por meio de mutirões, projetos com a comunidade, com a escola e outras organizações, como igrejas etc.

Essas ações, além de serem relativamente mais simples e servirem para qualificar o espaço, podem servir também como mecanismo de aproximação entre os agentes, de educação patrimonial (na prática), de apropriação (com o auxílio dos técnicos), da sensação de pertencimento e da construção do senso de comunidade. Voltando ao cerne da questão, acredita-se que as ações práticas e direcionadas às qualificações do espaço devem ter mais ressonância na comunidade do que palestras, concursos e atividades direcionadas ao reconhecimento dos valores do local, pois vão além da expectativa que muitas vezes viram motivos de frustração.

#### **g) Incentivos e assistência técnica para as adaptações e conservação do patrimônio edificado**

Como foi observado também nos resultados, quando se trata de apego ao lugar e necessidade de apropriação (formação da identidade de lugar), a relação dos indivíduos com o lugar tende a ser mais forte na escala residencial. Dessa forma, como a intenção é reforçar o vínculo existente nas pessoas que já o possuem, melhorando a sua satisfação com relação ao ambiente em que vivem e também a de propiciar a criação desse laço na população que vive há menos tempo no local. É fundamental que se pense em ações cujo foco são as residências. Como já foi visto, existem uma série de normas que regulam e indicam as possíveis intervenções, no entanto, elas não vêm sendo aplicadas e a comunidade possui muitas dúvidas e inseguranças a esse respeito. Como visto, na maioria das vezes são realizadas modificações nas residências sem respeito aos critérios estabelecidos, ou essas começam a entrar em processo de deterioração pela ação do tempo e falta de manutenção. Além desses fatores ainda há a barreira econômica, onde muitos habitantes não possuem condições financeiras para realizar essas obras.

Esse problema que já havia sido identificado nos estudos da regularização fundiária. Visando solucionar ou contribuir para a mitigação desse problema, foi criando o fundo municipal de patrimônio do município, aprovado pela câmara de vereadores, mas que nunca passou desse estágio. A retomada dessa ação poderia trazer muitos benefícios na busca por um ambiente mais qualificado, pois é uma forma de captar recursos para melhorar a vida dos cidadãos de Serra do Navio. Esse é mais um caso que exige uma ação mais efetiva da administração pública no local. No entanto, além dessa estratégia, poderiam ser pensadas outras ações nesse sentido, algumas citadas anteriormente, como a presença de agentes que fizessem um trabalho local com a comunidade identificando as demandas, contribuindo com os projetos e encaminhamento para o Órgão. Oficinas e ações comunitárias são um exemplo.

#### **h) Promoção de Eventos culturais**

Outro item identificado na comunidade que pode servir como um catalisador para a formação ou manutenção da identidade com o lugar é a promoção de eventos culturais e festivais. Como foi observado nas entrevistas essa é uma característica forte da comunidade de Serra do Navio (todos os grupos). Atualmente observou-se a ocorrência de dois eventos principais: a Festa do Cupuaçu (evento pós-ICOMI) e o Encontro dos Serrados (ex-funcionários da empresa). Para esse caso, a ideia é a manutenção dos mesmos, contudo observando a possibilidade de transformar o Encontro dos Serranos em um evento que sirva não apenas para o resgate da memória dos ex-funcionários, mas de divulgação da memória e da história vivida no período. Essa abertura poderia ser uma forma de aproximar os grupos, permitindo que os novos moradores possam se apropriar do passado do local, diminuindo assim, as objeções relatadas nas entrevistas. Ainda, poderiam ser retomadas e readaptadas (observando as identificações da comunidade atual) algumas tradições do período, como o Baile das Flores (pois sabe-se que esse continuou a ser realizado mesmo após o fechamento da empresa) e Festa da Mina (em um novo formato, uma vez que a atividade mineradora ainda é a principal fonte econômica da região).

#### **i) Ações de incentivo a memória**

Em alguns itens anteriores esse tópico já foi abordado, pois, apesar de identificar a requalificação do ambiente como uma ação mais rápida e que tem a possibilidade de impactar um número maior de pessoas, é fundamental que se propiciem ações que visem o resgate à memória do lugar e das pessoas que ainda vivenciaram esse momento. Como foi identificado nos resultados, o apego e a identidade pela memória é muito forte, mas em uma pequena parcela da comunidade. A maioria das pessoas que vive no lugar não possui esse laço e algumas, segundo relatos, até refutam a memória e história do lugar. Diante desse cenário e da identificação de vários entrevistados sobre a presença de moradores que são tidos como memórias vivas do período ICOMI, seria mais uma possibilidade a realização de ações que visem o resgate da memória social, como produções de livros, curtas, filmes e até vídeos curtos (visando às redes sociais). Lembrando que a memória do lugar não precisa se restringir aos ex-funcionários da ICOMI, mas das pessoas e das outras identidades que vivem no local também.

#### **j) Ações de incentivo ao turismo local**

O turismo, em especial da exuberância natural da região, foi identificado com um de seus principais potenciais antes mesmo do potencial mineral. Esse reconhecimento abarcou todos os entrevistados de todos os grupos e é enunciado já há algum tempo como uma meta para o desenvolvimento econômico da região. Segundo alguns entrevistados, o turismo local cresceu nos últimos anos e esse crescimento está relacionado com iniciativas individuais de

pessoas que promovem passeios na região ou que estruturam seus 'terrenos' e acesso a rios, cachoeiras, igarapés etc para receber visitantes. Em visita ao local, observou-se também algumas ações da prefeitura referentes aos locais de sua gerência, como a Lagoa Azul por exemplo. No entanto, não foi mencionado uma só vez, o conjunto urbano como atrativo para o turismo, ou seja, a população não percebe a cidade e a preservação do patrimônio como uma forma de melhorar a situação econômica do município e deixá-lo mais independente da exploração mineral que é finita. Dessa forma, salienta-se a necessidade de chamar a atenção da comunidade para esse atrativo turístico de forma planejada e com auxílio técnico, pois não há dúvidas de que esse é o caminho mais potente para fomentar o desenvolvimento e a independência econômica do local, além de promover a preservação e a memória do lugar.

#### **k) Campanhas de preservação da natureza**

A natureza e o clima de Serra do Navio foram identificados também como aspectos qualificadores do espaço (ambiente natural) e é uma presença bastante forte na percepção das pessoas que vivem em VSN. Pois, como foi visto anteriormente o patrimônio modernista de VSN é porta de entrada para o patrimônio natural Reserva Parque da Serra do Tumucumaque.

Dito isso, é imprescindível que haja ações em prol do meio ambiente e que elas estejam de alguma forma relacionadas com a preservação do patrimônio de VSN. Essas campanhas podem ser mais uma forma de incentivar a participação da comunidade na preservação do patrimônio e do meio ambiente. Um exemplo seriam campanhas que visem incentivar a preservação do patrimônio por meios sustentáveis. A inserção desse tópico na lista de caminhos e possibilidades reflete não apenas a importância de tratar dessa temática fundamental, mas de fortalecer o potencial sentido que a região já possui e reconhece, afinal trata-se aqui de um patrimônio moderno no ambiente amazônico, ou seja, a preservação ambiental precisa fazer parte de toda atividade realizada no lugar.

## 6. CONCLUSÃO

Em vista do grande desafio de promover o envolvimento da comunidade nos processos de preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico, em especial dos bens derivados do movimento moderno cujo valor, na maioria das vezes, é percebido por estes de forma menos clara. Considerando ainda a relevância do patrimônio moderno no território brasileiro e as diferenças continentais entre as regiões em que essas obras foram implantadas e que são hoje protegidas em âmbito nacional. O presente trabalho buscou abordar a temática da percepção da comunidade sobre o patrimônio moderno no ambiente amazônico, levando em consideração especialmente a incipiência de mecanismos que considerem as atribuições da comunidade local sobre o patrimônio moderno que estão inseridos.

Ainda, com o intuito de privilegiar a perspectiva desses indivíduos — compreendendo que as suas apreensões acerca do patrimônio moderno em ambiente amazônico não são as mesmas dos agentes técnicos ou das justificativas de valor presentes nos seus discursos e que também são possivelmente influenciadas pelas especificidades do lugar — o trabalho foi abordado pela ótica da área da psicologia ambiental. Pois essa possibilita uma visão ampla do contexto como um todo, permitindo que sejam averiguados não apenas as percepções da comunidade sobre o ambiente em que habitam, como a inter-relação que define o contexto do patrimônio estudado. Contribuindo assim para que fosse possível responder a seguinte pergunta de pesquisa: a partir da análise da inter-relação entre comunidade e patrimônio moderno em ambiente amazônico e da identificação do sentido de lugar, como é possível propiciar o envolvimento da comunidade local nas ações de preservação?

Para que o objetivo geral de propor caminhos que propiciem o envolvimento comunitário nos processos de preservação do patrimônio moderno no ambiente amazônico, a partir da identificação do seu sentido de lugar e das inter-relações de seu contexto fosse alcançado, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Caracterizar as informações sobre o contexto histórico, cultural e social em que o patrimônio selecionado se insere.
- b) Caracterizar a situação de preservação do patrimônio moderno em ambiente amazônico selecionado para o estudo de caso (contexto físico).
- c) Identificar as principais contradições e dificuldades que implicam na relação dos agentes envolvidos no processo de preservação do patrimônio moderno estudado.

- d) Identificar e interpretar os valores atribuídos — sentido de lugar — positivos ou negativos, pela comunidade ao patrimônio moderno em ambiente amazônico que estão inseridas.

Esses foram atingidos a partir da coleta de dados (pesquisa bibliográfica e documental, levantamento físico e entrevistas semiestruturadas) e da análise qualitativa de um estudo de caso, cujo campo foi realizado no único patrimônio modernista nacional localizado no ambiente amazônico, o Conjunto Urbano Vila Serra do Navio/AP.

### 6.1. RESULTADOS DA PESQUISA

Em síntese, foi possível observar que o conjunto urbano de Vila Serra do Navio, foi projetado — dentro dos preceitos modernos a fim de atender a demanda de uma cidade companhia — para uma função bastante específica cumprindo-a com excelência pelo período de 42 anos. Nesse período, onde a Vila era privada e administrada pela empresa, os seus moradores (funcionários) tiveram todas ou quase todas as suas necessidades supridas, as quais eram mantidas tanto pela qualidade do projeto, quanto pela administração, que buscava a satisfação dos funcionários e de seus familiares a fim de propiciar um bom desempenho no ambiente de trabalho e permanência dessas pessoas no lugar.

Em entrevista com ex-moradores e moradores que vivenciaram o período ICOMI, pode ser observado que a qualidade do lugar nesse período cumpriu com o propósito. O suporte para o desenvolvimento pessoal dos funcionários e de seus familiares permitiu não apenas a permanência no lugar, como a mitigação dos impactos, derivados do regime de controle e segregação impostos pela empresa e também pelo contexto de isolamento e inospitalidade advindos do contexto amazônico no qual estavam inseridos. Além disso, o incentivo à vida social que era propiciado tanto pela ICOMI quanto pelo ambiente construído (pontos de encontro e lazer), favoreceram a criação de forte vínculo que hoje se refletem em forma de apego e identidade com o lugar e senso de comunidade entre os grupos formados por pessoas que viveram no local no período ICOMI.

O apego e a identidade com o lugar são tão estabelecidos entre esse grupo, que mesmo os funcionários que não estão mais na cidade e nem no estado mantêm contato e visitam periodicamente VSN. Visitas que ocorrem em sua grande parte durante o evento chamado Encontro dos Serranos. Nessa reunião, segundo os relatos, eles rememoram o período em que viveram em Serra do Navio e Santana, fazem festas e visitam o local, fato que é uma demonstração clara da necessidade de resgate à memória.

Dessa forma, pode-se dizer que a identificação desses indivíduos com o patrimônio moderno em ambiente amazônico se dá **basicamente pela história e memória do lugar no**

**período ICOMI.** Isto é, quando agem em prol do patrimônio material o fazem por apego ao passado e não pela representatividade da arquitetura e do urbanismo moderno no ambiente amazônico. Os entrevistados não mencionam essa questão em nenhum momento e inclusive, muitas vezes não a reconhecem como representante da arquitetura brasileira e sim proveniente dos Estados Unidos. Fator que demonstra o distanciamento perceptivo entre comunidade (aqui inclui-se os representantes da administração pública) e agentes técnicos.

Contudo, apesar da existência desses construtos entre os antigos funcionários e seus familiares com o patrimônio, eles são a minoria no contexto atual de VSN, em que a maior parte da população reside na cidade por um período menor que oito anos. Referente a essa parcela da comunidade, percebeu-se que a mesma não possui ainda relação de identificação com o lugar, tampouco de apego. Nesse caso, esses indivíduos não percebem o valor do patrimônio em si, nem o histórico e memorialístico identificado nos grupos minoritários de ex-funcionários. Restando apenas a percepção que possuem acerca do seu entorno e sua satisfação quanto ao atendimento de suas necessidades, ou seja, seu sentido de lugar está diretamente relacionado com a sua percepção acerca da qualidade do lugar.

Referente a essa percepção, observou-se que atualmente ambos os grupos se encontram insatisfeitos com a qualidade do lugar, ou seja, ela não propicia o suporte de que necessitam para se desenvolver ou quererem permanecer no local. As pessoas que habitam o patrimônio de VSN atualmente permanecem lá pelo apego ou estabilidade adquiridas pela memória e tempo de moradia (grande minoria) ou então pela oportunidade econômica proporcionada pelas empresas mineradoras que estão na região. A tendência é que as mudanças de contingente populacional continuem acontecendo a depender da exploração de minério na região. Fator que dificulta a construção de qualquer tipo de vínculo por apego ou identidade com o lugar e consequentemente o envolvimento da comunidade nas ações relacionadas à preservação do patrimônio.

Em suma, o sentido de lugar atual tem se dado em sua grande parte por percepções e sentimentos negativos que foram identificados em todos os grupos. Quanto ao grau desse sentido para esses indivíduos, percebeu-se que ele está diretamente relacionado com o fato de se ter vivido o período ICOMI ou não. Os que viveram o referido momento apresentam um forte sentido de lugar, que está vinculado com as suas vivências passadas, ou seja, com um sentido que não existe mais a não ser em suas memórias. Pois como foi possível observar VSN não apresenta mais as características que sustentavam a satisfação dessas pessoas anteriormente. Quanto ao sentido dos moradores mais recentes, percebe-se dois cenários, os que se sentem pertencentes ao lugar, mas não possuem vínculo com o passado

e os que demonstram conhecer os significados do lugar, mas não se sentem parte dele (esses são a maior parte da população atualmente).

Aliado ao fator da percepção da comunidade sobre VSN, foi identificado que um dos principais obstáculos que dificultam o trabalho em prol do engajamento da comunidade na causa da preservação do patrimônio — assim como a proteção efetiva do mesmo — é **a relação distante entre os agentes que deveriam estar envolvidos no processo**. Como visto no decorrer do capítulo dos resultados, o distanciamento já estava estabelecido antes mesmo do tombamento — que nunca teve aprovação perante os olhos da comunidade — e mesmo com as incansáveis investidas do IPHAN, a relação de animosidade, desconfiança e incredibilidade não foi mitigada. Situação que se dá, de acordo com o que foi identificado e interpretado da situação exposta, pelos seguintes motivos:

- a) A relação de dependência econômica da comunidade em relação às empresas mineradoras que hoje atuam no local.
- b) A ineficácia das ações realizadas até o presente momento para garantir a preservação do patrimônio e o engajamento da comunidade no processo.
- c) A relação de animosidade entre comunidade e IPHAN.
- d) A relação de ambiguidade entre administração pública e IPHAN.
- e) O contexto de desinformação a respeito da temática da preservação do patrimônio e dos papéis de cada agente no processo.

Referente ao último item, o mesmo está diretamente relacionado com a presença de uma narrativa desinformativa que culpabiliza o tombamento e o Órgão pela situação de degradação em que o patrimônio se encontra, assim como pela obstaculização do desenvolvimento na região. A insurgência de tal discurso, proferido por quase todos os entrevistados, inclusive pelos representantes da administração pública, segundo observação dos agentes técnicos, ocorreu em grande parte pela descontinuidade (reflexo da pandemia de Covid-19) do trabalho que vinha sendo realizado na região.

Sem dúvida esse fator, assim como os outros abordados anteriormente, dificulta não apenas o engajamento da comunidade da preservação do patrimônio como a proteção do mesmo (propriamente dita), pois até o presente momento essa ação não ocorreu de forma satisfatória. Muito provavelmente pela incipiência da participação popular e não somente ela, mas a criação de mecanismos que considerem de fato a percepção e os valores que são atribuídos ao patrimônio pela comunidade ou, então, que podem vir a ser. Como foi observado, a comunidade mais apegada reconhece apenas o valor histórico e memorialístico do patrimônio, pois a qualidade do lugar deixou de existir. Fato que provavelmente explica o porquê de mesmo quem viveu o período ICOMI se manifesta contrário ao tombamento.

Aqui cabe a reflexão acerca das ações equivocadas do Órgão no processo de tombamento e também de fiscalização após a sua concretização, dado que muitas dessas dificuldades provém desse momento. Dentre os principais motivos, a não observância da percepção da comunidade acerca do patrimônio em que estavam inseridas, pois na ocasião a comunidade disse não concordar com a patrimonialização de um ambiente que estava em um processo vertiginoso de degradação e reivindicava atitudes em prol dessa infraestrutura. A leitura da época por parte dos agentes técnicos foi a de que a comunidade não compreendia os benefícios da ação e o papel do Órgão. Porém pelo que se pôde perceber no decorrer da pesquisa, a manutenção da qualidade do lugar era também a preservação do sentido de lugar de VSN. Além de um caminho fértil para a criação de novos vínculos com o lugar e para a formação de novas relações e estabelecimento de novas identidades e apego.

As consequências derivadas desses equívocos ocorreram, em grande parte, pois esses indivíduos assim como o grupo MO POS não conseguem ver sentido na preservação de um patrimônio que perdeu o seu principal valor, **a qualidade de vida proporcionada pelo ambiente construído**. Portanto, a proposta do presente trabalho consiste **em priorizar ações, sempre que possível com a participação comunitária, em prol da requalificação do patrimônio moderno de VSN** (lembrando que também é imprescindível o melhoramento dos serviços públicos e incentivo a novas formas de subsistência na região). Pois assim **o valor seria resgatado** para os grupos de ex-funcionários e **construído para os novos moradores** da região, que pela qualidade de vida e oportunidade ao seu desenvolvimento, poderiam permanecer no lugar e se engajar na causa, evitando as renovações populacionais que têm sido parte da dinâmica local.

Com base nessas identificações, nas demandas e nas potencialidades identificadas pela comunidade foram realizadas algumas sugestões, no primeiro momento direcionadas aos agentes envolvidos de forma abrangente e, no segundo, observando o ambiente construído e natural que influencia o sentido de lugar de VSN:

**IPHAN:** realizar trabalhos de publicidade evidenciando as suas ações, atribuições e os meios de contato com a comunidade, aliado a um trabalho presencial mais assíduo na região focado no contato com as pessoas e não apenas na fiscalização do patrimônio.

**PREFEITURA MUNICIPAL:** assumir o seu papel de gestora de forma mais contundente; investir na formação de corpo técnico atuando presencialmente dentro da prefeitura municipal; dar continuidade ao trabalho de instrumentalização para atuar na região (Plano Diretor, etc); dar continuidade a regularização das moradias; retomada do Fundo Municipal de Preservação Patrimonial do município.

**EMPRESAS PRIVADAS:** criação de mecanismos que possam organizar as principais demandas locais e destinar possíveis recursos advindos dessas empresas para a manutenção e conservação do patrimônio da cidade.

**COMUNIDADE:** estimular a proatividade (identificada em alguns moradores) por meio de ações de intervenção no patrimônio de forma orientada e assistida.

**AMBIENTE FÍSICO:**

- a) Melhoria da estrada de Acesso à capital Macapá.
- b) Acesso a água e ao saneamento básico.
- c) Pavimentação das vias, requalificação dos passeios.
- d) Reconstrução do MEC.
- e) Projeto de readequação e recuperação do CCH.
- f) Recuperação de espaços públicos, mobiliário e gramado.
- g) Incentivos e assistência técnica para as adaptações e conservação do patrimônio edificado.
- h) Promoção de Eventos culturais.
- i) Ações de incentivo à memória.
- j) Ações de incentivo ao turismo local.
- k) Campanhas de preservação da natureza.

## 6.2. PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto até aqui, corroborando o que se havia assumido no desenvolvimento do referencial teórico, foi possível identificar o sentido de lugar atribuído ao patrimônio moderno de VSN a partir da exploração dos construtos (apego, identidade e qualidade do lugar). Por sua vez, permitiram que fossem observados: as predominâncias de cada um na atribuição do sentido; o grau dos vínculos existentes, os objetos de apego e identificação, a existência da predisposição a ações proativas; as principais demandas e as potencialidades identificadas no local. Achados que nortearam caminhos potenciais para resgatar o sentido de lugar positivo, construir novos vínculos, propiciar a permanência na região e finalmente dar condições para que ocorra o engajamento da comunidade nos processos de preservação do patrimônio moderno de VSN.

A investigação do contexto patrimonial a partir da ótica da psicologia ambiental demonstrou ser bastante eficaz, em razão de permitir uma perspectiva ampla que ultrapassa a seara do bem material e das atribuições com base na ótica técnica, privilegiando a percepção da comunidade e o seu contexto como um todo. Os resultados obtidos permitiram evidenciar o peso que a participação dos habitantes que vivenciam o espaço possui para que a proteção seja realizada de forma eficiente. Assim como é fundamental considerar suas

perspectivas ante a elaboração de estratégias de preservação. Durante o estudo verificou-se que a mesma não foi abarcada de forma satisfatória até então, mesmo que as ações do IPHAN hoje em dia sejam mais inclusivas.

Dentre as principais questões que impedem o envolvimento da comunidade no processo de preservação do patrimônio de VSN está a desarticulação e distanciamento entre os agentes envolvidos como foi visto, mas em especial, a falta de compreensão desses indivíduos sobre os motivos que fundamentam essa preservação. Para a grande maioria — com exceção do reconhecimento do valor histórico e memorialístico (minoridade da população) — não há sentido em preservar um ambiente que perdeu a capacidade de promover o que tinha de mais especial, a qualidade de vida de seus habitantes. Esse fator não está somente atrelado a função de garantir o usufruto das pessoas que vivenciam o patrimônio. No caso de VSN isso vai além, visto que a cidade era sinônimo de qualidade de vida, como diz a placa de entrada da cidade “Serra do Navio cidade de gente feliz”.

Dessa forma, por mais óbvio que pareça ser e difícil também — uma vez que há uma imensa dificuldade da administração pública em garantir a manutenção da infraestrutura e dos prédios que estão sob sua posse, além de outras questões — o caminho mais promissor para o engajamento da comunidade nos processos de preservação do patrimônio e conseqüentemente da proteção do mesmo está na priorização dos aspectos qualificadores do espaço. Pois é bastante improvável que a comunidade consiga estabelecer laços em um lugar com o qual não possui um passado ambiental e que não oferece as condições mínimas para o seu estabelecimento e desenvolvimento.

Ponto-chave que faz parte do caso estudado e que indica reflexões para pesquisas futuras relacionando a temática da preservação do patrimônio às desigualdades sociais, a precariedade ou inexistência de infraestrutura básica nas cidades, ao direito à moradia, à falta de instrumentos legais para o planejamento urbano, à falta de corpo técnico especializado dentro das prefeituras municipais etc. Situações que infelizmente são bastante recorrentes no cenário brasileiro e potencializadas no ambiente amazônico, como foi possível observar no capítulo 2.

### 6.3. DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Apesar do resultado ter demonstrado que a busca pelo sentido de lugar é um caminho bastante promissor para a leitura da inter-relação entre comunidade e patrimônio arquitetônico e urbanístico, pois demonstra com riqueza de detalhes a percepção desses indivíduos assim como a relação dos mesmos com o ambiente, foram identificadas algumas limitações na pesquisa, as quais estão relacionadas com a metodologia e o período de pandemia que

impossibilitou visitas mais frequentes ao lugar. Assim como técnicas que pudessem demonstrar de forma mais detalhada a visão coletiva acerca do local estudado, como o grupo focal por exemplo, que foi pensando em um primeiro momento mais mostrou-se inviável durante o processo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALROBAEE, T R ; AL-KINANI, A S . Place dependence as the physical environment role function in the place attachment, IOP Conf. Ser.: Mater. Sci. Eng. 698 033014, 2019. Disponível em: <https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1757-899X/698/3/033014/meta>. Acesso em: Nov 2021.

ALONSO, P. H. **A construção de um patrimônio cultural: o tombamento federal de Cataguases, Minas Gerais**. Belo Horizonte/MG: 201 p. Dissertação (Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/ MG, 2010.

ANDRADE JÚNIOR, ANDRADE, FREIRE. O IPHAN e os desafios da preservação do patrimônio moderno: A aplicação na Bahia do Inventário Nacional da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Modernos. 8º Seminário DOCOMO Brasil: Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Artes. Rio de Janeiro/RJ, 2009. Disponível em: <<http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/142.pdf>>. Acesso em: Jan 2021.

ANTON, C.H; LAWRENCE, C. Home is where the heart is: The effect of place of residence on place attachment and community participation. Elsevier: **Journal of Environmental Psychology**. v.40, p. 451-461.

ALTMAN, I and LOW, S.M. **Place Attachment**. New York: Plenum Press, 1992. ISBN 978-1-4684-8759-4. (Arquivo Kindle). Paginação irregular.

BECKER, B. **Amazônia: Geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: 3ª Edição. Perspectiva, 2001

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: out. 2019.

Notícia CAU-RR. **IV Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia**. Boa Vista/RR; Online. 2019. Disponível em: <<https://www.caurr.gov.br/iv-seminario-de-arquitetura-moderna-na-amazonia/>>. Acesso em: jan. 2021.

WAN, C; SHEN, G Q; CHOI, S. Pathways of place dependence and place identity influencing recycling in the extended theory of planned behavior. **Journal of Environmental Psychology**. V 81, p 233-248, 2022.

CANTER .D. **The Psychology of place**. London. The Architectural Press LTD, 1977. (Arquivo Kindle).

CARRUS.G, SCOPELLITI. M, FORNARA. F, BONNES.M, BONAIUTO. M. Place Attachment, Community identification, and Pro-Environmental Engagement. In: MANZO. L.C, DEVINE-WRIGHT. P, **Place Attachment: advances in theory, methods and applications**. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2014. Cap.12, p.154-164. E-BOOK. ISBN.978-0-203-75776-5. (Arquivo Kindle).

CASTELLO, L. **A percepção de Lugar**: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Porto Alegre: PROPAR – UFRGS, 2007.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas e instrumentos**. São Paulo: Ed. Annablume, 2009.

CASTRIOTA, L.B. Intervenções sobre o Patrimônio Urbano: Modelos e Perspectivas. Belo Horizonte: **FORUM PATRIMÔNIO: ambiente construído e patrimônio sustentável**, v.1, n.1, 2007.

CAVALCANTE, S; ELIAS, T.F. Apropriação. In CAVALCANTE, S; ELALI, G.A. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017. E-BOOK. ISBN. 978-85-326-5551-6.

CERETO, M. P. O moderno regional? Considerações sobre um patrimônio em extinção. 6º Seminário DOCOMOMO Brasil: Moderno e Nacional. Niterói/RJ, 16 a 19 de nov. 2005. Disponível em: > <https://docomomo.org.br/course/6-seminario-docomomo-brasil-niteroi/>. Acesso em: jan. 2021.

CHANGE.ORG. Precisamos Destombar Serra do Navio no Amapá (2022). Disponível em: [https://www.change.org/p/excelent%C3%ADssimo-senhor-presidente-da-rep%C3%BAblica-federativa-do-brasil-jair-messias-bolsonaro-precisamos-destombar-serra-do-navio-no-amap%C3%A1?recruiter=1186222203&recruited\\_by\\_id=57805cd0-85bf-11eb-95a0-5d936c2787f8&utm\\_source=share\\_petition&utm\\_campaign=share\\_petition&utm\\_medium=whatsapp&utm\\_content=washarecopy\\_32241685\\_pt-BR%3A3](https://www.change.org/p/excelent%C3%ADssimo-senhor-presidente-da-rep%C3%BAblica-federativa-do-brasil-jair-messias-bolsonaro-precisamos-destombar-serra-do-navio-no-amap%C3%A1?recruiter=1186222203&recruited_by_id=57805cd0-85bf-11eb-95a0-5d936c2787f8&utm_source=share_petition&utm_campaign=share_petition&utm_medium=whatsapp&utm_content=washarecopy_32241685_pt-BR%3A3). Acesso em: Mar 2022.

CHOAY, F. **A alegoria do Patrimônio**. 6 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2017.

CHUVA, M.R.R. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)**. 2ªEd.Rio de Janeiro:UFRJ, 2017.

COSTA, A.C.S. Preservação da arquitetura moderna na Vila Serra do Navio – Amapá. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP,2019.

COSTA, E B da. Patrimônio e Território Urbano em Cartas Patrimoniais do Século XX. Lisboa: **Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia**. XLVII, Vol. 43, 93, 2012, p. 5-28. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1255>. Acesso em: abr. 2021.

DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 1990.

DEL RIO, V. **Desenho Urbano e Revitalização na Área Portuária do Rio de Janeiro: A contribuição do Estudo da Percepção Ambiental**. São Paulo/SP: Universidade de São Paulo, 548 p. Tese de doutorado (Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 1991.

DIAS, R; CHAVES, C. A construção da Historiografia da Arquitetura Moderna na Amazônia: estudo da arquitetura residencial de Belém. 4º Seminário Ibero-americano. Belo Horizonte/MG, 25 a 27 de Nov. 2015. Disponível em: <https://lahcablog.files.wordpress.com/2017/02/arqdoc.pdf>

DRUMMOND, José Augusto. Investimentos privados, impactos ambientais e qualidade de vida num empreendimento mineral amazônico: o caso da mina de manganês de Serra do Navio (Amapá). **História, Ciência, Saúde**, Mangueiras, v. VI (suplemento), p. 753-792, 2000.

DRUMMOND, José Augusto; PEREIRA, Mariângela Póvoas. **O Amapá nos Tempos do Manganês: Um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico 1943-2000**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.

FERREIRA, L V; VENTICINQUE, E; ALMEIDA, S. **O desmatamento na Amazônia e a importância das áreas protegidas**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP): Dossiê Amazônia Brasileira Estud. av. 19 (53), Abr 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/iea/a/FmmfG3MTN5ZHkGYdpCfNtk/?lang=pt>. Acesso em: jan. 2020

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio histórico na sociedade contemporânea**: discurso de posse. RIHGB. Rio de Janeiro: IHGB, n 428, p. 165-175, 2005. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/revistas/Escritos\\_1/FCRB\\_Escritos\\_1\\_7\\_Cecilia\\_Londres.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/revistas/Escritos_1/FCRB_Escritos_1_7_Cecilia_Londres.pdf). Acesso em: abr. 2021.

FONSECA, M.C.L. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 4ª Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In BAUER W. Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2008.

GÜNTER, H; ELALI, G. A; PINHEIRO, J. Q. Multimétodos. In. CAVALCANTE, S; ELALI, G,A. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017. ISBN 978-85-326-5551-6 (Edição Digital).

GÜNTER, H. A psicologia ambiental no campo interdisciplinar do conhecimento. São Paulo/SP. **Psicologia USP**. v.16 (1/2). p. 179-183, 2005.

**G1. Incêndio e desabamento do prédio no Largo do Paissandu completam um ano**; veja o que se sabe sobre o caso. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/01/incendio-e-desabamento-do-predio-no-largo-do-paissandu-completa-um-ano-veja-o-que-se-sabe-sobre-o-caso.ghtml>. Acesso em: Mar 2021.

GOOGLE STREET VIEW. **Serra do Navio. Amapá**, 2012. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/R.+A+Tres,+625+-+Centro,+Serra+do+Navio+-+AP,+68948-000,+Brazil/@0.90947,-52.0150436,1836a,35y,121.81h,44.49t/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x8d6381ed7a966f73:0xbd3a3f11b9077bc4!8m2!3d0.9026983!4d-52.0024356?hl=en>. Acesso em: set. 2020.

GOOGLE STREET VIEW. **Serra do Navio. Amapá**, 2021. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/R.+A+Tres,+625+-+Centro,+Serra+do+Navio+-+AP,+68948-000,+Brazil/@0.90947,-52.0150436,1836a,35y,121.81h,44.49t/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x8d6381ed7a966f73:0xbd3a3f11b9077bc4!8m2!3d0.9026983!4d-52.0024356?hl=en>. Acesso em: set. 2020.

HAY, R. Sense of Place in developmental context. **Journal of Environmental Psychology**. v. 18. p. 5-29, 1998.

HIGUCHI, M. I. G; KUHNEN, A; PATO, C. **Psicologia Ambiental em Contextos Urbanos**. 1ª Ed. Florianópolis/SC: Edições do Bosque/CFH/UFSC, 2019.

HUMMON, D.M. Community Attachment: Local Sentiment and Sense of Place. In. ALTMAN, I and LOW, S.M. **Place Attachment**. New York: Plenum Press, 1992. ISBN 978-1-4684-8759-4. Arquivo Kindle. Paginação irregular.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico Serra do Navio**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/serra-do-navio>. Acesso em: mai. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Ecoamazônia: Fundação para o desenvolvimento da Amazônia**. 2021. Disponível em: <https://www.ecoamazonia.org.br/2020/06/ibge-atualiza-mapa-amazonia-legal/>. Acesso em: abr. 2021

ICOMOS. Carta de Atenas 1931. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>. Acesso em: 20 de Out 2019.

ICOMOS. Carta de Veneza 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: out. 2019.

ICOMOS Declaração de Amsterdã de 1975. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20de%20Amsterda%CC%83%201975.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2019

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo de Tombamento. Cataguases. MG. 1.342-T-94.** Belo Horizonte, 1994.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê de Tombamento de Serra do Navio, 1567-T-08** – IPHAN – 2012.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Política do Patrimônio Material Cultural.** Brasília: IPHAN, 2018.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nota técnica nº 14/2018/CGN/DEPAM, documento (0950155). **Processo de Rerratificação de Serra do Navio.** Processo SEI nº 01450.001633/2018-37, 2018a.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Lista de Bens Tombados e Processos de tombamento,** 2019. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Bens%20tombados%20e%20processos%20de%20tombamento%2025-11-2019.pdf>. Acesso: Mar 2021.

JORGENSEN, B. S; STADMAN, R. C. Sense of Place as an attitude: Lakeshore owners attitude toward properties. Elsevier: **Journal of Environmental Psychology**, 2001, v.21, p. 233-248.

JORGENSEN, B. S; STADMAN, R. C. A comparative analysis of predictors of sense of place dimentions: Attachment to, dpencece on, and indentification with lakeshore properties. **Journal of Environmental Management.** 2006. v.79, p.316-327. 2006

JULIANELLI, A. R.B.E. Limites e Desafios da Preservação de Conjuntos Urbanos Modernos no Brasil: Vila Serra do Navio (1955-2018). Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. (2019).

KONG, L & YEOH, B.S. A. The meanings and making of place: Exploring history, community and identity. In Portraits of places: History, community and identity in Singapore . **Singapore: Times Editions**, 1995. p. 13-23

LEWICKA, M. Place attachment, place identity, and place memory: Restoring the forgotten city past. Elsevier: **Journal of Environmental Psychology.** V.28, p 209-231, 2008.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade.** 3ª Ed.São Paulo: WMF Martins Pontes, 2011.

MAGALHÃES, M. C.O. Patrimônio cultural e tecnologia social: Experiências de preservação e propostas de participação para a Vila Serra do Navio/AP na Amazônia. Dissertação de Mestrado Profissional – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, RJ, 2019.

- MANZO L. C. PERKINS, D. D. Finding Common ground: the importance of place attachment to community participation and development. **Journal of Planning Literature**, v.20, p. 335-350, 2006.
- MOSER, G. **Introdução à Psicologia Ambiental: pessoa e ambiente**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2018.
- MOURÃO, A.R.T; CAVALCANTE, S. Identidade de lugar. In. CAVALCANTE, S; ELALI, G,A. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017. ISBN 978-85-326-5551-6 (Edição Digital).
- NASCIMENTO, L.M. do; PFLUEGER, G.S. A memória da arquitetura moderna na cidade de São Luís no Maranhão (Brasil) no período de 1930 a 1960. In: TOSTES, J. A. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo na Amazônia**. Macapá/AP: UNIFAP, 2019.
- NASCIMENTO, F.B do. **Blocos de Memórias: Habitação Social, Arquitetura Moderna e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2016.
- NASCIMENTO, F.B; SCIFONI S. Lugares de memória: trabalho, cotidiano e moradia. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.7, n.13, Jul./Dez.2015 – ISSN- 2177-4129.
- OLIVEIRA, A. E. Amazônia: modificações sociais e culturais decorrentes do processo de ocupação humana (séc. XVII ao XX). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia**, v. 4, n. 1, p. 65-115, 1988.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus**. 2021. Online. Disponível em: <https://www.paho.org/pt>
- PMSN. Câmara de Vereadores de Serra do Navio/AP. Lei 436/2018. Estabelece normas de regularização fundiária de assentamento urbano do distrito sede de Serra do Navio do município Serra do Navio. Disponível em: <[http://ap.portaldatransparencia.com.br/prefeitura/serradonavio/index.cfm?pagina=lei\\_decreto](http://ap.portaldatransparencia.com.br/prefeitura/serradonavio/index.cfm?pagina=lei_decreto)> Acesso: Abr 2020.
- PMSN. Câmara de Vereadores de Serra do Navio/AP. Lei 439/2019. Cria o Fundo Municipal de Preservação Patrimonial do Município de Serra do Navio. Disponível em: <[http://ap.portaldatransparencia.com.br/prefeitura/serradonavio/index.cfm?pagina=lei\\_decreto](http://ap.portaldatransparencia.com.br/prefeitura/serradonavio/index.cfm?pagina=lei_decreto)> Acesso: Abr 2020.
- PROSHANKY, H. M; FABIAN, A.K; KANINOFF, R. Place-Identity: Physical world socialization of the self. Elsevier:**Journal of Environmental Psychology**, v. 3, p. 57-83,1983.
- SANTOS, C. R; LAGE, C.F. Cataguases: patrimônio da modernidade. **Revista Arqitextos Online**, 2005. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqitextos/05.056/512>. Acesso em: Nov. 2020.
- SCANNEL, L; GIFFORD, R. Defining Place Attachment: A tripartite organizing Framework. Elsevier: **Journal of Environmental Psychology**, v.30, p. 1-10, 2010.
- SCANNEL, L; GIFFORD, R. The experienced psychological benefits os place attachment. Elsevier: **Journal of Environmental Psychology**, v.51, p.259-269, 2017.
- SCIFONI S. A construção do Patrimônio Natural. São Paulo/SP: Universidade de São Paulo, 243 p. Tese (Geografia Huamana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/SP, 2006.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, R. A. **O desafio da preservação do patrimônio arquitetônico modernista no Rio de Janeiro**. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%2B%C2%BA%2B%C3%BAo%20Renato%20Alves%20e%20Silva.pdf>. Acesso em: Jan 2021.

RABELLO, S. O Tombamento. **Dicionário Iphan de Patrimônio Cultural**. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Tombamento%20pdf\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Tombamento%20pdf(1).pdf). Acesso em: Dez 2020.

RAMOS, F. G. V. Desafios para a preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico modernos em São Paulo: O Docomomo no início do século 21. **Revista Arquitextos**, Online, 2018. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.219/7039>. Acesso em: Ago. 2020.

RIBEIRO, Benjamin Adiron. **Vila Serra do Navio: comunidade urbana na Selva Amazônica**. São Paulo: Editora PINI, 1992.

RUBINO, S. O mapa do Brasil passado. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 24, 1996, p.p. 97-105. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat24.pdf>. Acesso em: Mar 2021.

RYDEN, K.C. **Mapping the invisible landscape: folklore, writing, and the sense of place**. Iowa City: University of Iowa Press, 1993.

SHAMAI, S. Sense of Place: an Empirical Measurement. **Geoforum**, Vol. 22, N. 3, pp. 347-358, 1991.

SHAMAI, S. Measuring negative sense of place: Israeli settlers' forced migration. **Geojournal**, Vol. 83, pp. 1349-1359, 2018.

TRINDADE JÚNIOR, S. C.C da. Pensando a modernização do território e a urbanização difusa na Amazônia. Fortaleza/ CE: **Mercator**, Fortaleza, v. 14, n. 4, Número Especial, p. 93-106, 2015. ISSN 1984-2201

TOSTES, J. A. Arquitetura e Poder: Brasília e Serra do Navio na Amazônia. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v.01, n 07, 2013, pp. 39-53, 2013.

TOSTES, J.A; WEISER, A. A. Macapá: a cidade modernista do período janarista de 1943 a 1955. **Revista Amazônia Moderna**, 2018, v.1, n. 2, p.34-53, 2018. ISSN nº2594-7494

TOSTES, José Alberto; TAVARES, Ana Paula Cunha. A poética de Oswaldo Bratke e a arquitetura vernacular na casa moderna da Vila Amazonas. In: **III SEMINÁRIO DE ARQUITETURA MODERNA NA AMAZÔNIA**. Belém – PA. Anais online do SEMA III. Disponível em: <<https://3samacomunicacao.wixsite.com/sama2018/anaisonline?fbclid=IwAR1iufSzpJdpJz7d7SaA4GrYQPh461t5JSMIOiITryCJgfvkJNuXRWO4Y>>. Acesso: Ago. 2020

TUAN, Y F. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. Londrina/PA: Eduel, 2015. ISBN 978-85-7216-807-6 (Edição Digital)

UFPA. Universidade Federal do Pará. Projeto de Parcelamento e Regularização Fundiária. Belém/PA. In: IPHAN, **Processo de Regularização Fundiária de Serra do Navio**. SEI: 01450.001633/2018-37, 2017.

VEJA. Grupo Abril (ed). **OMS decreta pandemia do novo coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/oms-decreta-pandemia-do-novo-coronavirus-saiba-o-que-isso-significa/>. Acesso: Mai 2021.

VIDAL, C.C.S.P. Arquitetura moderna e Estado na capital do Pará: contribuições para a construção do campo historiográfico. In: TOSTES, J. **A Pesquisa em arquitetura e urbanismo na Amazônia**. Macapá/AP: UNIFAP, 2019.

VIDAL, C.C.S.P. **III Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia. Belém/PA**. Online, 2018. Disponível em: < <https://vitruvius.com.br/index.php/jornal/events/read/1868> > Acesso em: Mar 2021.

XIMENES, Juliano; RODRIGUES, Roberta; AVELAR, Wallace. Vila Serra do Navio: ordenamento territorial e preservação do patrimônio moderno. In: **III SEMINÁRIO DE ARQUITETURA MODERNA NA AMAZÔNIA**. Belém – PA. Anais online do SEMA III. Disponível em: <https://3samacomunicacao.wixsite.com/sama2018/anaisonline?fbclid=IwAR1iufSzpJdpJz7d7SaA4GrYQPh461tI5JSMI0liTryCJgfvkJNuXRWO4Y>. Acesso: Ago. 2020

YIN, R.K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2ª Ed. Porto Alegre/RS: Bookman, 2001.

**ANEXO A**

**FOLHA DE INFORMAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO PARA OS  
ENTREVISTADOS**

## FOLHA DE INFORMAÇÃO PARA O PARTICIPANTE E FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO



### FOLHA DE INFORMAÇÕES E FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO

Projeto: Senso de lugar como política pública para promover cidades saudáveis.

#### **CRIANDO LAÇO COM O PATRIMÔNIO MODERNO NO AMBIENTE AMAZÔNICO:**

**Um estudo de caso do Conjunto Urbano Vila Serra do Navio.**

#### **Contato:**

Bárbara Ribeiro Couto

Mestranda e Bolsista CAPES

Matrícula: 20103932

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal de Pelotas

Rua Benjamin Constant, n. 1359

Pelotas/ Rio Grande do Sul/ Brasil

Cep: 96010-020

Telefone: (96) 98143-3309

#### **INTRODUÇÃO**

Este é um convite de participação da pesquisa intitulada: CRIANDO LAÇOS COM O PATRIMÔNIO MODERNO NO AMBIENTE AMAZÔNICO: Um estudo de caso do conjunto

urbano Vila Serra do Navio. A qual faz parte do projeto: Senso de lugar como política pública para criar cidades saudáveis.

**A sua participação nesta pesquisa é inteiramente voluntária, por esse motivo cabe a você decidir se aceita ou não este convite de participação.** Para que você possa tomar essa decisão, é fundamental que você compreenda o que a pesquisa envolve. Por esse motivo, esta folha de informação fala sobre a pesquisa, o que estamos pedindo de você, por que a investigação está sendo feita, o que vai acontecer durante a pesquisa e os possíveis benefícios, riscos e desconfortos para você.

Se você deseja participar, você será solicitado a assinar o termo de consentimento, no final da folha de informação. Se você decidir participar desta pesquisa, você ainda é livre para desistir a qualquer momento e sem dar quaisquer razões para a sua decisão. Se você optar por desistir, nós destruiremos todas as informações que você forneceu à pesquisa.

Se você não quiser participar, sua decisão não afetará os benefícios que você recebe atualmente ou quaisquer outros que você possa receber no futuro.

**Se deseja continuar, por favor, leia as informações a seguir antes de decidir.**

### **Quem está conduzindo esta pesquisa?**

Esta pesquisa está sendo conduzida pela pesquisadora Bárbara Ribeiro Couto (matrícula: 20103932) — Mestranda do curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas — que está sendo orientada pela Profa. Dra. Adriana Araújo Portella.

### **Antecedentes**

#### **Qual é o objetivo da Pesquisa?**

Essa pesquisa busca compreender quais os significados que a comunidade (que viveu e que vive atualmente, gestores públicos e agentes técnicos) atribuem ao patrimônio arquitetônico e urbanístico de Serra do Navio, ou seja, o que essas pessoas sentiam e sentem sobre a cidade, o que pensam sobre o seu estado atual de conservação. Além disso, também busca saber se a comunidade concorda com a ação de preservação desse patrimônio e se participa das decisões, ações e gerências do mesmo. Com essas informações, será possível pensar em novas formas ou estratégias de preservar o patrimônio e garantir o envolvimento da comunidade nessas ações.

**Por que fui escolhido?**

Você foi convidado a participar deste estudo pois é residente ou ex residente de Serra do Navio, trabalha atualmente na gestão pública do município ou é um agente técnico da área de preservação do patrimônio atuante na região. Queremos falar com você para conhecer a sua experiência em Serra do Navio.

**Quem pode participar da pesquisa?**

Moradores e ex moradores de Serra do Navio;  
Funcionário da administração pública da cidade;  
Agente técnico da área de preservação que trabalha na região;

**Eu tenho que participar?**

Cabe a você decidir se quer ou não participar da pesquisa. Se você decidir participar, será dada a você essa folha de informação e você será convidado a assinar um termo de consentimento. Se você decidir participar, você ainda é livre para desistir a qualquer momento, sem dar razão.

**O que devo esperar se eu participar?****Se você participar da entrevista:**

Gostaríamos de lhe entrevistar para que você possa nos contar sobre suas experiências em Serra do Navio. Se você decidir participar da entrevista, em seguida, a equipe de pesquisa irá contatá-lo para combinar data, horário e local adequados. A mestranda Bárbara Ribeiro Couto conduzirá a entrevista fazendo uma série de perguntas sobre suas experiências cotidianas. A entrevista será áudio gravada. A pesquisadora fará pausas regulares, se necessário, e você está livre para desistir de participar da pesquisa, a qualquer momento, caso não deseje continuar.

**Provável duração da entrevista: 45-60 minutos.** Se possível, gostaríamos também de ficar em contato para conversar novamente com você nas demais etapas da pesquisa, para ver como você está, mas isso dependerá completamente de você.

**A minha participação será mantida confidencial?**

Se você concordar suas respostas serão gravadas e usadas na pesquisa. Sua confidencialidade será respeitada. Nenhuma informação que forneça sua identidade será liberada ou publicada sem seu consentimento específico para tal. Se você desejar que algo seja confidencial você pode então avisar ao pesquisador e ele ou ela garantirá que não seja gravado. Todos os dados serão armazenados em um pen-drive o qual será guardado pela mestranda Bárbara Ribeiro Couto. Todos os arquivos eletrônicos estarão protegidos em servidores com senha.

**Quais são os possíveis benefícios de participar?**

Você poderá não se beneficiar diretamente desta pesquisa. Entretanto, nós esperamos que o que nós descobriremos com esta pesquisa nos auxilie a estabelecer estratégias que possam contribuir para a preservação do patrimônio de Serra do Navio, pois os achados ficaram a disposição da comunidade e você pode nos ajudar nisso.

**O que a participação nesta pesquisa me custará?**

Você não terá nenhuma despesa pessoal como resultado da participação nesta pesquisa.

**O que acontecerá com os resultados desta pesquisa?**

Os resultados desta pesquisa serão relatados na dissertação de mestrado e artigos científicos publicados e apresentados em conferências. Em todas as publicações, os resultados serão escritos de forma que ninguém poderá identificá-lo nos dados.

**O que acontece se eu decidir retirar o meu consentimento de participação?**

A sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária. Você pode desistir a qualquer momento. Você não renuncia a quaisquer direitos legais contra os patrocinadores, investigadores ou qualquer outra pessoa ao assinar este formulário de consentimento.

**Quais são os possíveis prejuízos e efeitos colaterais da participação?**

Não há nenhum prejuízo ou efeito colateral conhecidos na participação desta pesquisa.

**Quem está pagando pela pesquisa?**

Esta pesquisa tem o apoio financeiro da CAPES (Bolsa da pesquisadora e auxílio aluno).

**Quem está conduzindo a pesquisa?**

A pesquisa está sendo conduzida pela mestranda Bárbara Ribeiro Couto da Universidade Federal de Pelotas.

**Quem devo contatar se tiver dúvidas sobre a pesquisa durante minha participação?**

Se você tiver dúvidas ou quiser saber mais sobre este estudo antes ou durante a participação, contate a mestranda Bárbara Ribeiro Couto através dos seguintes contatos: (96) 98143-3309 ou e-mail: bfribeiro.au@gmail.com

**Concordo em participar voluntariamente dessa pesquisa e poderei retirar meu consentimento a qualquer instante, sem penalidades ou prejuízos.**

**Permito que meu nome e atividade sejam divulgados no registro da pesquisa:**

**( ) SIM**

( ) NÃO

---

**Assinatura do respondente**

**Data:**

**Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o termo de consentimento deste usuário para a participação do estudo.**

---

**Bárbara Ribeiro Couto**

**Data:**

**CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

Assinale dentro do quadrado para cada item.

Eu li e entendi a informação dada e o formulário de consentimento.

Eu tive tempo suficiente para considerar a informação fornecida e para me aconselhar se necessário.

Eu tive a oportunidade de perguntar minhas dúvidas e obtive respostas satisfatórias para elas.

Eu entendo que toda a informação coletada será mantida confidencial onde possível e que os resultados serão usados somente para os objetivos da pesquisa.

Eu entendi que a entrevista será gravada.

Eu entendi que minha participação nesta pesquisa é voluntária e que eu sou livre para me recusar a participar ou para desistir deste estudo a qualquer momento da aplicação sem alterar a qualidade dos benefícios que eu recebo.

Eu entendi que não estou renunciando meus direitos legais como resultado da assinatura neste formulário de consentimento.

Eu entendi que não há garantias de que esta pesquisa fornecerá quaisquer benefícios para mim.

Eu li este formulário e consinto livremente em participar desta pesquisa.

Eu fui avisado de que receberei uma cópia datada e assinada deste formulário.

A sua assinatura indica que você consentiu em participar deste estudo.

**ASSINATURAS**

---

Nome do Participante

Assinatura

Data

---

Nome do Pesquisador

Assinatura

Data

## **ANEXO B**

### **PERGUNTAS REALIZADAS COM OS ENTREVISTADOS**

<b>ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS</b>
<b>GRUPO 1 – EX MORADORES DE VSN (EX ICOMI)</b>
<p><b>PERGUNTAS:</b>  <b>Fale um pouco sobre seu contexto de vida em Serra do Navio: O que te levou até lá e porquê saiu de lá.</b></p> <p>Nome:  Idade:  Ida para SN:  Saída de SN:  Atividade exercida:  Contexto familiar:</p> <p><b>Me conte como era morar em Serra do Navio no período ICOMI.</b></p> <p>Onde morava:  Quais os lugares que mais frequentava:</p> <p><b>Na sua opinião o que tinha de mais especial em serra do navio?</b></p> <p><b>Você visitou a cidade recentemente? O que você acha da situação atual da cidade?</b></p> <p><b>Você sabe que a cidade é considerada um patrimônio nacional e que, por esse motivo, existem leis que buscam a preservação da cidade, dos edifícios e da paisagem?</b></p> <p><b>Na sua opinião, qual seria o principal motivo para preservar SN e o que você acha que deveria ser preservado.</b></p>

<b>ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS</b>
<b>GRUPO 2 – MORADORES DE VSN desde o período ICOMI (MO ICOMI)</b>
<p><b>PERGUNTAS:</b>  <b>Fale um pouco sobre seu contexto de vida em Serra do Navio: desde de quando você mora aqui, algum familiar trabalhou na empresa?</b></p> <p>Nome:  Idade:  Ida para SN:  Saída de SN:  Atividade exercida:  Contexto familiar:</p> <p><b>Me conte como era morar em Serra do Navio no período ICOMI.</b></p> <p>Onde morava/ mora ainda no mesmo local  Quais os lugares que mais gostava e frequentava:</p> <p><b>Na sua opinião o que tinha de mais especial em serra do navio naquele período?</b></p> <p><b>A sua vida mudou muito depois que a empresa finalizou as atividades?</b></p> <p>Para melhor ou para pior?  O que você acha que deveria ser feito para melhorar essa situação (<b>caso de reposta negativa</b>).</p> <p><b>O que você acha da situação atual da cidade.</b></p>

Principais problemas enfrentados pela cidade.  
Principais pontos positivos  
Alguma coisa mudou com a pandemia

**Você sabe que a cidade é considerada um patrimônio nacional e que, por esse motivo, existem leis que buscam a preservação da cidade, dos edifícios e da paisagem? O que você acha disso?**

**Você participou de alguma forma desse momento? Reunião, seminário, oficina?**

**Você concorda que SN deve ser preservada? Por qual motivo?**

**Você estaria disposto a participar de grupos de discussão, oficinas e ações que visassem a preservação de Serra do Navio?**

### ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

#### GRUPO 3 – MORADORES DE VSN pós ICOMI (MO POS)

#### PERGUNTAS:

**Fale um pouco sobre seu contexto de vida em Serra do Navio: desde de quando você mora aqui, algum familiar trabalhou na empresa?**

Nome:  
Idade:  
Ida para SN:  
Atividade exercida:  
Contexto familiar:

**Você conhece a história da criação de SN? Chegou a conhecer o município naquele período?**

**Me conta, como é morar em Serra do Navio?**

Quais os lugares que mais frequenta  
Principais problemas enfrentados pela cidade.  
Principais pontos positivos  
O que você acha que poderia ser feito para melhorar essa situação (**caso de reposta negativa**).  
Você acha que algum mudou na cidade após a pandemia de COVID-19.

**Você sabe que a cidade é considerada um patrimônio nacional e que, por esse motivo, existem leis que buscam a preservação da cidade, dos edifícios e da paisagem? O que você acha disso?**

Você participou de alguma forma desse momento? Reunião, seminário, oficina?

**Você concorda que SN deve ser preservada? Por qual motivo?**

**Você estaria disposto a participar de grupos de discussão, oficinas e ações que visassem a preservação de Serra do Navio?**

### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### GRUPO 4 – ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (ADM)

PERGUNTAS:

**Fale um pouco da relação com o município de Serra do Navio.**

**No momento está sendo realizada alguma ação que vise a preservação do patrimônio de Serra do Navio?**

Se sim, o que está sendo feito e qual o nível de participação da comunidade nesse processo.  
Se não, existe algum planejamento para alguma ação nesse sentido?

**A prefeitura tem contato com o IPHAN/AP ou algum tipo de parceria com alguma Universidade para tratar das questões de preservação do patrimônio de SN?**

**Fale um pouco sobre os principais problemas que a gestão enfrenta para a manutenção desse patrimônio.**

Regularização fundiária;

Plano Diretor;

Qual a maior demanda no município do atual momento.

**Na sua opinião, qual seria o principal motivo para preservar SN e o que você acha que deveria ser preservado e priorizado.**

#### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### GRUPO 5 – PERITOS E EQUIPE TÉCNICA IPHAN/AP

PERGUNTAS:

**Fale um pouco sobre o processo de patrimonialização de Serra do Navio.**

Regularização Fundiária

**Fale sobre a situação atual de conservação de Serra do Navio.**

Quais as principais dificuldades na conservação e enfrentadas pelo Órgão?

Quais as ações atuais ou em planejamento?

Quais as ações prioritárias para o órgão?

Existem parcerias, com Universidade, prefeitura, governo ect.?

**Conte um pouco sobre a participação da comunidade nos processos de preservação do patrimônio de SN (ações, decisões e gerências).**

Qual a adesão;

Quais os principais mecanismos utilizados para propiciar a participação da comunidade.

## **ANEXO C**

### **TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

<b>IDENTIFICAÇÃO: E1_EX ICOMI</b>		
<b>Data da entrevista:</b> 19/11/2021		<b>Duração:</b> 44min 51s
<b>Gênero:</b> M	<b>Idade:</b> Mais de 60	<b>Naturalidade:</b> Juiz de Fora/MG
<b>Atual morador de SN:</b> Não		<b>Reside Atualmente:</b> Santana/AP
<b>Ex morador de SN:</b> Sim		<b>Período:</b> 1977 a 2004

Pesquisadora: Como que foi o contexto de ir para Serra, o que que lhe levou para lá, como que foi assim, a sua chegada, como foi a ida para lá?

E1\_EX ICOMI<sup>50</sup>: Bárbara, minha vida foi o seguinte. Eu sou formado em mecanicidade né, pela Universidade Federal de Juiz de Fora né, no colégio técnico universitário e a minha vida profissional começou lá atrás em Minas Gerais né. Em Belo Horizonte, me empreguei no Andrades Gutierrez, trabalhei um bom tempo na Andrade Gutierrez pelo Norte. É Amazonas, trabalhei em São Paulo, Manaus, Porto Velho, Humaitá Rondônia. Trabalhei um bom tempo fora, aí depois, tipo eu cansei e no último trabalho que eu fiz foi na mineração Rio do Norte (Porto Trombeta né) mineração de bauxita, onde nós da Andrade Gutierrez construímos. Aí, eu parece que cansei né, do norte e do nordeste e resolvi voltar pra Minas. Aí voltei pra minha cidade natal que é Juiz de Fora em Minas Gerais e fiquei um tempo lá parado né. Parado, pensando em que eu ia continuar na minha vida, aí nesse período eu entrei na empresa que tava fazendo a duplicação de Rio e Belo Horizonte a BR 040 na Paranapanema, mas tinha mandado o meu currículo para a ICOMI né! Indústria e comércio de minério AS, que era em Serra do Navio a exploração de Manganês. Eu mandei meu currículo e entrei na Paranapanema, que foi logo me contratando de imediato. Aí quando eu tava um tempo na Paranapanema a ICOMI chamou pro Rio de Janeiro no escritório e falou que eu estava selecionado para trabalhar no Amapá, isso em setenta e sete. Então, eu como, queria voltar pro Norte de novo, me deu uma vontade de voltar que, eu acho que já não acostumei mais lá em Minas devido o clima, muito frio e aqui no norte quente. Eu saí da Paranapanema e vim pra ICOMI né.

Então eu vim pra ICOMI, aqui pro Amapá em julho de 1977, é ... atraído pela história da ICOMI, que quando eu formei eu, muitos amigos meus, colegas formados vieram pra ICOMI e eu resolvi ficar na Andrade Gutierrez né! E então em setenta e sete eu realizei o sonho de vim pro Amapá, onde estou até hoje e me sentindo satisfeito, realizei a minha vida profissional, completei o meu tempo de aposentadoria e tô até hoje, criei família em Serra do Navio, porque eu sabia que não vinha pra capital Macapá, nem Santana que era a cidade, a segunda cidade do estado e estou até hoje né. Trabalhei na ICOMI desde de setenta e sete até ela fechar os cinquenta anos em dois mil e três que em maio de dois mil e três ela cumpriu o contrato, que ela tinha feito lá atrás em, começou em quarenta e seis a negociação com o território federal do Amapá, que depois passou e somos hoje estado. E em maio de dois mil e três nós completamos cinquenta ano de contrato de exploração de manganês né e, depois eu ainda fiquei um ano na ICOMI como funcionário e trabalhando como prestador de serviço e a ICOMI cumpriu os cinquenta anos de exploração de manganês e até hoje, estou aqui no Amapá, ainda né. Vim solteiro, casei, criei família e estamos aqui.

Pesquisadora: E o Senhor ficou lá na ICOMI até que ano, na ICOMI lá em Serra do Navio?

E1\_EX ICOMI: Fiquei, fiquei de setenta e sete fixo, setenta e sete até janeiro de dois mil e oito, depois eu fiquei em Serra do Navio e Santana. Eu assumi a operação do porto de

<sup>50</sup> A nomenclatura dos entrevistados está individualizada pelo número que segue a letra E — Entrevistado (a) — e pela sigla que indica o grupo a que pertence. EX ICOMI (ex morador do período ICOMI); MO ICOMI (Morador desde o período ICOMI); MO POS (morador do período pós ICOMI); ADM (Representante da administração pública) e TEC (Agente técnico que trabalha ou trabalhou em SN).

embarque de navio em Santana e responsável por que ainda ficou da ICOMI em Serra do Navio. Então fiquei de janeiro de noventa e oito a setembro de 2004, entre Santana e Serra do Navio, passava uns dias em Santana e uns dias em Serra do Navio. Então a minha vida até a ICOMI foi de mil novecentos e setenta e sete até dois mil de quatro, trinta de setembro de dois mil e quatro.

Pesquisadora: Hum muito tempo! E aí o senhor, como tava contando antes, por isso que eu tive que lhe interromper, porque eu queria também saber sobre o seu contexto familiar, como é que foi, o senhor constituiu família lá então?

E1\_EX ICOMI: Sim...eu cheguei em Serra do Navio, quando eu vim né. Ainda era noivo em Minas né. Aí convidei a minha noiva pra vim lá atrás quando eu cheguei né, o tempo que eu tava né, ela não gostou muito né, que era também de Minas né. E veio (palavra não compreendida) aí nós resolvemos a separa e eu fiquei praticamente de setenta sete até oitenta e dois solteiro né. Nesse período antes, eu conheci a que é a minha esposa desde de oitenta e dois até hoje. A minha esposa é Serrana, nascida em Macapá, mas a mãe dela foi pra Serra do Navio como da justiça né, era ela funcionária do estado da secretaria de justiça e meu sogro que é do Pará, de Castanhal, já era operador de máquina na mineração, na exploração do manganês. Aí eu cheguei e fiquei, nesse período que eu fiquei né, depois que eu fiquei solteiro eu vim conhece-la e casamos em oitenta e dois, onde até hoje estamos casado ainda né. Temos dois filhos, um nascido em Minas, mais ela foi no oitavo mês para Minas Gerais pra tê-lo porque eu não tinha nem quem me ajudasse, porque a sogra trabalhava e o sogro trabalhava e meus pais lá em Minas eram vivos na época. Eu coloquei no avião e mandei pra Minas Gerais e depois quando ela ganhou voltou pra cá e em noventa e um nós tivemos a segunda, que é filha né. Tenho um casal, ela nasceu em dia doze de abril de noventa e um no hospital de Serra do Navio é nata mesmo de Serra do navio.

Pesquisadora: Humm que legal! E assim, umas das coisas também que eu queria que o senhor me contasse um pouco né, agora nesse primeiro momento, como é que era morar em Serra do Navio naquela época, assim? Contasse um pouco das dinâmicas de como funcionava, se era bom, onde que o senhor morava. Como é que o senhor me descreveria assim essa vida em Serra do Navio no período ICOMI?

E1\_EX ICOMI: Com certeza eu acho que do Pará e do Amazonas que eu acho que eu já tinha até vivido antes, Serra do Navio, a vida em Serra do Navio pra mim foi o melhor lugar depois da minha cidade natal Juiz de Fora, que eu vivi até hoje. No outro lá que eu andei no Amazonas e no Pará eu não tinha encontrado um lugar tão organizado, principalmente no, não vou falar nem da mineração, fala até mais da Vila né! É se você é depois quiser falar sobre a mineração nós podemos até falar, mas vou falar sobre a Vila. Que foi uma Vila que eu cheguei né e que, pela história era em torno de trezentos e trinta prédios na Vila né, entre a Vila ou área comercial, Vila primária, intermediária e o STAFF. Era uma Vila muito aconchegante. Pois quando eu cheguei na Serra do Navio não tinha telefone, não tinha televisão e nós tinha uma vida muito harmônica, era uma família. Independente do grau de instrução e hierarquia, mais todos nós conviviam como uma família só. Tanto os funcionários da Vila operária, como da Vila Intermediária é e o STAFF era praticamente uma família e eu gostei muito. Um lugar que lá existia correio, pra mandar notícia pra minha família eu tinha que bota carta no correio e pra telefona eu tinha que vim de trem até Santana, pra ligar de Santana mesmo Macapá, que era como que agente conseguiria falar com telefone, por telefone. Naquela época, na empresa tele Amapá que era a operadora de comunicação. Mas, e nós tínhamos pra diversão na Serra quando eu cheguei um cinema, que era dia certo de ter exibição, ainda era aqueles filme preto e branco que a fita rebentava (risos). Tinha que interrompe, ascende a luz, cola. Aparecia filho de funcionário vendendo, na época do drops ainda, aquelas balinha, aí emendava apagava a luz e continuava o filme. Então um filme de duas horas, agente gastava quatro ou mais emendando a fita e no preto e branco. Mas pra mim, considerado e falo de coração aberto, lugar que eu adotei de coração foi Serra do Navio com todas essas, esses percalços né, de não ter telefone, tudo, uma carta chegar lá em Minas

como quarenta e cinco dias, mas pra mim o melhor lugar do mundo né. Então, se você chegar no lugar no meio da Amazônia, que foi a primeira mineradora a ter na Amazônia né. Isso lá, começou em quarenta e seis né e quando começamos a explorar o minério mesmo foi em cinquenta e três nós já tínhamos o tratamento de água, que no Brasil acho que não existia, que nós tínhamos o tratamento que até flúor era colocado na água, além dos outros produtos né! De purificação da água que era captada no rio Amapari, nós tínhamos estação de tratamento de água que a água quando chegava na nossa torneira em casa, nos alojamentos de solteiro – igual ao eu fiquei cinco anos - a nossa água até flúor tinha né. A oportunidade depois que a minha esposa ficou grávida duas vezes ela não foi preciso nem tomar remédio convencional, remédios que são é prescritos, por conta de flúor, que a nossa água já tinha flúor. Então, a gente já tava lá naqueles, na década, na década de, de quarenta né? Que começou a Vila né! Agente já tinha uma água com o tratamento top, que no Amapá, que era território não tinha e um tratamento de esgoto que até hoje persiste. Uma das coisa que, deveria ser divulgada pro mundo, porque uma estação de tratamento de esgoto construída na década de cinquenta e até hoje tá operacionalizando, tá operacional e que não joga nada de detritos pro rio Amapari eu acho que é uma glória. Foi um projeto audacioso lá e dura até hoje, muito bom, muito bem feito né, que hoje quem vai a Serra do Navio eu até levo, quando eu levo alguns visitantes em Serra do Navio eu faço questão de levar na estação de tratamento de esgoto que é conhecida como ETE. É, foi um projeto feito né, lá atrás né e pra ilustra né, acho que quem sabe a história da ICOMI. A ICOMI que foi o fundador né, que foi o Doutor Augusto Antunes né! Ele fez parceria com duas firmas né, estrangeiras que foi a *Bethlehem Steel* e a Hanna Corporation e eles vieram né, americanos né, e como que a gente sabe que americano é um passo à frente e bem do que nós brasileiro, já vieram trazendo muitas inovações que, muitas perduram até hoje igual a estação de tratamento de esgoto.

Pesquisadora: Ah que legal saber disso. E sobre a arquitetura, o jeito como o arquiteto, que foi o Oswaldo Bratke né que projetou. O Senhor acha que essa arquitetura ela contribuía para vocês se sentirem bem na vila? E pra todas essas coisa que tu me relatou, de ser aconchegante e de gostar da Vila?

E1\_EX ICOMI: Com certeza! Eu falo que com certeza foi um projeto bem, como vamos falar, bem é... elaborado né! O Arquiteto né que você já citou o nome ele foi um grande né, que ele aproveitou acho que bem o relevo de Serra do Navio né e soube projetar também as casas né. Ah! Em si a confecção né, porque as casas né, pelo que eu li e conheci né as nossas casas eram bem ventilada né. A gente não tinha necessidade de ter ar condicionado, ventilador, nem aquecedor igual quem mora pro sul tem aquecedor, quem mora pro norte tem que ter ventilador porque as temperaturas são totalmente opostas. Mas na Serra agente tinha né e segundo a arquitetura o projeto né, nós tinha uma cobertura, o forro nosso igual o forro de PVC, nós tinha tipo uma manta né, que isso aí foi estudo né, que se tava frio ela ajudava a aquecer se tava quente ela ajudava a esfriar. Então a gente não tinha essa situação onde, fica apavorado. Quem tá no sul tem que tá no lado da fogueira, da lareira e quem tá aqui no norte tem que tá dentro do rio pra não derrete. Pra não pegar aí os quarenta e poucos graus de temperatura que é o normal aqui do norte. Então, eu acredito que foi muito, foi excelente né, pra quem conhece a história teve acesso a todo o projeto né que tem o livro dele, é uma coisa magnífica.

Pesquisadora: E dos lugares que o senhor mais frequentava lá na Serra, qual o lugar que o senhor acha que era mais especial? Assim, que o senhor gostava de frequentar e que tem boas lembranças, boas memórias.

E1\_EX ICOMI: Sim, é Serra do Navio da entrada, eu falava quando subia a ladeira – que eles chamam a ladeira do Pedra Preta – pra enxergar o hospital. O primeiro prédio que agente enxergava era o hospital, eu falo que até hoje, quando eu chegava, quando eu saía de Serra do Navio, e quando eu voltava. Quando eu subia a ladeira do Pedra Preta – que é um balneário a beira do Amapari – meu coração até hoje abre, relaxa. Porque já chegava e falei, cheguei no lugar que é de gente feliz. Inclusive foi colocado uns anos atrás uma placa, Serra do Navio

lugar de gente feliz. Por que, mais que todo mundo que viveu ali foi feliz e é feliz até hoje, porque é tanto que até hoje, depois de uns tempos, foi criado o encontro dos serranos. Acho que já tá no décimo primeiro, parou devido a pandemia, mas vem gente do Brasil todo pra esse encontro, fazem algumas coisas em Santana e vão para Serra pra ficar na beira do rio Amapari no Pedra Preta e ver todas as, é grandezas que tem em Serra do Navio né! E nas cachoeira e nas lagoa que se formaram depois que parou, igual tem a Lagoa Azul né, que é um ponto turístico hoje e o clima né, que o clima de lá faz lembrar Minas, faz lembrar o Sul. Eu morava num alojamento e morei cinco ano eu pra atravessa o alojamento meu pro restaurante que é uma rua normal, há uns sete metro, tinha dia que cinco e meia/seis horas da manhã tinha que atravessar de lanterna, devido a serração, a neblina. Então a gente não precisava de ter ar condicionado, eu morei cinco ano no meu alojamento e nem ventilador eu tinha, porque o clima era excelente. E as janelas, foram projetadas, e eram do tipo venezianas, então agente abria e fechava as venezianas e ficava do lado e botava a cama do lado da veneziana, que as vezes eu tinha que lembrar de Minas Gerais, puxar um cobertorzinho, uma cobertinha pra não poder esfria muito.

Pesquisadora: Tá certo! E aí o senhor morou esse tempo no alojamento e depois, qual era a região ali de SN que o senhor morou?

E1\_EX ICOMI: Eu casei né, em oitenta e dois né, e morei cinco anos no alojamento né no RH11, foi o lugar que eu cheguei no trem, me pegaram, me recepcionaram, me levaram no hotel que era o CCH – que era onde nós, nível de STAF frequentava – me levaram pros alojamentos que eu fiquei cinco ano. Aí quando eu casei, pelo meu contato e pela minha formação, eu deveria morar lá no STAF, mas como na época tava com todas as casas cheias, eu morei na Vila Intermediária que agente chamava de staffinho. Era um grupozinho de casa diferenciado, não muita coisa, mas já foi coisa dos projetos. Era casa com banheiro e quartinho de empregada dentro da construção, mas era a porta de entrada da doméstica era por trás, pra não incomoda e entra na porta da casa, tinha uma vida separada. Aí eu fiquei um período, quando vagou casa na Vila DD que era do STAF igual a CC, eu mudei pra DD2 72. Aí depois, vagou casa na CC, que era a casa do top da hierarquia da ICOMI eu mudei pra casa CC onde, hoje, apesar de eu morar em Santana, eu ainda tenho uma casa lá na Vila CC que eu conservo até hoje. Muito bom, ainda tem ainda.

Pesquisadora: Ah legal! Interessante saber disso. Eu me esqueci de perguntar na hora, eu fiquei curiosa, quantas pessoas vem nesse encontro de Serra do Navio? Vem muita gente?

E1\_EX ICOMI: Muita, vem não é uma coisa muito estrambólica, mas eu acredito que entre serrano e estrangeiro, agente atinge uma faixa de umas quinhentas pessoas. Umas quinhentas pessoas entendeu, fazem eventos né, aqui em Santana e SN, faz futebol, faz é encontro de lual, depois vai pra SN e vão fazer banho no Pedra Preta, faz Karaokê, é uma coisa muito banca, vem gente do Brasil todo. É uma coisa muito, eu falo que, de coração que onde que eu trabalhei antes, o espírito de família de união igual na ICOMI em SN eu não tinha visto ainda.

Pesquisadora: O que o senhor acha que fez acontecer esse espírito de união?

E1\_EX ICOMI: Eu acredito que foi é primeiro, o espírito do fundador – do Augusto Antunes – uma pessoa muito humana, muito carismática e começou contratando pessoas também que veio com a mesma ideologia dele, pessoas de bom coração, boa índole e foi fazendo né. Porque tudo a gente sabe que tem que ter a cabeça né, o corpo nosso começa pela cabeça, e uma empresa começa pela direção e pela gerência. Se a gerência é boa, a tendência é todo mundo que vai até no faxineiro, no zelador é o mesmo espírito e a ICOMI conseguiu isso. Então, eu digo que foi uma escola, um aprendizado pro Brasil, foi a ICOMI em SN. Eu falo que a mãe da mineração no Brasil foi a ICOMI no Amapá, depois ela se estendeu né, porque criou o grupo Caemi que fica em Minas as empresas que fizeram a mineração em Minas foi praticamente o mesmo nível né! Depois é, veio pro Jari né, também o mesmo grupo também tornou a botar uma mesma feição do que foi aqui. Então eu acho que tudo isso é o espírito

né, que veio do fundador e conseguiu incutir na cabeça de todos os que sucederam a ele. Ele era o maior, mas conseguiu transmitir para os subalternos gerentes e diretores que queria aquilo, uma uma cidade no meio do mato da Amazônia, que até hoje é uma região muito questionada e cobiçada e conseguiu um projeto pioneiro que foi exemplo pro Brasil e pra alguns lugares até do mundo. Então muito bom, acho que foi tudo da cabeça e formação das pessoas mesmo né, conseguia fazer com que a turma fosse é vou falar (rsrs) doutrinada no bom sentido.

Pesquisadora: (risos) tá certo. E tinha assim – eu sei que o senhor já disse várias vezes que era muito bom – mas tinha alguma coisa que não era legal? Que não era bom de morar enfim.

E1\_EX ICOMI: Não. Com certeza eu digo que, dentro da Vila da ICOMI Serra do Navio, não tinha nada pra recriminar, não tinha. Desde da época que a gente não tinha nem televisão nem nada, não tinha nada. A ICOMI soube dominar tudo, pra você ter uma ideia, os animas das pessoas eram cuidados – tinha um setor pra cuidar – se tu tinha um gato ou um cachorro o cachorro era registrado no hospital no setor de saneamento. Era feito o nome do cachorro, é... vamo dá um nome, era Chuvisco, o Chuvisco era registrado e tinha o período dele tomar vacina, igual nós funcionários, que tinham exame periódicos e de tempo em tempo a gente era chamado para o exame, querendo ou não querendo, era obrigatório a gente fazer um check up geral. Os animais nossos, eram feitos, as domesticas nossas eram controladas, visitas que vinham em Serra do Navio tinham que ser avisadas, controladas, examinadas no hospital. Então, não tinha o que reclamar, eu falo pra você, sinceramente de 77 a 2004 eu não tive o que reclamar, não teve um nada. Pra você ter uma ideia eu casei e cheguei com uma malinha, eu casei e cheguei em Serra do Navio e ganhei uma casa com tudo dentro da casa. Desde de pano de chão com a logomarca ICOMI, prato, era xicara, pires garfo, tudo com logomarca da ICOMI e sem pagar um centavo por nada. Então eu acho que, que trabalhou na ICOMI não teve nada a nível de moradia e a nível de profissional, como trabalhador da empresa como funcionário, eu não vejo, nenhum item pra reclamar.

Pesquisadora: Bacana. Então, o que eu queria saber também de ti né, eu até já sei porque o Otávio me contou esses dias que o Tiago mandou umas fotos, mas mesmo assim vou te perguntar. Tu tem casa lá né e tu visitou a cidade ressentimento né?

E1\_EX ICOMI: Sim

Pesquisadora: Aí eu queria saber assim, o que tu acha do estado da cidade hoje, em como ela tá, o que tu sente com relação a isso?

E1\_EX ICOMI: Vou te ser sincero, é uma tristeza. Serra no Navio depois que saiu do domínio da ICOMI e que virou o poder público. Quando a ICOMI nós era uma Vila particular igual Vila Amazonas, quando passou pra o poder público caiu, caiu mesmo que eu te digo que mudou da água pro vinho. Quando virou um município acabou, a era ICOMI foi apagada, foi apagada. Eu fiquei lá praticamente trinta anos na ICOMI, eu nunca soube o que foi ficar dez minutos sem energia na minha casa e água, um dia falhou. Porque até eu tava fazendo um serviço mudando uma tubulação da caixa d'água pra gente tirar manganês, nós arredamos a caixa d'água 50 metros – uma caixa d'água de 568 mil litros de água – nós puxamos com um trator pra tirar manganês no lugar em que ela estava. E hoje, passa de semana sem energia e sem água, porque faltou energia não tem como capitar água pra jogar pro tratamento. Então hoje eu falo que é uma cidade triste, é uma cidade caótica, que o poder público conseguiu destruir. Nós tínhamos a cidade toda asfaltada, todas as ruas eram asfaltadas. Na Vila Primaria todas as ruas da BC 1 à BC 12, na primaria eram quatro ruas A1, A2 e A3, na intermediaria eram três D1, D2, D3 e na CC era da CC1 até a CC7. Eram ruas asfaltada que nós tinha um corpo de voluntário de bombeiros SBDCl, que eram funcionários que durante o dia era mecânico, era do almoxarifado, era... operador de máquina, era do mercado. A gente tinha quatro equipe cada semana ficava de plantão pra qualquer ameaça de incêndio ou alguma coisa ter uma equipe. Depois do serviço eles ficavam concentrados numa casa com caminhão grande com água, com carro auxiliar, qualquer coisa dava de ameaça de incêndio iam socorre. Então a

gente de tudo tinha uma segurança, nós dentro da vila mesmo se ficasse, a gente não tinha perigo de leuximania, de malária, de nada de praga. Tanto que eu fiquei todos esse ano no Amapá e nunca peguei doença nenhuma, era muito bem tratado. Nós tinha o saneamento que olhava os igarapé ao redor e saneava, nós eramos chamados pra inspeção e tudo. O nosso sal tinha produto, o sal é a única mercadoria que agente comprava no mercado que não era numa embalagem oficial era o sal. Porque quando chegava o sal, que vinha de Minas, do Rio ou do Sul que eles chamam, a companhia já botava um produto pra justamente a gente ter uma proteção contra a malária. Então nós dentro da vila mesmo, a gente não tinha, quem pegava alguma malária, alguma coisa, era quem ia caçar depois da área da ICOMI. Aí ia pra rio atrás de pesca, caça, faz algum passeio, mas dentro da área nossa não tinha.

Pesquisadora: O senhor costumava fazer esses passeios? Por dentro da mata?

E1\_EX ICOMI: Sim. Fiz muito na mata. A noite caça, pesca, mas graças a Deus até hoje do isento de malária e leuximania.

Pesquisadora: (risos) Tá certo e a questão assim da conservação dos prédios, como é que o senhor vê isso?

E1\_EX ICOMI: Acabou. Na época da ICOMI era conservado tudo, depois que passou pro poder público acabou, virou uma cidade comum e as pessoa que eu considero que estão com a casa, não deram o valor de conservar. Inclusive, sou muito triste porque mudaram a configuração toda da Serra do Navio, das casa que eram original, das grama o verdinho, não tinha cerca de uma casa pra outra. Aí depois que virou município banalizou, bagunçou e te digo que hoje, acho que a única casa que tá com pouquinha coisa de diferença é a que eu ainda sou responsável dela, porque eu não deixei mudar nada, mas eu emprestei pra uma pessoa filho de um cumpadre meu falecido, ele fez uma paredezinha pra poder proteger um gerador pela falta de energia. Mas é uma coisa que eu falo que se um dia o IPHAN ou alguém falar, vamo voltar Serra do Navio do jeito que era, eu vou ter que tirar duas paredinha, uma e outra e a casa vai voltar ao normal.

Pesquisadora: Entendi. É eu ia lhe perguntar agora sobre isso assim né, por que ela virou patrimônio né, mais ou menos na época de 2010. O senhor lembra mais ou menos de como foi esse processo? O senhor participou?

E1\_EX ICOMI: O processo foi só no papel, porque na prática não funcionou e até hoje não funciona. Fiquei muito triste, Ainda cheguei a conversar com a diretora do IPHAN que ela é filha de ex funcionário lá nosso. O IPHAN fez no papel, mas na prática não fez, então não funcionou. A preservação é uma, como é que vamo dá um nome, uma coisa não real, porque não preservou nada. Ela preservou a bagunça, porque o patrimônio era pra ter sido criado antes.

Pesquisadora: Pois é demorou bastante tempo né.

E1\_EX ICOMI: Pois é você deve ter conhecido cidade histórica por aí né que a gente conhece, igual eu que conheço Minas Gerais, que é um lugar que tem mais das cidades históricas igual Ouro Preto, Tiradentes, Mariana, Diamantina, Cerro, Congonhas. Os prédios eram velhos, mas preservaram o prédio daquele mesmo jeito, claro que se não cuida vai cair mas se tinha dez janela, tava dez janela, se tava com uma puxada do lado tava. Na Serra do Navio eles resolveram preservar depois que tudo bagunçou. Se ocê for lá hoje pegar as imagens de Serra do Navio antes e hoje, se vai ver que não tem nada. Então vai preservar o que?

Pesquisadora: Entendi.

E1\_EX ICOMI: Não foi preservado, eles tão um patrimônio histórico sem ter, isso é uma coisa que eu acho que deveria ser questionada.

Pesquisadora: O senhor acha então que Serra do Navio não deveria ser patrimônio nacional?

E1\_EX ICOMI: Hoje não. Sou contra porque a história sim, mas a cidade não. A história do manganês é por ser pioneira na Amazônia, mas a Vila não, porque ficou uma favela. Como é que eu vou fazer patrimônio de uma favela que não existia. Serra do Navio não era favelada, eram 331 imóveis tudo conservado, nós tínhamos uma prefeitura – entre aspas – que nós chamávamos de administração de vilas, que tinha pedreiro, carpinteiro. Dava uma bronca na minha residência eu ligava – Ó deu defeito numa lâmpada, tá caindo um pedaço do forro, que era tudo madeira e tá – ia conservar, virou pro poder público acabou, então eu não vi sentido. Eu acho que isso aí, eu no meu ponto de vista, não porque não. Devia até ter uma ação pública civil pra acabar com isso, porque o patrimônio nada foi. Pra cê tê ideia o clube Manganês Esporte Clube, onde eu tive a honra de ser presidente dois mandatos, era o lugar de fazer o movimento maior, comemoração da festa da mina, era em dezembro. A gente tinha uma festa que era famosa, fazia o baile, lá no grupo agente escolhia a rainha da mina, era o mineiro do ano, era premiado e no domingo ia pra Pedra Preta, era churrasco, por conta da companhia. Matava boi e era churrasco, chope, um dia todo de alegria. O clube implodiu, o clube caiu sem manutenção e tá lá a um bom tempo falando que vão reconstruir e eu tô indo a ano lá e o clube tá destruído e só a placa e não sai. Então, que conservação? Que que é? Como é que funciona isso? Muito triste, eu acho muito triste.

Pesquisadora: É, é uma pena mesmo né. Mas o senhor não acha que se talvez não houve essa lei, não ia tá pior talvez, a questão de Serra do Navio?

E1\_EX ICOMI: Não. Por que não (...)

Pesquisadora: Tu achas que não tem efetividade nenhuma?

E1\_EX ICOMI: Isso, a única coisa que eu vi esse patrimônio funciona, por que nós tava lá. Lá é um desnível, tem a vila do STAFF onde que né, eu tenho a casa e tal e lá embaixo é o resto, é uma subida. Na época áurea nós tinha duas pista, uma pra subir e outra pra descer e um tempo atrás alguém falou que ia botar um ponto de gasolina nessa situação eu quando vi fiquei horrorizado – Não, não pode isso – aí bretaram, foi a única coisa que eu vi que funcionou, mas mesmo assim depois destruíram as estrada praticamente. De duas só tem uma e mal e mal e Serra do Navio que o bombeiro, que eu comecei te falando que tinha uma operação no final de semana deles, uma delas era pegar os hidrante, ligar as mangueiras e lavar o asfalto. Hoje não tem asfalto, tá tudo na terra se para um carro, com cinco minuto teu carro tá amarelo. Seu carro pode ser branco, pode ser preto, azul eles ficam tudo amarelo, parece que é tudoda katerpila é tudo amarelo.

Pesquisadora: E durante essa época que eles resolveram tombar Serra do Navio o Senhor lembra se teve algum movimento que a comunidade participou ou votou se era a favor ou se era contra?

E1\_EX ICOMI: Não.

Pesquisadora: Ou se foi

E1\_EX ICOMI: Eles chegaram a fazer umas audiência pública, mas o pessoal já não era o mesmo da época da ICOMI. Porque hoje eu te digo que a população de Serra do Navio hoje, eu acho que, eu vou arriscar que dentro da Vila mesmo, ICOMI nossa, eu acho que não tem dez por cento da população que é da nossa época mesmo. A maioria foi pessoal que chegou de – é como é que vamo fala – imigrantes né! Pessoal que vem de uma lado pra outra pra cá né, devido as mineradoras que apareceram depois da ICOMI, que foi a MMX, a MPBA. Então trouxe gente desse Brasil todo aí a fora e hoje é praticamente – eu que sou um dos mais antigos, que tô ainda em ação – é capaz de contar nos dedo quem é da época da ICOMI mesmo, a maioria foi pessoal que veio de fora.

Pesquisadora: Então o senhor acha que o maior problema foi – da questão do tombamento – foi?

E1\_EX ICOMI: Época errada.

Pesquisadora: Época errada. Entendi e por isso que não funcionou?

E1\_EX ICOMI: Por isso que não funcionou.

Pesquisadora: Mas deve ter outros motivos também né, por que poderiam tentar talvez manter algumas coisas né?

E1\_EX ICOMI: Mas quando resolveram faze já tava tudo detonado, já tava tudo casa com puxada pra um lado, puxada pra um outro, fazendo cerca de arame farpado, uma coisa pavorosa, coisa pavorosa. Quando eu vou lá que eu vejo casa com arame farpado. Máquinas, na Vila que eu tenho casa ainda que é o STAFF, hoje tem máquinas é oficina de máquinas pesadas que trabalham pra mineradora, quem nem no nosso município pertence pra pedra branca outro município, tão fazendo oficina na área que era tudo verdinha, tudo gramado, hoje tem máquinas pesadas de mineração nos fundo das casa do STAFF. Então ficou sem controle, desordenado.

Pesquisadora: Entendi. Bom a minha sexta pergunta era essa né. Qual seria é isso que eu ia te perguntar né, o Senhor acha que não teria motivo. Mas se tivessem preservado Serra do Navio na época certa, qual o principal motivo que o Senhor acha que deveria ter acontecido essa preservação?

E1\_EX ICOMI: Porque foi um projeto pioneiro né! De Serra do Navio criaram outros projetos, só aqui no Norte que eu conheço, foi copiado de Serra do Navio é Jari (Monte Dourado), foi copiado aqui que cuida de celulose, Porto Trombeta foi copiado daqui, Balbina no Amazonas foi. Então aqui somos um protótipo uma primeira vida no meio da Amazônia e deveria, e foi copiado em vários lugares. Eu trabalhei antes de vir pra ICOMI eu trabalhei em Trombetas, trombetas foi copiado – ajudei a construir Porto Trombetas mineração no norte de bauxita, no Pará – foi copiado daqui, quando eu cheguei aqui aí que eu testemunhei, que lá foi tudo feito igual aqui. Então, por isso que eu acho que deveria ter sido igual em Minas é conservado, na Bahia é conservado em nossa Senhora do Bomfim ou ou pelourinho, tudo aqui também deveria ter sido. Só que infelizmente as autoridades não se atentaram pra isso, brigaram, brigaram, mais pra poder ver quem ia ser dono e hoje tá tudo abandonado. A Vila tá abandonado e estrada de ferro tá abandoando e o porto de embarque de minério tá destruído. Então conseguiram acabar com tudo, acaram com a história da ICOMI.

Pesquisadora: E se acontecesse algum movimento assim, no sentido de preservar alguma coisa que resta. O Senhor acha que, enfim o senhor já disse que mantém a sua casa até hoje né como ela é. O senhor participaria de algum processo de tentar recuperar alguma coisa? O senhor acha que seria viável?

E1\_EX ICOMI: Eu acho difícil. Acho difícil, que não consegue mais, não consegue reverte, não consegue.

Pesquisadora: E você acha que a comunidade participaria?

E1\_EX ICOMI: Acho que não.

Pesquisadora: E teria engajamento?

E1\_EX ICOMI: Não. Acho que não porque ninguém é, como eu lhe falei anteriormente, que hoje não tem dez por cento dentro da Vila que era da época da ICOMI áurea mesmo, que construiu Serra do Navio, não tem. Então o pessoal não tem interesse.

Pesquisadora: Nem o pessoal que conhece a história, não teria interesse?

E1\_EX ICOMI: Não. Não teria porque não tem como dá a pessoal viaja de fora, tinha gente que nunca tinha botado o pé no Amapá e em Serra do Navio, hoje tem a sua residência, criou-se por lá, fez família e tão vivendo lá e não querem mais. Fizeram puxadinhos, tão criando galinha, pato, ali. O clube que era o nosso lugar de lazer né, a noite depois do expediente, final de semana com piscina. A piscina hoje tá seca toda quebrada, tem pessoal criando

galinha na área que era o nosso lazer, lá tem. A cozinha onde era o nosso restaurante hoje tem moradia, foi invadida e ninguém fez nada.

Pesquisadora: Não tem nenhuma legislação na prefeitura que?

E1\_EX ICOMI: Nada. Não tem Lei de postura do município, não tem nada.

Pesquisadora: É eu soube que recentemente começou a acontecer a regularização fundiária né, do município.

E1\_EX ICOMI: Muito precária! Muito precária! Por que até o processo mesmo vindo lá de cima da União que é Brasília é muito burocrática, muito moroso. Eu mesmo a casa que eu tenho lá na Serra, que é minha porque eu tenho um documento que eu tô responsável, não tem escritura dela, mas sou responsável e procuro manter. É tanto que a maioria dos casos já foram vendidas, os morador antigo saíram, viram que viro bagunça e foram vendendo. Eu recebo todo dia pedido que gente querendo comprar a minha casa, eu falo – Não, não vendo – eu não comprei como é que eu vou vender uma coisa que eu não comprei. Eu ganhei quando eu fui morar nela lá atrás, então eu tô preservando, quer dizer – hoje tá um filho de um compadre meu morando lá – que não tá nem preservando muito, que eu já chamei já – ou tu vai preservar a casa ou tu vai sair da casa – por que eu quero que a casa até o dia que eu morre que ela continue em pé. Então não tem jeito, volta a vila do jeito que era, nunca mais, não volta mais, infelizmente.

Pesquisadora: É uma pena né, é uma cidade tão bonita, tão interessante e é uma arquitetura que tem uma qualidade né.

E1\_EX ICOMI: Eu que participei de projetos que foram criados novos, antes de conhecer Serra de Navio né, igual Trombetas que é uma cidade do Pará, hoje Porto Trombeta mineração do norte, quando cheguei na Serra do Navio eu vi. Cheguei de Trombeta, Serra do Navio o projeto que eu já conhecia, Monte Dourado, Balbina – lá em Presidente Figueiredo indo pra Roraima – foi tudo copiado daqui e ainda tá ainda. Monte Dourado ainda tá bem preservado, Monte Dourado. Balbina eu não voltei mais, faz tempo que eu não vou em Balbina já, tempo que eu tava aqui eu fui visita amigo meu em Balbina, indo pra Roraima. Mas Serra do Navio é uma tristeza muito grande de ter chegado no ponto que chegou.

Pesquisadora: Bom eu acho que, é mais ou menos isso que eu gostaria de saber, acho que o Senhor respondeu tudo, muito bem todas as coisas aí que eu gostaria de saber. Mas se tiver alguma coisa aí pra acrescentar que o senhor gostaria de falar ainda do período da Serra, memória, ou coisas que gostava.

E1\_EX ICOMI: O que eu te falo é que lá era uma família né, que agente conseguiu. A gente, todo mundo se juntava, todo mundo sabia quem era quem. Tinha separação de níveis, mas todo mundo era unido e hoje a gente vai lá, não sabe quem é quem. No nosso tempo a gente sabia, fazia festa na escola, festa junina, os arraiais as festas na igreja, lá no clube no CCH, nós todo mundo era unido. Uma família. Eu considero uma família grande, sem desunião, sem briga, todo mundo se respeitava, todo mundo era amigo e hoje não. Hoje a gente vai e eu vejo que as pessoas não sabem que é o vizinho do lado. Então eu senti muito, porque eu era o presidente do clube né, que concentrava a vila toda, dois mandato, dois ano primeiro logo que eu cheguei solteiro e dois casado eu fui mais duas vezes. Então eu convivía com todo mundo, as festas nossa, o baile das flores, a festa da mina, carnaval – que eu consegui todas com banda de música mesmo, não era aparelhagem que leva de Macapá pra lá. Então nós, todo mundo era, tanto que até hoje nós temo um grupo. Eu tenho um grupo hoje, que antes a gente não tinha telefone e televisão, hoje a Internet e o whats app faz. Então hoje eu participo de uns quatro grupo de Serra do Navio né, até o Paulo Roberto participa de um deles né, nós temos gente no Brasil todo e eu participo de níveis mais baixo. A onde que eu to em todos e por último criaram um grupo da turma que era dos meus subordinados lá da mecânica. Então a gente se fala sobre Serra do Navio, todo dia agente agente fala sobre Serra do Navio.

Pesquisadora: Ah legal!

E1\_EX ICOMI: Sobre o futebol, nós tinha um torneio interno entre o campo do MEC. Que é um dos melhor campo do norte que era, que podia chove o que chovesse – igual aqui chove muito – mas o campo era drenado que podia tá jogando bola não dava aquelas piscina que a gente vê em campo grande aí por aí a fora. Era uma drenagem excelente! Então agente (...) a história ficou realmente marcada.

Pesquisadora: Interessante! E ainda tem essas festas em Serra do Navio?

E1\_EX ICOMI: Não parou. Nunca mais, nunca mais.

Pesquisadora: Nem o baile das flores?

E1\_EX ICOMI: Não. O clube acabou né. O clube destruiu, tá destruído. Uma tristeza, muito grande!

Pesquisadora: Mas é isso então. Eu vou finalizar a nossa gravação aqui, a gente teve quarenta e quatro minutos.

<b>IDENTIFICAÇÃO: E2_EX ICOMI</b>		
<b>Data da entrevista:</b> 27/10/2021		<b>Duração:</b> 44min 35s
<b>Gênero:</b> F	<b>Idade:</b> 53 anos	<b>Naturalidade:</b> Santana/Amapá
<b>Atual morador de SN:</b> Não		<b>Reside Atualmente:</b> Santana/AP
<b>Ex morador de SN:</b> Sim		<b>Período:</b> (1969-1985) idas e vindas até 2020.

Pesquisadora: (...) a primeira coisa que eu pergunto sempre né é pra ti falar do teu contexto. Me contar o contexto de vida na Serra do Navio, qual a tua história a tua história com a Serra do Navio.

E2\_EX ICOMI: Olha eu entrei na ICOMI em 1988, eu tinha dezenove anos. Tava recém chegada de São Luís, na época se fazia magistério hoje não tem mais, é só o segundo grau e pronto né. Então eu fiz três anos de magistério e depois em seguida eu fui trabalhar na Serra do Navio. Passei por um teste, através de uma produção de texto, uma redação e aí assumi uma turma de primeira série. Lá nessa escola, a orientadora me disse que tinha a probabilidade de fazer com que. Eu tinha dezenove alunos também, era uma turma especial. Então, se eu fizesse com que cinco alunos aprendessem a ler, o mérito seria todo meu. Desses dezenove, dez eu consegui. Agora os nove, infelizmente eu levava pra casa tudo, fazia reforço mas, esses realmente tinham problema. Então durante a minha vida na. Eu sou Santanense, nasci aqui, porém a minha vida estudantil foi toda na Serra até a oitava série, na época era ginásial né, e hoje é ensino fundamental dois. Então eu terminei, todo mundo, terminava os estudos — o ginásio — e ia embora, ou vinha pra cá (Santana), ia pra Macapá ou então pra outra cidade, como a minha tia morava em São Luís, eu fui morar com ela, fazer magistério. Então, durante a minha vida na ICOMI foi assim, de muito aprendizado, lições, porque era uma empresa organizada, séria e que oferecia toda uma estrutura assim, boa né e de condições de trabalho pro funcionário. A escola era rica em material, rica em livros assim, em material de didático. Tudo o que você precisasse você teria, sabe ali em suas mãos. Então, durante a minha vida na ICOMI, foi assim, muito boa, muito proveitosa a ponto de que, eu digo não, eu vou ficar aqui temporariamente, o salário muito bom, eu disse “Então vou fazer o curso, vou fazer faculdade, podendo ganhar o dobro”. Nossa! Eu tinha hora pra (palavra não compreendida) como uma rainha, porque eu tinha tudo ali, né, né! Só vivia pra trabalha. Então a minha, a ICOMI, foi essa a minha trajetória, assim, profissional né. De lazer tínhamos acesso ao clube, nós tínhamos acesso ao hospital. Do hospital ia uma enfermeira levar tipo um

retorno, assim, ir passar periodicamente na consulta, tinha todo esse cuidado. Pagamento em dia, então isso aí pra um funcionário né! Trabalhar com satisfação, com vontade né!

Pesquisadora: Então, tu morou na Serra quando? Nessa escola tu estudou e trabalhou?

E2\_EX ICOMI: E por coincidência a minha mãe também era professora lá, então eu estudei e trabalhei junto com a minha mãe (risos).

Pesquisadora: Ah que legal! (risos).

É! E os alunos que eu não consegui alfabetizar, quando, aliás que eu é, que eu não consegui alfabetiza, eles foram também alunos da minha mãe já na terceira série. Eu era da primeira série, eles passaram um tempo na primeira série né. Mas quando conseguiram ir pra terceira, a minha mãe olhou e disse “Nossa! Aqueles ali foram aluno da minha filha.” Muito bacana!

Pesquisadora: Mas tu nasceu aqui né, em Santana e aí foi pra Serra em que ano?

E2\_EX ICOMI: Eu fui, eu só nasci aqui, aí eu fui mora pra lá. Eu me considero um pouco Serrana, porque a minha vida toda foi lá. Mas nesse meio tempo, a minha mãe também veio trabalhar pra cá. Porque ela veio continuar os estudo dela, porque éramos pequeno, e depois que nós ficamos maiores ela resolveu voltar a estudar, voltar a estudar. Então ela fez o magistério e ela também trabalhou na ICOMI né. Então nesse período eu estudei aqui, três anos, e o restante morei na Serra e estudei também.

Pesquisadora: Ah bacana! Então é uma história de família com Serra do Navio né?

E2\_EX ICOMI: É, nossa! E digo assim, a ICOMI deixa saudade porque hoje já não se tem mais uma empresa assim né! Quando a pessoa. A minha mãe conta né, que quando a pessoa adquiria a casa pra morar, já estava mobiliada de um tudo, né. Hoje a gente ainda tem móveis daquela época, então, quer dizer. Então eu acredito que, eu tenho como pensamento assim da ICOMI, que assim como ela ofereceu né! Todas as condições pro funcionário, ela queria ter esse retorno, que o funcionário também correspondesse né. Que fosse também, que levasse a sério, fosse comprometido com a empresa né e desse de um tudo, o esforço dele né. Eu acredito nisso.

Pesquisadora: E aí tu ficou na Serra até quando?

E2\_EX ICOMI: Olha! A minha história com a Serra é engraçada. Aí em oitenta e oito eu fui, eu trabalhei né, aí em oitenta e nove eu fui fazer o cursinho em Belém, porque até então, aqui não tinha cursinhos assim, bons, faculdade. Então, toda a pessoa que quisesse estudar, teria que ir pra outro estado. Aí eu estudei, em Belém, fiz o cursinho, fiz dois anos porque aguardei o curso que eu queria e tal, aí eu consegui passar em pedagogia. Cursei um período, depois tranquei, e voltei pra cá de novo. E pra cá eu fui trabalhar, aí eu voltei pra cá em Santana e trabalhava em Macapá. Isso, por um período de cinco anos, depois disso eu retornei novamente minha faculdade, me formei, e voltei denovo pra cá e aqui eu segui a minha trajetória profissional né, porque eu sou pedagoga.

Pesquisadora: Tu voltou pra Santana, então?

E2\_EX ICOMI: Eu fiquei assim, um pouco em Santana e um pouco em Serra do Navio.

Pesquisadora: A tá, mas tu trabalhava na Serra, agora nesse último período? Ou não?

E2\_EX ICOMI: Sim. Agora por último sim, até o ano passado.

Pesquisadora: Até o ano passado.

E2\_EX ICOMI: É trabalhava na secretaria municipal de educação. Era coordenadora pedagógica era coordenadora também da fluência em leitura e também, eu era coordenadora pedagógica em cinco escolas municipais. Eu era, eu queria ser uma centopeia (risos), mas a gente se organizando, a gente se planejando, dava tudo certo.

Pesquisadora: Então é isso assim, sobre a questão de contexto de vida. Mas também, se depois tu for lembrando de alguma coisa que tu queiras acrescentar né, fica à vontade.

Aí a minha segunda pergunta é mais sobre a tua experiência de viver na Serra. Assim, pra tu me contar, como que foi viver na Serra? Como é que era vivenciar aquele espaço, espaços públicos, as casas, outras coisas também enfim, tudo o que relaciona com a experiência da tua vivencia nesses períodos todos que tu passou lá. Desde o período né, de infância até agora.

E2\_EX ICOMI: De infância eu me lembro nós, no auge da ICOMI, nós ganhávamos presentes é oferecidos pela empresa, presentes bons. E nós, chegava nessa época, a gente ia correndo até um local chamado administração que é onde estavam os presentes pra gente pegar o nosso. Embora, por exemplo, teve uma época que nós fomos de férias pra Poços de Caldas, quando nós retornamos nós fomos até a essa administração de vilas pra pegar o nosso presente. Então, isso que eu digo, é isso que deixa saudade né, não é que a gente queira ser saudosista, mas agente presa assim pelo que foi bom né. Comparando com os dias de hoje né, dessa época, dos presentes no final de ano, do papai noel né. (Entonação de empolgação). Até um tempo eu acreditava mesmo no papai noel né (risos), naquela época né se acreditava, hoje eu fico triste que não tem mais o papai noel (risos). Então, a minha infância ali sabe, eu comparo quando eu saí de Serra do Navio pra ir pra São Luís. A Serra do Navio era uma cidade pacata, onde todo mundo se conhecia, brincava, aquela coisa de um brincar na casa do outro né e eu sempre brincando de escolinha em casa. Mas quando eu saí da Serra assim, eu lembro disso daquela cidade em que era pacata, onde todo mundo se conhecia, brincava de forma saudável né. Não tinha aquela coisa de cidade grande de hoje né e quando eu saí lá eu senti um choque, porque assim né, um choque de realidade. Por que Serra do Navio até hoje, eu voltei pra casa da minha mãe assim, semana retrasada, eu senti — a gente nota né (entonação de empolgação) — aquela coisa da cidade né, do mato né, da energia lá, do clima. Então é isso, a minha vida foi assim. Em meio a natureza, qualidade de vida né, onde tudo era organizado, onde tudo era bonitinho, as gramas não eram tão grandes era tudo mantido ali. Já se pensava desde dessa época na questão ambiental, questão da sustentabilidade né! Isso eu vejo, embora na época a ICOMI devasto né com a mineração, mas aí depois ela reflorestou e tal. Teve esse período. Então eu lembro da minha fase assim, estudantil que eu fiquei até os quinze anos, dessa forma. Brincar de forma é ingênua né! Porque ali é uma cidade pacata e não se vê coisas assim, horrorosas, violentas, de forma violenta assim. Eram coisas assim saudáveis né! As brincadeira saudável, todo mundo amigo de todo mundo.

Pesquisadora: Bacana! E aí com quinze anos tu foi embora né e depois quando tu voltou, como é que estava a cidade?

E2\_EX ICOMI: Até oitenta e oito ainda seguia aquele ritmo, aquele regime ICOMI na cidade, sabe? Onde é, por exemplo, eu ainda consegui morar com a mamãe ainda assim, no período que a minha tia trabalhou é, tinha que morar em alojamento. Assim, ela era enfermeira na cidade, então ela tinha que mora em alojamento. Mas aí a mamãe por cuidado assim com a minha tia — ela disse, não se você não casa você vem mora comigo —

(Latidos)

Vamos esperar?

Pesquisadora: A gente pode esperar um pouco de repente?

(Interrupção por causa do latido dos cachorros na rua).

Pesquisadora: Aí tu pode me conta. Tu tava falando acho que era desse processo né, desse período que começou essa transição né, entre a ICOMI e a administração pública.

E2\_EX ICOMI: É! Então viu, até oitenta e oito tinha esse regime ainda da época da ICOMI, olha na época da ICOMI é, só podia ficar até dez horas na rua, sabe? Era o regime severo.

Então até dez horas, por exemplo, pessoas que iam pra lá e não tivessem um local pra ficar voltava no trem. Não podia ficar assim, à toa, dormir na praça, essa coisa. Não. Então, por isso que eu digo, eu gostei que o meu primeiro emprego foi na ICOMI por ser uma empresa organizada. Por que agente que, recém chegada né, você saída de uma escola e ir pra uma empresa né, que não tá nem aí né! Por exemplo, às vezes, às vezes o serviço público né. Por que tem pessoas que né, vão a hora que quer, chegam a hora que quer. Eu por exemplo, até hoje eu sigo o horário assim certinho, sabe? Ei fui diretora é ano retrasado lá na Serra de uma escola e lá eu, eu queria ser organizada com a escola. Eu peguei a escola daquele jeito! E uma das professoras falaram pra mim — Ah a senhora quer fazer escola igual à da Serra lá da ICOMI — e disse: — Mas a ICOMI não deu certo. (risos) né! Olha, quando eu saí de lá da Serra do Navio e fui fazer vestibular eu fui preparada. Por quê? Porque o estudo de lá também era de qualidade. Tudo da ICOMI era bom, sabe? Os melhores filmes, os melhores cinemas, melhor cinema — Porque só tinha um — os filmes eram de qualidade. O hospital, pessoas que faziam desde de plástica, vinham de fora e faziam plástica lá, cirurgia plástica, sabe? Então o hospital, esse hospital daqui, agora não por que mudou de nome, mas. Mudou de nome não, mudou de gestores né! Mas preserva ainda aquela coisa da ICOMI né. Então o estudo era de qualidade, professores vinham de fora e pouco pro final eles aproveitavam os, os, as pessoas daqui também. A minha mãe né, é amapaense, ela foi (...) nossa! Ela teve uma brilhante carreira profissional, meu pai. Então eu, como eu me acostumei a trabalhar em uma empresa assim, então eu queria seguir isso. Sabe? Eu até hoje sou assim, pontual, compromissada, atenta a tudo, porque é assim que a gente é. Pra se fazer né! Uma coisa séria e ter credibilidade a gente tem que ser assim.

Pesquisadora: Tá certo! (...). Eu queria saber o que, como é que tu sentiu essa mudança, né! De quando virou o poder público em relação a cidade. Como é que foi isso pra ti, o que é que mudou?

E2\_EX ICOMI: Olha, eu fiquei bem triste porque depois a cidade ficou abandonada, sabe! Não deram continuidade. O primeiro prefeito ele pegou todas as coisas da ICOMI. Assim, é como ela deixou né! Então eu achava que ele como gestor, ele deveria prosseguir. Serra do Navio um tempo foi considerada cidade fantasma. Então, pra nós que vivenciamos tudo aquilo né, vimos de perto.

Pesquisadora: Tu tava nesse período lá?

E2\_EX ICOMI: Não. Eu já tava em Belém fazendo cursinho, mas meus pais contavam né! E eu também vinha nas férias. Eu vinha duas vezes, em julho e em dezembro e agente via como que ficou Serra do Navio. Então eu acredito que faltou muito de todos esses gestores que passaram né. Não teve parcerias, mas a comunidade também fazendo a sua parte, cada um é. Como era antigamente tinha o carro do lixeiro né e pegava, hoje em dia, tem gente que deixa geladeira na frente da porta, da casa, deixa lixo entulhado. Então, as pessoas também tem que fazer a sua parte. Então eu fiquei entristecida de saber né, como uma empresa que deixou, que era e de repente como, verifiquei né, presenciei que tava um caos, tava abandonada! Então eu acho que tem que ter parceria também e comunidade e gestores assumirem né, pra turismo. Então, atrair. Rica, a cidade é rica de lugares, de belezas naturais, né?

Pesquisadora: Muito!

E2\_EX ICOMI: Se chegou a ir lá na, na lagoa azul?

Pesquisadora: Sim.

E2\_EX ICOMI: Pedra Preta? Você se sentiu lá, quando foi na lagoa azul a Brooke Shields? (risos). Todo mundo saí de lá né (risos). Então, eu digo que, que foi um choque pra gente. Tem gente que chora quando vai pra lá, quem morou lá, vivenciou lá tudo aquilo, né! E volta lá e vê como esta.

Pesquisadora: E assim, eu acho que eu pulei uma pergunta, mas agora eu vou voltar. Eu queria que tu me contasse. Na tua opinião, se pudesse enumera, o que que Serra do Navio tinha de mais especial?

E2\_EX ICOMI: Uiii!

Pesquisadora: Fala o que vem a tua cabeça assim. Geralmente o que vem (...).

E2\_EX ICOMI: De especial! (Pausa para pensar). Eu falei em relação a cidade, em relação a relação entre as pessoas né, é nesse sentido?

Pesquisadora: De modo geral.

E2\_EX ICOMI: Eu digo que a tranquilidade, a tranquilidade, a segurança, sabe! Aí você podia ficar na porta de casa né! Conversando. O sossego.

Pesquisadora: Hoje em dia não dá mais?

E2\_EX ICOMI: Não. Hoje, não se pode deixar mais. Ó o meu paizinho, tadinho, ficou sozinho na casa. A gente fica super preocupado com ele, sabe! Quando eu morava lá, trabalhava, eu ficava por lá, eu e ele né. Mas por conta, eu trabalhava lá através de contrato e me vim quando o contrato acabou, esperando que o contrato voltasse, me vim, tive que me reinventa. Sabe, mas uma pena. Então hoje, Serra do Navio não tem mais segurança, virou uma cidade, eles vivem em uma cidade temerosa, assim. Já tem casa de prostituição, já tem casa de pessoas que fumam e usam drogas, que se vendem até na escola. É, então, de especial pra mim em Serra do Navio é isso, a tranquilidade, o sossego né, a segurança e o convívio com os amigos e as pessoas. Eu gostava! (risos)

Pesquisadora: E dos lugares de Serra do Navio assim, que tu mais frequentava, que tu mais gostava?

E2\_EX ICOMI: Ah era o clube! (Risossrs)

Pesquisadora: Qual deles, o CCH?

E2\_EX ICOMI: O CCH eu ia raramente assim.

Pesquisadora: A tah. O MEC então?

E2\_EX ICOMI: É, porque o CCH é. A gente ia assim, mais pra um lanche ou alguma coisa assim, sabe? Um lanche mais gostoso, porque lá era de qualidade. O chocolate eu não esqueço, o chocolate era um dos melhores ali (risossrs), pizza, e eu também ia lá quando eu fazia dieta e eu ficava na sauna. Aí tinha sauna, tinha boliche, sabe? Uma época muito boa, poxa vida e eu sinto saudade assim. Da época do clube que ia os melhores, as vezes banda, as vezes bailes. Eu me lembro, se eu puder acrescentar isso, que quando agente, nós fomos estudar o segundo grau né! E todos os anos, em julho, era o baile da saudade e tinha o baile da..., ai meu Deus do céu!

Pesquisadora: Das flores?

E2\_EX ICOMI: É, isso! O Romulo que hoje ele é advogado, hoje é dentista, um monte e ele, ele criou o baile do jeans. Aí isso era em julho, o período de férias todinhos pra os estudantes. Então, tinha o baile do jeans, o baile do crachá, baile anos dourados. Então era assim, mesmo depois de formado, trabalhando, não perdia as festas também, estava lá.

Pesquisadora: Bacana. E aí tu participa daquelas festas dos serranos que o pessoal me contou?

E2\_EX ICOMI: Sim. Aham. Eu participei até o nono né, que teve?

Pesquisadora: É eu não sei.

E2\_EX ICOMI: Mas era muito bom. Teve um senhor lá da Serra do Navio o senhor Cinturinha.

Pesquisadora: Ah eu conheço ele. Ele mora aqui em Santana agora né?

E2\_EX ICOMI: É, até encontrei com ele uma vez e disse: — Seu cinturinha, a sua cintura já tá mais grossa. Porque ele engordou né! E aí, sabe o que aconteceu, em um desses encontros, acho que foi o sétimo ou o oitavo, ou o sexto. Fizeram a barraca como se fosse a loja dele, colocaram tecido, colocaram elástico, colocaram bombons, o chiclete, tudo o que remetesse né! Àquela época dele. Olha ele chorou, ele nunca pensou que ele fosse receber uma homenagem como aquela né. Então, eu achei interessante. O encontro dos Serranos é muito bom.

Pesquisadora: E esse foi a onde? Foi lá na Serra ou foi aqui?

E2\_EX ICOMI: Foi aqui, aqui em Santana.

Pesquisadora: A tá!

E2\_EX ICOMI: Foi lindo, lindo!

Pesquisadora: A que interessante!

E2\_EX ICOMI: Poxa! Aí a gente sente que é uma família, sabe? Que todo mundo ali é amigo, lembra do tempo da escola né! O encontro dos namorados, que tem gente que não tem esposo né hoje, foram namorado na época. Aí conta os causos, as situações, as brincadeiras, os apelidos (...). E teve um ano que teve o professor Cerpa, não sei se você conheceu?

Pesquisadora: Não.

E2\_EX ICOMI: Ei, no último ano nosso do encontro dos serranos, minina, ele foi em 2019, foi pra Serra. Aí o baile foi aqui em Macapá, porque agora não tem mais aqui em Santana né! Foi em Macapá, perto da fazendinha e teve um baile assim. Nesses bailes também, eles dão intervalo pra fazer as homenagens sabe? Ai tem é troféu, aí tem umas coisinhas assim bonitinhas. E também, de praxe, tem que ir pra Serra. Só que agora não é mais no CCH. Aí fizeram é, é, como tá muito deteriorado o CCH, incrível eu comparei assim igual ao Titanic sabe? Nos tempos áureos que era o CCH e agora como ficou. Triste, desde de cobra tem lá dentro.

Pesquisadora: É eu fui lá.

E2\_EX ICOMI: Sê foi! Nossa Senhora! Lá em baixo, Meus Deus! É deprimente a coisa e lá se fazia churrasco, lá tinha — Por isso que eu digo que tenho saudade né — da sauna, dos jogos de boliche, da piscina que tinham três piscinas! Sabe? Uma pequenininha e a outra dos maiores né. Assim, e tinha também a maior, que eram dos adultos e todo o tempo é, limpas sabe? Faziam a manutenção da piscina com cloro, com tudo né. E agora eu me perdi.

Pesquisadora: Tu tá contando do CCH agora, que era como se fosse o Titanic e falando da

E2\_EX ICOMI: Então aí teve o encontro dos serranos e esse quando passou, foi pra lá o nosso professor de educação física. E ele foi pra lá e ele participava de todos os eventos. Teve o Lual, lá na Pedra Preta aí eles ajeitaram lá, bem bonito assim que tava e teve o lual lá, com música ao vivo e ele participava de todos. Inclusive também teve uma homenagem que eu fiz pra minha mãe porque ela se aposentou, então eu juntei o período dela de tribunal de justiça depois que ela saiu da ICOMI, ela fez o concurso do estado, depois de um tempo ela fez o concurso do tribunal de justiça. Aí quando ela se aposentou, eu fiz a homenagem pra ela pelo tribunal e fiz pela carreira dela também de professora. E ele também participou porque eles trabalharam junto, então foi o café da manhã, isso foi incluído no roteiro da programação do encontro dos Serranos e aí eles colocaram — a escolinha da professora (nome da mãe) — e foi o café da manhã e todo mundo participou, lá na Serra. E ele, meu

Deus, ele tem 65 anos e ele participou de todos e acabou lá no Lual a comida a cerveja e tudo e a gente, eles foram come, toma biscoito com cerveja. E aí com isso, ele já tava problema de, tava com um tumor na cabeça e ninguém sabia, aí ele voltou pra São Paulo e quando foi em maio faleceu, isso em 2019. Então a festa é isso, ela lembra né os momentos que a gente. Eu, agradei ele em vida, dizendo: — Olha! Obrigado foi o senhor que me encorajou a pular naquela piscina, foi o senhor que me encorajou, quando o senhor disse “Agora pra cá, desse outro lado da borda, só vai atravessar a piscina quem já souber golfinho” (uma modalidade né!). E quando o Senhor me disse: “Claudia, pode atravessar menina”. Ele era tipo o Bernardinho do volêi sabe! (risos). Mas aí, todo mundo, como diz: ele era severo era, mas isso dava encorajamento pra gente né. Ele disse, “Vai”, ele fazia com que a gente ousasse né! Por que eu achava que não tinha capacidade né, de atravessar. Porque eu sempre fui gordinha, só fui magrinha quando eu nasci e tinha sete meses (risos). Então, aí é, deixou essa lembrança pra nós sabe, dele. O encontro dos serranos deveria todo ano, mas por conta da pandemia né aí foi suspenso.

Pesquisadora: Entendi. É né, esperamos que passe né essa situação.

E2\_EX ICOMI: Eu não tô fugindo do?

Pesquisadora: Não. Tá ótimo!

E2\_EX ICOMI: Saindo do foco.

Pesquisadora: Bom, eu acho que isso aqui eu já te perguntei né. A questão de visita né, tu já falou que visita a cidade constantemente né. Tu tem alguma coisa pra acrescentar da situação atual da cidade, assim do que que tua acha? Por que que a cidade tá assim?

E2\_EX ICOMI: É como eu falei, uma das. Acredito sim que é, claro a gente, uma ICOMI não vai ter acho que nunca. Tem uma empresa lá né, mas não. Fazem muito pouco ainda pela Serra do Navio. Acredito que se juntasse né, pessoas que fossem sérias. O prefeito deveria se voltar mais né pra questão do asfalto ali. Sê viu como tá? Os próprios moradores de lá deveriam também, fazer a sua parte. Porque eu vejo que, olha um outro canto lá, um bairro lá, tá horrível! As pessoas deixam, aquele alojamento, você chegou a ver o alojamento? É perto do CCH? Pra cá assim, o alojamento é pra cá. Eles tão de graça ali, você sabia? Doando pela prefeitura. Então, poxa! Já estão morando ali e não deveriam também arregaçar as mangas e pintar, dar uma pintadinha, cortar ali a frente né, capinar, roçar. Dar uma fachada mais bonitinha, porque aquilo ali foi doado pela prefeitura. Eles moram ali de graça e não fazem nada. Então eu acredito, eu é que os próprios moradores deveriam também fazer a sua parte pra atrair mais turismo. Deveriam fazer, é eventos, mobilizando os moradores da cidade. Ali aquela pracinha, uma vez eu montei um projetinho, só que infelizmente já tava no final e o prefeito e aquela coisa do, de se reeleger né! Ele tava na campanha. De mobilizar moradores pra juntos dar uma cara nova ali pra praça, ajeitar ali os bancos, pintar, limpar. Colocar, fazer um levantamento de quem é que sabe plantar, quem é que sabe pintar e fazer um mutirão, sabe? Então, eu acredito que eu é falta assim, os moradores se mobilizem né. Deixar a Serrinha mais, porque quando você vem na estrada e tá ali “Serra do Navio, lugar de gente feliz” né? Pra dá um sorriso, né pra cidade. Por que do jeito que tá né, aí coloca a culpa no sistema e nós? Nós não podemos também fazer a nossa parte? Né? Culpam muito o prefeito, mas o povo ali, deixam sujeira. Cada um não mantém a casa, não deixa bonitinha a casa, fazem qualquer (...). Sê ando todas as ruas ali?

Pesquisadora: Ai praticamente. Andei bastante, porque eu tirei muitas fotos né!

E2\_EX ICOMI: Você viu que tem um rapaz que colocou uma pedra na frente da casa dele? É uma rua em frente da escola a casa dele.

Pesquisadora: Ah sim.

E2\_EX ICOMI: Sabe? Fica ali na rua da escola e ele colocou uma pedra lá e ele, todo organizadinho. Sê viu, cada um ajeita a sua casinha, mas tem outros! Pelo amor de Deus! Da vontade de corre né? (risosr). Eu acho, essa é a minha opinião.

Pesquisadora: Entendi. E dos principais problemas que tem na Serra o que que tu diria pra mim assim, que seria mais urgente de se pensar? Assim, das questões da cidade, enfim?

E2\_EX ICOMI: Eu acho que pra ter o acesso a cidade é essa estrada aí né. A começar pela estrada é isso aí há anos. Muita gente deixa de ir pra Serra por conta da estrada. Não sei agora quando você foi tava boa a estrada?

Pesquisadora: É eu tô acostumada com a estrada do Oiapoque então eu achei boa (risos)

E2\_EX ICOMI: Ai meu Deus! É?

Pesquisadora: Mas todo mundo tá dizendo que tá boa comparada com o que tava antes.

E2\_EX ICOMI: Então eu acho isso.

Pesquisadora: Boa entre aspas né!

E2\_EX ICOMI: Começa por aí. A questão da água, volta e meia falta água lá, a energia que as vezes, uma vez passou acho que mais de duas semanas sem energia. Então, um caos. É..., é como que eu falei, a questão do ambiente ali né! Das pessoas é, fazer também a sua parte. Mas a mais a questão de água e de energia e essas situações assim que.

Pesquisadora: Aham. Tá certo!

E2\_EX ICOMI: A saúde né, também, lá o hospital né, que não oferece (palavra não compreendida), só um, um médico pra oferecer. Todos aqueles municípiozinhos né ali a Pedra Preta, Cachaço, cada dia o médico fica em uma dessas né. A situação da saúde precária das...

Pesquisadora: das comunidades.

E2\_EX ICOMI: É das comunidades. Obrigada!

Pesquisadora: E assim, o meu último tópico né! Que eu deixo pro final assim, é pra falar um pouco sobre a patrimonialização de Serra do Navio, né! Que se tornou patrimônio nacional né, na época de 2010. Aí eu queria que tu me contasse, se tu tava na época lá ou não? Ou se tu lembra de alguma questão de como é que foi esse processo.

E2\_EX ICOMI: Eu estava lá e o meu pai foi até chamado pra eles conversarem a respeito das casa né, dos títulos das casa né! E o que era, passou tudo pro governo né! É uma história assim e o que eu sei é isso. Que o meu pai esteve presente nessa reunião duas vezes, o Iphan esteve lá. Muitos criticam o Iphan né, que não fazem nada. Eles só vão lá e não fazem nada mesmo, sabe! Então, a gente fica. Muitos é vendem as suas casa né, só que, como é que chama? Não têm, não têm o ...

Pesquisadora: O título.

E2\_EX ICOMI: O título. É, então eu não sou a favor do Iphan interceder assim, sabe? Não vi nada, eu vi muita, como é que a gente chama (...)?

Pesquisadora: Conversa?

E2\_EX ICOMI: É e não se fez nada.

Pesquisadora: Mas tu não é a favor Iphan? Ou de conservar Serra do Navio?

E2\_EX ICOMI: Não ele só o Iphan.

Pesquisadora: Mas de conservar?

E2\_EX ICOMI: Sim.

Pesquisadora: Tu acha que Serra do Navio tinha que ser conservada? E por que?

E2\_EX ICOMI: Eu sou a favor disso, porque ali foi uma cidade que deu certo com a empresa. Hoje não dá certo, por causa de alguns? que só que se beneficiar, quer pegar recurso mais não faz o uso pra cidade e sim pra benefício próprio deles.

Pesquisadora: Entendi. Mas e o Iphan, por que é que tu acha que o Iphan não é bom?

E2\_EX ICOMI: Porque eles fazem muita promessa né. Diz que vai fazer isso, vai fazer aquilo e aquilo outro e a gente não vê isso. Fazem reuniões, fazem palestra, dizem como é que, olha um dos momentos que eu estive. Foi umas cinco reuniões que eu estive com o pessoal do Iphan que nós íamos fazer, junto com a escola os professores e alunos, uma redação, um concurso onde as crianças teriam que é manter as coisas lá de Serra do Navio. Por que, a preservação e tal tudo o que a ICOMI deixou por exemplo, algumas coisas né, a sua casa, o jeito da sua casa e, e não foi a frente isso. Esse concurso. Era pra ser o ano passado, mas por conta da pandemia né! Mas dava pra gente fazer isso e nós começamos a falar isso nas escolas, propor que fizessem uma redação uma produção de texto pra, onde as crianças desde de pequenininho tivessem essa consciência do patrimônio que era Serra do Navio.

Pesquisadora: Isso é trabalhado nas escolas E2\_EX ICOMI, tu que tem essa visão de dentro?

E2\_EX ICOMI: Aham. Aconteceu isso, aconteceu isso, mas só foi assim um pouco timidamente, sabe! Então, por isso que eu digo, só que em alguns pontos o Iphan falhava assim, em certas promessas, sabe! Agora eu acreditei nisso do concurso, só que infelizmente, por conta da pandemia não foi a frente. Mas acredito, que da forma como foi trabalhado, embora timidamente, mas ia surtir efeito, ia. Sabe! Nós íamos fazer um trabalho muito bom, assim junto a escola. Trabalhando desde de cedo com essas crianças, tendo já essa preocupação né, com o patrimônio.

Pesquisadora: Legal! (...). E a última questão que eu gosto de levantar sempre né é a questão da regularização fundiária. Que é esse processo de, da titulação né das casas. Não sei se tu acompanhou alguma coisa? Nesse período.

E2\_EX ICOMI: Agora por exemplo. Tem o, cada casa é um valor. Lá no STAFF é um absurdo o valor das casas.

Pesquisadora: É?

E2\_EX ICOMI: É. Lá as casas de baixo não, já são um valor bem inferiores assim. Eu não sei se você chegou a perguntar pro meu pai porque eu só ouvi né falar, vi ele comentar em casa, alguma coisa. Mas eu não tô assim, muito, muito é certa, assim eu não posso falar assim com propriedade, sabe! Mas eu soube dos títulos das casas que tinham valores bem assim, diferenciados. Do STAFF que era onde nós moramos, eles moraram, moram, das casa lá embaixo operaria e intermediaria, cada uma são de valores diferentes. O que eu sei é isso.

Pesquisadora: Então eu acho que é isso assim, que eu tenho de pergunta. Mas se tu quiser me acrescentar alguma coisa que tu acha interessante de eu saber, alguma coisa sobre a cidade, alguma coisa sobre, enfim todos esses temas aqui que eu levantei contigo né. Que as vezes a gente pode ter passado alguma coisa.

E2\_EX ICOMI: É. Veja se eu fugi um pouco do assunto, se você quer que volte a alguma.

Pesquisadora: Não.

E2\_EX ICOMI: O que eu quero dizer é que hoje, embora ICOMI tenha saído né e que hoje a gente permanece morando em uma delas. Pra nós morarmos numa casa dessa, na época da ICOMI, em 1975, o meu pai é comprou com o FGTS, com uma parcela do FGTS essa casa, sabe! E que hoje agente ainda mantém.

Pesquisadora: Essa de Santana né?

E2\_EX ICOMI: É. Sabe! A gente mantém a fachada, mantém algumas coisinhas assim, portas, é. Pra você que é de arquitetura né?

Pesquisadora: Uhum

E2\_EX ICOMI: A gente mantém algumas coisinhas, pra preservar, ter como memória afetiva, sabe? Então, isso aí é, olha o meu pai, aqui nós conseguimos alugar por um tempo, mas alugar não dá certo e uma das inquilinas queria quebrar um tanque que é ainda da época da ICOMI e meu pai disse “ Não, eu quero que permaneça esse tanque aí”, porque ele diz, “Foi do suor meu”, sabe! E hoje essa casa, não tá no papel, mas ele diz que essa casa é minha (risosr). Eu disse “Olha coloca isso no documento, no papel, porque depois né”, aí ele diz “ Depois que eu for embora eu não quero nem saber” ta aí a casa (risosr). Então em respeito a ele, eu procuro manter sabe! Também, porque, a gente sabe. Tá gravando?

Pesquisadora: Tá, vou desligar aqui.

<b>IDENTIFICAÇÃO: E3_EX ICOMI</b>		
<b>Data da entrevista:</b> 29/10/2021		<b>Duração:</b> 01h 01min 32seg
<b>Gênero:</b> M	<b>Idade:</b> Mais de 80	<b>Naturalidade:</b>
<b>Atual morador de SN:</b> Não		<b>Residência atual:</b> Santana/AP
<b>Ex morador de SN:</b> Sim		<b>Período:</b>

Pesquisadora: Então assim, eu sempre começo perguntando né, pra entender bem, sobre o seu contexto de vida e a Serra do Navio assim, como é que aconteceu essa sua história com a cidade, com a empresa? Assim, uma conceituação breve né e como o senhor achar melhor sobre essa questão da sua história com a Serra.

E3\_EX ICOMI: Eu acho que a minha história pra ti vai ser das mais antigas né, a minha idade e pelo tempo de Serra. Cheguei em Serra do Navio, a primeira vez, em 1963. Eu morei em Serra do Navio três vezes. Porque como tu sabes, na ICOMI conforme a gente ia progredindo ou andando, as vezes a gente era deslocado de um lugar pra o outro e com essa, esse avanço meu na empresa. Eu cheguei na empresa como engenheiro ferroviário, saí da escola — me formei em dezembro — e fevereiro ou março eu tava empregado na ICOMI como engenheiro ferroviário e fui morar em Serra do Navio, foi a primeira vez que eu estive em Serra do Navio. Passados alguns anos, talvez alguns anos, uns oitos anos eu voltei a morar em Serra do Navio. Aliás a primeira vez eu morei por dois anos lá e uns oito anos depois eu voltei a morar em Serra do Navio já como subgerente da empresa. Como subgerente da empresa e a terceira vez que eu voltei a morar em Serra do Navio foi em noventa e dois, mais ou menos, aí eu já era diretor já estava trabalhando no desenlace da ICOMI com Serra do Navio. Então passei por três vezes. Foram três vezes maravilhosas, te digo que a primeira vez que eu morei em Serra do Navio, eu classifico como um dos melhores anos da minha vida, entendeu? Uma maravilha! Eu tinha mais ou menos a tua idade, meus filhos eram novos, é a convivência era uma coisa muito, que tomava muito a atenção da direção da empresa. A empresa tinha, tinha, muita, muita, focava muito na felicidade dos seus empregados, na satisfação pessoal deles. Então a empresa é não. Tava muito atenta principalmente a insatisfação dos empregados pra solucionar o problema. É..., então essa foi a minha, o meu contato resumidamente com a empresa. Agora eu quero que tu me aciones pra mim te responder.

Pesquisadora: Tá certo! E nesses momentos né que tu vivestes lá em Serra do Navio. Eu gostaria de saber assim, um pouco mais de como era essa vida em Serra do Navio, assim como é que era vivenciar esse espaço. A relação da empresa com a cidade, com as residências, enfim.

E3\_EX ICOMI: A Serra do Navio era um enclave social no meio de uma floresta enorme, tu sabe disso. A gente estava, Serra do Navio estava a duzentos Km do primeiro ponto civilizado, estávamos a duzentos Km. Naquela oportunidade primeira, ainda não existia telefone, não existia é... comunicação fácil. A única comunicação que gerava com Serra do Navio era o trem. Quando o trem saía, nós estávamos entre aspas, praticamente isolados do mundo. Embora não, a gente tinha uns rádio amadores que a gente conseguia falar, essa coisa toda. Então, nesse aspecto a gente fica, embora a gente tivesse muito isolados, mas a nossa, a convivência integral era, era muito intensa, era intensa e familiar. Embora por definição administrativa a empresa tivesse seccionado, vamos dizer assim, o pessoal de nível superior, do pessoal de nível intermediário e aquilo que agente chamava de o trabalhador comum, o braçal. Mas isso era, era praticamente, embora tivesse formalizado nos estatutos, no papel, era informalizado por que a gente se encontrava. Todos nós nos encontrávamos no trabalho, nas escola, no hospital e na convivência social, na integração. Entendeu! É a ICOMI, embora tivesse essa diferenciação é de moradia, mas o hospital, a escola, o supermercado era o mesmo pra esposa do gerente e pra esposa do braçal. A esposa do braçal tinha bebê na mesma cama que a esposa do gerente. Então não havia nenhuma diferença. Isso era, isso aí era um aprendizado fantástico que a gente, que a gente tinha. A convivência era muito boa, nós trabalhávamos muito. Todo mundo na ICOMI trabalhava muito, mas era muito recompensado. Então àquilo, aquele trabalho, muito, a gente não sentia, porque a gente era muito recompensado de todas as maneiras. Você tava lá naquele mato, você tinha pro teu filho, hospital da melhor qualidade, escola da primeira qualidade. Pra tu teres uma ideia, na escola e no hospital os funcionários, vamos dizer assim, eram praticamente quase que cem por cento de São Paulo, do Rio e de Minas. Porque não é que aqui fosse coisa, é que aqui não tinha essa mão de obra que a gente precisava lá em cima. Então a gente era muito bem assistido, muito bem assistido. Como eu te falei anteriormente, a ICOMI focalizava isso muito no bem-estar da pessoal, ela promovia muita integração, ela promovia é, ela praticamente obrigava que nós largássemos o serviço as cinco horas da tarde pra ir pro campo de futebol, pra ir pra piscina, pra fazer um intercâmbio, entendeu? Embora isso parecesse um negócio estranho, mas não era, é porque ela..., aquilo tudo era estudado, aquilo era pra que vocês tivessem boas condições de saúde pra trabalhar no dia seguinte, pra trabalhar no dia seguinte. Então a ICOMI focalizava tudo na prevenção e no não acontecer o desagradável, ela tomava todas as providencias para que as coisas não acontecessem de ruim. A integração, a integração era muito grande, primeiro entre os grupos. Os grupos de cima — que a gente pode dizer que era o pessoal do STAFF, era o pessoal de nível superior — e também os empregados de categoria um pouco mais baixa. A gente tinha porque nós frequentávamos independentemente — se pode até ouvi de algum ou alguma coisa diferente do que eu tô falando — mas a gente, a gente frequentava os clubes dos empregados de baixo da mesma, da mesma forma. Entendeu? A gente ia promover, a empresa promovia muitas festas, muitas gincanas, muita coisa pra que o empregado, vamos dizer assim, destencionasse do serviço. Porque realmente, a gente trabalhava muito! Mas era muito recompensando e aquilo, e aquilo passava despercebido é, é pra todos nós né! Deixa eu ver o que seria, por exemplo, no mercado, no mercado todo mundo tinha acesso a tudo que tinha no mercado a preços subsidiado, a companhia subsidiava porque o mercado não era pra ter lucro era pra atender aos funcionários. Então a integração era muito boa, vamos dizer assim, você não se preocupava com a tua moradia, a companhia tomava conta do lugar que tu moravas, ela pintada a tua casa, ela desentupia o teu sanitário, a tua pia. Não eras tu que fazia isso, era o funcionário da companhia. A companhia cortava atua grama, fazia o teu jardim. Então, quer dizer, era um negócio diferente do que existia no resto do país.

Pesquisadora: Com certeza.

E3\_EX ICOMI: Né?

Pesquisadora: E essa questão, o que que o senhor acha da questão da arquitetura e da forma como a cidade foi desenhada. O senhor acha que isso contribuiu pra esse bem estar?

E3\_EX ICOMI: Eu acho que foi uma experiência fantástica, tas entendendo, é a Vila, a vila é iniciou na Amazônia um tipo de moradia, um tipo de casa que não existia, um tipo ecológico, próprio pra região, próprio pra região. Foi, foi contada uma empresa de São Paulo pra fazer um projeto de um escritório chamado, do Doutor Oswaldo Bratke. O projeto das vilas foi muito premiado, não só no Brasil, mas no exterior como uma coisa inovadora pra Amazônia. Então aquilo, tudo isso assim, facilitava muito o bem-estar das pessoas entendeu? Fora isso, assim por pessoal menos qualificado, porque a mão de obra não qualificada, vamos dizer assim, era gente que até ontem era pescador, era cortador de lenha. Então a companhia teve que transformar essas pessoas em profissionais, quer dizer, aquela mão de obra inicial não tinha a mínima noção de profissionalismo. A companhia teve que profissionalizar essas pessoas, educar essas pessoas, qualificar essas pessoas, pra poder atender a satisfatoriamente a sua necessidade, que era produzir manganês. Acho que a companhia foi bem sucedida nisso, conseguiu transformar essa mão de obra que era puramente artesanal em profissionais de qualificação. Ela ajudava muito todo mundo que queria subir na companhia, subiu e ascendia e chegou a cargos altos, entendeu? É eu te dou um exemplo meu, dou o exemplo meu eu cheguei como um engenheiro simples, engenheiro de ferrovias simples, tinha acabado de sair da ferrovia, não sabia nada de estrada de ferro, a companhia me qualificou e eu acabei ascendendo aos postos maiores da ferrovia e da empresa. E comigo, eu não fui exceção era com todo mundo. Todo mundo que quis aprender e ascender teve a oportunidade igual, igual. Mas voltando a tua pergunta inicial então, vamos dizer assim, nessa parte de vida de moradia, foi uma coisa inovadora que depois foi retransmitida para todos os projetos similares da região. Depois Vale do Rio Doce, é Carajás, não sei mais quem. Todo mundo que iniciava um projeto passava aqui na companhia pra olhar as nossas casas, olhar o nosso cinema, olhar o nosso campo de futebol, olhar como era o hospital, olhar como era o nosso desenho e eles aproveitavam sempre muito. Muito, muito do que eles viram e aprendiam melhor porque a gente já transmitia pra eles, dizendo: “Olha! Isso aqui não deu certo”, “Isso aqui é melhor”, “Isso aqui não deu certo”, entendeu? Então tivemos essa, essa (...), boa intenção de ajudá-los nesse aspecto aí.

Pesquisadora: Legal! E o que que o senhor considera que poderia não ter dado muito certo? Assim nessa questão de projeto? Lembra de alguma coisa?

E3\_EX ICOMI: Ah eu, não lembro. Acho que tudo deu certo. Porque tudo foi pensado com muita antecedência, estudado com muita seriedade. Por exemplo as Vilas, o Dr. Oswaldo Bratke, antes de iniciar o projeto, mandou a equipe dele pra cá pra passar sessenta dias olhando aqui e olhando Serra do Navio. Olhando que no dia tal assim do mês tal, o sol nasce assim, o vento é assim, a intensidade pluviométrica é assim. Quando eles começaram a passar o projeto pra prancheta eles tinham todos os dados necessários, todos dados necessários. Por exemplo, as casas o teto, a madeira usada, tudo foi previamente adquirido lá foi. Toda a madeira passou pelo tempo de secagem pra poder ser transformada em tábua pra poder da tábua virar porta, ou virar uma parede ou virar uma janela, tudo isso foi qualificado. Então a companhia ela montou em Serra do Navio oficinas, trouxe gente qualificada pra poder trabalhar. Então os erros, se houveram, ninguém comentou pô. Ninguém comentou.

Pesquisadora: E nesses três períodos diferentes que o Senhor passou por lá, teve alguma diferença na qualidade de vida nesses momentos? Aconteceram mudanças com o passar do tempo?

E3\_EX ICOMI: Não, aconteceram as mudanças decorrentes do mundo. Da mudança natural, mudança interna mesmo da empresa, muito pouca. Mudanças nesses períodos, mudanças no comportamento interno da empresa muito pouco, algumas coisas que a gente considera e aqui, tô te falando com propriedade. Quer dizer, embora a gente tenha feito esse projeto que nos deixou com muita satisfação, mas nós reconhecemos que nós fizemos um pouco além do que precisava, entendeu? A gente acha que a gente fez um pouco mais do que necessário e isso, vamos dizer assim, gerou alguma, algum mal estar, algum inconveniente — não na

empresa — mas com o meio externo, com o meio exterior. Usando um palavrear mais simples, isso gerava muito ciúme entre quem era da empresa e quem não era da empresa, entendeu? Principalmente porque acabou havendo uma leitura equivocada por parte do amapaense e por parte do governo de que, vamos dizer assim, a ICOMI só fazia tudo aquilo mas só pros seus empregados, não fazia pro meio exterior. Então é uma visão meia obtusa, mas que existia muito aqui. Tô dizendo porque autoridades, depois eu galguei postos altos na empresa e tive oportunidades e aí se queixavam muito dessa forma pra mim e eu tinha até, eu ficava até sem jeito de como dizer, “O cara! A empresa é uma empresa, não veio pra cá fazer filantropia. A empresa veio tirar manganês né, extrair como um negócio como qualquer outro”. Pagou todos os impostos, pagou todos os impostos. Não teve, saiu de maneira um pouco difícil porque depois de quarenta anos e beneficiar a região do jeito que a gente beneficiou. O pessoal que ia ficar anteviu a dificuldade que a ausência da companhia ia gerar. Então, essa coisa era complicada. Então eu acho que isso aí gerava, gerou tudo isso. De gente do governo chegou a dizer pra mim — eu já era gerente e diretor — “Poh mas vocês só fazem pra vocês, não fazem pro”. Cara, “nós somos uma empresa, nós não somos uma empresa de filantropia. Nós somos uma empresa de mineração que cumprimos religiosamente o que a gente escreveu no contrato de concessão poh”. Não sei se eu me fiz entender.

Pesquisadora: Sim! Fez sim, com certeza e aí aproveitando essa sua colocação eu já parto pra pergunta né, de como é que foi o momento — em que o senhor teve envolvido também né — dessa saída da empresa e quando se tornou município, passou para a administração pública. Como é que foi esse processo assim, né em Serra do Navio?

E3\_EX ICOMI: A esse processo começou, começou uns dez anos antes da companhia encerra as suas atividades, foi quando Serra do Navio virou município. Serra do Navio acho que foi final de oitenta, por aí assim, ou no começo da década de oitenta Serra do Navio virou município. Mas embora ela esteja sendo município, o prefeito bá bá bá, toda a administração é, queria viver como se fosse funcionário da ICOMI pô! E queria que a ICOMI, vamos dizer assim, administrasse a cidade pra eles pô! E a gente acabou fazendo isso, porque a gente tinha o interesse, nossos empregados estavam lá, entendeu? Necessitavam de que a mão de obra estivesse satisfeita, esse negócio, continuamos fazendo. Mas foi um processo, um processo lá de trás, embora as autoridades não quisessem enxergar, mas a gente sinalizou pra eles: “Olha gente! Nós tamo acabando, daqui a dez anos nós vamos sair pô! Se preparem, porque nós vamos sair pô! ”. Mas a comodidade, a comodidade do governo em relação a isso foi questionável, não quiseram enxergar que o minério era findável e nós sinalizamos pra eles muito tempo. “Ó cara! Se não quer acreditar, vai lá na receita e vê que ano passado nós exportamos um milhão de tonelada, vamos exportar novecentas esse ano, oitocentos ano que vem, setecentos depois e vamos sair diminuindo. Se preparem! ” Mas isso não sensibilizou as autoridades, quando chegou a hora da verdade “Olha! Nós estamos saindo”, ficou mais difícil ainda. Aí buscou-se argumentos dos mais estapafúrdios possível pra dificultar mais a nossa saída. Nessa ocasião apareceu o problema do arsênico, que você ouviu falar né?

Pesquisadora: Uhum

E3\_EX ICOMI: Apareceu o problema do arsênico que a política aproveitou e transformou numa Covid-19 (risosrs) daquela época, que ficou muito difícil da gente supera e mostrar que não era isso pô! O assunto não era daquele tamanho e nem era próprio transforma um fato localizado numa pandemia pô! Entendeu? Foi, foi, foi complicado, foi difícil, mas a gente, mas a gente tava preparado para as dificuldades, acabamos sanando tudo isso tanto que, embora houvesse todo aquele barulho e tudo aquilo que você ouviu. Mas a ICOMI não foi penalizada legalmente em nada, porque diziam assim “Não, por que o pessoal aqui tá tudo contaminado. Tá tudo doente e tal”, mas ninguém trazia um laudo, só negócio de jornal e os político, quer dizer, ninguém trouxe um laudo “Olha! Fulano morreu contaminado disso, tá aqui a prova médica”, ninguém trouxe. Algumas pessoas entraram na justiça, mas todas as questões judiciais terminavam na primeira instância. Por que o juiz indeferia dizendo “Olha! Não tem justificativa, não tem comprovante de nada” e encerrava.

Pesquisadora: Entendi.

Pesquisadora: O senhor visitou Serra do Navio depois desse período? Chegou a ir lá ou vai lá com frequência?

E3\_EX ICOMI: Já, eu tenho ido lá. Eu fui andei. Depois disso, depois que ICOMI desativou eu trabalhei na MMX que voltou a operar lá encima, mas aí além da decadência natural, além da ausência de gente com poder aquisitivo normal. Porque quando a ICOMI tava funcionando, vamos assim dizer, tinha duas mil e quinhentas pessoas lá encima que eram assalariadas e todo dia trinta recebiam o seu salário, tinham dinheiro no bolso e bá (...). Então era uma cidade normal, funcionava tudo bem. Depois que a ICOMI se ausentou esse poder aquisitivo era visual pô! Entendeu? O aspecto das vilas, das ruas, as valas, a limpeza, o corte de grama, o mato. Tudo isso era muito doído na gente que morou lá, que criou seus filhos lá que lembra da vila inteira florida e com grama cortada, meio fio pintado de branco, entendeu? Sem nada, tudo limpo, tudo funcionando isso era realmente muito doloroso. E essa, e essa decadência, não sei se a palavra é muito dura, mas essa degradação de Serra do Navio foi muito intensa no início, mas continua sendo. O poder público lá, vamos dizer assim, o poder público lá passou a ter uma visão de poder público do interior, coitado deles também não tem recurso pra fazer nada, não é? Então a cidade ficou cada vez mais degrada, mais difícil de se viver lá encima, menos recurso. Então nesses períodos, nesses períodos todos houve uma decadência e uma queda constante, que chegou a um grau tal que estabilizou aqui embaixo. Aí eu vou comentar uma coisa com você que é desagradável e peço que se tá gravando você fique só contigo.

Pesquisadora: Eu posso parar aqui.

(corte)

Pesquisadora: Eu vou voltar aqui então e é isso então. Acho que sobre essa questão da situação atual da cidade também tá ok e a minha última temática assim, que eu coloco nas entrevistas é a questão da cidade ter sido patrimonializada e se tornado patrimônio nacional né! Tombada pelo Iphan em 2010. O senhor lembra de quando isso aconteceu nessa época? Como é que foi esse processo? E que opinião o senhor tem a respeito dessa questão.

E3\_EX ICOMI: Sim. Eu gostaria de antes de responder essa pergunta de falar mais um pouquinho do seguinte.

Pesquisadora: Fique à vontade.

E3\_EX ICOMI: Quando a empresa saiu nós tivemos o cuidado de contratar novamente o escritório do Bratke pra voltar a Serra do Navio e replanejar Serra do Navio pós minério. Alguém já tinha falado nisso?

Pesquisadora: Interessante. Não

E3\_EX ICOMI: Pois é. Então nós contratamos o mesmo escritório que construiu Serra do Navio e as Vilas pra lá e o escritório mandou pra Serra do Navio os técnicos, os arquitetos, olharam novamente, examinaram, reformularam e reprojeteram Serra do Navio com as diversas alternativas pra seguir a vida. Eu fico tão indignado com isso, que me dá vontade, que se tu não fosses uma moça, se tu fosses um homem eu ia usar as palavras que são compatíveis com isso. Os caras eu acho que eles pegaram isso jogaram na gaveta ou jogaram no lixo. Se tu perguntares pro prefeito hoje sobre isso eles vão te dizer que eles não sabem disso. Os cara levaram dois anos, como? Chegaram faziam no cinema, convocavam a população da cidade. Aí o cara dizia “ olha aqui nós vamos embora tanto assim, como que, o que é que vocês gostariam de ter aqui?” Pra colher as informações todas, tudo isso um trabalho difícil igual esse teu, longo e conversador. Ouvindo quem vai ficar lá entendeu? Então, quer dizer, isso as autoridades nunca falam disso. E tu não vai, se tu perguntar pra eles, eles vão dizer que eles não sabem. Entendeu? Então nós gastamos um dinheirão com esse negócio pra pagar o cara. O cara levou dois anos, levantando isso, indo lá, fazendo

palestra, na Serra, nas comunidades, circunvizinhança pra ver o que é que eles gostariam de ter. Então um projeto, um novo projeto, foi feito pra Serra do Navio e que está em algum lugar. Se está lá, entendeu? Nós temos cópia do que a gente fez, mas eles eu não sei o que fizeram. Não fizeram absolutamente nada, não falam no assunto, descaracterizaram a cidade toda, entendeu? Deixaram afavelar, deixaram afavelar a cidade toda. Então eu queria fazer esse, essa, talvez eu não sei se tu já sabia?

Pesquisadora: Não.

E3\_EX ICOMI: Pois é.

Pesquisadora: Eu até ia perguntar se tem registro desse trabalho, porque eu não tinha conhecimento disso. Muito interessante!

E3\_EX ICOMI: Dá uma de João sem braço, dá uma de João sem braço e pede pra prefeitura de lá. “Olha! Nós tamo sabendo que a ICOMI fez um projeto assim e entregou, vocês tem uma cópia que pudesse dar pra o meu trabalho?” Experimenta fazer isso, pra ver o que é que eles vão te dizer. Vão dizer que eles não sabem, nunca viram isso, provavelmente. Tomara que eu teja enganado. Entendeu?

Pesquisadora: Entendi. Então, a questão do patrimônio né, como é que o Senhor vê isso assim de ter se tornado?

E3\_EX ICOMI: Olha o patrimônio depois de muita. Pra tu teres uma ideia, quando nós formalizamos dentro da Lei, dentro do contrato que a gente tinha, que a ICOMI tinha com o governo federal. Nós usamos todos os prazos legais disso. Quando nós informamos ao governo ao DNPM, a procuradoria geral do estado, a procuradoria do município e pa, pa . Que nós íamos encerrar as nossas atividades, na primeira vez, na primeira vez, o governador disse que não estava de acordo com a, não aceitava que a empresa encerrasse as suas atividades porque era uma colocação unilateral, como só nossa, mas era o que tava previsto no contrato Pô! Olha, não sei se era a obrigação dele dizer isso ou não. Bom, mas de qualquer forma ele nomeou uma comissão de recebimento da ICOMI de seus bens. Essa comissão, o presidente era o procurador geral do estado e tinha mais uns oito membros para dialogar com a ICOMI e receber tudo que era da ICOMI. Ficou só no papel, não saiu nenhuma reunião e o tempo foi passando e a gente insistia com eles, o governador fazia outra comissão dessa. O governo fez cinco comissões dessas pra receber os dados da ICOMI e na última — na última dessas cinco — depois que a gente já foi e eu era, eu estava na frente dessa negociação pela ICOMI. Depois de um dia intenso de discussão com o secretário geral do Estado é, o Doutor — daqui a pouco vou me lembrar o nome dele — quando foi as dez horas da noite, nós chegamos a uma conclusão de uma negociação que o governo queria e do que a gente podia dar. Então fizemos uma pauta imensa daquilo — olha nós fazemos isso, fazemos isso ..., tudo isso além do que o contrato estabelecia. Entendeu? Porque a gente queria sair normalmente, entendeu? Bem. Tirando uma fotografia, apertando a mão da autoridade. Então as dez horas da noite o procurador olhou pra mim cansado na cadeira e disse: — Pô! E3\_EX ICOMI (palavras textuais dele). “Pô! E3\_EX ICOMI, só falta agora a gente beber uma champanhe e nós vamos beber amanhã às dez horas da manhã. Amanhã às dez horas da manhã vem aqui que nós vamos assinar esse termo, esse contrato, pra gente encerrar o assunto”. Aí eu pensei comigo “eu tô sonhando”, pensei comigo eu tô sonhando. Vim pra casa, pa, pa, pa , no outro dia as dez horas da manhã eu estava lá, todo engravatado, pra uma solenidade porque o governador do estado estaria lá pra assinar e aí quando cheguei na secretaria, já senti o ambiente um pouco diferente. Porque normalmente eu chegava lá e ele mandava eu entrar logo pra conversar. — É pra o Senhor aguarda um pouquinho. Meia hora, uma hora, eu digo “pô! Tem troço aí”. Bom, quando eu entrei o secretário tava sentado na mesa costumeira dele, eu entrei. — Bom dia secretário! E ele deu bom dia nem levantou a cabeça e tinha oito pessoas assim, sentada lá. Levantou e vamos começar! Pegou o papel e disse: — Olha E3\_EX ICOMI, tá aqui o documento, lê aí pra gente assinar. (O entrevistado encena estar lendo os papeis). Aí eu disse pra ele, “Secretário! Eu acho que a sua secretária se equivocou, porque isso aqui não é o que

a gente conversou ontem”. Pô! não tinha nada do que a gente tinha acertado tava no documento que eles fizeram. Não tinha absolutamente nada! Tinha um papel lá que não tratava nada do que a gente tratou e acertou, com valores, com data. Quando eu falei assim pra ele, um cidadão daqui levantou e disse: — Olha E3\_EX ICOMI! Vocês tão muito enganado. Vocês não vão sair daqui. Vocês não vão sair daqui assim não! Vocês ganharam muito dinheiro aqui pô. Vocês ganharam muito dinheiro, vocês vão ter que deixar aqui alguma coisa pô. Um diálogo pra tu ver a dificuldade da coisa. Estou falando com um cara do governo do Estado. Falou também só esse cara, os outros não falaram nada, só esse cavalheiro. Aí eu me dirigi novamente para o secretário, “Secretário! Como é que fica isso aqui?”, “Não E3\_EX ICOMI! Porque não sei o que” e o cara voltou a insistir. Aí eu disse pra ele, “Olha Secretário! Isso é uma molecagem. Isso é uma molecagem”. Ficou difícil e eu disse assim, “Eu vou me retirar, quando o Senhor quiser conversar novamente, sério! O Senhor me chama. Isso aqui é uma molecagem”. E saí. Pra tu ver como ficou difícil né. Então, Então a saída foi assim, complicada.

Pesquisadora: Entendi. Realmente! E sobre

E3\_EX ICOMI: No final, pra eles receberem nós tivemos que ir no Supremo Tribunal Federal. Foi como eles foram obrigados a receber a ICOMI.

Pesquisadora: E quando é que foi que se deu esse desfecho?

E3\_EX ICOMI: ah?

Pesquisadora: Em que período que se deu esse desfecho?

E3\_EX ICOMI: Esse desfecho foi aí, entre dois mil e dois mil e três pô. Foram três anos nessa dificuldade. Acredita no que eu ti falei, porque não tem nem um milímetro de desvio da verdade.

Pesquisadora: Sim entendi. E voltando assim para o assunto da questão da preservação do patrimônio histórico de Serra do Navio. Como é que o Senhor vê isso?

E3\_EX ICOMI: Ah! Sim. Como patrimônio histórico. Deixa, deixa eu te dar mais um dado anterior a isso. O objetivo que tinha na cabeça do Doutor Antunes, que era o dono e que gostava demais de Serra do Navio e aqui vai mais um segredo pra ficar só contigo (corte na gravação). Entendeu? O Doutor Antunes tinha na cabeça e nós gastamos muito dinheiro pra que a gente pudesse concretizar esse negócio e transformar Serra do Navio numa grande Universidade, que daria cobertura a toda, a toda essa região Amazônica e todos os países próximos daqui pô. Era um centro de cultural que existe já no mundo esse negócio e coisas parecidas com isso, entendeu? Chegamos a trazer aqui uma empresa Americana, ela veio e gostou de mais de Serra do Navio, esse negócio todo. Chamamos a Universidade, chamamos a USP, os técnicos da USP vieram aqui. A USP também gostou da ideia e queria gerenciar essa coisa toda. Mas essas duas oportunidades, por algumas outras coisas, abortaram, não chegaram a andar. Essa dos Estados Unidos, a gente gastou muito dinheiro com os cara aqui e eles vinham de lá pra levantar, pa pa ... Chegamos até uma hora que, aí eu não sei porque não foi mais. Então a ideia era, fazer de Serra do Navio um centro cultural pra essa região aqui sul-americana, mas não foi possível. Respondendo a tua pergunta o IPHAN, a gente pensou muito no IPHAN, mas nós internamente nunca consideramos que fosse uma solução boa pra Serra do Navio, porque o Iphan, não faz nada. As coisas vão caindo aí, pelos menos naquela época, não sei como tá hoje. Mas naquela época era só uma formalidade, era só um símbolo. A teia de aranha a gente tinha certeza que ia tomar conta de Serra do Navio pô! Então, a impressão que a gente tinha do Iphan era essa. Parece que não ficou muito diferente disso. Parece, porque eu não sei, porque faz tempo que eu não vou lá. Não tenho ido mais. Então era isso, isso foi por volta de dois mil, dois mil e três pô. Por ironia do destino, por ironia do destino, Serra do Navio passou a ser patrimônio do Iphan ba, ba, ba. Assinada quando a presidente do Iphan era uma moça que era, que nasceu aqui na Vila Amazonas, filha de um ex empregado da ICOMI. Ironia do destino né! Uma moça chamada, como ela vivia aqui com

as minhas filhas, chamava de Dota pra ela. Ela morava ali na DD. Então foi isso, Coisas do Iphan eu acho complicado! As oportunidades mesmo e foram algumas oportunidades boas, não na dimensão da ICOMI, mas uma dimensão que poderia manter aquele povo com dignidade lá, com trabalho, com feijão e arroz na mesa todo dia. As autoridades, muito gulosas, entendeu? Iam pra cima das coisas com muita fome, os cara iam embora.

Pesquisadora: Entendi! Mas e assim pelo que eu percebi na conversa a questão com o Iphan é uma, mas o Senhor concorda que Serra do Navio deveria ser preservado? Se houvesse a possibilidade de isso acontecer?

E3\_EX ICOMI: Ah! Eu não tenho a menor dúvida. Primeiro, porque a Serra do Navio tinha tudo. Era uma cidade absolutamente integrada era só manter aquilo. O que tu pudesse pensar em benefício de uma comunidade e de como uma comunidade poderia viver satisfatoriamente, tinha lá! Tinha lá! Não precisava fazer nada, era só conservar. Era só não deixar acabar, que é o que eles fizeram. Deixaram acabar, acaba aquilo, acaba aquilo. Tu sabes, provavelmente tu sabes, tu mora aqui e teu sogro provavelmente já deve ter falado. Serra do Navio a água do esgoto, que era jogada no rio era tratada. Você podia beber aquela água lá pô! Antes de ir pro rio. Não existia isso em lugar nenhum do Brasil pô! Tu vê lá em São Paulo como é aquela imundice, no Rio de Janeiro a mesma coisa. Os cara jogam dejetos na praia de Copacabana pô! Aqui a água, a água que saía das fossas, passavam numa estação de tratamento e quando chegava no Amapari ela tava sadia. Entendeu? Ela podia ser bebida. Então, quer dizer, respondendo a tua pergunta, eu acho que não precisava fazer nada. Bastava manter aquilo que estava lá e sem fazer coisa nenhuma. O que tu possas pensar, a única coisa que não tinha lá na Serra do Navio, eram superficialidades, isso não tinha, Ah tem, vamos dizer, tem um teatro? Um teatro pra ópera? Não tinha. Quem gostava de ópera não podia morar em Serra do Navio porque não tinha. Mas tinha cinema, tinha campo de futebol, tinha campo de bocha, tinha campo de voleibol, tinha piscina, pista de atletismo, tinha tudo. Tudo o que tu possas imaginar.

Pesquisadora: Entendi. Muito interessante!

E3\_EX ICOMI: Pra tu teres uma ideia, no começo da Vila, todo o fim de mês as ruas eram lavadas, lavadas. O corpo de bombeiro (Chuuu) lavava tudo e ficava parece isso aqui. Se, as vezes a gente chega na minha idade e fica pensando a noite, não tem sono, a cabeça começa a pensar. Aí eu fico pensando na Serra do Navio, tô te afirmando que seguramente, foram, estavam entre os melhores momentos da minha vida (pequena pausa).

Pesquisadora: Uhum! E assim, pra fechar a nossa entrevista. É uma pergunta que eu costumo fazer assim, porque como eu trato da questão da percepção das pessoas sobre o lugar. Se o Senhor fosse enumerar, ou expressar, o que que o senhor acha que Serra do Navio teve ou ainda tem de mais especial, assim? De uma forma resumida.

E3\_EX ICOMI: A cidade, que tu tá falando ou o contexto todo?

Pesquisadora: Eu falo da cidade e do contexto.

E3\_EX ICOMI: Naquela época a cidade tinha muita coisa especial, uma das coisas especiais que tinha era o clima. O clima, era parece, amanhecia todo o dia e aquele "fog" parece na Inglaterra. Aquele fog era uma coisa maravilhosa, quando você ia pro trabalho, se ia da Vila pra, você botava o braço pra fora e ficava tudo molhado da umidade. Eu acho que é difícil enumerar alguma coisa só, porque o conjunto a capacidade e não é respondendo bem a tua pergunta, mas o conjunto das pessoas que viviam lá, a forma como a empresa veladamente fazia a gente viver e todo mundo satisfeito, então a satisfação da gente viver. A gente passava o ano lá e quando a gente já via já era dezembro pô! Entendeu? Porque tudo, todos nós estávamos satisfeitos e também a nossa, a nossa cronologia de vida facilitava porque quase todo o quadro era gente nova, gente, hígida, gente de saúde. Tudo de filho novo, tudo com vigor, entendeu? E essa capacidade da empresa de transformar esse negócio numa família grande. Entendeu? Tu tava na tua casa, ou melhor, tu chegava na tua casa aí no caminho tu

viu a filha de não sei quem lá numa, tu chega lá “Ei fulano, a fulana tá lá em tal lugar” Era assim, como se fosse a tua filha pô! Então esse tipo de união, esse tipo de visão, de coletividade única pô! Acho que era uma das coisas mais importantes, das mais importantes.

Pesquisadora: Tá ótimo! Respondeu perfeitamente, era isso mesmo que eu queria saber.

E3\_EX ICOMI: O exemplo mais marcante. Se tu viesse do mercado passasse em tal rua e visse a Mariazinha, que tu sabe que era filha do fulano lá na beira de um negócio assim que tivesse um perigo, tu saltava do carro e tirava ela ou então chegava em casa e (bate palma) “A fulana tá em tal lugar, vai lá”. Mas isso não era um era todos. Todos agiam dessa forma, entendeu? E outra coisa, outra coisa muito importante que corrobora muito pra isso que eu estou te falando transformar numa realidade. É que as chefias, todas eram de muito bom padrão e de muita qualificação, técnica, administrativa e humanista. Então, sabiam contornar as dificuldades quando aparecia alguma dificuldade, eles eram os primeiros a contemporizar a tentar solucionar as dificuldades. Entendeu? As coisas mais complicadas, aí eu já tô falando já como se eu já tivesse lá encima né! Na empresa, graças a Deus eu cheguei, era saber quando alguém tava com dificuldade, algum empregado tava com dificuldade. Eu chamava e “Não, doutor, porque assim”. “Vai trabalhar que eu vou resolver o teu problema”. A empresa dizia isso pra o empregado “Fulano, vai trabalhar que nós vamos resolver o teu problema” e resolvia, se era problema financeiro, se era problema de briga de marido e mulher, ou se era qualquer dificuldade a gente tentava sanar, porque nós precisávamos do empregado trabalhando. Precisávamos que ele tivesse no trabalho e com a cabeça no trabalho e não no problema pô!

Pesquisadora: Entendi.

E3\_EX ICOMI: Mas eu acho que eu posso sintetizar uma resposta pra tua pergunta é essa aí é a forma de como a gente vivia era uma das coisas mais importantes. Então, a empresa teve a capacidade de transformar aquilo numa família grande. Pô, ninguém tinha ciúme um do outro, ninguém tava com a cabeça no lugar do outro. Ninguém tava colocando banana pro cara escorregar eu nunca vi isso dentro da companhia. Cada um tava tocando o seu trabalho, até mesmo porque havia um sistema de meritocracia né! Na empresa, se tu tivesse mérito tu subia, se tu não tivesse mérito ou tu estacionava ou tu ia, tu saias naturalmente sem brigas. Todo mundo tava afim de trabalhar de tocar o seu pra frente, sem tá com ciúme do que o outro tá fazendo e ninguém queria saber quanto que o outro ganhava na companhia. Eu nunca vi ninguém perguntando pro outro quanto o cara ganhava. Todo mundo ganhava bem, se ganhava muito bem. Tinha, você era avaliado anualmente e dependendo da tua avaliação tu tinhas um dx vezes tanto que era o teu prêmio, entendeu? O prêmio maior era cinco salários pô! Entendeu? Então dependendo da tua avaliação, era um negócio científico e técnico. Tu pontuou no final 230 pontos. Duzentos e trinta pontos equivalem a dois salários, vamos dizer assim. Quatrocentos e trinta e cinco, 435 significa três salários ponto nove. X não sei o que equivale a pontuação máxima, cinco salários tu ganhava. Então a ICOMI era um requinte naquela época, a ICOMI era avançada cinquenta anos no Brasil. Tô te falando porque eu saí da ICOMI, continuei no grupo, saí daqui e fui pra grandes empresas do grupo fora. Nenhuma delas chegava nem perto da ICOMI. Entendeu? Eu trabalhei já em função alta, nas maiores empresas da Caemi que era a MBR Belo Horizonte que faz a Jari. Nenhuma delas chegava nem perto do que era o bojo, o sistema da ICOMI. Ainda que, vamos dizer assim, a direção da Caemi um detalhe pra ti. Então a ICOMI passou a ser da metade da vida pra frente, ela passou a ser a escola de administração dos homens da Caemi. O cara pra subir tinha que vir aqui na ICOMI passar um estágio, passar um ano, dois três, pra voltar pro Rio de Janeiro pra ser alçado a diretor essas coisas.

Pesquisadora: Entendi.

E3\_EX ICOMI: Entendeu? Um negócio fantástico.

Pesquisadora: Muito interessante.

E3\_EX ICOMI: Desculpe o meu, a minha, a minha entre aspas parcialidade a favor da ICOMI.

Pesquisadora: Não, mas a ideia é ouvir a percepção das pessoas. Essa é que é a intenção. Tá ótimo! Tá muito, muito bom. Então eu vou encerrar a nossa gravação a não ser que o senhor tenha algo pra dizer ainda, algo que ache interessante.

E3\_EX ICOMI: Não. Não. Eu acho que as coisas importantes que eu achava. Eu só pedi desculpa par você por ser muito apaixonado (risos).

<b>IDENTIFICAÇÃO: E4_MO ICOMI</b>		
<b>Data da entrevista:</b> 20/10/2021		<b>Duração:</b> 1h07min
<b>Gênero:</b> F	<b>Idade:</b> 50	<b>Naturalidade:</b> Serra do Navio /AP
<b>Atual morador de SN:</b> Sim		<b>Período:</b> 1971 – Atual
<b>Ex morador de SN:</b> Não		<b>Período:</b> —

Pesquisadora: (...) a primeira coisa que eu queria saber é o teu contexto de vida aqui na Serra. Qual é a tua história com a Serra do Navio? Como é que começou, qual a tua relação com a cidade, com a região. Pode ir me contando e me falando o que tu acha que é importante.

E4\_ex: Inerente a ICOMI?

Pesquisadora: A tua relação com a cidade de Serra do Navio. Tu nasceu aqui? A tua família veio pra cá? Como é que foi que isso aconteceu, alguém trabalhou lá ou não, onde tu morou. Essas coisas assim, como é que era.

E4\_ex: Certo. Bem, o meu pai é o (Nome do pai), conhecido como (apelido do pai), (apelido do pai) né! Na época da ICOMI todo mundo era oriundo de apelido né,(...). Mas eu lembro que o meu pai conta que ele veio do Maranhão pra uma melhoria de vida e o projeto ICOMI na época tavam implantando. Ele era solteiro, veio com a minha avó e quando chegou aqui a empresa dava casa, dava alimentação, tinha restaurante, casa, escola. Aí ele conta pra gente que ele resolveu logo casa (risosrs), pra ganhar a casa que eles davam alojamento pra quem era solteiro, as casas era só pra quem era casado e a mamãe diz que trabalhava na casa das famílias dos chefes né. Então ela veio pra cá, conheceu o papai e aqui eles construíram a nova família, nós somos seis filhos e graças a Deus assim, em relação a ICOMI, ela deu toda essa estrutura. Eu tive praticamente meu primeiro e segundo grau, na época era grau hoje é ensino médio, todo na ICOMI. Nós tivemos a formação por exemplo, pra você fazer crochê, porque nós tínhamos aquelas aulas de educação para o lar, na época era aquele estudo que as mulheres era só pra cuidar da casa né. Mas eu aprendi a costura, a fazer crochê, aprendi a cozinhar. Uma das coisas assim que eu carreguei um legado pra minha vida e eu já tô deixando pros meus filhos e netos é o incentivo a educação. A empresa construiu uma escola assim com professores formados, eles vinham de fora e nós tínhamos inglês básico, naquela época nós já aprendíamos inglês, a parte de civismo também era muito cobrada assim, porque hoje a gente não vê as escolas cobrando e a questão do incentivo à leitura. Eu lembro quando nós éramos pequenos que tinha o clube do livro a noite, que era pra quem, pra que não tivesse àquela vida ociosa. Aí nós estudávamos de manhã, fazíamos educação física à tarde e à noite tinha o clube do livro. Era uma biblioteca enorme aonde nós tínhamos acesso assim, a qualquer livro. Aqueles livro que sempre o final era felizes para sempre né (risosrs). Quando a gente cresce a gente entende que nem todo final é assim. Mas eu tô falando é do foco da leitura que na ICOMI eles incentivaram tanto pra grafia, leitura e hoje eu sou professora e me orgulho de ter vindo dessa origem né! De uma educação boa porque aqui, tanto a prefeitura quanto o estado tem essa lacuna. Não temos professores, falta professores capacitados, é não tem uma estrutura, aí esse déficit educacional fica com aquelas criança que tão na quinta série, sexta e não sabem ler. As vezes tão fazendo faculdade e é uma dificuldade pra escrever né! Eu me inspirei nisso e aí eu me tornei uma alfabetizadora (risos). Eu hoje tenho uma creche, aqui bem ali encima, ela atende os funcionário da empresa. Porque eles vão trabalhar

e não tem com quem deixar as criança né! Aí eu trabalho com eles, eu cuido deles assim, toda a história que eu tinha de ICOMI, que era o meu sonho de ter àquelas coisas ornamentadas, com todo aquele colorido. Eu acho que todo mundo que veio da ICOMI tem assim essa filosofia de perpetuar né esse conforto pra base que é a criança. E eu tenho essa escolhinha né! Deu certo, as pessoas acreditam no meu trabalho sabem que eu sou filha de ICOMI, porque a gente fala assim; “tu é filha de ICOMI”, porque a gente tem uns costumes meio assim é tipo; tomar café de manhã, merenda das nove, o almoço, merenda das quatro (risosrisos) e também o café com leite. É uma coisa assim que digo que é de ICOMI mesmo, porque quando a gente encontra a mulherada a gente diz “tem leite?” Então é uma coisa assim que é nossa, é particular. A gente sabe que a crise existe né, mas a gente preserva né essa cultura ainda de tomar o café com leite e, o respeito né! Nós tínhamos esse carinho assim de não perder o vínculo. Hoje às pessoas, a gente vê que as amizades é mais valorizando o ter do que o ser né! E a gente abriu esse grupo da ICOMI e a gente percebe assim, quando deu essa pandemia do Covid. Luto. “Morre fulano” e rápido assim e fica aquela coisa, “Meus pêsames” né! “Força”. Eu lembro que um dos primeiro prefeito aqui foi o seu Jaburu né! E o seu Jaburu faleceu, a Cátia, o Deco, a Karina, são todos amigos de infância e parece assim, é incrível, a gente consegue sentir a dor. Oh! Chega eu choro. Desculpa!

Pesquisadores: Nossa, imagina!

E4\_ex: Mas eu consigo sentir a dor e outras pessoas, até a vizinha aqui morreu e eu tenho sabe assim, esse lado afetivo porque nós fomos criados assim. Brincar de Bola de tarde, Eu coloquei esse campo que é uma reprise da nossa vida né! O vôlei. É eu penso assim, tem gente que criou o filho muito no lado emocional aí fica aquele coração imenso, mas não aprende na cabeça né! Aí tem gente que faz divertimento só no físico, aí as pessoas vão pra academia, malham, querem ter um corpo lindo, mas não são afetivos. Aí tem aqueles que já fazem um investimento enorme na mente — pra ficar aquele cabeção da inteligência, mas não tem sentimento nenhum — ou no corpo. E na ICOMI nós tínhamos o coração, o corpo, a mente, sabe aquele equilíbrio de ser humano assim de, “bora brincar de bola?” todo mundo brincava; “bora brincar de volêi?” e todo mundo; “e de esconde esconde”. Então nós tínhamos uma infância, que eu digo assim pro pessoal, “óh quem estudou educação moral e cívica de um ok aí no grupo” (risosr) é coisa nossa né! Mas hoje eu vejo assim que as crianças estão vivendo numa base só internet, não conversa mais não escrevem. Os pais também já são oriundos do século vinte e um e aí eu tento na minha profissão em implantar uma coisa que foi bom pra mim. Que eu implantei pros meus filhos, se vocês conhecerem tanto o meu filho quando a minha filha, eles são já mulheres e homens casado mas não perderam a ciência do ser humano, de sentir a dor do outro, de brincar e também assim as raízes das comemorações sabe? Do natal em família, eu sei que não existe o ovo do coelho né, porque coelho não dá ovo, mas é aquela coisa assim gostosa sabe? Dá gente ter um lúdico no meio de tanta crise né, de tanta coisa ruim que tá o mundo e a gente tenta implanta. Hoje o meu marido ele é tenente da polícia aposentado, mas depois eu vou te mostrar algumas fotos, a gente se veste de palhaço. Inclusive ontem foi aniversário da minha neta que tem oito anos e ele foi lá pra escolinha. Nós temos uma demanda de autismo e síndrome de down que a gente faz o controle pelo Sarah Kubitschek com os relatórios né. Eu me formei pra psicopedagoga, pedagoga, sou as goga do mundo (risos) e agora eu tô me formando em neuropsicopedagogia que é justamente pra dar esse amparo né, pra essa criança. Então eu vejo assim que tudo isso, não foi fonte inspiradora do federal que eu sou funcionária e nem do estado, foi uma fonte lá da raiz da ICOMI, entendeu? Por que, eu digo assim pros meus amigos do grupo “se naquela época, há cinquenta anos atrás nós tínhamos autista ou down foram criado tudo igual” né! Não tinha diferença, porque não tinha. Aí hoje a gente vê uma pessoa abre a boca pra falar assim “Muito prazer, meu filho é autista” Entendeu? E aí na época da ICOMI era todo mundo igual e aí o que é que eu faço. Eu coloco na escolinha o meio da inclusão né, mas eu falo pros pais “gente eu estudei numa escola onde a gente, nem sabíamos quem tinha essas síndromes, essas deficiências e todo mundo se criou” porque hoje, dificilmente você vê um filho de ICOMI que não tenha uma profissão. É um engenheiro, é um professor, é um médico, tem agora o Romulo amigo nosso se formou pra dentista. Vocês sabem que é?

Pesquisadores: Não.

E4\_ex: O Romulo né, ele se formou pra dentista.

Pesquisadores: Ah o Romulo que é (breve diálogo para identificar quem é, sem relevância para a pesquisa)

E4\_ex: aí tem assim né, o Doutor Brasil ele foi daqui da Serra. Aí o que é que a gente faz, quem é que se formou pra dentista? A gente acaba sendo cliente entendeu? O Doutor Brasil, então todo mundo que é da ICOMI visita lá, faz consulta com ele em Macapá. Aí tem um amigo nosso que trabalha na polícia federal aí ele entra no grupo e diz, “olha gente eu tô trabalhando aqui se alguém tiver alguma coisa pra resolver”. Então é bacana você não perder esse, cortar o cordão umbilical né, mas você sair daqui agora com a entrevista do teu trabalho né mas saber que deixou alguém né! Eu choro eu sou emotiva (risos). Entende? Porque eu moro só com o meu marido mais eu tenho necessidade sabe, das pessoas, vir visitar, conversar, porque a gente chega numa idade, onde os filhos crescem e vão embora e assim a gente fez com nossos pais né (risos). A lei do retorno e a reflexão que a gente faz né, poxa, a gente pode ser mais presente né. Eles as vezes estão longe, o meu pai as vezes vem pra cá nas férias. Ele tá contando os dias pra chegar agora janeiro e já retornar e ele foi funcionário da ICOMI por vinte e cinco anos, se aposentou e comprou a casa dele na Vila Amazonas, que inclusive, não sei se vocês sabem. Mas as casas da Vila Amazonas elas foram praticamente todas em torno de indenização da ICOMI, porque a ICOMI quando já tava assim pro finalzinho entrou naquela crise né! Que acabou o contrato aí eles tinham que indenizar os funcionários, aí chamaram e perguntaram, “você quer o dinheiro que a gente não tem agora”, porque tinha o grupo Caemi né! Que fazia as indenizações ou “vocês querem uma casa?” Aí como tinha a Vila Amazonas, aí parece que nós saímos todo mundo daqui pra lá né. A nossa rua a gente sabe mentalmente né a Valmira sozinha que é Edilson, aí tem meu pai que é o Pedro Pipoca, o seu Maia assim sabe? O seu Valdemar, assim a gente sabe tudinho, da um da dois, a gente mentaliza assim tudinho, a rua, quem mora. Se alguém fala assim, “conhece a Cirleide?”, “conheço da BC3”, entendeu? Então, então a gente criou esse laço assim, muito gostoso de saber até o endereço da pessoa. E quando é o período férias é o período mais gostoso da minha vida, porque tem o grupo dos Serranos que faz a festa aqui em Serra do Navio, aí vem gente de Portugal, vem gente da Austrália, vem de São Paulo, Rio de Janeiro, porque é aquele grupo que se organiza o ano inteiro pra poder vir, porque nós fomos acostumados com a festa da mina.

Pesquisadores: A festa da mina era famosa.

E4\_MO ICOMI: Né? Todo o ano os funcionários levavam as suas famílias pra Pedra Preta, que era onde tinha churrasco, todo mundo brincava, quem bebia bebia, quem não bebia pelo menos pegava um sol né! Então tinha tudo assim né, uma estrutura e a gente conseguiu né! Esses longos anos fazer com que esse grupo se organizasse e eu aqui agora que virei um Point né! de “Oh lá perto da E4\_MO ICOMI da pra jogar bola” aqui tem um banho gostoso aí oh! Depois vocês dão uma olhadinha lá, é gostoso o nosso banho. Aí eu fiz uma réplica do trem, eu tenho um trem aqui do lado, depois eu vou te mostra, porque acabou né a estrada de ferro roubaram os, os, como é mesmo o nome que dá?

Pesquisadores: Os trilhos, os dormentes.

E4\_ex: Os trilhos que é de ferro né, então quem trabalha com ferro na forma clandestina. O marido trabalhava na polícia e de vez em quando tava atendendo a ocorrência, “Olha estão roubando ferro, tão robando os ferros” E aí parece que vão roubando um pedaço de nós também. Ali tem a estrutura do MEC que caiu, depois que veio o patrimônio é histórico ficaram de construir mas é uma burocracia sabe? E tá lá, a gente olha assim tá tudo desabando, lá na praça tá escuro o pessoal usam droga, assim a gente vê que não houve uma conservação do patrimônio. Olha! Hoje em dia a CAESA, ela assumiu, o pessoal ainda paga a CAESA ainda ali na Vila, mas não assumiu a responsabilidade da encanação. A encanação tem mais

de cinquenta anos, era ferro. Então a água, já foi feita a análise, a água ela não é, ela não pode ser consumida. E aí o que que acontece, agora não porque eu já vim embora, mas a gente pagava a taxa da CAESA mas sem ter o retorno, porque depois que virou patrimônio ficou essa polêmica não é do município, não é do estado, não é federal entendeu? Então tá se acabando. Tá se acabando. É muitas pessoas que tem esse sonho de comprar uma casa lá na Vila mas não sabe esse caos de infraestrutura, da questão hidráulica, até da energia mesmo. Tu é engenheira né?

Pesquisadora: Arquiteta.

E4\_MO ICOMI: Arquiteta, mas tu sabe que pra fazer qualquer prédio precisa toda essa logística de água, de rede e houve essa invasão ao redor do entorno da Serra e hoje a demanda de energia é tudo puxada assim oh, entendeu? Dos postes e as vezes a gente sofre a consequência hoje e a gente sabe porquê. Porque foi feito uma estrutura pra x pessoas e hoje tem y, entendeu?

Pesquisadores: Sim.

E4\_MO ICOMI: E toda essa estrutura da Serra tá essa calamidade e eu como serrana né, sempre falo pras pessoas, até pra vocês reivindicaram. Eu falo pra quem tá lá hoje na Vila, porque hoje eu tô pra cá né e aqui a gente paga os nossos impostos direitinho. A gente liga e diz “olha faltou energia” porque eles vem lá o (palavra não compreendida) “tá dona Celina! A gente já tá indo aí”. Lá as pessoas também se acomodaram de não querer pagar porque era da ICOMI, entendeu? E aí fica difícil pra reivindicar um direito se não tá cumprindo com os seus deveres. Entendeu?

Pesquisadores: Entendi.

E4\_MO ICOMI: A maioria dessas pousadas, dessas instituições, elas usufruem ainda dessa encanação velha né! Dá energia que a CEA assumiu, mas a maioria não paga. Se você for conhecer mesmo a história da Serra, dos órgãos, da CAESA, conversar com o gerente da CAESA, com o gerente da CEA, eles não vão falar que as pessoas não pagam. No dia que tiver corte vai ficar uma escuridão total porque é tipo assim, é da ICOMI, foi a ICOMI que construiu, mas só que tá consumindo.

Pesquisadores: Não dá conta né?

E4\_MO ICOMI: Não dá. Não dão conta.

Pesquisadores: E se o município não arrecada também não consegue ter verba né?

E4\_MO ICOMI: Nada, nada.

Pesquisadores: Pra fazer as coisas que tem que fazer.

E4\_MO ICOMI: Não tem. Porque as pessoas não conseguem entender como é que funciona né essa parte dos impostos. Eu falo porque eu trabalhei na guarda municipal lá de Serra do Navio e nós tínhamos muitos projetos inerentes a essa parte de conservação do patrimônio. Os guardas (palavra não compreendida) tudo, mas a prefeitura mesmo, eles começaram a pegar os guardas pra trabalhar só nos prédios da prefeitura. Aí pararam de vigiar o patrimônio e hoje em dia tu vê lâmpada que o pessoal joga pedra pra namora debaixo né! É tá tudo se acabando. E também essas casas foram feitas assim como uma estrutura tipo assim, era chamado comugol né? Aqueles comugolzinho, onde eu não lembro de que nós tínhamos central.

Pesquisadores: A casa foi feita toda pra ter ventilação natural né! Não precisa de central né.

E4\_MO ICOMI: Exatamente. Agora mudaram a estrutura. Todo mundo, você vê já não é um padrão, cada um

Pesquisadores: O pessoal saiu modificando?

E4\_MO ICOMI: É! Cada um conforme a sua renda foi fazendo do jeito que quis. Mas começou um consumo maior de energia.

Pesquisadores: Com certeza!

E4\_MO ICOMI: Entendeu? Então aqui é uma cidade de origem de um empresa boa, tivemos sim, mas hoje não tá assim tão bom mais, entendeu? A educação, a saúde, eu lembro que aquele hospital. Vocês já entraram lá?

Pesquisadora: Não.

Pesquisador: Eu entrei quando era criança.

E4\_MO ICOMI: Nós nascemos aí, todo mundo. Ninguém ia pra Macapá que é a 200 Km né!

Pesquisador: Era uma maravilha o hospital né?

E4\_MO ICOMI: Aqui era o melhor centro cirúrgico do Brasil, era Serra do Navio. Hoje se você entrar lá você chora. Não funciona mais a parte de parto é tudo em Macapá que as mulheres tem que ir, a lavadeira lá aqueles maquinários que lavava as roupa tudo parado. Eu tive, eu tive lá fazendo um trabalho só que não era da minha área da educação e quando eu entrei assim, eu digo “Meu Deus!” Eu vi assim aquele solar, já ouviram falar?

Pesquisadores: O solar, não.

E4\_MO ICOMI: O solar era um corredor que tem, a onde é tudo aberto pra pegar aquele sol da manhã e as pessoas ficavam sentadas doente, pra pegar aquele sol matinal sabe? O solar não funciona mais, as enfermarias, tá tudo acabado assim. Mas a saúde, a educação, esses nosso direitos que a constituição garante né. Os essenciais que é saúde, educação, nós tínhamos e bom, bom mesmo. Bom assim daquele que eu acho que não vai mais ter, não que eu esteja perdendo a esperança (risos). Mas eu falo assim pelo caminhar das coisas o pessoal não tem mais. Até porque Serra do Navio, vocês vieram hoje de que? De ônibus?

Pesquisadores: Hoje nós viemos de ônibus.

E4\_MO ICOMI: Pois é a estrada já era pra ser asfaltada. Você vai pra Belém, qualquer lugarzinho é tudo asfaltado. Aqui é duzentos Km, como é que a gente vai ter uma riqueza dessa natural, porque aqui nós temos lindas cachoeiras. Nós temos, o potencial turístico aqui é enorme. Tem uma F12 (Mina) ali do outro lado.

Pesquisadores: Famosa.

E4\_MO ICOMI: Mas quem vem pra cá? Com essa estrada aí sem manutenção né! Agora chove, fica liso, arriscado, tem ladeira. São coisas assim que precisa ser vista de outro ângulo né! Mas a gente não vê interesse.

Pesquisadores: Não vê interesse de quem? De políticos e investimento?

E4\_MO ICOMI: Não, eu digo assim interesse de qualquer sentido oh, você não vê dentro de uma escola um projeto voltado pra parte de nada. Tudo é mais assim educacional vem da escola, não tem um projeto extramuros, que a gente chama né! Não tem. De novo eu, olha! Eu sempre falei pro meu diretor aqui, eu comecei o meu mestrado e lá eles falavam muito, “Façam as coisas dentro do município de vocês”. Eu cheguei cheia de fervor, “vamos fazer uma campanha ambiental, fazer aquelas placas”, “Ah! Tu é filha de ICOMI” não tá na nossa realidade mais isso entendeu? Então você vê naquela placa seja bem vindo colônia, aí tem pra cá e pra lá, tu não sabe onde é a Colônia. Tu sabe porque o motorista de traz, mas se tu vim no teu próprio carro não tem uma identificação “colônia de água branca”. Porque quando você vem tem vários ramais assim pra cá é o ramal do Beleza, cá é a Balsa, entendeu? Então se você tivesse vindo sozinha no seu carro, você não teria assim, a parte turística. Aqui não

tem uma rede social pra falar assim, mapa, a onde é que tem restaurante, entendeu? Pode ter, mas é quem tem os conchavo com a prefeitura, mas assim num geral, você não sabe aonde é que tem um artesanato, você não sabe onde é que tem um guia turístico pra te levar numa trilha. Tu sabe o que tem no youtube é o que tem no (Palavra não compreendida) que é o nosso colega que tá trabalhando de forma autônoma. Ele não tem apoio de prefeitura

Pesquisadores: Que leva a galera lá na F12 é eu fiquei sabendo.

E4\_MO ICOMI: Sim, sim. Ele mora aqui, bem pertinho de nós ele é nosso vizinho. Não tem apoio.

Pesquisadores: Trabalha por conta dele né.

E4\_MO ICOMI: É! ele cobra, ele cobra acho que cobra R\$130,00 por pessoa. Aí dorme lá, quem vem traz a sua barraca, mas geralmente ele sai as cinco da manhã que é pra pegar a neblina né. Ele sai a cinco da manhã e volta no outro dia, que é pra pegar o por do sol e o amanhecer.

Pesquisadores: A gente vontade de fazer esse passeio né, no futuro.

E4\_MO ICOMI: É, vocês vão gostar. É o que eu tô falando assim, a ICOMI deixou muitos lugares bonitos, também deixou explorada né! Também muitas coisas né, porque a gente não pode cobrir o sol com a peneira, mas.

Pesquisadores: É tu pode me contar sobre isso.

E4\_MO ICOMI: Esse minério. Não sei se vocês foram lá perto da ICOMI?

Pesquisadores: Ainda não.

E4\_MO ICOMI: Tem umas minas assim, são várias minas de minérios, porque na época foi pedido o contrato e ficou lá e hoje tem uma briga assim judicial, quem que vai ficar com isso, quem que vai ficar com aquilo, mas tá lá. Entendeu? Então alguns lugares que vocês vem assim, se vocês pararem se não for de taxi e para no carro tem muitos abismos que houve aquelas explosões né? Com dinamite pra poder explorar o manganês. Então também tem essa parte que foi a degradação ambiental.

Pesquisadores: E quanto assim, a relação com a cidade. O que é que tu achava de mais especial, de como era viver lá na Vila?

E4\_MO ICOMI: Especial?

Pesquisadores: É o que é que tu achava que era mais, os lugares que tu mais gostava, o que tu identificava que era mais especial pra ti naquele momento em tu morava na Vila?

E4\_MO ICOMI: Olha! A escola da ICOMI fazia intercambio cultural com a escola lá de Santana, a fundação Bradesco. Então, eles faziam uns jogos, era tudo na verdade oriundo lá dos Estados Unidos essas realidades. Mas nós gostávamos muito assim, quando chega a época dos jogos escolares que geralmente era em setembro na semana da pátria e a ICOMI dava o ônibus e dava, pra todo mundo, nós ficávamos hospedados lá em Santana na Vila Amazonas, nos alojamentos. No CCH aí nós tínhamos o restaurante que era comida boa, era quando nós conhecíamos os outros amigos que eram de Santana da SNAV SVAN, eu nunca esqueço, SNAV E SVAN que era Santana e Serra do Navio. Tinha alguns critérios pra participar dos jogos, tipo assim, tu tinha que ter notas boas. Aí era uma forma de motivação para que você pudesse se esforçar pra ter uma nota boa né. Eles monitoravam o comportamento, porque não podia agredir se não o pai ia pra rua, tinha essa influência já lá no serviço entendeu? E era uma coisa que nós trabalhávamos o ano inteiro com foco que era aquilo. Aquilo era uma viagem pra gente né! Não era só um jogo. Era um entretenimento, uma maneira de conhecer outras pessoas e eles trabalhavam muito dando medalha, aquelas medalhas assim sabe? Pareciam ouro.

Pesquisadores: Eram bonitas aquelas medalhas!

E4\_MO ICOMI: Eu tenho uma aí eu vou mostrar pra vocês, eu vou mostra pra bater foto. Eu tenho as minhas medalhas, que a parte esportiva não era só assim como hoje. Hoje a gente vê as escolas é só esse negócio de queimada, essa coisa! Era com a técnica mesmo de corrida de cem metros, duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos e tinha toda a técnica. Abaixava, naquela posição sabe? Apoiava. Ah! Quando eu vejo as olimpíadas do Brasil eu já lembro, a minha cabeça vai lá porquê. Nós nadávamos na piscina também, tinha piscina, tinha pódio que eles faziam a entrega da medalha e tinha que pular de cima e era todos os nado. O nado costa, crow e hoje eu vejo que tudo serviu pra mim porque o rio Amapari, que vocês atravessaram uma ponte lá no Cachaço, não é longe daqui. Se você atravessar bem a rua aí já é o rio Amapari, aí atrás.

Pesquisadores: Então passa bem aqui logo?

E4\_MO ICOMI: Bem aí. Então a gente pode andar de barco tranquilo porque a gente sabe nadar né! (risosr). É coisas assim que eu digo que foi bom né! Porque hoje eu posso usufruir, eu sei nadar, eu encaro qualquer rio desse aí. Eu ensinei os meus filhos, eles receberam medalha lá na polícia militar porque tinha o projeto cidadão mirim, que meu marido tomava conta lá em Serra do Navio. E eu era pedagoga e sempre eles tavam no cronometro se destacando, porque eles ainda pegaram o finalzinho da ICOMI e tiveram essas técnicas né! O volêi pra dar o saque assim (pah) correto, o basquete. Bem ali eu tenho uma árvore que tem uma cesta lá, que é assim né! Coisas que a gente vem trazendo e vai implantando pros nossos filhos. Eu acredito que essa parte assim do esporte, sendo motivado na aula, as melhores notas, tudo é um conjunto. Tudo era um conjunto assim de coisas que foi bom pra mim. Agora o bom mesmo é tu ter uma casa boa pra tu dormir embaixo né.

Pesquisadores: A sim! E como era essa questão de morar na arquitetura da ICOMI, nessas casas?

E4\_MO ICOMI: Eu nunca morei assim. Quando eu morava lá, eu sempre morei lá mesmo eu nunca vi assim eu não posso dizer, “Ah eu vim de outro local” eu nasci lá. Eu posso te dizer aqui por exemplo, que eu tô estranhando, que eu moro aqui dois anos e eu saí de baixo de uma casa de ICOMI. Porque eu moro, eu fui criada lá na casa lá com todo o conforto porque.

Pesquisadora: Tu nasceu aqui?

E4\_MO ICOMI: Eu nasci aqui. Eu nasci aqui e a casa três quartos, com o chão bem — ó aqui um curcununa — mas lá o chão assim brilhava, entendeu? A minha casa lá e sempre banheiro dentro, porque a realidade da maioria das pessoas é aquela, aquela, aquele banheiro fora né! Então eu não tive essa experiência dessa, eu respeito né quem não pode, mas assim, eu tive um privilégio de nascer e ser criada dentro de uma casa com banheiro e com toda a estrutura né! Com rede elétrica, água, de chover dar relâmpago e tudo e a casa não tremer porque a estrutura era boa e também de, de poder compartilhar e de ter vizinho. Porque hoje eu acho estranho, as pessoas fazerem um muro enorme né? Aí tu perde o vínculo entendeu? E lá não, ninguém tinha, ninguém tinha muros, as casa germinadas né! Eu não sei nem se eu vou poder falar, mas eu vou falar, o pessoal não podia nem peidar que o vizinho escutava (risos).

Pesquisadores: (risosr) poder falar, não tem problema nenhum (risos). Mas é verdade né, casa geminada né.

E4\_MO ICOMI: É, era o dizer né do pessoal “não pode nem peidar”, “a parede tem ouvido”, tudo é as fofoca também né. Então nós podia gritar assim do lado “Vizinho! Oi! Tem sal?” Aqui não né, aqui por exemplo eu não tenho vizinho né. Aqui se você olhar essas casa aí não é vizinho, porque a gente tá comprando e fazendo um investimento. Mas eu fui criada assim, com vizinho, conversando, não tinha internet né, ninguém ficava preso né, dentro da casa, tinha horário pra brincar. Porque quando chegava perto na noite nós tínhamos que entrar porque passava um carro avisando né! Que tava na hora já de entrar. Mas mesmo assim, nós

não fomos tolhidos assim, fomos assim talvez disciplinados que tem hora pra tudo e que é uma das coisas que eu cobro (risosr) da minha neta. As vezes ela vem pra cá, tá aquele sol e ela fala “vó! Embora tomar banho” — porque aí é uma delícia o banho — eu digo, “Não, agora não”, horário de uma duas horas jamais, das quatro horas até as seis o horário sabe? Então a gente veio carregando isso e o bom olha! Eu sou casada há trinta anos, com o meu marido, não trinta não, porque o meu filho tem trinta e três, trinta e quatro. Ele também é filho de ICOMI, o pai dele trabalhou de tratorista e aí deu certo assim a nossa filosofia de vida sabe? “Ah! Bora fazer um campo?”, “Bora é legal, porque eu gosto”, “Bora fazer um volêi?” “Bora!”, “Bora ajeitar esse Igarapé assim pras crianças brincarem aqui, os médio aqui e os adulto aqui”. Porque foi cavado assim o Igarapé tipo um degrauzinho pra não correr risco né! Porque as piscinas aqui elas eram assim, entendeu? Degrade né que chamava. Aqui era mais fundo. Hoje em dia a gente refletiu a nossa vida pra isso, pra viver não seguindo essa tendência, mas valorizando o que foi bom. Entendeu? Pra nós o que foi bom a gente implanta.

Pesquisadores: E assim, tu pegou toda essa parte né de transição entre a saída da ICOMI e a prefeitura. Como é que foi que, como é que foi o impacto na tua vida assim. Mudou muita coisa de uma hora pra outra? Ou foi mudando aos poucos? Enfim, o que que tu sente em relação a isso?

E4\_MO ICOMI: Mudou. Pra mim né mudou, porque nós éramos acostumados, porque exemplo, o mercado era abastecido e não faltava nada, até a parte de alimentação, nós comíamos eu digo aqui com meu marido, eu lembro de um queijo redondo assim sabe? Sabe aquele queijo redondo que era roxo? Eu só comi na ICOMI aquilo (risosr), eu só comi na ICOMI aquilo. Aí nós tínhamos muitas coisas assim e quando veio a questão do município a transição acabou a ICOMI, o mercado já tínhamos que ir praticamente pra Macapá ou pra Santana pra comprar entendeu? Assim, essa mudança, ela foi radical pra mim. Essa parte de alimentação, educação, porque a gente passou a ser regido como mantenedor do estado. Aí mudou porque a gente era acostumado a ter professores, aí no estado já faltava professores entendeu? Foi muita coisa assim que tu vê como choque, mas nada que a gente não pudesse ir se adaptando né! Horário né, a gente já andava na rua e qualquer pessoal tava na rua a qualquer horário, porque veio outras empresas já e sem as regras da ICOMI. Então, foi um choque! Mas depois a gente foi percebendo que era um mundo particular, privado nosso e que não ia ter mais e agora chegou a hora de se adaptar.

Pesquisadores: E assim, e a questão do patrimônio, porque tu sabe que Serra do Navio é um patrimônio nacional ne? Tu participou de alguma coisa na época que tombaram? Tu tem alguma lembrança de como é que foi quando aconteceu esse processo todo? (Nesse momento a entrevistada pediu para fazer uma pausa na gravação para atender uma demanda em sua residência).

Pesquisadores: Continuando assim, eu queria saber um pouco dessa questão agora né! Das reuniões, se tu participou de alguma coisa, como é que foi e também a tua opinião assim sobre (...), tu acha que deveria ter sido patrimonializado, tu acha que isso serviu de alguma coisa ou não?

E4\_MO ICOMI: É tipo assim Bárbara, quando houve essa transição da ICOMI para o estado, ficou uma polêmica seria o estado ou o município que iria assumir a vila de Serra do Navio e ficou esse jogo de empurra, empurra. Era o município, era o estado e aí eu não sei como foi feito um acordo com eles que chegou esse órgão. E esse órgão chegou aqui de uma forma muito autoritária. Se tu for ouvir os moradores quase ninguém gosta do, desse, dessa história do patrimônio aí do IPHAN né! Ninguém gosta. Primeiro porque veio uns servidores mal educados querendo impor que era a lei e tal, mas eles pouco explicaram. Aí eles chegaram nas casa notificando, muita gente tem multa, porque mudaram a estrutura, fizeram pátio fizeram isso. Aí eles faziam a notificação colocando a multa e isso foi revoltando o pessoal, porque você já vem acostumada numa casa já. Eu tava há 25 anos de baixo da minha né! E aí vem essa história de que não pode isso, não pode isso, mas é uma estrutura de cinquenta anos, que também tá se acabando e que há a necessidade de você ir trocando algumas coisa,

mexendo. E eles iam lá na casa sabe, faziam notificação. O governo mandou uma placa assim, se vocês forem olhar essas casas, ela tem a placa que foi da ICOMI. A nossa por exemplo é a 135, mas tem lá a GEA que é o governo do estado do Amapá com uma outra numeração pregada do lado. Tá entendo! E aí eles começaram a catalogar essas casas, que essas casas seriam para o estado e aí você tá debaixo da casa há vinte e cinco anos e não tem direito a ficar de baixo da casa? Aí esse IPHAN veio e falou que ia pegar o nosso cadastro, aí nós demos a nossa documentação todinha identidade, cpf, tal tal tal, vínculo quem tinha com o estado, com a prefeitura, que a caixa iria vender parcelado pra nós as casa. Essa foi a primeira conversa, depois eles começaram a falar que iam fazer um cadastro pra dar um termo de, tipo que tu é o dono mas, esqueci o nome, tipo de posse que pode ficar embaixo. Aí eles fizeram o cerimonial, pediram era dos moradores mais antigos porque os de vinte e cinco, trinta anos já iriam ganhar a documentação. Inclusive eu já saí da minha e ainda nem ganhei né! Porque houve essa questão partidária dentro.

Pesquisadores: Isso foi agora?

E4\_MO ICOMI: Foi ano passado que entregaram a documentação pra alguns moradores, entendeu? Os outros não. Foi período de política o prefeito tava vindo eleito e aí foi um rebuliço lá, foi um barulho uma confusão. Logo em seguida o secretário de saúde aqui de Serra do Navio foi preso porque pegar — Inclusive é até amigo nosso de culto o Randolpho — que a esposa dele furo lá o negócio lá da fila do Covid né! E o povo ficou muito revoltado enfim, todo mundo desconsiderou as multa, cada um foi fazendo a sua casa do jeito que foi e os processos não andaram mais. Aí eles derrubaram lá o MEC pra construir um outro, porque tava ficando tudo caído, mas contrataram uma empreiteira lá que também era de vínculo partidário político entendeu? E esse IPHAN assim pra gente ele ainda não tá sendo legal porque se fosse outras pessoas eles teriam reunido a comunidade, explicado, eles fizeram isso, eles reunirão, mas tudo tinha que assina sem ninguém entende. E acabou que as pessoas ficaram naquela vida frustrado, muitos venderam, vocês não vem mais pessoas da ICOMI aí. O pessoal que era da ICOMI mesmo venderam as suas casas pegaram o dinheiro e foram embora e hoje quem mora aí é mais servidor municipal, servidor público ou servidor da empresa. E a história que tá é essa, que nós vamos pagar tipo um aluguel social pra gerar arrecadação pro município né. Mas as casas não serão das pessoas, serão patrimônio do IPHAN, entendeu? É só essas conversa assim, que a gente escuta lá na Serra. Pra tu ter uma ideia teve três reuniões e nenhuma das três me convenceu porque eu leio na internet o que é o IPHAN, tem ouro preto lá em Minas Gerais, eu leio tudo assim que é inerente ao que nos afeta né! Quando eu tava lá eu fazia parte das reunião e eu não vi assim nada que desse um subsídio pra gente compreender. Aí o que eu leio pela internet é uma estrutura, é tudo bonito, mas na vida real é tudo se acabando. Nem Iphan, nem prefeitura, nem estado, na verdade ninguém faz nada, entendeu? E eu fui uma das que participei, eu fui assídua assim nas reuniões porque é interesse né. Já pensou tu morar vinte e cinco anos de baixo de uma casa e de repente tu chega e a casa não é mais tua. Tu vai saí vão tomar a casa, porque era assim que falavam, vão tomar a casa. Aí era interesse nosso participar das reuniões. Quando nós chegávamos lá eles amenizavam, “não! Ninguém vai tomar nada, nós vamos fazer um cadastro só. Só que nesse cadastro vocês não podem mudar porque é patrimônio” e aí o pessoal questionava, “como é que é patrimônio e vocês não cuidam também?” E se a gente não cuidar? Vai se acabar? Essa que é a função do IPHAN? É deixar se acabar ou é preservar? E aí vinha todas as polemicas, mas o certo é que a gente tá vivendo num mundo hoje a onde existe essa política maldita no meio. E enquanto existir essa política onde não se tem o olhar pro bem aí vai ficar sempre esses grupinhos dentro dos órgãos sabe? Lutando pra cá, pra cá, pra cá e vai justificando, foi uma das coisas que me angustiou mesmo de sair. No dia que eu resolvi vender a casa parece assim que eu vendi um pedaço da minha alma (risos). Porque você morou uma vida inteira eu falei, “dessa eu vou me desfazer, mas a da vila Amazonas eu não vou”, porque lá a da vila Amazonas é avaliada pela Caixa e lá como eu comprei do seu Ralf é tudo legalizado no cartório de imóveis e agora avaliaram e tá em, tava em duzentos e oitenta mil. Porque todo ano tem um engenheiro da caixa que vai fazer a avaliação do imóvel, mas é tipo assim, se eu quiser vender hoje também eu vendo porque ela

é toda legalizada. Uma das coisas que aqui em Serra do Navio não tem. Não tem nada em cartório de imóveis de legalização sabe? E aí eu pensei “Ah! Eu prefiro me desfazer”.

Pesquisadores: Mas e quando alguém compra uma casa aqui o que que recebe de papel assim?

E4\_MO ICOMI: Não. O que recebe é pelo cartório um recibo porque você pagou mas você não tem o título, eles chamam o título né? Não tem o título. Tipo assim, é do IPHAN mesmo, eles tomaram conta, entendeu? Aí a maioria vende e vai embora e quem compra tá consciente de tudo isso. Olha essa minha casa lá eu vendi agora, é recente, por vinte e cinco mil. Eu coloquei, eu coloquei a água que tava atrasada três mil reais. Ela disse, “então vamos abater?”, “vamos”, nós abatemos na água né a energia tava tudo em dia. Aí ela disse “E4\_MO ICOMI eu quero comprar porque eu trabalho na empresa” e eu não posso pagar aluguel, porque o que é caro aqui é o aluguel. Que na Serra é entre mil, mil e duzentos numa casa dessas o aluguel.

Pesquisadores: Olha, só! Caro mesmo.

E4\_MO ICOMI: Aqui tu não encontra um quarto de duzentos, de trezentos. Aí é caro o aluguel então a gente prefere fazer. Aqui toda a empresa, eles recebem de seis em seis meses ou é anual também a PL, que é a participação de lucro dentro das empresas. Aí os funcionários recebem décimo, férias e mais a PL. Aí com esse montante é que eles compram as casa, entendeu?

Pesquisadora: Então o Iphan veio pra cá assim e veio dizendo o que ia acontecer. Eles não faziam consulta assim pra saber o que vocês achavam? Qual era a opinião de vocês?

E4\_MO ICOMI: Não. Nada, nada, nada. E uma coisa também sabe Bárbara que eu acho incrível é que vem uma equipe por exemplo do Iphan, Eu participei de uma reunião que eram cinco jovens até bonitinhos, mas não eram tão profissionais né. Aí o pessoal pensa, “poxa essa garotada que tá vindo aí jovem tá cheia de pique né”, eu achando que elas vão explicar bacana. Só fizeram o cadastro das casa e todas essas casas, elas entravam e batiam as fotos assim, do quarto, da cozinha, da sala, do teto. Que eu acredito que era mais como uma cobrança de lá pra ter a documentação, alguns resistiram não abriram as casa eu abri. Inclusive a minha ganhou num desses anos aí a casa que foi considerada patrimônio histórico, aparece a foto dela lá, da minha porque como eu nasci e me criei eu não queria mudar e ela não é mudada na estrutura. Nem a moça que tá lá que também é de origem da ICOMI, ela também não mudou ainda. Aí eles bateram uma foto porque ela ainda tava na conservação da estrutura da ICOMI né. Aí eu falei pra moça, “eu não me oponho que você entra bata foto, eu só quero que você me diga pra que isso?” Porque você tá batendo uma foto de uma casa que tá cheia das minhas coisas né e eu nem te conheço. Aí ela mostrava lá o cracházinho né. Dizendo, “Não, isso é só pra constar que a gente tá trabalhando e não sei o que”. Aí passa um ano e já vem outra equipe, outro ano eu to falando da rotatividade do funcionário e não ter uma sequência lógica pra que a comunidade entenda o que é o Iphan.

Pesquisadora: É geralmente assim quando a gente trabalha com arquitetura assim é muito comum a gente precisar ter registros, que a gente chama de levantamento. É porque a casa ela é um bem material, aí eles precisam tirar foto pra saber qual é o nível de conservação, se ela tá bem conservada, se ela não tá né. Mas é isso assim, no passado as coisas era mesmo mais autoritárias, mas hoje em dia eles estão começando a entender que a comunidade é fundamental, que a comunidade tem que participar, que tem que ouvir a comunidade pra saber o que a comunidade sabe, o que ela sente, o valor que ela dá pra o lugar né.

E4\_MO ICOMI: Ah mas vai aí também de cada pessoal né.

Pesquisadora: É um processo que tá evoluindo aos pouquinhos né.

E4\_MO ICOMI: Pois é, porque por exemplo assim, se tu tem uma linha de trabalhar na parte de afetividade com a comunidade e fazer essa ouvidoria de entender a parte que não é só

matéria, mas é sentimental é uma coisa. Mas vir pessoas que vem pra fazer só “o trabalho” entendeu? Então, essa equipes que passaram aí eram o trabalho, elas não tinham assim vinculo nenhum assim de, de, de laço. Gente se vocês andaram nessa Serra todinha e perguntarem o que vocês acham do Iphan, vocês gostam do Iphan? Só um trabalho de logística só do sim ou não. Vocês vão ouvir tanto não, talvez não seja nem pelo trabalho, mas pela forma como eles chegaram abordando entendeu?

Pesquisadores: É porque tu mesmo disse né, tu conservou a tua casa né, porque tu queria que a casa ficasse daquele jeitinho né. Por uma questão tua de afeto, porque isso representava pra ti.

E4\_MO ICOMI: Sim, sim. Aí eu resolvi vender, quando eu resolvi vender a minha filha ela falou assim, “mãe! Se eu fosse tu vendia. Porque vocês já tem um terreno aqui, vocês precisam”. Olha essa casa aqui a nossa ideia é encima fazer os quartos porque a gente quer se cadastrar num, na Secretaria de Turismo em Macapá. Eu não quero me cadastrar aqui na Serra não porque aqui é tudo política. Você liga e quer uma hospedagem, vão sempre dizer, “a Dona Socorro”, a dona Socorro era funcionária da prefeitura, era era policial civil sabe? Ela é, como é? O negócio de assistente social. Então existe toda essa, essa...

Pesquisadores: Essa burocracia?

E4\_MO ICOMI: Não, não digo que é uma burocracia, essa, como é que se chama assim, essa puxação de saco. Tudo funciona ali, nunca você vai por exemplo, ficar hospedado no Cachaço que tem lugares lindos da Dona Zilma e do Castelo, que é assim no meio da natureza. Porque você vai na secretaria e eles já tem já as pessoas entendeu? Então eu quando comecei eu falei “eu vou me cadastrar lá em Macapá”, eu entrei em contato já com o batalhão ambiental, uma (palavra não compreendida) da ambiental, disse “Olha quando vocês vierem pro interior, tanto da educação, da saúde, qualquer órgão ganham diária”, entendeu? E a diária paga a hospedagem, alimentação. Eu vou abrir a minha MEI aqui porque essas micro empresa agora o SEBRAE tá fazendo capacitação nos municípios e eu já participei de três. Eu vou abrir a minha MEI e vo, vo... fazer hospedagem já com direito a alimentação pra pagar o pacote né! Aí tem o Gilson Torres, tu conhece? o guia turístico de Macapá famoso também?

Pesquisadores: Não. Acho que já ouvi de nome.

E4\_MO ICOMI: Foi daqui da Serra pra lá. É ele mora lá na Vila Amazonas também. Aí ele falou, “E4\_MO ICOMI ! Te organiza aí eu vou te dar um prazo de dois três anos no máximo que é pra ti entrar aqui no hall do”, quando vem turista de fora ou de Macapá mesmo, por exemplo da UNIFAP, “vamo lá pro terreno da E4\_MO ICOMI” cada um leva sua barraca né. Faz aqui, mas pelo menos vai ter o café da manhã, o almoço a internet. Ele falou “Ah! Turista gosta disso, eles gostam de aventura”. É mas eu tenho que dá pelo menos o mínimo de condições né. Aí eu tô batalhando aí encima já pra já organizar os quartos, aí eu comprei essa casa que eu fiz a minha escolinha lá já tá saindo oito quartos lá encima. Que é pra gente ter aqui e lá e essa daí eu também já tô comprando que é pra gente se organizando né! E a gente já recebe aqui o pessoal do ICMbio, eles almoçam aqui sabe? Que já vem já de indicação de lá né. Aí eu comprei um motor rabeta, a gente já tá fazendo a nossa canoa. Aí o meu genro já tirou a carteira da marinha que ele é nascido aqui, é ribeirinho né. E aí a gente tá se estruturando que é pra ter o carro, por exemplo vocês chegaram, “E4\_MO ICOMI estamos indo pra Serra”, então lá na hora que desce sabe, na parada do coronel, a gente desce lá e já tá o carro não precisa pagar o taxi porque no pacote já vai entrar, entendeu?

Pesquisadores: Interessante.

E4\_MO ICOMI: E a gente tá querendo fazer isso aqui, mas aqui no município a gente não tem esse vínculo com as pessoas né. Aí tem que ser tudo por Macapá.

Pesquisadores: Mas é uma ideia muito boa. Tem muito potencial. (Pequena pausa)

Pesquisadores: Eu vou voltar aqui. Tu gostaria que tudo continuasse conservado. Tu concordaria assim, se tivesse uma outra abordagem, a comunidade participando, dizendo as suas necessidades, com uma construção conjunta. Tu concorda com a patrimonialização de Serra do Navio? E tu participaria dessas ações?

E4\_MO ICOMI: Não, é tipo assim. Se é lei, não tem mais o que concordar já tá dito. Agora o que eu sou a favor é que seja explicado, ponto a ponto, entendeu? Porque existe as pessoas que leem muito e existe as pessoas que não leem nada, entende? Então pra mim teria que ter assim tipo uma, como é que é que dá uma (...), que é toda a comunidade? Não é ouvidoria.

Pesquisadores: Assembleia?

E4\_MO ICOMI: Não, não é assembleia. É audiência pública. Eu sou a favor de uma audiência pública com pauta informando a comunidade sabe? Tipo assim, “Audiência pública sobre o que é Iphan e apresentação dos representantes legais de Serra do Navio”. Eu sou a favor disso. Todo mundo vai escutar o que é e com direito de fazer perguntas e apresentar a equipe. Depois uma segunda auditoria mas trazendo o retorno pra que foi essa. É tipo assim oh Bárbara! Me desculpe, você tá fazendo um trabalho de mestrado, vai ficar pronto o teu trabalho e será que eu não tenho pelo menos o direito de ver a tese? Digitada e a nota que tu tirou? Eu tô falando de retorno gente, o que eu tô falando é de retorno. Porque só vim fazer e depois tchau é ingratidão, entendeu? Eu sou a favor da conservação, eu sou a favor também do Iphan, pelo o que eu leio é tudo de bom. Entendeu? Mas o que eu sou ao favor é o esclarecimento a nível de comunidade. Eu acho que a comunidade, ela tem o direito de saber o que é, como funciona, pra que é e se ter orçamentos já pra início de dois mil e vinte dois pra que? E quando vem, eu sou muito enxerida nessa parte de quere saber essa questões, coisas que as vezes a comunidade por não ter o conhecimento não se interessa em saber nada. Mas eu sou a favor desse tipo de situação, que tenha o retorno pra comunidade, porque se você reúne, faz uma assembleia eu acho que a comunidade também tem o direito de saber o que que ta se tratando. Então vão lá e pegam as assinaturas, porque é que tão batendo foto né. Então eu acho assim, que as pessoas tem que pelo menos ligar e falar, “oh! Obrigado eu me formei”, eu não tô falando pra ti tá é um exemplo assim porque eu estudei assim muito e sempre nós fomos educados de até o ofício que tu manda para a empresa pedindo comida pra cem pessoas e tu foste atendido. Não é só o ofício pedindo, agora tu tem que fazer o ofício agradecendo né? Exatamente esse apoio e eu vejo que aqui é assim e só vem, e só vem, e isso vai frustrando entre as pessoas e tanto é que se você bater numa casa e falar que tem que fazer um trabalho, muitos vão dizer “não”. “Não estou disponível”, “Não dá”, “eu não sei pra que é”. As pessoas já tão assim, (palavra não compreendida), tão blindada, de não querer mais fazer nada entendeu? Eu não, eu estudei, eu estudei a minha faculdade, foi o primeiro polo no Jari tu lembra? Tinha o professor Nelson Noronha, ele era da UNIFAP, então lá eu me lembro bem, ele ia em toda a comunidade. Ele explicou, “olha vai ter o polo no Oiapoque e o polo no Jari, é porque a UNIFAP quer descentralizar esse inchaço e dar a oportunidade a quem mora longe”, entendeu? Foi tudo muito bem explicado e ele disse assim, só que a tendência do Jari é crescer, aí ele foi e foi explicando. Nós assinamos lá o documento que ele passou, vamo fazer uma campanha pra comunidade aceitar o polo. Porque nós tínhamos que fazer esses trabalhos de campo e as pessoas, ali é uma cultura diferente, é prostituição, é bebida, é droga, mas nós tínhamos esse objetivo de ir na casa pra fazer os nossos trabalhos explicando e as pessoas diziam “ Não, mas isso não tem nada a ver não, nós somo malaco” que eles falavam sabe? E a gente tinha que ter esse poder de convencimento “Não, não tem nada a ver a gente tá (palavra não compreendida) 21min”, porque o monte dourado ele também tem uma raiz né, de empresa. Então nós tínhamos ali um embate de dois mundo. Vocês conhecem lá?

Pesquisadores: Não. Temos muita vontade de conhecer.

E4\_MO ICOMI: É lá é um embate. É só um riozinho que atravessa numa catraia do lado aqui é Monte Dourado que é uma estrutura tipo de ICOMI e do lado daqui é um beiradão chamado o Jari, que é dois universos opostos ali. E quando nós atravessamos ali, que era chamada a

elite é tipo Santana. A Vila Amazonas ali é vista como, uma elite né? E a vila Maia não gosta de Vila Amazonas e vila Amazonas tem aversão a Vila Maia, entendeu? Tanto é que o Pedro fez aquele ambiente dificilmente você vê gente é, mas é de raízes é de raízes. Então cria-se esse muro, uma questão de status entendeu? E aí a Serra do Navio hoje lá não tem mais esses status não, quem mora ali é peão brabo, gente de empresa, estão comprando casa quem tem dinheiro (risos). Tá mudando tudo e vai ser, vai ser muito cheio de conflito com essa coisa do Iphan porque não houve essa, esse momento desse feedback com a comunidade, de explica. Até porque se houve agora é outras pessoas né, entendeu? Aí já tem que ser feito trabalho de início de novo. Eu sou a favor sim, ver uma coisa assim que foi construída há cinquenta anos tá se acabando é um pedaço teu que tá saindo. Então se tiver um recurso do ano que vem, que vão reformar o hospital desse, que é uma estrutura mega né. Quem não fica feliz né? Até quem não era da ICOMI vai ficar, porque vai servir a comunidade. Mas desde de que seja explicado esses fins. Entendeu?

Pesquisadores: Tem uma coisa que a E4\_MO ICOMI falou que eu fiquei curioso. Eu fiquei curioso em dois sentidos; que tu falou aqui na empresa do Tucano mineração e que eles fazem assim uma logística pra própria comunidade, pra quem tiver interesse e quem quiser fazer pesquisa.

E4\_MO ICOMI: É o portas abertas.

Pesquisadores: Portas abertas e que pode entrar lá e conhecer e que na ICOMI isso não acontecia. Então tu acha que isso é uma coisa que faltou um pouco no tempo de ICOMI, de ter talvez essa abertura, uma permeabilidade maior da empresa com a comunidade, alguma coisa nesse sentido?

E4\_MO ICOMI: Eu vejo assim. Tudo é o tempo né! Hoje a mina Tucano ela trabalha dentro de uma legislação por exemplo, tem que respeitar a questão ambiental se não leva a multa altíssima. Na época da ICOMI a parte de fiscalização ambiental né, tanto é que deixaram aí vários abismos aí de explosões. Então tudo foi uma questão de tempo e legislação entendeu? Na época a ICOMI não tinha essa parte de gestão de pessoa que é hoje era RH. Cês tão me entendendo? (risos) Então é assim. Naquela época não tinha, porque não tinha mesmo essa, essas coisas que tem hoje, mas na cultura que eram pessoas de fora, eles poderiam sim abrir pra gente conhecer porque nós moramos uma vida inteira e não conhecemos o projeto e o projeto acabou. (risos) E ninguém conheceu, hoje o que eu conheço de ICOMI dentro do projeto é no youtube, porque você coloca lá no yuotube né, “histórico de Serra do Navio”, eu conheço porque o meu pai é funcionário antigo ele trabalhou na implantação, ele mora lá na Vila Amazonas, o tio (nome do pai).

Pesquisadores: Que ano o teu pai veio pra cá?

E4\_MO ICOMI: O pai? Olha ele tá com oitenta anos e trabalhou vinte e cinco anos. Eu acho que, calcule aí, eu não sei calcular assim mais. Foi assim bem na implantação mesmo, bem no início. Porque ele conta pra gente que foi muito difícil pra cortar essas montanha aí, pra construir, falando agora da parte de arquitetura né! As pessoas vê né, porque naquela época não tinha as tecnologias que a gente tem hoje né! E como trazia né? Todas essas parafernália que veio de fora.

Pesquisadores: É uma coisa incrível mesmo!

E4\_MO ICOMI: É coisas incrível, então eu assisto, inclusive eu não sei. Porque agora a gente nem usa mais pen drive né, mas eu tenho uns pen drives aí, que eu tinha muito material que o seu, os chefões da ICOMI deixaram pra gente aí. Tinha uma época aqui que eram os filhos, eu não sei se eu ainda tenho no meu pen drive e aparece como é que era aqui viu. Tem o material todinho na balsa e fazendo a ponte, essas pontes hoje, dessas origem do nome Pedra Branca. Porque eles colocavam a pedra e pintavam de Branco como um marco, quando a água enchia, entendeu?

Pesquisadores: Eu tava passando hoje pela Pedra Branca e tava pensando sobre isso assim, porque será que é Pedra Branca o nome?

E4\_MO ICOMI: É! Aí tem a Pedra Petra também, lá as pedras são pretas, mas o pessoal conta que matavam as pessoas aí o sangue ficava preto. As vezes isso daí já é empírico né, mas assim, é tudo tem uma origem né! Tem alguma coisa. E eu pude assim contemplar com o meu pai, o seu Farias que morreu aqui com quase cem anos, o seu James, essa pessoas são as relíquias, essas são os patrimônio históricos verdadeiros (risos) e que não são valorizados né. A gente vê que o mundo capitalista ele só quer a produção, quantos desses homens que se doaram pra construir uma vila dessas e que hoje as pessoas estão usufruindo. Estão doente né, numa cadeira de roda, dependendo do SUS e é a frustração né, porque a ICOMI dava todo esse tratamento. A minha mãe ela tem dezessete cirurgia de câncer no pescoço e ela fez o tratamento uma vida inteira por conta da ICOMI indo pra Belém, São Paulo, no Rio de Janeiro. Depois que a ICOMI acabou foi o que tu falou dessa transição né, a gente entrava em desespero, “Meus Deus o que fazer?” Por que agora tem que pagar passagem, tem que ter hospedagem. Aí nós tínhamos que nos virar, correr atrás do, do (...) governo. Que tem uma casa em Belém, que tem o pessoal do câncer, mas tem que fazer o cadastro, tem que ter o CRAS que faz a pesquisa na casa pra ver se a pessoa tá dentro de um socioeconômico que se enquadra. E tudo isso foi um choque mesmo pra quem era acostumado com um ritmo e de repente cai tudo, acaba tudo. É complicado. Mas eu gostaria assim de conhecer lá onde é que dava aquelas explosão.

Pesquisadores: Só escutava.

E4\_MO ICOMI: É só escutava. Porque eu via aqueles pedaço de manganês assim, que papai leva pra casa. Tinha o brilhoso grosso, tinha o brilhos fino, e tinha em forma do mapa do Amapá. Aí quando tinha as festa da mina no final do ano, como eles trabalhavam com a produção de minério pra ir pra fora, mas já vinha o material pronto. Aí nós ganhávamos os pratos da ICOMI, as colheres, as jarras, tudo sabe? Era tudo assim. Hoje eu acho que algumas casas ainda tem essas.

Pesquisadores: A gente tem um prato só que sobreviveu. Uma travessa assim,

E4\_MO ICOMI: É tinha as travessas, tinha os pratos, colheres. A gente tinha aqui também muita coisa. Mas com as nossas mudanças porque a gente vai de um lado pra o outro a gente vai até quebrando.

(conversa sai do foco da pesquisa e a gravação é finalizada)

<b>IDENTIFICAÇÃO: E5_MO ICOMI</b>		
<b>Data da entrevista:</b> 27/10/2021		<b>Duração:</b> 42min03seg
<b>Gênero:</b> M	<b>Idade:</b> Mais de 65	<b>Naturalidade:</b> Macapá/AP
<b>Atual morador de SN:</b> Sim		<b>Período:</b> 1976 – Atual
<b>Ex morador de SN:</b> Não		<b>Período:</b> —

Pesquisadora: A primeira coisa que eu queria que o senhor me contasse é sobre o seu contexto de vida aqui em Serra do Navio. Quando é que o senhor chegou, se o senhor chegou a trabalhar na empresa, formou família. Essa questão da sua relação com a Serra, como é que começou a sua história aqui na Serra do Navio?

E5\_MO ICOMI: Pois é amiga, eu cheguei em SN em outubro de setenta e seis contratado pela companhia, pela ICOMI né! E desde de lá até hoje tô aqui na Serra. Foram vinte anos de companhia e continuo. Saí e pedi pra empresa me indenizar porque a minha esposa trabalhava, tomava conta aqui da panificadora de um outro rapaz e ele queria vender e como tava aquele negócio sai, sai, sai né! Eu digo, eu vou tentar fazer um pé de meia logo né! E fui

achar de ficar aqui na Serra e tô até agora aqui. Mas como eu digo ao pessoal, eu tenho duas filhas uma é nutricionista e a outra é bacharel em direito né. Só uma, só a nutricionista que ainda trabalha na área a outra não tá trabalhando na área dela. Montaram, as duas se uniram e montaram um restaurante de emagrecimento né! (frase não compreendida) e tão lá né, se virando. A fulana até hoje ainda não conseguiu tirar a careteira da OAB mas se vai levando né. Eu sempre digo pro pessoal, eu tenho as minhas duas filhas e não fui eu que criei, quem criou foi a ICOMI. Porque não deixavam faltar nada! Né? Então.

Pesquisadoras: O senhor teve as suas filhas aqui? Elas nasceram aqui na Serra?

E5\_MO ICOMI: Nasceram aqui na Serra. Todas as duas.

Pesquisadora: E o senhor veio de onde?

E5\_MO ICOMI: Eu vim de Macapá mesmo né. Apesar da gente ser mestiço de acreano mais, eu praticamente vim de Macapá. Meu pai registrou a gente já em Macapá então eu sou amapaense mesmo.

Pesquisadora: E a sua esposa o senhor conheceu aqui?

E5\_MO ICOMI: Não eu conheci ela em Macapá.

Pesquisadora: Ah então viram os dois pra cá?

E5\_MO ICOMI: Não, não eu vim solteiro e depois que tava aqui nós casamos. Mas ela é daqui mesmo do município de Amapá lá do Amapá e do município de Amapá né e tamo junto aí há quarenta e poucos anos já.

Pesquisadora: E o senhor trabalha como o que na ICOMI senhor E5\_MO ICOMI?

E5\_MO ICOMI: Na ICOMI eu trabalhei como mecânico, cheguei como mecânico né! Depois fui subindo, pegando o grau na empresa né cheguei a encarregado de serviços gerais manutenção com (palavra não foi compreendida). Trabalhava na DMA que era manutenção de máquina de equipamento, tudo que, mas a minha área mais era a mecânica geral (palavra não compreendia). E aí lá eu conheci o seu Nadir finado, que era o responsável pela casa de força né?

Pesquisadora: Isso mesmo!

E5\_MO ICOMI: E conheci toda essa galera.

Pesquisadora: E o senhor morava onde no ?

E5\_MO ICOMI: Quando eu cheguei aqui eu morei no alojamento primeiro né! Aí depois que eu casei em pouco tempo me deram casa aqui e aí eu fui morar na BC9. Aí como foi subindo aquele grau da empresa né aí eu passei lá pra intermediária, lá pra perto do hospital. Aí eu morava lá pra perto do hospital e depois eu fui lá pra cima, fui morar lá encima enfrente a pousada Cupuaçu.

Pesquisadora: Ah sim! Lá pertinho do seu padeiro né?

E5\_MO ICOMI: Isso! É a terceira do padeiro pra cá é bem no meio do quarteirão ali.

Pesquisadora: Então agora eu queria que o senhor me contasse um pouco das suas lembranças. Como era morar em Serra do Navio naquele período?

E5\_MO ICOMI: Naquele período era uma tranquilidade né! Tranquilidade, não faltava nada pra gente, não tinha vandalismo né! Tudo tranquilo, até então aqui na praça a gente não poderia passar das dez horas da noite né. Dava dez horas da noite a segurança passava e “bora pro alojamento, bora pro alojamento”. Aí a gente ia pro alojamento, se nós chegasse lá no alojamento e ficasse conversando lá um com o outro não demora eles batiam na porta do

quarto e diziam; “bora dormir que amanhã vocês vão pegar serviço tal hora! ”. Eles sabiam tudo da vida da gente né! Então, mais era uma tranquilidade, não tinha mesmo vandalismo. Hoje, infelizmente tá triste né! Pra quem vim a SN hoje ver. Os colega antigo que vem aqui tem uns que ficam chorando. (pequeno corte na gravação) e aí hoje é triste né! Se vê a Serra do Navio. (Frase não foi compreendida). Um dia desses eu tava colocando umas fotos no face aí da escola de SN né. Agora a gente vê o estudo, a minha menina mais velha quando ela terminou aqui ela foi pra, nós levamos ela pra Macapá pra terminar os estudos né. Aí ela chegou num colégio lá e ele disse; “Olha a sua filha vai ter que fazer uma prova de, uma prova pra poder entrar pro colégio”. Aí eu disse “não tem problema” e ele perguntou “da onde ela tá vindo?” eu eu disse, “da escola de SN” aí disseram pra mim que não precisa e eu disse, “não senhor! Sê pode aplicar a prova pra ela, no próximo semestre ela tá vindo de lá” e ele disse, “Não, não porque os aluno de SN vão dá de dez a zero nos aluno aqui tudinho, mas já que o senhor tá pedindo e é norma também aqui da escola, então aplicamo”. Aí era ela e mais outra aluna também daqui, aí as duas ficaram lá de testa a testa. Empataram as duas, todas com a mesma, uma ficou em segundo e a outra em primeiro né! A minha em primeiro e a outra menina em segundo. Aí fui embora, e aí botei pra Belém pra ela fazer medicina, aí começou o cursinho pra medicina. Aí eu tinha uma sobrinha que é bioquímica né! Aí levou ela pra fazer esse, ela também tava o estágio dela lá no centro da faculdade, chegou lá ela foi puxar lá uma gaveta que tinha um cadáver né que era pra efeito de estudo. Aí quando essa menina (risos) precisou o segurança lá da faculdade dela, correr lá pra pegar ela pra segurar ela e ela, com isso ela meteu isso na cabeça e não quis mais. Mas não fez mais! Aí se meteu em direito, aí fez o vestibular a UNIP né, aí foi pra São Paulo e estudou uns dois anos em São Paulo e não se acostumou mais e teve problema e nós, “não tem problema vem embora”. Aí veio com transferência e terminou em Macapá. A outra é nutricionista fez em Macapá mesmo, foi pra Fortaleza fazer especialização né! Nessa área dela de emagrecimento e aquela outra de idoso né, porque ela trabalha com idoso.

Pesquisadora: Entendi! E além da educação o que o senhor achava que, como era a questão da vida aqui o que que era muito bom, o que não era muito bom?

E5\_MO ICOMI: Pelo menos o hospital, hoje nós não temos. Temos a estrutura, mas não temos atendimento porque o hospital era de primeiro mundo praticamente né! A gente fazia, o dia que a gente não comparecia a chamada do hospital era um Deus nos acuda! Vacina das crianças, por exemplo, um carro vinha buscar nós na porta de casa, levar no hospital, vacinar, terminava vinha trazer em casa. Se o seu filho ou a sua filha (...) era dia de vacina e você não comparece com ele lá na tarde, uma hora, duas horas, no outro dia o cabra ia lá o “senhor não foi, o que é que foi que houve?”, “Ah eu esqueci!”, “Então vamo embora”. A gente funcionário, a gente ia lá fazia os exames, “Olha se tem o retorno tal dia”. Aí eu não tô sentindo nada e não vou né, tá não ia, três quatro dia chegava o outro retorno, aí não ia. No terceiro o seu chefe ou o seu encarregado já tá lhe pegando e “vamo embora, você tem que ir pro hospital”, se você não for era praticamente demitido né e assim era, um tratamento de primeira! Como eu digo, da ICOMI eu não me queixo de nada e eu fiz curso profissionalizando pela ICOMI, fiz um bucado de coisa e tudo eles mudavam o salário né. Não tenho do que me queixar. Água tratada, aqui era o único município que tinha água trada com flúor, com cloro, com tudo o que tinha direito né. Você nem precisava anda com tanta coisa por causa dos dente porque a água já vinha com flúor né! Inclusive eu trabalhava nessa área e a hora que dava qualquer defeitinho num aparelhinho daquele já tavam ligando pra ir pra lá pra gente arruma pra não deixar faltar. Tratamento de esgoto, até o tratamento de esgoto era tratado pra poder a água ir pro rio já com tratamento, pra água ir limpa. Não ia com sujeira nada, pegava cloro, matavam todas as bactérias, todo que tinha lá no tratamento. Hoje vai é pura, se você olha.

Pesquisadora: E assim, sobre as casas? O que que o senhor achava? Ou acha né, pois o senhor morou em várias e no alojamento né. Como é que era essa experiência, eram boas?

E5\_MO ICOMI: Sim eram boas. As casa são boas, tem algumas hoje mais estragada por causa do tempo né! O pessoal não fazem manutenção. Digamos, a minha continua do mesmo jeito que eu tenho da ICOMI né. Agora aqui na primária o pessoal já mexeram tudo, fizeram tudo, até alojamento.

Pesquisadora: Entendi e assim eu queria também lhe perguntar né, porque o senhor pegou todos os períodos aqui da Serra né! Como que foi assim pro senhor quando a empresa saiu? Foi uma mudança muito radical?

E5\_MO ICOMI: É que ela foi saindo. Quando a empresa foi saindo ela foi tentando passar pro município né! Ela foi ajudando o município a se estruturar pra receber o município, mas infelizmente! Teve uma prefeita aí que deu uma entrevista pro rapaz que tava fazendo também a mesma coisa né, só que ele era jornalista da Folha de São Paulo e ele tava fazendo também o mestrado dele né e eu dei entrevista pra ele e falei isso pra ele. Serra do Navio tinha dado luxo, tinha o luxo de ter — na época era o quarto prefeito — acabado com ela, porque a ICOMI saiu mas deixou, asfaltado, deixou água, deixou tudo. Maquinário, tudo! Hoje se você for na área industrial você não vê um maquinário antigo né, da ICOMI. O menino não lembra mais porque ele era pequenininho, mas hoje você não vê um maquinário da ICOMI que era pra eles terem feito até um museuzinho ali. Tem tanta área ainda ali, na área industrial, era pra ter feito um museu deixado os equipamentos pra uma hora dessas o pessoal chegar e dizer, esse equipamento trabalhou com tal minério, isso e aquilo. Essas máquinas, mas levaram tudo, venderam tudo já hoje é os terceirizados já aí e eles já levaram tudo. Hoje eu acho que nem carcaça mais, até eu que trabalhei todos esses anos eu já tô há uns quatro anos que não vou lá na área industrial. É daqui pra casa, pra Macapá, daqui pra casa.

Pesquisadora: Então foi difícil esse momento?

E5\_MO ICOMI: Foi difícil, foi. A foi caiu, caiu, caiu. Hoje a minha esposa querendo embora, querendo embora! Mas ninguém, como que nós vamos se o que nós temos, nós implantamos aqui tudinho né? Ela ainda quer embora, ela tá pra lá tá chegando agora. Tá vindo aí de pirata, foi fazer uns exame pra lá. Pra depender de exame tem que ir pra Macapá fazer, porque aqui não tem. Até pra colher um sanguezinho pra fazer uma pra diabético, eu que tenho, comprei aparelho tudo porque ela tá diabética né! A gente faz aqui, tem que tomar medicamento, vai a Macapá passa no médico. Não era nem pra ela ter vindo hoje, porque ela foi pra fazer o e exame de vista e eu operei esse lado aqui há uns quatro meses atrás e ela foi também pra operar o dela. Mas o médico dela não aceitou porque a diabetes dela tava a duzentos e tava muito alto e ela já ta vindo. Não era nem pra ela tá vindo! Pra passar ruim, pra fazer dieta com a filha, mas aquele negócio “santo de casa não faz milagre! ”. Ela tem que, ela leva ela pra o (palavra não compreendida) e aquele negócio, aquela briga. “Eu não sei porque tu tá trazendo a tua mãe aqui se você é?”, “Mas ela não acredita em mim!” (risos).

Pesquisadora: Porque que o senhor acha que as coisas aconteceram dessa maneira e foram piorando?

E5\_MO ICOMI: Amiga, eu acho que a administração pública nossa deixa muito a desejar né, pras pessoas! Você vê! O município tá acabado e você olha e aqui nós ainda temos umas duas empresas que ainda fornecem um apoio né! Mas o nosso prefeito, infelizmente eu votei nele já duas vezes, mas deixou a desejar. Agora o pessoal tá até querendo tirar ele e não vão conseguir. Você o município de SN pra o que era e você vê o de Pedra Branca, o município de Pedra Branca que não tinha nada, todos eles vinham comprar aqui. Hoje Pedra Branca é um, você deve ter vindo de lá né?

Pesquisadora: É a gente passou por lá. Eu fiquei impressionada.

E5\_MO ICOMI: Uhum! Tudo bem feitinho, as ruas tão sempre trabalhando tão bem. Tem dois hospital, tem um municipal e tem um do estado né! E tem clinica já particular lá também que faz os exames todos e aqui o que tentaram colocar foram fechando. E aqui as que tentaram colocar foram fechando. Se você vai no hospital você não tem um dentista né. Tem um

rapazinho que trabalha aqui comigo e esses dias tava chorando de dor de dente. Mandei ele lá no hospital e ele disse, “não eu não vou”, “porque moço? Você tem que extrair o dente?”, “mas não extrai.”, “não extrai?”, “não, não extrai, só fazem uma consulta lá, passam o medicamento”. Aí tem um consultório aqui particular, tem outro lá da empresa, acho que doou pra outra menina aí. Mas não sei porque não faz extração, o hospital tem dois dentista aí, mas também não faz. Eu tive problema com o meu aqui e tive que passar lá na Pedra Branca pra poder fazer praticamente todos os meu, foi canal eu fiz na Pedra porque aqui não tinha.

Pesquisadora: E hoje senhor E5\_MO ICOMI, o que o senhor acha, se o senhor pudesse enumerar os piores problemas enfrentadas pela cidade?

E5\_MO ICOMI: A segurança, a segurança e a saúde. A segurança tá horrível se não pode, tem uma molecada aí. Essa manhã era quatro e meia da manhã e tinha garota aí na rua gritando e se jogando e eu, “nossa! Mas cadê a segurança aí da vila?” Não tem segurança, não tem nada. Se dão tiro, se furam por aí e você vai ver é só criança praticamente né! Quatorze, dezessete, dezesseis anos pra baixo é assim. Não tem, ah de vinte anos pra cima você não vê, é criança, a molecada hoje tá horrível.

Pesquisadora: E os principais pontos positivos, o que o senhor acha que Serra do Navio tem?

E5\_MO ICOMI: A parte positiva é que a esperança que tem é essa empresa aí que tá voltando aí, uma outra empresa. Lá em Santana já deu uma arrumada no porto né e a gente tá torcendo que ela chegue aqui pra Serra né! Pra ver se ela se

Pesquisadora: Essa é a empresa que tá pensando em revitalizar o trem?

E5\_MO ICOMI: Isso. Ela é que a gente tá com esperança né!

Pesquisadora: Ela vai se implantar na cidade ainda ou já tá aqui?

E5\_MO ICOMI: Não ela tá lá em Santana, já estão mexendo com os vagões lá, o escritório já arrumaram. Na frente lá onde era a ICOMI eles já modificaram, tão mexendo por lá. Agora a briga vai ser porque a linha férrea o pessoal fizeram casa até encima dos trilho e agora pra eles conseguirem tirar esse povo vai ser difícil. Um trecho aqui do Porto Grande o pessoal levaram todos os trilhos. Eu até a semana passada eu vim de Macapá e eu parei lá encima do trilho e fiquei olhando, tomado pelo mato. (Palavra não foi compreendida). Pra quem viu né, é triste! A esperança é essa empresa. A outra aqui quando iniciou a do ouro foi muito bom né, mas depois que ela estabilizou, ficou estabilizada, aí acabou aquela mão de obra mais barata né. Tiveram que trazer a mais especializada aí, inclusive eles fizeram, foi um dos erro também do nosso prefeito, que devia ter dado a estrutura da ICOMI ali que era o CCH, que era tudo, pra eles né! Eles pediram, mas não quiseram dar. Aí eles tiveram que fazer a parte deles lá dentro de alojamento de engenheiro é tudo.

Pesquisadora: Mas hoje no CCH tem gente morando lá né?

E5\_MO ICOMI: Tão tudo morando, entraram e tomaram conta tudinho ali e a maior parte que tá lá é da família do prefeito. É irmã, é irmão (...)

Pesquisadora: Ah é?

E5\_MO ICOMI: É ! E hoje nós não temos mais o Manganês Esporte Clube que era Sede tá aí oh! No chão. As obras é hoje, amanhã, é hoje, amanhã e nunca sai. Prometeram que ia ficar pronto pra inaugura agora em dezembro, que nada! Não tem nem, não sei nem qual é o desenho que vão inaugura né. Mas tirando disso a tranquilidade né, aqui mesmo com esse pessoalzinho ainda por aí, a gente ainda consegue uma tranquilidade boa aqui.

Pesquisadora: O que que o senhor diria que tem de mais especial em Serra do Navio? Ainda hoje que poderia ser fomentado, explorado?

E5\_MO ICOMI: É o minério. Porque aqui tem muito minério ainda né! Tem muito minério que pode ser explorado. O manganês tem muito ainda, não era o manganês como no tempo da ICOMI que se tornou mais difícil de tirar porque tá muito embaixo da terra. Aí mas a esperança é essa aí, que eles mexam nesse minério, tem muito minério ainda na área lá que ela deixou né. Minério que foi tirado, já levaram um bocado, mas tem muito ainda. Segundo as pesquisas deles é minério pra eles trabalhar por dez anos né. Só levando pra tirar de lá né! Então a esperança nossa é que essa empresa nova de Santana lá chegue aqui pra ver se melhora.

Pesquisadora: E com relação a essa questão do patrimônio, porque SN foi tombada né!

E5\_MO ICOMI: É foi tombada.

Pesquisadora: O que que o senhor pensa disso?

E5\_MO ICOMI: Eu acho que foi um erro né!

Pesquisadora? É? Porque?

E5\_MO ICOMI: Por que olha, a nossa frente aqui tá toda escorada. O MEC caiu por causa disso. Nós pedimos pra tentar reformar aí e o pessoal, disseram que não. Que vinha o pessoal, que vinha fazer o levantamento pra fazer a reforma. Vieram né, vieram dois técnicos, um engenheiro vieram aí fizeram o levantamento, mediram aí tudinho, sumiram e não fizeram mais nada. E aí agora tá arriscado, a gente até, caiu isso aí da frente agora como caiu esse corredor que era tudo coberto aqui no lado aí. Aí tava caindo, a defesa civil veio e mandou jogar aí embaixo tudinho e tá aí (palavra não foi compreendia). Essa parte coberta aqui já foi o pessoal, os taxistas reformaram aí e cobriram aí pra ficarem aí e aquele outro lado que não tinha serventia não fizeram nada. O medo da gente, eu até falo com a minha esposa, nós vamos ter que mexer aí porque tá arriscado cair aí a ponta do telhado todinho. Aí o senhor do mercado disse que ele vai mexer porque ele trabalha com coisa de madeira, ele tem madeira, mas também não deram autorização pra ele o patrimônio, tá uma briga ai pra ele também.

Pesquisadora: O que eles alegam quando não dão autorização?

E5\_MO ICOMI: Não sei qual é o problema deles da autorização do IPHAN.

Pesquisadora: É falta de projeto? Qual é o problema?

E5\_MO ICOMI: Eles alegam que eles não querem que mexam na estrutura antiga né. Eu até concordo com eles até, mas eles deveriam autorizar. Você pode fazer a sua reforma desde que não mexa na estrutura das casas né. Já que tá tombado como patrimônio histórico aí a gente faz a reforma pra não deixar cair né?

Pesquisadora: Então o senhor concorda que deveria conservar o patrimônio?

E5\_MO ICOMI: O patrimônio! Não, com o conservar eu concordo. Conservar o patrimônio, que chegassem e dissessem, você pode fazer a sua reforma na sua casa desde de que você mantenha o patrimônio e a estrutura da casa né? Não tem problema e eu até então eu venho acompanhando isso aí porque quando surgiu, quando a gente ainda não tinha televisão aqui e eu e outro colega fomos uns dos primeiro a comprar antena parabólica. Eu comprei uma antena e botei lá encima em casa. Botei encima do telhado. Aí o engenheiro que era o gerente da ICOMI passou lá perto de casa e viu, aí cheguei tava lá na oficina lá e o telefone tocou lá e eu, o encarregado o técnico chegou lá e “vem aqui no escritório”, o escritório da DMA. “Você está sendo autorizado a sair, vai lá na tua casa e tira a tua antena lá de cima e coloca embaixo, pra não tirar a estrutura da casa”. Aí eu, “não tem problema não” eu tenho que ir lá tirar e colocar embaixo. Mas depois pra nós, como funcionário da ICOMI nós seguíamos as normas da companhia, mas agora que entrou esse pessoal de fora eles não respeitam de jeito nenhum. Eu acho que noventa por cento não tem mais, o que eu lembro aqui dos antigo da ICOMI tá eu, o padeiro ali, Toinho na BC8, tem o Moacir aqui que apesar dele ser prestador de serviço é o tempo que ele tem aqui de Serra. Acho que tem bem pouquinha gente mesmo

da antiga da ICOMI aqui. O resto todo é o pessoal de fora né, que vieram por causa do município.

Pesquisadora: E naquela época que aconteceu o tombamento, o senhor lembra de ter participado de alguma reunião, deles terem vindo aqui e feito a consulta com a comunidade pra saber se eram a favor ou se eram contra?

E5\_MO ICOMI: Eles fizeram várias reuniões aí.

Pesquisadora: O senhor participou?

E5\_MO ICOMI: Não, não. Eu não participei de nem, participei só de uma mas aí como eu não concordei eu saí e aí também não fui mais pra nenhuma. Aí quando nós soubemos a prefeita já tinha dado o ok dela né! E tinha assinado autorizando. Aí não tem mais, já tentaram tirar mas não conseguiram.

Pesquisadora: tentaram tirar?

E5\_MO ICOMI: Já

Pesquisadora: Como é que foi isso?

E5\_MO ICOMI: A câmara tentou reverter o caso justamente por causa disso né, pra querer reforma né! Reformar os prédio aí tudinho, mas não conseguiram não. Inclusive a minha casa lá tem até uma placa deles lá que a outra pessoa que morava lá queria também fazer uma reforma lá e teve que pedir autorização pra eles né! Aí eles deram, eles deram autorização pra eles, mas a reforma que eles fez estragou ainda mais (risos). Aí eu já derrubei tudo, falta ainda derruba a outra parte lá pra deixar no padrão.

Pesquisadora: Então o senhor desfez a reforma que o outro tinha feito pra deixar no padrão?

E5\_MO ICOMI: É

Pesquisadora: Bom o senhor já disse que é a favor da conservação né. Então porque o senhor acha que SN merece ser preservada?

E5\_MO ICOMI: Porque, digamos, porque foi referência pra região Norte. SN foi referência pra vários municípios, digamos aí, nós temos é Monte Dourado. Monte Dourado, fizeram a Vila de Monte Dourado espelhada aqui em SN. É (...), Trombetas. Trombetas também foi espelhada em SN e se não, se não me falha a memória eu acho que Carajás também eles fizeram no modelo, diferente pouquinho coisa mais, baseado tudo na estrutura de SN, né!

Pesquisadora: Tá certo! E assim pra finalizar eu queria perguntar também. Se voltassem a acontecer de repente reuniões ou oficinas, enfim, coisas pra, de uma forma diferente, pra tentar conservar esse patrimônio né! Mas com mais participação da população, o senhor participaria?

E5\_MO ICOMI: Eu já disse pra minha esposa que nas próximas reuniões eu vou pra cima. Porque eu praticamente abandonei, porque eu fui militante quando eu era novinho, eu fui militante do movimento democrático brasileiro né! O MDB e depois eu fui me desgostando e larguei de mão a política foi passando pra outros lados e mas agora eu acho que vou voltar de novo, participar de reuniões pra gente tentar alguma coisa. Pra gente tentar querer botar alguma coisa ou tirar alguma coisa que tá errado eu acho que.

Pesquisadora: O que o senhor acha que tá errado?

E5\_MO ICOMI: Por causa da administração, sei lá. Olha! O cara veio aqui e me convidou pra ser Secretário de Agricultura. Eu falei pra ele, "ser secretário de agricultura meu amigo? A minha formação é mecânica." Né! Eu sou formado em técnica em mecânica, fiz curso profissionalizante de mecânica. "O que é que eu vou fazer na agricultura?" Né? Você é arquiteta, o que você vai fazer no hospital pra consultar quem (...), né? Então cada qual na

sua área pra fazer as coisas direitinho mas não. Isso aí é a briga que eu tenho. Aí o cara diz “Poh! Mas tu tem a visão”. De ter a visão, mas olha! Nós passamos agora, acho que não sei se quando você chegou já tinha água?

Pesquisadora: Tinha.

E5\_MO ICOMI: Já tinha né! Mas nós passamos, acho que uns quatro dias ou cinco dias sem água. Eu tive que pegar água lá no posto de gasolina que tem um poço artesiano lá e o rapaz me cedeu água lá pra lavar as coisas aqui, porque as minhas caixa secaram todas. Pão nós temos que fazer com água mineral né! Os sucos nós já faz tudo com água mineral porque essa água que vem aí não é confiável né. Todos os nossos sucos é com água mineral. Não tem condições, digamos, aí eu tenho uma irmã que é envolvida com negócio de política também, meu sobrinho é vereador e ela já foi candidata a prefeita lá pro município dela e ela passou e me ligou pra ver se eu aceitava ser, tomar conta do tratamento de água aqui da SN. Eu disse, é a área que eu trabalhava com manutenção e tudo e disse tá. Eu vou me informar com o governador etc. Poh! Informaram lá pra diretoria da empresa da Caesa e aí pelo meu nome, como eles já me conheciam pelo meu nome, disseram que não. Porque a ICOMI me pagava muito bem e eles não tinham estrutura pra pagar o que eu ganhava na ICOMI. Isso é totalmente ideia errada, mas também não tem problema. Totalmente errado, porque digamos, que eles queriam pessoas que eles possam manipular. Né?

Eu, teve uma vez que eu tava de férias e fui pra Belém, eu tava em Belém aí eu tava, minha esposa disse, “em cinco dias a gente retorna né”. A casa vai ficar fechada, o vizinho vai ficar olhando pra gente arrumar, arrumar a casa. Quando eu cheguei, cinco dias o rapaz me viu chegando no trem e deu que tinha dado uma confusão aí na companhia. Nesse dia eu pensei que a companhia ia me mandar embora (risos). Embora porque eu peguei, porque o engenheiro foi em casa me buscar né. Aí eu disse “Não, mas engenheiro eu tô de férias” e ele, “Não, você vai trabalhar agora”. Aí a minha esposa ficou aborrecida, então não era pra gente ter vindo. Eu disse, “não, não tem problema” e fui. Chegando lá minha amiga! Tinha engenheiro elétrico, engenheiro mecânico, um médico, gerente encima do mecânicozinho que tava lá. Aí eu peguei e chamei o diretor do hospital que era o Dr. Paulo que é lá de Santana né e disse, “Dr. Paulo, o senhor tá fazendo o que aqui?”, “não é, eu tô aqui porque faltou água no hospital e tal”, “o Sr. Faz um favor pra mim? O senhor pode ir embora lá pro hospital? Eu tô pedindo pro senhor”. Aí fui chamando de um por um. Aí o nosso engenheiro perguntou “E5\_MO ICOMI por que você fez isso?”, aí eu disse, “Engenheiro, primeiro porque o mecanicozinho aí não tem (...), ele fica nervoso, ele vai ver todos esses engenheiro encima dele aí. É medico, é engenheiro, é gerente tudo e o serviço ele tá fazendo todo errado.” Aí foram todo mundo embora e com quinze minuto nós arrumamos, com quianze minutos, meia hora nós arrumamos, ligamos tudinho lá os ponteiros todos subiram. Aí eu fui lá e disse, “Senhor tá funcionando”, “tá tudo certo, tudo bem”, “Eu tô indo embora pra casa” e ele disse, “ não senhor! Você não vai mais embora pra casa, você vai continuar o serviço. Nós vamos pagar os seus dias de férias”. Aí eu fiquei, “isso vai dar rolo! Eles vão me mandar embora”. Eu mandei os engenheiro pra casa deles essas coisas todas. Serviu foi de brincadeira isso (risos). Onde tinha reuniões eles diziam, “olha vamos chamar o E5\_MO ICOMI pra mandar vocês embora” (risos). Aí o pessoal chamava, “Ae E5\_MO ICOMI ! Vamos fazer uma reunião”, eu digo “não, não faço nada moço”. A é tempo bom que a gente lembra das coisa!

Pesquisadores: É eu soube que tem uma festa aqui todo ano antes da pandemia tava acontecendo dos Serranos.

E5\_MO ICOMI: Era! Era o encontro dos serranos né. Todo ano tinha mas aí o MEC acabou, não teve mais como fazer. Aí a última ainda foi feita no, duas parecerem que foram feitas lá no CCH né!

Pesquisadora: Elas eram feitas no MEC?

E5\_MO ICOMI: É eram feita no MEC, acho que última foi no CCH aí depois foram mudando né, aí foi feita em Macapá, a última foi feita em Belém. Me parece ainda que teve uma em Minas Gerais.

Pesquisadora: Ah então eles se reúnem em vários lugares?

E5\_MO ICOMI: É em vários lugares!

Pesquisadora: Achei que era sempre aqui na Serra.

E5\_MO ICOMI: Não, não. É porque foi fechando né e a direção maior da ICOMI era mais mineira né! Tinha muito mineiro aqui, paulista, gaúcho tinha pouco, carioca. Eu acho que gaúcho que eu lembro mesmo era o seu Nadir finado, é tinha outros o Jorge que chamavam gaúcho pra ele, pouquinho gente gaúcha tinha aqui, agora mineiro! Era do pião à médico, professora. Pra parte de professora era quase tudo mineira, quase todinha, a direção da escola, todos os professores eram mineiro. Só tem a professora Celma que é daqui, tinha um pessoal do Nordeste também. Mas os professores da companhia mesmo eram mineiro.

Pesquisadora: Bacana! Eu acho que das coisas que eu tinha pra lhe perguntar é isso! Não sei se o senhor quer complementar com alguma coisa, falar sobre a cidade.

E5\_MO ICOMI: Não dá cidade não. Não tem nem como fala né, porque a cidade tá acabada.

Pesquisadora: Mas então o senhor saberia me apontar qual é a maior prioridade da cidade nesse momento? Se fosse ser feito algo?

E5\_MO ICOMI: O ponto seria o asfaltamento da cidade né, pra poder o pessoal virem mais pra cidade. Que **saia** essa área da turismo né, aí o pessoal não vem porque a cidade tá toda assim. Todos os conterrâneos nossos chegam aqui e querem ir embora. Porque não consegue ver a cidade do jeito que tá né! Sem asfalto, nem nada, não tem hospedaria adequada né. A única que tem é aquele hotel ali do Serra Norte e lá o Santa Bárbara né. Mas tá praticamente, o menino abandonou ali e deixou (...).

Pesquisadora: Ah a gente tá lá mas a gente chegou e só tinha uma porta lá aberta nos disseram qual era o nosso quarto e nós não vimos ninguém até agora lá.

E5\_MO ICOMI: É e já teve um tempo que era tudo lotado lá aqueles alojamento tudo bem feitinho, o rapaz fez até quadra de esporte lá. Tinha, mas tá tudo abandonado né. Aí quando vem algumas pessoas pra ficarem aí eles querem um horror, cobrando um horror de dinheiro pra uma hospedagemzinha de nada. Eu acho que ali no Gonçalo, ali no Serra Norte eles cobram mais barato e por isso pessoal ficam mais lá. Ele tem mais (palavra não compreendida) com as empresas aí também. E lá mais tava alugado pra empresa, mas aí quando ela fez o dela ela foi tirando o pessoal que tava lá. Aí teve umas briguinha aí com o pessoal, tiraram o pessoal ali e levaram lá pra Pedra Branca porque o prefeito deu mais apoio pra eles lá.

Pesquisadora:Entendi! Então acho que é isso então seu E5\_MO ICOMI eu vou finalizar aqui a nossa gravação.

<b>IDENTIFICAÇÃO:</b> E6_MO ICOMI		
<b>Data da entrevista:</b> 20/10/2021		<b>Duração:</b> 56min 04s
<b>Gênero:</b> M	<b>Idade:</b> 71 anos	<b>Naturalidade:</b> Maracás/ Bahia
<b>Atual morador de SN:</b> Sim		<b>Período:</b> 1976 até hoje (46 anos)
<b>Ex morador de SN:</b> Não		<b>Período:</b> —

Pesquisadores: Então eu queria agradecer primeiramente o Senhor por essa entrevista e assim, nesse primeiro momento eu queria que o Senhor me contasse um pouco do seu contexto de vida aqui em Serra do Navio. Quando foi que o Senhor chegou aqui, como foi?

E6\_MO ICOMI: Eu não sou do Amapá nasci em Maracá, vim pra Macapá com sete anos e aí de lá eu fui pra Santana com dezenove. Não voltei mais pra Macapá, trabalhei com o meu tio lá que era comerciante e ele foi convidado lá em setenta e seis mais ou menos, recebeu três cartas da ICOMI. Uma proposta pra vim, pra ficar com o prédio da loja pra comercializar aí. Mas tinha um acordo, era pra vender pelo preço de Santana e ele quando não quisesse mais avisava três meses antes pra poder a ICOMI conseguir outro comerciante pra vim ocupar o espaço. E se a ICOMI já achasse que ele tava incomodando, porque eles tem as suas regras aqui na ICOMI, “não podia isso, não podia aquilo”, ela também fazia a mesma coisa, dava três meses pra ele tirar o time. E eu fiquei na coluna do meio, eu tinha que dar (risos), ninguém pensou em mim e aí eu fui ficando. Eu vim pra tomar conta, porque pra mim ficar aqui mesmo, eu fiz uma prova lá na ICOMI pra mim, porque eu tava desempregado na época. Aí fiz um teste lá de português, matemática, ciências, eu tava me preparando pro vestibular e de acordo com a minha ficha que eu dei lá e aí fizeram fizeram uma prova bem graúda, inglês e tudo mais que tinha direito. Eu fiz e passei na prova. Nesse tempo o Beto que recebia a sessão do pessoal e passou pro, sei lá qual era o nome, o Mário Santos que era o chefe do escritório geral, central. Aí ele olhou e disse “Rapaz! Eu preciso aproveitar esse cara no departamento pessoal, mas hoje nós não temos vaga no departamento pessoal”. Aí veio, “única vaga que tem na ICOMI é em Serra do Navio no tratamento de água, você aceita?” Ah! Do jeito que eu tô trabalhando de ajudante de pedreiro o que tive, até pra varrer e assim eu vim. Fui e passei três dias lá na ESA fazendo teste, foi fácil só tinha regra de três simples e aquilo foi simples e eu passei e fui pra entrevista com o Rosa que nesse tempo era o chefe de vilas, aí na entrevista o Rosa disse; “Pode se considerar funcionário da empresa só tem, ainda precisa fazer exame de saúde. Se você passar no exame de saúde você vai ser contratado”. Legal! Quando eu vou saindo da sala dele vai entrando o meu tio que era dono do comercio lá e disse; “O que tu faz aqui?” Porque eu trabalhei pra ele durante cinco anos lá. Eu disse; “Eu vim ver se eu arranjo um trabalho aqui”. “Mas tá certo isso?”. Eu disse; “não, não eu vou fazer o exame de saúde”. Aí ele disse; “olha! Me mandaram três cartas pra eu tomar conta do salão de comercio aqui mas — ele falou que o cunhado dele seria o gerente do Giesp — “Se tu não passar no exame tu vai lá comigo”. Aí eu, já tava melhorando e lá eu fui fazer o exame de saúde e não passei porque não enxergo desse lado. Lá eu fui reprovado e voltei e disse; “Olha! Não passei lá na entrevista”. Aí ele; “Então tá! Vê o que tu acha que a gente pode vender aqui”. Aí eu fui separando já as mercadoria da parede e tal e tal e da prateleira eu fui colocando, passei uma semana fazendo isso lá. Aí vim no trem eu e mais uns funcionários que veio junto pra gente abrir aí e mais duas, que pediram emprego lá pra gente trabalhar junto aqui. Cheguei aqui no dia dezessete de novembro de setenta e seis era mais ou menos umas dez da manhã, porque o trem saia de lá as quatro, três da manhã, eu cheguei nesse. Eu tô fazendo agora, é eu já fiz quarenta e cinco anos aqui na Serra. E aí eu fui pensando que ia passar só seis meses, tô aqui até hoje. Aí o dono, passou um tempo e aí ficou difícil e tal e me vendeu aqui a mercadoria, porque o prédio. Aí teve um dia que o Valter me chamou. Eu morava aqui agregado. Quando eu era solteiro eu morava no alojamento ali atrás da câmara, onde é a câmara de vereadores e lá eu casei, passava três mês numa casa e passava pra outra porque não podia levar mulher pra o alojamento. Ninguém podia levar mulher pro alojamento porque ali era rua. O vigilante pegava a pessoa que levava mulher pro alojamento e era rua. Não tinha conversa. Então, eu tinha que obedecer muito mais que os funcionários né, porque eu tava representando, não eu, não podia da vexame pro patrão. Cumpria à risca ali e..., mas eu fui me entrosando com o pessoal aqui, aí quando o Moreira disse “Ó rapaz eu trabalho só a noite”, já até morreu chamavam ele de pedrada, “fica aí morando aí com a tua mulher”, aí eu fiquei ele trabalhava só a noite e de dia ele dormia e comia no restaurante. Aí um dia ele saiu da empresa, aí lá o chefe o Rosa me chamou e disse “olha! Você vai ter que desocupar a casa porque vai vir outro funcionário pra trabalhar no lugar dele e a casa é da empresa” e eu disse, me dá um tempo aí pra eu me organizar. Então aqui eu agitava o povo,

o PRA deve ter falado, eu tocava nas serestas eu animava o arraial aí da escola, não sei mais o que, eu tava em todas! Porque esse jeito descontraído de tá, às vezes até a pessoa até sabe se expressar mas ele tem vergonha e fica por aí, não é mesmo?

Pesquisadores: É verdade.

E6\_MO ICOMI: Aí eu não. Eu não tinha conversa, medo e tava lá. Jogava bola no meio do pessoal, tocava, levava o cavaquinho, organizava as serestas então ele disse, olha! A tá aí quando foi cinco dias antes do caminhão que eu tinha pedido pra ir pegar as minhas coisas que era pouca, aí tinha uma casa lá em Santana. Tava tudo certo pra gente ir embora. Só que eu comecei a comentar que eu ia embora, não que era pra ficarem com pena, tanto que eu já queria ir mesmo. Aí a mulherada dos, acho que até a tua mãe junto com não sei mais quem lá, a mulherada dos. Porque era animado quando eu ia lá pra cima. Aqui tocava nesse MEC aqui e juntava; “Ah é a banda do E6\_MO ICOMI”, casa cheia. A gente tocava bem? Não. É porque a gente um show igual assim dos mamonas, do tiririca, aquelas coisa que bota povo pra participar. Animava na hora assim tocando ruim mesmo, mas o povo gostava. E lá, aí o pessoal se juntou e eu não sabia. Aí quando eu fui lá com o Rosa eu disse; “Olha! Eu queria pedir o caminhão pra levar as minhas coisa”. Ele disse; “Olha são, podemos dizer que são (...) — pausa o entrevistado se emocionou nesse momento — “podemos dizer que são direitos adquiridos, pode ficar na casa”. O pessoal tava por trás sabe?

Pesquisadores: Fizeram toda a arrumação pro Senhor ficar.

E6\_MO ICOMI: Tudinho. E eu nem queria! E é por isso que eu tô aqui de castigo (risos).

Pesquisadores: Que bacana! Legal!

E6\_MO ICOMI: Isso foi a minha vinda e essa ficada até os dias de hoje. Eu tenho uma casa boa em Santana que mora, eu falei aquele pessoal que tá vindo pra cá.

Pesquisadores: Que legal! Eu queria saber também, eu queria que o senhor me contasse como era a experiência de morar aqui na cidade naquele período da ICOMI?

E6\_MO ICOMI: Olha! Pra quem gostava de ver as coisas certinha, em ordem, eu gostei muito! Tinha ordem. Era dez horas da noite e não tinha mais ninguém na rua, era proibido subir qualquer pessoa lá pro STAFF, não podia ir ninguém pra lá. Tinha vigilante lá, tinha vigilante por aqui. Ninguém roubava podia dormir com a porta aberta, deixar a bicicleta na frente e ninguém mexia. E se tinha uma festa no MEC..., aí o MEC não dá nem pra ver tá todo desmontado já viram? O lugar do MEC?

Pesquisadores: Ainda não. A gente chegou hoje.

E6\_MO ICOMI: Pois é. Tem lá só hoje onde era o cinema, tem um ginásio de esporte. Mas quando vocês saíram já tava funcionando o ginásio de esporte já jogou bola com o Almeida e todo aquele pessoal lá.

Pesquisadores: Sim.

E6\_MO ICOMI: Mas o MEC foi caindo, caindo e depois a prefeitura arranhou não sei mais o que, eu sei que desmontaram o resto e fizeram.

Pesquisadores: Não levantaram ainda.

E6\_MO ICOMI: Aí o Iphan chegou e foi a derrota geral! Ninguém pode mexer, ninguém pode fazer, ninguém pode isso, não pode aquilo. Aqui não evoluiu por causa do Iphan, porque o Iphan vem bota a regra dele e vai embora e o povo fica. Por isso que eu falei aquela vez, “o que vocês acham do Iphan?” É um atraso de vida por onde ele passa. Ouro preto é bonitinho pra eles, mas que mora lá não desenvolve nada. Tá caindo aos pedaços aquele troço lá. O pessoal que vive por aí, pode entrevistar eles pra ver o que eles dizem. Um atraso de vida mesmo!

Então era bom por isso, a gente fechava essa rua aqui no tempo de São João a gente tocava. PRA ainda vinha! Com todo o pessoal da rua, nós fazíamos coleta

Pesquisador: Eu lembro quando tinha a festinha de São João, colocavam aquele pau de sebo com um saco de dinheiro lá encima

E6\_MO ICOMI: E nós fazia quadrilha com as crianças, a gente botava um palco juntava o negócio aí e a gente ficava tocando bem no meio da rua lá. Aí nós fazia uma coleta, compra o negócio pra fazer um mingau de milho e um churrasco. Era tudo de graça, a gente fazia a coleta, comprava e nós ia come lá e beber, só era nós na rua. Aí vinha o pessoal “Ah eu quero entrar! Eu quero entra!”, eu digo olha tem que dá, “Não eu dô” e aí era uma festa.

A primeira campanha de prefeito que teve aqui nós ganhamos na raça, a gente se juntou porque o candidato que vinha era do lado дума, tinha aquela corrupção geral a gente sabia das notícias e nós, “vamos eleger esse aqui”, achando que ia presta (risos). É tudo farinha. E quando as mudanças foram acontecendo e passou pro governo, um tempo veio uma equipe de um jornal lá foram me entrevista lá na loja o que eu achava, porque o hospital funcionava bem e não tava funcionando direito. Porque no tempo da ICOMI, aqueles negócio de tempo da ICOMI. Eu disse; “Olha rapaz! As coisas funcionam quando o dono tá por perto”. Por exemplo, aqui funcionava hospital, escola, quando o dono tava vivo e a ICOMI funcionava. Acabou isso caiu na mão da prefeitura, por exemplo; “você são de Macapá né? Tão gravando?”, “Tô”, “Vocês são de Macapá, o hospital geral lá como é?” Ah mas sabe (...). “Não! Aqui tá ruim, lá tá pior eu sei” e era assim vinha gente fazer entrevista, porque no tempo da ICOMI não existe meu, tudo é no tempo a gente vai passando e no dia que o dono da casa morre muita coisa acaba. O meu patrão antigamente morreu ninguém deu conta de prosseguir. Acaba tudo, tu vê as história por aí os exemplos. Queriam que continuasse como no tempo da ICOMI, quem sustenta? A ICOMI sustentava porque ela ganhava muito dinheiro, vendia os minério. O pessoal não sabe vê, “A dá tristeza na Serra ver tudo quebrado” “Claro! Não tem quem conserte”, cada um por si aqui. “Ele tem que ajeita a minha ali” e o Iphan ainda disse; “você não tem o direito de dizer que é sua” — foi quando eu respondi a primeira entrevista do Iphan aqui em casa — Eu disse, “Olha eu tenho certeza, eu sou consciente de que essa casa não é minha porque eu não construí e nem comprei. Porque de quem eu poderia comprar não dá porque ele já morreu. Era só dele que eu poderia comprar” — do Augusto Antunes que era o dono foi ele que mandou fazer era dele.— e o Iphan chegou por aí dizendo que é dono. Não é. A gente sabe que não é!

Era organizado, os time de futebol — não tinha televisão aqui — quando tinha o jogo de futebol ia todo mundo pra lá. Torcida organizada, festa de carnaval. Eu tinha um outro caminhãozinho desse aqui, colocava desse balde térmico com uma torneirinha com cachaça, limão e não sei o que mais. Aí botava o motorista pra ir lá dirigindo e nós ia aqui atrás tocando e chovendo né e nós ficava aqui debaixo da cobertura tocando e a turma atrás, um trio elétrico (risos). Quem que ia perder um trio elétrico desse? Se eu vou embora, quem que ia animar isso aqui? E eu não fazia aquilo pra querer ficar é porque era bom de tá no meio, eu era livre eu não era funcionário da empresa (risos). (?). A gente animava nesse MEC, animava lá pro STAFF eu fui quebrando muitos paradigmas, eu fui quebrando muitas regras, levando de um jeito porque ficou ali um “não pode isso, não pode aquilo”. De repente chegava lá, era o tempo que as madames podiam vestir as suas roupas porque não tinha pra onde ir, iam vestir roupa bonita pra que? Pra ir no mercado? A gente se organizava, fazia uma festa lá e pronto todo mundo vestido bonitinho lá. Aí eu ia tocar, quando vinha uma banda de Macapá que o cara ficava lá tocava as musica bonita, tocava direitinho o pessoal lá bebendo whisky e apreciando aqui. Cadê a alegria? Aí quando eu chegava lá eu tocava mal, cantava mal, mas o povo participava. É porque tava tocando lá uma música lenta o pessoal dança ali tudo direitinho. Eu digo; “agora eu vou aprontar uma”, “Atenção senhoras e senhores os cavalheiros pra direita as mulheres pra esquerda” e o pessoal pensava que ia começar uma quadrilha aí eu “parara rara rará”, “é carnaval! Enganei vocês (risos). Quem que não gostava disso né?

Pesquisadores: Todo mundo gosta né?

E6\_MO ICOMI: Pois é! Era uma alegria. Tinha o pessoal que falava mal do pessoal do STAFF, que eram metido. Nada disso! Pessoas comuns boas que nem nós aqui. Faltava era alguém pra levar alegria pra lá. Todo mundo aqui, o pessoal da primária aqui, tava por aqui, tava reunido no meio da rua, “lá vem o E6\_MO ICOMI de novo!”. Aí o Rosa disse; “podemos dizer direitos adquiridos, você sempre colaborou com a comunidade, nunca deu problema, você pode ficar na casa o tempo que quiser. Só não podemos lhe dar um documento porque nós temos um contrato com o governo federal que depois de cinquenta anos de exploração de minério vamos entregar pro governo federal”. Aí ficou essa batata quente, foi pro governo federal e ele disse; “não quero”. O estadual, o estadual disse; “eu também não”. Veio pro municipais, “como o que que eu vou sustentar?” Em? Tem que ter uma estrutura né! Tem água, tem asfalto, tem não sei o que. Aí foi chegando os aventureiros, mexe, constrói, não dá certo vai embora e deixa a bronca. Mora numa casa um delegado a casa é da polícia, o policial vai embora e vende não sei pra quem (risos). É desse jeito! É casa vendida, vendida sem documento. É isso aí, me dá aí vinte mil, trinta mil e vai embora. Barato né?

Pesquisadores: É

E6\_MO ICOMI: Uma casa na cidade assim mais ou menos vale uns quinhentos né. Então teve tudo isso aí e tem até hoje. O sujeito não vai mais morar, os filhos foram estudar fora. Olha agora tô só eu com a minha neta aqui. A que entrou agora aí, ela dorme nesse quatinho e eu nesse. A mãe dela tá lá e ela aqui, o quatinho dela tá aqui. Quando vem o pessoal de Santana aqui tem um quarto lá que tem uma centralzinha, só o único. Eles é que usam um dia, dois. Mas eu mesmo sinto até frio nesse quatinho porque aqui o clima é bom. A noite pode ser verão quente, mas vai chegando aquele vento friozinho. E eu vou ficando aqui, eu tenho serviço na igreja, nas comunidades, aqui mesmo eu toco eu canto, eu faço oração.

Pesquisadores: Anima a comunidade!

E6\_MO ICOMI: É isso aí é a melhor parte e eu sempre no meio. E a ICOMI foi assim, as regras dela eram ruim pra quem gosta de bagunça, mas era muito boa pra quem gosta da ordem. Não era pressão, mas quem obedece tava numa boa mesmo. Nunca foi proibido de conversar no pátio, não podia tá circulando. Mas tem um aniversário, pode rolar o aniversário a hora que quiser. Até a meia noite, até a uma hora. Sei lá! Pode fazer a festa de vocês. Nós ia a muito aniversário, faz aniversário lá no Inter. Lá onde é a câmara de vereadores era a sede do Inter. Era um clube que não tinha time (risos).

Pesquisadores: (risos) Era só pra só pra juntar a galera.

E6\_MO ICOMI: Era Inter. Integrar eu acho! (risos)

Pesquisadores: E pensando do ponto de vista da arquitetura ou da cidade, o que o senhor acha que tinha de mais especial aqui? O senhor gostava de morar aqui?

E6\_MO ICOMI: Primeiro não foi opção, porque quando eu vim pra cá eu tava desempregado. Aí vai ficando, vai ficando e vai ficando. Igual aqueles colegas que se conheceram e depois acabam casando, não é! E eu fui, ficando, os filhos foram crescendo e foram saindo e aí eu vejo, vou pra Santana fazer o que? Começar do zero o que? Aqui já tá. Quando o time tá ganhando ninguém mexe né! Eu fui ficando aí e até hoje tá dando aí pra pagar as despesas. A lojinha que tá lá permanece a mesma, no mesmo lugar, do mesmo jeito permaneceu até hoje (...). Se vê as empresas aí (palavra não compreendida/ ruído de moto). Deposita na conta, não é muito mas são um tipo de cliente também. Tem os cliente aposentado não sei o que mais, mudou muito. Mas hoje que essa mineradora resolver sair vai diminuir muito o movimento, muitos aventureiro vão sair daqui e eu vou ficar, porque eu já vi coisa pior do que isso. Quando a ICOMI saiu e que fechou os garimpo, ixi, antes de começar o bolsa família, não tinha direito pra funcionar o comercio e eu não fugi. Tava eu e mais uns dois funcionário (palavra não compreendida/latidos). Ficou uma cidade fantasma mesmo, em uma casa assim como essa que tá aí abandonada o pessoal vai passava uma semana e iam embora porque

iam viver de que né? Tinha gente da colônia que gostaria de morar numa casa dessa, mas então, iam viver de que? Iam embora. Vinha gente de lá, eram vários os casos desse. E depois não foi tendo valor o que ainda é um desafio, será que tem valor mesmo mora aqui? Nós temos problema de água, principalmente de água. Poeira, o asfalto acabou, o pouco que tinha foi tirado e não asfaltaram. Quando cai na mão do governo já era.

Essa arquitetura daqui, tu pode encontrar lá em Santana lá no seu, esqueci o nome dele lá que ficou, esqueci o nome do instituto que foi criado lá quando a ICOMI deixou um junto com o seu...

Pesquisadores: Ortiz?

E6\_MO ICOMI: Ortiz é. Essa minha sobrinha quando veio a pesquisa aqui foi lá e pegou planta disso e daquilo, eles tem as plantas disso tudinho lá.

Pesquisadores: Ah sim, eu vou conversar com ele na semana que vem.

E6\_MO ICOMI: É já tá encaminhada porque é ele que sabe dessas coisas de arquitetura. A arquitetura daqui é muito boa. Esses prédio as parede são dura que parece ferro, pra furar com uma furadeira assim. É coisa boa. Fizeram uma casa pra sustentar as explosões de dinamite na época, porque eles explodiam dinamite nas minas e as minas eram tudo perto e tremia a casa, mas nunca tive problema nenhum. Porque foi feito já com essa intensão já né! Foi uma engenharia americana, o pessoal veio pra cá (?) o nome da empresa que veio pra cá, não foi do meu tempo porque eu nasci em cinquenta e um e nos anos cinquenta eles já tavam mexendo nisso aqui. Em sessenta não tinha ninguém que vendia muita coisa (risos), com nove anos eu não sabia muita coisa. E eu já peguei de setenta e seis pra cá, novembro de setenta e seis pra cá. Mas ainda vi a ICOMI, ainda tava explorando os minério, o manganês. Quando já estava nos finalmente do manganês, começou a tirar o carbonato lá na F12, uma mina que tinha lá do outro lado do rio lá que tinha uma ponte. Tinha a esteira rolante que vinha minério lá do outro lado do rio, foi o último contrato que fizeram com o Japão que comprou toda a produção de carbonato é. Como tá gravando não dá pra gente dizer qual era o esquema do Japão (risos). E por isso na época, que foi o primeiro mandato de prefeito aqui, a gente não soube, porque a única fonte de renda que tinha aqui ainda era desse royalty que vinha do carbonato. O manganês já tava parado praticamente, aí fizeram uma divisão, hoje já tinha o município que é dividido pro lado de lá é da Pedra Branca, aqui é Serra né! Mas ele é dividido por um igarapézinho do lado daqui onde o que tivesse pra lá é da pedra branca onde tá a mineradora (risos) e nós ficamos com o manganês que não tem e com a venda de coisa lá que não tem mais também. Aí o carbonato que fica do outro lado do rio, foi só um, nunca viu. As mineradora eram pra tá tudo aqui em Serra do Navio, mas ficou pra Pedra Branca.

Pesquisadores: E como é hoje a relação da cidade com essa nova mineradora que tem?

E6\_MO ICOMI: É boa! Eles cooperam, parece que tem uma cooperação de que trinta por cento do que eles mandam vem pra cá e muitos deles moram aqui. Só que não é mais como antes que a gente tinha contato com o gerente geral da mina e tudo mais. Eles vinham pra cá mas mudou. Esses caras quando chegam vão, pegam um avião e vão embora onde fizeram um campo de pouso porque tudo vai evoluindo e já não andam mais por aqui. Chega o final de semana quem vai pra Macapá vai pega o ônibus e não circulam por aqui. Alguns moram aqui, muitos operadores lá moram aqui. Gente até nascido e criado moram aqui.

Pesquisadores: Tem uma vila uma vila lá dentro né? Onde eles moram?

E6\_MO ICOMI: Tem. Tem o negócio lá. Eu entrei várias vezes lá, logo no começo das implantações eu sempre ia lá com o nosso caminhãozinho lá, levar material pra lá. A MMX também ia lá e levava. Eu ande muito por cima dessas minas e nesse caminhãozinho aqui e nessa bandeirante aqui também é minha.

Pesquisadores: E assim, entrando agora num assunto mais polêmico né (risos). Ah! Mais antes disso, tô vendo aqui que faltou. Tinha naquele período algo que o senhor considerava que não era legal? Alguma coisa negativa?

E6\_MO ICOMI: Pra mim eu fui quebrando as barreiras, mas pra muitas pessoas era ruim. Por exemplo, porque tinha as suas regras, quem viajava no 401? Era só o pessoal do STAFF, o pessoal só viajava no 401 porque era o melhor vagão. Aí tinha também um *caboose* que viajava bem atrás do comboio de mineiro, pra andar no *caboose* não eram todos que conseguiam, mas para alguns facilitavam. Aí lá tinha um negócio de um lanche, era diferente tinha lá um pãozinho com queijo. Era o transporte chique da época né! Era o *caboose*. Por que muitas vezes a empresa coloca as suas regras pra não bagunçar. Pra ver o mercado, o mercado eu ganhei um cartão pra comprar no mercado. Eu não tinha direito porque eu não era funcionário da empresa, então só quem podia comprar no mercado era funcionário da empresa porque era limitado. Por exemplo, tinha uma lata de leite ninho lá que custava lá no Rio de Janeiro — porque eles compravam de lá e vinha direto, pagando frete e tudo mais — mas se lá custava cinco reais, era vendido aqui no mercado por cinco reais, tanto aqui quanto na Vila Amazonas. Aí apareciam uns espertos e se uma lata custava cinco reais aqui, lá em Macapá custava uns dez ou mais né? Aí o cara comprava uma caixa e ia vender lá em Macapá por dez sem pagar imposto e na hora que o funcionário fosse comprar não tinha né!

Pesquisadores: E o senhor comprava a onde?

E6\_MO ICOMI: Aí o que acontecia era o seguinte, o funcionário da empresa ia lá e comprava uma lata lá, tinha limite. Podia comprar até duas por semana se tivesse criança pequena, lactante né! Aí podia comprar. Mas e o camarada, “eu queria cinco lata”. Hum hum (significa não), porque o parente dele lá de Macapá ou o amigo ali da colônia eram acostumado a pedir pra mim. Mas eu dizia “Ah não dá o meu cartão permite só até duas por semana”. Então tinha essas regras aí que muita gente achava ruim, mas era pra facilitar o funcionário né! Porque ele vendia a preço de custo lá, não botava nem os custos operacional com funcionários, impostos, frete. Se custava cinco no Rio era cinco aqui, mas era pros funcionário. Aí não podia, uma vez os garimpeiro foram e queria entrar na marra lá comprar aí foi. Eu comprei um terreno lá na colônia na beira do rio, botei uma cantinazinha pra vender pra garimpeiro e pra comprar ouro dos garimpeiro e vender mercadoria pra eles. Aí eu coloquei mais combustível, comprava combustível lá, um camarada vinha trazer pra mim no caminhão tanque. Eu arranjei um tanque lá no Tartarugal fui buscar o combustível lá e o garimpeiro ficou sendo é, é assistido né! Eu comprava ouro deles, vendia mercadoria pra eles. Aí o cara queria comprar o charque não sei o que e sempre tinha frango congelado ainda. O pessoal não vendia carne de gado, mas eu criava uma galinha eu botei uma área lá fechada e galinha lá, dessas fechada mesmo. Eu chegava lá e só jogava lá, tinha um senhor lá só pra cuidar das galinha. O cara as vezes queria, “eu quero levar dez galinha dessa” aí tinha um monte de galinha lá pendurada numa vara lá e levava pro garimpo. E assim foi, antes dos frangos congelados que nem em Macapá ainda não tinha. Pra mim comprar mercadoria pra vender lá eu mandava meu irmão em Belém comprar dos atacadista né! Macapá não tinha. O pessoal que vende de fardo, não tinha em Macapá.

Pesquisadores: Tinha que trazer de Belém?

E6\_MO ICOMI: É tinha. Colocava no barco, pagava o frete. Eu aluguei um espaço em Santana, uma casinha lá! A mercadoria vinha, eu botava e deixava lá aí eu pegava o meu caminhão, ia lá buscava e trazia (...). Transportava os garimpeiro do trem pra deixar lá no porto, levava os garimpeiro do porto até o ponto do limão que era lá na colônia, deixava na estação, parava aqui, comprava ouro deles lá. Fiz todo esse tramite.

Pesquisadores: E sobre esse período de transição entre ICOMI e prefeitura, teve algum impacto muito grande na vida do senhor?

E6\_MO ICOMI: Não, não teve foi suave a coisa. Foi bem feito porque o Fernando. O IRDA, o IRDA ficou aí e ainda teve muita gente que ia no IRDA e dizer, “Olha a minha pia tá vazando” E eles mandavam o pessoal, o encanador. Não tinha mais nada a ver, o cara nem trabalhou na ICOMI, mas aí o IRDA ficou levando devagarzinho. Não teve impacto assim não, ele foi ajudando a prefeitura, as pessoas, comprava. O IRDA comprava no comercio pra ajudar algumas situações assim. Foi parceira, a ICOMI foi parceira mesmo, não teve impacto, deixou bonitinho.

Pesquisadores: E hoje Senhor E6\_MO ICOMI, sobre a situação atual da Serra o que o senhor sente a respeito? O que o Senhor acha da situação da cidade, da infraestrutura, da arquitetura?

E6\_MO ICOMI: Olha, quando essa arquitetura aqui, a tendência é ela ir se desfazendo com o tempo, porque muita gente vai mexendo, mexendo. Porque vai chegando os novatos que nem sabe que um dia existiu uma ICOMI aqui. O cara vem lá do nordeste, vem lá não sei da onde, os aventureiro vão chegando. Não é assim que é na cidade grande? O cara quer vender um negócio ele bota na calçada do comerciante e fica ali na frente e depois ele não sai mais. A mesma coisa tá acontecendo aqui. O dia que vocês andarem ali por, tem a loja de frente pra aquele mercado, que era o antigo mercado da ICOMI, se lembra né?

Pesquisadores: Sim.

E6\_MO ICOMI: Em frente dele tá a loja onde eu tô até hoje, nos fundos dela assim, tem uma ruazinha que passa pra passar por traz do MEC tá cheio de comercio tudinho, tem até boate lá atrás uma boatezinha lá.

Pesquisadores: É tudo novo, assim novo que eu digo é que não tinha no tempo da ICOMI.

E6\_MO ICOMI: Não tinha nada disso. Então o pessoal pede licença na prefeitura e ela diz, “pode fazer”, esse é problema né.

Pesquisadores: A prefeitura da licença?

E6\_MO ICOMI: É! Dá licença e os cara fazem.

Pesquisadores: Mesmo com a questão do IPHAN?

E6\_MO ICOMI: Ah o IPHAN perdeu a autoridade.

Pesquisadores: Como é que foi essa questão, o senhor participava? Como é que foi essa questão do tombamento? O senhor lembra como é que aconteceu?

E6\_MO ICOMI: Aqui juntou, porque era o sonho do dono é que isso aqui ficasse preservado, tanto é que foi o Fernando Guimarães foi atrás, ele conseguiu a universidade, universidade não, a escola técnica lá do Pará, entendeu? Pra fazer um centro, uma escola técnica aqui. Aí só que, já tava tudo certo pra vim aqui os alojamentos iam servir pra professores, pra aluno, pra não sei o que mais. Não ia ficar abandonado, mas lá esbarrou na câmara do deputados estaduais de Macapá. “Não, mas isso tem que trazer pra cá pra Macapá” e acabou que não veio nem pra cá e nem pra lá. Como sempre deputado fazendo só coisa bonita! Aí só teve dois que defenderam porque são daqui, os Favacho e o Manuel Brasil na época defenderam, só dois! Contra não sei quantos lá, vinte e não sei o que. Aí foi isso, por isso que não deu. O Fernando Guimarães lutou, aí quis trazer o exército ainda tinha um negócio pro pessoal ficar um tempo, o pessoal do exército aqui mas não deu certo. Aí quis fazer uma faculdade aqui. A escola ia servir, os alojamentos iam servir, aí não deu, não deu. Aí teve uma enchente lá pras bandas do cachaço num inverno. Aí o prefeito da época que era o Farinha parece, esse pessoal vem pra cá pra usar os alojamentos tava desocupado mesmo. Aí não saíram mais, aí ficou uma favelazinha pra lá. Daqui um tempo vai, daqui a vinte anos não tem mais ninguém pra contar essas histórias né!

Pesquisadores: O pessoal vai ocupando os espaços e vão ficando!

E6\_MO ICOMI: Isso e vende pra um e vende pra outro, inventa um negócio pra cá, inventa um negócio pra lá!

Pesquisadores: O que o senhor sente em relação a essas mudanças, o senhor acha que foi pra pior ou pra (...)?

E6\_MO ICOMI: Foi pra pior! Pra pior porque pra limpar a caixa d'água aqui são seiscentos mil litros de água, se não me engano, mas era pra uma população...

Pesquisadores: Bem menor do que tem hoje.

E6\_MO ICOMI: É! Era porque sabiam o que tavam fazendo. Porque pra essa população a água, ninguém usava caixa d'água, aqui o cara que não tiver três caixa d'água aqui o cara fica sem água, porque cada um paga o que quer, cada um paga uma coisa. Assim as vezes é uma semana sem água. Agora mesmo que nós tamo indo ela ta chegando de manhã bem pouquinho das sete ao meio dia ela vem fraca e suja. É essa pedra eu cantei a muitos anos atrás, sabe o problema daqui vai ser a água. Quem vai administrar essa água aqui? Aí a CAESA que administra do jeito dela quem nem na cidade. Aí agora parece que terceirizaram parece agora que venderam não sei o que. Aí a vem a empresa e diz, "mas pra isso endireitar tem que fazer tubulação pela frente das casa nova, bota hidrômetro". Porque não é justo se eu uso água pra pagar cinquenta reais aí o camarada usa três vezes o meu tanto e não paga nada. Aí tá injusto esse negócio e aí vai ser caro pra acertar e eles quebram, o povo não tá obedecendo mais nada. Aí quebram lá, arrebentam, os hidrante tão tudo emendando com mangueira no tubo pra puxar água pra cá direto do hidrante, antes ninguém mexia nisso, só os bombeiro. Sucateado! Por falta de administração pública. Por que ficou pra prefeitura pra fazer isso, porque agora é do município. Então tá! Então administra se é do município. Não teve zelo aí com as que já tavam. Isso é complicado o camarada é prefeito por quatro anos ele sabe que quando acabar o mandato ele vai vir pra outra coisa. Porque zela? Se não vai ficar mais. Aí que entra a irresponsabilidade do poder público e tá contagiado esse, contaminou essa coisa de corrupção, no Brasil tá cheio dessas coisa. Infelizmente!

Pesquisadores: É o senhor tem razão!

E6\_MO ICOMI: É aí um lugar desses tão pequeno, todo mundo se conhece.

Pesquisadores: As ideias eram boas né! De fazer uma escola técnica!

E6\_MO ICOMI: Foi o (Guimarães) foi pra cima pra fazer tudo isso! Ele e outros também que ficaram aqui, que era pra não abandonar e nem pra gerar também essa bagunça.

Pesquisadores: E esse processo de tombamento que teve seu E6\_MO ICOMI?

E6\_MO ICOMI: Pois é! Foi uma ideia que teve aqui porque era o sonho do dono. Fazer pra que ficasse assim um monumento histórico e tudo mais. Aí foi uma equipe daqui em Brasília, foi duas professora a Celma a esposa do padeiro que (...) já sabe contar sobre isso. Parece que ela tava nessa comissão que foi em Brasília pra fazer o tombamento. Que desagradou todo mundo (risos). Aí foram lá uma equipe, parece que foi a Francimar na época era ela feita, eu sei que deu essa onda aí. (?).

Pesquisadores: Mas como foi esse processo? Eles vieram conversar com a comunidade? Houve algum diálogo com a comunidade?

E6\_MO ICOMI: Ah teve! Teve várias reuniões, teve várias reuniões. Poxa teve várias reuniões o pessoal nem queria mais ir pra reunião. Porque todo o tempo aquela lenga, legal, por que não sei o que, quem tiver a tanto tempo vai ganhar um documento da casa, quem já mora a não sei quantos anos. Olha eu tô aqui 45 anos de Serra. Devo ter nessa casa uns quarenta e dois talvez. Os três anos eu fui morar no alojamento, na casa de um, na casa de outro. Andava eu, a minha esposa e a (nome da filha) que entrou agora, era uma garotinha, um ventilador e uma sacola. Era só isso que a gente andava de uma lado para o outro. (risos). "Você fica na

minha casa, vou sair de férias!” E nós ficava lá. Lá na casa do Barbosa nós ficamos um ano lá. Quando eu saí de lá o vizinho dele: “Não fica na minha agora, vou sair de férias por seis meses”. Morei três meses naquela casa ali, atravesssei a rua seis meses. Morei numa outra casa ali que tem uma rampa lá, três meses de novo e eu fui vivendo assim. Não tinha casa aqui, não podia ter uma casa, não tinha direito. Eu tinha direito ao alojamento, mas não podia levar a mulher pra lá. Aí aos poucos eu fui comprando. Comprei uma casinha lá em Santana fui levando, fui ajeitando, aumenta e é a casa que eu tenho hoje lá.

Pesquisadores: E aí não funcionou então a

E6\_MO ICOMI: Não. Não funcionou porque olha, quanto a população é muito difícil as regras funcionarem. Tanto é que o bandido enfrenta a polícia com arma também e a polícia tem mais medo de bandido do que nós, né! Tu coloca as Leis aí o cara diz “não senhor! Não vou cumprir essa lei”. É desse jeito! Então o povo assim desobediente. Se o prefeito coloca uma regra uhum! Não obedece. As vezes a lei dele nem funciona também! É pra beneficiar a si próprio. Eu não vi ainda, aqui ainda não passou um prefeito que viesse com carinho com o município. Eles trabalham pela prefeitura e não pelos habitantes pra fazer funcionar bacana. Ainda não vi isso aqui. Eu nunca quis ser prefeito também! Toda vez que me chamaram, me indicaram era porque tava todo mundo de ficha suja né! (risos).

Pesquisadores: (Risos) O senhor já conhece todo mundo, tá aqui há tantos anos né!

E6\_MO ICOMI: Não todo os anos o pessoal é, assim uma, não tem ficha suja. Queremos dizer assim. Então eu vou em qualquer lugar, sou aceito em qualquer casa, do pobrezinho, do mais ou menos, do rico, não tem (risos). As pessoas vão me aceitando aí, simplesmente eu não vou com maldade, não vou falar mal de ninguém e eles ficam com o meu acesso a todas as pessoas. Quando vem esse negócio de campanha pra prefeito; “Não quer?” “Deus me livre! Como é que eu vou conversar contigo depois?” Já vem diferente né?

Pesquisadores: É diferente! Muda né?

E6\_MO ICOMI: Muda. As próprias pessoas já criam uma barreira. Quando vem me visitar é exigir que eu dê qualquer coisa, exigi que dê. Fez até campanha com eu, por exemplo né? Vamo lá, é prefeito “eu votei em ti” é mentira! Assim, tá entranhando a mentira no coração das pessoas, a corrupção. Quando pega no poder porque que essas leis da, do negócio aí da ideologia de gênero e não sei mais o que. É bullying. Não existe nada, agente era feliz, o cabra apelidava e se acertava no tapa lá pela rua, agora é bullying é não sei o que. Tudo essas ideologias que todo mundo sabe aí! E o pessoal se acostumou com isso. O bandido faz o assalto dele e ele é de menor e sabe que não pega nada e ainda saí rindo lá da delegacia e o povo tá assim se criou sem obedecer. “Eu vou construir aqui” aí abandona e vende pra outro e aí ficou a com a brinca lá. Por isso é que a cidade tá desse jeito. Não se passa, a gente podia passar de um quintal para o outro assim andando pelo lado da casa aqui, não tinha cerca, agora é cerca é muro é tudo. Não tem mais garagem, o camarada faz na garagem um kitnet. Olha alí! Um kitnet, um kitnet aqui, kitnet pra ali. Toda essa rua tem pra bem umas dez. Um lugar que era pra ser agradável, aliás ter um intervalo entre uma casa e outra.

Pesquisadores: E o Senhor assim, concorda com esse tombamento? O senhor concordou?

E6\_MO ICOMI: Não. Tanto é que nas reuniões do Iphan eles perguntaram o que é que a gente achava, com o ginásio cheio de gente lá, apresentaram como era Ouro Preto, como era Diamantina, como era não sei o que mais. “O que que vocês acham do Iphan?” Todo mundo calado e eu: “ É um atraso de vida”, porque só desenvolvia com ordem né! E qual o investimento que vem pra cá? Já pensou se chega uma mineradora aqui de manganês e diz “olha eu quero a Vila”. Nem eu posso dizer a casa é minha. (Frases não compreendidas). “Agora vai morar os meus funcionários” porque ela foi construída pra isso. Tudo ali o CCH que tá tudo tomado, cada um fez a sua baiuquinha ali do jeito que deu.

Pesquisadores: Sim. A gente passou ali na frente e viu.

E6\_MO ICOMI: Viu só! Coisa feia que tá! Caiu lá a piscina, tu nem olha aquilo lá!

Pesquisadores: Eu vi. Eu vi foi o (ex morador) e o (o filho) que vieram aqui uns meses atrás e mandaram umas fotos. O mato tomou conta!

E6\_MO ICOMI: Tu olha lá!

Pesquisadores: A gente vai dar uma volta lá.

E6\_MO ICOMI: Aquele subsolo lá do CCH alí.

Pesquisadores: A Sauna ali que tinha né! O boliche. Tinha um tal de boliche também!

E6\_MO ICOMI: É tinha. Era tudo muito bem organizado, quem construiu era uma empresa que sabia das coisas né!

Pesquisadores: Mas o senhor acha que Serra do Navio merecia ser um patrimônio nacional? Que existe motivo pra isso? Pra ser preservada independente de questões né, da forma como o Iphan chegou aqui enfim? O que que o senhor acha?

E6\_MO ICOMI: Pois é, pra quem morou aqui que sente saudade, mas não mora mais gostaria que fosse isso. Chegasse e vê o MEC interinho ali, o ginásio, a piscina do CCH, tudo bonitinho né! Várias vezes vieram o pessoal; “Puxa! Mas vocês deixaram acabar com tudo”; “Não fizeram nada”. Com o quê? Meu? Leva dinheiro. Reforma uma casa dessa aqui não é baratinho. Pra reformar o CCH alí, pra reformar a piscina, quem? Aí tinha que ser um prefeito muito sábio, muito sábio, pra ele sei lá, angariar o dinheiro através do governo federal e não sei mais quem, pra vir uma verba específica pra fazer uma reforma e tal. Com licitação com a empresa tal. Aí talvez! Porque quando o dinheiro chega shshs, cai na água mais da metade né! A gente vê nas próprias capitais por aí né. A notícia é todo dia, corrupção e tudo mais né! Quando é um dono o negócio é diferente. Mas o dono morreu e não veio, nem filho, nem neto, nem bisneto. É dele isso aqui é que ele podia ter deixado. Vai mexer numa daquelas casa lá de Santana, bah isso aqui, não por exemplo tá lá a vila e agora chegou o bisneto do Antunes ele veio pegar as coisas dele, ninguém vai dá né! (risos) Mesma coisa aqui da Serra.

Pesquisadores: Mas o senhor acha assim, numa situações hipotética de que houvesse de repente um incentivo, uma ajuda, o senhor acha que a comunidade, ou parte da comunidade e o senhor gostaria de participar de algum movimento pra manter e conservar?

E6\_MO ICOMI: O problema é o seguinte, pra que exista vida em um lugar desses tem que ter dinheiro, precisa de comércio e de pessoas que trabalhem em um ganho, em alguma coisa pra sustentar a vida ali. Se alguém compra e outro vende, o caro precisa comprar verdura, precisa compra frango, precisa compra não sei o que e vai embora. Então onde se tem pessoas precisa de comida, a China tá enfrentando isso e outros países também e a gente onde quer que seja vai precisar de comida. Pode ter o seu salário alto o risco que corre, nós estamos atravessando uma época em que o camarada vai andar com dinheiro no bolso e não vai ter o que comprar. Aqui não tem. Eu quero comprar um frango, não tem um frango. Não tem como criar mais. Não tem ração pra criar, planta mais não nasce, tem possibilidade assim. Esses filmes que a gente vê de ficção tá caminhando pra isso. É tudo destruído, olha não tem. Tem muito pouca caça por aqui, o pessoal caçava, as mineradora vão derrubando tudo. Qualquer pessoal como aqui derruba uma árvore. “Aí o Iphan, o Iphan não, aquele o IBAMA vai vir e não sei mais quem”. O cara tá pescando pra aí o IBAMA vai pra cima e não sei o que e prende e toma a canoa. Mas as devastações da mineradora aí tem que ter! Ah aí pode derruba direto, aqui é madeira boa, derruba tudo. Olha aquelas que nem ficou aqui, derruba a montanha pra retirar o minério aí tem que derruba né! Se não ele não sai de lá. Aí eles inventaram uma máquina aí pra puxar só o minério (risos) e aí vai acabando as matas, vai alagando os olhos d’aguam e vai eliminando um monte de coisa porque o que gera os olho d’água são as raízes profundas das árvores. A chuva cai e vai formando o primeiro lençol o segundo, sem isso não há vida, não tem água potável. Uma coisa atrás da outra e isso pra ficar tombado, pra morar só os aposentados por exemplo, que não vai precisar trabalhar

porque vai ficar só os aposentado. Aquela coisa de fantasia, é bonito é bom. “Ah! Aqui não tem bandido”, aí o assaltante vem roba por que é tudo aposentado, é tudo velho, não tem os jovens pra defender. Aqui os jovens não fica, eles querem estudar, eles querem ir mais longe! Olha a minha neta tá aqui, nas até quando? Pra voar não demorar, vai ter que estudar em outro canto. É a realidade, não podemos mudar isso aqui. Seria o bom o tombamento, mas tá, quem vai (...), cadê a segurança? Onde é uma agenciuzinha de banco pros aposentado lá? Ou então, pra passar cartão, vai fazer as compra aonde? Onde vai ter uma cidadezinha que o comercio vai funcionar? Pedra Branca? Porque aqui ia ficar tombado e não tinha esse negócio de ter um monte de baiuca por aí. Ia ter que lá, o ônibus levava todo dia trazia, é uma estrutura mais ou menos assim. Pra morar nessas casas sempre tem que ter, não ia ter festa, essas bagunça de bebedeira. Aqui pra pagar todo o final de semana um . Amanhecia sexta, amanhecia, sábado, amanhecia domingo. Tinha um negócio de uma festa que o camarada faz ali, ali na praça. Termina a festa as duas horas da manhã o cara colocava carro de som aí na praça e barulho. Aí não tinha mais quem dormisse e barulho alto, som de carro. Aí saia lá as garrafada, ficava aquele monte de vidro quebrado, os tiro e as facada, as briga. Aqui na frente passam e eu escuto tudo, uns noiado, uns caído por aí. Aí eu fui na polícia, fui pra ali, a policia foi deu uma batidazinha por aí. Aí de novo! Aí eu disse, “mas quem é que manda na polícia daqui?” Ah! É um major não sei de que, aí consegui o endereço do major e o telefone e liguei pra ele; “Major! Assim que a situação é aqui”, aí ele disse; “faça um de texto”, e eu disse; “pois não”, pra ficar gravado como documento lá. Aí eu fiz lá, passei pelo celular lá pra ele e ele disse; “nós vamos conseguir”. Conseguiu, acabou a bagunça. Mas aí o cara fica assim; “mas essa bagunça!”, e eu “mas rapaz, tu já fez alguma coisa? Já foi ao menos na polícia alí?”. Não. Falta iniciativa, a gente fica esperando, a gente acostudou como o negócio do controle, chega no sofá e né? Trocando a hora que eu quero, passa uma mensagem, “eu quero um lanche!”, o cara traz um lanche pra ficar sozinho e se acomodou. Tá ficando difícil pessoas que tomem iniciativa. Esse é um problema! Nós tamos caminhando pra isso. O que será dos meus bisneto, quando eu não tiver mais por aqui? Com daqui há uns vinte anos? Eles vão tomar a iniciativa, será? Mesma coisa o tombamento, poderia ficar assim, mas tinha que ter uma estrutura pra isso. Pra morar aqui só aposentado e funcionário público e sei lá o que, reduzir isso aqui tudinho. É proibido entra caminhão aqui, e ia ter um bucado de regra. Não pode entrar caminhão com carga, não pode entrar carro estranho, uma barreira lá e fica igual a Chernobyl (risos). Essas são as possibilidade, porque tem que viver, tem que comer, né? Aí se aproveitam aí e vem os aventureiro, abre o comerciozinho aí, monta, não deu certo e vai embora e fica aquela, e aí a praça tá cheia de umas baiuca velha lá! Não tiveram mais como vender as coisas, mas já tá construído. Tá lá, ninho de rato lá.

Pesquisadores: Abandonado!

E6\_MO ICOMI: É tá lá! Dá uma volta na praça pra ver. Poh! Aquele câmara apoiou o candidato pra prefeito e queria construir. “Ah constrói lá! ”. Aí o prefeito quando perde vem outro, aí o outro já, “não pude naquela época agora eu já posso, agora o meu ganhou eu vou fazer outro” e vai assim, em todos os lugares tem esse negócio. “Porque você não?”. Porque ele apoiou o cara e então ele faz vista grossa. (não compreendi a frase). Isso aqui era pra ser um distrito, não tem estrutura pra ser um município.

Pesquisadores: Eu queria saber ainda E6\_MO ICOMI, pois eu li algumas coisas sobre a regularização fundiária que estava acontecendo aqui. Como é que foi isso?

E6\_MO ICOMI: Reuniram e reuniram mas eu nunca recebi um papel. Eles iam entregar o documento da casa, pra mim nunca me deram. Deram pra alguns por aí.

Pesquisadores: E que documento era esse?

E6\_MO ICOMI: Era o título da casa.

Pesquisadores: Ah! Seria o título e o senhor seria então o proprietário da casa finalmente!

E6\_MO ICOMI: É mas ainda não deu em nada.

Pesquisadores: Ainda não. E por que que o senhor acha que tá acontecendo isso?

E6\_MO ICOMI: É a mesma doença minha filha. Aquele ali é meu amigo, aquele me apoiou, aquele não sei o que e simplesmente aqui no Brasil, quando passa pra o governo é assim. Por isso eu não sou nem contra, nem a favor de nenhum prefeito e nenhum vereador. Eu deixo a vida me levar e vou trabalhando, eu tenho responsabilidade com o meu trabalho aqui e com a minha família e com a minha comunidade eu faço e não quero gerar escândalo em lugar nenhum. Porque eu tenho essa mentalidade assim, desde de pequeno eu cuidei da minha casa, mesmo eu sendo criança eu trabalhei e ajudei a minha mãe, ajudei os meus irmãos, mas tem pessoas que não tem essa consciência de se esforçar pelo outro, por isso que dá essa, esse estrago aí.

Pesquisadores: É uma pena né!

E6\_MO ICOMI: É infelizmente. As opiniões, as decisões, as responsabilidades mudam de uma pessoa pra outra. Em uma mesma família cada um pensa do seu jeito. Aí você imagina, num lugar desses, imagina ser presidente assim num país como esse?

Pesquisadores: É difícil!

E6\_MO ICOMI: Não é. O prefeito num torrãozinho desse que todo mundo se conhece poh! O cara não tem vergonha de dizer que aprontou um negócio de superfaturamento. É coisa. Se encontra pelo campo, joga uma bola, se encontra pela rua e “Oi! Como é que vai?” E fazer uma, e fugir de um compromisso, “qual o compromisso seu prefeito e seu vereador?”, “o compromisso é esse.”. Então faça! É isso quando passa pra governo, depois que passa. Aqui era pra ser um distrito com um agente distrital. A gente tinha um posto de saúde aqui mas foi coisa do governo e tudo mais, assim. Não precisava de prefeito aqui e nem vereador. Tem muita cidadezinha por aí que não é município e tão vivendo muito bem! E a comunidade vai andando.

Pesquisadores: Mas então eu acho que é isso! De perguntas que eu tinha pra fazer, eu acho que é isso. Aí se o senhor quiser complementar em alguma coisa sobre tudo o que a gente conversou que o senhor ainda não falou. Fique à vontade!

E6\_MO ICOMI: (contudo que foge da temática da pesquisa).

<b>IDENTIFICAÇÃO: (E7_MO ICOMI)</b>		
<b>Data da entrevista:</b> 21/10/2021		<b>Duração:</b> 01h e 07min
<b>Gênero:</b> M	<b>Idade:</b> Mais de 75 anos	<b>Naturalidade:</b>
<b>Atual morador de SN:</b> Sim		<b>Período:</b> 1966 até hoje (56 anos)
<b>Ex morador de SN:</b> Não		<b>Período:</b> —

Pesquisadora: Eu queria assim num primeiro momento né! Que o senhor me contasse como é que foi a sua história de vinda pra cá, como é que foi esse contexto, a sua história com a Serra do Navio (...).

E7\_MO ICOMI: Olha pra mim chegar aqui foi o seguinte, em Vila Amazonas tinha um senhor chamado Acapu e ele tinha um caso lá com a minha tia né! E eles foram a Belém e lá em Belém eu trabalhava numa padariazinha lá e ele, ele ia ser o empreiteiro, vamos dizer assim, da padaria de Santana. Aí ele disse, “ Tu não querer ir pra Santana? Eu vou arrendar a padaria da Vila Amazonas.”. Aí era, eu tinha um começozinho de padaria né! Era jovem não tinha nem dezessete anos. Aí eu vim, ele me trouxe. Fiquei morando na Vila Amazonas porque eu tinha um tio que trabalhava na ICOMI e fiquei na padaria. Primeiro aí, o primeiro ano ele chegou num não sei o que foi que houve que não consegui, um ano não consegui. Aí eu fiquei numa lojinha, o cunhado do seu Bento Pascoal abriu uma lojinha no mercado de

Santana e eu fiquei lá pra não fica parado, fiquei lá, era um casal de Argentino. Aí eu fui pra padaria trabalhei lá uns quatro anos, aí fui pra Belém servi o exército fazer o serviço militar. Só que lá eles tinham um compromisso comigo, já era o senhor Joaldino da padaria porque o Acapu só quis um ano aí passou pro seu Joaldino. Aí fui a Belém servi e não servi aí eu voltei e fiquei na padaria, aí já vim com a minha carteira de reservista e tal e aí entrei na ICOMI. Aí entrei na ICOMI, aí vim pra Serra do Navio pra mina, pra mina. Aí lá eu adquiri esse meu nome que é (apelido do E7), porque se chamar (nome do E7) aqui a senhora ninguém reconhece, agora chamou (apelido do E7) todo mundo conhece. Aí eu sempre costumo dizer que o meu apelido é (nome do E7) e o meu nome é (apelido do E7) risosrs. Aí eu fiquei na mina e fiz carreira na mina, cheguei a operar todas as máquina da ICOMI, passei a instrutor, de instrutor fui encarregado e aí fui fazendo carreira lá. Aí no fim me deram essa casa aqui, quer dizer me deram não me deram, disseram, “olha! Vai morando aí bora ver o que que vai dar”. Aí graças a Deus, hoje eu posso dizer que eu sou o dono né da casa. Mas foi muito bom a minha estadia! Casei, ela é de Macapá. Vim pra cá, meus filhos adoram aqui não querem nem que eu fale em vender isso aqui. Não! Nem os meus netos também, o resto não quer. Eles vem aqui, de todo o ano eles vem aqui. Aí eu vou pra cozinha, aprendi a cozinhar, e eu vou levando a vida aí. E na ICOMI foi muito bom, a minha passagem na ICOMI foi uma maravilha né! Não posso dizer que não. A única coisa que ela, que eu tenho, tem coisas ruins né! Que não tem lugar bom, só bom, só bom né! Tem as coisas ruim e eu fui vencendo graças a Deus! A minha esposa foi funcionária da ICOMI também como professora e depois ela passou pra justiça e a gente tá aqui. Os filhos tão todos formados, tenho um filho que é jornalista (nome do filho de E7) não sei se a senhora já ouviu falar?

Pesquisadores: Já.

E7\_MO ICOMI: Tem a minha filha (nome da filha de E7) que é pedagoga, tenho a menor a caçula que é biomédica né, trabalha lá, mas esse negócio de emprego eles tão ainda batalhando aí. E a gente vai levando aí! De vez em quando vem gente aqui, aí a minha filha e a minha esposa que, ela botou museu mas eu não gosto que diga museu é algumas pequenas lembranças da ICOMI né! Por que a ICOMI tem muitas lembranças, (...) sabe é uma coisa incrível! aí eu, porque uma, uma empresa dessas que chegou aqui. Quando eu cheguei aqui no Amapá eu ainda vi os negros aqui do Amapá, filhos de escravos descendentes de escravos da fortaleza. Andavam de sandália, compravam pneu, pneu de carro, andavam eles cortavam e fazia aquelas sandálias e eles andavam aí os negros né! Eu cheguei aqui o aeroporto ainda era em frente ao hospital geral e muitas coisas né! Quando eu cheguei na Serra a comunicação era telegrafia, hoje em dia a internet tem tudo aqui. O meu passa tempo aqui é essas televisão a gente tem um aparelho e até quando Deus quiser!

Pesquisadora: Que ano o senhor chegou aqui?

E7\_MO ICOMI: Eu cheguei aqui na Serra em sessenta e seis, né! Lá na padaria foi sessenta e um lá. Eu cheguei aqui pra Serra em sessenta e seis eu resolvi, o pessoal “a tu vai casar? Não sei o que, já tá morando”. Aí fui pra ICOMI vim atrás de e consegui, vim em busca de aprender alguma coisa né. Aí pra DMA que era o meu chão era a manutenção né, era a mecânica. Mas aí eu peguei uma alergia das mão e aí me mandaram pra, aí eu fui pra mina mesmo. Quer dizer eu já cheguei pra mina, trabalhava de braçal mesmo, aí depois eu fiz um cursozinho que tinha aí por correspondência. Aí eu ia pra mecânica mas aí deu problema porque eu sou alérgico a graxa a, aí vou ficar na mina mesmo, aí fiquei e graças a Deus dei sorte me jogaram pras máquina. Aí eu fiz carreira e tô até hoje aqui.

Pesquisadora: (...), o que o senhor achava de morara aqui? Da questão da cidades, das casas, como que era pro senhor essa experiência de viver esse período e todas essas fases né! Que o senhor passou né?

E7\_MO ICOMI: Morar na Serra foi uma beleza né! Eu (...), não tive pai e mãe, não é? E aí eu fui morar lá pela casa dos outro aí pra chegar aqui ter meu quarto, depois ter minha casa, ter tudo. Eu tenho uma história porque eu gosto muito de creme cupuaçu né! E a minha esposa

não tinha geladeira, a minha esposa fazia e dava pra vizinha, a vizinha comia a metade (risosrs). Ficava morto de raiva de comerem o meu creme de cupuaçu, mas foi muito bom. Aqui eu só tenho a elogiar, poh a gente, ter um hospital na Vila de respeito né! Eu sinto falta é o respeito e a disciplina, o hospital era uma beleza vinte e quatro horas aí, a hora que amanhecia, eu trabalhava tranquilo, porque sabia que olha! Qualquer coisa é correr pro hospital aí, eu é em último caso é que me chamavam, mas graças a Deus nunca foi preciso. Tinha especialistas aqui pra opera garganta, ouvido, uma série de coisas então eu só tenho a elogiar né! Foi demais mesmo. Os bailes aqui eram muito bons né! O carnaval, a gente brincava as quatro noites e não se via uma confusão, era um negócio fora de sério né! E vai embora aí o tempo foi passando, aí me jogaram, morei vinte anos na primária, da primaria eu fui pra intermediária, fiquei lá um tempo. Aí até que me chamaram e disseram, “ Olha! Nós estamos mandando os técnicos e engenheiros né! Tu não queres morar lá encima?”. Aí pra mim escolher essa casa aqui foi uma coisa, primeiro me deram ali na rua perto do campo, tinha o campo de futebol né o Manelão. Aí eu digo, “não eu não quero morar aí eu trabalho a noite, com bolada aí eu não quero.” Aí me botaram ali pra D1 né, também não quis. Aí não, “qual é casa que tu quer afinal?”, “seu ? a casa que se vocês quiserem me dá eu quero aqui, nessa aqui”. Aí aqui morava um técnico da mina aí eles jogaram o técnico lá pra CC e me botaram aqui e graças a Deus, é a coisa que eu sempre que eu vou sentir mais falta é essa casa aqui. Porque eu me sinto, eu e a minha esposa. Não quero mudar daqui nem a pau, aqui ela diz que não tem perturbação de nada. Aqui é o passarinho que perturba a gente aí e tem as dificuldades também né! Que é cupim, cobra, cobra que a gente mata, uma série de coisa, tem que roçar isso aí é dinheiro e a gente faz o que pode né! Meu filhos vem e é uma alegria. Eu fiz esse pátio aqui botei tela tudo pra gente tá aqui né! Aí, ai a minha esposa e a minha filha, “não porque eu vou aproveitar fazer um museu aqui” e aí fez. O Doutor Ortiz ficou de me dá a calamasu né!

Pesquisador: Calamasu

E7\_MO ICOMI: ele disse, “Olha eu vou ver a possibilidade de te dar a calamasu e botar ali na frente da tua casa lá”.

Pesquisadora: O que calamasu, o que é?

E7\_MO ICOMI: É um trem especial, ele anda no vagão né. Deve ter foto aí, deve ter. Calamausu só vinha os visitantes, as pessoas ilustres é que vinham nele né! Um carro, tipo um trolerzinho mas era tipo um micro ônibus né! Tá lá em Santana abandonado né, aí o Doutor disse, vixe eu nem sei o que foi que houve que não deu. Eu já ouvi falar que eles vão aproveitar agora, que eles vão remodelar. Eu já via as fotos dos vagões, eles estão decorando, com pintura sabe? Os vagões vão sair todo pintado por dentro, vão aproveitar, mas isso eu acho que vai ser bom né! O pessoal sente muito falta

Pesquisadora: Eles vão reformar?

E7\_MO ICOMI: como?

Pesquisadora: Não entendi. Eles vão reformar os vagões?

E7\_MO ICOMI: É eles tão reformando os vagão porque vai voltar a estrada de ferro aí, vai voltar.

Pesquisadora: É? Não sabia!

E7\_MO ICOMI: É

Pesquisador: Não sabia que ia voltar a estrada de ferro também.

E7\_MO ICOMI: vão, vão mexer com a estrada de ferro porque nós temos um minério aí. A ICOMI vendeu a maior parte dos minério, era uma bitola de dois e meio, duas polegadas e meia, porque as siderúrgicas só queriam isso né! E algumas vez que eles vendiam o

miúdozinho, o miúdo. Sobrava né! E agora ficou as pilha aí e eles vão trabalhar encima dessas pilha. Porque a siderúrgica mudou elas querem, não querem mais saber do dois e meio, só querem saber do miúdo. Que tira no manganês tem impureza né! Sete tipo de impureza parece e eles tiram melhor no pó. Quanto mais pó melhor pra eles trabalharem né e aqui o minudo foi ficando. E eles vem tirar aí, a ICOMI foi tirando o mais fácil né, a ICOMI foi tirando o mais fácil que tinha e foi ficando. Todas essas minas tem minério, o manganês o teor é o mais alto do mundo ainda, calculado em quarenta e oito a cinquenta. Essa pedra aí deve ter aí uma facha de cinquenta e seis, cinquenta e sete o teor né! O Carajás tem manganês, não se se, qual é o teor lá, mas dizem que o teor o maior do mundo é aqui em Serra do Navio e ficou né! E ficou nessas minas ficaram tudinho, foram tirando só encima da veia mesmo e vão aproveitar e essa estrada de ferro vem, essa empresa diz que arrendou por vinte e nove anos ou mais e tão fazendo lá o porto. Tu soube do acidente que houve lá né? Tava muito preso aqui e aqui não tinha nada e aí isso aqui foi pra frente, muito fundo o rio. O rio Amazonas é muito fundo aí não aguentou o peso e correu pra frente né! Levou, infelizmente, porque o pó do manganês ele é tipo uma areia movediça né? Depois que a pessoa enterra lá, só se arrancarem ele e tirem mesmo. Porque aquilo chupa (...). Aqui houve um geólogo ou um engenheiro que ele, no verão ficou aquela praia né! E ele foi se enterrou e não conseguia sair aí o pessoal emendaram um bocado de máquina e trator pra tirar ele lá, buscar ele lá no meio, ele foi embora uma mina (palavra não compreendida). Tipo uma areia movediça o pessoal vai mexendo e vai chupando. Esses cadáver que tem lá, os colega que morreram, dificilmente eles tiram eles. Não tiraram até hoje né! Tem um caminhão aí que rodava uma bacia de rejeito, “vocês não vão tirara não”, tiraram o que puderam porque o caminhão caiu entende! Conseguiram tirar. Mas o resto ficou aí e num tira, porque chupa a o pó chupa. Aquilo, aquilo vai, não sei como é explicar e ficou aí. Falatório critica tem né, muito!

Pesquisadora: Interessante! Não sabia que ter, que iam reativar. Eu até disse pro Otávio, como eu queria ter conhecido o trem, porque eu acho que deveria ser muito legal fazer essa viagem né! De de lá pra cá.

E7\_MO ICOMI: A senhora procure saber porque ele vai voltar. Já bateram foto já, eu já vi! Os vagão tudo decorado, pegaram uns pintor e eles estão decorando os vagões, estão reformando os vagões e pintando.

Pesquisador: Bacana saber disso. Eu acho bacana que eles estão revitalizando né!

E7\_MO ICOMI: É tão. Todos! Máquinas não sei porque mexeram muito, roubaram muito.

Pesquisador: Ainda tem muita coisa lá na área da ICOMI ou não tem mais nada lá?

E7\_MO ICOMI: Eu não sei, atualmente eu não sei como tá lá, mas (...). Eu vi as fotos que um ex delegado aqui, veio aqui domingo passado, foi semana passada. Eles vieram aqui e ele me mostrou as fotos que tão revitalizando os vagões, não sei as locomotivas se vão reaproveitar. Tem muito ainda, a indiana né! Que trabalhou aí na Pedra Branca, foi a última que aproveitou. E é uma coisa que os agricultor reclama muito é a falta do trem sabe? O agricultor da bera da estrada ele reclamam muito porque na, na, no vagão é eles levam muitas coisas né! Quem tinha, além do vagão tinha aquela a, chamavam (...), carregavam carro, máquina, tudo (...). Não sei como é o nome, eu esqueci agora o nome.

Pesquisador: Plataforma?

E7\_MO ICOMI: Plataforma, né! Eles levam muito, chegavam as vezes em Santana, hoje em dia vai um pouquinho no ônibus, um pouquinho no pirata e não levam tudo. Se perde muita coisa! Eles plantam e tá se perdendo muita coisa. Muita gente tá abandonando né, a agricultura porque não dá pra levar pra Macapá. Eles vendem algumas coisas por aqui, ontem passou um carro aqui vendendo melancia né! Com rádio, né vendendo né! E assim a gente vai levando a vida. Tem aqui algumas lembranças né! Essa, essa bandeja aí, essa cadeira aí eu carrego ela desde, desde da primeira casa que eu peguei lá na primária. Tem a bandeja

do restaurante, a minha farda, capacete, capa e a gente vai é relembando algumas coisas dela né!

Pesquisadora: Interessante! E assim, o que o senhor acha que tinha de mais especial. Se o senhor pudesse enumerar alguma coisa daquele período?

E7\_MO ICOMI: Ó a primeira coisa que eu sinto mais falta é a disciplina né! Havia muito respeito aqui, todo mundo conhecia, “essa aí é a esposa do (...), é a filha do fulano é”. Todo mundo se conhecia né! E a disciplina é a que a gente sente mais falta, hoje em dia já se vê roubo na Vila. (palavra não compreendida) Pararam de dar festa porque não conseguiram mais porque era só briga, briga, é tem tráfico de drogas já no meio. Então é uma série de coisas aí. Tinha no início dessa mineração aí da Pedra Branca, veio muita gente pra cá. Acho que veio mais gente que na época da ICOMI e é era (palavra não compreendida), era facada, era coisa né, era horrível, ninguém respeita ninguém, uma coisa horrível. Eu sinto mais falta dessa disciplina né! E também dos bailes que tinham, da programação. O baile era bem respeitoso, todo mundo ia e bebia a sua cerveja mais se respeitavam. O hospital que era uma beleza, a gente, era tão bom que a gente tinha vontade quando dava a alta, a gente tinha vontade de ficar lá né! E tudo era bom! Tudo era bom e hoje a gente sente falta, mas é assim mesmo né! Acaba. Cinema que era bom.

Pesquisadora: É! E tinha alguma coisa que não era legal naquele período?

E7\_MO ICOMI: Aqui?

Pesquisadora: É alguma coisa que o senhor lembra?

E7\_MO ICOMI: Ah tinha era isso mesmo, era nós mesmo que criavam aí. Sabe como é o famoso sapato alto né! Empregado chegava aqui, galgava um pouco fazia carreira e começava a fazer essas coisas aí. Mas não era a empresa que tinha nada a ver, quando ela descobria ela mandava embora. Tinha várias falhas aí né! De nós empregado mesmo né e da gente trazer as coisas ruim, vamos dizer assim que tinha. Aqui era muito rigoroso, a ICOMI trazia sempre uma pessoa do exército pra cá tomar conta aí da Vila e as vezes eles exageravam na disciplina né! Mas o resto era bom né.

Pesquisadora: E com relação a cidades assim, com a experiência de viver na cidade. Tinha algo que não era legal, que o senhor lembre ou não?

E7\_MO ICOMI: Não. Não tinha não. Tudo ali era bom, você sabia a hora que abria o hospital, você sabia a hora que funcionava o mercado, você sabia a hora do cinema, tudo era organizadozinho sabe? A hora que o caminhão do lixo ia passar, tudo era bem organizado. Muito, muito organizado mesmo! Porque cada um queria fazer o melhor pra empresa porque, pra ser de engenheiro eles tinham. Depois a ICOMI resolveu a fazer um escritório onde ela colocava minérios, os compradores de minério por exemplo. O país que ela comprava ela botava escritório e geralmente eles aproveitavam esses engenheiro que passavam aqui né! Então todo mundo, isso era um incentivo já. Eu acho que era um incentivo, então todo mundo queria dar o máximo de si pra poder ganhar mais coisas. E como funcionário, operário mesmo, a gente também corria pra dar o melhor dele pra ele galgar na empresa. É eu costume dizer que funcionário, pessoas que não se deram bem foram aquelas que não quiseram seguir o regulamento da empresa né! Por que professora, a gente, o cara não podia namorar com uma professora porque ia pra rua. Não podia frequentar de noite aqui, nem no baile. Eles podiam ir lá, mas a gente não podia ir aqui né (risos) e uma série de coisa. Eu acho que por exemplo, eu costume dizer que um dos fatores que a ICOMI fez foi isso, da gente saber se comportar né! Porque todo mundo termina o serviço e quer beber né! E então, aí criaram o clube lá embaixo e o CCH aqui. Aí a chefia ficava aqui, pra não haver aquele atrito né! Por que realmente se misturasse, ah! Havia atrito né. E você chegar num lugar desse na Amazônia, que não tinha nenhum, que não tinha especialidade nenhuma né! Tudo era de fora, chegar aí e pegar as pessoas aí que, que era ruim trabalhar. Eram trabalhador mas tinham os seus defeitos né! Então, a gente foi tudo vencendo isso né, aqueles que costumam dizer que quem

quis seguir o regulamento. As pessoa que não se deram bem na ICOMI foi porque não aderiram ao regulamento dela né! Os funcionários queria fazer o que bem entendiam né! E... não permitiam isso. Era ruindade mas era isso. A gente ia na estação deixar a família que foi dispensada. Era muito triste isso, mas o resto era tudo bom! Escola boa, os filhos, a gente trabalhava tranquilo. Hospital bom, tudo era bom da melhor maneira possível. Médico eram tudo de fora, os professor eram tudo de fora. A minha esposa se formou em professora e foi uma das primeiras, ela e a esposa de outro amigo meu que faleceu, eram as duas que foram as primeiras professoras de Macapá que trabalharam na ICOMI né! A minha esposa trabalhou dezenove anos e a gente, era assim, coisas boas mesmo, qualidade. A Vila era tranquila a gente tinha corpo de bombeiro. Ah ela fazia o que ela podia pra gente, o trem nunca houve um acidente que chamasse a atenção, então ele tinha que controlar aquela velocidade, controlada mesmo né! Então tudo funcionava bem. Ao redor da vila todinha tinha eucalipto, se eu não me engano era eucalipto. Em cinco hora ele soltava uma castanha, arrebetava né! E soltava um tipo um gás que afugentava os mosquitos da malária e tinha, os hidrante que era também uma coisa muito boa. O corpo de bombeiro era de dia e de noite né! De noite eles se reunião lá na casa na. Então é uma coisa inesquecível mesmo né! A gente é uma coisa que a gente não consegue dizer o que era de tanta qualidade que tinha né.

Pesquisadora: Entendi! E quando a empresa saiu, a sua vida mudou muito? Como é que foi essa situação? E como é que foi pro senhor ver essa questão da mudança na cidade? De tudo como foi acontecendo até hoje?

E7\_MO ICOMI: Olha a primeira coisa foi uma tristeza muito grande né! Da gente vê tudo se acabando, as pessoas invadirem, de levarem tudo né! Saquearam as casa. Só não saquearam mais porque a polícia não deixava né! E dizer que foi muito triste acabar tudo de bom, acabar tudo, isso foi terrível né! Pra todos nós né! Tem os agricultor que reclamam do trem, nós aqui reclamamo das qualidades que tinha a Vila né! Foi muito triste, muito triste mesmo, vê se acabar tudo, o mato toma conta. Aqui tudo era limpinho, tudo era, até os bombeiros dias de domingo eles lavavam as calçadas. Eles pegavam os hidrantes e saiam lavando as calçadas tudinho e então tem muita coisa boa que deixaram né! Deixa assim de repente foi assim, muito triste né. A gente vê cortaram (palavra não compreendida) correia né. Se acabando tudo mesmo, saqueado mesmo, uma coisa horrível e os, os vendedores. Teve um vendedor que ele disse pra nós, pessoal lá no sul preferiram comprar o pessoal lá no sul preferiram comprar o material antigo do que o material novo, devido a qualidade né! Veio tudo dos Estados Unidos o britador, a estrada de ferro, então era uma qualidade incrível! Foi posto dinheiro aqui pra vender mas a recompensa foi muito grande. O lucro era muito bom, mas de cem por cento de lucro, porque a despesa dela era em cruzeiro e o a venda dela era em dólar e o dólar sempre foi valorizado ne! Então foi uma coisa assim que eu não sei se ainda vai ter ne! O Augusto Antunes teve uma sorte tremenda né, o projeto dele né! E aí ele tentou, tentaram, o pessoal da ICOMI tentou deixar na USP. Depois chamaram a USP não aceitou porque a despesa era muito grande e ela não tinha condições e uma série de coisa aí. Empresas que vieram aí e olharam e, “não, não vou ficar não”. Resultado! Passaram ao município, hoje em dia tá aí abandonado bem dizer né. Não tem recurso, não sei se é falta de recurso do governo é muita coisa né! E tá se acabando aí tudinho né, as ruas tão ficando tudo. Asfalto já não existe mais, uma coisa horrível.

Pesquisadora: E sobre essa, aquele período né em que começou esse movimento pra tomar o patrimônio de Serra do Navio. Como é que foi isso, o senhor tava por aqui? Como é que funcionou, como é foi esse processo de patrimonialização. Teve participação da comunidade?

E7\_MO ICOMI: Aqueles que tiveram coragem meteram a mão e levaram na marra né! Foi mais ou menos assim, tudo foi levado na marra daqui a ICOMI não deu nada. Ela entregou pro governo porque a obrigação dela era entregar pro governo. O maquinário e cada um se aproveitou da melhor maneira possível pra eles né! E não importa a destruição que eles causaram a Serra do Navio né! Se vê que o sete meia nove, os maquinário tudo foram embora e não se sabe pra onde. As máquina a maior parte foram também, sumiu. O que eles puderam

levar, levaram né! Quem teve coragem de fazer, porque tem gente que tem hoje cinco, quatro casas alugada. É aí a empresa vem com os funcionário e bota aí, faz kitnet, modificaram totalmente a Vila a estrutura da Vila o que se manteve melhor é aqui encima o STAFF né! O antigo STAFF. O que se manteve melhor é aqui, o resto foi levando lá na área industrial, o trem levaram. Em todo o canto eles levaram, quem tinha mais já quem tinha coragem levava né! Por que a ICOMI entregou né, tá aí!

Pesquisadora: E quando veio o IPHAN pra cá?

E7\_MO ICOMI: Olha o IPHAN é a coisa que as pessoas dizem, “Óh eu odeio é o IPHAN”, principalmente essas pessoas que tem quatro, cinco casas aí, tem comércio aqui, tem invadiram aqui. Tem ali perto do hospital tem um bambuzal, isso veio aí de fora, alguém trouxe de fora veio e plantou isso aí. Aí ICOMI plantou o bambuzal que era pra gente aproveitava bem no churrasco da Mina né! E outras coisas que fizeram. Ah ela botaram um pouquinho de cada coisa aqui, isso acabaram com tudo e o IPHAN tentou cortar isso. Eu não sei se houve erro da parte deles né! Não sei. Não se podia, chegou aqui e aí, todo mundo. Aí aprenderam assim, o que viesse pra cá, aquela turma que era de fora e que queria alguma coisa madeira, é aproveitar as coisas, os móveis, tudo! É essa,(...) vamos dizer assim, esse movimento aqui era contra tudo o que viesse pra cá. Aí o que mandavam pra cá eles derrubavam né! A gente foi ficando pra trás, não se podia mais falar nada, que a os o grupo que era contra a manutenção da Vila era maior do que os funcionário. Aí eles venceram e aconteceu isso, eles quebraram tudo, destruíram tudo.

Pesquisadora: Mas a Vila é tombada né! A Vila é tombada por Lei e é um patrimônio nacional.

E7\_MO ICOMI: É, isso! Mas o IPHAN não deu conta disso — como eu digo — tem um grupo que cercava isso e Deus o livre. Eu deixei de ir em reunião porque é num, num deixavam eu falar, nada. Era horrível!

Pesquisadora: Tinha muito conflito essas reuniões?

E7\_MO ICOMI: Como?

Pesquisadora: Tinha muito conflito nessas reuniões?

E7\_MO ICOMI: Não, não chegou a ter conflito porque nós que formos funcionário da ICOMI a gente ficava na nossa né! Não se metia lá, não ia comprar briga de ninguém né e eu acho que foi assim, regra geral né! E os próprios administradores da ICOMI com (palavra não compreendida) nesse grupo também tavam no meio. Aí não se podia fazer nada, o que a gente podia fazer era assim uma casa aqui, uma lembrança ali. Até você, ficava difícil de falar sobre a ICOMI aqui né! Pessoal aqui falam que eu quero aparecer demais, aí porque veio a equipe da Globo aqui, veio equipe não sei de que, veio a (palavra não compreendida) veio (...). Muita gente vem aqui sabe? E eu peguei aí, eu peguei aquela coisa a fama de, “ó vai lá com o (nome do E7), que o (nome do R7) sabe tudo”, “Vai lá com o (nome do E7)” e já e as pessoas que eram contra é a minha, as minhas coisas da ICOMI, teve gente que me perguntou na rádio. Fui dar uma entrevista na rádio e o telefone tocou, “olha tão querendo saber, um ouvinte da rádio tá querendo saber porque que vocês só falam bem da ICOMI?”. A ICOMI, a gente é as coisas ruins eram tão poucas que não valiam a pena né! Fala das coisas ruins né? Falava das coisas boas que eram maior do que as coisas ruins e várias coisas que foram fazendo aí. É só que quem gosta da ICOMI é os filhos de funcionário que promovem uma festa que é uma maravilha! O encontro dos Serranos que todo ano eles fazem lá em dezembro, tem dois anos que eles não fazem divido a doença a epidemia né! Mas eles são formados, os filhos de funcionário e promoveram esses encontros aí já tem internet e isso facilitou muito. É uma coisa espantosa, vem gente de fora só pra essa festa! Muito boa, muito bonita, se vocês tiverem a oportunidade vão! Porque é como se voltasse o tempo. Aquela organização, aquela, ninguém briga, não há nada! Há respeito, há tudo. Eu fui à várias festas dele lá e gostei muito.

Pesquisadora: Interessante! Então o senhor acha que o tombamento não tinha (...), o apoio da comunidade, ou da maior parte da comunidade?

E7\_MO ICOMI: É não tinha. Não tinha!

Pesquisadora: Eles conseguiram aprovar mesmo a comunidade não apoiando então?

E7\_MO ICOMI: Não apoiando. Eles estão aí, não sei se tão. Primeiro que eles chegaram aqui e começaram a falar, o pessoal começou a falar. “Ó o IPHAN não quer que troque a fechadura. O IPHAN não quer que troque lâmpada. O IPHAN não quer que faça isso, não quer que faça aquilo”. E eles não queria, eles queriam que deixassem fazer o que eles quisessem, esse grupo né! Faz aí o que achar que deve fazer. Aí é eles bateram, com essa, aí não foi pra frente o negócio. Não sei se ainda vai né! O IPHAN foi é odiado por esse grupo né! Ninguém apoia o IPHAN porque eles vieram assim. Acho que (...), não sei se eles veio, se a administração deles veio muito pesada né! Deviam ter vindo com mais calma, com mais inteligência, vamos dizer assim, aí talvez eles conseguissem. Mas não! Vieram e tavam na época que o pessoal queriam aproveitar, o pessoal de fora, queriam aproveitar o que a ICOMI deixou. Mas da maneira deles, que beneficiasse a eles né! Tem gente que tem a parabólica é que a ICOMI tinha lá na torre e aqui mudou o sistema, cada um faz a sua. Já não pode pegar isso ainda tá aí! Tem gente que tem essa antena aqui e a máquina do cinema, que não vai ter cinema. Tem gente que tem a máquina, eram duas né! Tem gente que tem máquina de cinema, acabaram com tudo. Como eu digo, cada um fez o que bem entendeu e não teve ninguém pra chegar lá e pegar. Ninguém queria confusão né! E eles tiveram coragem, mais do que a gente, pra tirar tudo. Depois que já chegou, agora, agora não tem, a justiça tá encima. Já se joga na justiça, já se ganha e tá, tá melhor um pouquinho. Mas no começo foi horrível! Saquearam mesmo! Foi tudo saqueado, arrebutaram, o pessoal aí tirava até telha das casas aí da CC, dali, daqui. Cada um fez o que a coragem mandou.

Pesquisadora: E porque, o que que o senhor acha que foi o motivo de ter acontecido assim, o que propiciou esse saqueamento todo?

E7\_MO ICOMI: Bom, costume dizer que a ICOMI foi perfeita! Ela foi perfeita! Mas ela pecou muito no fechamento da empresa, mas eu digo assim, o que eu sei, o que eu sei foi que o governo não quis a ICOMI, não quis receber. Eles queria receber tudo reformado, a ICOMI não achou, não chegaram a um acordo. “Não, reformar eu não vou reformar vou entregar do jeito que tá aí”, “Não, não quero!”. Não chegaram a um acordo, foi a primeira desavença, vamos dizer assim, que houve. O Mister Ralf finado né! Que carregou essa estrada de ferro nas costas porque não tinha ninguém que olhava por essa estrada de Ferro, só ele que tirava do bolso pra fazer. Aí ela rodava né! E foi, assim que todo mundo, foi saque de mais! Não tinha ninguém pra dizer, “Não, não faz”. Não sei se o governo podia fazer alguma coisa, se a ICOMI podia fazer melhor a saída dela. Não! Simplesmente fechou e disse, “Olha acabou! Não quero mais”. Aí ficou aí a Deus dará né! Eu acho que foi isso que aconteceu, ficou a Deus dará. E também a perda do Doutor Antunes né! A gente sem dúvida alguma, ele era uma pessoa que gostava muito da Serra do Navio e ele, eu acho que a não presença dele, ninguém ligou, os filho dele, os neto dele, também não tavam nem aí pra. “Já fiz, já tirei. Agora vocês aí que se virem”. Bom quando eu fechei aí eu, “Tu vais te embora (nome do E7)”, “Não. Eu vou ficar aqui, a minha esposa é funcionária pública da justiça e ela não vai. Se eu consegui uma transferência eu posso ir, mas eu acho difícil. E mesmo, nós não tamo preparado pra morar em Santana”. Aí eles disseram, “Boa a casa tu fica com ela aí e seja o que Deus quiser”. Tá aí foi que eu fiquei nessa casa aqui, veio e ainda tão vindo. Diz que depois vão negociar, eles querem vender essas casas pra nós! Tô achando difícil porque, na realidade nós conservamos essas casas. Se não fosse nós, essas casas tavam tudo acabada aí! Por que vem gente pra cá morar aqui que não tem a mínima estrutura de morar aqui, porque tem as despesas né! Vai morar na primária, não tem! O o... um prefeito daqui que já faleceu já, eu tive a oportunidade de conversar eu digo, “Olha, eu peço desculpa pra ti porque eu andei falando mal de ti” e ele disse, “Não, eu fiz aquilo não foi pra não saquearem. Aí eu botei quem eu podia, eu não podia botar engenheiro na Vila porque não tinha engenheiro. Aí eu botei as

peças humildes, aqui que não puderam pagar IPVA, os impostos, a luz”. Eu, eu pagava besteira de luz, hoje eu pago quase quinhentos reais de luz. Ali a menina paga mil e pouco reais de luz, a menina da pousada Cupuaçu, ela não sabe da onde ela tira dinheiro pra pagar essa luz. Tá tudo caro! Então houve uma mudança né, muito grande. As despesas aumentaram, a internet, uma série de coisas, umas coisas melhoraram outras pioraram e assim vai né!

Pesquisadora: O que o senhor acha que melhorou?

E7\_MO ICOMI: Bom melhorou porque chegou a internet aqui. Hoje em dia você tem a sua televisão, você tem uma vida social melhor. E o que piorou? Não se tem tem lazer, não se tem um canto pra ir, nada! Tentaram, o Júnior Favacho tentou ali fazer né, fazer não em benefício da empresa né, ele fez pra ganhar dinheiro né, a Pousada dele pra ganhar o centavo dele. Invadiu lá fez tudo lá, fez na marra, não teve autorização de ninguém e aí a gente fica aí. O trem parou, o nosso transporte, por incrível que pareça o transporte tá melhor porque tem ônibus toda hora né. Não, toda hora não, mas de manhã, de tarde, tem os piratas. Isso aí melhorou em parte né! Porque só era a estrada de ferro que funcionava. Algumas coisas né! nós tivemos uma liberdade, como eu digo, de fazer o que quer. O pessoal vem de fora e faz o que quer, não tem nada que impeça. A única coisa que é a violência que a polícia militar, a polícia civil, ainda vai lá na hora e resolve né! Mas já ocorre droga aí, ocorre tudo. A gente não pode porque, olha a minha esposa tá pra lá, e eu tô aqui porque? Por causa da casa, pra não saquearem se não vão saquear a casa. Antigamente, logo no início eles entravam na casa e ficavam na casa. A casa tava desocupada e eles ficavam, o Doutor Ortiz teve que vir aqui na Serra porque invadiram a casa dele, uma vereadora invadiu a casa dele. Ele veio aqui jogou na justiça e conseguiu tirar a casa dele, aí vendeu! Vendeu, o rapaz é segurança do correio, o que que esse rapaz tem que vai aguentar as despesas da casa? Não vai! E assim vai, não sei como é que vai ficar mas é sempre aquela história, os negócios tá na frente de tudo. Não é amor, ninguém tem amor por Serra do Navio né! Se tiver uns três aí que tem amor por Serra do Navio aí é muito. A gente já vê filho de funcionário, de ex funcionário que vem aqui olha e faz alguma coisa por nós, quando a gente vai lá. O Favacho que é filho de funcionário, o pai dele foi funcionário da empresa, já o Júnior Favacho que é filho do Favacho e aí vai, que essas pessoas que é mais assim, se tiver alguma coisa a favor deles. Não faz assim, faz é o Júnior Favacho, o Favacho faz as coisas porque, pra... por causa dos votos. Aqui veio, o meu filho mandou um candidato a deputado federal e disse, “papai recebe esse homem aí bem. Ele é deputado tem uma promessa que vai me arrumar um emprego na assembleia”. Tá! eu cheguei aqui, recebi ele muito bem, fiz o que pude. Ele foi embora empregou, realmente ele cumpriu com a palavra, ele empregou. Mas chegou na hora do salário eles foram rebaixando, rebaixando, “Ah porque nós gastamos muito na campanha”. Resultado, ele teve que sair, “Ah eu vou sair porque eu não aguento” meu salário tá uma insignificância e assim vai acontecendo aí também. O doutor Brasil também é uma pessoa que a gente falava muito dele, no fim ele não fez nada só quis se beneficiar, eu não sei. Uma série de decepção que a gente teve aqui e que era pra ser aproveitada. Eu dei vinte e nove sugestões pra aproveitamento, tivemos uma reunião ainda quando o MEC tava funcionando, e eu fui um dos que deu mais sugestão pra aproveitamento né! Da ICOMI, mas não fizeram nenhum! Aí vem sempre, como eu digo, fazendo mas olhando lá na frente que beneficiem pra pessoa né! Poucos que (...)

Pesquisadora: Entendi. O que que o senhor, o senhor poderia me dizer uma dessas coisas que o senhor sugeriu?

E7\_MO ICOMI: ãh?

Pesquisadora: O senhor poderia me citar algumas dessas sugestões que o senhor deu?

E7\_MO ICOMI: Deixa ver se eu me lembro! (risos) Olha, uma foi o aproveitamento, vamos supor aqui no STAFF, eu dei sugestão do CCH que aproveitasse pra fazer cursos né! Profissionalizante, porque vamos dizer, tem uma dificuldade enorme de pessoas fala francês,

que é quem vem nos visitar né! E aproveitar lá, aqui é aproveitava, aqui corre um (...), um rio que vem da mina, aproveitava fazia uma represa, uma área de lazer porque lá tem o rio, mas o rio no inverno não tem condições de ir pra lá porque a correnteza é muito grande. E aproveitava aqui né, entre o campo de futebol e lá, Fazia aí um balneário né! Teve mais o que? Várias coisa que eu dei aí, só eu vendo, pegando assim aí, aí eu vendo assim de cabeça assim aí tá velho já computador não grava mais nada e já vai. Isso aqui já foi, aí papai eu vou fazer pro senhor e tal pra tá sempre aí ativando as suas ideias, eu tô sempre ativando aí as ideia. Já tão jogando lixo lá na encima da da mina é um absurdo isso! Mas a gente não pode falar nada. O prefeito achou de colocar lá. O incinerador que a ICOMI deixou, deixou o incinerador que queimava, deixaram destruir tudo né! Aí o ela deixou uma lixeira pros ferro e outra lixeira só pros lixo. Não se aproveitaram nenhum se jogam encima da mina, tá lá e tem muita coisa aí que a gente aproveita né! Outras coisas a gente vê que acabaram porque ó quando eu cheguei aqui, quando cheguei aqui nessa casa tinha cajueiro, tinha mangueira, três mangueiras eu mandei derruba porque eu chamei o da RURAP e o rapaz disse, “olha, isso aí que te aconselho a derruba, porque ela tá fraca”. O trem, agora eu lembrei, o trem eu tive uma lembrança eu dei uma sugestão, a o trem dia de sábado, final de semana dele corre a linha aí com vagão, luz, passar os filmes da ICOMI, alguém falar pra vir visitar baratinho né! Vir visitar a mina e uma série de coisas né! Parece-me que foram vinte nove sugestões que eu dei, eu tenho aí anotado se quiser vir aí com mais tempo aí eu lhe digo. É muitas coisas, dá pra aproveitar muitas coisas né! E hoje não se aproveita nada, o que a gente vê é (palavra não compreendida) na estrada por causa da poeira porque não respeitam né! Os carro passa aí com (frase não compreendia). É horrível! Aí a gente aí até onde vai isso.

Pesquisadora: E o senhor então, era sempre a favor da conservação aqui do

E7\_MO ICOMI: Oi?

Pesquisadora: O senhor sempre foi a favor da conservação aqui do patrimônio?

E7\_MO ICOMI: A sem dúvida! Sempre, sempre, eu defendo a organização não é. Mas eu cheguei, eu cheguei a um ponto de eu largar de mão né! Agora não interessa mais, criei esse museu, dou a minha entrevista aí e tudo tá bom. Por que me meter nessa briga aí eu não vou me meter!

Pesquisadora: Entendo. Tá certo! Assim das perguntas que eu tinha pra lhe fazer né, até acabei fazendo bem mais porque foi tão interessante né! mas se o senhor tiver alguma coisa a acrescentar agora no final e quiser colocar alguma (...).

E7\_MO ICOMI: Não o que eu posso dizer é que sinto falta do hospital. O hospital não tem remédio, não tem nada. Agora tá melhorando um pouco, diz que melhorou! A gente nem vai mais no hospital. Eles pegaram e aproveitaram o pessoal aqui da região, mas eles mudaram a cabeça depois de formado. Tem um curso lá de enfermagem e tudo, mas deixa a desejar. É a disciplina, horrível! Cara eu comprei uma lâmpada desse tamanho assim pra ali o cara veio aí e tirou. Levou, o outro já comprou, compra de roubo e uma serie de coisa que eu queria ver se eu via melhor isso. Essas ruas melhores né! Mas eles tem um, tem uma coisa que eles diz, “se a rua melhora começa a matar gente aí”, os carros começam a corre feito doído aí. É uma coisa, quando a gente quer uma coisa, mas tem um outro que joga uma (palavras não compreendidas). Eu tive na rádio eu tive em outros que teve aqui, nós fizemos o possível pra melhorar mais hoje em dia a gente já encontra barreira. Os funcionários da ICOMI começam a falar, o próprio prefeito agora ele não aceita nada que se fale né! A favor do que era da ICOMI né. Chegam eles diz, eles dizem o prefeito costuma dizer nas reuniões que acabou a ICOMI acabou poh! Não fala mais em ICOMI, agora é o município de Serra do Navio. Então tem essa disparidade né! Que era a ICOMI e o que é a Serra, acabou tudo! Não querem que fale isso assim da ICOMI. O que ficou da ICOMI? Ficou que você vai por aí bater papo né e as pessoas que não tem nada a ver diz que a ICOMI arrancou muito ouro daqui. O ouro tá lá a dezoito Km daqui, diz que ia no meio do manganês. Teve uma ocasião que a gente teve num bar ali de um coronel, sempre se reúnem e lá e tinha dois funcionário, ex funcionário do

britador a usina de beneficiamento. E esses cara disseram, “não tinha mais que cobrar da ICOMI a indenização” — fizeram aí o Manolo e um grupo aí fez de querer cobrar indenização, que eles jogou veneno aí na estrada de ferro que foi usado no Vietnã e aí — “não, porque tem mais é que pagar porque ela levou muito ouro daqui”. Aí eu não aguentei e disse “Olha”, para esse rapaz aí, “quantos anos tu trabalhou no britador?”. Ele disse, “vinte ano e você?”. Eu disse, “Vinte e cinco.”. “Tu viu isso aí no mato? A máquina que tinha lá pra catar o ouro, aí quando era de madrugada o engenheiro ia lá e tirava esse ouro”. Aí eu disse, “Eu nunca vi. Eu vi uma máquina realmente que ele tá falando, mas isso aí era pra gente ver quando caia o dente de uma escavadeira”, que trancava o secundário né. O britador que britava o que não foi quebrado, aquele quebrava e então, isso caia lá — o dente da escavadeira, o dente da marion da — caia lá dentro trancava o britador. Isso aí eles iam pro maçarico cortar Shhh, shhh, shhh, era três quatro dia pra cortar um inferno desses. Aí eles colocaram esse aparelho lá que era pra acusar quando caia lá no britador um, esse ferro, aí a máquina disparava. Eles diziam que era ouro. Ah uma série de coisa aí, o pessoal tem a mente, não sei se eles tem razão ou não, se eles tão falando a verdade. Se eu tô mentindo, mas quem fala bem da ICOMI é puxa saco! Quem cumpri o regulamento da ICOMI é puxa saco. Eles não olham se a gente trabalha porque, um funcionário ele tem a consciência de que não é fácil um emprego desse aqui não. Era um emprego que a gente tinha que cativar porque, poxa! Você chegar e ter uma casa de alvenaria, luz eu nunca soube o que foi pagar luz, água eu nunca soube o que foi pagar! Médico vinte quatro horas, então você tinha que zelar por esse emprego né! Eu acho que agi certo, então eu era tido como puxa saco da ICOMI, né! Aí vai, tanta coisa que, eu fui, eu tive a oportunidade de trabalhar nessa, na formação dessa empresa aí de ouro, eu fui chamado. Fui lá trabalhei então eu encontrei um, pra mim ficou difícil, eu encontrei um ambiente de trabalho, eu era o técnico e tinha uma cabeça, os engenheiro tinham uma cabeça e eu já com tantos anos de encarregado de isso daquilo, adquirir maturidade né! Então eu batia com eles é nessa parte assim, aí eu tive várias discussões sobre isso, aí eu resolvi parar. “Não, não vou mais”. A última discussão que eu tive eu me senti muito mal, fiquei com falta de ar, não quis falar nada pra minha família, fiquei aguentando ali, aguentando mas aí eu, “não, não quero mais trabalhar!”. Pra vim aí eu encontro outro, não sei como posso lhe dizer, é... eu encontro outro meio né! De trabalhar. Os cara pensam que é ser humano, eu trabalhava olhando o ser humano e a produção né e eles não! Só olham a produção e aí. Aí eu saia e “não concordo com ele”, aí virou uma coisa horrível! Tinha cara que veio aqui depois que eu me empreguei na empresa — eu já tinha isso<sup>51</sup> — eles vieram aqui, “tu tem que mandar tirar isso rapaz! Isso aí é da ICOMI, é passado. Tira isso aí essas, bota da empresa que tu trabalha não é da ICOMI que já se foi”. Eu “Não rapaz, mas eu tenho uma gratidão pela ICOMI, eu aprendi (...)”; “Não, não, isso aí tem que mandar tirar isso tudinho aí”. É assim a cabeça deles né! Não dão valor mais né, mas a gente (...) é horrível!

Pesquisadora: E uma coisa que eu me lembrei agora, eu não perguntei é sobre essa questão da regularização fundiária que

E7\_MO ICOMI: Que dê o que?

Pesquisadora: A regularização fundiária que tava acontecendo pras pessoas terem o título das casas, o senhor participou?

E7\_MO ICOMI: Eu não sei como é que tá isso. Segundo o prefeito eles vão voltar a mexer com esse negócio das casas lá quando terminar esse negócio da epidemia, aí do COVID 19 né! Aí vai voltar. Porque a equipe que vem negociar né, fazer, dividir é de Belém da faculdade de Belém. Eles vem aqui fazer, eles já têm, mas eu não sei como é que está isso. Aí só quem pode responder é o prefeito mesmo.

Pesquisadora: Alguém conseguiu já alguma coisa ou não ainda?

---

<sup>51</sup> O entrevistado E7 se refere a pintura com o símbolo da ICOMI pintado na sua parede.

E7\_MO ICOMI: Olha já tem alguém, assim em termos de que eles deram o documento da casa né, dono da casa. Aqui eles não deram ainda, pra alguns eles já deram, pra outros eles ainda tá em negociação ainda. Como eu digo, tem gente lá embaixo que em três, quatro, cinco casa né! Alugada e eles querem que não mexam com eles. Porque essa é o fator renda pra eles, eles tem isso aí e é igual em Santana né! Em Santana invadiram lá a área lá todinha né. Se a aquela, se a gente tivesse tido a ideia “olha vai fechar, a ICOMI vai fechar as portas”, vamos chamar os empregados que vem pra cá e dar as casas. Aí tá, aí tá só rolo que chama né? Rolo, rolo, de todo o jeito. Aqui em cima não! Aqui até que não tem. A empresa lá tem umas casas na CC tem umas casas aqui e aí vai. Essa menina aí, a Célia, adquiriu essa pousada e aí vai. Aí é como eu digo, faz as coisas em benefício próprio e não por amor a Serra. A gente vai ver o que eu é que vai ficar né! A gente espera que venha coisas boas. O prefeito é a favor de que a gente não compre essas casas, né! A casa que a gente já tomou conta, que eram saqueada. A gente toma conta tá com limpeza. Opa desculpa! A gente já tem problema de fossa, a gente já tem problema de água, água é enferrujada. As coisas segundo os encanadores não tem mais a parte de baixo do cano, só a de cima, aí quando ela vem vem com barro, vem com tudo. É... nós temos um bocado de dificuldade né, aí pra se arrumar, então é preciso que. O tratamento da água lá hoje em dia com a modernidade que tá, aquilo foi feito em sessenta, sessenta pra setenta. Então com a modernidade que há hoje, não precisa. Olha! nós tivemos sete dias, sete dias sem água. Arrebentou um tubo aí na carga e pra eles emendar esse tubo foi um sacrifício do é porque é, a gente, o soldador mete o maçarico aqui ele vai acabando com tudo. Eles tão muito velho né, quase setenta ano né! Tem tubo aí se setenta ano (palavra não compreendia), mais ou menos quase setenta anos que foi construído. Então tem uma série de dificuldade ainda, vamo ver como é que fica. A gente vai arrumando como pode, eu consegui uns taco aí porque jogavam água e a água ia, foi, foi e foi e apodreceu aí os taco saiu e aí eu consegui. Foram reformar o clube e eu consegui uns taco e botei aí e tá, ta resolvendo, resolvi. E uma serie coisa é assim. A gente vai resolvendo aos pouco, um problema de luz daqui.

Porque a ICOMI nessas casa, eu tive a maior decepção! Veio uma equipe de uma escola de Macapá e a prefeita pediu pra mim, nesse tempo ainda era a prefeita, vai acompanha aí e vai explicar. Eu fui e fiquei decepcionado com o professor de história na praça e ele falou que as casa eram feita uma na frente, outra atrás, na frente outra atrás, pra não prejudicar. Porque um morador vigiava o outro, vê o que é que se passava na casa do cara. Poh não era isso! a estrutura da casa, elas são feita de acordo por ventilação né! Por que o norte é muito quente, então eles faziam pra um não prejudicar o outro. Por isso que é uma na frente, outra atrás, pra não prejudicar né! Aí ele disse que era pra olha. Uma série de besteira que dizem aí, que eu fico sem pensar e não querem que fale bem da ICOMI. É não sei, veio aqui uma ex diretora do colégio aí que ela saiu da ICOMI e foi convidada pra ser diretora do (CESEM lá do menor e ela escolheu os melhores e trouxe pra visitar aqui e, “vocês vão ver o que é” chegou aqui e pegou essa decepção aí. É uma série de coisas aí, a ICOMI tinha também, teve teve esposa de geólogo aqui que não queria que o carro do lixo passasse antes da onze, só passasse depois das onze porque é quando ela acordava. Uma série de coisa aí. Mas a gente vai passando fases não é!

Pesquisadora: Tá certo, tá ótimo senhor (nome de E7). Olha maravilhosa a sua entrevista!

E7\_MO ICOMI: Que bom né.

Pesquisadora: Vai me ajudar demais!

E7\_MO ICOMI: Porque a senhora vai por aí, a senhora vai ver, muitos aumentam, muitos inventam. Pessoas que não tem nada a ver com a história da ICOMI né. Eu tenho tudo, hoje em dia as pessoas me dão, eu tenho livro, tem filmes. É enquanto eu tiver vivo eu falo o que foi que houve mesmo aqui, não aumento nem invento. O que que foi que houve aqui!

Pesquisadora: Isso, tá certo. Maravilhosa, eu vou agora finalizar a nossa gravação.

E7\_MO ICOMI: Tá

<b>IDENTIFICAÇÃO: E8_POS</b>		
<b>Data da entrevista:</b> 23/10/2021		<b>Duração:</b> 40min 43seg
<b>Gênero:</b> F	<b>Idade:</b>	<b>Naturalidade:</b> Maranhão
<b>Atual morador de SN:</b> Sim		<b>Período:</b> 2018 - Atualmente
<b>Ex morador de SN:</b> Não		<b>Período:</b> —

Pesquisadores: A primeira coisa que eu quero saber é sobre o teu contexto com a cidade. Quando é que foi que tu chegou? Se tu tinha já algum conhecimento prévio da história aqui do município? Tinha algum familiar que morou aqui?

E8\_MO POS: Então, na verdade eu não sou do Amapá. Eu sou do estado do Maranhão e aí eu vim pro estado do Amapá, eu fiquei localizada lá em Macapá mesmo né! É eu vim em noventa e quatro pro estado do Amapá e morando mesmo lá na capital né! Macapá. E desde de então, assim eu só ouvia falar de Serra do Navio e que Serra do navio tinha uns projetos. Logo que eu cheguei as pessoas ainda falavam muito né! E eu ficava ouvindo que era uma cidade muito boa, uma cidade fria, que era a única cidade fria do estado. Então, assim a gente cria aquela curiosidade né! Mas assim, nada que me empolgasse tanto a vir visitar e os anos foram passando e eu fui convidada pra vir trabalhar aqui, porque eu sou psicóloga né! E aí eu vim convidada pra trabalhar aqui no CRAS e eu aceitei o convite né! Tem três anos e meio é que eu cheguei aqui e aí eu fui desempenhando o meu trabalho aqui dentro do município né! E aí logo que eu cheguei também aí eu é assim, eu pude presenciar né! Algumas coisas que, na época de noventa e quatro eu acreditava que deveria ser uma cidade bem mais bonita né! Agente vê né, a gente vê que a gente tem ainda esses vestígios né dessa beleza era Serra do Navio né! Que é a Vila né! E aí a gente percebe que algumas coisas já foram desgastadas também pela, pelo tempo né! Que a ICOMI deixou. Né? Já faz muito anos que ela saiu do município e aí na verdade era pra ter sido assim, eu acredito que as pessoas que ficaram responsáveis né! Pelo município deveriam ter tomado posse disso pra não deixar né, a cidade ter ficado da forma que tá né! Que já teve mais pior ainda entendeu? Aqui, eu não cheguei a presenciar mas a história que eu ouço né é que ela, que uma época atrás — há uns seis anos, sete anos atrás — ela estava bem pior. Agora imagina né!

Pesquisadores: Imagino!

E8\_POS: Deve ter sido difícil mesmo. Mas assim, é uma cidade pacata, é uma cidade assim que o índice de violência é mínimo. Entendeu? É uma cidade que dá pra gente morar mesmo assim, porque é praticamente não tem violência né. A gente sai a noite, tem essa, essa (...) confiança né! Da gente sai né? É diferente da cidade grande que você não tem. Hoje você tá, na cidade grande a gente tá assim, sai é o tempo todo né! Desconfiado, é com medo né! O medo tá imperando né? Dentro de nós. Então assim, eu gostei daqui né! E aí eu tô ficando por aqui (risos), entendeu? Agora eu fui convidada pra ser Secretária da assistência social e aí eu agarrei né! Esse convite, a oportunidade. E assim, eu assumi aqui em agosto já tá bem recente ainda. Mas assim, a gente tá trabalhando pra desenvolver o nosso trabalho né e dar o melhor pros munícipes né! Porque aqui tem a Vila mais, acho que vocês vão ter a possibilidade de visitar aí algumas comunidades né! É Tem a comunidade Colônia de Água Branca, é tem a do Cachaço também, tem outras comunidade aqui próximas, Porto do limão (conferir), Porto do Vinte, é (...) tem o assentamento também. Que tem muitas pessoas que moram pra lá, é um pouquinho mais distante né! Mas, então é assim e é como eu falei né, a gente vai ficando, vai ficando e até agora estou por aqui.

Pesquisadora: Tá certo! Eu queria assim que tu me contasse então, além disso que tu já falou, como que é a experiência de viver aqui em SN assim, como relação a cidade, enfim, a infraestrutura, o que tu gosta mais, o que tu acha que precisa melhorar? Enfim nesse sentido.

E8\_POS: Então, como eu já falei anteriormente é uma cidade pacata né que a gente se sente seguro né! De morara aqui, mas como você sabe, você sabe que todos os lugares tem as suas mazelas né e dificuldade e aí a gente, nós temos, aqui não seria diferente né. Como vocês veem visita aqui eu creio que vocês passaram aí pela estrada, pelo percurso todinho pra chegar até aqui. Então a gente tem essa dificuldade com relação a chegar na capital, pra se deslocar até lá. Principalmente, agora que vocês vieram a estrada tá uma maravilha né! Mas agora que chegar janeiro, fevereiro a gente tem uma grande dificuldade. Tipo, agora você chega aqui com duas horas e meia, três horas no máximo. Mas quando o inverno aperta mesmo, porque pra cá chove bastante né! E assim, a gente chega a passar seis horas de viagem nessa estrada. Entendeu? Então é uma, é uma dificuldade que a gente tem. Tipo assim, tem muitas coisas que se você necessitar não tem aqui disponível né! Tipo se tiver um problema de saúde mais sério, entendeu? Geralmente não é resolvido aqui e a gente tem que se deslocar então, a gente tem essa dificuldade. Entendeu? É (...) a alimentação também, a gente sente um pouco dessa dificuldade pelo fato de, da gente ter que se deslocar até Macapá também, pra comprar alguma coisa. Até porque, também, como aqui tem as mineradoras né! Eu acho que acaba pelo fato das pessoas também terem a dificuldade de trazerem é os gêneros alimentícios aqui pro município, aí acaba ficando um pouquinho mais alterado do valor, entendeu? É e assim, então são essas as dificuldades assim, que a gente sente. Tá! Mas tem esse outro lado da tranquilidade, a gente andar, amanhece o dia assim quando é no inverno a gente vê essa beleza toda da natureza né! Esses dias mesmo eu fui ali pra colônia e aí a gente presenciou uma preguiça na estrada, sabe! É uma maravilha né, porque é privilégio pra todos, todo mundo vê. Tem pessoas morando na cidade que nunca viu uma preguiça né! Nunca viu um animalzinho né?

Pesquisadores: É verdade.

E8\_POS: Então a gente sempre vê, a gente anda na estrada e agente se depara né! Com esses animalzinho da floresta e assim, quando a gente tem os amigos lá fora e quando a gente envia pra eles as imagens, ele ficam assim, todo mundo encantado né! É e as pessoas lá fora elas tem uma visão assim de que a gente mora assim no meio nada né e aí a gente tenta passar isso né, que é um lugar é que, confortável né, confortável entre aspas, mas é bem confortável né! Pra gente viver, a gente sente ainda aquela neblina de manhã e a gente percebe que a gente respira um ar natural. Entendeu?

E8\_POS: Entendi. E com a relação a arquitetura da cidade, as ruas, o que que tua acha assim? Tu acha que essa arquitetura histórica é um potencial ou não pra cidade? Ou que é um problema? O que tu pensa a respeito?

E8\_MO POS: Então Bárbara! Logo no início que eu cheguei aqui né! É, eu sempre ouvia falar né! Como a cidade ela foi padronizada né, nesse projeto arquitetônico aí que, então, é o IPHAN né! Aí foi tombada aqui né, pelo IPHAN e aí ficou de uma forma, ninguém pode, eles informaram que as pessoas não podem mexer na na visibilidade do projeto né! Das casa né! Da cidade aqui né! Em si. Tanto que você é eu acho que vocês perceberam que as casas elas permanecem ainda os mesmo modelo né! Ainda, assim eu acho bacana né! Eu acho que só deveria assim é as pessoas manterem né, ter aquele cuidado especial pra que isso não desapareça né! Mas é só esse, só é a Vila mesmo né que, ainda tem o STAFF também, não sei se você visitou lá?

Pesquisadora: Sim

E8\_MO POS: O STAF tem as outras casas lá porque na época, na época aqui era a classe mais alta morava pra lá né! Eu acho que os engenheiros, esse pessoal que morava lá no STAFF e os outros, os operários moravam aqui embaixo. Então, assim, ainda permanece a gente percebe que permanece né! Mas se, eu acho assim, que se o governo do estado desse um apoio mais pro município, entendeu? Porque. Seria bem melhor, bem melhor mesmo. O município tá aí querendo é, asfaltar a cidade né! E acredito eu que vai dá tudo certo. A gente espera por melhoras né! É isso que a gente, né? Que a gente quer, que as coisas melhorem

né. Mas eu acho esse projeto aqui belíssimo entendeu? Acho muito bacana o projeto que eles deixaram aí né! Sendo que, é eu acho que vocês já perceberam né! Que apesar disso, como a cidade a população vai aumentando né! As pessoas foram se dispersando pra outros, foram fazendo casas aos redores né! E aí é isso, mas as pessoas que ficaram ainda dentro dessas casas do projeto da ICOMI é permanecer e zelar por isso né!

Pesquisadora: E você mora em algumas dessas casas do projeto ICOMI?

E8\_POS: Moro. Moro.

Pesquisadora: Qual a região?

E8\_POS: Eu moro aqui próximo, logo alí do outro lado da rua. (Estamos no CRAS de SN em frente a prefeitura municipal).

Pesquisadora: Legal! O que você tá achando de morar nessa casa? Você gosta?

E8\_POS: É eu gosto. É porque são casa assim, são casas que como dizem os antigos né, pra filhos e netos né! Como eles construíram, porque como a ICOMI é um projeto americano que eles trouxeram pra cá e aí eles construíram as casas muito bem construídas né! Tanto que a gente percebe e eu percebo que as casas são geminadas né, mas você não houve nada. Nenhum barulho do vizinho, entendeu? A gente não ouve. É porque as paredes elas são bem reforçadas mesmo entendeu? Então assim, eles fizeram um projeto arquitetônico pra filhos e netos e aí, por aí pra, entendeu? Pra muitos anos ainda. Muitos anos! É por isso que eu falo né, porque as pessoas só tem que preservar isso né? Preservar porque ainda dá pra viver bastante tempo.

Pesquisadora: E assim, pensando no todo da cidade o que tu diria que tem mais de mais especial aqui em SN?

E8\_POS: A natureza. É a natureza! Porque aqui é isso o que a gente tem de especial aqui mesmo. A natureza.

Pesquisadora: É realmente muito, muito impressionante né!

E8\_POS: É tem muito, tem muitas coisas ainda a serem desvendadas aqui.

Pesquisador: Ah! Imagino que tenha mesmo.

E8\_POS: Entendeu? Tem muitas coisas a serem desvendadas.

Pesquisadora: Você já falou um pouquinho da questão o IPHAN né! Qual a sua opinião, sobre a questão do IPHAN aqui na cidade e a questão da conservação dos prédios. Se você já teve tempo pra elabora né, porque você está a três anos aqui né.

E8\_POS: Então Bárbara! É então, eu acho que a questão do IPHAN eles bloqueiam. Não é que eles é, é a minha percepção né?

Pesquisadora: Sim, sim a sua percepção que a gente quer.

E8\_POS: É em relação a isso é que eles bloqueiam muitas coisas aqui né! Porque tipo assim oh, é em relação as casa né. Tudo o que a gente vai fazer, vamos supor, ah tem que derruba, tem que tirar, porque o telhado ainda é o mesmo. Entendeu? Então você sabe que com os anos tudo vai se desgastando né? Principalmente, a erosão da chuva, nós temos aqui a... é a..., é o... a natureza aqui da da a terra, aqui. Como ela tem muito minério ela corrói entendeu? Muito! Ela dá um prejuízo muito grande em relação a isso, até os carros aqui entendeu? Então a gente tem que ter muito cuidado, porque o que que acontece, a poeira como ela tem muito minério ela acaba corroendo, trazendo ferrugem, entendeu? E eu acredito que com o projeto também arquitetônico não é diferente. Entendeu? É e aí as coisas com os anos vão se desgastando né, quando querem muda, agora eu não sei como é que está agora no momento porque o presidente do IPHAN, ele foi mudado né! Agora é um outro e ele já tem uma outra

visão né. Eu tô dizendo que ele já tem uma outra visão porque eu já conversei com ele né! Eu fui lá justamente pra pra fazer uma reforma aqui no prédio né! E aí eu percebi que ele já tem uma outra visão, né! Em relação aos outros. Porque os outros não deixavam mexer em nada. Entendeu? Então era uma dificuldade muito grande, até pra trocar um telhado aqui. Entendeu? Não é que ia ficar fora do padrão, entendeu? Mas eles não deixavam mexer. Entendeu? Então a gente acabava tendo dificuldade porque ia remendando, entendeu? E aí a gente tinha prejuízo. Tá! Mas agora a gente é, esse novo é superintendente lá do IPHAN ele já, ele já é mais flexível. Entendeu? E aí a gente tem essa dificuldade em relação a isso com o IPHAN. Principalmente com os superintendentes passados né!

Pesquisadora: E tá acontecendo agora no momento alguma ação, agora aqui na cidade do IPHAN com a comunidade? Alguma coisa assim?

E8\_POS: Não. Que eu saiba não.

Pesquisadora: Tu chegou a participar de alguma coisa além do teu contato né através da prefeitura?

E8\_POS: Não. Eu participei aqui, a única coisa que eu participei foi uma conferência que teve aqui na câmara dos vereadores. Mas que foi o termo de doação né, das casas. Entendeu? Eles vieram e o IPHAN estava presente. Mas nada mais que isso.

Pesquisadora: E a respeito dessa doação das casas, o que que tu sabe a respeito disso? De como tá funcionando né essa regularização.

E8\_MO POS: Então Bárbara! Eu não posso te informar muita coisa sobre isso aí. Eu só é o que eu ouvia né! Falar, eu ouço né! Na verdade. Porque quando a ICOMI saiu daqui, isso automaticamente né! Isso vai, ia a gente sabe que isso ia acontecer, até porque a ICOMI trabalhava era o minério né? E aí ela saiu e ela deixou uma lacuna muito grande dentro do município né. É..., a gente sabe que deixou muitos prejuízos, na verdade e principalmente a situação socioeconômica do município, ela desabou né! Na época, pelo fato deles terem ido embora, não deixaram nenhum retorno aqui de nada. A única coisa que eles deixaram foi esse projeto arquitetônico aí mesmo, porque não podia levar. Entende? E se beneficiaram muito, bastante, né! Do estado e aí deixaram essa, tanto que vocês vão ter oportunidade e visitarem o cemitério né minério que eles deixaram lá, entendeu? Isso querendo ou não a gente não sabe se esse minério ele não traz algum prejuízo pra população né! Tipo assim, de arsênio né nas águas do rio, porque como a chuva vem com certeza e essas águas descem pro rio né! Então banha todo aquele minério e aí? Entendeu? Então tem tudo isso né, aí eles deixaram essa essa lacuna aí de eu acredito assim, de um grande prejuízo pro município. Em todos os sentidos porque quando eles saíram, foram embora porque a maioria já não tinha mais o que fazer aqui né! E essas casas elas ficaram desocupadas, entende? As casas ficaram desocupadas. Tanto que com o tempo o município ficou sem nenhum tipo de desenvolvimento econômico que eles passaram a divulgar a doação dessas casas pra ver se a população começava a ter uma outra visão e viam morar no município de Serra do Navio. Entendeu? Então as pessoas foram morando nas casa, foram se apropriando das casas né, pra morar. É inclusive é bem perceptível assim que tem algumas casas, é que elas permanecem da mesma forma né! Que não foram mudada nada, não foram higienizada em nenhum momento. Porque as pessoas que estão lá dentro não tem uma condição, uma certa condição financeira pra manter esse padrão. Entendeu Bárbara? E aí elas ainda permanecem assim, com esse mesmo padrão desde de quando entravam lá nas casas. Entendeu? Então, foi um prejuízo muito grande né! Pra comunidade inteira e isso permanece Bárbara, até hoje porque eu, eu percebo assim, hoje nós temos duas empresas de mineração aqui dentro, duas multinacionais né que é a Mina Tucano e UEM (verificar se está certo). Então se essas duas empresas saírem do município vai acontecer a mesma coisa. Entende? Vai acontecer a mesma coisa porque a gestão pública, ela não tem como absorver toda essa população de emprego né! Por fonte de renda. É e aí como é que vai se manter uma população, que aí dentro dessa mineradora acho que tem pra mais de dez mil, quinze mil pessoas empregada

hoje? Entendeu? Então toda, toda, um, mas tem uma família aqui que tá esperando essa pessoa, que depende dessa pessoa. Então multiplica aí dez mil por mais dois, por mais três, né? De um loco familiar. Então assim, é preocupante. Entende? É preocupante, porque não tem outra, tipo ah se as empresas saírem hoje. Não tem outro tipo de fonte de renda. Entendeu? Vamos supor que deu um prejuízo (pequena pausa). Aí lá dentro da mineradora né, porque eles fazem a escavação lá mas pode acontece uma situação tipo aquela de brumadinho né e outros mais. Aí tudo isso, a gente sabe que não tá (palavra não compreendida) de nada né! A qualquer momento o que aconteceu como vizinho pode acontecer comigo. Claro que sim, né! E aí a gente, eu eu fico às vezes fico viajando nessas situações entendeu? E é isso.

Pesquisadora: Eu entendo! Tu pode me falar mais um pouquinho dessa questão socioeconômica do município? Tu trabalha com a questão social né então seria interessante.

E8\_POS: Essa é a pior parte é Bárbara, o que é que acontece. Como a gente sabe que a gente teve um momento muito desafiador aí pra todos nós né? Todos nós passamos por essa devastadora aí pandemia né! Foi todos nós então isso não só afetou o município de Serra do Navio mas o mundo inteiro né! Eu acho que hoje a gente fala a mesma língua em todos os lugares né! Em relação a isso. É muitas dificuldades sabe? É eu acredito assim que dificuldades em relação a economia aqui dentro do município ela aumentou muito, bastante mesmo. Até porque é como eu tô te falando, as empresas elas tiveram que demitir alguns funcionário por conta disso também e aí isso afeta, querendo ou não, afeta né. E vem e a gente que tá aqui na ponta da assistência social a gente presencia isso todos os dias, todas as horas. Só esses dois meses eu já comprei mil e duzentas cestas básicas desde de que eu entrei e eu entrei aqui em agosto, né! E hoje eu tô com vinte cestas básicas, dessas mil e duzentas e isso não é porque eu não tenho pessoas aqui toda hora aqui, necessitando. Só que o que que a gente faz, a gente faz um levantamento também né! Pra que, é porque você sabe que quando acontece essas coisas tem muita gente que se prevalece das oportunidades e né! Existe pessoas pra tudo nesse mundo! E aí a gente, não é dizer que as pessoas não tão precisando, mas tem uns que estão mais necessitados do que outros, né! Então, a gente faz todo um levantamento né, dessas famílias pra que elas possam receber essas cestas, né! E aí, isso é toda hora, todo o dia então, porque a gente aqui é tem um diferencial. Eu digo assim, que quem vem trabalhar dentro dos municípios quando eles saem daqui, eles saem com doutorado praticamente pronto. Entendeu? Porque você aqui vivencia tudo! Tudo o que você imaginar se vivencia. De tudo, né! Porque a assistência social o CRAS nas cidades grandes existe as redes, né? Tipo o usuário chega aqui, violência com criança, aí a gente destina pra aquela rede que trabalha com violência, com criança e tudo mais né! Violência doméstica, a gente já sabe pra onde direcionar aquela usuária né! E por aí vai. Dentro dos municípios não existe as redes, entende? Existe o CRAS, nós aqui não temos nem o CREAS, nós não temos né! Que são violações de direitos, então a gente não tem. Hoje o CRAS ele trabalha com toda essa demanda, imagina só né! A única coisa que a gente tem aqui é o CRAS e o conselho tutelar, que é dentro da assistência também o conceito. Então a gente recebe todas as demandas aqui que você imagina, todas as demandas. Então a gente tem que tá, é como eu te falo aqui a gente chora. Não. Aqui a gente sorri quando é pra sorri, a gente chora em velório quando é pra chorar, tudo aqui a gente faz, entredente? Aqui é uma, é uma é um mix de tudo. Entendeu? De todas as coisas. Então aí assim e aí essas demandas, essas necessidades né que as pessoas que hoje estão passando, que ela se multiplicou na verdade, né! A necessidade das pessoas ela aumentou muito! Muito, muito! A fome, então nem se fala. Ela aumentou demais.

Pesquisadora: Por conta do COVID e da economia?

E8\_POS: Sim, sim, por conta do covid mesmo, porque antes existia né! A gente não pode né! É dizer que não existia, existia sim mas por conta da pandemia aumentou, é como eu tô te falando, as empresas tiveram que é dispensar bastante funcionário né! Eles reduziram de uma tal forma né! Dentro das empresas, que assim, o que eles puderam reduzir lá dentro eles

fizeram isso. Entendeu? Então as outras pessoas eles dispensaram né e essas pessoas acabam passando por dificuldade, se direcionando até nós, né! E aí a gente faz assim malabarismo, entendeu? Por que como é um município de pequeno porte né! A gente, as nossas verbas não são grandes. Só pra, só pra você ter uma ideia hoje, a verba no benefício, dos benefícios eventuais que nós recebemos por ano é vinte mil reais, porquê? Por que eles fazem um levantamento pelo Censo do IBGE. O censo do IBGE quando foi feito? Em dois mil e onze, dois mil e doze.

Pesquisadora: Dois mil e dez eu acho.

E8\_POS: Pois é, entendeu? Então a população aqui ainda era de cinco mil e poucas pessoas, hoje tamos com mais de dez mil pessoas.

Pesquisadora: Nossa!

E8\_POS: E eles permanecem mandando ainda essa mesma verba pro município.

Pesquisador: Essas dez mil pessoas é somando todo mundo da cidade e os assentamentos.

E8\_POS: Sim. Não é, é uma estimativa que nós temos, entendeu? Por que na verdade a gente não tem, a gente não pode te dar uma estimativa concreta pelo fato que o IBGE ainda não fez esse levantamento, né! Quando o levantamento que ele fez foi em dois mil e onze e de dois mil e onze pra cá? Já teve quase uns dez anos né, tem dez anos. E aí essa população com certeza a gente sabe que foi se desenvolvendo né! E a gente, e a gente percebe pelas invasões que tiveram, porque tem invasão pra cá, tem pra ali pra trás, entendeu? E aí a gente, a gente percebe por conta disso. Por que antes

Pesquisadora: vocês, vocês tem algum cadastro pra verificar essa

E8\_POS: Não. O cadastro que a gente tem hoje é das doações entendeu? Das cestas porque essas pessoas elas fazem um cadastro aqui com a gente. Entendeu? É a é o cadastro que a gente tem.

Pesquisadora: E a estimativa de vocês é baseada no que E8\_POS? Esses dez mil?

E8\_POS: Não, é o que a gente imagina. Não é uma estimativa concreta, é o que a gente imagina.

Pesquisador: Que deve ter entorno de dez mil pessoas.

E8\_POS: Que deve ter em torno de dez mil pessoas. Por que o que que acontece, antes, só pra você ter uma ideia, a gente teve. Os benefícios eventuais eles vem pra que? Ele é distribuído entre cesta básica, é.. Kit bebê, auxílio passagem e auxílio funeral. Entendeu? Teve um mês aqui que a gente teve que prestar os nossos serviços pra auxílio funeral pra quatro família. Entendeu? Hoje, um um auxílio funeral ele custa o mais simples, ele custa dois mil e oitocentos, três mil, porque quando eles vão fazer a, o rapaz da funerária ele vai, ele vai prestar colocar lá o serviço dele é pelo tamanho da pessoa, entendeu? E isso vai aumentando o valor, entendeu? O tamanho da urna, vamos supor, oh o tamanho da urna é pra uma pessoa magrinha, ela tem um valor. Quando é pra uma pessoa mais alta, uma pessoa mais, mais é que tem um peso a mais, entendeu? Então tem tudo isso. Então, o valor da urna aumenta. Você tá entendendo? Então hoje eu tô pedindo a Deus que não morra ninguém aqui no município, entendeu? Porque tipo se, eu não tenho o dinheiro pro auxílio funeral, o auxílio que, esse dinheiro que veio pro auxílio emergencial a gente já está sem. Entendeu? Então é por isso que eu tô te dizendo que é uma estimativa que a gente faz que a população aumentou. Que a população aumentou pelo fato das pessoas procurarem nós ah pro kit bebê, a gente doa aqui o kit bebê né! No momento a gente tá sem pelo fato de, da gente do do, da gente deu entrada no processo está aguardando a licitação do processo, pra que a gente possa comprar. Mas é isso! Entendeu? Então a gente, essa estimativa que nós temos a gente tem, hoje nós não temos uma estimativa concreta dizer oh nós temos dez mil, porque pode até

ultrapassar isso. Mas é a estimativa que a gente tem de uns dez anos pra cá, pelo fato das demandas que chegam até nós e os valores que são destinados pra nós que acabam faltando entendeu? Pelo fato da necessidade tá sendo mais, da procura tá sendo maior.

Pesquisadora: São duas coisas que dificultam né! Primeiro vai ser o agravamento da pandemia né com a questão do desemprego e das mortes e aumento das mortes também né! E o aumento da população que a gente não tem, não se sabe quanto foi por causa dessa questão do IBGE né! É complexo isso mesmo.

E8\_POS: É isso! Justamente. E aí com o aumento da pandemia é a gente sentiu mais a dificuldade, em todos os sentidos. Tanto as pessoas que faleceram né, que a gente sabe que foi bastante pessoas que faleceram. A necessidade da alimentação né! E inúmeras, inúmeras coisa que se a gente for colocar Bárbara na ponta da caneta mesmo é muita dificuldade. Infelizmente a gente não pode suprir todas elas, mas as dificuldades são inúmeras, então essas, toda essa demanda chega até nós todos os dias. Todos os dias, todos os dias, todos os dias. Não tem noção. Eu que aqui não tem hora, eu trabalho de segunda a segunda. Entendeu? É isso! Então é por isso que eu te falo, quando sai daqui já saí, teoricamente né com o doutorado pronto! Entendeu?

Pesquisadora: Então é isso então!

E8\_POS: Não sei se eu supri as duas necessidades nessa sua escuta sua mas.

Pesquisadora: Com certeza! Foi ótimo. Vou finalizar aqui a nossa gravação.

<b>IDENTIFICAÇÃO: E9_MO POS</b>		
<b>Data da entrevista:</b> 22/10/2021		<b>Duração:</b> 25min e 39seg
<b>Gênero:</b> M	<b>Idade:</b>	<b>Naturalidade:</b> Macapá/AP
<b>Atual morador de SN:</b> Sim		<b>Período:</b> 1997- atualmente (25 anos)
<b>Ex morador de SN:</b> Não		<b>Período:</b> —

Pesquisadora: Acho que tá funcionando! Então assim, a primeira coisa que eu queria saber, é que o senhor me contasse um pouquinho. Quando é que o senhor chegou aqui, como é que o senhor veio aqui pra Serra do Navio? Contexto, período (...). Tudo que mostre a sua relação sua com a cidade de Serra do Navio.

E9\_MO POS: É eu vim pra cá em noventa e sete. Eu sou militar da reserva então eu vim transferido escolhi um município, eu escolhi aqui e Pracuuba e vim pra cá. Aqui eu tenho a minha finada mãe que morava aqui na Capivara e meu irmão que mora aqui na Colônia e de noventa e sete eu me aposentei por aqui até dois mil e vinte três né! E tô morando aqui.

Pesquisadora: E o senhor tem família aqui?

E9\_MO POS: Tenho, tenho família, a minha esposa e três filhos tudo nascido aqui. A minha filha que a gente levou pra Macapá pra nascer lá né, mas o (nome de um dos filhos), o (nome do outro filho) também o mais velho nasceu em Macapá.

Pesquisadora: E o senhor é daqui do Amapá?

E9\_MO POS: Sou, sou aqui do Amapá.

Pesquisadora: De que cidade?

E9\_MO POS: De Macapá mesmo.

Pesquisadora: A sua mãe veio morar antes aqui?

E9\_MO POS: Faz. A minha mãe veio com uns quarenta e pouquinho. Eu fui criado com a minha família do avô lá em Macapá e a minha mãe morava pro Oiapoque, depois ela veio pra cá e aqui ela passou o resto da vida dela. Uns quarenta anos por aí.

Pesquisadora: Ela veio no período da ICOMI ainda?

E9\_MO POS: Veio, veio! A ICOMI tava no auge aqui, ela veio pra cá, não tô muito lembrado. Família né o meu irmão sabe, outro meu irmão sabe o tempo que ela veio pra cá. Do Oiapoque ela veio pra cá né! E aqui morreu.

Pesquisadora: E o senhor chegou a conhecer a Vila no auge da ICOMI?

E9\_MO POS: Conheci. Eu vim na época que tinha quinze ano de idade, eu vim passar um mês, quase uns quinze dias quase um mês aqui com ela. Mas aqui, pra você ficar aqui, tinha que ter parente ou família pra poder, se não daí mesmo eles já. Se não tivesse parente nenhum eu digo, “Ó a minha família mora na colônia”, minha mãe. Então já tinha um ônibus especial, exclusivo pra ir pra colônia, exclusivo pra ir por cachaço e aqui pra Vila. Aí eu passei lá, fui pra lá quando eu vim, lá pro terreno a gente tem um terreno lá no Capivara. Aí depois a minha mãe veio pra Colônia, colônia de água branca.

Pesquisadora: e naquela época dava pra passear aqui? Conhecer o lugar?

E9\_MO POS: Olhe na época que eu vim aqui, não que eu vim me instalar aqui, quando tu tinha quinze anos. Era dez hora, a segurança era muito boa aqui. Dez hora da noite já era pra tá, praça ninguém, cada um pras suas casas. A segurança era direto aqui.

Pesquisadora: O que o senhor acha desse período assim da ICOMI? O senhor conhece a história e tudo mais o que o senhor acha assim, foi bom pra esse lugar ou não foi. O que teve de positivo, o que teve de negativo.

E9\_MO POS: Olha foi ótimo, muito bom. Porque aqui nem cerca não tinha! As casas tudo, não tinha cerca passavam normal. Depois que se tornou distrito né, município é aí foi abandonando. Eu já cheguei aqui em noventa e sete tava acabando a ICOMI, noventa e sete, noventa e oito acabou. E depois que passou a ser município foi se acabando, cada dia se acaba mais.

Pesquisadora: E o que que foi que levou, assim que o senhor acha (...) a começar assim a se acabar como o senhor diz a cidade. Porque será que isso aconteceu?

E9\_MO POS: Olha é prefeito, prefeito né! É política. Essas ruas hoje em dia, olha! Eram tudo asfaltada essa nossa ainda é o restante. A rua mais melhor que tinha, era essa aqui e aí foi se acabando. Os órgãos do governo, o prefeito, quase nenhum, nenhum, faz pela melhoria do município. Tem vez aí que a gente andava quando eu ainda tava na ativa, tinha que pegar o meu carro e ir tapar buraco aí com as pedra aí pra por onde a gente vai na nossa rota de de viatura tinha que coloca. Até hoje em dia, eu tenho a minha carrocinha e eu (...). Não sei se você já entrou, logo que vem aí tem é pedras, tapadinho o buraco, a gente pega ó a gente faz. Entendeu? Porque o órgão aí não não faz nada, eu digo logo assim né, só na época de política. Agora tá começando a aparecer tudo, depois que passou, pronto! Aí vai ficando abandonado. Essas ruas aqui na época do prefeito, se não me engano Jaburú, é que ele mandava roça daqui. Né na época acho que foi o governo do Jaburú que ele fazia a roçagem daqui pra fora, pra trás era da responsabilidade dos moradores. Depois daí ó, nunca mais! Se quiser a gente tem que fazer, mandar fazer. Então ficou no abandono, a gente diz! Esse órgão do IPHAN desde do tempo que eu tô aqui, vinte e três anos só vem bate foto, diz isso e diz aquilo e pá pá e some, vem bate foto e some. É só promessas e promessas e promessas né! Essa é a posição aí, praça abandonada.

Pesquisadora: Entendi! O senhor tava aqui então na época que o IPHAN veio pela primeira vez. Como é que foi assim essa questão, quando o IPHAN tombou o município, acho que foi dois mil e dez né. O senhor já tava aqui né?

E9\_MO POS: Já, já tava.

Pesquisadora: Eles vinham, faziam reuniões, oficinas com a comunidade?

E9\_MO POS: Isso, fazia reunião lá e começavam a dizer que a gente não poderia mexer na casa porque isso, ali mexeu. Eu nunca mexi na estrutura da casa, eu já fiz do pátio pra cá. Pra trás também tem uma puxada, no caso se quiser tirar, tira! É normal, mas ali muitos já mexeram, olha lá! Muitas já tão mexidas, muitas e enquanto não me derem a concessão que é pra, porque eles tão dando né! Pra quem recebe cinco salário mínimo, abaixo do salário mínimo, eles tão doando a casa. Quem recebe acima de cinco eles vão vender por um simbólico né! Um dinheiro simbólico. Durante vinte e cinco anos eu acho. E a gente fica na espera. Até agora nada! A o (nome da pessoa) já ganhou a dele lá, foi e a gente fica. Não vem o órgão dizer ó vão a prefeitura pra pegar o a casa né, pra começar a pagar. Eu achei errado porque se é direito pra um, é direito pra todos né! Uma pessoa porque não tem condição tal, tal, tal. Um salário mínimo e tal. Poh! Eu acho errado, mas se tem que pagar a gente vai pagar né, não tem jeito.

Pesquisadora: Ah entendi! O senhor participou dessas reuniões do IPHAN quando vieram?

E9\_MO POS: Participei.

Pesquisadora: Tinha muita participação da comunidade?

E9\_MO POS: Não, não, não tinha muito não. Uma bobagem duns cinquenta, trinta, eles vem na promessa né! Tu vê só reunião e não sai nada daí. Só reunião, reunião.

Pesquisadora: E o que que a comunidade, o que o senhor acha assim, o senhor era a favor da cidade virar um patrimônio? O senhor acha que Serra do Navio deveria ser preservada? O que é que o senhor pensa sobre isso?

E9\_MO POS: Porque aí tem que ter o desenvolvimento né! Se for pra ter o patrimônio, fundar o patrimônio histórico e aí você não pode mexer quase você, eu acho que (...). Pra mim, não era pra, não era pra existir o patrimônio no caso porque você não pode fazer nada né! Construir e a gente fica nesse impasse aí, né!

Pesquisadora: Entendi! Mas o senhor acha que, se tivesse um incentivo pra preservar mas também pra adequar as necessidades da comunidade o senhor seria favor?

E9\_MO POS: É! Aí pode ser, porque a cada vez vão destruindo. Eu garanto que vai ser tanto dinheiro pra construir o que já foi detonado o MEC, a piscina, o hotel. É isso eu acho que não vai, não vai pra frente. Pode escrever!

Pesquisadora: Essa questão da regularização fundiária que o senhor tava dizendo que foi pra doar as terras e as casas pras pessoas, o senhor participou desse processo?

E9\_MO POS: Participei, participei.

Pesquisadora: E até agora nada?

Pesquisadora: Até agora nada! O que, o que eu sei é que umas quantas pessoas, porque tem tipo assim fila né! Tem o pessoal, o pessoal do ali do outro lado ganhou, a vizinha aqui do lado ganhou, já que não tem condição né. Mas eu tô esperando, eles mandam um lembrete pra participar da reunião, mas até agora nada.

Pesquisadora: Quem ganhou até agora então foram as pessoas que não tem condições?

E9\_MO POS: Uhum! Umass quantas já ganharam.

Pesquisadora: Mas não todo mundo ainda?

E9\_MO POS: Não, não. Todo mundo não.

Pesquisadora: Eu ouvi falar que parou esse processo o senhor sabe o porque?

E9\_MO POS: Pois é, eu não sei, não sei nem se parou porque um dia desses veio aí o IPHAN aí eu ví batendo foto e tudo e tal. Mas só bateram foto, não comunica, não diz que vai ter reunião, nada.

Pesquisadora: Entendi. E assim, saindo dessa parte da questão do patrimônio né que a gente já conversou. O que é que o senhor acha de morar em Serra do Navio? O senhor gosta?

E9\_MO POS: Olha é a gente tá aqui, a minha esposa gostou, nós tamos a vinte e três anos aqui. É um lugar tranquilo, tranquilo de se morar. Poucas, poucas ocorrências de facção, agora é que tá chegando né! Depois que eu me aposentei, não é falar mal da nossa polícia, mas regrediu um pouco né, a segurança daqui. Até porque as Leis tão tirando o poder bem dizer nosso, cada dia acoa mais a polícia militar. Aí é, mas em termos de morada, a gente ainda prefere ficar aqui em Serra do Navio.

Pesquisadora: O que o senhor acha que tem de mais especial aqui em Serra do Navio?

E9\_MO POS: Olha o que tá explorando muito aqui é o turismo. A gente vende aqui o negócio do almoço, sábado e domingo, é refeição. Aí os turistas já ligam pra nós vão visitar ae. Quase todo mês, bem dizer, quase toda a semana aparece mais turista aqui! Pra visitar a F12 e a gente tá e faz essa, essa, esse de servir assim esse pessoal né. Porque aqui não dá né, o espaço é pouco pra fazer um restaurante aqui, a gente não tem espaço né! Espaço pra aumentar e a gente. Ó! Até a sorveteira aqui que eu quero botar na praça, a gente faz (palavra não compreendida) colocar, mas tem que ser por aqui. A gente pede um espaço pra, a gente pede um espaço na prefeitura pra gente fazer alguma coisa (...). Você vai a noite lá na praça observe, vá hoje a noite lá! É um bocado de baiuquinha aqui, aqui, ali mas quase nenhuma funciona. Aí a gente foi pedir um espaço lá, poxa aí ficou aquele negócio, joga pra um, joga pra outro, joga pra outro, vai com o fulano, vai com o ciclano. Eu digo, “minha filha não vai mais”, não vão ficar me ligando. Aí me deram um ponto ali, aí, aí tem a SOT é uma associação dos trabalhadores. O cara me tratou bem eu recuperei um furtos deles, sabe! O cara disse, “seu (nome de E9) o senhor pode ficar por tempo indeterminado pra botar o seu material”, nós temos pula pula, parque tipo um parque, nós temos pula pula, campo de futebol a sabão e água né! Cama elástica. Então, eu preciso de espaço e não tem, aí foi que aminha esposa foi conversar lá com o prefeito e quando eu falei pra ele que o cara me cedeu a vontade, mas só que fica longe tem gente que não tem condição de ir lá, não tem. Aí ele cedeu lá um espaço e aí a gente tá organizando pra colocar lá, aí eu quero colocar isso aqui pra botar o meu material porque vai ser levar e voltar, levar e voltar. Ele não quer deixar, então eu já tô construindo pra colocar o meu material lá porque como ele cedeu lá o, o espaço, ele cedeu o espaço pra botar a sorveteria lá e tem que ter o local do parquinho pra colocar as coisas as coisa lá dentro. Porque se deixar fora, né! A gente não vai tá lá, tem que deixar fechado. E aí pelo menos pra você, vá lá na praça hoje, amanhã e veja. Aí quando a gente leva o nosso parquinho lá é que dá umas criançazinha lá pra brincar. Você não tem opção aqui, você não tem opção pra lazer, se vai lá naquela praça lá e tem um balanço, até os balancinho lá quem conserta sou eu. Eu compro o prefeito tá vendo que tá quebrado e não ajeita não, aí eu vou lá e compro em Macapá e venho e eu mesmo coloco. Então fica difícil né! E então mesmo assim a gente não quer sair daqui, fica tranquilo a gente gosta daqui, é tranquilo! Tôlhe falando que é tranquilo aqui.

Pesquisadora: Aham! E na sua opinião também, quais os principais problemas da cidade, o que o senhor acha que seria prioridade na cidade assim?

E9\_MO POS: Olhe! O saneamento aqui tá precário, tá precário, tanto que tem de esgoto, água que ainda é do tempo da ICOMI inclusive aqui essas casa elas são conjunta uma com a outra. Então o seu vaso descarrega numa caixa d'agua do lado de lá da casa e que vai pra tubulação. Aquela tubulação é esse material, amianto, poh cara eu tive que mandar cavar, agora recente, entope porque tem gente que vem pra cá né! Turista né e quer usar o banheiro

fora lá e você tem que fazer o serviço que é deles, aqui aquilo lá tá entupindo, aí se anda lá na praça aquela entupido. Então isso, já tinham ia trocar toda a tubulação, tudo! Aí cogitou (palavra não compreendida) um ano e meio, quase dois anos, aqueles né! Deus me perdoe e tchum e vem tchum é assim que funciona aí. Então aí é mais necessário aí pra mim é essa parte do saneamento e a água. A água eu já nem coisa, porque eu já comprei um motor bomba. Eu tenho o meu carrinho, eu tenho a minha carrocinha, eu pego engato ali no carro e vou aqui na lagoa (brubrubru), trago na caixa d'água boto encima da minha (brubrubru), ajudo aqui dô pro amigo ali! Pergunto se não querem, entendeu? É assim que funciona né. Agora semana passada um sufoco, agente tava em Macapá, um sufoco de água aqui. O rapaz ficou aqui, mas ficou cheia as duas caixa. Então é assim e vem e cobra. A CEA (companhia de energia) a gente paga, beleza! Eu não pago a CAESA, porque é quando da meio dia vai embora a água, se você não tiver caixa d'água pra reservar, entendeu? Aí você quer, eu quero pagar um negócio que eu teje usufruindo o dia inteiro. Tá aí, eu ainda não paguei nenhum, nenhum talão de coisa. "Ah você vai pagar dois mil, três mil". Pago! Posso pagar parceladamente, mas agora que teja água o dia todo! Que nem em Macapá. A gente tem a nossa casa lá se manhã, de tarde e de noite, de madrugada, de manhã, mas aqui não. Aqui quando dá meio dia se você não tiver caixa d'água pra armazenar sabe? Não tem nada. Então é essas duas parte básica aqui, saneamento e esse negócio dessa água aqui. A energia nem se fala porque se ela vai embora eu tenho o meu gerador, a gente tem que comprar as coisas pra poder suprir porque eu nem posso ficar sem energia por causa do sorvete, porque se não perde. Já pensou? É, é dificuldade, é só pra quem mora que sabe a dificuldade aqui a gente sente.

Pesquisadora: Eu acho aqui, que a gente conversou tudo aqui que tava na minha lista risos, mas é muito bom assim. O senhor quer acrescentar alguma coisa? Porque o meu trabalho é sobre essa questão da cidade, do patrimônio, alguma coisa que o senhor acha importante falar?

E9\_MO POS: Não, eu acho que já, eu falo pouco eu eu acho que falei de muito já (risos). Eu sou calado eu sou bem reservado né! Mas é só isso aí, o o que eu digo é o que a gente tava conversando agora é o saneamento, é a água, não dá isso cara! Cada hora, vai ter hora aí que nem em Macapá teve no apagão. Vai ter hora aí que já tá começando a quebrar essas máquina porque é muito, é cinquenta anos essas máquina aí, essas tubulação. A gente tá pedindo outra, mas ninguém (...). Eu graças a Deus assim a parte a gente ainda tem né! Tem o gerador, tem o moto bomba porque aí eu posso pegar água ali e suprir a minha necessidade, mas ali tem pessoas que não tem condição né! É difícil, é difícil o saneamento o negócio dessa, dessa coisa o prefeito no dia asfaltou. Você já foi ali no centro?

Pesquisadora: Fui.

E9\_MO POS: só tá asfaltado ali né? Ao redor. No dia da eleição, no sábado ele de madrugada pegou a máquina tudinho e levou lá pra onde ele mora é (...) Mazagão. Aí o caboclo daqui foi lá bateu a maquina lá tudinho e até hoje, já vai fazer o que, vixi já vai fazer dois três anos. É uns dois anos já, um ano dois anos que tá aí e não vem! O dinheiro vem mais não saí, já se instala. A gente tem que mudar cara, porque se sabe que (...). Um dia desse veio um caboclo aqui, pra mim aquele caboclo era da esquerda, porque ele veio perguntar, "o que você acha do fulano do Davi e não sei o que". "Péssimo". "E do fulano?". "Péssimo também!". "E do prefeito?". "Pior ainda!". E o caboclo rapidinho ele, "tá bom, tá bom, obrigado". Pois é, pra mim ele era lá do outro lado. A gente tem que mudar política, é só o cara entra só pensando nele! Não pensa no ser humano na pessoa que tá passando fome lá na colônia. Sê vê na Colônia pra lá Meu Deus do céu! Esses dias eu tava como meu filho e uma venezuelana veio aqui, a gente levou pra ela, ela pedindo pro pro gravou um vídeo pedindo pro prefeito, tava passando fome e não sei o que. A gente ganhou esse vídeo (pá, pá, pá, pá, pá) aí nós pegamos a nossa amiga lá em Macapá, recolhemos umas roupas boas né! Pra criança. Eles moram lá no chão batido. Aí nós colhemos tudo e a gente foi levar lá, a gente levou isso, levou meia cesta básica, levamos um colchão. Não é colchão novo mais levamos um colchão com

uma capa pra botar, pra ficar. Aí olhamo lá e não tinha cama e eu digo, “ó eu vou buscar uma cama que tá lá no meu terreno que o caseiro foi embora”. Tá aí aí a cama, eu falei pra ela hoje, “você não vem buscar? já faz quinze dia que a cama tá aí. Se você não vem buscar eu vou levar de volta”, e ela “não, não, quarta feira eu venho”. Pois é! Vieram da Venezuela lá corrido lá de fome né! E a gente serviu lá ela vende, ela compra as coisas dela aqui. É tristeza! Tristeza se vê aquelas criança tudo no chão e a gente, bem dizer não poder fazer quase nada né! Por que eu sou um simples militar reformado, mas a gente ajudou um pouco ela lá. Agradeceu demais, a estadia dela que é boa. Aí o prefeito foi perguntar se ela já vota aqui. Poh! Cara dá um tempo. Então é assim, dessa forma a gente tá bem aqui. Tem que manda, por exemplo, o estudo aqui precário. O meu filho teve que embora pra Macapá pra estudar lá. Ele se formou em rede de computadores né! O outro que tá aqui, o menos disse, “pai eu não quero mais estudar”, e eu disse “vai estudar, vai estudar”. Aí incentivei ele, comprei essa moto pra ele. Ele tá passando, acho que isso foi um incentivo e eu acho que isso não é o carreto, mas é uma maneira que eu achei de incentivar ele. Tá passando, tá bem no colégio e o que mais o menos, no que ele terminar eu ter que mandar ele pra estudar lá em Macapá. Pra estudar lá na Meta, na Universidade lá particular. Porque aqui não tem, aqui não tem! Não é mais como antigamente que a gente estudava aqui.

Pesquisadora: Os jovens vão muito embora daqui.

E9\_MO POS: Em?

Pesquisadora: Os jovens acabam sempre saindo.

E9\_MO POS: É! Muitos tem gente indo, tem muitas colega nossa indo pra Curitiba e chega lá e rapinho consegue emprego.

Pesquisadora: A é?

E9\_MO POS: Se não tem firma, se não tem, o trabalho aqui é o funcionário público aqui que ganha, que é garantido, o resto. Essa, essa abidel aí.

Pesquisadora: E essa mina que tá aí ela ajuda?

E9\_MO POS: Pois é a Mina Tucano. Ela ajuda, pouco mais ajuda, porque aqui o município que tem maior parte é Pedra Branca, aqui só tem um pedaço e mora muitos funcionários deles aqui. Ajuda pouco, aí ele vem pra ajudar, quer ajudar em termo de vamo manter a estrada, “não a gente quer o dinheiro”, o prefeito quer o dinheiro. Todos os que passaram querem o dinheiro. Ela se propõe a ajudar a manter, as estradas as (palavra não compreendida) tudo legal. Mas não eles querem o dinheiro. Querem o dinheiro, querem e agente manda fazer. Ela ajuda a prefeitura mil litro de gasolina todo mês eu acho. Eu acho que eles furam o tanque porque quando chegam aqui, já não tem mais nadinha, sabe? Então é, é, é um absurdo cara! É um absurdo mesmo. O prefeito não se dava, nenhum prefeito não se deu com a, porque né? É dinheiro, eu quero dinheiro. É isso!

Pesquisadora: Mas eu acho que é isso então! Olha foi muito produtivo, muito bom ouvir. Vou desligar.

<b>IDENTIFICAÇÃO:</b> E10_ADM e E11_ADM		
<b>Data da entrevista:</b> 22/10/2021		<b>Duração:</b> 50min 09seg
<b>Gênero:</b> F e M	<b>Idade:</b> 37 e 54	<b>Naturalidade:</b> Serra do Navio (ambos)
<b>Atual morador de SN:</b> Sim		<b>Período:</b> 1984 e 1967 - atuais
<b>Ex morador de SN:</b> Não		<b>Período:</b> —

Pesquisadora: Então eu gostaria de perguntar primeiro, podem me falar de forma simplificada assim, da relação de vocês com a cidade. Você já me disse que nasceu aqui, como é que foi a chegada dos seus pais, como é que foi essa relação.

E10\_ADM: O meu pai veio pra cá em setenta e sete, em setenta e sete. Ele veio também a busca de emprego. Ele veio solteiro né, aqui casou com a mamãe. Na verdade a mamãe também veio. Ele já trouxe a mamãe na verdade que foi através da minha tia né? Que a minha tia morava aqui e a minha mãe morava com a minha tia e aí conheceu o meu pai, aí casaram e aí passou quarenta e poucos anos porque o meu pai já faleceu né! Tá com um ano e seis meses que ele faleceu do COVID.

Pesquisadora: Meus sentimentos!

E10\_ADM: Mas ele trabalhou quase trinta anos na ICOMI né! Então a gente ainda chegou, nós estudamos na escola na escola da ICOMI. Nós tínhamos toda uma regalia assim dada pela ICOMI né. A ICOMI foi uma mãe pra Serra do Navio né E10\_ADM (ST)? Aí tinha muitas coisas boas. A ICOMI ela mantinha Serra do Navio, a cidade de Serra do Navio era toda projetada, foi através dos americanos na época que foi projetada essas casas que são todas padronizadas né! A limpeza da cidade é então era muito bem cuidada a Serra do Navio, através da empresa ICOMI. E quando a ICOMI foi embora daqui, nós sentimos um impacto muito grande, inclusive principalmente nós que vimos o antes e o agora né! Então nós sentimos, realmente nós sentimos. Muitos foram embora, mas muitos permaneceram por gostar de Serra do Navio né! E a Serra do Navio sempre foi uma cidade pacata, tranquila, né! Não muito agitada, aqui todo mundo se conhece, por ser pequena. E aí depois passou pro município e aí foi o que nós estamos até agora é, manter a cidade limpa. Nós estamos pra concluir a pavimentação da cidade e os pontos turísticos também que é um potencial muito grande no nosso município. Então, tivemos muitas dificuldades. Temos dificuldades! Por ser um município pequeno, pouca arrecadação, a gente tem sofrido bastante quanto a isso né! Porque Serra do Navio foi um município que contribuiu pro Estado, contribuiu pro Brasil né! E hoje praticamente ela é esquecida pelos poderes né! Então assim, hoje nós temos aqui a empresa Mina Tucano, que se não fosse a empresa, apesar de não tá instalada dentro do município, mas ela passa por dentro da cidade e ela . Se não fosse a Mina Tucano que explora minério de ouro hoje, se não fosse ela, é não sei também o que seria de Serra do Navio, porque ela contribuiu muito né! Com as compensações sociais, com as compensações ambientais, e tem ajudado bastante o município não é.

Pesquisadora: E o Senhor gostaria de falar de comentar também?

E11\_ADM: É a gente como é filho de Serra do Navio, como ela falou do pai dela o meu pai também foi uma das pessoas que — tá vivo ainda meu pai até hoje, mora ali na rua BC9 — Então o meu pai foi uma das pessoas que ajudou a construir Serra do Navio na época, ajudou a construir essas casas no finalzinho quando chegou em Serra. Ajudou a construir essas casas e hoje, ele trabalhou muitos anos na ICOMI e hoje tá aposentado, mas a gente continua em Serra do Navio, a gente não saiu de Serra. Eu falo assim, nós somos guerreiros por ter ficado em Serra do Navio não é? Porque a metade dos moradores de Serra depois da paralização das atividades mineral da empresa ICOMI, eles foram tudo embora. Eles foram tudo pra hoje é município, Santana, Macapá. Entendeu? De lá saíram pra, um pouco pra Belém e pra esses outros lugares aí, São Paulo, Rio espalharam. Se você for nas redes social você vai ver um pouco no Brasil todo, em todos os estados tem pessoas que morou em Serra do Navio e que trabalhou na época da ICOMI e como falou a nossa prefeita aqui. Hoje nós estamos trabalhando pra manter a estrutura da cidade com o pouco que a gente tem né! Com recursos. É manutenção é caro! É alto o valor, então você tem que trabalhar! Tem pra não deixar as coisas irem acabando, acabando né! Também tem o lado da cultura das pessoas que vem de fora e não conhece também como foi né! Conhecem pouco a cultura a história que as vezes vai destruindo, vai quebrando, vai tirando a calçada.

E10\_ADM: É

E11\_ADM: Tirando a frente da casa, aquela veneziana bonita. Então tudo isso

E10\_ADM: A estrutura.

E11\_ADM: A estrutura

E10\_ADM: Pra modificar entendeu? Por exemplo se for ver hoje, os serranos que são serranos mesmo. Se você for olhar as casas, as casas permanecem o mesmo. Por exemplo a casa da minha mãe ela, a minha mãe só mantém pintada, reformada, mas assim oh! A estrutura mesmo ela não muda de jeito nenhum. Enquanto outras casas a gente viu que todas já foram modificadas, entendeu?

Olha a casa do (nome de E11), a casa do pai do (nome de E11) faz uma puxadinha na frente, faz um patiozinho, mas a estrutura mesmo ela continua intacta! É o mesmo entendeu? E aí

E11\_ADM: Eu sempre falo que uma táuba da veneziana, uma tauba daquela veneziana pra mim é história porque eu trabalhei na ICOMI, a minha infância foi trabalhada dentro da mineração. É trabalhei na abertura de mina, como essa mina a 12, entendeu? Então assim, a gente valoriza porque a gente tava dentro do procedimento, do trabalho, entendeu? A gente valoriza como ela a família dela, o meu pai, o meu pai até a pia é ainda da empresa entendeu? Então ele tem o cuidado de manter aquilo ali pra não tirar. Então nós que permanecemos em Serra que a gente conhece a história de Serra do Navio, a gente tá mantendo a história de Serra, tá mantendo o patrimônio. Mas as pessoas que estão chegando de fora elas não tem esse (palavra não compreendida) esse cuidado com o patrimônio, entendeu? Esse cuidado com o patrimônio, então a tendência é a primeira coisa que ela faz é tirar a veneziana, é quebrar a calçada e vai, acho que vocês já observaram algumas casas. Então essas família são de pessoas que vem de fora, que não entendem é a história de Serra. A gente tá trabalhando, a gente tá aqui pra manter a história de Serra do Navio. Manter ainda pra muitos anos né! Assim, a história o patrimônio né. A gente se preocupa um pouco com o patrimônio, a gente se preocupa quando vê alguém ali quebrando, “olha não quebra essa calçada, mantém isso aqui porque isso aqui vale milhões”. Aí eu falo sempre assim, “tu sabe quanto que vale uma taubinha dessa? Vale dois milhões” porque é história entendeu? É do patrimônio entendeu? (risos). Então é isso que a gente tem em Serra.

E10\_ADM: Eu me lembro que, eu me lembro que na época, na verdade a ICOMI mesmo, a ICOMI ela ela finalizou os serviços em noventa e sete, noventa e oito né? Mas foi embora mesmo em dois mil e três. Eu me lembro, eu era bem adolescente (risos). E aí na, quando ela, quando acabou mesmo tudo aqui olha! E passou até no Fantástico lembra? A cidade fantasma. Serra do Navio a cidade fantasma, olha aquilo, aquilo doía muito na gente, porque se parou completamente, morreu, acabou assim! Meus Deus do céu era uma tristeza muito grande, muito grande mesmo.

Pesquisadora: Não houve, não houve nenhum incentivo naquele período pra manter as pessoas aqui ou pra fazer com que as pessoas que tivessem aqui pudessem manter né, ter como sobreviver?

E10\_ADM: Na verdade foi, foi, porque depois que veio né a Mina Tucano né. A Anglo na época né.

E11\_ADM: Quando a empresa paralisou eu fui, eu fui um dos últimos a sair da empresa.

E10\_ADM: Tu foi funcionário também da empresa né?

E11\_ADM: Fui. Eu fui um dos últimos a sair da empresa eu passei quase que por todos os setores. Hoje eu tô com cinquenta e quatro anos, as vezes as pessoas não gostam de falar da idade mas eu falo, eu gosto de falar a minha idade eu tô com cinquenta e quatro anos. Então o que aconteceu, eles tinham o setor da empresa, se instalou depois da saída da empresa da ICOMI até a paralisação total, se instalou um setor chamado IRDA certo? O IRDA ficou pra administra a saída dos funcionário, aqueles que tavam saindo e queriam ir embora.

Como ficou? Ela deixou o trem, na época o trem ainda tava rodando, deixou o trem pra fazer esse, essa mudança das pessoas. Tinha um setor chamado almoxarifado que era onde tinha os caminhões e os funcionários que ficou pra tirar a mudança, organizar e mudar todo mundo que queria sair da Serra. Então na rua que eu moro hoje só ficou duas pessoas lá, entendeu? Só ficou dois funcionários, duas pessoas lá. Na rua da casa do meu pai, é ficou cinco pessoas, essas cinco pessoas estão até hoje que são os antigos que moraram na empresa junto com o meu pai e que saíram, quando paralisou eles continuaram aqui porquê? Porque a gente tinha terreno aqui os mais próximos, entendeu? Foi a família do Arão, cinésio, cinei, o chuva, o meu pai e o seu Bené.

E10\_ADM: A família do Farias também.

E11\_ADM: Cinco pessoas, cinco famílias, então se olhava não tinha ninguém assim na área, na sede porque hoje o que é a sede do município tava sem ninguém. Então foi assim a trajetória, logo em seguida o IRDA foi organizando e aí veio é, deu um decreto, um decreto na época do comandante Barcellos que era o governador do estado do Amapá no projeto do, no projeto do deputado estadual é Favacho é! O deputado Favacho que criou o projeto pra criar os dois municípios na época Pedra Branca do e Serra do Navio, Água Branca do Amapari que hoje é Serra do Navio e Pedra Branca do Amapari que é Pedra Branca. Só que aqui houve uma votação no prefeito atual que ganhou a eleição que foi o prefeito Zé Maria, o primeiro prefeito de Serra do Navio e mudou o nome e mudou a sede também. Porque a sede do município na época era a colônia de água branca. Era Água Branca do Amapari, aí mudou a sede de lá pra Serra do Navio e aqui a onde tá, onde nós estamos aqui. Aqui é a prefeitura desde de o início onde se instalou a prefeitura de Serra do Navio. Entendeu? É o início que começou, aqui o prefeito fez o atendimento, na época o prefeito Zé Maria, de baixo daquela mangueira que tem bem ali. Ele colocou uma mesa entendeu? E colocou umas cadeiras e de lá ele começou a fazer atendimento depois da eleição.

E10\_ADM: Na verdade esses prédios era tudo da ICOMI, aqui era o que? Aqui era a Administração de Vilas.

E11\_ADM: Aqui era que administrava todo o setor administrativo.

Pesquisadora: Tinha uma vídeo locadora aqui na frente, isso bem, uma vídeo locadora.

E11\_ADM: É ali embaixo. Aí se instalou aqui na administração de Vilas, administrava só a parte das vilas residência, entendeu? Hospital essas coisas eram tudo aqui. Entendeu? Aí aqui ele fez atendimento até o IRDA na época o Doutor Fernando de Moraes, que já é falecido e o Doutor Ortiz que mora na Vila Amazonas ali do lado do Menos Dois ali, são vizinho ali. Aí ele organizou e cedeu esse prédio pra ser a prefeitura entendeu? E até fez a doação de algumas cadeira que na época a ICOMI tinha bastante essa móvel e aí começou a trajetória o caminho pra o município de Serra do Navio realmente ser o município. Então é isso o que nós temos de Serra e hoje nós estamos trabalhando a estrutura de Serra pra permanecer.

E10\_ADM: A questão do, a questão do turismo ele tem o secretário de, ele tem zelado muito pelos pontos turísticos. Limpeza, manter sempre limpinho entendeu? Quando chega domingo na segunda feira ele chega passando em todos os pontos turísticos e aí as pessoas não se conscientizam, entendeu? Olha essa, nossa ele bate as foto e mostra pra mim e eu fico triste é latinha de cerveja, é saco plástico, é lanche é tudo jogado. Aí lá vai ele com toda a equipe pra limpar, as pessoas parecem que não se conscientizam sabe? Aí é complicado, a gente fica triste, porque né! Tão bonito os nossos pontos turísticos e o (nome do E10-ST) tem se esforçado tanto né! Vocês já foram na lagoa azul?

Pesquisadores: Ainda não.

E11\_ADM: Nós tamos trabalhando hoje com a secretaria de turismo e as demais secretaria, nós tamo trabalhando assim como o que a gente tem.

E10\_ADM: É

E11\_ADM: Porque a arrecadação nossa é muito pouquinha. Não dá dizer, “ó eu vou fazer ali uma, uma, um deck bonito”, a gente não tem o recurso, a gente tá trabalhando num projeto através do governo federal.

E10\_ADM: Eu fui a Brasília semana passada pra nós é (palavra não compreendida) recurso.

E11\_ADM: Pra gente recuperar devagarinho e trabalhar o turismo porque eu vejo assim, a gente tem uma esperança no futuro do retorno mineral, porque há muito minério em Serra, há mesmo. Se vocês forem andando vocês vão observar as pedras grande, aquilo aí é manganês. Elas tão encima da terra ainda muito, tem bastante manganês porquê? Por que a empresa na época ela tirou só o forte, só o grosso entendeu? Aquele que dava sessenta e oito. Eu trabalhei na área de mina, eu trabalhei na área de laboratório, então ela tirava o teor sessenta e oito, aquele abaixo de quarenta e oito ela descartava, ela não queria. Ela queria só o minério que tava bom. Então, aí aqui ficou bastante minério, ficou bastante reserva de minério. Logo aqui do outro lado, aquele outro lado da mata que tem a estrada principal aqui ali é uma reserva de minério, vocês vão ver ali é as pedras, entendeu de manganês tudo? E hoje, esse teor desse minério tá valendo no mercado, o mercado tá comprando entendeu? Nós estamos com um procedimento, né prefeita! Nós tamos com procedimento de uma empresa que futuramente dependendo de tirar esse manganês daí que tem que chamam rejeito, entendeu? Do manganês.

Pesquisador: E essa história de que vão trazer de volta a estrada de ferro?

E10\_ADM : pois é nós tava, inclusive eu tava até vendo um vídeo ainda agora aqui do ministro né! Até botei lá, sê viu lá?

E11\_ADM: Aham.

E10\_ADM: E aí eles tão tentando né, com essa nova empresa que tá pra retomada do minério de ferro, eles tão tentando é retomar com a estrada de ferro não é? Com a rodovia só que o recurso ele tá em torno de duzentos e vinte milhões pra retomada da, da, da estrada de ferro né! Já não tem a maioria tá sem e se vocês forem ver ali perto de Santana, já tem casa encima do trilho, já não tem nem mais trilho, entendeu?

Pesquisador: Já roubaram os trilho tudinho.

E10\_ADM: Já roubaram tudo, os ferro, tudo tudo tudo. Aí vai ser uma boa, uma mega дума estrutura pra retomar né! Mas a tendência é essa, é retomar e aí nossa! Nós andamos muito de trem, maravilhoso! Muita história, muita história.

Pesquisador: Esse era o passeio turístico que tinha era fazer essa viagem de trem né!

E10\_ADM: Olha eu me lembro, nós tínhamos as nossas atrações aqui tradicionais né! Que era a festa da da mina em dezembro.

E11\_ADM: O baile das flores.

E10\_ADM: O baile das flores era em julho. Ah vocês sabe, já contaram pra vocês.

Pesquisador: Não eu vinha aqui já no baile das flores.

E10\_ADM: Ah sim, sim, sim você é serrano né?

Pesquisador: Eu não nasci na serra mas quando eu vim pra cá eu era bebezinho.

E10\_ADM: Ah tá! Pois é, aí nós tínhamos. A sim o Havaí o baile do Havaí. O baile do Havaí era feito ao redor da piscina, eu me lembro. Aí nós tínhamos o baile das flores que era em julho e o baile da mina que era no final do ano.

Pesquisador: Tinha o festival do Cupuaçu né?

E10\_ADM: O festival do Cupuaçu já veio agora né, depois que virou município né? Que já virou tradição também, mas também já é uma tradição o festival do cupuaçu em Serra do Navio.

E11\_ADM: É uma lei municipal na época o primeiro, o segundo prefeito

E10\_ADM: Segundo prefeito, foi do Jaburu? Foi?

E11\_ADM: Foi do Jaburu, foi, já falecido, operador de mina conhecido. Assim eu falo assim de família porque eu considero como família nós que somos, a gente veio da era ICOMI, eu considero tudo como família. Então eu conheço muita gente do estado do Amapá, muita gente de fora ali, Menos Dois, (nome não compreendido), Manolo, aquele pessoal todo. O meu pai é o (nome do pai).

E10\_ADM: Olha em dezembro agora vai ter o, vai ter? O encontro?

E11\_ADM: Não, eles cancelaram, o encontro dos serranos foi cancelado. O meu pai é o (nome do pai), ele tá vivo. É o cara que conhece as história de Serra do Navio como a palma da mão, sabe por que? Porque ele trabalhou aqui na administração de vila com o James, é finado Florisberto, Asa aberta entendeu?

E10\_ADM: Eita! Tem que levar eles já pro Jaime!

E11\_ADM: Todo esse pessoal. Menos Dois são amigão, menos dois, o Manolo, é já falecido também, o seu Jerônimo finado Jerônimo, Coronel! Então o meu pai trabalhou na administração de Vilas, ele era o encarrado chefe geral de cuidar dos apartamentos. Troca de lençol, troca de coisa, o meu pai era o encarregado dessa área todinha e aí trabalhavam nesse entorno Serra do Navio e Santana.

E10\_ADM: Dá época mesmo nós temos o Beira Rio, o Toinho e o James. São as três pessoas assim bem antigas que eu acho que vocês deveria, vocês deveriam ouvir ele. Eles sabem muito, muito, muito mais do que eu né?

E11\_ADM: Isso e o que acontece, a história eu trabalhei, eu trabalhei aqui na administração de Vilas o seu Florisberto, o Rosa, não sei se vocês ouviram falar do seu Rosa, são tudo um grupo. Eu chamo família, são tudo família. Hoje, hoje, alguns uns falecidos, já falecerem né! Já receberam o título de cidadão serrano o seu Florisberto veio aqui receber na época em que ele foi vereador. (Palavra não compreendida) o meu pai foi vereador aqui, um dos primeiro vereador, teve três mandato e em seguida eu vim, tive três mandatos. Saí agora tô como primeiro suplente. Então, a nossa história de Serra do Navio ela é linda, ela busca toda essa família em si entendeu? Em Santana hoje se colocou o finado o Ceará cachorro — sabe eu acho que você já ouviu falar — O Kléber que trabalhava na Vila Amazonas ali o vereador Rato, entendeu? Serra do Navio a gente brincava de bola junto, a gente trabalhou tudo. Pra essa idade, eu falo assim que o tempo passa muito rápido, mas eu sou novo eu sou de idade, eu sou um pouco emocionado, mas eu sou novo porque eu sou um cara ativo entendeu? Um cara que tá ali tal (palavra não compreendida). Então é isso que nós temos de Serra.

Pesquisadora: O que eu queria também saber de vocês né! Agora partindo mais de uma questão de gestão. O que tá acontecendo agora nesse momento assim a respeito da preservação do patrimônio da cidade, da recuperação, dessas coisas que acabaram se deteriorando com o passar do tempo pela? Gostaria de saber o que acontece ou se tem algum planejamento.

E11\_ADM: Tá. O que aconteceu quando a empresa ICOMI saiu ela passou pro governo do estado. O governo do estado devolveu pra ICOMI, a ICOMI passou pra União, a União devolveu pro estado, o estado devolveu pra empresa. Se ficou nessa, eu vou chamar a palavra de briga, ficou nessa briga. Na época o governador era o Capiberibe, o governador Capiberibe, então na época ele não recebeu o patrimônio da empresa, certo? Então o que

que aconteceu, se ficou uma discussão de quem era o dono, então no momento ninguém era o dono. A empresa foi embora, a comunidade e as famílias que ficaram aqui foram cuidando como tinha que cuidar, até certo ponto e de lá, é cuidando das suas casas, cuidando da rua, roçando ali, roçando ali, certo? E se ficou nessa discussão, mesmo o município sendo passando a ser o município né! O primeiro prefeito foi o Zé Maria, entendeu? Ele não teve o poder de administrar o patrimônio, vocês entendeu? Por que ele não tinha o poder de administrar o patrimônio? O município através do prefeito, porquê? Por que o patrimônio não era do município. Ficou numa briga, estado, governo federal, governo do estado e município. O município querendo receber, querendo o patrimônio pra cuidar, o estado não. Logo em seguida veio uma empresa chamada Alto Tocantins tá! A Alto Tocantins comprou o grupo Caemi que é a empresa ICOMI por um real e agregou todo o proc (...), toda a, a logística que a ICOMI tinha na época. Se vocês forem — na época vocês tivessem conhecido, acho que a gente ainda tem algumas fotos — você chegasse na área industrial o almoxarifado ainda tava do chão ao teto de motor novo, patrimônio. A ICOMI deixou um patrimônio, é que vocês assim não tem nem como calcular no momento, entendeu? Assim trator, tudo funcionando, tudo! Caminhão, aqueles sete meia nozes grande tudo funcionando, entendeu?

Então a Alto Tocantins teve o poder judicial de, de (...), de pela compra certo? Comprou e ela tinha o poder, o município não teve de administrar de querer para si, a empresa na época comprou e aí como ela comprou, ela retirou através da Alto Tocantins a ICOMI entendeu? Ela retirou o que a empresa o que a ICOMI deixou de patrimônio, ela corou lá a Marion, ela cortou os trator ela, ela levou os caminhões, ela vendeu as perfuratiz, ela levou tudo o que tinha. Passava aqui, tudo o que tinha valor, passava aqui, eu trabalhava nessa época (...). Eu tava ali, eu trabalhava no ministério público, o prédio do ministério público é ali na BC2, então eu trabalhava no plantão a noite e você via passar de dez, quinze carreta levando os maquinário tudo cortando, tudo como sucata, foi vendido tudo como sucata. Descendo, descendo, descendo, descendo e aí o estado resolveu intervir através da procuradoria geral, do procurador geral do estado, um senhor chamado Meireles, já faleceu né? O Meré. Aí o Meré desceu aqui por (palavra não compreendida) helicóptero e tal! Saiu imprensando todo mundo, arrancando todo mundo de dentro dos apartamentos lá no hotel, lá encima, e o prefeito em si na época não tinha poder de tomar conta da situação porque ele não tinha é (...). Hoje Serra do Navio o município como seja do município de em si entendeu? Tipo assim, o prefeito ele tava num momento, é no local que não era dele, se entendeu? Por que a Alto Tocantins tomou conta e o governo do estado também logo em seguida. Aí cortaram, cortaram lá aqueles motorzão elétrico que tinha, tiraram o que tinha, foram levando tudo, entendeu?

Pesquisadora: E a questão da cidade assim, porque o meu trabalho é mais sobre a questão da arquitetura e do urbanismo né! Eu perguntou assim na questão da infraestrutura da cidade, então nesse sentido.

E11\_ADM: Tô entendendo. Então o que foi que aconteceu, aí o que aconteceu, abandonou entendeu? Com esse, com essa situação da empresa aí foi abandonado os patrimônio. Foi abandonado o hotel, foi abandonado o MEC, foi abandonado a área industrial, foi abandonada a estação. O que ficou, o que tá em pé ainda, foi onde as famílias cuidaram do patrimônio, a senhora tá entendendo? O centro aqui, alguns, alguns comerciante cuidaram, mas aí nós tivemos um impacto muito grande, foi de caí pra trás, o IPHAN.

Pesquisadora: A sim, essa era a minha segunda pergunta, como é que foi esse processo aí.

E11\_ADM: Tá! Aí veio o IPHAN, logo em seguida, depois já na gestão passando do Zé Maria, aí veio a administração da prefeita Francimar entendeu? A prefeita Francimar entendeu? Aí o IPHAN entrou. Aí não sei como foi que aconteceu, as noite pro dia apresentaram a documentação que tinha sido tombado, o patrimônio histórico da união né! Serra do Navio, mas tombado como? Se já não tinha nada, se já tava tudo destruído? As casa já não tinham porta, já não tinham telhado né! Por que os pessoal começaram a tirar porque os pessoal não tavam morando.

Pesquisadora: Não houve nenhuma reunião do IPHAN com a comunidade, a comunidade não se manifestou a respeito se era a favor ou contra o tombamento?

E11\_ADM: Não. O IPHAN chegou com a prefeita atual na época, reuniu com o secretariado, entendeu? A gente viu uma foto, eu ainda tenho inclusive essa foto deles assinando o tombamento em Bra(...), foi no Rio de Janeiro até, dia dezessete de dois uma coisa assim.

Pesquisadora: Acho que foi em abril.

E11\_ADM: Lá na associação do grupo Caemi porque o grupo Caemi tem uma associação dos antigos da empresa, ainda há uma associação é do grupo Caemi. Foi lá no escritório no Rio de Janeiro que assinaram, chegaram aqui apresentaram, porque na época eu participei de uma reunião na câmara que tinha doze milhões de reais pra ser investido, que o IPHAN ia investir doze milhões na estrutura de Serra do Navio, porque naquela época já tava praticamente assim, oitenta por cento é destruído. É porquê? Por que é já tava caindo os telhados de alguns prédios porque o cupim tava comendo tudo a madeira, tinha um vazamento (...). Essa estrutura, essa estrutura das casa a madeira, elas são todas de cedro, elas não podem pegar água entendeu? Se ela pegar água em seis meses, um ano, não presta mais ela fica totalmente fraca e oca. Entendeu? Uma madeira chamada cedro. Então o que aconteceu, então o cupim já entrava, o cupim ia comendo ali, comendo ali, então as pessoas só cuidavam do patrimônio naquelas residências que elas tavam. Como o meu pai, o meu pai cuidou da residência que ele tava, o pai dela cuidou da residência que ele tava, que tá até hoje o meu pai mora até hoje na mesma casa, ela na mesma casa. Então foi assim, o resto do patrimônio foi largado, porquê? Por que no momento o IPHAN entrou e o IPHAN entrou igual uma ditadura em Serra do Navio, entendeu? Vocês entenderam? O IPHAN não fez, não levou pra comunidade na época que poderia, que apresentava um projeto de revisão, um projeto de manter o patrimônio, um projeto pra manter a cultura, um projeto pra manter, não. O IPHAN chegou bateu de frente com a comunidade, entendeu? Com os moradores que tavam, entendeu? E o que aconteceu? Os moradores se recuaram, não fizeram mais nada de reparo de melhoramento no seu patrimônio, certo? E o IPHAN também não fez e hoje nós estamos sofrendo um problema que o IPHAN deixou pra nós e continua o mesmo problema, porquê? Por que eu não posso fazer um melhoramento no meu telhado se eu tenho que apresentar um projetozinho pro IPHAN e tenho que ter um parecer, uma autorização do IPHAN, entendeu? Então hoje o município é o seguinte, ele tá aqui, nós tamo aqui com a nossa prefeita, mas ela não pode chegar e autorizar a construção da subida de um prédio. Ela não pode chegar aqui e dizer que ela quer construir. Ela não pode, ela tá com um projeto aqui, um projeto pra construir o prédio do CRAS, mas ela depende o IPHAN uma autorização pra liberar.

E10\_ADM: Pra libera o espaço, a área.

E11\_ADM: O espaço entendeu? E você sabe como é que eu

Pesquisadora: Existe alguma secretaria aqui na prefeitura que trabalharia com essa parte de fazer esse intercâmbio com o IPHAN?

E10\_ADM: É o próprio gabinete que trata, a gente trata diretamente com eles né, com o IPHAN, com o turismo.

E11\_ADM: É então a gente tem dificuldades, nós perde as nossas emendas parlamentar pras nossas estrutura de SN porque, porque olha! Eu tenho que ter um ou dois engenheiro, por exemplo, a secretaria de turismo tem que ter um ou dois engenheiro pra elaborar um projeto, uns dizeresinhos e ir pro IPHAN. Aí eu vou esperar quantos meses se as minhas emendas que vem. Tipo assim, o setor do turismo, eu tenho os prazo pra acessar porque se não eu perco porque é via caixa econômica, é via banco do Brasil. Então o que que acontece.

Pesquisadora: Sim teria que ter uma equipe técnica que formada.

E11\_ADM: Não. A gente tem! O problema é o IPHAN entendeu? O problema é o IPHAN, entendeu?

Pesquisadora: Tem então uma secretaria que tem todos esses funcionários, arquiteto, engenheiros?

E11\_ADM: Não, nós temos, o município tem, o gabinete tem. Mas o parecer do IPHAN leva anos!

Pesquisadora: A é?

E11\_ADM: E sempre é um não, a senhora entendeu? Então por isso, cada dia que passa, não é culpa da câmara de vereadores, não é culpa da prefeita do gabinete, não é culpa de querer fazer. A gente quer fazer, o problema é que o IPHAN em certo ponto não faz, não deixa fazer, entendeu? E é isso, que tá o município, não é culpa do prefeito dizer, o prefeito falou, ó o prefeito não não, não é. Nós temos uma dificuldade

Pesquisadora: Agora não tá acontecendo nenhuma parceria entre a prefeitura e IPHAN?

E11\_ADM: Não, tem a parceria. Não, tem uma parceria agora.

E10\_ADM: Não, agora o novo superintendente do IPHAN

E11\_ADM: É mudou o superintendente

E10\_ADM: Como é o nome dele? É o Aroldo né!

E10\_ADM: O Aroldo que foi funcionário da empresa.

E10\_ADM: Ele é bem flexível, é uma pessoa boa.

E11\_ADM: Entendeu?

E10\_ADM: Antigamente quando chegavam aqui ninguém queria olhar ele, ninguém queria olhar o superintendente.

E10\_ADM: A Patrícia na época, o nome dela era Patrícia superintendente, porque ela amarrou o que tinha que amarra, como ela era moradora de Brasília ela não conhecia a realidade de Serra do Navio. Então você, qualquer tipo de projeto que tem que ser feito, tem que ser feito dentro da realidade do local que é. Eu não posso fazer um projeto lá em Brasília porque quem conhece Brasília já foi lá, é um prédio lá em Brasília daquele jeito tem que se manter, mas lá! Entendeu? É lá e aqui como é que nós temos, nosso clima aqui é frio, nosso clima aqui é vento, nós tem a umidade muito forte, nós temos aqui muitos insetos, entendeu? É aí a metade dos insetos quer destruir, é cupim é um negócio ali, entendeu? Então o que aconteceu hoje, o que que tá acontecendo hoje? Serra do Navio tá nesse, tá nesse caminho não por culpa da, do prefeito que passaram e do atual, não é! Entendeu? É um impasse com o IPHAN. O IPHAN que criou isso e é por isso que serra do Navio ficou desse jeito e agora pra se recuperar, é muito dinheiro.

E10\_ADM: É

E11\_ADM: É muito dinheiro!

E10\_ADM: Olha é assim, eu digo eu sempre falo pro (nome do E10\_ST), converso muito e digo, "Não (nome do E10\_ST) eu sei que é quase impossível a gente retornar ao que era antes né! Mas a gente pode pelo menos tentar manter a cidade limpa, a cidade arrumadinha, não deixar bagunçar, não deixar né! É mudar né. Tem a portelinha pra ali não sei se vocês já viram? Não tinha antes, mas é (...), na época a gente não podia nem pisar na grama! A gente era multado na época, lembra né?

Pesquisador: (risos) lembro.

E10\_ADM: Não pise na grama, tava uma placa. Os guardas eles não, porque assim, os bairros elas são divididas em primária, intermediária e STAFF né! E aí o povo da primária não podia subir pro STAFF, do STAFF não podia vir pra cá e assim né? E não podia tá nos bairros e eu me lembro que quando a gente subia ali pro STAFF tinha o seu Duval — o seu Duval é vivo ainda né?— o seu Duval era o segurança, o vigilante ele ficava bem na entrada assim, não deixava a gente passar pra lá. E a gente gostava de jogar bola e não podia jogar bola na grama (risos), se não o segurança chegava encima, era, tudo (...). Tinha horário era dez hora da noite a gente tinha já que se recolher, não podia tá ninguém na rua, não era (nome do E10\_ST)? Dez hora da noite já passava o pessoal apitando e recolhendo quem é de menos na rua, era uma coisa bem assim legal sabe, coisa de primeiro mundo mesmo era muito bacana. O nosso hospital hoje, é até bom você ir lá visitar o hospital, o nosso hospital ele era hospital de primeiro mundo, vinha gente de Macapá, Santana de todos os município do operar aqui.

Pesquisador: Acho que a gente vai hoje de tarde lá.

E10\_ADM: É vão lá! O nosso hospital os médicos eram de fora né! Todos da (...). A escola que hoje é HG antes era SNAVE, Escola de Serra do Navio né! Era SNAVE. A (...), os professores eram todos daí de fora também, não eram daqui de Macapá do estado, não eram tudo de fora os nossos professores, a ICOMI trazia tudo de fora. E a escola só estudava os filhos dos funcionários da ICOMI, só era nós que estudavam na escola. Era muito assim bacana assim, nunca, pra ti te uma, pra ti te uma (...), eu também não sei se a Vale é assim né? A vale lá?

E11\_ADM: É acho que, não sei também como é que é.

E10\_ADM: Lá da, como é? Lá em Carajás né? Não sei se vocês já ouviram falar dessa empresa?

Pesquisadores: Já, já.

E10\_ADM: O pessoal dizem que ela é quase, que ela é parecida com a ICOMI né?

Pesquisador: Tinha Monte Dourado também que o pessoal achava que era parecido.

E10\_ADM: Monte Dourado! É pare (...), tem uma empresa lá né? E assim, agora aqui mesmo no Amapá eu nunca vi uma empresa igual a essa, igual a ICOMI assim eu nunca vi. Pra ti ter uma ideia quando chegava eles ia buscar os alunos, os filhos em casa no carro da saúde pra ir, da da ICOMI pra ir fazer o exame, era uma coisa assim, uma coisa assim, maravilhoso assim. Muito bom mesmo! Tanto o tanto o próprio funcionário quando os filhos e a família do funcionário, eles eram muito bem cuidados, olha! Muito bem cuidados, mesmo. Era uma coisa assim maravilhoso assim, a nossa infância assim em Serra do Navio foi muito bom, muito bom mesmo e hoje a gente vê assim as famílias que na época a gente vê, bem formados, pessoas do bem né! Na época assim a gente cresceu com muitas pessoas e hoje a gente, a gente revê esses nossos amigos e passa muito tempo sem vê. “Ah (nome da entrevistada E10\_VP) tu ainda tá na Serra, agora é vice prefeita, depois tu é prefeita, tu não vai largar Serra do Navio?” (risosr)

Pesquisadora: O que eu queria saber também, vocês já enumeraram algumas coisas, mas se quiser complementar né! Quais são os principais desafios que vocês enfrentam pra fazer essa manutenção, pra consegui manter isso que vocês dizem assim, o que precisaria pra melhorar essas questões? Da infraestrutura da cidade e tudo mais.

E10\_ADM: A pavimentação precisa muito a pavimentação da cidade né! É a estrutura mesmo entendeu? O que mais que é importante (nome do E10\_ST)? Ah sim o saneamento básico, a água! A água nós estamos com um problema sérrimo de água no município, essa, essa encanação ela é muito antiga. Muito antiga! Agora recente, eu acho que vocês chegaram na sexta, acho que foi na quinta ou na quarta não foi? Ele vai te explicar aí, uma situação acho que? Uns quinze dias com esse problema de agua (nome do E10\_ST)?

E11\_ADM: Acho que foi uns quatorze, nós fiamos quatorze dias sem água, o sistema que nós tamos utilizando hoje no momento ele é administrado pela CAESA né! Do estado, mas o município ele entra com uma parte praticamente, vamos dizer assim, cem por cento de apoio pra manter a estrutura. Há rompimento quase toda a semana da tubulação principal porque é muito antiga essa tubulação e você não pode é fazer abertura do sistema de água que é a caixa d'água de reserva, você não pode abrir. Tem um (palavra não compreendida), uma abertura pra poder, por que se você abrir um pouquinho mais rompe os tubos. Então nós tivemos aí quatorze dias com esse problema aí de rompimento de tubo.

E10\_ADM: Nossa foi um desespero!

E11\_ADM: É um sistema muito antigo, entendeu? A gente precisa, como falou, é um dinheiro, precisa ter um recurso muito alto pra recuperar.

E10\_ADM: Muito alto! É de vinte milhões!

E11\_ADM: O sistema hidráulico, o sistema de água nosso né! Outra situação nossa, o sistema de esgoto também né! Muito antigo entendeu? Por que a gente utiliza o que a ICOMI deixou. Então é tudo isso! São essas as dificuldades que hoje o município tem e que nós moradores de Serra do Navio, nós temos. Nós temos um problema sério com a parte de água tá! O sistema nosso é antigo do tempo da ICOMI, que a ICOMI contruiu, deixou. Nós temos a parte do esgoto também, nós temos o sistema, a nossa dificuldade também que é a nossa energia, hoje você vai ver um pouco a energia, é escura a cidade, mas recentemente foi feito um trabalho, um projeto pra trocar todas as luminária. Foi colocado tudo de LED ficou linda a cidade, mas nós tivemos um problema logo em seguida, a oscilação de energia.

Pesquisador: Ficou fraquinho né?

E11\_ADM: Isso mesmo a oscilação de energia, então aí elas já estão com defeito, se você vê elas já estão com defeito as luminárias LED. Então porquê? Porque a gente não tem uma energia estável aqui entendeu? Nós temos uma dificuldade muito grande com energia aqui, é a gente tem muito, muito prejuízo. Muitos dizem, “olha perdi o freezer” porque a energia faz isso caí, entendeu? Aí quando vem assim além do que tem que ser entendeu aí pá! Tranca o motor, queima o motor. Então a gente tem um dificuldade muito grande, então hoje, hoje né! Nossa prefeita, o nosso, a nossa dificuldade aqui é trazer o asfaltamento pra cá pra nosso sede.

E10\_ADM: Água.

E11\_ADM: A água, parte de esgoto e a energia.

Pesquisadora: Seriam as prioridades né?

E11\_ADM: É! Se a gente conseguisse matar pelo menos três dessas aí asfaltamento e melhorar a água, até que energia a gente coloca um refletor ali e vai ajeitando, entendeu? Mas é essa parte principal é asfalto principal, a água, entendeu? Se a gente conseguisse matar esse dois, conseguisse resolver a situação desses dois a gente assim a gente viveria bem mais social, a gente fala em paz entendeu? Assim mais em paz e menos preocupado porque se você for ver, você vai ver do jeito que eu tô entrando num carro de Macapá aqui, uma picape, um caminhão, tá vindo duas três caixa d'água. Daí o vizinho, “não eu tenho o meu carro eu vou compra”, compra eu vou compra lá e então todo mundo tá com as suas três

Pesquisadores: Todo mundo tem várias caixas d'água né? Eu reparei nisso.

E11\_ADM: Isso! Uma encima e várias embaixo e então é essa a dificuldade porque, porque, olha! Nós tivemos quatorze dias. Mas a gente já ficou aqui quase meses sem água, entendeu? Por que a nossa bomba ainda é aquela antiga da empresa, que a ICOMI deixou, sistema antigo, sistema americano e você não consegue peça. Foi como ela falou aqui, a gente agradece muito assim todos os dias a Deus por ainda tá a empresa a Mina Tucano que tem

nos ajudado nessa parte inclusive agora até doou rolamento pra nós que tinha quebrado, então são essas dificuldade doutora viu! Que a gente tem em Serra. Quase todo município tem uma dificuldade né?

Pesquisadora: Sim.

E11\_ADM: Mas a gente tem essa parte que deixa a gente assim, tira um pouco o sono nosso são esses itens aí. O resto graças a Deus a gente á levando.

Pesquisadora: E agora partindo pra essa parte né! Porque eu soube através de estudos que eu fiz, que tava acontecendo a regularização fundiária na cidade né? Que teve uma parceria entre prefeitura, Universidade Federal do Pará (...). Como foi esse processo?

E11\_ADM: O processo ele ocorreu aí, ele vem já há uns cinco anos atrás tá! Ainda continua trabalhando essa parte aí da regularização das terras. Essas terras elas pertencem à União, entendeu? E agora tá se trabalhando já passou uma parte né?

E10\_ADM: Qual?

E11\_ADM: Nossas terra, já se passou uma parte, uma parceria com o IPHAN, com o IPHAN entendeu? Junto, o IPHAN, o município e a Universidade, o IPHAN contratou a Universidade pra fazer esse trabalho pra regularização das terras nossas que são ainda do governo federal! Até o Estado hoje ainda não tem as suas próprias terras, ainda tá nessa transição ainda aí, que agora recentemente ia ser definitivamente mas aí segurou, eu não o que houve que o Governo Federal tem que dar a lapizerada lá e a gente tem uma parte, entendeu? Mas a gente depende muito ainda do dono da cidade, área de expansão porque o seguinte, Serra do Navio ela não foi tombada só a sede. Ela foi tombada o município todo, se você chegar lá no Cicurijú você for puxar no seu mapa e ver no sistema, lá tá lá o IPHAN. Se você quiser uma regularização de terra que seja oficial depende do IPHAN, entendeu? Se você quiser colocar uma mineradora, uma serraria, abertura de uma área de garimpo, depende da autorização do IPHAN, porque a área toda é do IPHAN entendeu?

Pesquisadora: E assim a gente sabe também que quando, quando se tomba uma cidade né que foi em dois mil e dez se não me engano, é a cidade ela precisa de um Plano Diretor né! E existe? Como é que está essa questão?

E11\_ADM: Ele tá sendo trabalhado o Plano Diretor da cidade, uma parceria com o IPHAN, mas foi aquilo que eu falei pra senhora

Pesquisadora: Mas aí a parceria é da prefeitura, do IPHAN e quem mais?

E11\_ADM: Ainda continua a prefeitura, parceria da prefeitura e IPHAN.

Pesquisadora: É uma parceria desde daquele período?

E11\_ADM: É dêz daquele período, só que naquele período foi uma parceria distante, agora não. Agora com a com o novo superintendente do IPHAN que é o senhor Aroldo, foi funcionário da empresa trabalhou na época, a gente estudou um pouco história dele, ele trabalhou numa área chamada Almoxarifado. Então ele tem um carinho por Serra do Navio e hoje ele, tipo assim abriu as portas da superintendia do Amapá pro município de Serra do Navio poder trabalhar e agora a gente ta conseguindo andar um pouco mais, mais rápido, entendeu? Então é isso aí essa parte de parceria agora muito breve, acho que já se finaliza também essa, já recebemo também uma parte dessa terra já é nossa entendeu? Já é do município o entorno, mas tão ainda trabalhando as outras ainda. Ainda falta uma parte. Entendeu?

Pesquisadora: Entendi e aí vocês tão trabalhando hoje em dia com eles pra resolver essas questões porque uma coisa complementa a outra né!

E11\_ADM: É isso aí, na realidade, essa parte já se retiraram né, já finaliza(...), já com a Universidade lá, já terminou o contrato foi a um ano, a dois, a um ano atrás eu ainda tava na câmara ainda.

E10\_ADM: Eles tavam lá ainda.

E11\_ADM: Aí já terminou né! A primeira fase. Agora é que vem a segunda, mas a segunda até no momento nos nossos conhecimentos né perfeita? Tá tudo parado ainda né, entendeu?

Pesquisadora: E porque que tá parada?

E11\_ADM: Porque, porque é iniciativa do IPHAN entendeu? É o projeto.

Pesquisadora: Eles pararam?

E11\_ADM: Eles pararam assim a primeira fase já tá ok, agora vai vir a segunda, mas essa segunda a gente depende muito do governo do estado porque o governo do estado tem que repassa as terras definitivamente pro município. Dizer olha!

Pesquisadora: Isso ainda não aconteceu?

E11\_ADM: Não. Isso aqui é teu, porque nem o estado tem até hoje ainda

E10\_ADM: Ó nós estamos com recurso do estado pra reformar o hospital, mas o hospital ainda tá no nome da ICOMI ainda o hospital.

E11\_ADM: Ó não tô lhe falando! Então o que que acontece

E10\_ADM: Nós temos um milhão e meio lá na conta do estado, emenda da Leda Sadala

E11\_ADM: Foi.

E10\_ADM: Pra gente fazer a reforma só que tá como se fosse, tá unidade mista e ela tá como se fosse da ICOMI ainda. Entendeu?

E11\_ADM: É entendeu? Então a gente, a gente tem trabalhado demais é eu tipo assim, eu não gosto muito do papel né! EU sempre falo, mas uma coisa que eu não gosto é de papel, que eu gosto é que ele saia da mesa que ele saia daqui e vá pra ali, mas essa dificuldade nossa. A nossa dificuldade não tá no gestor, a dificuldade tá nos grande lá entendeu? Que precisam fazer esse isso o mais rápido possível, eu não sei até quando vai. Também é o jogo político né, futuramente o município, o estado vai receber as suas terras né! Definitivamente e repassar o que é do município. Tamo esperando um georeferencial que o governo federal pediu que o exército fizesse, ele fez começo do ano passado e dividiu o que é parque, o que é terra de índio que eu chamo o que é terra de índio, o que é parque o que é reserva, fizeram o geo todo e tamo esperando essa decisão do governo federal repassar esses, mandar pro município, mandar pro estado e mandar pro município também realmente o que é do estado e o que é do município porque são as terras federais que são as reservas, terra de índio, aquela coisa, os parques são federal dividir e dizer olha! Isso aqui é de vocês, tá aqui o documento, pode ir atrás de dinheiro, vocês entenderam?

Pesquisadores: Entendi.

E11\_ADM: Olha essas emenda aí tão parada a gente perde por causa disso.

E10\_ADM: É verdade!

Pesquisadora: E assim pra finalizar né, eu só queria pedir uma opinião pessoal de vocês né! Porque como o meu trabalho é sobre a questão de Serra do Navio como patrimônio, o que vocês acham disso assim, vocês concordam com a patrimonialização. Se sim, porque vocês acham que SN deveria ser, deve ser preservada ou se não, também por qual o motivo.

E10\_ADM: Eu na verdade, eu prefiro que ela seja preservada né até por, da forma como ela foi projetada porque se a gente, se a gente tentar não preservar vai descaracterizar a cidade. Uma historia né! Que se iniciou então eu por uma lado eu concordo por outro não da situação do IPHAN de vim por exemplo assim, o IPHAN ele embarga muita coisa mas em compensação ele não investe, entendeu? Ele só sabe, se você quiser manter a sua casa, se você quiser pintar, manter a pintura a reforma na sua casa, mas você (...). Aí vem o IPHAN e embarga mas ele tá embargando algo que você tá mantendo né, muitas vezes chegou a embargar né (nome de E10\_ST)?

E11\_ADM: Isso.

E10\_ADM: Muitas vezes chegou a embargar aqui né! Não pode fazer aqui, não pode fazer aquilo, nada pode! Então quer dizer que o prédio fica deteriorado e é muito antigo esses prédios, é muito antigo. Por exemplo, agora nós vamos, esse prédio aqui vai entrar e reforma aí a gente quer dar mais uma esticadinha. Aí não vamos poder fazer, vamos ter que ir no IPHAN, pedi autorização pra fazer a pintura, a reforma e tal entendeu? Olha o conselho tutelar, o conselho tutelar ele foi todo reformado, todo! Mas nós tivemos que fazer a reforma no padrão que era a ICOMI a gente não pode mudar nada! Nada, nada entendeu? Aqui nós vamos reformar a secretaria de meio ambiente também dentro do padrão, não pode também aumentar nada, trazer nada, quebrar nada nem(...) e quebrar é, é concreto né! É trabalho, é trabalho. Eu prefiro que mantenha sabe, a estrutura da da principalmente da Vila né, da Vila em si né! Principalmente da Vila em si aí a gente mantém.

E11\_ADM: Viu doutora é como falou aqui a nossa prefeita, a gente, a gente tem como diz assim, a gente é dês de pequeno né nessa Serra, a gente é a favor do patrimônio, que se preserve o patrimônio, é eu acho assim preservar, que se preservasse o patrimônio, mas que o IPHAN fizesse um investimento, que ele fosse mais rápido nas decisões de autorização pra gente não perder as nossas verbas, os recursos porque quando você consegue um deputado que consegue ele consegue loca pra você, você não pode ficar com o recurso no mínimo um ano

E10\_ADM: Se embargar lá

E11\_ADM: Dois anos, você não tem mais aquele recurso. Ele pega tira daqui e loca pra outro local, entendeu? Mas a gente é a favor do patrimônio, da preservação dessa parte, preservar as casas, os prédios tudo bonitinho. Com isso a gente ganha muito com o turismo, porque deixa eu lhe falar, hoje o turismo de SN lá atrás era bem menorzinho, ele tá dando mil por cento, nós tivemos agora, recentemente, cem pessoas em SN nesse final de semana. Fazendo o turismo em Serra, visitaram a Lagoa Azul, subiram e acamparam no mirante, desceram entendeu? Dois (palavras não compreendidas) em SN fazendo esse roteiro. Todo final de semana você tem aqui de fora duzentos, duzentos e cinquenta, cem pessoas no mínimo!

Pesquisadora: Tá crescendo então essa questão?

E11\_ADM: Crescendo e outra coisa a procuração de SN, a procura de fora São Paulo, Rio, Fortaleza, Belém, Recife, Rio de Janeiro, pras pessoas os alunos de doutorado pra finalizar os seus tccs é muito em Serra do Navio aqui, quase toda a semana tem um dois, três entendeu? Que procuram a Serra e que vem, então é isso sobre Serra do Navio a gente é a favor dessa parte aí, mas que o IPHAN fosse muito mais rápido no retorno do percurso de liberação entendeu? De autorização pra poder, pra liberar e dar autorização e que ajudasse com os projetos, muito simples. Demora muito! Muito muito!

Pesquisadora: Maravilha então eu vou finalizar a minha gravação aqui.

<b>IDENTIFICAÇÃO:</b> E12_TEC
-------------------------------

<b>Data da entrevista:</b> 17/02/2022		<b>Duração:</b> 56 min
<b>Gênero:</b>	<b>Idade:</b>	<b>Naturalidade:</b>

A pessoa entrevistada não autorizou a transcrição na íntegra do conteúdo. O registro foi realizado através de gravação e está armazenado pela autora. Apenas alguns trechos da entrevista se encontram no corpo do trabalho.

<b>IDENTIFICAÇÃO:</b> E13_TEC		
<b>Data da entrevista:</b> 10/03/2022		<b>Duração:</b> 1h
<b>Gênero:</b> M	<b>Idade:</b>	<b>Naturalidade:</b> Brasília
<b>Trabalho em SN:</b> Técnico do IPHAN superintendência do Amapá.		
<b>Período:</b> 2014 - atualmente		

Pesquisadora: Bom, então E13\_TEC, eu sempre começo perguntando assim, pedindo para tu falar um pouco do teu contexto né! De trabalho e a tua relação com a cidade de Serra do Navio.

E13\_TEC: Então vamos do princípio, é eu sou arquiteto e urbanista eu sou formado na Universidade Federal do Tocantins e entrei, ingressei no Iphan no concurso 2009 mas só vim assumir a vaga em 2013. Então eu falo isso, porque esse período 2009 até 2013, quatorze foi muito importante para Serra do Navio no que diz respeito à gestão do patrimônio cultural né, principalmente na atuação do Iphan. Por que é nesse meio período que o tombamento de fato acontece né e também claro, é o período das primeiras ações efetivas do Iphan em Serra do Navio. Então quando eu cheguei no Iphan. A gente tem um contexto bem caótico na relação, a população de Serra do Navio Serranos com o Iphan, por que quando o Iphan entrou em Serra do Navio foi criada uma expectativa gigantesca sobre o Iphan, porque a gente tem um, um contexto muito peculiar na Serra né! Como é uma Company Town, uma cidade companhia, é (...), a Icomi era pai, mãe, tio, e avô de todos os Serranos de quem morava lá. Então a Icomi ela provia todos os recursos de manutenção, de gestão, de cuidados com a cidade de Serra. A partir do momento que o manganês perdeu o seu valor no mercado a Icomi, dez anos antes do contrato, pediu retirada e saiu da operação do manganês em Serra do Navio. É (...), deixando o serrano sem pai, sem mãe, sem tio, sem avô e pra piorar a situação é (...), com a saída da Icomi, gerou uma briga judicial entre as esferas de governança. Então a gente tem uma disputa judicial entre União, estado e município para tomar conta do espólio que foi deixado pela Icomi né! Tanto dos bens imóveis né, das edificações da cidade e tudo mais, quanto do espólio industrial. Essa briga judicial ela foi terrível porque a cidade ficou uma cidade sem dono. Bom, e aí a gente tem um contexto de 10 anos, alias de 20 anos, dessa disputa né! Até que a gente consiga amenizar essa situação. Então, 20 anos se implantou o (...), o poder municipal que foi começar a gerir essa cidade, essa nova cidade né! Enquanto o governo do estado e a União passaram a não querer mais o espólio, porque começou a ficar sucateado. Então o que todo mundo queria antes no final ninguém queria mais, é(...) por conta da manutenção e assim por diante. Nesse meio período as pessoas, claro precisavam morar, habitar e foi, foram distribuídas as chaves para que algumas pessoas entrassem nas casas ou que continuassem nas casas onde elas estavam na época da saída da Icomi. Eu vou pedir só uma pausa para ti que eu vou atender a porta aqui e já volto tá!

Pesquisadora: Tranquilo, fica à vontade.

E13\_TEC: E13\_TEC: Então as pessoas começam a ocupar as casas é (...), só que num contexto de muita insegurança né! Então, a qualquer momento essa briga judicial poderia se resolver, elas poderiam ser despejadas. Então começou a criar um sentimento de abandono dessas pessoas, muito inseguras com suas casas. Elas não sabiam o que podia mexer, o que não podia. A cidade, a economia da cidade afundou porque a partir do momento em que se criou o município de Serra do Navio, também se criou o município de Pedra Branca. Então

toda, todo o polo industrial que estava concentrado na Vila de Serra foi todo para o município de Pedra Branca, então um monte dos recursos que eram utilizados, que poderiam ser gerados pro município se transferiu para o município de Pedra Branca. É(...), ainda no contexto em que o, era muito mais próximo da Vila de Serra do Navio do que de Pedra Branca a exploração mineral. Então a Vila Serra Navio ela era utilizada de fato pela mineração, para passagem dos trabalhadores para fazer dormir, só que todos os recursos iam para Pedra Branca do Amapari. Então SN virou uma cidade dormitório e o que que as pessoas começaram fazer, começaram a descaracterizar as casas pelo pelo fato delas se precisar de uma renda. Então elas começaram a criar vários cômodos das casas para alugar com os trabalhadores para eles.

Então a gente, o Iphan entra nesse contexto de uma acelerada descaracterização principalmente na Vila Operária, é numa economia muito fragilizada por conta dessa é desta criação do município de Pedra Branca do Amapari em detrimento do Município de Serra do Navio. A e aí em 2011 o Iphan pum! Tomba Serra do Navio. O tombamento ele foi, a gente diria que ele foi um pouco equivocado, eu não diria equivocado, eu diria que foi um pouco atabalhoado né! Se atropelou alguns processos que hoje se adotam no Iphan né, então é consulta popular, educação patrimonial, é... você vai se aproximando a comunidade vai explicando como é o processo, o que, que consiste o tombamento. Então esse processo ele não foi feito (...) a contento certo! Então quando Serra foi e tombada pelo Iphan, um órgão federal, as pessoas criaram super expectativa no Iphan. O Iphan vai chegar e vai ser a nova ICOMI, vai vim vai reformar as casas, vai deixar tudo bonitinho, vai ficar tudo lindo como era antigamente. Por que, enfim, o Iphan tem essa prerrogativa né! Ele ele cuida do patrimônio histórico. Então ele vai deixar o patrimônio como era antes, como era na história. É..., então o Iphan entrou com essa expectativa. Quando o Iphan começou a atuar reconhecidamente, interno do Iphan é..., a gente, (...) os nossos técnicos, a nossa gerência atuou de uma maneira é..., vamos dizer assim, equivocada também porquê? Ao invés da gente retomar o processo de educação patrimonial, de explicar o patrimônio, a atuação ela seguiu no caminho da fiscalização. Então vamos fiscalizar, atuar para educar e aí começaram os conflitos. Então, em vez daquele órgão que seria o nosso salvador ele tá sendo nosso carrasco porque estavam sendo autuação, tá ameaçando que vai multar por conta das descaracterizações das casas principalmente na Vila Operária. Então descaracterizou as casas autuava. Ao tempo que as pessoas não tinham renda para fazer as suas reformas e tudo mais, no meio da insegurança de serem despejados a qualquer momento.

Então o Iphan ele, ele inicia o processo de gestão do patrimônio dessa maneira que foi bem traumático. Quando eu cheguei 2013 essa situação já, já estava posta, era bem complicado inclusive e transitar em Serra do Navio as pessoas tinham muita muito ranço, muita, mágoa com o Iphan. Por contra da gente não não atendeu aquelas expectativas supervalorizadas pela própria população. Então o contexto que a gente entra é esse, então o Iphan passou a, a, a pensar novas medidas para abordagem da proteção do patrimônio em Serra do Navio. Que é o papel do Iphan, a gente não tem o papel de gerir o município, nem de gerar custo, economia, o papel principal do Iphan é a preservação do patrimônio e à promoção. A gente viu que não dava apenas para gente tratar de patrimônio porque SN tinha várias carências. Então o Iphan passou a adotar e modelo de gestão de auxílio a ao poder público municipal, para que ele pudesse gerir com várias ferramentas legais o seu próprio município né! Já que ele não conseguia, ele tava patinando nas próprias pernas né! Não tinha, não tinha as legislação (palavras não compreendidas), não conseguia fazer fiscalização, não sabia exatamente qualquer um papel dele dentro dessa gestão né. A, então o que que o Iphan fez, primeiro a gente tem que tratar dessa dessa insegurança da população com suas próprias casas, apesar delas não serem proprietárias, elas têm posse do imóvel né. Então se elas têm posse, elas tem um direito sobre esse imóvel e elas não consegue entender isso. Então a gente começou a, agente abriu um processo de regularização fundiária em Serra do Navio. Então eu acho que essa foi uma medida, o pulo do gato assim para a gente né. É porquê? Qual que era a ideia, a ideia era que a partir de uma regularização fundiária, de uma educação, educação fundiária, educação é de Gestão Pública tanto a população quanto dos gestores. A

gente pudesse é alavancar alguns elementos da da proteção do patrimônio cultural. Então, essa regularização fundiária ela foi feita pela Universidade Federal do Pará que tem uma super expertise em regularização fundiária em áreas, em áreas de baixada, na região Amazônica como um todo.

A regularização fundiária em áreas de patrimônio cultural em conjuntos tombados ela é inédita no Brasil nunca foi feita. Então a gente (...) tava, a gente elaborou uma estratégia do zero, que se mostrou muito, muito efetiva com muitos frutos. A regularização fundiária ela partiu então para duas vertentes principais que é a própria própria regularização né! Legal, direito e a mobilização social a organização social corresponde a um levantamento socioeconômico e da educação patrimonial certo! Então a gente foi seguindo mais ou menos essa vertente. Então tudo o que era da parte legal a Universidade Federal do Pará tinha uma equipe de advogados que fizeram assessoramento, fizeram as leis de de em perímetro urbano, Lei da regularização da própria regularização fundiária, fundiária encaixada na na Lei da Amazônia legal que me fugiu o número agora. É dentre outras leis federais que regem né a essa pauta de regularização. Então isso tudo foi feito foi entregue à câmara municipal, foi aprovada pela câmara dos vereadores e e a gente conseguiu viabilizar legalmente essa essa regularização. Antes a isso, o Iphan também conseguiu mobilizar a SPU para que a gente pudesse fazer a doação das terras do município e das edificações para uso próprio, pra o próprio poder municipal. Então hoje Serra do Navio é a única parcela, a única gleba do estado do Amapá que pertence ao próprio município. Então isso aí, isso foi uma conquista do Iphan a partir da nossa mobilização em Brasília em conjunto aqui com a superintendência. Então a Vila de Serra do Navio é do Município de Serra do Navio com contrato assinado com várias condicionantes que englobam a questão do patrimônio cultural por exemplo, a o contrato de doação da Vila de Serra do Navio pro município ela gira em torno aí de 30 milhões de reais, não é! Que é todo o espólio do município, identificações, móveis e imóveis enfim. A..., condicionada à preservação do patrimônio ditada pelas regras do Iphan. Então por exemplo, se o município não cumprir determinadas regras que o Iphan estabelece, ele pode perder esse esse bem que voltará a ser da União. Né, então, o contrato ele tenta amarrar essas doações e da as ferramentas vinculado a a preservação do patrimônio cultural. Então o Iphan se comprometeu a auxiliar essa gestão pública, é dar essas condicionantes de desenvolvimento.

Então o Iphan dentro do processo de regularização criou um plano, Plano Diretor para Vila, então isso já existe um plano de desenvolvimento econômico e municipal, um diagnóstico de infraestrutura urbana com um planejamento a médio e longo prazo, com expansão da Vila, com uma expansão das unidades residenciais. Então o Iphan hoje doou para a prefeitura as formas de se expandir as casas dentro dos condicionantes de preservação do patrimônio e preservação dos valores culturais tombados né! Então a ideia do Iphan foi, vamos municiar o município para que ele possa exercer o seu papel de Gestor Urbano e aí essa regularização fundiária já já aconteceu. É aquelas, aquelas pessoas que tinham direito à gratuidade ela já receberam o título de posse da casa, a propriedade continua sendo a prefeitura. Dentro de dez anos se essa pessoa é..., reverter as alterações dela para as condições de preservação a sua casa. Durante esses 10 anos ela conseguir fazer essa reversão, ela vai ganhar um título de propriedade da casa. Então essa medida já longo prazo a gente tenta reverter um pouquinho do que foi aquele processo de descaracterização na época de uma gestão mais omissa do poder público, como um todo, em todas as suas esferas. É..., ao mesmo tempo a gente fez várias ações de mobilização social de educação patrimonial com lideranças, com professores explicando o que é patrimônio, qual é o verdadeiro papel do Iphan dentro dessa situação. É a gente tem auxiliado prefeitura com projetos projetos de restauração das edificações públicas né! Ou as maiores edificações como MEC, como o hospital, como o clube Serra do Navio né! O hotel enfim, dentre outros, o ginásio e vem auxiliando o município para que ele possa ter ferramentas para movimentar né! A gestão pública e a manutenção das suas edificações. É nesse contexto a Universidade Federal do Pará saiu após a entrega dos primeiros títulos é fez a capacitação do município, do governo Municipal para que eles possam dar continuidade a entrega desses desses títulos. É a princípio esse não é o papel do Iphan

né! Promover regularização fundiária mas a partir dessa amarração legal e, e do contrato de doação a gente entendeu que seria uma boa alternativa pra que a gente promovesse o patrimônio cultural e promovesse uma geração de recursos do governo municipal e também gerar enfim, empregos, rodar um pouquinho da economia de Serra do Navio.

Então foi um olhar holístico da gestão pública que envolvia patrimônio cultural, que envolvia desenvolvimento social e que envolvia a Gestão Pública do Município em várias esferas. Nesse contexto a gente envolveu governo Municipal, a gente envolveu o sociedade pública organizada, a gente envolveu o governo do estado a gente correu vários órgãos da da União, dentre outros agentes que foram fundamentais e participaram ativamente desse processo. Esse é um processo público gerou várias peças técnicas então você pode ter acesso isso no SEI de todo o resultado que isso gerou, é... esse convênio já já foi encerrado pela pelo governo federal. É subsequente a esse processo de regularização a gente contratou uma mestrandia aqui na superintendência também no programa de mestrado profissional aqui do Iphan. Foi a Maíra Onofre que é de Minas Gerais, ela fez um trabalho muito legal de gestão de Serra nos auxiliou muito na questão da, do nosso trabalho né diretamente em Serra do Navio. Nas palestras, na educação patrimonial, na fiscalização que é o consiste realmente o mestrado profissional né. A pesquisa junto com o trabalho propriamente dito. É então, a Maíra fez um trabalho muito legal, eu você pode entrar em contato com ela também, se precisar do contato. Ela tem um trabalho bem bacana nas redes sociais também sobre patrimônio cultural mas agora lá em Belo Horizonte, que é a cidade natal dela.

Pesquisadora: eu peguei a situação dela já dei uma a fez parte, paz parte aqui do meu arcabouço teórico. É muito bom o trabalho dela.

E13\_TEC: A Maíra ela viveu esse processo, o finalzinho desse processo né! Então ela conseguiu fazer uma análise do que foi o processo e das consequências dele e deu algumas soluções sobre gestão pública né! Principalmente envolvendo tecnologia que é bem a pegada dela e que é bem inovador também dentro do Iphan. O Iphan é um órgão antigo que mantém algumas algumas vertentes bem antigas de linha de pensamento. A gente tá tentando se modernizar ao longo desses, desses dessa nova década né! A..., então o contexto geral e que a gente fez nesses últimos anos foi isso. A gente deixou um pouquinho daquela fiscalização de autuação é aquela, aquela fiscalização punitiva para gente poder gerar recursos e ferramentas legais para que o município pudesse se desenvolver de uma maneira mais sustentável né! É e com uma base mais forte independente do governo que, do governo municipal e estadual e, e tentar deixar ela um pouquinho mais independente dos recursos federais, que hoje em dia SN só vive da, do auxílio federal pros pequenos municípios.

Pesquisadora: Sim. Eu fiquei pensando aqui, tu falasse que vocês entregaram uma série de coisas pela prefeitura né! Plano Diretor, propostas essas coisas, esse plano diretor seria para que ele entrasse para aprovação, porque eu nunca encontrei pelo menos publicamente.

E13\_TEC: A Maíra ela viveu esse processo, o finalzinho desse processo né! Então ela conseguiu fazer uma análise do que foi o processo e das consequências dele e deu algumas soluções sobre gestão pública né! Principalmente envolvendo tecnologia que é bem a pegada dela e que é bem inovador também dentro do Iphan. O Iphan é um órgão antigo que mantém algumas algumas vertentes bem antigas de linha de pensamento. A gente tá tentando se modernizar ao longo desses, desses dessa nova década né! A..., então o contexto geral e que a gente fez nesses últimos anos foi isso. A gente deixou um pouquinho daquela fiscalização de autuação é aquela, aquela fiscalização punitiva para gente poder gerar recursos e ferramentas legais para que o município pudesse se desenvolver de uma maneira mais sustentável né! É e com uma base mais forte independente do governo que, do governo municipal e estadual e, e tentar deixar ela um pouquinho mais independente dos recursos federais, que hoje em dia SN só vive da, do auxílio federal pros pequenos municípios.

Pesquisadora: Sim. Eu fiquei pensando aqui, tu falasse que vocês entregaram uma série de coisas pela prefeitura né! Plano Diretor, propostas essas coisas, esse plano diretor seria para que ele entrasse para aprovação, porque eu nunca encontrei pelo menos publicamente.

E13\_TEC: Não. O plano diretor ele foi entregue pra gente como um documento técnico de planejamento e desenvolvimento urbano, ele não foi propriamente uma lei municipal de desenvolvimento e ele e ele aborda apenas a Vila de Serra do Navio, ele não aborda o município de Serra do Navio. Então todo nosso trabalho, o foco dele é a Vila e a sua área de entorno. Então essa, ele é um perímetro é delimitado, tanto por Lei Federal né, portaria do Iphan, que coincidem exatamente com o perímetro urbano de Serra do Navio. Essa Lei do perímetro urbano já foi aprovada pela câmara é..., então a gente fez um plano de desenvolvimento da Vila de Serra do Navio que pode ser anexada a um Plano Diretor que por ventura o município aprove, enfim e desenvolva entendeu?

Pesquisadora: Não existe hoje em dia nenhum movimento nesse sentido ou existe?

E13\_TEC: Não existe nenhum movimento nesse sentido. A gente, a gente não conseguiu apesar dessa, desse processo todo, a gente não conseguiu que o município, vamos dizer assim, é... tivesse a independência intelectual e de disposição para seguir esse rumo planejamento mais a fundo né! E isso ficou, eu acho que para eles ficou um pouco superficial né, apesar da gente ter dado todas as ferramentas e ter facilitado de fato o processo né, eles não conseguiram entender que o planejamento urbano é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do município. Mesmo na pequena escala que ele é. O que é uma infelicidade né, mas o planejamento da Vila ela foi estudada de acordo com os preceitos e valores patrimoniais. O que não é, não têm rigor de lei então ele, ele está aberto a discussões. Então por exemplo, o município pode entender que o desenvolvimento proposto pelo Iphan não tá adequado com uma situação atual e a gente pode rever essa situação e discutir. Assim como é todo o Plano diretor que tem que ser revisto de cinco em cinco ou de dez em dez anos. A... só que a gente ainda não consegue que o município desenrole essas questões principalmente pelo quadro técnico limitado do Município de Serra do Navio né. Aí a gente entra para aquele ciclo, não tem recursos, não consegue contratar a e aí se você não consegue contratar não consegue ver as peças técnicas, não consegue ter o olhar técnico sobre o a gestão urbana. Então aí eles vão pedalando em cima disso né! É caminhar na lama você tá andando mas vai derrapando e às vezes você não consegue sair do lugar.

E aí a gente tem outro contexto junto a isso tudo, que é o contexto político, e aí é um problema grande Iphan, por que historicamente, vamos botar aí da do início do tombamento para cá. Como o Iphan não gerou aquelas expectativas, o Iphan sempre foi um elemento gerador de votos em Serra do Navio e quem fala mal do Iphan ganha voto em Serra do Navio e a gente teve que batalhar contra isso. Então por exemplo, na Câmara de Vereadores a gente teve vários embates assim é surreais. O pessoal acusando o Iphan de coisas que, “Ah o Iphan não deixa asfaltar as ruas de Serra do Navio”, mas o Iphan não tem nada a ver com o asfalto. Nunca chegou um processo para asfaltar e aqueles que chegaram foram aprovados imediatamente. Só que cria-se uma história né, do Iphan, que ela é eleitoreira. Isso acontece até hoje, então dentro desse processo de regularização fundiária a gente fez tudo, entrou, no momento que a gente saiu um pouquinho de cena para que o município exercesse essa função. Ele exerce parte da função, que lhe interessa e outra parte já é queimando o Iphan voltando à questão eleitoreira enfim. Isso aí, isso aí, é o que a gente enfrenta lá. Então por muitas vezes a população ela tem um, ela adota um discurso que é o que algum político fez inflando esse sentimento antigo do Iphan provedor de tudo, que não é verdade, e e eles, e isso sim, transpassa para nossas ações. Então a gente tem muitos bloqueios e muitas dificuldades quanto a essas questão. Aí entra questão de, “a eu não posso fazer a reforma na minha casa, não posso pintar minha casa, não posso fazer nenhum tipo de manutenção, não posso fazer nenhuma ampliação, a minha casa vai cair e o Iphan não deixa mexer” e daí em diante. O Iphan não deixa trocar a grama da frente, o Iphan não deixa trocar os postes, não tem iluminação porque o Iphan não deixa. Então, esse discurso ele é recorrente durante

esses anos né! Isso atrapalha muito nosso trabalho, muito! De verdade. Apesar, repetindo, apesar do processo (palavras não compreendidas), é responder prontamente esses processos aprovando a implantação de uma nova iluminação pública, (corte na fala) responder prontamente aí a esses processos aprovando a implantação de uma nova iluminação pública que é implantada pela. Só um minutinho.

E13\_TEC: Então a gente tem, tem essa dificuldade aqui no Iphan entendeu? Então é, é um contexto que tem tudo a ver um patrimônio cultural. O que, esse é um contexto que que não. Tá dando tá dando para ouvir legal?

Pesquisadora: Tá, tá tô ouvindo.

E13\_TEC: Isso é um contexto que o Iphan trabalha não só em Serra do Navio é que ele, é um cenário que é não só em SN, mas é no Brasil todo. Na maioria das áreas de conjuntos urbanos tombados a gente tem muita resistência da população. Vamos botar aí noventa e cinco por cento dos casos. Parte por culpa do Iphan, que não sabe explicar exatamente e não dá celeridade aos processos e a demanda e parte, por culpa dos gestores locais que se aproveitam da situação para, é... com oportunismo né! Oportunismo eleitoreiro principalmente.

Pesquisadora: Então assim, era uma das perguntas que eu te fazemos já falou sobre isso assim mas só para fechar. Eu ia te perguntar sobre essa relação Iphan e administração pública. Como assim mais ou menos tu descreve uma, ela é conflituosa ou existem alguns pontos de colaboração ou é uma coisa ambígua enfim?

E13\_TEC: É uma, é uma relação completamente ambígua. Em momentos o município, o poder municipal se coloca ao lado do Iphan com unhas e dentes. É... somente nos momentos que a gente entrega algumas peças para eles, no momento que a gente entrega a viabilidade de titulação das casas, no momento que a gente é obtém recursos Federais ou outros tipos de recursos a gente é muito parceiro. Em outros momentos já nem tanto né! Então, é às vezes fica um pouquinho obscuro essa relação. As vezes a gente, a gente faz uma combinação, faz o planejamento, a gente explica que qualquer alteração é possível desde que passe pelo crivo do Iphan e às vezes a gente chega lá a alteração já é feita a reveria e a gente acaba tendo que autuar o poder público só por não ter consultado porque é a nossa função técnica. A gente não pode fugir disso não achei responsabilizado por tais questões. É... e às vezes a simplicidade dessa relação, é... a simplicidade de um bom diálogo resolveria diversos problemas, mantendo valores e promovendo o desenvolvimento da cidade. Então a gente ainda tem dificuldade dessa relação é um pouquinho pela dificuldade de comunicação também, eu acho eu considero isso, um pouquinho pela dificuldade de acesso porque apesar da pouca distância a gente vê 200 km. Quando a gente fala 200km pro pessoal do Sul, vamos dizer assim do Sul falo é do Rio Amazonas para baixo, 200 km é muito pouco né! Mas quando você vai a Serra do Navio enfrenta o trecho é complicado, não é fácil! Então a gente têm, essa relação ainda é ela poderia ser melhor eu acho. E aí existem diálogos, existem planos de trabalho, existem planos de cooperação técnica entre Iphan e município. Existem vários outros documentos que o Iphan promoveu pro, pro governo municipal, mas é ainda tem um discurso político meio obscuro no momento que a gente não está presente né! Isso fica bem claro na, quando a gente vai fazer as visitas e, e da forma que as pessoas se apropriam desse discurso né! Ele é bem, é ele é bem direcionado assim para e para queimar o Iphan, vamos dizer assim. A gente não sabe bem de onde parte isso, mas a gente sabe que existe e que é muito forte.

Pesquisadora: É eu até fiquei sabendo esses tempo sabe porque eu entrei em contato com várias pessoas e aí tem uma moça que ela me ajuda muito, ela nem mora, ela não tá morando agora em SN mas há poucos, acho que é uma questão de um ano por aí que ela tá em Santana. E aí esses dias ela me mandou um abaixo-assinado pedindo assinatura

E13\_TEC: Pelo destombamento.

Pesquisadora: Exatamente.

E13\_TEC: É, é isso! Então nos últimos cinco anos o Iphan injetou mais de um milhão de reais, ofereceu ao município e o município assinou o contrato de 30 milhões de reais ou com a SPU com a União. A gente vem auxiliando, capacitando o próprio município fazer a educação patrimonial e tudo mais e o que a gente recebe é isso. É, é esse discurso montado que é bem conveniente para questões políticas e eleitoreiras. Esse ato por exemplo, partiu de uma de uma candidata a deputada estadual, se eu não me engano, que surfou na onda de queimar o Iphan para ganhar votos em SN. E aí ela apareceu em Brasília, fizeram reunião do Iphan distorceram várias palavras do Iphan Brasília pra. Foi meio traumático assim, mas é o que a gente enfrenta é o que a gente enfrenta aí e muitas pessoas assinam porque pensam ainda que o Iphan tem que ser a ICOMI, como pai e mãe, tio, avô e prover todo, todas as deficiências e as demandas que o município tem. Então é uma luta que continua e que passa principalmente pela educação patrimonial (...). Eu e esse é um foco que o Iphan tem que dar, eu acho que o trabalho, os trabalhos de mestrado, o seu trabalho eles são muito importantes para que a gente possa esclarecer algumas coisas tecnicamente falando né! Tem que sair essa escala política eleitoreira do disse-me-disse para transformar em valores técnicos e aí educação. A gente sabe que é a educação em geral na região norte bem deficiente em vários aspectos e se é deficiente na educação formal, na educação patrimonial então nem se fala! É, é praticamente inexistentes.

Pesquisadora: E hoje em dia está ocorrendo alguma ação assim, em colaboração com o município alguma coisa?

E13\_TEC: Tá sim! Hoje em dia a gente tem conversas para a geração de recursos do município de Serra do Navio, a gente não tem nada oficial de recurso a gente tem algumas conversas com o BNDS, com o governo do estado, com outras entidades públicas e privadas para gerar recurso para Vila de Serra do Navio. A gente mantém as tratativas de acordos com o município para para alinhar ações. É... às vezes a gente não tem resposta, a gente tem, às vezes sim. Então aquela relação ambígua né! Que a gente já comentou. É... a gente vem trabalhando no plano de desenvolvimento ainda, o plano de desenvolvimento urbano nunca o plano fechado. Ele exige uma sensibilidade dos gestores de análise constante, então a gente vem trabalhando por exemplo na, nas, nas opções de ampliação das unidades residenciais. Então a gente sabe que em 1950/1960 e da forma como a sociedade se organizava na vila de Serra do Navio por exemplo, não era uma necessidade você ter carro. Hoje em dia é uma necessidade você ter carro, logo você precisa de uma garagem para abrigar seu carro. Então como é que você vai fazer uma garagem em uma unidade tombada pelo Iphan? Então existe projetos que dão quatro, cinco alternativas para que você faça essa garagem. Ar condicionado, naquela época não existia ar condicionado, pelo menos não de uma maneira é popular, hoje em dia você compra o ar-condicionado e instala na sua casa. Como você vai estar lá esse ar condicionado? Então a gente dá diretrizes de como fazer isso. A é eu quero colocar vidro na minha casa pode? Pode antigamente eram só os brises, agora como que você vai colocar esse vidro? Então tudo isso já tá regulado, já tem uma regulação sobre ampliação, já tem uma regulação sobre reforma, já tem uma regulação sobre padrões de alteração das unidades em vista o modelo embrionário né! Isso o Iphan vem desenvolvendo e se coloca à disposição da própria população para que eles possam desenvolver isso. Existe algumas tratativas com o próprio BNDS, para que a gente possa viabilizar financiamentos especiais para essas pessoas. Então o Iphan ele se mantém uma gestão mais ampliada com uma finalidade da proteção do patrimônio. A gente já, a gente já entendeu que não dá para tratar só de patrimônio para preservá-lo, né! A gente tem que ir auxiliar a gestão como um todo em vários aspectos e é isso que a gente vem trabalhando pós regularização fundiária.

Pesquisadora: Outra coisa que eu queria te perguntar, que foi muito comentado nas minhas entrevistas, é respeito da questão do MEC. Eles falam muito! Eles dizem que “ah! O Iphan derrubou tudo e nunca mais eles”, enfim eles falam isso. Então eu queria saber como é que tá essa questão, vocês auxiliaram no projeto e tudo mais como é que que tá essa questão para e a retomada da obra?

E13\_TEC: Então, como é que foi a situação do MEC! O MEC inicialmente era de propriedade da União certo? E aí a gente teve um um indício de desabamento, a gente foi lá, a gente constatou isso. Uma das vigas do telhado cedeu e a gente precisa de tomar algumas ações para restaurar o MEC, qual foi a primeira ação do Iphan? Fizemos relatórios, relatamos isso e fizemos os projetos completos de restauração do MEC. Então a gente não tinha recursos para fazer a reforma mas a gente tinha recursos para fazer o projeto, então qual foi o acordo com o município? A gente entrega todos os projetos planilhados, exatamente para vocês licitem a obra e aí vocês podem gerar recursos a partir da, de empresas privadas, a partida de convênios com a emenda parlamentar. Enfim, poderia gerar recurso de qualquer local e a gente poderia auxiliar nisso também. Então o Iphan ele desprende do seu recurso é a elaboração desses projetos, detalhamentos, projetos estrutural, elétrico, hidráulico sanitário, revestimento. Enfim fez um projeto completo de restauração do MEC na condição da prefeitura fazer a obra e assim que aconteceu. O Iphan fez o projeto entregou todas as peças pra prefeitura, é a prefeitura depois de alguns anos conseguiu licitar a obra do MEC só que dois meses depois da obra o paralisou. Então isso foge um pouquinho da nossa alçada né! É uma obra, com projeto já aprovado porque ele partiu do Iphan, então gente não precisou nem aprovar o projeto porque foi a gente que fez. Eles só tinham que executar aquele projeto daquela maneira e a obra paralisou, a obra da prefeitura. Qual que é o discurso deles? Não sei como ao isso acontece, mas a culpa é do Iphan pela obra foi paralisado. Então, a gente auxilia no que a gente pode né, principalmente nas questões mais técnicas, é arquitetura, na sociologia, na arqueologia que são as expertises que a gente tem aqui na superintendência, mas nem sempre é o suficiente para que as ações aconteçam de fato. O MEC é um exemplo, tanto (...) do que a gente pode oferecer, então foram todos os projetos entregues para prefeitura e na questão política local de sempre colocar a culpa no Iphan, como bode expiatório né! “Não deu certo”, “Por quê?” “a não sei porque a culpa é do Iphan”. Então é exatamente isso que aconteceu lá, a gente não tem nenhuma gerência sobre a obra. A gente vai lá fiscalizar pra ver se eles estão fazendo igual projeto que é o que nos compete. A obra paralisou, não sabemos porque, mas a culpa recai né! Como o pessoal deve ter falado aí contigo né. Não sei como é que foi a a colocação dessas pessoas.

Pesquisadora: É eu tento não, eu não, quando eles falam eu só fico ouvindo até para não influenciar na percepção deles né! Mas realmente eles têm uma visão bastante distorcida, essa questão da da educação patrimonial que tu fala é uma questão bem essencial pelo que eu percebo. Não analisei ainda nada, mas assim, pelo que a gente percebe na conversa né. E aí não te pergunto, tem alguma proposta de ação nesse sentido, vocês estão trabalhando com alguma questão ação no sentido de educação patrimonial tentar mudar essa imagem perante a população?

E13\_TEC: Então, a gente a gente tinha várias ações planejadas, é... isso em 2019 e aí pum! Pandemia. Na pandemia ninguém, ninguém se arriscou enfim, por conta de todo o contexto para ir, para viajar, para sair enfim do município e ir para o outro, ficar no local, aglomerar pessoas se tornou impossível. Mas as nossas ações principais eram ações voltadas para a educação patrimonial nas escolas, com professores e com as lideranças. Essa era a nossa principal ideia, para que a partir daí a gente criasse multiplicadores né! A gente tem, a gente chegou, a gente já fez várias palestras durante o processo da regularização fundiária porque a gente fez uma mobilização social muito legal liderada pela Universidade Federal do Pará que foi nossa, que nós contratamos né! Nós o Iphan para, para fazer esse processo. Eles fizeram um trabalho excelente mobilização! A gente conseguiu assim, se a gente colocasse em porcentagem, vou botar aqui, sessenta por cento daquela imagem negativa a gente conseguiu eliminar. É uma pena que essa pandemia atrapalhou muito o processo de continuidade né! Da educação patrimonial e hoje a gente voltou até abaixo-assinado de destombamento. A gente voltou a ter desinformação, “a o Iphan paralisou o MEC”, “o Iphan não deixa reformar o sistema de esgoto”, “o Iphan, o Iphan, o Iphan” e assim por diante. É uma, a gente fica muito sentido com essa situação porque o Iphan, SN para a gente ir a uma joia não só na questão do patrimônio, mas nas questões de desenvolvimento regional. O Governo do Estado, turismo, turismo cultural, turismo ecológico enfim, dentre outras pontos

que podem ser levantados na serra. No município de SN por exemplo é a entrada de, da aldeia indígena Wajãpi, que é registrada pela Unesco a pintura Kusiwa. Então a gente tem vários elementos culturais que são sim um ímpares dentro do Município Serra não é só a Vila. A pintura Kusiwa é, foi o primeiro registro do Brasil reconhecido pela Unesco, então a gente já tem um patrimônio mundial dentro do município de Serra do Navio, isso não é explorado né! A Vila é um elemento tombado e isso não é explorado, nem pelo município, nem pelo Governo do Estado né! Então a gente tem muitas coisas a, a explorar e a gente fica preso pelando no discurso raso de que a culpa é do Iphan e nada acontece.

Pesquisadora: Sim, é complicado, (...). Tem alguma coisa ainda além do que tu já disse assim, só para complementar sobre essa questão dos entraves do trabalho Iphan na comunidade ou está concluso?

E13\_TEC: Olha! Dentro do processo de regularização fundiária a gente tem, tem o processo completo, todas as etapas. Então o que foi a a mobilização, quem participou, fotos imagens, relatórios a gente tem isso tudo dentro do processo. Então a gente tem esse passo a passo do que foi a regularização fundiária por completo, com notícias públicas, com relatórios técnicos, com parecer jurídico que foi como se deu. É hoje em dia a gente não tem produzido muita coisa, por conta de todo esse processo. Muitos relatórios porque a gente não tem ido muito lá ao município por esse contexto não é! De pandemia. Ah.. mas a gente segue trabalhando nessas ações de bastidores de gerar ferramentas, gerar, de buscar recursos, de planejar o crescimento e assim por diante. Então é um trabalho que a gente tem que ter mais de escritório, mas que é fundamental pro município. A ideia da de termo de cooperação que a gente assinou junto com o município é pra que ele pudesse exercer sua função de fiscalizador do território urbano, que ele exerce de forma parcial né! Às vezes quando enfim a cidade é pequena né, todo mundo se conhece então às vezes esse processo lá fica bem parcial né. Mas a gente vem trabalhando nessas, nessas situações uma cooperação com município, a gente mantém sempre o diálogo aberto para para que a gente possa fazer uma gestão ou auxiliar gestão do município e fazer a preservação do patrimônio, que eu Nosso principal objetivo.

Pesquisadora: E assim com as empresas que trabalham na região, existe algum tipo de diálogo, com a questão da das mineradoras. Como é que funciona essa questão?

E13\_TEC: O Iphan é um órgão licenciador ambiental então toda e qualquer empresa que vá, que tenha, que vai tirar uma licença ambiental tem que passar pelo Iphan, todas. Então a gente tem diálogo com todas elas, muitas delas é acabam causando algum passivo ambiental, é... esses passivos eles podem ser alvos de um TAC, de um termo de ajustamento de conduta. Esses TACs, geralmente de contrapartida, eles se reverterem a ações em prol do patrimônio principalmente por questões arqueológicas. A gente está fora da Vila, então em geral esses TACs são direcionados para arqueologia né, que é onde diretamente impacta né, é... as atividades. Mas muitas desses TACs podem ser revertidos pra Serra do Navio também, a gente discuti isso, já discuti em diversas oportunidades. Ah... esse diálogo não é só com o Iphan, as empresas também tem diálogo com o município. Então o município ele pode buscar esses recursos diretamente com essas empresas tá! A gente tá aberto para dialogar com o município juntar forças e ir para cima da das empresas das grandes empresas, que é direito do município, eles tem que receber uma contrapartida. Por exemplo, para para ajeitar as ruas de Serra do Navio já que passam sei lá 20 caminhões com sobrepeso de minério no seu asfalto. Isso, a empresa tem que dar a contrapartida do município, agora muitas dessas questões não é apenas iniciativa do Iphan né. A gente auxilia eles para que eles possam viabilizar tais recursos, mas essa iniciativa tem que ser do gestor público. A gente não pode fazer o papel de outras entidades, mas no que compete a gente, no impacto do patrimônio arqueológico, a gente tem sim vários TACs que se reverterem ao patrimônio cultural. Em geral para arqueologia que é, como eu falei anteriormente, a o impacto direto né sobre o patrimônio.

Pesquisadora: Tá certo, deixa eu ver aqui, tô achando que a gente contemplou aqui (...) não sei se tens alguma coisa para acrescentar que tu acha interessante, algo que tenha me falhado a memória.

E13\_TEC: Não. Então Bárbara eu só queria enfatizar que tudo isso que eu falei tá em processo tá! Desde que eu entrei 2013, então eu participei praticamente de todo o processo né de, da gestão do patrimônio que o Iphan exerceu. Tudo isso segue nos processos, são processos públicos você pode ter acesso eu não tenho o número deles aqui de cabeça, mais enfim é fácil você achar eu acho que um trabalho da Maíra tem todas as referências por exemplo, você pode baixar esses relatórios você pode ler. Eu acho muito legal você se apropriar essas informações pra, pra que a gente deixa claro né! Qual foi o papel do Iphan nisso tudo né! Pra que a gente saia desse, desse burburinho da cidade pequena que se multiplica e reflete em alguns discursos, para que a gente possa ter valores técnicos reais de desenvolvimento da Vila. Não só desenvolvimento econômico, mas desenvolvimento social também. Eu acho que esse é o nosso grande objetivo é além da preservação do patrimônio é um desenvolvimento social e aí, enfim, existem diversas maneiras para que isso aconteça né. Ah mas o objetivo principal é esse, preservar o patrimônio com desenvolvimento social.

Pesquisadora: Então tá bem, então eu vou, eu queria te agradecer né! por a conversa foi muito produtivo eu já andei pegando alguns documentos Eu já eu já até já olhei ali na dissertação Maíra (...), mas se eu tiver alguma dificuldade possa entrar em contato contigo?

E13\_TEC: Claro que sim, a gente fica a inteira disposição sua, é a nossa diretriz aqui na superintendência é de compartilhamento de informação, a gente não segura nenhuma informação a gente quer mais é que as pessoas se se apropriem disso tudo. É muito importante o trabalho, o seu trabalho ele corrobora com as ações de educação patrimonial e que a gente vem tentando elaborar também e a gente quer criar multiplicadores das informações. Então o que você puder ajudar a gente nessa caminhada é melhor, a gente não tá aqui para ditar, o Iphan não tá aqui para ditar o que é certo e o que é errado, mas estamos aqui para tentar juntar forças para promover esses desenvolvimentos que a gente havia comentado. Então eu agradeço seu interesse seu contato e se você quiser abrir esse debate para uma mesa redonda, com outros agentes a gente também fica à disposição.

Pesquisadora: tá muito bacana muito obrigada (conversa de encerramento da entrevista sem relevância para a pesquisa).

## **ANEXO D**

### **TABELAS DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE**

Tabela 01 Anexo D – Relações entre os Agentes envolvidos no processo de preservação do patrimônio moderno de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
Comunidade e IPHAN	Animosidade	Quando eu cheguei 2013 essa situação já, já estava posta, era bem complicado inclusive e transitar em Serra do Navio as pessoas tinham muita muito ranço, muita, mágoa com o Iphan (E13_TEC). Por essa situação, de circunstância do tombamento, havia uma relação extremamente de animosidade entre a população e o Iphan, (...) (E12_TEC). E tinha um detalhe assim interessante, que e a gente não via e o próprio IPHAN não via como estratégico nós falarmos muito no Iphan porque falou no Iphan, a coisa se complicava né! (E12_TEC). Serra do Navio tá nesse, tá nesse caminho não por culpa da, do prefeito que passaram e do atual, não é! Entendeu? É um impasse com o IPHAN. O IPHAN que criou isso e é por isso que Serra do Navio ficou desse jeito e agora pra se recuperar, é muito dinheiro (E11_ADM). É então, eu acho que a questão do IPHAN eles bloqueiam. (...). É em relação a isso é que eles bloqueiam muitas coisas aqui né! (E8_MO POS). Mas agora a gente é, esse novo é superintendente lá do IPHAN ele já, ele já é mais flexível. Entendeu? E aí a gente tem essa dificuldade em relação a isso com o IPHAN. Principalmente com os superintendentes passados né! (E8_MO POS). Olha o IPHAN é a coisa que as pessoas dizem, “Óh eu odeio é o IPHAN”, principalmente essas pessoas que tem quatro, cinco casas aí, tem comércio aqui, invadiram aqui (...). Eu não sei se houve erro da parte deles né! Não sei (E7_MO ICOMI). Aqui não evoluiu por causa do Iphan, porque o Iphan vem bota a regra dele e vai embora e o povo fica (E6_MO ICOMI). Ah o IPHAN perdeu a autoridade (E6_MO ICOMI). E esse órgão chegou aqui de uma forma muito autoritária. Se tu for ouvir os moradores quase ninguém gosta do, desse, dessa história do patrimônio aí do IPHAN né! Ninguém gosta (E4_MO ICOMI). Gente se vocês andaram nessa Serra todinha e perguntarem o que vocês acham do Iphan, vocês gostam do Iphan? Só um trabalho de logística só do sim ou não. Vocês vão ouvir tanto não, talvez não seja nem pelo trabalho, mas pela forma como eles chegaram abordando entendeu? (E4_MO ICOMI). Muitos criticam o Iphan né, que não fazem nada. Eles só vão lá e não fazem nada mesmo, sabe! (...) então eu não sou a favor do Iphan interceder assim, sabe?(E2_EX ICOMI).
	Desconfiança	Aí eu comecei a perceber que havia um pouco essa personalização sabe? Então ainda não estava institucionalizada a confiança, ainda estava pessoalizado (E12_TEC). e o Iphan chegou por aí dizendo que é dono. Não é. A gente sabe que não é! (E6_MO ICOMI). “eu não me oponho que você entra bata foto, eu só quero que você me diga pra que isso?” Porque você tá batendo uma foto de uma casa que tá cheia das minhas coisas né? E eu nem te conheço. Aí ela mostrava lá o cracházinho né. Dizendo, “Não, isso é só pra constar que a gente tá trabalhando e não sei o que”. Aí passa um ano e já vem outra equipe, (...) não tem uma sequência lógica pra que a comunidade entenda o que é o Iphan (E4_MO ICOMI). E esse IPHAN assim pra gente ele ainda não tá sendo legal porque se fosse outras pessoas eles teriam reunido a comunidade, explicado, eles fizeram isso, eles reunirão, mas tudo tinha que assina sem ninguém entende (E4_MO ICOMI). (...) a gente pensou muito no IPHAN, mas nós internamente nunca consideramos que fosse uma solução boa pra Serra do Navio, porque o Iphan, não faz nada. As coisas vão caindo aí, pelos menos naquela época, (...). Mas naquela época era só uma formalidade, era só um símbolo. A teia de aranha a gente tinha certeza que ia tomar conta de Serra do Navio pô! Então, a impressão que a gente tinha do Iphan era essa. Parece que não ficou muito diferente disso. Parece, porque eu não sei, (...). Não tenho ido mais (E3_EX ICOMI). (...) só que em alguns pontos o Iphan falhava assim, em certas promessas, sabe! Agora eu acreditei nisso do concurso, só que infelizmente, por conta da pandemia não foi a frente. Mas acredito, que da forma como foi trabalhado, embora timidamente, mas ia surtir efeito, ia. Sabe! (E2_EX ICOMI).
	Descredibilidade	Como o Iphan não gerou aquelas expectativas, o Iphan sempre foi um elemento gerador de votos em Serra do Navio e quem fala mal do Iphan

Continuação da Tabela 01 Anexo D – Relações entre os Agentes envolvidos no processo de preservação do patrimônio moderno de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
Comunidade e IPHAN	Descrédibilidade	<p>ganha voto em Serra do Navio e a gente teve que batalhar contra isso (E13_TEC). Que vinha o pessoal, que vinha fazer o levantamento pra fazer a reforma. Vieram né, vieram dois técnicos, um engenheiro vieram aí fizeram o levantamento, mediram aí tudinho, sumiram e não fizeram mais nada (E5_MO ICOMI). Pra tu ter uma ideia teve três reuniões e nenhuma das três me convenceu porque eu leio na internet o que é o IPHAN, tem ouro preto lá em Minas Gerais, (...). Quando eu tava lá eu fazia parte das reunião e eu não vi assim nada que desse um subsídio pra gente compreender. Aí o que eu leio pela internet é uma estrutura, é tudo bonito, mas na vida real é tudo se acabando (E4_MO ICOMI).</p>
	Distanciamento	<p>Então, o contexto de trabalho ele inicialmente, ele foi na tentativa de aproximar o poder público e a sociedade (E12_TEC). Mas em grande medida é muito a ferro e fogo, “não pode mexer aqui”. Não! Se tem que adaptar à realidade e aí na regularização fundiária a gente às vezes tinha umas discussões assim bem bem firmes porque, o direito à preservação se chocando com direito social à moradia (E12_TEC). Então foi assim, o resto do patrimônio foi largado, porquê? Por que no momento o IPHAN entrou e o IPHAN entrou igual uma ditadura em Serra do Navio, entendeu? (E11_ADM/ST). O IPHAN foi, é odiado por esse grupo né! Ninguém apoia o IPHAN porque eles vieram assim. Acho que (...), não sei se eles veio, se a administração deles veio muito pesada né! Deviam ter vindo com mais calma, com mais inteligência, vamos dizer assim, aí talvez eles conseguissem (E7_MO ICOMI). Por isso que eu falei aquela vez, “o que vocês acham do Iphan?” É um atraso de vida por onde ele passa. Ouro preto é bonitinho pra eles, mas que mora lá não desenvolve nada. Tá caindo aos pedaços aquele troço lá. O pessoal que vive por aí, pode entrevistar eles pra ver o que eles dizem. Um atraso de vida mesmo! (E6_MO ICOMI). Pois é, porque por exemplo assim, se tu tem uma linha de trabalhar na parte de afetividade com a comunidade e fazer essa ouvidoria de entender a parte, que não é só matéria mas é sentimental é uma coisa. Mas vir pessoas que vem pra fazer só “o trabalho” entendeu? Então, essa equipes que passaram aí eram o trabalho, elas não tinham assim vínculo nenhum assim de, de, de laço (E4_MO ICOMI). Aí eles chegaram nas casa notificando, muita gente tem multa, (...). Aí eles faziam a notificação colocando a multa e isso foi revoltando o pessoal, porque você já vem acostumada numa casa já (E4_MO ICOMI).</p>
Administração Pública e IPHAN	Ambiguidade	<p>É uma relação completamente ambígua. Em momentos o município, (...) se coloca ao lado do Iphan com unhas e dentes.(...) nos momentos que a gente entrega algumas peças para eles, no momento que a gente entrega a viabilidade de titulação das casas, (...). Em outros momentos já nem tanto né!(...). (...) a gente explica que qualquer alteração é possível desde que passe pelo crivo do Iphan e às vezes a gente chega lá e a alteração já é feita a reveria e a gente acaba tendo que autuar o poder público(...) (E13_TEC)..A prefeitura tinha uma dificuldade de fazer executar determinada obra e aí ela dizia que não executava porque o IPHAN não liberava (...). E aí a gente foi depois vendo registros de ata e vi que não era isso, foi aí que eu fiquei assim inteiramente convencida de que havia essa narrativa, “o IPHAN não deixa isso justifica que eu não faço a obra”(E12_TEC). (...) mas eles não querem seguir as regras da preservação, não querem! (...)e a Prefeitura não quer, é (...) o poder público que não quer. Qualquer coisa lá precisa de ter licenciamento, qualquer construção nova tem que ter o licenciamento e eles autorizaram a construção de um posto de gasolina, não sei se você viu lá (E12_TEC). Por exemplo, agora nós vamos, esse prédio aqui vai entrar em reforma aí a gente quer dar mais uma esticadinha. Aí não vamos poder fazer, vamos ter que ir no IPHAN, pedi autorização pra fazer a pintura, a reforma e tal entendeu? Olha o conselho tutelar, o conselho tutelar ele foi todo reformado, todo! Mas nós tivemos que fazer a reforma no padrão que era a ICOMI a gente não pode mudar nada! Nada, nada entendeu? Aqui nós</p>

Continuação da Tabela 01 Anexo D – Relações entre os Agentes envolvidos no processo de preservação do patrimônio moderno de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
<b>Administração Pública e IPHAN</b>	Ambiguidade	<p>vamos reformar a secretaria de meio ambiente também dentro do padrão, não pode também aumentar nada, trazer nada, quebrar nada nem(...) (E10_ADM/VP) .. (...) mas aí nós tivemos um impacto muito grande, foi de cá pra trás, o IPHAN (E11_ADM/ST). E hoje nós estamos sofrendo um problema que o IPHAN deixou pra nós e continua o mesmo problema, porquê? Por que eu não posso fazer um melhoramento no meu telhado se eu tenho que apresentar um projetozinho pro IPHAN e tenho que ter um parecer, uma autorização do IPHAN, entendeu? (E11_ADM/ST). Então o pessoal pede licença na prefeitura e ela diz, “pode fazer”, esse é problema né (E6_MO ICOMI). Nada. Não tem Lei de postura do município, não tem nada (E1_EX ICOMI). Conseguimos construir o projeto de Lei de criação do Fundo Municipal de preservação do patrimônio e até preparamos a minuta do regulamento que (...). Mas o Prefeito não chegou de assinar, ou melhor, ele ainda assinou mas ele não chegou de publicar o decreto então, sem a validade (E12_TEC). (...) e aí foi feito convênio para eles cuidarem na parte de iluminação pública, que eles colocaram os postes que não tem nada a ver, não submeterão ao IPHAN a aprovação do projeto de iluminação pública, mas fizeram mesmo sem a autorização (E12_TEC). Então hoje o município é o seguinte, ele tá aqui, nós tamo aqui com a nossa prefeita, mas ela não pode chegar e autorizar a construção da subida de um prédio. É escura a cidade, mas recentemente foi feito um trabalho, um projeto pra trocar todas as luminária. Foi colocado tudo de LED ficou linda a cidade, mas nós tivemos um problema logo em seguida, a oscilação de energia (E11_ADM/ST). Ela não pode chegar aqui e dizer que ela quer construir. Ela não pode, ela tá com um projeto aqui, um projeto pra construir o prédio do CRAS, mas ela depende o IPHAN uma autorização pra liberar (E11_ADM/ST). Aquilo, teve uma, umas dificuldades nesse sentido porque assim, o IPHAN fazia o projeto a Prefeitura dizia que não tinha recebido (E12_TEC).</p>
	Dependência	<p>É a gente tem auxiliado prefeitura com projetos projetos de restauração das edificações públicas né! Ou as maiores edificações como MEC, como o hospital, como o clube Serra do Navio né! O hotel enfim, dentre outros, o ginásio e vem auxiliando o município para que ele possa ter ferramentas para movimentar né! A gestão pública e a manutenção das suas edificações (E13_TEC). Então o Iphan passou a adotar e modelo de gestão de auxílio a ao poder público municipal, para que ele pudesse gerir com várias ferramentas legais o seu próprio município né! Já que ele não conseguia, ele tava patinando nas próprias pernas né! Não tinha, não tinha as legislação é eficaz para geração de recursos não conseguia fazer fiscalização, não sabia exatamente qualquer um papel dele dentro dessa gestão né. (E13_TEC). Ele tá sendo trabalhado o Plano Diretor da cidade, uma parceria com o IPHAN (...) (E11_ADM/ST). A equipe municipal muito acanhada tecnicamente a gente acaba tendo que fazer muitas coisas, não com eles mas para eles, acabava sendo assim (E12_TEC). Assim, a gente pegava na mão praticamente sabe? (...), por que eles não tinham essa vivência (E12_TEC). É o próprio gabinete que trata, a gente trata diretamente com eles né, com o IPHAN, com o turismo (E10_ADM/VP).</p>
	Distanciamento	<p>É dêz daquele período, só que naquele período foi uma parceria distante, agora não. Agora com a com o novo superintendente do IPHAN que é o senhor Aroldo, (...). Então ele tem um carinho por Serra do Navio e hoje ele, tipo assim abriu as portas da superintendia do Amapá pro município de Serra do Navio poder trabalhar e agora a gente ta conseguindo andar um pouco mais, mais rápido, entendeu?(E11_ADM). Então a gente ainda tem dificuldade dessa relação é um pouquinho pela dificuldade de comunicação também, eu acho eu considero isso, um pouquinho pela dificuldade de acesso (...) (E13_TEC).</p>

Continuação da Tabela 01 Anexo D – Relações entre os Agentes envolvidos no processo de preservação do patrimônio moderno de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
<b>Administração Pública e IPHAN</b>	Culpabilização	É então a gente tem dificuldades, nós perde as nossas emendas parlamentar pras nossas estrutura de SN porque, porque olha! Eu tenho que ter um ou dois engenheiro, por exemplo, a secretaria de turismo tem que ter um ou dois engenheiro pra elaborar um projeto, uns dizeresinhos e ir pro IPHAN. Aí eu vou esperar quantos meses se as minhas emendas que vem. Tipo assim, o setor do turismo, eu tenho os prazo pra acessar porque se não eu perco porque é via caixa econômica, é via banco do Brasil. Então o que que acontece (E11_ADM). Não, nós temos, o município tem, o gabinete tem. Mas o parecer do IPHAN leva anos! (E11_ADM) E sempre é um não, a senhora entendeu? Então por isso, cada dia que passa, não é culpa da câmara de vereadores, não é culpa da prefeita do gabinete, não é culpa de querer fazer. A gente quer fazer, o problema é que o IPHAN em certo ponto não faz, não deixa fazer, entendeu? (E11_ADM). Na Câmara de vereadores a gente teve vários embates assim é surreais. O pessoal acusando o Iphan de coisas que, “Ah o Iphan não deixa asfaltar as ruas de Serra do Navio”, mas o Iphan não tem nada a ver com o asfalto. Nunca chegou um processo para asfaltar e aqueles que chegaram foram aprovados imediatamente (E13_TEC).
<b>Comunidade e Administração Pública</b>	Insatisfação	Olha é prefeito, prefeito né! É política (...). Os órgãos do governo, o prefeito, quase nenhum, nenhum, faz pela melhoria do município (...) Porque o órgão aí não, não faz nada, eu digo logo assim né, só na época de política (E9_MO POS). A gente tem que mudar política, é só o cara entra só pensando nele! Não pensa no ser humano na pessoa que tá passando fome lá na colônia (E9_MO POS). Quando cai na mão do governo já era (E6_MO ICOMI). (...) aqui ainda não passou um prefeito que viesse com carinho com o município. Eles trabalham pela prefeitura e não pelos habitantes pra fazer funcionar bacana. Ainda não vi isso aqui (E6_MO ICOMI). eu acho que a administração pública nossa deixa muito a desejar né, pras pessoas! (E5_MO ICOMI). Olha essa casa aqui a nossa ideia é encima fazer os quartos porque a gente quer se cadastrar num, na Secretaria de Turismo em Macapá. Eu não quero me cadastrar aqui na Serra não porque aqui é tudo política (E4_MO ICOMI).
<b>Antigos e Novos Moradores de VSN</b>	Distancioamento	(...) veio muita gente pra cá. Acho que veio mais gente que na época da ICOMI e é era (...), era facada, era coisa né! Era horrível, ninguém respeita ninguém, uma coisa horrível (E7_MO ICOMI). A gente foi ficando pra trás, não se podia mais falar nada, que a os o grupo que era contra a manutenção da Vila era maior do que os funcionário. Aí eles venceram e aconteceu isso, eles quebraram tudo, destruíram tudo, (E7_MO ICOMI). Aí foi chegando os aventureiros, mexe, constrói, não dá certo vai embora e deixa a bronca. (...), É desse jeito! É casa vendida, vendida sem documento. É isso aí, me dá aí vinte mil, trinta mil e vai embora. Barato né? (E6_MO ICOMI). Mas depois pra nós, como funcionário da ICOMI nós seguíamos as normas da companhia, mas agora que entrou esse pessoal de fora eles não respeitam de jeito nenhum (E5_MO ICOMI). Eu cheguei cheia de fervor, “vamos fazer uma campanha ambiental, fazer aquelas placas”, “Ah! Tu é filha de ICOMI” não tá na nossa realidade mais isso entendeu? (E4_MO ICOMI). Eu acho que não tem dez por cento da população que é da nossa época mesmo. A maioria foi pessoal que chegou de – é como é que vamo fala – imigrantes né! (E1_EX ICOMI).
<b>Comunidade, ADM e Empresas de Mineração</b>	Dependência Econômica	Então assim, hoje nós temos aqui a empresa Mina Tucano, que se não fosse a empresa, apesar de não tá instalada dentro do município, mas ela passa por dentro da cidade e ela . Se não fosse a Mina Tucano que explora minério de ouro hoje, se não fosse ela, é não sei também o que seria de Serra do Navio, porque ela contribuiu muito né! Com as compensações sociais, com as compensações ambientais, e tem ajudado bastante o município não é (E10_ADM/VP). A gente agradece muito assim todos os dias a Deus por ainda tá a empresa a Mina Tucano que

Continuação da Tabela 01 Anexo D – Relações entre os Agentes envolvidos no processo de preservação do patrimônio moderno de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
<b>Comunidade, ADM e Empresas de Mineração</b>	Dependência Econômica	tem nos ajudado nessa parte inclusive agora até doou rolamento pra nós que tinha quebrado (E11_ADM/ST). Pois é a Mina Tucano. Ela ajuda, pouco mais ajuda, porque aqui o município que tem maior parte é Pedra Branca, aqui só tem um pedaço e mora muitos funcionários deles aqui (E9_MO POS). Eu percebo assim, hoje nós temos duas empresas de mineração aqui dentro, duas multinacionais né que é a Mina Tucano e UEM (verificar se está certo). Então se essas duas empresas saírem do município vai acontecer a mesma coisa. Entende? Vai acontecer a mesma coisa porque a gestão pública não tem como absorver toda essa população de emprego né! (E8_MO POS). Mas hoje que essa mineradora resolver sair vai diminuir muito o movimento (...) (E6_MO ICOMI). É boa! Eles cooperam, parece que tem uma cooperação de que trinta por cento do que eles mandam vem pra cá e muitos deles moram aqui (E6_MO ICOMI). Tem uma empresa lá né, mas não. Fazem muito pouco ainda pela Serra do Navio (E2_EX ICOMI).

Fonte: Elaborada pela Autora com base nas entrevistas realizadas em 2021 e 2022.

Tabela 02 Anexo D – Participação, entendimento e opinião dos Agentes sobre a preservação do patrimônio de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
<b>Tombamento</b>	Pouca participação comunitária	O tombamento ele foi, a gente diria que ele foi um pouco equivocados, eu não diria equivocados, eu diria que foi um pouco atabalhoado né! Se atropelou alguns processos que hoje se adotam no Iphan né, então é consulta popular, educação patrimonial, é... você vai se aproximando a comunidade vai explicando como é o processo, o que, que consiste o tombamento. (E13_TEC). E o tombamento, ele ocorreu de uma forma assim, com quase nenhuma participação da sociedade, então foi algo que não foi assimilado né! (E12_TEC). O que eu ouvi não só deles, mas do próprio IPHAN de como foi o processo de tombamento, realmente é muito difícil de dar certo, muito difícil! E o IPHAN você pode ver, que ele pela própria natureza ele é um órgão assim, chato né! Aquela coisa bem tradicional a história é aquilo que está mais ou menos bonitinho, a história não é essa ocupação informal, é história também né! A história da ocupação da cidade também tá aí (E12_TEC). O IPHAN não fez, não levou pra comunidade na época que poderia, que apresentava um projeto de revisão, um projeto de manter o patrimônio, um projeto pra manter a cultura, um projeto pra manter, não. O IPHAN chegou bateu de frente com a comunidade, entendeu? (E11_ADM/ST). Não. O IPHAN chegou com a prefeita atual na época, reuniu com o secretariado, entendeu? A gente viu uma foto, eu ainda tenho inclusive essa foto deles assinando o tombamento em Bra(...), foi no Rio de Janeiro até (E11_ADM). Eu deixei de ir em reunião porque é num, num deixavam eu falar, nada. Era horrível! (E7_MO ICOMI). Eu dei vinte e nove sugestão pra aproveitamento, tivemos uma reunião ainda quando o MEC tava funcionando, e eu fui um dos que deu mais sugestão pra aproveitamento né! Da ICOMI, mas não fizeram nenhum! Eu dei sugestão do CCH que aproveitasse pra fazer cursos né! Profissionalizante, porque vamos dizer, tem uma dificuldade enorme de pessoas fala francês, que é quem vem nos visitar né! E aproveitar lá (...) (E7_MO ICOMI). Eles fizeram várias reuniões aí. (...). Não, não. Eu não participei de nem, participei só de uma mas aí como eu não concordei eu saí e aí também não fui mais pra nenhuma. Aí quando nós soubemos a prefeita já tinha dado o ok dela né! E tinha assinado autorizando (E5_MO ICOMI). Eu acho que a comunidade, ela tem o direito de saber o que é, como funciona, pra que é e se ter orçamentos já pra início de dois mil e vinte dois pra que? (E4_MO ICOMI). Eles chegaram a fazer umas audiência pública, mas o pessoal já não era o mesmo da época da ICOMI (E1_EX ICOMI). É não tinha. Não tinha! (E7_MO ICOMI).

Continuação da Tabela 02 Anexo D – Participação dos Agentes na preservação do patrimônio de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
<p><b>Regularização FU</b></p>	<p>Participação que cresceu ao longo do tempo</p>	<p>A gente tem, a gente chegou, a gente já fez várias palestras durante o processo da regularização fundiária porque a gente fez uma mobilização social muito legal liderada pela Universidade Federal do Pará que foi nossa, que nós contratamos né! (E13_TEC). Nesse contexto a gente envolveu governo Municipal, a gente envolveu a sociedade pública organizada, a gente envolveu o governo do estado a gente correu vários órgãos da da União, dentre outros agentes que foram fundamentais e participaram ativamente desse processo (E13_TEC). A participação lá passou a ser muito boa sabe! Depois desse processo todo eles compareciam mesmo (E12_TEC).</p> <p>A participação eu penso que nesse processo foi o que, o grande, o grande ganho que ocorreu lá e infelizmente quebrou e quando a gente para com isso para reconstruir não é brincadeira (E12_TEC). Nós chegamos a eleger inclusive os membros do Conselho gestor do fundo — e na hora da eleição, muito diferente do que foi anteriormente que era assim, vai vai não não! Muitos candidatos querendo já participar, inclusive esse que tinham feito parte do grupo Municipal (E12_TEC). Particpei (E9_MO POS). Não tinha muito não! Uma bobagem duns cinquenta, trinta, eles vem na promessa né! Tu vê só reunião e não sai nada daí (E9_MO POS). a única coisa que eu participei foi uma conferência que teve aqui na câmara dos vereadores. Mas que foi o termo de doação né, das casas. Entendeu? Eles vieram e o IPHAN estava presente. Mas nada mais que isso (E8_MO POS). Eu já disse pra minha esposa que nas próximas reuniões eu vou pra cima (E5_MO ICOMI). Ah teve! Teve várias reuniões, teve várias reuniões. Poxa teve várias reuniões o pessoal nem queria mais ir pra reunião (E6_MO ICOMI). E eu fui uma das que participei, eu fui assídua assim nas reuniões porque é interesse né (E4_MO ICOMI).</p>
<p><b>Preservação do Patrimônio</b></p>	<p>Contradições: Grande parte favorável a preservação, mas com algumas observações que demonstram falta de compreensão sobre a ação. Não é uma opinião unânime.</p>	<p>Eu na verdade, eu prefiro que ela seja preservada né, até por, da forma como ela foi projetada (...). Por uma lado eu concordo por outro não, da situação do IPHAN de vim por exemplo assim, o IPHAN ele embarga muita coisa mas em compensação ele não investe, entendeu? (...). Aí vem o IPHAN e embarga, mas ele tá embargando algo que você tá mantendo né (E10_ADM). A gente é a favor do patrimônio, que se preserve o patrimônio, (...), mas que o IPHAN fizesse um investimento, que ele fosse mais rápido nas decisões de autorização pra gente não perder as nossas verbas (E11_ADM). Porque aí tem que ter o desenvolvimento né! Se for pra ter o patrimônio, fundar o patrimônio histórico e aí você não pode mexer quase você, eu acho que (...). Pra mim, não era pra, não era pra existir o patrimônio no caso porque você não pode fazer nada né! Construir e a gente fica nesse impasse aí, né! (E9_MO POS). Ainda, assim eu acho bacana né! Eu acho que só deveria assim é as pessoas manterem né, ter aquele cuidado especial pra que isso não desapareça né! (E8_MO POS). A sem dúvida! Sempre, sempre, eu defendo a organização não é. Mas eu cheguei, eu cheguei a um ponto de eu largar de mão né! Agora não interessa mais, criei esse museu, dou a minha entrevista aí e tudo tá bom. Por que me meter nessa briga aí eu não vou me meter (E7_MO ICOMI). Pois é, pra quem morou aqui que sente saudade, mas não mora mais gostaria que fosse isso. Chegasse e vê o MEC interinho ali, o ginásio, a piscina do CCH, tudo bonitinho né! Várias vezes vieram o pessoal; “Puxa! Mas vocês deixaram acabar com tudo”; “Não fizeram nada”. Com o quê? Meu? Leva dinheiro (E6_MO ICOMI). (...) com o conservar eu concordo. Conservar o patrimônio, que chegassem e dissessem, você pode fazer a sua reforma na sua casa desde de que você mantenha o patrimônio e a estrutura da casa né? (E5_MO ICOMI). Eu sou a favor da conservação, eu sou a favor também do Iphan, pelo o que eu leio é tudo</p>

Continuação da Tabela 02 Anexo D – Participação dos Agentes na preservação do patrimônio de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
<b>Preservação do Patrimônio</b>	<p>Contradições:</p> <p>Grande parte favorável a preservação, mas com algumas observações que demonstram falta de compreensão sobre a ação. Não é uma opinião unânime.</p>	<p>de bom. Entendeu? Mas o que eu sou ao favor é o esclarecimento a nível de comunidade (E4_MO ICOMI). Ah! Eu não tenho a menor dúvida. Primeiro, porque a Serra do Navio tinha tudo. Era uma cidade absolutamente integrada era só manter aquilo. O que tu pudesse pensar em benefício de uma comunidade e de como uma comunidade poderia viver satisfatoriamente, tinha lá! Tinha lá! Não precisava fazer nada, era só conservar (E3_EX ICOMI). Eu sou a favor disso, porque ali foi uma cidade que deu certo com a empresa. Hoje não dá certo, por causa de alguns que só querem se beneficiar, quer pegar recurso mas não faz o uso pra cidade e sim pra benefício próprio deles (E2_EX ICOMI). Na Serra do Navio eles resolveram preservar depois que tudo bagunçou. Seocê for lá hoje pegar as imagens de Serra do Navio antes e hoje, se vai ver que não tem nada. Então vai preservar o que? A história do manganês é... por ser pioneira na Amazônia, mas a Vila não, porque ficou uma favela. Como é que eu vou fazer patrimônio de uma favela que não existia(...). Devia até ter uma ação pública civil pra acabar com isso, porque o patrimônio nada foi (E1_EX ICOMI). A preservação é uma, como é que vamo dá um nome, uma coisa não real, porque não preservou nada. Ela preservou a bagunça, porque o patrimônio era pra ter sido criado antes (E1_EX ICOMI).</p>

Fonte: Elaborada pela Autora com base nas entrevistas realizadas em 2021 e 2022.

Tabela 03 Anexo D – Sentido de Lugar de lugar de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
<b>Apego ao Lugar</b>	Afeto (casas)	<p>os serranos que são serranos mesmo. Se você for olhar as casas, as casas permanecem o mesmo (E10_ADM/VP). (...) o meu pai até a pia é ainda da empresa entendeu? Então ele tem o cuidado de manter aquilo ali pra não tirar (E11_ADM/ST). É eu gosto. É porque são casa assim, são casas que como dizem os antigos né, pra filhos e netos né! (...) as casas muito bem construídas né! Tanto que a gente percebe e eu percebo que as casas são geminadas né, mas você não houve nada. Nenhum barulho do vizinho, entendeu? (E8_MO POS). A coisa que eu sempre que eu vou sentir mais falta é essa casa aqui. (...), Não quero mudar daqui nem a pau! (E7_MO ICOMI). Aí o Rosa disse; “podemos dizer direitos adquiridos, você sempre colaborou com a comunidade, nunca deu problema, você pode ficar na casa o tempo que quiser (...) - o entrevistado se emocionada - (E6_MO ICOMI). No dia que eu resolvi vender a casa parece assim que eu vendi um pedaço da minha alma. Porque você morou uma vida inteira eu falei, “dessa eu vou me desfazer, mas a da vila Amazonas eu não vou” (E4_MO ICOMI). (...) eu quero que a casa até o dia que eu morre, que ela continue em pé (E1_EX ICOMI).</p>
	Afeto (cidade)	<p>Muitos foram embora, mas muitos permaneceram por gostar de Serra do Navio né! (E10_ADM/VP). É a gente como é filho de Serra do Navio (E11_ADM/ST). (...) e então mesmo assim, a gente não quer sair daqui, fica tranquilo a gente gosta daqui, é tranquilo! (E9_MO POS). Então assim, eu gostei daqui né! E aí eu tô ficando por aqui, entendeu? (E8_MO POS). Mas foi muito bom a minha estadia, (...). Meus filhos adoram aqui não querem nem que eu fale em vender isso aqui (E7_MO ICOMI).(...) é sempre aquela história, os negócio tá na frente de tudo. Não é amor, ninguém tem amor por Serra do Navio né! Se tiver uns três aí que tem amor por Serra do Navio aí é muito (E7_MO ICOMI). Quando eu saia de Serra do Navio, e quando eu voltava. Quando eu subia a ladeira do Pedra Preta – que é um balneário a beira do Amapari – meu coração até hoje abre, relaxa. Porque já chegava e falei, cheguei no lugar que é de gente feliz (E1_EX ICOMI).</p>
	Tristeza e dor	<p>Serra do Navio a cidade fantasma. Olha aquilo, aquilo doía muito na gente, porque se parou completamente, morreu, acabou assim! Meus Deus do céu era uma tristeza muito grande, muito grande mesmo (E10_ADM/VP).</p>

## Continuação da Tabela 03 Anexo D – Sentido de lugar de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
<b>Apego ao Lugar</b>	Tristeza e dor	Olha a primeira coisa foi uma tristeza muito grande né! Da gente vê tudo se acabando, as pessoas invadirem, de levarem tudo né! Saquearam as casa (E7_MO ICOMI). E dizer que foi muito triste acabar tudo de bom, acabar tudo, isso foi terrível né! Pra todos nós né! Tem os agricultor que reclamam do trem, nós aqui reclamamo das qualidades que tinha a Vila né! (E7_MO ICOMI). O pessoal não sabe vê. “Ah dá tristeza na Serra ver tudo quebrado”. “Claro! Não tem quem conserte” (E6_MO ICOMI). Hoje, infelizmente tá triste né! Pra quem vem a SN hoje ver (E5_MO ICOMI). Eu sou a favor sim, ver uma coisa assim que foi construída há cinquenta anos tá se acabando é um pedaço teu que tá saindo (E4_MO ICOMI). Tudo isso era muito doído na gente que morou lá, que criou seus filhos lá que lembra da vila inteira florida e com grama cortada, meio fio pintado de branco, entendeu? Sem nada, tudo limpo, tudo funcionando isso era realmente muito doloroso (E3_EX ICOMI). Olha, eu fiquei bem triste porque depois a cidade ficou abandonada, sabe! Não deram continuidade (E2_EX ICOMI). Então, eu digo que, que foi um choque pra gente. Tem gente que chora quando vai pra lá, quem morou lá, vivenciou lá tudo aquilo, né! E volta lá e vê como esta (E2_EX ICOMI). Então hoje eu falo que é uma cidade triste, é uma cidade caótica, que o poder público conseguiu destruir (E1_EX ICOMI). Mas Serra do Navio é uma tristeza muito grande de ter chegado no ponto que chegou (E1_EX ICOMI).
	Estabilidade	E eu fui, ficando, os filhos foram crescendo e foram saindo e aí eu vejo, vou pra Santana fazer o que? Começar do zero o que? Aqui já tá. Quando o time tá ganhando ninguém mexe né! (E6_MO ICOMI). Hoje a minha esposa querendo embora, querendo embora! Mas ninguém, como que nós vamos se o que nós temos, nós implantamos aqui tudinho né? (E5_MO ICOMI).
	Nostalgia	E tudo era bom! Tudo era bom e hoje a gente sente falta, mas é assim mesmo né! (E7_MO ICOMI). Ah porque no tempo da ICOMI! aqueles negócio de tempo da ICOMI. Queriam que continuasse como no tempo da ICOMI, quem sustenta? A ICOMI sustentava porque ela ganhava muito dinheiro, vendia os minério (E6_MO ICOMI).(…) as vezes a gente chega na minha idade e fica pensando a noite, não tem sono, a cabeça começa a pensar. Aí eu fico pensando na Serra do Navio, tô te afiançando que seguramente, foram, estavam entre os melhores momentos da minha vida (pequena pausa) (E3_MO ICOMI). Tudo da ICOMI era bom, sabe? (E2_MO ICOMI). E quando a ICOMI foi embora daqui, nós sentimos um impacto muito grande, inclusive principalmente nós que vimos o antes e o agora né! Então nós sentimos, realmente nós sentimos (E10_ADM/VP). Eu sinto mais falta dessa disciplina né! E também dos bailes que tinham, da programação (E7_MO ICOMI). (...) mas o conjunto das pessoas que viviam lá, a forma como a empresa veladamente fazia a gente viver e todo mundo satisfeito. Então a satisfação da gente viver (E3_EX ICOMI). (...) a ICOMI deixa saudade porque hoje já não se tem mais uma empresa assim né! (E2_EX ICOMI). Mas fica muito “Ah porque aqui é que era o melhor hospital, aquilo que era o melhor não sei o quê do estado”. Era! não é mais, é outra relação (E12_TEC). Pois é, era uma alegria! (E6_MO ICOMI).
	Perda MEC	E se tinha uma festa no MEC..., aí o MEC não dá nem pra ver tá todo desmontado já viram? O lugar do MEC? (...) Mas o MEC foi caindo, caindo e depois a prefeitura arranhou não sei mais o que, eu sei que desmontaram o resto (...) (E6_MO ICOMI). Era o encontro dos serranos né! Todo ano tinha mas aí o MEC acabou, não teve mais como fazer (E5_MO ICOMI). E hoje nós não temos mais o Manganês Esporte Clube que era Sede tá aí oh! No chão. As obras é hoje, amanhã, é hoje, amanhã e nunca sai. Prometeram que ia ficar pronto pra inaugura agora em dezembro, que nada! Não tem nem, não sei nem qual é o desenho que vão inaugura né (E5_MO ICOMI). Ali tem a estrutura do MEC que caiu, depois que veio o patrimônio é histórico ficaram de construir mas é uma burocracia sabe? E tá lá, a gente olha assim tá tudo desabando (E4_MO ICOMI). Pra cê tê ideia o clube Manganês Esporte Clube, (...), era o lugar de fazer o

## Continuação da Tabela 03 Anexo D – O Sentido de lugar de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
<b>Apego ao Lugar</b>	Perda MEC	movimento maior, comemoração da festa da mina, era em dezembro. (...). O clube implodiu, o clube caiu sem manutenção e tá lá a um bom tempo falando que vão reconstruir e eu tô indo a ano lá e o clube tá destruído e só a placa e não sai (E1_EX ICOMI).
<b>Identidade de Lugar</b>	Pertencimento	E a gente como é filho de Serra do Navio (...) (E11_ADM/ST)... eu falo assim de família porque eu considero como família nós que somos, a gente veio da era ICOMI. Eu considero tudo como família (E11_ADM/ST). (...) as pessoas acreditam no meu trabalho sabem que eu sou filha de ICOMI (E4_MO ICOMI). Eu me considero um pouco Serrana, porque a minha vida toda foi lá (E2_EX ICOMI). Por exemplo, se for ver hoje os serranos que são serranos mesmo, (...)(E11_ADM/VP). Todo mundo que iniciava um projeto passava aqui na companhia pra olhar as nossas casas, olhar o nosso cinema, olhar o nosso campo de futebol, olhar como era o hospital, olhar como era o nosso desenho e eles aproveitavam sempre muito (E3_EX ICOMI).
	Identificação com a filosofia e memória da ICOMI	(...) na ICOMI eles incentivaram tanto pra grafia, leitura e hoje eu sou professora e me orgulho de ter vindo dessa origem né! (E4_MO ICOMI). Eu sinto falta é o respeito e a disciplina (E7_MO ICOMI)...), mas a gente preserva né essa cultura ainda de tomar o café com leite e o respeito né! Nós tínhamos esse carinho assim de não perder o vínculo (E4_MO ICOMI). (...) na ICOMI eles incentivaram tanto pra grafia, leitura e hoje eu sou professora e me orgulho de ter vindo dessa origem né! (E4_MO ICOMI). Então o meu pai foi uma das pessoas que ajudou a construir Serra do Navio na época, ajudou a construir essas casas no finalzinho quando chegou em Serra (E11_ADM/ST). (...), mas a gente preserva né essa cultura ainda de tomar o café com leite e o respeito né! Nós tínhamos esse carinho assim de não perder o vínculo (E4_MO ICOMI). Ficava difícil de falar sobre a ICOMI aqui né! (...) só que quem gosta da ICOMI é os filhos de funcionário (E7_MO ICOMI). Os funcionários da ICOMI começam a falar, o próprio prefeito agora ele não aceita nada que se fale né! A favor do que era da ICOMI né! (...) o prefeito costuma dizer nas reuniões que acabou a ICOMI, "acabou poh! Não fala mais em ICOMI, agora é o município de Serra do Navio" (E7_MO ICOMI).
	Apropriação	(...) foram distribuídas as chaves para que algumas pessoas entrassem nas casas ou que continuassem nas casas onde elas estavam na época da saída da Icomi (...). Então as pessoas começam a ocupar as casas é..., só que num contexto de muita insegurança né! Então, a qualquer momento essa briga judicial poderia se resolver, elas poderiam ser despejadas. (E13_TEC). Aí no fim me deram essa casa aqui quer dizer, me deram não! me disseram, "olha! Vai morando aí bora ver o que vai dar". Aí graças a Deus, hoje eu posso dizer que eu sou o dono né da casa (E7_MO ICOMI). (...) e o Iphan ainda disse; "você não tem o direito de dizer que é sua" — foi quando eu respondi a primeira entrevista do Iphan aqui em casa — Eu disse, "Olha eu tenho certeza, eu sou consciente de que essa casa não é minha porque eu não construí e nem comprei. Porque de quem eu poderia comprar não dá porque ele já morreu (E6_MO ICOMI). Eu moro a quarenta e dois anos na mesma casa (...). Nem eu posso dizer a casa é minha (E6_MO ICOMI). E aí eles começaram a catalogar essa casas, que essas casas seriam para o estado e aí você tá debaixo da casa há vinte e cinco anos e não tem direito a ficar de baixo da casa? (E4_MO ICOMI). Todo mundo que iniciava um projeto passava aqui na companhia pra olhar as nossas casas, olhar o nosso cinema, olhar o nosso campo de futebol, olhar como era o hospital, olhar como era o nosso desenho e eles aproveitavam sempre muito (E3_EX ICOMI).
Autoestima	É a autoestima das pessoas lá também muito baixa, não sei se você sentiu isso e a construção que a gente tentava fazer era nesse sentido primeiro vamos levantar essa autoestima! (E12_TEC). E depois não foi tendo valor o que ainda é um desafio, será que tem valor mesmo mora aqui? (...) (E6_MO ICOMI). (...) muitos aventureiro vão sair daqui e eu vou ficar,	

## Continuação da Tabela 03 Anexo D – O Sentido de Lugar de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
	Autoestima	<p>porque eu já vi coisa pior do que isso (E6_MO ICOMI). Então hoje eu falo que é uma cidade triste, é uma cidade caótica, que o poder público conseguiu destruir (E1_EX ICOMI). Então aqui é uma cidade de origem de uma empresa boa,(...), mas hoje não tá assim tão bom mais, entendeu? (E4_MO ICOMI). É, é dificuldade, é só pra quem mora que sabe a dificuldade aqui a gente sente (E9_MO POS).</p>
	Sensação de Abandono	<p>Então começou a criar um sentimento de abandono dessas pessoas, muito inseguras com suas casas. Elas não sabiam o que podia mexer, o que não podia (E13_TEC). Porque Serra do Navio foi um município que contribuiu pro Estado, contribuiu pro Brasil né! E hoje praticamente ela é esquecida pelos poderes né! (E10_ADM/VP). Depois que se tornou distrito né, município é aí foi abandonando (E9_MO POS). Na época acho que foi o governo do Jaburu que ele fazia a roçagem daqui pra fora, pra trás era da responsabilidade dos moradores. Depois daí ó, nunca mais! Se quiser a gente tem que fazer, mandar fazer. Então ficou no abandono, a gente diz! (E9_MO POS). Resultado! Passaram ao município, hoje em dia tá aí abandonado bem dizer né. Não tem recurso, não sei se é falta de recurso do governo, é muita coisa né! (E7_MO ICOMI). (...) cada um por si aqui (E6_MO ICOMI). Só que infelizmente as autoridades não se atentaram pra isso, brigaram, brigaram, mais pra poder ver quem ia ser dono e hoje tá tudo abandonado (E1_EX ICOMI).</p>
Identidade de Lugar	Valorização	<p><b>Cidade:</b> A gente vê que a gente tem ainda esses vestígios né, dessa beleza que era Serra do Navio né! Que é a Vila né! (E8_MO POS). SN foi referência pra vários municípios, (...) Monte Dourado, (...) Trombetas também foi espelhada em SN e se não, se não me falha a memória eu acho que Carajás também (...) (E5_MO ICOMI).</p> <p><b>ICOMI:</b> Hoje em dia a gente refletiu a nossa vida pra isso, pra viver não seguindo essa tendência, mas valorizando o que foi bom. Entendeu? Pra nós o que foi bom a gente implanta (E4_MO ICOMI). Porque a ICOMI tem muitas lembranças, (...) sabe é uma coisa incrível! (E7_MO ICOMI).</p> <p><b>Antigos Moradores:</b> O meu pai é o (nome do pai), ele tá vivo. É o cara que conhece as história de Serra do Navio como a palma da mão, sabe por que? Porque ele trabalhou aqui na administração de Vila com o James, o finado Florisberto, Asa aberta, entendeu? (...) (cita várias personalidade que vivem em SN e Santana e que são testemunhas da história), então é isso que nós termos de Serra (E11_ADM). E eu pude assim, contemplar com o meu pai, o seu Farias que morreu aqui com quase cem anos, o seu James. Essas pessoas são as relíquias, essas são os patrimônio históricos verdadeiros e que não são valorizados né (E4_MO ICOMI).</p> <p><b>Potencial Turístico:</b> O turismo de SN lá atrás era bem menorzinho, ele tá dando mil por cento, (...) (E11_ADM). Olha o que tá explorando muito aqui é o turismo. A gente vende aqui o negócio do almoço, sábado e domingo, é refeição (...) (E9_MO POS). SN para a gente é a uma joia, não só na questão do patrimônio, mas nas questões de desenvolvimento regional. (...) turismo, turismo cultural, turismo ecológico enfim, dentre outros pontos que podem ser levantados na serra. O município de SN por exemplo, é a entrada de, da aldeia indígena Wajãpi, que é registrada pela Unesco a pintura Kusiwa. Então a gente tem vários elementos culturais que são ímpares dentro do Município Serra não é só a Vila. (E13_TEC).</p> <p><b>Natureza:</b> A natureza. É a natureza! Porque aqui é isso o que a gente tem de especial aqui mesmo (E8_MO POS). Como é que a gente vai ter uma riqueza dessa natural, porque aqui nós temos lindas cachoeiras. (...) (E4_MO ICOMI). Rica, a cidade é rica de lugares, de belezas naturais, né? (E2_EX ICOMI). Ver todas as, é grandezas que tem em Serra do Navio né! E nas cachoeira e nas lagoa que se formaram depois que parou, igual tem a Lagoa Azul né, que é um ponto turístico (E1_EX ICOMI).</p>

## Continuação da Tabela 03 Anexo D – O Sentido de Lugar de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
Identidade de Lugar	Valorização	<p><b>Clima:</b> A gente sente ainda aquela neblina de manhã e a gente percebe que a gente respira um ar natural. Entendeu? (E8_MO POS). Uma das coisas especiais que tinha era o clima. O clima, era parece, amanhecia todo o dia e aquele “fog” parece na Inglaterra. Aquele fog era uma coisa maravilhosa, quando você ia pro trabalho, se ia da Vila pra, você botava o braço pra fora e ficava tudo molhado da umidade (E3_EX ICOMI). Por que Serra do Navio até hoje, eu voltei pra casa da minha mãe assim, semana retrasada, eu senti aquela coisa da cidade né, do mato né, da energia lá, do clima (E2_EX ICOMI).</p> <p><b>Minério:</b> (...) a gente tem uma esperança no futuro do retorno mineral, porque há muito minério em Serra, há mesmo (E11_ADM). Quase todo mês, bem dizer, quase toda a semana aparece mais turista aqui, pra visitar a F12 (E9_MO POS). É o minério. Porque aqui tem muito minério ainda né! Tem muito minério que pode ser explorado (E5_MO ICOMI).</p> <p><b>Arquitetura e Paisagem:</b> Então assim, as coisas que a gente acha lindo lá. Eu acho a igreja de lá lindíssima! Eles não conseguem mais ver isso, a sua localização né, com aquele cenário ainda de floresta que coisa mais bonita! (E12_TEC).</p>
	Natureza do Entorno e o Clima	É e as pessoas lá fora elas têm uma visão assim de que a gente mora assim no meio nada né! E aí a gente tenta passar isso né, que é um lugar é que, confortável né, confortável entre aspas, mas é bem confortável né! Pra gente viver, a gente sente ainda aquela neblina de manhã e a gente percebe que a gente respira um ar natural (E8_MO POS, 2021).
Qualidade do Lugar	Tranquilidade	E a Serra do Navio sempre foi uma cidade pacata, tranquila, né! Não muito agitada, aqui todo mundo se conhece, por ser pequena (E10_ADM/VP). É um lugar tranquilo, tranquilo de se morar. Poucas, poucas ocorrências de facção, agora é que tá chegando né! (E9_MO POS). Mas assim, é uma cidade pacata (...) (E8_MO POS). Aqui ela diz que não tem perturbação de nada. Aqui é o passarinho que perturba a gente (E7_MO ICOMI). Mas tirando disso, a tranquilidade né! Aqui mesmo com esse pessoalzinho ainda por aí, a gente ainda consegue uma tranquilidade boa aqui (E5_MO ICOMI).
	Sensação de Segurança	O que é que eles falavam né! Que eles tinham que ter segurança né! Que naquela época a empresa que fazia a segurança e tal, e na opinião de alguns a forma de construção das casas ela gerava insegurança e tal. Mas eu até fiz um levantamento dos registros policiais quando ainda havia a delegacia lá, não tinha nenhum registro de roubo né! (E12_TEC). Poucas, poucas ocorrências de facção, agora é que tá chegando né! (...), não é falar mal da nossa polícia, mas regrediu um pouco né! a segurança daqui (E9_MO POS). É uma cidade assim que o índice de violência é mínimo (...). É uma cidade que dá pra gente morar mesmo assim, porque é praticamente não tem violência né! A gente sai a noite, tem essa, essa (...) confiança né! (E8_MO POS). hoje em dia já se vê roubo na Vila. (...) Pararam de dar festa porque não conseguiram mais porque era só briga, briga, é tem tráfico de drogas já no meio (E7_MO ICOMI). A segurança tá horrível! (...) Não tem segurança, não tem nada. Se dão tiro, se furam por aí e você vai ver é só criança praticamente né! (E5_MO ICOMI). (...) lá na praça tá escuro o pessoal usam droga, assim a gente vê que não houve uma conservação do patrimônio (E4_MO ICOMI). Então hoje, Serra do Navio não tem mais segurança, virou uma cidade, eles vivem em uma cidade temerosa, assim. Já tem casa de prostituição, já tem casa de pessoas que fumam e usam drogas, que se vendem até na escola (E2_EX ICOMI).
	Estética (insatisfação)	E tá se acabando aí tudinho né, as ruas tão ficando tudo, asfalto já não existe mais, uma coisa horrível! (E7_MO ICOMI). Depois que se tornou distrito né, município é aí foi abandonando. (...). E depois que passou a ser município foi se acabando, cada dia se acaba mais (E9_MO POS). Na

## Continuação da Tabela 03 Anexo D – O Sentido de Lugar de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
	Estética (insatisfação)	<p>época de noventa e quatro eu acreditava que deveria ser uma cidade bem mais bonita né! (...) E aí a gente percebe que algumas coisas já foram desgastadas também pela, pelo tempo né! Que a ICOMI deixou (E8_MO POS). Sucateado! Por falta de administração pública (E6_MO ICOMI). O município tá acabado (...) (E5_MO ICOMI). Não dá cidade não. Não tem nem como fala né, porque a cidade tá acabada (E5_MO ICOMI). E tá lá, a gente olha assim tá tudo desabando (E4_MO ICOMI). É tá tudo se acabando! (E4_MO ICOMI). E essa, e essa decadência, não sei se a palavra é muito dura, mas essa degradação de Serra do Navio foi muito intensa no início, mas continua sendo (E3_EX ICOMI). Quando virou um município acabou, a era ICOMI foi apagada, foi apagada (E1_EX ICOMI). Mas quando resolveram fazer já tava tudo detonado, já tava tudo casa com puxada pra um lado, puxada pra um outro, fazendo cerca de arame farpado, uma coisa pavorosa, coisa pavorosa; (...) Então ficou sem controle, desordenado (E1_EX ICOMI). Depois que a ICOMI se ausentou esse poder aquisitivo era visual pô! Entendeu? O aspecto das vilas, das ruas, as valas, a limpeza, o corte de grama, o mato (...) (E3_EX ICOMI). E toda essa estrutura da Serra tá essa calamidade (E4_MO ICOMI).</p>
Qualidade do Lugar	Falta de suporte ao desenvolvimento do indivíduo no lugar	<p><b>Ruas e Pavimentação</b> - A pavimentação, precisa muito a pavimentação da cidade né! (E10_ADM, 2021). O município tá aí querendo é, asfaltar a cidade né! E acredito eu que vai dá tudo certo. A gente espera por melhoras né! É isso que a gente, né? (E8_MO POS, 2021). Todos os conterrâneos nossos chegam aqui e querem ir embora. Porque não consegue ver a cidade do jeito que tá né! Sem asfalto, nem nada (E5_MO ICOMI, 2021). O asfalto acabou, o pouco que tinha foi tirado e não asfaltaram (E6_MO ICOMI). O prefeito deveria se voltar mais né pra questão do asfalto ali. Cê viu como tá? (E2_EX ICOMI, 2021).</p> <p><b>Abastecimento de Água e Saneamento básico</b> – A água nós estamos com um problema seríssimo de água no município, (...), essa encanação ela é muito antiga (E10_ADM, 2021). Nós ficamos quatorze dias sem água (...). Há rompimento quase toda a semana da tubulação principal porque é muito antiga essa tubulação (E11_ADM, 2021). Olhe! O saneamento aqui tá precário, tá precário, tanto que o tem de esgoto, água aqui ainda é do tempo da ICOMI (...). Então aí é mais necessário aí pra mim é essa parte do saneamento e a água (E9_MO POS, 2021). A gente já tem problema de fossa, a gente já tem problema de água, água é enferrujada. (...) Olha! Nós tivemos sete dias, sete dias sem água, arrebentou um tubo aí na carga e pra eles emendar esse tubo foi um sacrifício (...) (E7_MO ICOMI, 2021).</p> <p><b>Abastecimento de Energia</b> - A gente não tem uma energia estável aqui entendeu? Nós temos uma dificuldade muito grande com energia aqui, é a gente tem muito, muito prejuízo. Muitos dizem, “olha perdi o freezer” porque a energia faz isso cai, entendeu? (E11_ADM, 2021). A energia nem se fala porque se ela vai embora eu tenho o meu gerador, a gente tem que comprar as coisas pra poder suprir porque eu nem posso ficar sem energia por causa do sorvete, porque se não perde. Já pensou? (E9_MO POS, 2021). (...) a energia que as vezes, uma vez passou acho que mais de duas semanas sem energia. Então, um caos (E2_EX ICOMI, 2021).</p> <p><b>Acesso à cidade</b> - Mas quando você vai a Serra do Navio enfrenta o trecho é complicado, não é fácil! (E13_TEC, 2022). Então a gente tem essa dificuldade com relação a chegar na capital, pra se deslocar até lá. (...), mas quando o inverno aperta mesmo, porque pra cá chove bastante né! (...), a gente chega a passar seis horas de viagem nessa estrada (E8_MO POS, 2021). Pois é a estrada já era pra ser asfaltada (...). Mas quem vem pra cá? Com essa estrada aí sem manutenção né! Agora chove, fica liso, arriscado, tem ladeira. (E4_MO ICOMI, 2021). Eu acho que pra ter o acesso a cidade é essa estrada aí né. A começar pela estrada é isso aí há anos. Muita gente deixa de ir pra Serra por conta da estrada (E2_EX ICOMI, 2021).</p>

Tabela 03 Anexo D – O Sentido de Lugar de VSN

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	CITAÇÕES
<b>Qualidade do Lugar</b>	Falta de suporte ao desenvolvimento do indivíduo no lugar	<p><b>Saúde e alimentação</b> - Tipo assim, tem muitas coisas que se você necessitar não tem aqui disponível né! Tipo se tiver um problema de saúde mais sério, entendeu? Geralmente não é resolvido aqui e a gente tem que se deslocar então, a gente tem essa dificuldade, (...). É a alimentação também, (...) (E8_MO POS, 2021).Pra depender de exame tem que ir pra Macapá fazer, porque aqui não tem (E5_MO ICOMI, 2021).</p> <p><b>Lazer e entretenimento</b> - Aí quando a gente leva o nosso parquinho lá é que dá umas criançazinha lá pra brincar. Você não tem opção aqui, você não tem opção pra lazer (E9_MO POS, 2021). Não se tem tem lazer, não se tem um canto pra ir, nada! (E7_MO ICOMI, 2021).</p>

Fonte: Elaborado pela Autora com base nas entrevistas realizadas em 2021 e 2022.